



# Bíblia

NOVO TESTAMENTO

*Os quatro Evangelhos*

TRADUZIDO DO GREGO POR  
FREDERICO LOURENÇO

---

COMPANHIA DAS LETRAS

# BÍBLIA

## Novo Testamento

### *Os quatro Evangelhos*

*Tradução do grego, apresentação e notas*  
Frederico Lourenço



# Sumário

APRESENTAÇÃO DA BÍBLIA GREGA

INTRODUÇÃO AOS QUATRO EVANGELHOS

O GREGO DOS EVANGELHOS E A PRESENTE TRADUÇÃO

ABREVIATURAS E SINAIS UTILIZADOS

## EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

Nota introdutória ao Evangelho segundo Mateus

- 1 *Genealogia; A gravidez milagrosa de Maria; O nascimento de Jesus em Belém.*
- 2 *Os magos; O massacre dos inocentes; A fuga para o Egito; José, Maria e Jesus estabelecem-se em Nazaré.*
- 3 *O batismo de Jesus.*
- 4 *Jesus tentado no deserto; Início do ministério de Jesus; Chamamento dos primeiros discípulos; Jesus taumaturgo.*
- 5 *O sermão na montanha.*
- 6 *O sermão na montanha (continuação).*
- 7 *O sermão na montanha (conclusão).*
- 8 *Jesus cura vários doentes; O discípulo que quer primeiro sepultar o pai antes de seguir Jesus; Jesus acalma a tempestade; Os possessos e a vara de porcos.*
- 9 *Jesus cura um paralítico; O chamamento de Mateus; Jesus*

*ressuscita uma menina que acabara de morrer; Jesus cura vários doentes; A compaixão de Jesus perante os sofrimentos da multidão.*

**10** *A eleição dos doze; Antevisão das perseguições futuras; Jesus ensina que não se deve temer nada.*

**11** *Jesus elogia João Batista; A falta de fé; A revelação escondida dos sábios e inteligentes.*

**12** *Jesus e o sábado; Jesus e Belzebu; A árvore e os seus frutos; O sinal de Jonas; A mãe e os irmãos de Jesus.*

**13** *As parábolas do semeador; do trigo e do joio; do grão de mostarda; do fermento; do tesouro e da pérola; da rede; Jesus rejeitado em Nazaré.*

**14** *Sobre a morte de João Batista; O milagre da multiplicação dos pães e dos peixes; Jesus caminha sobre as águas; Jesus cura doentes em Genesaré.*

**15** *Jesus e os preceitos da religião; Jesus e a mulher cananeia; Nova multiplicação de pães e peixes.*

**16** *O fermento dos fariseus; Pedro como pedra; Primeiro anúncio da Paixão; “Que se negue a si próprio e levante a sua cruz”.*

**17** *Transfiguração de Jesus; A vinda de Elias; O jovem epilético; A fé que move uma montanha; O segundo anúncio da Paixão; O tributo do templo.*

**18** *Quem é o maior no reino? Escandalizarmos a outrem e a nós mesmos; A ovelha tresmalhada; “Se o teu irmão errar...”; “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome...”; O perdão.*

- 19** *Jesus é interrogado a respeito do divórcio; Os três tipos de eunucos; O jovem rico; O valor de deixar casa e família em nome de Jesus.*
- 20** *Os trabalhadores da vinha; O terceiro anúncio da Paixão; Servir os outros; Os dois cegos de Jericó.*
- 21** *Entrada de Jesus em Jerusalém; Os vendilhões do templo; A figueira estéril; Jesus contestado no templo pelos sumos sacerdotes; O homem que tinha dois filhos; Os vinhateiros assassinos.*
- 22** *“Muitos são chamados; mas poucos, escolhidos”; “Dai a César o que é de César”; A ressurreição dos mortos; O mandamento do amor; Cristo, filho e senhor de Davi.*
- 23** *Jesus condena o farisaísmo; Lamentação de Jesus sobre Jerusalém.*
- 24** *Jesus anuncia a destruição do templo, a perseguição dos discípulos e a destruição de Jerusalém; Os falsos Messias; A vinda do Filho da Humanidade; O sinal da figueira; O escravo fiel.*
- 25** *A parábola das dez virgens; A parábola dos talentos; O juízo final.*
- 26** *A unção de Betânia; Judas vende Jesus por trinta moedas; A Última Ceia; A tristeza de Jesus em Getsêmani; Jesus é preso; Jesus em tribunal; Pedro renega Jesus.*
- 27** *Jesus e Pilatos; Judas enforca-se; Jesus no tribunal romano; O povo escolhe poupar a vida de Barrabás; Jesus coroado de espinhos; Calvário e Crucificação; Morte de Jesus; José de Arimateia; A sepultura de Jesus.*

**28** *O sepulcro vazio; O suborno dos guardas; Aparição de Jesus ressuscitado na Galileia; Jesus promete acompanhar os seus seguidores até o fim dos tempos.*

## EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

### Nota introdutória ao Evangelho segundo Marcos

- 1** *João Batista; O batismo de Jesus; Tentação no deserto; Início do ministério na Galileia; O chamamento dos primeiros discípulos; Cura do possesso em Cafarnaum e outros milagres.*
- 2** *Cura de um paralítico; O chamamento de Levi (Mateus); Sobre o jejum; O vinho novo em odres velhos; “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”.*
- 3** *Jesus cura uma mão deformada; A multidão junto do lago; A escolha dos doze; A preocupação dos familiares de Jesus; Jesus e Belzebu; A mãe e os irmãos de Jesus.*
- 4** *Parábola do semeador; A lâmpada; A medida; O grão que germina secretamente e o grão de mostarda; Jesus acalma a tempestade.*
- 5** *O possesso de Gerasa; Jesus e a filha de Jairo; A mulher que havia doze anos sofria um fluxo de sangue.*
- 6** *Jesus incompreendido em Nazaré; Missão dos doze; Herodes e Jesus; Morte de João Batista; A multiplicação dos pães e dos peixes; Jesus caminha sobre a água.*
- 7** *Jesus e os preceitos da lei judaica; A mulher siro-fenícia;*

*Jesus cura um surdo-mudo.*

**8** *Nova multiplicação de pães e de peixes; O sinal pedido pelos fariseus; Jesus cura o cego de Betsaida; Pedro reconhece Jesus como o Messias; O primeiro anúncio da Paixão; As condições para seguir Jesus.*

**9** *Transfiguração; Jesus cura um jovem epiléptico; O segundo anúncio da Paixão; O maior no reino; Sobre o escândalo.*

**10** *Jesus fala sobre o divórcio; Jesus e as crianças; O homem rico; A dificuldade de os ricos entrarem no reino de Deus; O desprendimento; O terceiro anúncio da Paixão; Jesus cura um cego em Jericó.*

**11** *Entrada de Jesus em Jerusalém; A figueira estéril; Jesus expulsa os vendilhões do templo; A figueira seca e o poder da fé; Jesus e as autoridades judaicas.*

**12** *Parábola dos vinhateiros assassinos; O tributo a César; A ressurreição dos mortos; O mandamento do amor; A oferta da viúva pobre.*

**13** *Jesus antevê a destruição de Jerusalém; Os falsos Messias.*

**14** *Os judeus procuram matar Jesus; A unção de Betânia; A traição de Judas; A preparação da Ceia Pascal; A instituição da Eucaristia; Jesus em Getsêmani; Prisão de Jesus; Jesus perante as autoridades judaicas; As três negações de Pedro.*

**15** *Jesus perante Pilatos; Barrabás; Jesus coroado de espinhos; O caminho do Calvário; A crucificação de Jesus; A morte de Jesus; A sepultura de Jesus.*

**16** *As mulheres vão ao sepulcro e não encontram Jesus.*

## EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

### Nota introdutória ao Evangelho segundo Lucas

- 1** *Dedicatória a Teófilo; Zacarias e Isabel, pais de João Batista; A anunciação feita a Maria; Visita de Maria a Isabel; Cântico de Maria; Nascimento e circuncisão de João Batista; Cântico de Zacarias.*
- 2** *O nascimento de Jesus na manjedoura de Belém; A adoração dos pastores; Circuncisão e apresentação de Jesus no templo; O cântico de Simeão; A reação da profetisa Ana; Jesus espanta os professores no templo.*
- 3** *João Batista; O batismo de Jesus; A genealogia de Jesus.*
- 4** *As tentações no deserto; Início do ministério de Jesus; Jesus em Nazaré e Cafarnaum; Jesus cura a sogra de Pedro.*
- 5** *A pesca milagrosa e o chamamento dos primeiros discípulos; Jesus cura um leproso e um paralítico; O chamamento de Levi; O jejum; O vinho novo em odres velhos.*
- 6** *Jesus e o sábado; Jesus cura o homem com a mão deformada ao sábado; A eleição dos doze; As bem-aventuranças; As imprecações; O amor aos inimigos e a regra de ouro.*
- 7** *Jesus cura o escravo do centurião; A ressurreição do filho de uma viúva; Jesus elogia João Batista; A pecadora arrependida.*
- 8** *Maria Madalena e outras mulheres; A parábola do semeador; A mãe e os irmãos de Jesus; Jesus acalma a tempestade; O possesso de Gerasa; A filha de Jairo e a mulher com fluxo de sangue.*



- 9** *A missão dos doze; Herodes ouve falar de Jesus; A multiplicação dos pães e dos peixes; Pedro reconhece que Jesus é o Messias; O primeiro anúncio da Paixão; As condições para seguir Jesus; A transfiguração; Jesus cura um jovem epiléptico; O segundo anúncio da Paixão; O maior no Reino.*
- 10** *A missão dos setenta discípulos; A lamentação sobre as cidades do lago; O regresso dos discípulos; Jesus sente alegria; O mandamento do amor; O bom samaritano; Marta e Maria.*
- 11** *O Pai-Nosso; Jesus e Belzebu; A verdadeira bem-aventurança; O sinal de Jonas; A luz da fé; Jesus condena os fariseus.*
- 12** *O perigo da ganância; A parábola do rico insensato; O tesouro do céu; A parábola do administrador infiel; Jesus causa de conflitos familiares.*
- 13** *A figueira estéril; Jesus cura uma mulher ao sábado; A parábola do grão de mostarda; A parábola do fermento; A porta estreita; Os fariseus avisam Jesus de que Herodes o quer matar; Lamentação sobre Jerusalém.*
- 14** *Jesus cura um hidrópico ao sábado; A humildade; A parábola do grande banquete; A renúncia.*
- 15** *A ovelha perdida; A dracma perdida; O filho pródigo.*
- 16** *A parábola do administrador desonesto; O dinheiro; A lei antiga e a nova; A parábola do rico e de Lázaro.*
- 17** *O bom servidor; Jesus cura dez leprosos; O dia do Filho da Humanidade.*

- 18** *A parábola do juiz e da viúva; O fariseu e o cobrador de impostos; Jesus e as crianças; O homem rico; O desprendimento; O terceiro anúncio da Paixão; Jesus cura um cego em Jericó.*
- 19** *Zaqueu, cobrador de impostos; A parábola das dez minas; Entrada de Jesus em Jerusalém; Jesus expulsa os vendilhões do templo.*
- 20** *A autoridade de Jesus; A parábola dos vinhateiros assassinos; O tributo a César; A ressurreição dos mortos.*
- 21** *A oferta da viúva pobre; O anúncio da destruição do templo; A destruição de Jerusalém; A vinda do Filho da Humanidade; O sinal da figueira.*
- 22** *Os judeus procuram matar Jesus: A traição de Judas; A preparação da Ceia Pascal; A instituição da Eucaristia; Jesus no Monte das Oliveiras; A prisão de Jesus; As três negações de Pedro; Jesus perante as autoridades judaicas.*
- 23** *Jesus perante Pilatos; Jesus perante Herodes; Barrabás; A caminho do Calvário; A crucificação de Jesus; A morte de Jesus; A sepultura de Jesus.*
- 24** *As mulheres vão ao sepulcro; No caminho de Emaús; Aparição e ascensão de Jesus ressuscitado.*

## EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

### Nota introdutória ao Evangelho segundo João

- 1** *Prólogo; O testemunho de João Batista; Os primeiros*

*discípulos.*

**2** *As bodas de Caná; Jesus expulsa os vendilhões do templo.*

**3** *Jesus e Nicodemos; João Batista e a voz do noivo.*

**4** *Jesus e a Samaritana; Jesus cura o filho do funcionário real.*

**5** *Jesus cura o paralítico da piscina de Betesda; Discurso de Jesus: “Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou”; “Se crêsseis em Moisés, talvez crerieis em mim, porque ele escreveu sobre mim”.*

**6** *A multiplicação dos pães e dos peixes; Jesus caminha sobre as águas; O discurso do Pão do Céu.*

**7** *A falta de fé dos irmãos de Jesus; Jesus ensina no templo; Discussões acerca de Jesus.*

**8** *Jesus e a mulher adúltera; Jesus, a luz do mundo; Tensões entre Jesus e os judeus.*

**9** *Jesus cura um cego de nascença.*

**10** *A porta e o pastor; Mais controvérsias em torno de Jesus; “Eu e o Pai somos um”.*

**11** *Jesus ressuscita Lázaro; O conselho dos judeus decide matar Jesus.*

**12** *Maria de Betânia unge Jesus; Entrada de Jesus em Jerusalém; Jesus anuncia a glória da cruz.*

**13** *Jesus lava os pés dos discípulos; Anúncio da traição de Judas; O mandamento novo: o amor.*

**14** *Jesus como caminho para o Pai; Jesus promete o envio do auxiliador (paracleto); Jesus deixa e dá a sua paz.*

**15** *Jesus como vinha verdadeira; O mandamento do amor; O ódio do mundo: O auxiliador(paracleto), novamente.*

- 16** *Jesus anuncia perseguições; O auxiliador (paracleto), mais uma vez.*
- 17** *A grande oração de Jesus.*
- 18** *A prisão de Jesus; Jesus levado a Anás; As negações de Pedro; Jesus perante Pilatos.*
- 19** *Jesus é flagelado e coroado de espinhos; A crucificação de Jesus; A morte de Jesus; O flanco aberto pela lança; A sepultura de Jesus.*
- 20** *O túmulo vazio; Aparição a Maria Madalena; Aparição aos discípulos; Conclusão do Evangelho.*
- 21** *Epílogo; Jesus pergunta a Pedro se o ama e dá-lhe as suas ovelhas para apascentar; O discípulo amado como autor do Evangelho.*

## QUADRO ALFABÉTICO-TEMÁTICO DOS QUATRO EVANGELHOS

### BIBLIOGRAFIA



## Apresentação da Bíblia grega

1. Com a publicação do presente livro — contendo os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João — dá-se início a uma coleção em seis volumes que disponibilizará, pela primeira vez em língua portuguesa, a tradução integral da Bíblia grega (Antigo e Novo Testamentos). Antes de descrever sinteticamente no que consiste a Bíblia grega e quais são as diferenças que, no Antigo Testamento, ela apresenta relativamente à Bíblia hebraica, convém desde já esclarecer de forma muito clara as línguas em que os livros da Bíblia foram originalmente escritos.

Em **grego** foram originalmente escritos todos os 27 livros que integram o Novo Testamento, assim como sete livros do Antigo Testamento que encontramos nas Bíblias organizadas segundo o cânone católico: Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico (Ben Sira), Baruc, 1º Livro dos Macabeus, 2º Livro dos Macabeus. Os restantes 39 livros do Antigo Testamento do cânone católico foram originalmente escritos em **hebraico** (com algumas frases desgarradas em **aramaico** nos livros do Gênesis, de Jeremias e de Esdras, assim como uma seção mais relevante nesta língua no livro de Daniel).

O aspecto em que as diferentes versões da Bíblia mais divergem é no número de livros que compõem o Antigo Testamento. A Bíblia hebraica propriamente dita (que, por razões óbvias, não tem Novo Testamento) contém 24 livros. Divididos e subdivididos de outra maneira, esses mesmos 24 livros em hebraico constituem os 39 livros do Antigo Testamento segundo o cânone protestante. Por outro lado, o Antigo Testamento segundo o cânone católico conta 46 livros (juntando aos 39, originalmente escritos em hebraico, sete livros escritos em grego). No entanto, o Antigo Testamento grego é ainda mais extenso do que o católico, uma vez que conta, no total, 53 livros: aos 46 livros do cânone católico juntam-se mais sete livros.

Em suma: a presente tradução dará a ler os 27 livros do Novo Testamento e os

53 livros do Antigo Testamento grego. Será, assim, a Bíblia mais completa que existe em português.

2. A Bíblia grega terá nascido em Alexandria (Egito), no século III a.C., com a adaptação para grego do Pentateuco (Torá). Segundo uma epístola helenística, preservada em vários manuscritos e alegadamente escrita por um tal Arístéas a seu irmão, Filócrates (carta depois citada por Fílon de Alexandria, Flávio Josefo, Santo Agostinho, entre outros), a autoria da primeira redação grega do Pentateuco deve ser atribuída a 72 estudiosos judeus (daí a tradicional denominação *Septuaginta* ou “Bíblia dos Setenta”), reunidos no Egito para esse fim pelo rei Ptolomeu Filadelfo. Na verdade, esse primeiro passo na constituição da Bíblia grega reflete sobretudo a crescente helenização da cultura judaica da Diáspora no período helenístico (quando um número cada vez maior de judeus helenizados precisou ler as suas Escrituras naquela que era, para todos os efeitos, a sua língua — o grego).

Durante os séculos seguintes, a Escritura judaica em versão helênica foi crescendo: aos Livros da Lei (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio) juntaram-se os restantes 34 livros que são comuns à Bíblia hebraica (onde esses livros se encontram organizados de outra maneira, como já referimos, já que a Bíblia hebraica tem só 24 livros), complementados, em fase posterior, por livros que nos chegaram em língua grega por uma de duas razões: ou porque nela foram originalmente redigidos; ou porque desses escritos se perderam as versões hebraicas, pelo que, hoje, só os podemos conhecer em grego. Note-se, ainda, que livros que fazem parte da Bíblia hebraica — como Ester e Daniel — existem na Bíblia grega em versões bem mais completas, com material suplementar de que não conhecemos nenhuma versão em hebraico.

Pelo acima exposto — e não esquecendo a sua belíssima urdidura poético-literária —, a Bíblia grega é de inestimável importância para o estudo histórico tanto do judaísmo como do cristianismo. Note-se que é a partir da versão grega do Antigo Testamento que o judeu Jesus Cristo, pela mão dos evangelistas, cita a Escritura judaica. Outro judeu, Saulo/ Paulo, cujos escritos gregos podemos ler no Novo Testamento, é um profundo conhecedor da Bíblia grega, e é com base nela que está construída a sua teologia. Na verdade, a primeira Bíblia das

primitivas comunidades cristãs foi justamente a versão grega (recorde-se que o latim só passou a ser a língua da Igreja romana a partir do final do século II, quando pela primeira vez houve um bispo de Roma falante de latim: o papa São Vítor, que morreu em 199). Para todos os padres da Igreja que escreveram em grego até o fim da Idade Média, a Bíblia dos Setenta era, simplesmente, a Bíblia.

Mas há outro aspecto enriquecedor que faz da Bíblia grega um livro que é fascinante conhecer: além de conter catorze livros a mais do que a Bíblia hebraica, o texto da Bíblia grega traz-nos sutis diferenças relativamente ao texto semítico. Há várias passagens em que o texto hebraico pressuposto na versão grega não é o texto hebraico que hoje conhecemos. O texto massorético, que constitui há mil anos a nossa Bíblia hebraica, foi estabelecido entre os séculos VII e X da era cristã. O Antigo Testamento grego reflete, por conseguinte, um texto hebraico mais antigo. Assim, ler o livro do Gênesis ou o Cântico dos Cânticos na versão da Bíblia grega é ler um texto que nos revela novas iluminações. Não é de estranhar, por isso, que, mesmo em meios da Diáspora judaica no século I da nossa era (e para intelectuais judeus de comprovado discernimento como Fílon de Alexandria), “a versão grega da Escritura judaica era tida como inspirada e correta em todos os aspectos e o texto dos *Septuaginta* era frequentemente considerado melhor do que o original hebraico”.<sup>1</sup>

A adoção pelos cristãos da Escritura judaica na versão grega levou os judeus a dar primazia, a partir do século II d.C., à sua Bíblia hebraica (mais tarde conhecida como *Miqra* ou *Tanakh*), felizmente fomentando e renovando, por esse motivo, o estudo de uma língua que tinha deixado de ser falada por muitas populações judaicas. Mas justamente porque é à cultura judaica que devemos a redação em grego da Escritura, a Bíblia grega é um elemento fundamental para o estudo da história tanto do judaísmo como do cristianismo. Trata-se, simplesmente, de um marco da cultura universal que — pelo seu valor religioso, estético e histórico — urge conhecer.

**3.** Empreender uma nova tradução do Antigo e do Novo Testamentos é uma tarefa de enorme responsabilidade, e, por isso, é fundamental esclarecer os critérios em que este trabalho assenta. Mais à frente darei conta de alguns aspectos atinentes a opções concretas que marcam a especificidade da tradução



dos Evangelhos. Para já, gostaria de explicitar o principal objetivo deste projeto.

Acima de tudo, trata-se de dar a conhecer o texto bíblico num formato que, tanto no que toca à tradução como aos comentários, privilegia de forma não doutrinária, não confessional e não apologética a compreensão do texto grego. É uma tradução que pretende ajudar as leitoras e os leitores a descobrirem a extraordinária riqueza das próprias palavras que constituem o texto bíblico, palavras essas que — sobretudo no caso do Novo Testamento — têm por vezes sentidos bem diferentes daqueles que se convencionou considerar obrigatórios nas traduções pensadas para serem lidas em contexto eclesial cristão.

Com todo o respeito pelo lugar próprio da leitura teológica da Bíblia no seio das várias comunidades cristãs por esse mundo lusófono fora (comunidades católicas, protestantes, evangélicas etc.), penso que há também grande vantagem em ler a Bíblia sob um prisma que privilegia, sem a interferência de pressupostos religiosos, a materialidade histórico-linguística do texto.

Trata-se de uma tendência crescente em nível internacional: nas grandes universidades do mundo (Harvard, Yale, Princeton, Oxford, Cambridge etc.), a Bíblia está cada vez mais presente, nos cursos de graduação e pós-graduação em humanidades, como matéria de estudo universitário entendido sob uma forma não religiosa. O ensino assenta numa base crítico-histórica que, por um lado, dá aos estudantes a medida do enorme interesse cultural da Bíblia enquanto texto mais marcante da tradição ocidental (e não só), mas esse ensino, por outro lado, não silencia os problemas, por vezes insolúveis, que a materialidade linguística do texto bíblico levanta.

É essa a minha perspectiva nas notas que aponho à presente tradução. As notas não pretendem interpretar o texto na sua extraordinária riqueza teológica (nem eu teria competência para tal); almejam, sim, explicar de forma clara e não tendenciosa as dificuldades linguísticas que o texto grego oferece em tantos momentos. No caso dos volumes referentes ao Antigo Testamento, será também minha preocupação comentar comparativamente as versões grega e hebraica, de modo a fazer ressaltar diferenças e complementaridades. Comum, todavia, ao Antigo e ao Novo Testamentos é a seguinte circunstância: existem muitas passagens em que temos de reconhecer que, simplesmente, não é possível saber ao certo o que o texto significa. Identificar as dificuldades e dá-las a conhecer de

uma forma acessível a um leque abrangente de pessoas interessadas (daí a transliteração e tradução de todas as palavras gregas e hebraicas) é, pois, a principal finalidade das notas que acompanham a tradução.

4. Ao apresentar aqui esta nova tradução em língua portuguesa da Bíblia, impossível seria não recordar como a tradução da Bíblia teve, em Portugal, uma história muito própria, fruto de condicionantes de variada ordem.

Enquanto país com uma ligação profunda à Igreja católica, é natural que tivesse sido Roma a determinar os moldes em que a Bíblia podia ser lida no nosso país. Assim, até o final do século XVIII, era proibido (e, a partir de 1537, punível em sede de Santo Ofício) ler a Bíblia em qualquer língua que não fosse o latim da Vulgata (a tradução latina das Escrituras hebraica e grega feita em final do século IV por São Jerônimo). Se João Ferreira de Almeida (o mangualdense que, no século XVII, foi o pioneiro na tradução da Bíblia para português) pôde dedicar-se à sua meritória atividade, foi porque fugiu de Portugal e abjurou o catolicismo. Tendo falecido em 1691, no Extremo Oriente, Ferreira de Almeida nunca chegou a ver publicada a sua tradução da Bíblia (de resto deixada incompleta à data da sua morte); tal publicação só ocorreria em terra estrangeira, em meados do século XVIII, nos primeiros anos do reinado de d. José. Não deixa de ser irônico que, em pleno Iluminismo, no chamado Século das Luzes, a primeira Bíblia em língua portuguesa estava proibida de circular em Portugal. De qualquer forma, o século XVIII não correspondeu a um período muito propício para a leitura individual da Bíblia em países católicos, já que, logo no seu início (em 1713), o papa Clemente XI, na bula *Unigenitus* (§§ 79-80), estabeleceu como falsa a ideia de que todos os cristãos têm vantagem em ler a Bíblia e explicitou, ainda, que o acesso à leitura da Bíblia não deve ser outorgado a toda e qualquer pessoa.

A partir do final do século XVIII, as atitudes evoluíram dentro da própria Igreja católica e começaram a ser admitidas traduções para língua vernácula, mas apenas na condição de se basearem na versão latina de São Jerônimo (é o caso da tradução portuguesa da Bíblia feita pelo padre oratoriano António Pereira de Figueiredo, publicada em vários volumes entre 1778 e 1790, saindo depois a tradução completa num volume em 1821). Mas foi só em 1943, com a encíclica

*Divino afflante Spiritu* do papa Pio XII, que a Igreja romana começou a incentivar abertamente que se traduzisse a Bíblia, para uso dos católicos, a partir das línguas originais. Assim, na segunda metade do século XX, o Novo Testamento foi aparecendo em Portugal em traduções feitas a partir do original grego e, no caso do Antigo Testamento, afigurou-se legitimamente prioritário traduzir a versão hebraica. O texto integral da Bíblia grega ficou para trás. Espero, assim, que o presente projeto venha colmatar essa lacuna.

5. Finalmente, gostaria de dizer que é de forma muito reconhecida que agradeço o apoio fundamental dado a este projeto por André Nassife, Francisco José Viegas e Paulo Ferreira.

FREDERICO LOURENÇO  
Coimbra, 2016

---

1 E. P. Sanders, *Paul: The Apostle's Life, Letters and Thought*. Minneapolis: Fortress Press, 2015, p. 27.

## Introdução aos quatro Evangelhos

Na segunda metade do século I da era cristã, o manancial (já de si tão rico) de textos em língua grega veio a enriquecer-se ainda mais com o aparecimento de quatro textos que mudaram para sempre a história da humanidade.

Nesses textos, o leitor escolarizado da época ter-se-ia confrontado com uma temática muito diferente da que conhecia de Homero, Sófocles ou Platão. Pois nesses quatro textos não se falava das façanhas heroicas de reis e de guerreiros, nem se reportavam as conversas de aristocratas atenienses com o lazer e o dinheiro para se dedicarem à filosofia. Aqui falava-se de pescadores e de leprosos; falava-se de pessoas desprezadas pela sua baixa condição na sociedade, pelas suas deficiências físicas, pelos seus problemas de saúde mental; falava-se de figuras femininas que não eram as rainhas e princesas da epopeia e da tragédia gregas, mas sim mulheres normais da vida real (a se queixarem da lida da casa<sup>1</sup> ou a exercerem, talvez, a mais antiga profissão do mundo). Acima de tudo, nesses quatro textos falava-se de certo homem, filho de um carpinteiro nazareno: um homem carismático, cheio de compreensão por todo tipo de sofrimento humano; um homem que, apesar de não ter praticado crime algum, acabou por morrer crucificado como se fosse um criminoso, no meio de dois ladrões. Esse homem — que muitos foram reconhecendo como “Ungido” (*Khristós*: Cristo) de Deus e até como *Filho* de Deus — era portador da mais extraordinária das mensagens, transmitida com palavras simples, por vezes sob a forma de pequenas histórias singelas, compreensíveis em qualquer aldeia (e, por isso, muitos termos por ele utilizados eram palavras da aldeia — como “estrume”).<sup>2</sup>

Por terem sido escritos num grego despretensioso, sem vestígio da suntuosidade verbal dos grandes autores helênicos, é provável que esses quatro textos nem merecessem do leitor culto da época o alto estatuto de literatura. No entanto, esses textos conquistaram o mundo antigo, tanto o grego como o romano. Lendo-os 2 mil anos depois, não é difícil perceber por quê. Sobre um

desses textos já se escreveu que se trata do “mais divino de todos os livros divinos”:<sup>3</sup> na verdade, essa descrição assenta a qualquer um deles. São textos que — com a sua mensagem sublime veiculada por palavras cuja beleza desarmante ainda deixa arrepiado quem os leu e releu ao longo de uma vida inteira — estão simplesmente numa categoria à parte.

Apesar de terem sido lidos, copiados à mão durante séculos e depois impressos milhões de vezes; apesar de, ao longo de dois milênios, esses textos terem mudado a vida de um número incontável de pessoas, sobre esses quatro textos falta-nos saber, ainda hoje, quase tudo. Falta-nos saber quem os escreveu. Falta-nos saber quando e onde foram escritos. Também não sabemos até que ponto cada evangelista conhecia o trabalho dos seus colegas. Habitualmente referimo-nos aos quatro autores pela sequência “Mateus, Marcos, Lucas e João” e é assim que os seus textos estão dispostos em todas as Bíblias em todas as casas e igrejas do mundo. Raros, porém, serão hoje os estudiosos do Novo Testamento que admitem como possível que os Evangelhos possam ter sido escritos nessa ordem.

A quem acabou de ler os quatro Evangelhos imediatamente, três coisas saltam logo à vista:

1) Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas (os chamados Evangelhos sinópticos) são extraordinariamente semelhantes — tanto na literalidade das palavras usadas (há muitas coincidências verbais) como sobretudo na sua estrutura e ordenação. Por outro lado, o Evangelho de João é extraordinariamente diferente (e em todos os níveis) de qualquer um dos outros.

2) Nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, Jesus nos é apresentado sobretudo como um profeta apocalíptico que mostra um pudor assinalável em ser apontado como Filho de Deus ou como Ungido (Cristo): pede explicitamente àqueles que com ele contatam que não divulguem quem ele é. Pelo contrário, o Jesus do Evangelho de João assume publicamente a natureza divina: “Eu e o Pai somos um” (João 10,30).

3) Nenhum dos quatro textos está assinado, no sentido em que nenhum dos quatro autores nomeia o seu nome no interior do seu texto. Em apenas um deles é que o evangelista é personagem da história narrada: no capítulo 21 do Evangelho de João, é explicitamente dito que o “discípulo que Jesus amou” (João 21,20) — personagem aliás desconhecida de Mateus, Marcos e Lucas — não só

testemunhou pessoalmente aquilo que no texto está escrito como é o próprio autor do texto (21,24 *ho grápsas taûta*). No entanto, nunca se diz que esse discípulo amado por Jesus se chamava João: essa é apenas a ilação lógica que se extrai do fato de esse Evangelho ter sido transmitido e copiado ao longo dos séculos com o título “segundo João”. Do mesmo modo, os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas têm essa autoria porque, inicialmente, ela lhes foi atribuída na tradição manuscrita que nos preservou os seus textos.

O discípulo amado de Jesus (o tal que, a nos fiarmos no título apostolado ao seu Evangelho, ao que indica se chamava João) será o mesmo João referido como um dos doze apóstolos? Isso não é inteiramente claro. Menos claro ainda é se o evangelista Mateus pode ser identificado como o apóstolo homônimo (o tal que, até conhecer Jesus, exercera a profissão de cobrador de impostos). Não é impossível que, segundo reza a tradição, Marcos tenha sido discípulo de Pedro; e até aceitaríamos de bom grado a tradição de que Lucas (também autor dos Atos dos Apóstolos) foi companheiro de viagem de Paulo, se não se desse o caso de as informações sobre a biografia de Paulo em Atos contradizerem os dados biográficos que Paulo apresenta sobre si próprio na Carta aos Gálatas e noutras das suas epístolas.

Por outro lado, correntes têm havido no estudo dos Evangelhos nos séculos XX e XXI que apontam no sentido de se desfazer a ideia de “autoria” convencionalmente entendida. Será possível aceitar que nenhum dos Evangelhos é obra de um só autor? Serão textos de autoria coletiva, oriundos de primitivas comunidades cristãs em Éfeso, Antioquia, Alexandria, Roma etc.? Serão uma manta de retalhos elaborada por vários redatores que alteraram e acrescentaram textos anteriores, que depressa se perderam e, por isso, nós não podemos saber ao certo em que fontes esses redatores se basearam? Apesar de a textura dos três Evangelhos sinóticos parecer muitas vezes um emaranhado de plágios, em que Mateus e Lucas parecem copiar Marcos (ou a fonte de Marcos) e parecem também copiar-se entre si (ou outras fontes em que ambos se basearam), segundo um processo tão inexplicável que nunca ninguém conseguiu, até hoje, resolver o chamado “problema sinótico”, mesmo assim a imagem da manta de retalhos não condiz, em rigor, com a realidade dos textos. Quanto ao Evangelho de João, o seu estilo coeso evoca a imagem contrária à manta de retalhos (daí que

se tenha querido assemelhá-lo à própria túnica de Cristo, una e isenta de costuras). Claro que, na avaliação de elementos linguístico-literários propiciadores de unidade estilística, pesa sempre uma dose de subjetivismo e, assim, diferentes estudiosos verão de forma diferente a questão da originalidade literária de cada um dos Evangelhos. No que toca, porém, à questão da autoria dos Evangelhos, há hoje um largo consenso no que se refere à impossibilidade de sabermos por quem foram escritos. São textos anônimos. Quando terão sido escritos? Nas notas introdutórias a cada Evangelho, abordaremos de novo essas questões, mas podemos aceitar por ora como verossímil a suposição de que, na altura em que começou o reinado do imperador Trajano (98 d.C.), já estavam escritos os quatro Evangelhos.

Não obstante as semelhanças óbvias entre os três sinópticos, os quatro Evangelhos apresentam irreconciliáveis diferenças entre si. Há, porém, um denominador comum entre os quatro textos: o objetivo de narrar as mais importantes ocorrências (e transmitir as mais relevantes palavras) da vida de um homem que foi crucificado, em Jerusalém, na fase final do reinado do imperador romano Tibério (que morreu no ano 37). Esse homem, Jesus de Nazaré, é, pois, o tema dos quatro Evangelhos: a cada um deles se ajustaria o título “Vida e Dizeres de Jesus Cristo”. Todos reportam palavras que Jesus terá proferido; dois deles narram (cada um à sua maneira) o nascimento de Jesus; todos eles registram o seu encontro fulcral com João Batista (e o Evangelho de João dá o ministério de Jesus como acontecendo em concomitância com o do Batista, embora os Evangelhos sinópticos não sobreponham os dois ministérios); todos eles narram milagres que Jesus operou (no Evangelho de João, contudo, Jesus nunca pratica exorcismos);<sup>4</sup> e todos eles contam as circunstâncias da sua morte na cruz e do julgamento sumário que a antecedeu. Mais importante ainda para o estabelecimento do cristianismo enquanto religião que veio prometer aos seus fiéis uma nova vida depois da morte: todos eles afirmam que, após ter sido crucificado e enterrado, Jesus ressuscitou fisicamente; e três deles (Mateus, Lucas e João) oferecem relatos de como a sua ressurreição foi confirmada por testemunhas que presenciaram aparições de Jesus ressuscitado.<sup>5</sup>

Um segundo denominador comum dos quatro Evangelhos é que nenhum dos seus autores nos diz precisamente a data em que Jesus nasceu. Mais estranho

ainda é o fato de nenhum deles dizer ao certo a data em que Jesus morreu.

Em que ano ocorreu a crucificação de Jesus? Que idade tinha ele quando morreu? Segundo Lucas (3,23), Jesus tinha aproximadamente trinta anos quando começou o seu ministério; o mesmo Lucas (3,1) diz-nos que isso aconteceu no 15º ano do reinado de Tibério (portanto, no ano 29 da nossa era). Essa data, aparentemente tão precisa, não está isenta de problemas de plausibilidade histórica: segundo os Evangelhos sinópticos, o ministério de Jesus começou no ano em que João Batista foi preso (veja-se desde logo o capítulo 4 de Mateus). Mas os dados históricos exteriores ao Novo Testamento (pois João Batista foi, sem dúvida, uma figura real, mencionada pelo historiógrafo Flávio Josefo, no Livro XVIII das suas *Antiguidades judaicas*) obrigam-nos a apontar como data provável para o aprisionamento do Batista o ano de 34.<sup>6</sup> Isso significa que compatibilizar a vida do Jesus real com dados históricos reais implica aceitarmos que o ministério de Jesus começou em 34 (e não em 29; Lucas, de qualquer forma, não é fiável nesse tipo de assunto, uma vez que no capítulo 1 do seu Evangelho coloca a gravidez de Maria no reinado de Herodes, o Grande, monarca que morreu em 4 a.C., e no capítulo 2 nos mostra Jesus a nascer durante o governo do romano Quirino, a qual começou dez anos após a morte de Herodes: o caráter milagroso da gravidez de Maria não justificaria, decerto, que durasse dez anos em vez de nove meses).

O Evangelho de João informa-nos que se celebraram três Páscoas judaicas durante o período de tempo em que o ministério de Jesus durou (cf. João 2,13; 6,4; 13,1): a terceira Páscoa celebrada foi a última da vida de Jesus. Que idade tinha, então, Jesus quando morreu? Uma passagem do Evangelho de João (8,57), já no século II, levou leitores cristãos a pensarem que Jesus teria mais de quarenta anos quando foi crucificado, suposição partilhada atualmente por alguns historiadores, que (já agora) apontam como verossímil a data de sexta-feira, dia 30 de março do ano 36, para a crucificação de Jesus. Se, nesse ano, Jesus já contava mais de quarenta anos, ele teria de ter nascido numa data “antes de Cristo” (o ano 12 a.C. — em que, por sinal, apareceu o cometa Halley — é por vezes apontado como plausível).<sup>7</sup> No Evangelho de João (2,19-21), Jesus afirma que seria capaz de reerguer em três dias o templo que levava 46 anos para construir: quando o próprio Evangelista comenta (2,21) que Jesus, ao referir-se



ao templo, estava na verdade se referindo ao próprio corpo (*sôma*), terá sido sua intenção informar-nos indiretamente que, no momento em que proferiu tais palavras (no ano 34?), Jesus já tinha 46 anos? O homem que morreu na cruz em março de 36 tinha, então, 48 anos, tendo nascido por volta de 10-12 de outubro de 12 a.C. (quando foi visível o cometa Halley)?

São perguntas que têm de ficar sem resposta. A verdade é esta: de nenhum dado irrefutável dispomos para podermos apontar quer o ano em que Jesus nasceu, quer o ano em que morreu. Há talvez só um acontecimento da vida de Jesus para o qual poderíamos definir uma data precisa: o regresso da Sagrada Família, após a permanência no Egito. Só Mateus nos fala desse episódio da vida de Jesus, que (a ser verídico) ocorreu no ano da morte de Herodes, o Grande. Sobre esse ano não há dúvida: é 4 a.C.

No entanto, as dúvidas sobre as circunstâncias em que ocorreu o nascimento de Jesus são mais do que muitas. Mateus e Lucas são os dois evangelistas que oferecem um relato sobre como aconteceu a gravidez de Maria e o subsequente nascimento de seu filho, Jesus (Marcos e João omitem quaisquer informações sobre esse tema). Contudo, a Natividade narrada por Mateus suscita o problema de ser incompatível com a narrada por Lucas. A história, tal como é contada por Mateus, tem características que não aparecem em Lucas: só em Mateus é que encontramos os magos, a “estrela de Belém”, o Massacre dos Inocentes e a Fuga para o Egito. Em Mateus, fica subentendido que José e Maria são naturais de Belém; só depois do regresso do Egito é que se mudam para Nazaré. Lucas vê a situação ao contrário: José e Maria são naturais de Nazaré, mas têm de se deslocar a Belém para a formalidade de um recenseamento romano (cujos contornos, tais como são narrados por Lucas, colidem consabidamente com a realidade histórica). Dado que, em Mateus, tudo leva a crer que Jesus nasceu, sem maiores percalços, na morada belenense de Maria e de José, nesse Evangelho não há manjedoura nem adoração dos pastores. O evangelista do Presépio é Lucas.

A razão pela qual Lucas se vê na obrigação de levar os nazarenos José e Maria até Belém, para que lá nasça o Menino Jesus, é facilmente resumível por meio de uma frase de grande alcance significativo do capítulo 1 de Mateus (1,22): “Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora afirmado pelo Senhor através do

profeta”. Essa frase de Mateus toca num ponto absolutamente essencial para a compreensão do texto dos Evangelhos. Isso porque apresentar a vida de Jesus como cumprindo a cada passo profecias que ocorrem na Escritura judaica é a mais assumida opção não só diegética como autoexegética dos quatro autores; opção essa que condiciona fortemente o ponto de vista a partir do qual os quatro Evangelhos são narrados. Os acontecimentos da vida de Jesus são vistos pelos quatro evangelistas através dessa lente que podemos considerar transfiguradora, mas também deturpadora.<sup>8</sup> Até porque há casos em que se aduz, como razão para determinado acontecimento, algo que “está escrito” (porque quanto maior a consentaneidade da vida de Jesus com frases encontradas na Escritura judaica maior é, na visão dos evangelistas, a comprovação do seu estatuto como Messias), quando esse algo efetivamente não se encontra na Escritura. Basta dar dois exemplos: no final do capítulo 2 do Evangelho de Mateus, afirma-se que José, Maria e Jesus foram viver em Nazaré após a vinda do Egito para cumprir a profecia de que ele (o Menino nascido em Belém) seria chamado de Nazareno; no entanto, em nenhuma passagem da Escritura hebraica se encontra tal profecia (a bem dizer, a cidade de Nazaré nunca é mencionada no Antigo Testamento). De igual modo, no capítulo 24 do Evangelho de Lucas, atribui-se a Jesus ressuscitado a afirmação de que a sua morte e ressurreição ao terceiro dia cumpriam algo que “estava escrito”; só que também essa profecia está ausente do Antigo Testamento.

Voltando ao início do Evangelho de Mateus: era em Belém que, segundo a profecia de Miqueias (5,1), tinha de nascer aquele que “apascentaria” o povo de Israel (Mateus 2,6; Lucas não cita essa profecia, mas ajusta a sua narrativa de modo a corresponder-lhe). Outra profecia determinante (de novo tacitamente aceita por Lucas) é aquela segundo a qual “a virgem terá no ventre um filho e o parturirá” (Isaías 7,14). Ora, essa é, de todas as profecias citadas nos Evangelhos, aquela que porventura terá feito correr mais tinta, pois é nela que assenta a crença cristã na virgindade de Maria.

Basear-se-á essa crença, como pensam alguns leitores mais cétricos, num mal-entendido linguístico? Todos os comentadores modernos concordam que a palavra hebraica *almá* (utilizada no texto original de Isaías) não significa “virgem”. Traduzida, porém, na versão grega dos Setenta por *parthénos*, que

designa uma jovem solteira que pode ser (ou não) virgem, contribuiu para consolidar a crença de que a mais famosa parturiente da cidade de Belém pôde engravidar sem que para isso tivesse de perder a virgindade. Tal situação, porém, não estava “profetizada” nas palavras que Isaías escreveu oitocentos anos antes da gravidez de Maria: não só porque ele não se referiu a uma virgem, como também porque as palavras hebraicas de Isaías aludem simplesmente ao filho nascituro do rei Acaz (que veio a chamar-se Ezequias).<sup>9</sup>

O capítulo 1 de Mateus, tão desafiante no que toca ao salto de fé exigido a quem lê, termina com uma frase que é habitualmente distorcida em muitas traduções do Evangelho de Mateus, de modo a diluir a ideia por ela suscitada de que, após o nascimento de Jesus, José e Maria poderão ter consumado o seu casamento (e daí a origem, pelo menos hipotética, dos irmãos de Jesus, que Mateus referirá mais tarde — pela primeira vez em 12,46). Com efeito, o v. 25 não significa “e, sem que antes a tivesse conhecido, ela deu à luz um filho, no qual ele pôs o nome de Jesus” (como se lê, por exemplo, na Bíblia dos Capuchinhos), mas sim “e ele [José] não a conheceu até que ela tivesse dado à luz o filho, a quem chamaram Jesus”. Ou seja, a ênfase de significado resultante das palavras gregas está primacialmente na ideia de que José se absteve de consumir o casamento com Maria até o nascimento de Jesus.

Isso levanta algumas perguntas sobre a situação familiar do Jesus que encontramos, já adulto, dirigindo-se ao rio Jordão para ser batizado pelo seu primo, João. É sabido que o papa Bento XVI escreveu um livro inteiro sobre a infância de Jesus, mas não foi por acaso que chamou a esse livro *As histórias da infância* (o título original é *Die Kindheitsgeschichten*), pois a infância, adolescência e jovem idade adulta de Jesus só são reconstituíveis mediante uma grande dose de elucubração ficcional. Esforço esse a que se entregaram os autores anônimos de alguns apócrifos “Evangelhos de Infância”, mas a que Mateus, Marcos e João se pouparam por completo: dos evangelistas canônicos, apenas Lucas (2,42-52) nos dá algum vislumbre de Jesus, o Menino Prodígio, sentado no templo a encantar um auditório de professores (*didaskaloi*) com a sua sabedoria (*sophia*).

O Jesus que encontramos no momento do seu batismo é alguém que surge aos nossos olhos como tendo atrás de si um percurso já feito no caminho da maturidade e, sobretudo, no da compreensão das Escrituras judaicas. Podemos

então perguntar: ao abandonar a sua cidade de Nazaré e a sua família, que realidade deixava Jesus para trás? Mateus (13,55) diz-nos que Jesus era filho de um *téktôn*, palavra que habitualmente se traduz por “carpinteiro”, mas que mais propriamente significa “construtor” (na realidade, o campo de ação profissional do *téktôn* abrangia trabalhos que hoje repartiríamos por carpinteiros, marceneiros, pedreiros e construtores civis). O ofício do pai seria naturalmente o ofício do filho: Marcos (6,3) explicita que Jesus era ele próprio “construtor”. Um construtor da cidade de Nazaré, portanto, que de forma convencional dera continuidade ao ofício do pai; mas que, de forma bem menos convencional, chegara à idade adulta sem nunca ter casado.

A anormalidade dessa situação seria talvez mitigada se imaginássemos Jesus como tendo aderido à modalidade do judaísmo praticada pelos essênios (associados, de resto, à região de Nazaré). É-nos dito por Eusébio (citando Fílon de Alexandria na sua *Preparação evangélica*, 8.11.14-18) e por Flávio Josefo (*Antiguidades judaicas*, 18.21) que os referidos essênios (diferentemente dos fariseus e dos saduceus) prezavam o celibato e valorizavam o ascetismo. Em Mateus (19,12), ouvimos da boca de Jesus palavras surpreendentes sobre a autocastração em prol do reino dos céus, palavras essas que, embora se tenham prestado a diversas interpretações, podem ser lidas como aprovando não só o celibato voluntário como uma vivência verdadeiramente extrema da castidade. Certo é que muitos cristãos dos primeiros séculos, na expectativa de que o mundo iria acabar em breve com a segunda vinda de Cristo (pelo que já não fazia sentido a ordem emitida por Deus nos primórdios: “Multiplicai-vos”), levaram literalmente esse ideário de permanente abstinência sexual, apoiados não só na clara aprovação pela castidade — e, mais ainda, pela virgindade —, que atravessa toda a epistolografia de Paulo (ver sobretudo o capítulo 7 da primeira Carta aos Coríntios), como em frases concretas proferidas por Jesus (nomeadamente a de que só pode ser seu seguidor quem “odiar” a mulher e os filhos: Lucas 14,26). Sabemos pelo escritor cristão Clemente de Alexandria, na sua obra *Miscelâneas* (3.12.89; o título grego da obra é *Stromateis*), que, em finais do século II, a passagem de Lucas (14,20) em que o convidado do simbólico banquete celestial se autoexclui por ser casado era interpretada como significando que os casados estavam excluídos do reino do Deus. (Mais tarde, no século XVI, o cânone nº 10

do Concílio de Trento reafirmará, de forma inequívoca, que o estado celibatário e a virgindade são preferíveis ao matrimônio.)

Esse gosto pronunciado tanto pelo celibato como pelo ascetismo do Jesus que nos é retratado nos Evangelhos sinópticos<sup>10</sup> cria um elo evidente com João Batista, cujo parentesco com Jesus é sublinhado no Evangelho de Lucas (1,36). Nesse Evangelho, a mãe de João, Isabel, é referida como *sungenís* de Maria. (Ainda que por vezes traduzida por “prima”, em rigor essa palavra grega significa “familiar” ou “aparentada”. Isabel era, pois, da família de Maria: podia ser prima direita ou prima afastada — ou até tia-avó, quem sabe.) Todavia, o parentesco entre Jesus e João só é referido por Lucas. O que é transversalmente dito pelos quatro evangelistas é que Jesus era um de vários irmãos (cf. Lucas 8,22; Marcos 6,3; João 2,12; 7,3). Na passagem em que Jesus é apelidado de “filho do construtor”, Mateus nomeia os irmãos dele: Tiago (Jacó), José, Simão e Judas (Mateus 13,55). No versículo seguinte, acrescenta-se a informação de que Jesus tinha irmãs.

Que irmãos e irmãs são esses? De quem eram filhos? Terão José e Maria mais tarde consumado o seu casamento (admitindo a lógica do Evangelho de Mateus que não o fizeram antes do nascimento de Jesus)? Por muito que exegetas de vários quadrantes tenham afirmado que esses irmãos (*adelphoi*) são primos ou parentes próximos, se nos ativermos estritamente ao texto dos quatro Evangelhos, teremos de aceitar as palavras de C. K. Barrett, o grande comentador do Evangelho de João: “Não há nada que sugira qualquer outra explicação, além de que os irmãos são filhos de José e de Maria”.<sup>11</sup> Nos primeiros séculos do cristianismo, a crença de que a parturiente de Belém era virgem acabou por dar lugar a uma noção mais absoluta de virgindade: estabeleceu-se, então, a ideia do caráter perpétuo desse estado no corpo de Maria. Assim, o apócrifo Protoevangelho de Tiago (talvez do século II) narrará a incredulidade da parteira Salomé em face da possibilidade de que a mãe de Jesus permaneceu virgem a seguir ao parto. O exame ginecológico empreendido pela parteira incrédula tem como resultado a confirmação do impensável (além de deixar a mão de Salomé com graves queimaduras, como castigo divino pela sua descrença). O mesmo Evangelho apócrifo tem o cuidado de sublinhar que os irmãos de Jesus eram filhos da primeira mulher de José (à revelia do significado

da palavra *adelphós*, que significa “irmão uterino”). Caberá mais tarde a São Jerônimo (no seu tratado sobre a virgindade perpétua de Maria) a propagação da ideia de que a palavra “irmão”, nesse caso dos irmãos de Jesus, significa “primo”.

Além da sua situação familiar, também as circunstâncias da morte de Jesus são difíceis de reconstituir ao certo a partir dos relatos que nos são oferecidos pelos quatro evangelistas. Isso porque, se lermos esses relatos com um olhar objetivo, dificilmente chegaremos à conclusão de que eles não se contradizem. Claro que uma leitura condicionada pela crença religiosa tenderá a pôr sobretudo em relevo os pontos comuns; é sabido que, na sua encíclica *Providentissimus Deus*, o papa Leão XIII estabeleceu que nenhuma leitura da Escritura Sagrada poderá “tornar contraditórios entre si os autores inspirados” (§17). Talvez por isso verificamos que até Hans Küng (o célebre teólogo contestatário que foi proibido pelo papa João Paulo II de lecionar teologia em universidades católicas) teve dificuldade em libertar-se da obrigatoriedade da leitura apologética dos Evangelhos, tendo chegado assim a ponto de escrever que, na sua opinião, o que especialmente chama a atenção no modo como a Paixão de Cristo é narrada pelos quatro evangelistas é o fato de os quatro relatos serem “espantosamente coincidentes”.<sup>12</sup>

Na realidade, uma leitura comparativa dos quatro relatos não suscita a impressão de coincidência. O que notamos — isso sim — são as discrepâncias que, começando logo no modo como é relatada a Última Ceia, se fazem sentir até o momento em que Jesus morre na cruz. Que disse ele antes de morrer? Clamou “Senhor, por que me abandonaste?”, como lemos em Mateus (27,46) e Marcos (15,34)?<sup>13</sup> Ou, alternativamente, disse em voz alta: “Pai, nas tuas mãos coloco o meu espírito” (Lucas 23,46)? Como terceira hipótese: será que não disse nem uma coisa nem outra, mas simplesmente “está cumprido” (João 19,30)? A famosa e inefavelmente bela frase “Pai, perdoai-os, pois não sabem o que fazem” é colocada na boca de Jesus, pregado na cruz, apenas por Lucas (23,34).<sup>14</sup> Já agora, quem carregou a cruz até o Gólgota? Foi Simão de Cirene, como dizem Mateus (27,32), Marcos (15,21) e Lucas (23,26)? É que João (19,17) afirma explicitamente que foi Jesus a carregar a sua própria cruz. Estaria João aqui a desautorizar os outros relatos, porque ele próprio lá tinha estado e viu a crucificação com os seus próprios olhos (João 19,26)?

Poderíamos aduzir muitos mais exemplos de discrepâncias (desde a insólita interrogação de Jesus por Herodes, que só acontece em Lucas, ao ato de Jesus lavar os pés dos discípulos na Última Ceia, que só acontece em João, Evangelho em que — contrariamente aos outros três — não é instituída a Eucaristia). Judas ter-se-á mesmo enforcado, como só Mateus registra (27,3-10)? Vendeu Cristo por trinta dinheiros (novamente só em Mateus)? Mais provável parece ser a traição de Jesus com um beijo (pormenor em que Mateus, Marcos e Lucas concordam — mas não João). O último milagre praticado por Jesus em vida foi curar a orelha do escravo do sumo sacerdote, cortada pela espada de Pedro? Esse milagre só existe no Evangelho de Lucas (22,50).

No que toca ao túmulo vazio e à ressurreição de Jesus, também as divergências entre os quatro evangelistas canônicos são perceptíveis, se bem que há entre eles um ponto comum, que é o fato de nenhum deles descrever a ressurreição propriamente dita, como fará mais tarde o apócrifo Evangelho de Pedro, que relata o momento em que Jesus (visualizado como mais alto do que o céu) sai do túmulo, seguido pela própria cruz que, na imaginação desse evangelista mais tardio, se move sozinha — e, como se não bastasse o milagre da locomoção própria, a cruz do apócrifo Evangelho de Pedro ainda fala e pronuncia palavras inteligíveis.

Já por aqui se intuem a sobriedade e a beleza dos relatos escritos pelos evangelistas canônicos. Em Marcos, as três mulheres chegam ao túmulo no domingo de manhã e veem, com espanto, que alguém removera a pedra. Entram no túmulo e ficam apavoradas. O morto tinha desaparecido. Lá dentro, está sentado um jovem, vestido de branco, que elas não conhecem. O jovem diz às três mulheres: “É Jesus, o Nazareno, que procurais, o crucificado? Ressuscitou. Não está aqui” (Marcos 16,6). O jovem recomenda às três mulheres que vão dizer a Pedro e aos outros discípulos que Jesus foi à frente, rumo à Galileia: na Galileia é que eles o verão. As mulheres fogem do sepulcro, dominadas por um misto de tremor e de tresloucamento (a palavra grega é *ékstasis*, donde vem a nossa palavra “êxtase”).

Em Lucas, tal como em Marcos, temos três mulheres como testemunhas: Maria Madalena, Maria (mãe de Tiago) e Joana (em Marcos, em vez de Joana, refere-se Salomé). Além dessas três mulheres, há outras (não nomeadas) que

estão também com elas. Esse “coro trágico” de mulheres é exclusivo do Evangelho de Lucas. Em vez de verem um jovem sentado dentro do túmulo, essas mulheres descritas por Lucas veem dois homens. Estão vestidos de trajes resplandecentes e dão às mulheres a notícia fulminante de que Jesus ressuscitou. Tais como as mulheres em Marcos, as do Evangelho de Lucas também ficam apavoradas. Mas, ao contrário do que fazem as duas Marias e Salomé em Marcos, em Lucas as mesmas Marias e Joana contam tudo aos apóstolos.

No entanto, eles não lhes dão crédito e (de forma bastante machista) acham que elas estão dizendo uma “tolice” (Lucas 24,11). Pedro, porém, não deve ter achado as mulheres assim tão tolas: levanta-se e vai correndo ao sepulcro, para ver o que se passa com os seus próprios olhos. Olha lá para dentro e não vê nada. Só vê, abandonadas, as ligaduras com que o corpo de Jesus tinha sido envolto quando da sepultura.

Consideremos agora o relato de Mateus: no caso desse Evangelho, são só duas as mulheres que chegam ao túmulo no domingo de manhã. São as nossas já conhecidas Marias (a Madalena e a mãe de Tiago). Unicamente nesse Evangelho, dá-se um terremoto. As duas Marias veem então um anjo do Senhor “com aspecto de relâmpago” (Mateus 28,3). Os guardas que estão vigiando o túmulo ficam “como mortos” (esses guardas só existem no Evangelho de Mateus; mais nenhum evangelista os refere). O anjo informa às duas mulheres que Jesus ressuscitou. Elas saem depressa, eufóricas de alegria (e não apavoradas, como em Marcos e Lucas).

De repente, acontece uma coisa com que nem Marcos nem Lucas tinham sonhado: as mulheres veem Jesus em pessoa. Diz-lhes “não temais” (embora elas não estivessem com medo) e dá-lhes a incumbência de transmitir aos “irmãos” a mensagem de que devem ir à Galileia: será na Galileia que o contemplarão. E assim acontece em Mateus e em João (mas não em Lucas). Repare-se que, no Evangelho de Mateus, nenhum discípulo de Jesus (nem sequer Pedro) vai ao túmulo para ver, com os próprios olhos, o que se passou: mas isso sucede (como referimos) em Lucas. E acontece também em João.

É no Evangelho de João que encontramos o relato mais divergente sobre as circunstâncias relativas ao túmulo vazio. A diferença fulcral é que só nesse Evangelho nos é dito que o autor do texto viu com os seus próprios olhos aquilo



que está descrevendo. João afirma categoricamente que viu o túmulo vazio: foi o primeiro a vê-lo, aliás (João 20,8), antes mesmo de Pedro. No Evangelho de João, as três mulheres (que vão ao túmulo em Marcos e Lucas) e as duas mulheres (de Mateus) estão agora reduzidas a uma só: Maria Madalena.

Madalena é o verdadeiro denominador comum dos quatro relatos sobre o túmulo vazio. É ela que chega sozinha ao túmulo no domingo de manhã: ainda estava escuro (ao contrário do que diz Marcos, que afirma explicitamente que já nascera o sol). Ao ver a pedra removida da entrada, Madalena desata a correr. Vai logo dar a notícia a Pedro e ao discípulo “que Jesus amava” (João 20,2), os quais, por sua vez, se põem também a correr. Vão todos em alvoroço até o túmulo, mas quem corre mais depressa é o próprio autor do Evangelho, o discípulo amado. É ele que chega primeiro ao túmulo. Espreita lá para dentro e vê os panos depostos. Pedro chega logo em seguida e entra no túmulo. O discípulo amado entra atrás dele. “Viu e acreditou.”

Pedro e o evangelista voltam “para junto dos seus” e só Madalena fica sozinha chorando no exterior do túmulo. Por entre as lágrimas, ela espreita lá para dentro e vê dois anjos sentados. Os anjos (que tinham acabado de descer do céu, ou então eram visíveis apenas para Madalena, já que Pedro e João não os tinham visto) dão-se conta do choro dela e perguntam-lhe por que está a chorar. Madalena responde: “Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram”. Madalena volta-se depois para trás e, nas palavras do evangelista, vê Jesus sem saber que era Jesus. Também Ele lhe pergunta a razão do choro. Julgando falar com o jardineiro, Madalena pergunta-Lhe (num momento de sutil ironia poética digna da tragédia grega) se foi Ele que levou o corpo d’Ele. Jesus diz o nome dela: “Maria”!

É nesse momento (supremamente arrepiante mesmo para quem já leu o Evangelho de João centenas de vezes) que Madalena percebe. Tenta tocá-Lo, mas Jesus não permite (o que não deixa de ser estranho, pois, uns versículos mais à frente, Jesus permitirá que Tomé ponha o dedo nas feridas das Suas mãos e a mão no local onde fora trespassado pela lança).

O problema dessas descrições divergentes do que se passou no túmulo vazio é inescapável: quando temos quatro relatos que não coincidem sobre determinada realidade, somos impedidos pela lógica mais básica de aceitar que os quatro

possam ser simultaneamente verídicos. Ou bem que estava um jovem sentado dentro do túmulo vazio (Marcos), ou dois homens (Lucas) ou um anjo (Mateus) ou dois anjos (João). Ou bem que foram três mulheres ao túmulo (Marcos e Lucas), ou duas mulheres (Mateus) ou só uma mulher (João). Essas personagens não cabem todas dentro e à porta do túmulo ao mesmo tempo. E ainda que decantássemos a questão de modo a nos focarmos só na oscilação entre uma figura masculina (jovem ou anjo) e duas figuras masculinas (homens ou anjos), mesmo assim não faz sentido admitirmos que ambas as versões possam ter validade equivalente. Por outro lado, parece inegável que é no papel de Madalena como certificadora da ressurreição que os quatro Evangelhos concordam. É sobre ela que recai a responsabilidade de garantir, em primeira mão, a “verdade” da ressurreição.

Mas qual será essa verdade? A resposta do crente é indissociável da própria crença. Por seu lado, o ateu encontrará talvez uma explicação racional no boato que Mateus pretende combater no final do capítulo 27 do seu Evangelho: os discípulos fizeram desaparecer o corpo de Jesus, de modo a dar a ilusão de que tinha ressuscitado. O túmulo estava vazio porque o corpo fora propositadamente removido. Para aqueles, porém, que não são crentes nem ateus, mas que leem de espírito aberto esses textos indispensáveis, constituirá porventura ressurreição suficiente o fato de, neste mundo onde Jesus de Nazaré morreu, podermos afirmar que, bem vistas as coisas, Ele afinal não morreu. Porque a verdade é esta: tanto crentes como não crentes andaremos com Jesus na nossa cabeça, enquanto houver seres humanos na Terra.

A título de conclusão, gostaria de deixar clara a ideia de que as dificuldades que os Evangelhos nos levantam com as suas discrepâncias não invalidam, de forma alguma, o valor espiritual desses quatro textos enquanto testemunho da vida de Jesus e enquanto base de uma opção de vida cristã. Na minha opinião, as dificuldades de leitura não afetam a mensagem única desses textos insubstituíveis. Desta forma, tenho de dizer também que, para lermos os Evangelhos com máximo proveito (o que desde logo implica lê-los de forma consciente), precisamos compreender a sua materialidade enquanto objeto textual: são quatro objetos textuais, cada um deles com o dom e o condão de nos

fazer chegar mais perto daquele homem, “o Filho de Deus” para alguns, mas “o Filho da Humanidade” para todos. Discernirmos, compreendermos e aceitarmos a natureza contraditória dessas quatro tentativas de pôr por escrito a vida e a mensagem de Jesus não põe em causa o valor espiritual desses textos. Os Evangelhos não são menos santos por serem discrepantes e por suscitarem na mente das leitoras e leitores perguntas incômodas.

De alguma forma, podemos até dizer que as características discrepantes e contraditórias funcionam como garantia de autenticidade. Não teria sido mais fácil para a Igreja, nos seus primórdios, aceitar uma versão concordante (que chegou a ser feita por Taciano) de tudo o que nesses quatro textos se diz sobre Jesus? Não teria sido mais fácil centrar a sua doutrina num Evangelho único, por exemplo no de Lucas (como pretendeu Marcião — que, no entanto, não se coibiu de suprimir no Evangelho de Lucas as frases que não lhe agradavam)? Temos de nos dar por felizes pelo fato de esses textos maravilhosos terem sobrevivido a qualquer tentação de dar ao cristianismo um Evangelho único, artificialmente purgado de problemas, de frases e de palavras difíceis. Pois são justamente as palavras difíceis (e muitas vezes intraduzíveis) que nos obrigam a pensar no que significou e significa ainda a extraordinária mensagem de Jesus, assim transmitida de modo tão desafiante para o crente e para o não crente, sob quatro prismas diversos. E se há verdade que todos os dias nos é confirmada pela observação objetiva da realidade humana é que, no cerne do seu valor ético, a mensagem de Jesus continua hoje tão válida, tão certa e tão urgente como era há 2 mil anos.

---

1 Lucas 10,40.

2 Lucas 14,35.

3 Encontrei esta opinião a respeito do Evangelho de João (atribuída ao teólogo oitocentista J. B. Lightfoot) no livro de Ruth B. Edwards, *Discovering John: Content, Interpretation, Reception* (Londres: SPCK Publishing, 2014, 2ª ed., p. 1).

4 Este é um dos vários aspectos a sustentar a suposição de o Evangelho de João ter sido escrito para um público bem diferente daquele para o qual os Evangelhos sinópticos foram compostos. Como sabemos pela pena do imperador Marco Aurélio (1.6), era óbvio o desprezo intelectual, sentido em ambientes sociais mais cultos e esclarecidos, pela própria noção de exorcismo. Também o filósofo neoplatônico Plotino (2.9.14) criticará a irracionalidade de se pensar que as doenças são causadas por demônios.

5 Se não podemos referir o nome de Marcos no que toca a avistamentos de Jesus ressuscitado, é porque a

parte autêntica do seu Evangelho terminava originalmente — como se verifica nos manuscritos mais antigos — com o episódio em que três mulheres (Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago; Salomé) são confrontadas com a emoção aterradora de verem o túmulo vazio. Posteriormente, foram acrescentados uns quantos versículos para permitir que esse Evangelho terminasse, tal como os outros, com avistamentos de Jesus ressuscitado; versículos que, entre outras coisas, põem Jesus a afiançar aos seus discípulos que, em seu nome, poderão pegar em serpentes com as mãos sem que nada lhes aconteça (Marcos 16,18). Ora, apesar de essas palavras inautênticas surgirem entre colchetes duplos nas edições críticas do texto grego, mesmo assim (à revelia de toda objetividade filológica) são levadas literalmente por algumas igrejas fundamentalistas nos ESTADOS UNIDOS, onde a prática de *snake handling* durante o culto cristão já custou a vida a vários pastores batistas e pentecostais (mais recentemente ao pastor Jamie Coots, em 2014).

6 Sobre todos os dados históricos reais que influem na determinação da cronologia da vida de Jesus, continuam a ser indispensáveis os estudos de Nikos Kokkinos citados na bibliografia.

7 Para a opinião do século II, cf. Ireneu, *Contra as heresias* (2.22.5); para a opinião de historiadores atuais, cf. R. Lane Fox, *The Unauthorized Version: Truth and Fiction in the Bible* (Londres: Knopf, 1991, p. 34).

8 Deturpada também no sentido em que essa leitura cristianizante da Escritura judaica será vista pelo leitor judeu como uma deturpação do seu verdadeiro sentido *judaico*, porque a leitura cristã leva a que seja “difícil ouvir os profetas hebreus nos termos daquilo que eles próprios quiseram escrever. Que predisseram eles, de fato, sobre Jesus Cristo ou sobre o cristianismo? A resposta é extremamente simples: nada”. (R. Lane Fox, op. cit., p. 340.)

9 O fato de a palavra *parthénos* poder significar tanto “solteira” como “virgem” cria também na *Iliada* de Homero uma situação análoga (*Iliada*, 16, 179-81). No seu comentário a esse passo, R. Janko observa que “essa ambiguidade de *parthénos* deu origem ao mito cristão do nascimento virginal” (*The Iliad: A Commentary*, vol. IV, Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 343).

10 O retrato que ressalta de Jesus no Evangelho de João no que toca ao matrimônio apresenta uma diferença óbvia relativamente a Mateus, Marcos e Lucas: em João, não só Jesus transforma água em vinho numa festa de casamento (ação da qual se infere a sua não desaprovação pelo matrimônio enquanto instituição), como fala despreocupadamente com uma mulher samaritana que teve cinco maridos (e que vive, sem ser casada, com o sexto); e, finalmente (apesar de todos os problemas atinentes à história textual desse episódio), perdoa uma mulher adúltera. Note-se, ainda, que, ao contrário do que sucede nos Evangelhos sinópticos, o Jesus do Evangelho de João não se pronuncia em relação ao divórcio.

11 C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John: An Introduction with Commentary and Notes on the Greek Text* (Londres: SPCK Publishing, 1978, 2ª ed., p. 310).

12 Hans Küng, *Christ Sein*. Munique: Piper, 2010, 6ª ed., p. 144.

13 A impressão de autenticidade que recebemos das passagens referidas de Mateus e de Marcos é reforçada pelo fato de as palavras surgirem, no meio do texto grego, em aramaico.

14 A frase, contudo, é omitida por vários manuscritos e papiros bem antigos, pelo que surge nas edições críticas entre colchetes duplos. De tudo o que lemos nos quatro Evangelhos, é talvez aquela que (por ser tão “cristã”) mais nos custaria aceitar como inautêntica.

## O grego dos Evangelhos e a presente tradução

Um mal-entendido que convém desde já esclarecer é a suposição, errônea (repetida por biblistas que desconhecem a forma como atualmente se encara a história da língua grega no âmbito da filologia clássica), de que o grego em que foi escrito o Novo Testamento é um grego diferente da língua que foi utilizada (a título de exemplo) por Aristóteles, Platão ou Xenofonte. Não é. A língua em que escreveram Mateus, Marcos, Lucas e João é a mesma dos autores helênicos de séculos anteriores (e posteriores). É grego.

No entanto, o grego escrito pelos evangelistas difere do grego escrito por Platão por duas razões. Em primeiro lugar, Platão nasceu no século V a.C. e escreveu a sua obra durante o século IV. Entre Platão e Marcos há a óbvia separação cronológica: nesses séculos de permeio, a língua teve necessariamente de evoluir. Mas há outra diferença. Platão escreveu num registro linguístico que, pela sua complexidade e elaboração, seria inteligível para a maior parte dos seus contemporâneos e conterrâneos. Embora a obra de Platão consista essencialmente em diálogos, as suas personagens exprimem-se com um alto grau de artificialismo verbal. Mesmo no século IV a.C., só uma minoria altamente escolarizada teria sido capaz de ler e compreender a obra platônica.

Mateus, Marcos, Lucas e João escreveram com outro intuito. Os destinatários a quem eles pretendiam chegar não eram as elites detentoras da mais requintada escolaridade helênica, mas sim toda e qualquer pessoa que entendesse grego. Os seus textos foram escritos de modo a tornar a leitura inteligível. Não que Lucas, por exemplo, não tivesse conseguido um registro próximo ou igual ao dos autores gregos que cultivavam aquele nível linguístico elitista: os primeiros quatro versículos do Evangelho de Lucas estão escritos num grego que em nada destoa do patamar elevado dos melhores autores clássicos. Mas Lucas abandona rapidamente tais demonstrações de fina capacidade literária, porque está mais interessado em fazer passar a sua mensagem. E, para isso, socorre-se de um nível

de língua correspondente à fala correta utilizada, no seu tempo, na escrita de pessoas com escolaridade normal. Assim, o grego dos Evangelhos não é tanto, como em tempos se dizia de forma depreciativa, um grego de “língua comum” (*koinê*), mas sim um grego perfeitamente normal. Claro, simples, despretensioso.<sup>1</sup>

Como conhecedores que também eram da língua aramaica (e, eventualmente, também leitores de hebraico), os quatro evangelistas estavam naturalmente sob a influência de um ambiente linguístico que não era 100% helênico (apesar da forte helenização, à época, das elites da Judeia) e, por isso, há no seu estilo de redação algumas marcas semíticas que, no entanto, não são a característica que mais chama a atenção de quem lê os Evangelhos no original grego. O que, de fato, chama a atenção é o grau de interiorização, por parte de qualquer um dos evangelistas, da versão grega da Escritura hebraica (o texto dos *Septuaginta*). Houve toda uma vivência mental no espírito desses homens que aconteceu, não em hebraico, mas sim em grego. Língua em relação à qual cada um deles reage, enquanto escritor, com uma sensibilidade própria. Há palavras de que uns gostam e de que outros já não gostam tanto. Marcos nunca usa a palavra “amor” (*agápê*); Mateus e Lucas só a utilizam uma vez cada, ao passo que João a emprega sete vezes. João é também o que mais usa o verbo “amar” (*agapân*). Por outro lado, a escolha do léxico denota que se assumiu uma perspectiva em relação aos fatos narrados: os evangelistas não são narradores neutros nem isentos. Há mais de sessenta ocorrências da palavra “judeus” (*Ioudaioi*) no Evangelho de João, mas só seis em Marcos e cinco em Mateus e o mesmo número em Lucas: o “obcecado” com os judeus é João. O mesmo João chama “Pai” a Deus mais de cem vezes; Marcos apenas quatro. Por outro lado, palavras que são habitualmente utilizadas pelos evangelistas sinóticos — como “boa-nova” (*euangélion*), “parábola” (*parabolê*) ou “anunciar” (*kêrússein*) — nunca são usadas por João.

À semelhança de Platão e Aristóteles, os evangelistas escreveram numa época em que, na escrita do grego, não havia letras minúsculas, nem pontuação, nem separação de palavras. Para termos um pouco a noção de como era o aspecto gráfico dos seus textos, basta-nos visualizar assim o início do Evangelho de João:

NOPRINCÍPIO ERA O VERBO E O VERBO ESTAVA COM DEUS E DEUS ERA O VERBO.

Essa maneira de escrever, sem pontuação e sem separação de palavras, determinou que, em grego, fosse de primordial importância o uso de partículas (com o sentido de “e”, “ou”, “mas” etc.) para mostrar, a quem lia, a articulação e a delimitação das frases. No grego utilizado por Platão, por exemplo, há uma riqueza luxuriante na variedade e na sutileza das partículas utilizadas. Os evangelistas são mais parcimoniosos no uso dessa panóplia de meios linguísticos, privilegiando sobretudo “e” (*kai*) e “mas” (*allá*). Marcos, em especial, gosta muito de articular as frases por meio de “logo” (*euthús*) e João tem uma clara inclinação pela palavra “então” (*oun*). Essa explicação é necessária, de modo que se compreenda a razão da sobreabundância de frases a começar com “e” (são a esmagadora maioria) nos quatro Evangelhos. Claro que seria possível proceder a uma poda drástica das partículas com que os evangelistas articulam o seu discurso, mas o intuito desta tradução é que se possa perceber, em português, exatamente o efeito que as frases têm em grego. À partida, excluí, da minha metodologia de tradução, qualquer forma de “reescrita” do texto dos Evangelhos. O que as leitoras e os leitores encontram aqui em português não é nem mais nem menos do que aquilo que está no texto original.

Na ausência de pontuação (e escrevendo-se tudo em letras maiúsculas sem separação de palavras), uma das razões pelas quais a utilização de partículas era tão importante na articulação e delimitação das frases prendia-se ao hábito de se ler em voz alta. Na Antiguidade, a leitura silenciosa que praticamos hoje era desconhecida. Ler era ler em voz alta. O texto era escrito para ser ouvido. Assim, muitas pessoas que não sabiam ler eram, apesar disso, “letradas” porque tinham acesso aos textos mercê da prática instituída de leituras públicas. Do mesmo modo, muitas pessoas que não sabiam escrever não estavam por isso impedidas de exercer a atividade de autor, já que podiam sempre ditar os seus textos a quem soubesse escrever (aliás, mesmo os que certamente sabiam escrever, como o poeta romano Virgílio ou o apóstolo Paulo, ditavam os seus textos a um secretário). O evangelista João, que terá atingido uma idade avançada,<sup>2</sup> escreveu o seu Evangelho com o seu próprio punho? É altamente improvável — até por questões oftalmológicas, dado que só podia exercer a atividade de escritor, leitor ou secretário quem conseguisse fazer tudo isso sem uma ajuda que, na Antiguidade, não existia: óculos. São conhecidos os problemas de visão que

dificultaram a escrita da obra monumental do filósofo grego Plotino.<sup>3</sup> Assim, além dos analfabetos, também as pessoas cuja idade avançada lhes vedava a leitura individual (pelos referidos motivos oftalmológicos) se beneficiavam do fato de, para continuarem a ler, precisarem apenas de ter alguém com boa visão que lhes lesse.

Ora os Evangelhos estavam claramente vocacionados, na sua escrita, para a leitura em voz alta. Isso se vê não só na acessibilidade da linguagem e em algumas marcas típicas da literatura de matriz oral (quem conhece os poemas de Homero saboreará, também nos Evangelhos, as repetições e redundâncias de toda a espécie)<sup>4</sup> como na redação em si mesma: salta sobretudo à vista o uso abundante do tempo presente dos verbos, o que valoriza a sensação de imediatismo ao recebermos a narrativa da vida de Jesus. É como se Jesus falasse e andasse não há 2 mil anos, mas hoje. Por isso, estamos constantemente lendo aquilo que Jesus “diz” e Jesus “faz” (em concomitância por vezes ilógica com aquilo que Jesus “disse” ou “fez”). O efeito, em grego, da constante mistura (por vezes na mesma frase) de tempos verbais do passado e do presente não resulta estranho; em português, porém, poderá causar alguma estranheza.<sup>5</sup> Contudo, é importante reter esse efeito tão característico para que se sinta verdadeiramente o sabor e o perfume do texto original. Assim, notar-se-á que a sequência de tempos verbais, no interior das frases portuguesas, nem sempre cria uma sensação muito racional em português: o desafio aqui lançado é que as leitoras e os leitores se deixem levar pelo exotismo, digamos assim, do texto tal como ele é.

Outro fator de estranheza decorrente da necessidade de respeitar literalmente o texto grego é a abundância inevitável de gerúndios em português. Tirando o expediente da oração relativa (que tem o inconveniente de aumentar a proliferação no texto português da palavra “que”), o gerúndio é praticamente o único recurso de que dispomos para traduzir as constantes frases participiais gregas. O problema é que o particípio em grego é suscetível de uma utilização que não conhecemos em mais nenhuma língua. Os participios gregos têm uma flexibilidade e uma expressividade ímpares, pelo fato de existirem nas três vozes do verbo (ativa, passiva e média), em quatro tempos verbais (presente, futuro, aoristo e perfeito), de serem declináveis em três gêneros (masculino, feminino e neutro), em dois números (singular e plural — nos Evangelhos não há dual) e em



quatro casos (nominativo, acusativo, genitivo e dativo). Toda essa variedade estonteante de formas só tem um equivalente (paupérrimo) em português: o gerúndio. Apesar da pobreza expressiva, entendi (na esmagadora maioria dos casos) que era preferível optar por construções com gerúndio, de modo a espelhar, com o máximo rigor, a estrutura da frase grega na frase em português.

Indo agora para questões mais específicas: há dificuldades famosas na tradução dos Evangelhos em relação às quais é preciso tomar uma decisão. A questão mais importante de todas resume-se nesta pergunta: o que significam as palavras gregas? Essa pergunta tem duas respostas (a que correspondem duas metodologias de tradução). A primeira resposta é afirmarmos que as palavras gregas, que encontramos no texto do Novo Testamento, significam o mesmo que significariam em qualquer outro texto grego. A segunda resposta é assumirmos que o significado das palavras gregas é condicionado pelo sentido que essas palavras teriam se as retrovertêssemos para o hebraico. Essa segunda metodologia poderá ter a sua validade no respeitante ao texto grego dos livros do Antigo Testamento, pois para esse texto dispomos também de um original em língua hebraica.

No caso dos quatro Evangelhos, não temos nenhum original em hebraico ou aramaico (nem se acredita, hoje, que alguma vez tivesse existido esse putativo original semítico). Temos apenas o texto grego. Por isso, o exercício de imaginar como poderia ser uma não existente versão semítica do texto grego que temos à nossa frente, e traduzirmos o texto grego de acordo com a semântica sugerida pelo texto imaginário em hebraico, não me parece uma boa opção. A minha tradução está ancorada no grego — e no sentido grego das palavras gregas. Por isso, é natural que algumas passagens dos Evangelhos na presente tradução surpreendam quem conhece o texto a partir de traduções elaboradas com outros pressupostos. Quem conhece bem o Novo Testamento em grego não estranhará nada o que aqui vai encontrar.

Indo agora para casos concretos: o primeiro diz respeito à palavra semítica “amém” que, em todos os Evangelhos, surge repetidamente na boca de Jesus (no caso do Evangelho de João, com duplicação: “amém amém”). É um fato que Jesus está constantemente a dizer “amém vos digo”, frase que algumas traduções vertem para “em verdade vos digo”. Ainda que o sentido de “em verdade vos

digo” seja correto, encher as páginas dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas com a palavra “verdade” falseia um dado fundamental que deve estar discernível na tradução. E o dado é este: Mateus, Marcos e Lucas praticamente nunca usam a palavra “verdade” (*alêtheia*). Mateus só a emprega uma única vez (22,16); Marcos e Lucas empregam-na, cada um deles, três vezes.<sup>6</sup> Por outro lado, a palavra é uma marca típica do Evangelho de João, que a usa mais de vinte vezes.<sup>7</sup> É importante, pois, que a palavra assuma a sua relevância específica em cada Evangelho: sobressai pela quase ausência nos Evangelhos sinópticos; ao passo que brilha pela insistência no Evangelho de João, onde há, inclusive, três versículos em que surge duplicada (8,32; 8,44; 17,17). Outro aspecto a ter em conta é que, no interior do próprio texto grego, a palavra “amém” se destaca como palavra estrangeira. É aconselhável, por isso, que se produza o mesmo efeito no texto em português, tanto mais que a maior parte dos comentadores a identifica como traço distintivo autêntico da fala real do Jesus histórico. Convém, pois, por todas as razões, que ouçamos “amém” na boca de Jesus.

Outra dificuldade célebre na tradução dos Evangelhos diz respeito à expressão tradicionalmente traduzida pelas palavras “Filho do Homem”, na linha da tradução da Vulgata, *Filius Hominis*. O latim de São Jerônimo tinha a mesma vantagem do grego, no sentido em que distingue *homines* (“seres humanos”) de *viri* (“homens”, por oposição a “mulheres”), tal como o grego distingue *ánthrôpoi* (“seres humanos”) de *ándres* (“homens”). A expressão em grego *huiós toû anthrôpou* devia, em rigor, traduzir-se por “Filho do Ser Humano”. A expressão em si, radicada no Antigo Testamento (mormente Daniel 7,13), é de interpretação duvidosa, pois a palavra aramaica *enash* na passagem de Daniel suscita a mesma ambiguidade do grego e do latim, dado que também assume o significado de “homem” no sentido de “ser humano”. Ressalvando que seria errado dar a entender que os evangelistas nunca usam *ánthrôpos* no sentido de “homem” por oposição a “mulher” (pois há, de fato, passagens em que isso acontece), o argumento mais relevante parece-me ser o seguinte: nos Evangelhos, se atendermos à própria coerência interna da sua narrativa, Jesus não pode ser em língua portuguesa “Filho do *Homem*”, porque não é filho de nenhum homem: é filho de Deus e de um ser humano do sexo feminino, Maria. Por esse motivo, alguns recentes especialistas do Novo Testamento são da opinião de que a

formulação mais correta para a frase dos evangelistas é “Filho da Humanidade”.<sup>8</sup> Essa solução, aqui adotada, é menos ingrata do que “Filho do Homem” em termos daquilo a que chamamos hoje sensibilidade de gênero (por que é que o sexo feminino tem de estar excluído desta tão importante referência à *humanidade* do filho de Maria?) e tem a vantagem de vermos, assim, na mãe de Jesus, como que por sinédoque (ou seja, a parte que se toma pelo todo), a representação da Humanidade inteira. Seja como for, é preciso frisar que, como escreveu o mais perito especialista desse enigma teológico, “dezenove séculos de estudo sobre ‘Filho do Homem’ ainda não conduziram a nenhum consenso sobre o significado ou origem da expressão”.<sup>9</sup>

Outro problema espinhoso que se coloca diz respeito à palavra *hamartía*, que a Vulgata latina traduziu por *peccatum* (“pecado”), palavra que tem o inconveniente de nos transportar anacronicamente para discussões teológicas sobre “pecado” muito posteriores (desde Agostinho nos séculos IV-V a Anselmo no século XI; para não falar de Tomás de Aquino, no século XIII). Em rigor, o vocábulo grego significa “erro” e relaciona-se com o verbo *hamartánô*, cujo sentido próprio é “falhar o alvo” (esse significado está implícito num termo para “pecado” usado quase trezentas vezes no Antigo Testamento hebraico: *chatta’ah*). O problema de uniformizar todo o campo semântico relacionado com *hamartía* e traduzir sempre as respectivas palavras por “pecado” (ou “pecador”, no caso do “perpetrador do erro/ pecado”) é que tal uniformização é redutora. Como escreveu Gary Anderson, “o termo pecado [*sin*] não significa, no livro do Gênesis, o mesmo que significa no livro de Daniel ou no Evangelho de Mateus”.<sup>10</sup> É preciso notar que, mesmo do ponto de vista judaico, “pecado” tem mais do que um sentido: pode significar a infração da lei (consubstanciada naquilo que mais tarde se contabilizaria como os 613 mandamentos da lei de Moisés); mas pode ter igualmente o sentido de “dívida”, ou mesmo de “erro”. Ora, o mesmo problema está presente na utilização de *hamartía* no Novo Testamento. Nas mais de 170 ocorrências de *hamartía* espalhadas por 22 dos 27 livros do Novo Testamento (os únicos livros em que a palavra não ocorre são a 2ª Carta aos Tessalonicenses, a Carta a Filémon, a Carta a Tito e as 2ª e 3ª Cartas de João), é natural que haja sutis *nuances* no sentido, também pelo simples fato de esses 22 livros não terem sido escritos no mesmo contexto cronológico,

geográfico e autoral. Por isso, na presente tradução, a palavra grega *hamartía* surge, consoante o contexto, quer sob a forma de “pecado”, quer de “erro”, de modo a respeitar a delicada matização semântica sugerida pelo texto original.

Mais difícil ainda é encontrar uma solução para as várias ocorrências do verbo “escandalizar”, mormente no Evangelho de Mateus, em que aparece catorze vezes (só surge oito vezes em Marcos; e duas vezes em Lucas e João). Dado que o substantivo *skándalon*, sobretudo usado por Mateus, designa um empecilho que causa um tropeção, o verbo “escandalizar” pode assumir o sentido de “tropeçar” (ou melhor: “fazer tropeçar”), ainda que, em algumas ocorrências, tenha um sentido mais próximo daquele que atribuímos hoje à palavra. Para se perceber, na tradução, a presença no texto tanto do verbo *skandalízô* como do substantivo *skándalon*, mantenho as palavras portuguesas “escândalo” e “escandalizar”, chamando, pois, desde já a atenção para a peculiaridade da respectiva carga semântica no grego dos Evangelhos. Nas notas darei conta dos casos que levantam mais dúvidas.

Uma convenção de grafia tem de ser aqui esclarecida: quando lemos o Novo Testamento em tradução, somos confrontados com um sistema algo barroco que determina os casos em que certas palavras começam por letra maiúscula. Assim, o vocábulo “Deus” e todos os pronomes que Lhe dizem respeito são grafados com letra maiúscula, estendendo-se muitas vezes essa opção a todas as menções das demais pessoas da Santíssima Trindade (realidade teológica cuja existência estará talvez implícita, mas não explícita, nos Evangelhos). Do ponto de vista de quem conhece e estuda o texto em grego, isso é um artificialismo desprovido de justificativa, dado que os evangelistas só conheciam um único sistema de escrita, sem nenhuma distinção entre maiúsculas e minúsculas. É por isso que — de forma perfeitamente correta, de resto — as edições críticas do Novo Testamento em grego grafam não só “espírito santo” com letra minúscula inicial como até a própria palavra “deus”. No que diz respeito a Deus, decidi não ir a esse extremo na presente tradução: assim, Deus e os pronomes que Lhe dizem respeito são grafados com letra inicial maiúscula. Todavia, opto pela solução filologicamente defensável de não grafar com letra inicial maiúscula os pronomes referentes a Jesus; e também não uso maiúsculas no que toca à terceira pessoa daquilo que mais tarde viria a denominar-se Santíssima Trindade, tanto mais que nem

sempre é claro no texto grego se é a ela que se refere a palavra *pneûma*.

Por fim, para as mentes curiosas a quem esta pergunta possa surgir: a divisão dos Evangelhos em capítulos e versículos foi feita mais de mil anos depois de os textos terem sido escritos (a divisão em capítulos será do século XIII; a dos versículos, do século XVI). Essas divisões nem sempre obedecem a um critério lógico. Por que o capítulo 12 do Evangelho de João não começa no versículo 55 do capítulo 11? São questões que já estão há séculos no limbo do irremediável, pelo que seria inútil, hoje, reorganizar esses textos de modo que a sua divisão, para efeitos de consulta, refletisse a sua estrutura. Os capítulos, tais como resultaram da divisão medieval, estão enraizados na tradição de leitura e exegese do texto e, de certa forma, também já são, à sua maneira, patrimônio da humanidade.

---

1 Nas palavras do melhor especialista atual da história da língua grega: “Ao contrário do que antes se pensava, a língua do Novo Testamento não é uma variedade especial de grego utilizada por judeus no Próximo Oriente, mas sim um exemplo bastante fidedigno da gama de estilos que existia no grego cotidiano nos primeiros séculos da era cristã”. (G. Horrocks, *Greek: A History of the Language and its Speakers*. Londres; Nova York: Wiley-Blackwell, 1997, p. 92.)

2 Cf. M. Hengel, *The Johannine Question*, Londres; Filadélfia: SCM, 1989, p. 134.

3 Cf. Porfírio, *Vida de Plotino*, §8.

4 Note-se, em especial, a constante utilização de fórmulas do tipo “Jesus respondeu e disse” ou “e Jesus, respondendo, disse”. Em Mateus encontramos a repetição insistente de “e eis que”, ao passo que Lucas prefere a fórmula, repetida à exaustão, “e aconteceu que”.

5 Veja-se este exemplo (João 20,6): “*Chega* então também Simão Pedro, seguindo atrás dele, e *entrou* no túmulo e vê os panos depostos [...]”. A continuação da frase juntará ao presente e ao aoristo (tempo grego que exprime o passado pontual) ainda mais um tempo: o imperfeito. Note-se, no entanto, que essa mistura aparentemente ilógica do presente e do passado quase não se encontra no Evangelho de Lucas.

6 Ocorrências da palavra “verdade” em Marcos: 5,33; 12,14; 12,32. Em Lucas: 4,25; 20,21; 22,59.

7 Ocorrências da palavra “verdade” em João: 1,17; 3,21; 4,23-4; 5,33; 8,32 (2 x); 8,40; 8,44 (2 x); 8,45; 8,46; 14,6; 14,17; 15,26; 16,7; 16,13; 17,17 (2 x); 17,19; 18,37; 18,38.

8 Nas palavras de John Nolland: “*ho huiòs toû anthrôpou* tem sido tradicionalmente traduzido como ‘Filho do Homem’, mas a imagética não parece dizer especificamente respeito a um progenitor do sexo masculino, mas sim a uma figura humana. ‘Homem’, na tradução tradicional, tem de ser entendido como uma referência à Humanidade, e não a alguém do sexo masculino. A minha preferência, assim, seria pela tradução ‘Filho da Humanidade’”. *The Gospel of Matthew: A Commentary on the Greek Text*, Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2005, p. XIX.

9 D. Burkett, *The Son of Man Debate: A History and Evaluation*, Cambridge, 1999, p. 5.

10 G. A. Anderson, *Sin: A History*, Yale, 2010, p. 6; ver também P. Fredriksen, *Sin: The Early History of an Idea*, Princeton, 2012.

## Abreviaturas e sinais utilizados

AT = Antigo Testamento.

B-D = F. Blass & A. Debrunner, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, Göttingen, 1961 (11ª ed.).

LSJ = H. G. Liddell & R. Scott, *A Greek-English Lexicon*, revisto por H. S. Jones, com um suplemento revisado, Oxford, 1996.

LXX = *Septuaginta* (Bíblia dos Setenta, versão grega do AT).

N-A = Nestle-Aland = *Novum Testamentum graece*. Post Eberhard Nestle et Erwin Nestle communiter ediderunt Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, Allen Wikgren. Stuttgart, 1979.

NT = Novo Testamento.

[ ] = entre colchetes coloco palavras subentendidas, mas não explícitas, no texto original.

[ [ ] ] = os colchetes duplos servem para indicar versículos considerados inautênticos na edição crítica de N-A (o texto grego no qual se baseia a presente tradução).

\* (por exemplo: cf. Mateus 1,1\*) = um asterisco a seguir a uma referência atinente a Mateus, Marcos, Lucas ou João remete para a nota neste livro por mim proposta a essa passagem.

À semelhança do que é habitual nas edições críticas do texto grego, as citações do AT no interior do texto dos Evangelhos são apresentadas em itálico.

Os títulos dos livros do AT e NT são sempre citados por extenso, evitando as convencionais siglas, de modo a ajudar quem esteja menos habituado a ler a Bíblia. Assim, em vez de Jd, Jn, Jo, Jl, Jó, Jr, aqui se lerá sempre Judas, Jonas, João, Joel, Jó e Jeremias.

# Evangelho segundo Mateus

## Nota introdutória ao Evangelho segundo Mateus

No que toca à sua autoria, o Evangelho segundo Mateus não destoa da situação que se nos depara em qualquer um dos quatro Evangelhos canônicos: trata-se de um texto anônimo.

Na verdade, não há um único versículo dos seus 28 capítulos em que o autor nos diga o seu nome, nem há indicação alguma de que o apóstolo ex-cobrador de impostos Mateus, que é referido no interior do texto (9,9; 10,3), seja o autor do Evangelho (nisso, a situação do Evangelho de Mateus contrasta com a do Evangelho de João, em que o autor, ainda que anônimo, é assumidamente personagem da sua própria narrativa).

No entanto, a atribuição da autoria deste Evangelho a “Mateus” é antiga. Sabemos pelo historiador da igreja Eusébio (que escreveu a sua obra no século IV, citando fontes muito mais antigas) que já no século II se identificava o autor como *Matthaios* (cf. Eusébio, *História eclesiástica* 5.8.2). Em finais do século II, Ireneu (*Contra as heresias* 3.1.1) também atribuiu a autoria do Evangelho ao apóstolo Mateus, afirmando que o texto foi escrito “para os hebreus na sua própria língua”. Eusébio dirá, no passo acima citado da sua *História eclesiástica*, que aquele foi depois traduzido (ou “interpretado”, *hêrmêneusen*).

Essa ideia, a de que o texto grego do Evangelho de Mateus constitui a tradução do original hebraico escrito por um dos doze apóstolos, continuou a ser repetida durante séculos, ainda que nada no próprio texto permita tal suposição. Apesar de todas as dúvidas que vieram no encalço da nova abordagem histórico-objetiva ao texto do NT, iniciada nas grandes universidades alemãs no século XIX, mesmo assim a visão tradicional de Mateus como primeiro evangelista, discípulo direto de Jesus, continuou a ser defendida no século XX (até na própria Alemanha, mormente no estudo monumental de A. Schlatter, *Der Evangelist Matthäus: Seine Sprache, sein Ziel, seine Selbständigkeit*, obra cuja sexta edição foi publicada em Stuttgart no ano em que eu próprio nasci: 1963). No entanto, os últimos



cinquenta anos trouxeram mudanças decisivas no estudo dos quatro Evangelhos. Hoje, uma porcentagem significativa dos estudiosos do NT reconhecerá no Evangelho de Mateus não um texto escrito por um discípulo direto que conheceu Jesus, mas sim um texto que se situa numa fase posterior da escrita de relatos sobre a vida e dizeres de Jesus: a fase que, depois dos Evangelhos de Marcos e de Lucas (figuras que não foram discípulos diretos de Jesus, mas que podem ter tido contato com pessoas que conheceram Jesus), foi produzindo novos evangelhos alegadamente escritos por apóstolos autênticos (como Pedro, Tomé etc.), autores esses que, na verdade, se faziam passar por Pedro ou Tomé para que os seus textos pudessem rivalizar com outros já existentes, graças a uma suposta autoria a que os nomes “Pedro” ou “Tomé” davam imediata credibilidade. Contrariamente, porém, aos Evangelhos apócrifos de Pedro ou de Tomé, o de Mateus nunca esteve em risco de ser considerado dispensável: basta comparar os três textos para perceber o porquê. Nas palavras de Graham Stanton (p. 1906), “entre os evangelistas, o supremo artista literário é indubitavelmente Mateus”. É fato que a releitura contínua desse texto extraordinário revela a riqueza impressionante tanto da sua coerência como das sutilezas da sua arquitetura. É uma obra de uma intencionalidade fortemente focada; e tanto a sua abrangência temática como o sopro arrebatado da sua redação justificam plenamente a circunstância de, ao longo de 2 mil anos, esse texto se ter constituído como Evangelho favorito da(s) Igreja(s) e dos cristãos.

Outra mudança que se vem sentindo na bibliografia especializada sobre o Evangelho de Mateus é que hoje já quase ninguém aceita que o texto tenha sido primeiramente redigido em hebraico ou aramaico. John Nolland (que publicou, em 2005, um comentário ao texto grego desse Evangelho com mais de 1480 páginas) sintetiza aquilo que é hoje a opinião comum: “O Evangelho de Mateus não mostra o menor sinal de ter sido traduzido de uma língua semítica” (p. 3). A abordagem mais profícua no *scholarship* atual sobre o NT centra-se antes no fato de “Mateus” utilizar a língua helênica do seu tempo com notável expressividade e perícia, além de ser profundo conhecedor da Escritura judaica na versão grega dos *Septuaginta*.

Não sendo possível determinar ao certo quem escreveu esse texto, haverá dados que nos possam apontar uma data aproximada para a sua redação? Para muitos

leitores deste Evangelho (entre os quais me incluo), há um conjunto de passagens que dificilmente poderia ter sido escrito antes da destruição de Jerusalém no ano 70 da nossa era. Essas passagens são: 22,7; 23,36-38; 24,2. Por outro lado, Mateus escreveu depois de Marcos (que, como se depreende de Marcos 13,14-20, deverá ter escrito após a destruição de Jerusalém) e, na opinião de vários estudiosos atuais (que eu partilho), depois de Lucas também (que escreveu igualmente após a destruição da Cidade Santa, como se vê por Lucas 19,41-44; 21,20-24).

Ora, a prioridade de Marcos, hoje quase incontestada (há uma honrosa exceção na pessoa de John Robinson, com seu fascinante livro *The Priority of John*), leva naturalmente a supor que foi em Marcos que Mateus se baseou nas muitas passagens do seu Evangelho que são transposições e adaptações (dir-se-ia mesmo, à luz das regras atuais de ética autoral, “plágios”) de material que está presente no Evangelho de Marcos. A razão pela qual não concluimos, a partir das semelhanças e paralelos entre Marcos e Mateus, que foi Marcos que se baseou em Mateus é que o material se nos apresenta não só mais lacônico como menos bem escrito em Marcos: parece lógico inferir que Mateus reescreveu muitas passagens de Marcos, dando-lhe um cunho mais desenvolvido em termos de conteúdo e mais apurado em termos de redação. Não faria sentido pensar que, confrontado com o texto de Mateus, Marcos o tivesse usado com base num critério de utilização que se teria materializado num empobrecimento inexplicável do texto que tinha diante dos olhos. Parece muito mais lógico, como referimos, que Mateus tivesse se deixado inspirar pelo que leu em Marcos, acrescentando e enriquecendo muitas passagens, ao mesmo tempo que lhes polia o estilo.

No caso da relação entre Mateus e Lucas, a questão é mais complexa, pois não se poderia afirmar de modo algum que o Evangelho de Lucas está menos bem escrito do que o de Mateus, ainda que, comparativamente ao de Mateus, seja um texto menos completo, no que toca ao seu conteúdo, quando esse conteúdo cruza material que está em Mateus. Basta compararmos o Sermão na Montanha de Mateus com o Sermão na Planície de Lucas; ou as duas versões do Pai-Nosso. Afigura-se-nos quase impensável que, se conhecesse o texto de Mateus, Lucas não se tivesse esmerado mais nesses e noutros exemplos. Por outro lado, afigura-

se perfeitamente plausível que Mateus tivesse querido reelaborar e enriquecer tanto o material herdado de Marcos como o de Lucas. Assim, são vários os estudiosos atuais do NT que dão como certa a conclusão de ter sido Mateus a usar o material de Lucas — e não vice-versa. (De especial utilidade e pertinência sobre toda essa questão são as pp. 320-50 do livro *Die vier Evangelien und das eine Evangelium von Jesus Christus*, de Martin Hengel.)

Como facilmente se compreende, o mero fato de o texto de Mateus depender de modo tão claro de Marcos e de Lucas refuta a possibilidade de o seu autor ter sido um dos doze apóstolos, testemunha ocular da vida de Jesus.

O Evangelho de Mateus é com frequência caracterizado como sendo um texto escrito especificamente para leitores judeus, como se provaria (a título de exemplo) pela constante preocupação latente e patente nesse Evangelho com as minudências da lei de Moisés (ver Mateus 5,17-19; 23,23) ou pelo fato de Jesus proibir os discípulos de levarem a boa-nova a não judeus (10,5-6) — proibição essa somente revogada no penúltimo versículo deste Evangelho. A impressão que a leitura deixa é, contudo, de uma permanente hostilidade manifestada para com Jesus por parte das autoridades judaicas, ao mesmo tempo que as críticas mordazes na boca de Jesus contra fariseus e saduceus, escribas e sumos sacerdotes (assim como o retrato inteiramente negativo que dessas figuras é feito) nos levam a suspeitar que este Evangelho, alegadamente escrito para destinatários judeus, estaria talvez mais apto a ferir suscetibilidades na cabeça dos seus leitores judaicos do que a suscitar a sua adesão. É claro que o retrato negativo das autoridades judaicas é transversal aos quatro Evangelhos; mas num texto que é tantas vezes descrito como o Evangelho destinado aos judeus, esperar-se-ia porventura menos polêmica e mais contemporização relativamente ao povo de Israel.

Quem lê os Evangelhos pela ordem canônica (Mateus, Marcos, Lucas, João) reencontrará em Marcos e Lucas uma abundância de material que já lera em Mateus. No entanto, há um conjunto significativo de elementos que ocorre apenas no Evangelho de Mateus: a adoração dos magos; a fuga para o Egito; o massacre dos inocentes; o Sermão na Montanha. Só em Mateus encontramos certas imagens que se tornaram proverbiais, como as pérolas jogadas aos porcos, ou a separação de trigo e joio ou de ovelhas e cabras. Só em Mateus é que Jesus diz que não é sete vezes que devemos perdoar, mas setenta vezes sete; só em

Mateus é que Pedro tenta caminhar sobre a água, ou Judas se enforca, ou Pilatos lava as mãos; só em Mateus as dez virgens são impedidas de assistir à boda. Contrariamente ao que lemos nos outros Evangelhos, as quantias de dinheiro referidas por Mateus configuram somas verdadeiramente astronômicas (milhões de reais em moeda atual: ver 18,24\*). Talvez por isso se tenha afigurado plausível, durante tantos séculos, a sua identidade como alguém ligado à cobrança de impostos? Quem sabe.

# 1.

## *Genealogia; A gravidez milagrosa de Maria; O nascimento de Jesus em Belém.*

<sup>1</sup> Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

<sup>2</sup> Abraão gerou Isaac; Isaac gerou Jacó; Jacó gerou Judá e seus irmãos; <sup>3</sup> Judá gerou, de Tamar, Farés e Zara; Farés gerou Esrom; Esrom gerou Aram; <sup>4</sup> Aram gerou Aminadab; Aminadab gerou Naasson; Naasson gerou Salmon; <sup>5</sup> Salmon gerou, de Raab, Booz; Booz gerou, de Rute, Jobed; Jobed gerou Jessé; <sup>6</sup> Jessé gerou o rei Davi. Davi, da mulher de Urias, gerou Salomão; <sup>7</sup> Salomão gerou Roboão; Roboão gerou Abias; Abias gerou Asa; <sup>8</sup> Asa gerou Josafá; Josafá gerou Jorão; Jorão gerou Ozias; <sup>9</sup> Ozias gerou Joatão; Joatão gerou Acaz; Acaz gerou Ezequias; <sup>10</sup> Ezequias gerou Manassés; Manassés gerou Amon; Amon gerou Josias; <sup>11</sup> Josias gerou Jeconias e seus irmãos, na época da deportação para a Babilônia. <sup>12</sup> Depois da deportação para a Babilônia, Jeconias gerou Salatiel; Salatiel gerou Zorobabel; <sup>13</sup> Zorobabel gerou Abiud. Abiud gerou Eliacim; Eliacim gerou Azor; <sup>14</sup> Azor gerou Sadoc; Sadoc gerou Aquim; Aquim gerou Eliud; <sup>15</sup> Eliud gerou Eleazar; Eleazar gerou Matã; Matã gerou Jacó. <sup>16</sup> Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo.

<sup>17</sup> Assim, o número total das gerações é, desde Abraão a Davi, catorze; de Davi até o exílio da Babilônia, catorze; e, desde o exílio da Babilônia até Cristo, catorze.

<sup>18</sup> O nascimento de Jesus Cristo aconteceu desse modo. Estando sua mãe Maria desposada com José — e antes que eles tivessem consumado o casamento — ela foi descoberta como tendo [concebido] no ventre a partir de um espírito santo. <sup>19</sup> José, seu esposo, sendo um homem reto e não querendo expô-la em público, decidiu divorciar-se dela secretamente. <sup>20</sup> Estando ele com essa

intenção, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: “José, filho de Davi, não temas tomar Maria como tua mulher. O que nela foi concebido [vem] de um espírito santo. <sup>21</sup> Ela dará à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus: pois será ele que salvará o seu povo dos seus erros. <sup>22</sup> Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi afirmado pelo Senhor através do profeta, ao dizer: <sup>23</sup> *eis que a virgem terá no ventre um filho e o parturirá; e chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel, o que significa Deus conosco.*”

<sup>24</sup> Tendo José acordado do sono, fez aquilo que lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu a sua mulher. <sup>25</sup> E não a conheceu até que ela tivesse dado à luz um filho, a quem chamou Jesus.

---

. O Evangelho de Mateus começa com a apresentação da genealogia de Jesus, consistindo esta na listagem dos antepassados de José (o que não deixa, a despeito das muitas tentativas de suavizar exegeticamente essa incongruência, de ter o seu quê de paradoxal, uma vez que se dirá mais à frente que Jesus não é filho de José). Comparando essa genealogia com aquela que figura no Evangelho de Lucas (3,23-38), notamos que há diferenças no nível da organização (Lucas segue a linha cronológica inversa, partindo de José e terminando em Adão e Deus) e também no fato de os antepassados referidos não serem os mesmos.

**1,1** “origem”: *gênesis*. Cf. 1,18, onde “nascimento” corresponde igualmente a *gênesis*. Não foi decerto por acaso que Mateus escolheu a palavra *gênesis* para figurar em 1,1 e novamente em 1,18. A palavra grega *gênesis* designava, na versão grega dos LXX (que Mateus cita repetidamente no seu Evangelho), o primeiro livro da grande biblioteca judaico-cristã a que chamamos Bíblia; nessa versão grega do livro do *Gênesis*, ocorre inclusive a própria expressão *bíblōs genéseōs* com que começa o Evangelho de Mateus (cf. *Gênesis* 2,4 LXX). Também Marcos e João, no início dos seus Evangelhos, remetem para o início do livro do *Gênesis*, como que para sublinhar o Novo Início que Jesus representa.

— “Jesus Cristo”: O nome “Jesus” é a forma grega (*Iesous*) de Josué, em hebraico *Yesua*, cuja etimologia está semanticamente ligada à ideia de salvação. “Cristo”: substantivo grego (*khristós*) que deriva do verbo *khrío*, que significa “ungir”. Cristo é literalmente “o Ungido”. Trata-se de uma helenização do termo “Messias”, de origem hebraica, o qual nunca ocorre em Mateus (aliás, em todo o NT só ocorre duas vezes: João 1,41; 4,25).

1,18 “desposada”: *mnêsteutheísê*, mais propriamente “noiva”.

— “antes que eles tivessem consumado o casamento”: literalmente, “antes que se tivessem juntado” (*prin ê sunelthein autoús*).

— “a partir de um espírito santo”: a ausência de artigo definido no original grego não autoriza a tradução “o espírito santo”. Cf. v. 20; e Lucas 1,15\*; 1,35.

1,19 “expô-la em público”: o verbo *deigmatízô* está relacionado com o substantivo *deigma*, que significa “amostra”. A ideia é “não querendo fazer dela uma amostra [de adultério]”.

— “divorciar-se dela”: segundo a lei judaica expressa em Deuteronômio 22,23-27, o noivado era entendido como um estado legal análogo ao matrimônio, admitindo-se assim como suscetíveis de nesse estado ocorrerem situações que hoje associamos mais especificamente ao casamento: adultério, divórcio e viuvez. A situação da gravidez inexplicável de Maria sugeriria a José a possibilidade de ter ocorrido

“adultério”, em consequência do qual ele, José — como homem “reto” (*díkaios*, “reto, justo, íntegro”, mas também no sentido de legalista cumpridor da lei) —, se sentiria na obrigação legal de se divorciar (note-se que *apolúsai* em 1,19, “divorciar”, é o mesmo termo que será depois usado por Mateus nas palavras que atribui a Jesus a respeito do divórcio em 5,31-32).

— “divorciar-se dela”: segundo a lei judaica expressa em Deuteronômio 22,23-27, o noivado era entendido como um estado legal análogo ao matrimônio, admitindo-se assim como suscetíveis de nesse estado ocorrerem situações que hoje associamos mais especificamente ao casamento: adultério, divórcio e viuvez. A situação da gravidez inexplicável de Maria sugeriria a José a possibilidade de ter ocorrido “adultério”, em consequência do qual ele, José — como homem “reto” (*díkaios*, “reto, justo, íntegro”, mas também no sentido de legalista cumpridor da lei) —, se sentiria na obrigação legal de se divorciar (note-se que *apolúsai* em 1,19, “divorciar”, é o mesmo termo que será depois usado por Mateus nas palavras que atribui a Jesus a respeito do divórcio em 5,31-32).

1,22 “aconteceu”: trata-se do perfeito *gégonen*. Como teremos ocasião de frisar muitas vezes, em grego o perfeito exprime o resultado presente de uma ação passada.

1,25 “e não a conheceu até que ela tivesse dado à luz um filho”: essas palavras são por vezes deturpadas em traduções que seguem um critério doutrinal, de modo a esconder a sugestão latente na formulação da frase em grego de que, após o nascimento de Jesus, José e Maria poderão ter consumado o seu casamento (ver p. 28).

## 2.

### *Os magos; O massacre dos inocentes; A fuga para o Egito; José, Maria e Jesus estabelecem-se em Nazaré.*

<sup>1</sup> Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia no tempo do rei Herodes, eis que uns magos do oriente vieram para Jerusalém, <sup>2</sup> dizendo: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos o seu astro no oriente e viemos para nos prostrarmos diante dele”.

<sup>3</sup> Ao ouvir isso, o rei Herodes ficou agitado e com ele toda a cidade de Jerusalém. <sup>4</sup> Convocando todos os sacerdotes e escribas do povo, informou-se junto deles sobre onde nasceria o Cristo. <sup>5</sup> Ao que eles responderam: “Em Belém da Judeia: pois assim ficou escrito através do profeta:

*<sup>6</sup> E tu, Belém, terra de Judá,  
não és o menor entre os regentes de Judá,  
pois de ti virá o regente,  
que apascentará o meu povo de Israel”.*

<sup>7</sup> Então Herodes, chamando secretamente os magos, certificou-se junto deles qual o momento em que se tornara visível o astro; <sup>8</sup> e, enviando-os para Belém, disse-lhes: “Ide lá e informai-vos com exatidão acerca do menino. Quando o encontrardes, mandai-me dizer, para que também eu me vá prostrar diante dele”.

<sup>9</sup> Tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que o astro, que tinham visto no oriente, os conduziu, até que, chegando [ao seu destino], parou por cima do lugar onde estava o menino. <sup>10</sup> Vendo o astro, os magos sentiram intensamente uma enorme alegria. <sup>11</sup> E entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe; e caindo ao chão, prostraram-se diante dele; e abrindo as suas caixas de tesouros, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

<sup>12</sup> Avisados em sonho de que não deviam regressar para junto de Herodes,



voltaram para a sua terra por outro caminho.

13 Após a partida dos magos, eis que um anjo do Senhor aparece em sonho a José, dizendo: “Levanta-te e pega no menino e na sua mãe e foge para o Egito; e permanece lá até que eu te fale [de novo]. Pois Herodes procura o menino para matá-lo”.

14 José, levantando-se, pegou no menino e na sua mãe e partiu de noite para o Egito, 15 e lá ficou até a morte de Herodes — para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor através do profeta, ao dizer:

*Do Egito chamei o meu filho.*

16 Então Herodes, vendo que os magos tinham feito dele um alvo de chacota, enfureceu-se grandemente; mandou matar todos os meninos de dois anos e mais novos ainda, nascidos em Belém e nos arredores, de acordo com o espaço de tempo sobre o qual se informara com exatidão junto dos magos. 17 Foi então que se cumpriu o que fora dito através do profeta Jeremias, ao dizer:

*18 Uma voz em Ramá foi ouvida:*

*lamentação e choro copioso.*

*Raquel, chorando os seus filhos;*

*e ela não queria deixar-se consolar,*

*porque eles já não vivem.*

19 Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor aparece em sonho a José, 20 dizendo: “Levanta-te e pega no menino e na mãe dele e vai para Israel. Morreram aqueles que procuravam matar o menino”. 21 José, levantando-se, pegou no menino e na mãe dele e foi para a terra de Israel.

22 Tendo ouvido, porém, que Arquelau rege agora a Judeia no lugar do seu pai, Herodes, José teve medo de lá voltar. Avisado em sonho, foi para a região da Galileia, 23 e, tendo lá chegado, foi morar numa cidade chamada Nazaré. Assim se cumpriu o que fora dito através dos profetas: será chamado Nazareno.

---

2, 1 Herodes, *o Grande* (pai de Herodes Antipas, que mandou decapitar João Batista), iniciou o seu reinado em 37 a.C., reinado esse que durou até 4 a.C., o ano da sua morte (e o ano do regresso da Sagrada Família do Egito: é a única data concreta que podemos extrair das narrações respeitantes ao nascimento de Jesus). Significa isso que o nascimento de Jesus — para ter acontecido, segundo nos diz Mateus, durante o reinado de Herodes (o que é confirmado por Lucas 1,5) — teve de ocorrer antes do período que designamos como “era cristã”.

— “magos”: os magos (mais tarde elevados ao estatuto de reis e “batizados” pela imaginação popular com os nomes Melchior, Gaspar e Baltasar) são uma característica única do Evangelho de Mateus. Marco Polo, viajando pela Pérsia em finais do século XIII, julgou encontrar-lhes o túmulo: na seção inicial do seu livro *Il milione*, o viajante veneziano registra a sua admiração perante o excelente estado de conservação dos corpos dos alegados magos, ainda com os cabelos e com as barbas intactas. Seriam esses os magos que, talvez guiados pelo cometa Halley, tinham vindo da Pérsia (?) até Belém adorar o Menino Jesus? O problema é que, ao mesmo tempo que Marco Polo se fascinava com os corpos intactos dos “Reis” magos, as supostas relíquias dos primeiros adoradores de Jesus estavam guardadas num faustoso relicário na Catedral de Colônia. Nada há, em suma, de historicamente verificável que se possa dizer sobre os magos do Evangelho de Mateus: mesmo o seu número não é especificado pelo evangelista; nós falamos tradicionalmente em três magos, mas isso é apenas uma conclusão não ilógica a partir do fato de os presentes oferecidos terem sido em número de três. (Na tradição de algumas Igrejas do cristianismo oriental, acreditava-se que os magos eram doze.)

2, 2 “astro”: uma das explicações mais sugestivas para o “astro” (*astêr*) visto pelos magos no Evangelho de Mateus é que se tratou do cometa Halley, que foi efetivamente avistado no ano 12 a.C., na primeira metade do mês de outubro (assim, se a “estrela de Belém” foi, na verdade, o cometa Halley, podemos saborear a esotérica informação astrológica de que Jesus era de Libra). No entanto, é mais provável que o astro visto pelos magos tenha tido apenas realidade bíblico-profética — e não realidade astronômica. Com efeito, no livro dos Números há uma famosa passagem (24,17) em que ouvimos da boca de Balaão as seguintes palavras (na versão dos LXX): “Um astro surgirá de Jacó e um homem se levantará de Israel”. A expressão referente ao astro de Jacó está plasmada nas palavras gregas *anateleî ástron ex Iakôb*. Não deixa de ser curioso que a frase usada por Mateus quando escreve que os magos viram o astro “no oriente” seja *astêra en têi anatólei*: a palavra de Mateus para “oriente” (*anatólê* — donde vem “Anatólia”) deriva do verbo *anatéllō* usado na versão grega da passagem referida do livro dos Números.

2, 4 “escribas”: o termo *grammateis* é por vezes traduzido por “doutores da lei”, já que, na sociedade judaica, os escribas tinham, de fato, por função (entre outras coisas) estudar de maneira aprofundada a Escritura.

2, 5 “ficou escrito através do profeta”: a forma verbal que traduzo por “ficou escrito” é um perfeito (*gégraptai*), exprimindo assim o resultado presente de uma ação passada. O sentido é “ficou e permanece escrito”. “Através do profeta” respeita a fórmula usada por Mateus e a construção gramatical de *diá* com genitivo, com o sentido “através de”. Em 1,22, temos a expressão “afirmado pelo Senhor através do profeta”. Não é, pois, o profeta que é visto pelo evangelista como autor das palavras que figuram na Escritura, mas sim Deus. O profeta é apenas porta-voz.

2, 6 *E tu, Belém, terra de Judá*: Miqueias 5,1.

2, 10 “os magos sentiram intensamente uma enorme alegria”: literalmente, “alegraram-se com uma grande alegria intensamente”. Mateus usa aqui a figura de estilo chamada “figura etimológica” (também, neste caso, o acusativo de objeto interno: *ekhárêsan kharân megálên sphódra*).

2, 11 “caixas de tesouros”: o termo grego *thêsaurós* designa o recipiente (caixa, arca) em que se guardam objetos valiosos. O incenso e a mirra eram artigos cuja proveniência remota (Arábia, Índia, Etiópia) lhes conferia grande valor. Sobre esses presentes já se construiu, desde Orígenes, todo tipo de simbologias, embora tenha ocorrido também a espíritos mais pragmáticos que o ouro bem podia ter servido para financiar a estada da Sagrada Família no Egito.

2, 13 “aparece”: presente histórico, frequentemente usado por Mateus.

2, 14 *Do Egito chamei o meu filho*: Oseias 11,1.

2, 16 “vendo que os magos tinham feito dele um alvo de chacota”: literalmente, “vendo que fora gozado (ou troçado, zombado: *enepaikhthê*) pelos magos”. No cerne desse verbo que significa “troçar” está a palavra

*pais*, que significa “criança”. Herodes, “infantilizado” pelos magos, vinga-se ao tornar-se infanticida.

2, 20 “Morreram aqueles que procuravam matar o menino”: literalmente, “morreram aqueles que procuravam a vida (*psuchê*) do menino”.

2, 23 A vontade de ancorar a vida de Jesus naquilo a que chamamos (em contexto cristão) o AT é tão forte que o capítulo 2 de Mateus até termina com uma profecia (“será chamado Nazareno”) que nenhum profeta bíblico registra. Claro que, ao longo dos tempos, exegetas e hermeneutas têm se desdobrado no esforço de clarificar o enigma dessa não existente profecia (uma das justificativas aventadas é que poderá estar em causa um elaborado jogo de palavras assente em étimos hebraicos que sugerem uma semelhança auditiva com “Nazareno”). Seja como for, há um fato incontestável: e esse é que, em todo o Antigo Testamento, a cidade de Nazaré nunca é mencionada.

### 3.

## *O batismo de Jesus.*

<sup>1</sup> Naqueles dias chega João, o Batista, anunciando no deserto da Judeia <sup>2</sup> e dizendo: “Mudai de mentalidade, pois ficou próximo o reino dos céus”.

<sup>3</sup> Era João quem fora falado através do profeta Isaías, ao dizer:

*Voz de quem clama no deserto:*

*“Preparai o caminho do Senhor*

*e fazei direitas as suas veredas”.*

<sup>4</sup> Esse João tinha a sua roupa feita de pelos de camelo e uma faixa de couro em volta da sua cintura; o seu alimento era gafanhotos e mel selvagem.

<sup>5</sup> Nessa altura ia ao encontro dele Jerusalém e toda a Judeia e toda a circunvizinhança do Jordão; <sup>6</sup> e eram batizados por ele no rio Jordão, reconhecendo os seus erros.

<sup>7</sup> Vendo muitos dos fariseus e dos saduceus dirigindo-se ao seu batismo, João disse-lhes: “Raça de víboras! Quem vos indicou que fugísseis da fúria que está para vir? <sup>8</sup> Fazei crescer um fruto digno da mudança, <sup>9</sup> e não penseis dizer entre vós ‘temos Abraão como pai’. Pois eu vos digo que Deus é capaz de despertar destas pedras filhos de Abraão. <sup>10</sup> Já o machado está jazente junto à raiz das árvores. Toda a árvore que não der bom fruto será cortada e atirada para o fogo. <sup>11</sup> Eu vos batizo em água, para a mudança. Mas aquele que vem a seguir a mim é mais forte do que eu. Ele, cujas sandálias eu não sou digno de levar! Ele vos batizará num espírito santo e em fogo. <sup>12</sup> Ele, cuja pá de joeirar está já na sua mão! E limpará a sua eira e juntará o seu trigo no celeiro. Mas a palha ele queimará no fogo inextinguível”.

<sup>13</sup> É então que chega Jesus, vindo da Galileia para o Jordão, para junto de João, para ser batizado por ele. <sup>14</sup> Mas João procurava demovê-lo, dizendo: “Eu é que preciso de ser batizado por ti — e és tu que vens ao meu encontro?”.

<sup>15</sup> Em resposta lhe disse Jesus: “Deixa [isso] agora; pois é conveniente que assim cumpramos a formalidade toda”. Então, ele o permite.

16 Depois de batizado, Jesus emergiu logo da água. E eis que se abriram os céus e ele viu o espírito de Deus descendo como uma pomba e vindo por cima dele. 17 E eis uma voz dos céus que diz: “Este é o meu filho amado, no qual eu me agradei”.

---

. O fato de Mateus ter optado (ao contrário de Marcos e de João) por incluir no seu Evangelho um relato do nascimento de Jesus torna ainda mais visível a elipse narrativa entre os capítulos 2 e 3. No final do capítulo 2, estamos no ano em que Herodes, o Grande, morreu: 4 a.C. No início do capítulo 3, Jesus já é adulto e está pronto para iniciar o seu ministério, o que ocorrerá após ter ultrapassado duas etapas: o batismo por João e os quarenta dias de tentação no deserto. João Batista, tal como o próprio Jesus, é uma figura que Mateus “explica” por meio do recurso a passagens da Escritura em que a existência futura de João fora prevista. O v. 3 é muito claro nesse aspecto: em vez de dizer de João que ele cumpre “o que fora dito” (subentende-se “por Deus”) através do profeta (*tò rhêthén*, como lemos por duas vezes no capítulo anterior: cf. 2,15; 2,17), Mateus diz mais enfaticamente que “este é o falado (*hò rhêthéis*) através do profeta Isaías”. No lugar da “coisa falada” em gênero neutro (*tò rhêthén*), temos aqui a personalização direta “este é o falado” através do masculino (*hò rhêthéis*). Para Mateus, é como se através da boca de Isaías (na verdade, do mais tardio Segundo Isaías) Deus tivesse mesmo antevisto, à distância de séculos, a existência de João Batista. A citação de Isaías não é o único elo a ligar João à Escritura hebraica. Em 2 Reis 1,8, fala-se de Elias nos seguintes termos: “Era um homem vestido de peles, que trazia um cinto de couro em volta dos rins”. Em Mateus, Jesus identificará explicitamente João como Elias redivivo em 11,14. (Note-se, no entanto, que no Evangelho de João é o próprio Batista a negar tal identidade; cf. João 1,21.) Apesar da semelhança visual com Elias, notamos sobretudo em João Batista uma sintonia de pensamento (e de linguagem) com Isaías: no Evangelho de João (1,23) será o Batista a dizer de si mesmo que é “a voz daquele que clama no deserto”. Em Mateus, a expressão “raça de víboras” faz pensar em Isaías (14,29). E será porventura para Isaías que remetem as pedras que, despertadas por Deus, se tornariam facilmente filhos de Abraão: com efeito, o Segundo Isaías parece referir-se a Abraão como a rocha da qual se talhou o povo de Israel (Isaías 51,1-2). (A possibilidade de Mateus estar pensando num jogo de palavras assente na semelhança fônica, tanto em hebraico como em aramaico, entre “filhos” e “pedras” é outra das explicações habitualmente expostas para essa passagem.)

Uma novidade trazida por João Batista relativamente aos profetas do passado é a própria noção de um profeta clamando no meio do deserto. Os profetas do Antigo Testamento tendiam a escolher lugares públicos para clamar em voz alta. Era normal Deus exigir deles comportamentos exibicionistas de modo a chamar a atenção do povo para a sua mensagem. O próprio Isaías fora obrigado por Deus a andar nu em público durante três anos, para assim chamar sobre si todas as atenções (Isaías 20,2-3). Lembremos as palavras ditas por Deus a Jonas: “Levanta-te e vai a Nínive, à grande cidade e apregoa nela o que Eu te ordenar” (Jonas 3,2). João Batista, pelo contrário, decerto condicionado pela necessidade de cumprir a frase de Isaías sobre a voz de quem grita no deserto, escolhe apregoar no meio do descampado (assim corporalizando, no presente, a voz cuja existência futura Isaías projetara). Isso leva à situação algo invertida de ser a cidade a vir ao deserto ouvir o profeta, em vez de ser o profeta a entrar na cidade (mesmo que a contragosto, como Jonas), para lá transmitir a mensagem de Deus.

3, 1 “chega”: presente (*paragígnetai*). É o verbo que Mateus empregara para designar a chegada dos magos; e é o verbo que nos apresenta pela primeira vez Jesus adulto, em 3,13.

— “anunciando”: trata-se do particípio presente ativo de *kêrússô*, que significa “anunciar”. A palavra *kêrux* significa “arauto”: assim, é admissível que o sentido deste v. 1 seja algo como “por aqueles dias (literalmente ‘naqueles dias’) chega João, o Batista, fazendo de arauto [de Deus] no deserto”.

3, 2 “Mudai de mentalidade”: usado cinco vezes por Mateus, duas vezes por Marcos e quinze vezes no conjunto da obra de Lucas, o verbo *metanoôô* (ligado ao substantivo *metánoia*, v. 8\*) junta o sentido literal “mudar de mentalidade” ao sentido moral “arrepender-se” (essa segunda acepção é claríssima nas doze ocorrências do verbo no livro do Apocalipse, mas encontramos-la também em Mateus e Lucas; e ainda em 2 Coríntios 12,21, a única vez em que o verbo é usado por Paulo). No cerne da palavra está o vocábulo *nous* (“mente”): daí o fato de a essência da ideia estar ancorada na mudança mental (de que o arrependimento é sintoma).

— “ficou próximo” corresponde ao grego *êngiken*, forma do perfeito do verbo *engízô*: o perfeito em grego é um tempo verbal que transmite o resultado presente de uma ação passada; por isso, o reino dos céus ficou agora mais próximo devido a um processo de aproximação que já vem de trás. Essa mensagem anunciada por João ouvi-la-emos também da boca do próprio Jesus, no capítulo seguinte (4,17). A circunstância de encontrarmos as palavras de João Batista repetidas *ipsis verbis* por Jesus aponta para um fato evidente que ressalta da comparação entre as duas figuras: patenteiam claramente características comuns. Ambos provocam a animadversão a fariseus e saduceus (também Jesus chamará aos fariseus “raça de víboras” em 12,34 e 23,33); ambos são vistos, por quem os observa de fora, como profetas; ambos morrem como se fossem criminosos, vítimas da injustiça humana. No entanto, uma característica que eles não partilham é a prática do batismo. Em Mateus, Marcos e Lucas, Jesus não desenvolve nenhuma atividade batismal: deixa-se batizar por João (rejeitando a proposta deste de que devia ser Jesus a batizá-lo), mas não pratica ativamente o batismo dos seus discípulos (ou de outros). Por outro lado, o Evangelho de João diz que Jesus não batizava pessoalmente (João 4,2), embora os seus discípulos não só o fizessem como conseguissem uma contabilidade de batismos superior à de João Batista (4,1).

3, 3 *Voz de quem clama no deserto*: Isaías 40,3.

3, 8 “mudança”: em grego *metánoia*, literalmente “mudança mental”, “mudança de pensamento”. Cf. v. 2\*.

3, 11 “cujas sandálias eu não sou digno de levar”. O verbo *bastázô* significa “levar” (no sentido de “transportar”), embora nesta passagem se tenha visto o ato de descalçar. João está dizendo de si próprio que, perante a superioridade de Jesus, ele (João) nem merece o estatuto rebaixado do escravo incumbido de levar para fora do aposento o calçado sujo do seu amo.

— “Ele vos batizará num espírito santo e em fogo”: ver Lucas 3,16\*.

3, 15 “Então, ele o permite”: esta expressão suscita muitas dúvidas. O verbo *aphiêmi*, aqui na terceira pessoa do singular do presente do indicativo e assim construído com acusativo, permite os seguintes sentidos para esta frase: (i) “então ele o manda embora”; (ii) “então ele o liberta”; “então ele o larga”. Se imaginássemos aqui a construção implícita com oração infinitiva (tendo então o *autón* a função de sujeito da oração em que poderíamos subentender o infinitivo *baptisthênai*), o sentido seria “então ele (João) permite que ele (Jesus) seja batizado”. A palavra que aqui se traduz por “formalidade” é *diakaíosinê*, que neste contexto não significa “justiça”, mas sim um formalismo a ser cumprido (um dos sentidos mais antigos de *dikê*, presente em Homero, é “costume”). Só Mateus, dos quatro evangelistas, relata essa troca de palavras entre Jesus e João, troca essa a que parece subjazer a consciência, por parte de João, da falta de lógica inerente à situação. Para João, faria mais sentido que fosse Jesus a batizá-lo.

3, 16 A forma como Mateus narra o que imediatamente se seguiu à imersão de Jesus no Jordão difere dos relatos que encontramos nos outros evangelistas. Em Marcos, por exemplo, diz-se explicitamente que Jesus viu (*eiden*) os céus rasgarem-se (*skhizoménous*) e que viu também a pomba (Marcos 1,10). Em Mateus, como em Lucas (3,21), os céus não se rasgam: abrem-se; mas nenhum desses dois evangelistas mostra Jesus vendo

tal fenômeno. Em Mateus (mas não em Lucas) Jesus viu (*eiden*) a pomba descendo. Mas contrariamente ao que sucede em Marcos e Lucas, em Mateus a voz dos céus (“do céu” em Lucas) não fala diretamente para Jesus. Em vez de dizer (como em Marcos e Lucas) “tu és o meu filho amado, em ti eu me agradei”, a voz em Mateus parece falar antes para os circunstantes, declarando: “Este é o meu filho amado, no qual eu me agradei”.

## 4.

### *Jesus tentado no deserto; Início do ministério de Jesus; Chamamento dos primeiros discípulos; Jesus taumaturgo.*

<sup>1</sup> Então Jesus foi levado pelo espírito a subir ao deserto para ser tentado pelo diabo. <sup>2</sup> E tendo jejuado durante quarenta dias e quarenta noites, por fim sentiu fome. <sup>3</sup> E o tentador, aproximando-se, chegou e disse-lhe: “Se és filho de Deus, diz para que estas pedras se transformem em pães”.

<sup>4</sup> Jesus, respondendo, disse: “Ficou escrito: *não é com base em pão só que viverá o ser humano, mas com base em toda a palavra saída através da boca de Deus*”.

<sup>5</sup> Então o diabo leva-o à cidade santa e coloca-o sobre o pináculo do templo <sup>6</sup> e diz-lhe: “Se és filho de Deus, atira-te lá para baixo. Pois ficou escrito que *aos seus anjos dará ordens a teu respeito e nas mãos eles te levantarão, para que não firas contra uma pedra o teu pé*”.

<sup>7</sup> Disse-lhe Jesus: “[Respondo-te] novamente: ficou escrito que *não tentarás o Senhor teu Deus*”.

<sup>8</sup> Leva-o outra vez o diabo para uma montanha muito alta e mostra-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles. <sup>9</sup> E disse-lhe: “Dar-te-ei todas estas coisas se caíres ao chão e te prostrares diante de mim”.

<sup>10</sup> Então lhe disse Jesus: “Vai-te, Satanás! Pois ficou escrito: *prostrar-te-ás à frente do Senhor teu Deus e a Ele só tu servirás*”.

<sup>11</sup> Então o diabo deixa-o. E eis que vieram anjos e serviam-no.

<sup>12</sup> Tendo Jesus ouvido que João fora traído, partiu em direção à Galileia. <sup>13</sup> E deixando Nazaré, foi viver em Cafarnaum, à beira-mar, na região de Zabulão e Neftali <sup>14</sup> para que se cumprisse o que fora dito através do profeta Isaías, ao dizer:



15 *Terra de Zabulão e terra de Neftali,  
caminho do mar, para lá do Jordão,  
Galileia dos gentios;*

16 *o povo que se sentava na escuridão  
viu uma grande luz;  
e para os que estavam sentados na região e nas trevas da morte  
uma luz amanheceu.*

17 A partir desse momento, Jesus começou a anunciar e a dizer: “Mudai de mentalidade, pois ficou mais próximo o reino dos céus”.

18 Caminhando ele junto do mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, o irmão dele, lançando uma rede ao mar. Pois eram pescadores.

19 E Jesus disse-lhes: “Vinde atrás de mim e farei de vós pescadores de seres humanos”.

20 Eles, de imediato largando as redes, seguiram-no. 21 E caminhando em frente dali, viu mais dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, no barco com Zebedeu, o pai deles, consertando as suas redes; e chamou-os. 22 Eles, deixando de imediato o barco e o pai deles, seguiram-no.

23 E Jesus andou por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles e anunciando a boa-nova do reino e curando todas as doenças e todas as enfermidades do povo.

24 E a fama dele espalhou-se dali até a Síria. E trouxeram-lhe todos aqueles que sofriam de várias doenças; e aflitos com dores torturantes; e possessos por demônios; e lunáticos e parálíticos — e ele curou-os.

25 E seguiam-no multidões numerosas vindas da Galileia e da Decápole e de Jerusalém e da Judeia e de localidades além do Jordão.

---

. Este capítulo divide-se em duas partes: a primeira narra-nos as tentações a que Jesus foi sujeito no deserto; a segunda mostra-nos o arranque do ministério de Jesus, com o chamamento dos primeiros discípulos e os primeiros atos milagrosos que o revelam como taumaturgo, capaz de curar todas as doenças e de exorcizar demônios. A imagem de Jesus como exorcista é típica dos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), mas não há nenhum episódio narrado no Evangelho de João que nos apresente Jesus a exercer essa atividade.

4, 1 “levado pelo espírito a subir” corresponde ao aoristo passivo (*anèkhthê*) do verbo *anágô*. Essa subida tem primacialmente sentido topográfico (já que antes Jesus se encontrava junto do rio Jordão); no entanto,

como a subida é impelida pelo espírito, isso por si só lhe confere um significado espiritual.

4, 4 *não é com base em pão só*: O sentido dessa citação do livro de Deuteronômio (8,3) na versão grega dos LXX assenta no entendimento da preposição *epí* construída com dativo, que significa “em cima de”. “Não em cima de pão só viverá o homem, mas em cima de cada palavra (ou frase) saída através da boca de Deus” explicita a base sobre a qual deve assentar a vida humana: não deve assentar só numa base material, mas sobretudo numa base espiritual. Note-se, ainda, que na passagem bíblica, na expressão “pão só”, a palavra “só” não é um advérbio no original, mas sim um adjetivo a concordar com “pão”.

4, 6 *aos seus anjos dará ordens a teu respeito*: Salmo 91,11.

4, 7 Deuteronômio 6,16.

4, 10 Deuteronômio 6,13.

4, 11 Expressiva aqui a sucessão de tempos verbais: presente histórico (“deixa-o”: *aphíêsin*), aoristo (“vieram”: *prosêlthon*) e imperfeito (“serviam”: *diêkónoun*). No episódio correspondente no Evangelho de Lucas (4,1-13), faltam os anjos como empregados de mesa (literalmente “diáconos”, do verbo *diakonéō*, “servir à mesa”).

4, 12 “João fora traído”: que a prisão do Batista por Herodes Antipas decorreu de um ato de traição é fato implícito na forma verbal *paredóthê*, o aoristo passado do verbo *paradídōmi*, “trair”. A traição pode ser vista como prenúncio do que acontecerá ao próprio Jesus: o verbo usado para a traição do Batista é o mesmo que será utilizado mais tarde para a traição de Jesus por Judas (ver, por exemplo, 27,3).

4, 16 Isaías 8,23; 9,1.

4, 18 “Simão, chamado Pedro”: contrariamente aos outros evangelistas, Mateus não explicita que o nome Pedro foi dado por Jesus. Cf. 16,18\*.

4, 24 Os “demonizados” (*daimonizómēnoi*) surgem aos nossos olhos de hoje como sofrendores de distúrbios do foro psiquiátrico e que, na sociedade em que Jesus os vai encontrar, são pessoas ostracizadas devido à incompreensibilidade e inconveniência dos seus distúrbios mentais. O que Jesus consegue acima de tudo com os seus exorcismos é reintegrar essas pessoas no meio social que as rejeitara. Os “lunáticos” (em grego *selênizómēnoi*, a partir da palavra grega para “Lua”, *selênē*) não serão propriamente “aluados”, mas antes (e de forma mais específica) epiléticos, já que se acreditava em nível popular que a Lua (em particular a Lua cheia) influi nos ataques de epilepsia.

4, 25 “multidões numerosas vindas da Galileia e da Decápole”: a Decápole era o conjunto de dez cidades na região que tinham em comum a língua e a cultura gregas. Eram elas: Gerasa, Citópolis, Hipo, Gádara, Pela, Filadélfia (hoje Amã, na Jordânia), Díon (hoje Beit Ras, na Jordânia), Canata, Rafana e Damasco.

## 5.

### *O sermão na montanha.*

1 Vendo as multidões, Jesus subiu à montanha e, sentando-se, vieram encontrá-lo os seus discípulos. 2 E abrindo a sua boca, ensinou-os, dizendo:

3 “Bem-aventurados os mendigos pelo espírito,  
porque deles é o reino dos céus.

4 Bem-aventurados os que estão de luto,  
porque eles serão reconfortados.

5 Bem-aventurados os gentis,  
porque eles herdarão a terra.

6 Bem-aventurados os esfomeados e os sedentos de justiça,  
porque eles serão saciados.

7 Bem-aventurados os misericordiosos,  
porque eles serão alvo de misericórdia.

8 Bem-aventurados os puros pelo coração,  
porque eles verão Deus.

9 Bem-aventurados os que fazem a paz,  
porque eles serão chamados filhos de Deus.

10 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça,  
porque deles é o reino dos céus.

11 Bem-aventurados sois vós  
quando vos insultarem e perseguirem e disserem, mentindo, toda a maldade a vosso respeito por minha causa. 12 Alegrai-vos e regozijai-vos, porque a vossa recompensa nos céus [é] grande. Pois do mesmo modo perseguiram os profetas antes de vós.

13 Vós sois o sal da terra. Mas se o sal se tornar insípido, com que se salgará? Já não serve de nada: só para ser jogado fora e pisado pelos homens.

14 Vós sois a luz do mundo. A cidade situada na montanha não pode ser escondida. 15 Nem [as pessoas] acendem uma candeia e a colocam debaixo do

alqueire, mas sim em cima do candelabro — e brilha para todos os que estão dentro da casa. <sup>16</sup> Que assim brilhe a vossa luz diante das pessoas, para que elas vejam as vossas belas ações e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.

<sup>17</sup> Não julgueis que vim para anular a lei ou os profetas. Não vim para anular, mas sim para cumprir. <sup>18</sup> Pois amém vos digo: até que passe o céu e a terra, não passará um iota ou um pontinho da lei, até que todas as coisas aconteçam. <sup>19</sup> Aquele que afrouxar um dos mais insignificantes desses preceitos, e assim ensinar as pessoas, será chamado o mais insignificante no reino dos céus. Quem, por outro lado, os praticar e os ensinar, este grande será chamado no reino dos céus.

<sup>20</sup> Pois vos digo que, a não ser que a vossa justiça exceda a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.

<sup>21</sup> Ouvistes que foi dito aos antigos: *não matarás*. Quem matar estará sujeito a julgamento. <sup>22</sup> Eu vos digo que todo o que se zanga com o seu irmão estará sujeito a julgamento. Quem disser ao seu irmão ‘*raká!*’ estará sujeito ao sinédrio. Quem lhe disser ‘tolo!’ estará sujeito a ir para a geena do fogo. <sup>23</sup> Ao levares o teu dom sobre o altar e aí te lembrares que o teu irmão tem algo contra ti, <sup>24</sup> deixa lá o teu dom diante do altar e vai-te embora: primeiro reconcilia-te com o teu irmão e depois volta e oferece o teu dom. <sup>25</sup> Sê bem-intencionado com o teu adversário, enquanto fores com ele no caminho, não vá o adversário entregar-te ao juiz; e o juiz, ao oficial; e serás atirado para a prisão. <sup>26</sup> Amém te digo: não sairás de lá, até que pagues a última moeda.

<sup>27</sup> Ouvistes que foi dito: *não cometerás adultério*. <sup>28</sup> Mas eu vos digo que todo aquele que olha para uma mulher com a intenção de a desejar já cometeu adultério com ela no seu coração. <sup>29</sup> Se o teu olho direito te escandaliza, arranca-o e atira-o para longe de ti. Pois é-te benéfico que pereça um dos teus membros e que não seja o teu corpo inteiro atirado para a geena. <sup>30</sup> E se a tua mão direita te escandaliza, corta-a e atira-a para longe de ti. Pois é-te benéfico que pereça um dos teus membros e que não vá o teu corpo inteiro para a geena.

<sup>31</sup> Foi dito: *quem divorciar a sua mulher, que lhe dê carta de divórcio*. <sup>32</sup> Mas eu vos digo que todo aquele que se divorcia da sua mulher, a não ser em caso de promiscuidade, faz dela uma adúltera; e quem casar com uma divorciada comete adultério.

<sup>33</sup> Ouvistes que foi dito aos antigos: *não perjurarás, mas restituirás ao Senhor os*

*teus juramentos.* 34 Mas eu vos digo: não jureis de todo. Nem pelo céu, porque é trono de Deus; 35 nem pela terra, que é estrado dos seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei; 36 nem jures pela tua cabeça, porque tu não consegues fazer um único cabelo branco ou preto. 37 Seja a vossa palavra ‘sim, sim’, ‘não, não’. O que [for] além dessas coisas é do iníquo.

38 Ouvistes que foi dito: *olho por olho e dente por dente.* 39 Mas eu vos digo que não vos oponhais a quem vos faz mal. [A] quem te bater na face direita, vira-lhe também a outra. 40 E a quem quiser pôr-te em tribunal para te tirar a tua capa, cede-lhe também a túnica. 41 E quem te forçar a andar uma milha, vai com ele duas. 42 Dá a quem te pedir e não vires as costas àquele que te quer pedir emprestado.

43 Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. 44 Mas eu vos digo: amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, 45 para vos tornardes filhos do Pai vosso, do que está nos céus, porque ele faz nascer o sol para maus e bons e chover em cima dos justos e dos injustos. 46 Se amais aqueles que vos amam, que compensação tendes [nisso]? Os cobradores de impostos não fazem o mesmo? 47 E se cumprimentais apenas os vossos irmãos, que fazeis de excepcional? Os pagãos não fazem o mesmo? 48 Pois vós sereis realizados, tal como realizado é o vosso pai celeste.”

---

5, 1 “discípulos” (*mathêtai*): aqueles que Jesus chamara no capítulo anterior surgem agora sob essa nova identidade, sem nenhum esclarecimento sobre como efetuaram a transição de pescadores a discípulos.

5, 3 “mendigos pelo espírito”: a palavra grega *ptôkhós* significa de forma inequívoca “mendigo”. Por isso, serve no AT grego (LXX) para traduzir a palavra hebraica *ebyon* (“mendigo”, “pedinte”). O fato de a mesma palavra *ptôkhós* ter sido utilizada para traduzir também o hebraico *oní* (“pobre”, “dependente”) no AT grego justifica, no entender de alguns, a opção de se traduzir sempre *ptôkhós* por “pobre” no NT; mas, a meu ver, a palavra retém claramente a sua identidade semântica no texto dos Evangelhos e por isso opto, na presente tradução, por respeitar o seu verdadeiro sentido. Note-se que o Jesus de Lucas (6,20) diz apenas “bem-aventurados os mendigos”, mas o de Mateus acrescenta a extraordinária precisão “pelo espírito” (*tôi pneúmati*). O caso em que se encontra “pelo espírito” é o dativo (exprimindo a ideia de mendigos *por ação* do espírito) e a presença do artigo definido é relevante (daí a tradução proposta “pelo espírito”, já que “pelo” incorpora o artigo definido). O sentido é “bem-aventurados os que são levados pelo espírito a serem mendigos”. Essa mendicância, que o Jesus de Mateus considera bem-aventurada, é de natureza espiritual. Os pedintes a quem se promete aqui o reino dos céus são aqueles cuja mendicância interior radica num sentimento íntimo de carência: são aqueles que anseiam por receber justamente palavras como aquelas que Jesus profere nos capítulos 5, 6 e 7 de Mateus.

5, 5 “Bem-aventurados os gentis”: esses *praeis* são aqueles que mostram gentileza amistosa e não exercem violência sobre outrem; o sentido do adjetivo *praios* aplicado a pessoas é bem claro em grego. Aplicado a animais (cavalos etc.), significa “manso”. O étimo indo-europeu desse adjetivo liga-o ao sânscrito e à antiga palavra germânica para amor (*frijon* em gótico), da qual deriva a palavra alemã para amigo (*Freund*), assim como a inglesa (*friend*).

5, 8 “puros pelo coração”: a lógica do dativo “pelo coração” (*têi kardíai*) é análoga à que determina o dativo de “pelo espírito” no v. 3.

5, 13 “se o sal se tornar insípido”: literalmente, “se o sal se tornar imbecil”. O verbo *môrainô* deriva do substantivo *môrós*, que significa “imbecil” — de onde vem a palavra inglesa *moron*.

5, 14 “Vós sois a luz do mundo”: em nenhum outro Evangelho Jesus faz tal afirmação. No Evangelho de João (8,12), o que ele diz é “eu sou a luz do mundo”.

5, 18 “amém vos digo”: a primeira de 31 frases em Mateus que começam assim com “amém” (*amên*), palavra semítica com o sentido “verdadeiramente”, que surge de forma característica na boca de Jesus (treze vezes em Marcos, seis em Lucas, 25 em João). Não sendo uma palavra que ocorra frequentemente no AT na versão dos LXX, podemos ver na sua retenção no texto grego dos Evangelhos uma vontade de colorir as palavras gregas de Jesus com uma palavra hebraica/ aramaica que tipicamente lhe era própria — e por isso, como referi antes (p. 44), a retenho na tradução.

— “iota”: a mais simples das letras gregas (= I). O “pontinho” é literalmente um corno (*keráia*), mas o termo podia referir-se a um sinal diacrítico (já tinham inventado os acentos no tempo dos evangelistas).

— “até que todas as coisas aconteçam”: que coisas são essas que Jesus prevê que acontecerão? A destruição do templo de Jerusalém (que aconteceu no ano 70)? A sua própria morte e ressurreição, acontecimentos que, carregados de profundo sentido escatológico, trariam no seu enalço a obsolescência da lei judaica? Na altura em que Mateus escreveu, a frase podia, de fato, referir-se prospectivamente (na boca de Jesus) e retrospectivamente (na pena de Mateus) a qualquer um desses acontecimentos.

5, 19 “afrouxar”: literalmente, “soltar” (*luô*). Note-se o contraste entre o superlativo “mais insignificante” (*elákhistos*) e o grau normal do adjetivo em “grande” (*mégas*).

5, 20 “exceda”: o verbo *perisseuô* refere-se a algo que está em excesso e significa literalmente “transbordar”.

5, 21 *não matarás*: Êxodo 20,13.

5, 22 “*raká!*”: palavra insultuosa que surge no texto de Mateus em aramaico e cujo sentido é algo como “cabeça oca”. O sínédrio (*Sanhedrin*) era o tribunal judaico supremo, com sede em Jerusalém.

— “tolo!”: trata-se da palavra grega *môrós*, referida acima a propósito de 5,13.

— “geena”: palavra derivada do hebraico *gê hinnom* (“vale dos filhos de Hinnom”). Esse vale nas imediações de Jerusalém já fora antevisto por Jeremias (19,6-7) como local do julgamento divino. Das doze vezes em que a palavra geena aparece no NT, sete ocorrem em Mateus.

5, 26 “última moeda”: *kodrantês*, em latim *quadrans*. A menor moeda do sistema monetário romano.

5, 27 *não cometerás adultério*: Êxodo 20,14.

5, 29 “escandaliza”: o verbo grego *skandalízô* significa literalmente “tropeçar”. O escândalo é, ao pé da letra, um empecilho.

5, 30 Tem sido muito debatido se as automutilações aqui sancionadas por Jesus devem ser tomadas ao pé da letra, como condenação intransigente da concupiscência. Na mentalidade judaica e, mais propriamente, rabínica, a masturbação era merecedora da pena de morte: “Quem emite sêmen em vão merece morrer” (Talmude Babilônico, *Niddah* 13).

5, 31 *quem divorciar a sua mulher*: Deuteronômio 24,1.

5, 32 “a não ser em caso de promiscuidade”: Mateus é o único evangelista que põe na boca de Jesus essa ressalva justificativa do divórcio; Marcos (10,11) e Lucas (16,18) não registram essa exceção (e João não

aborda o tema do divórcio no seu Evangelho). A palavra usada por Mateus para “promiscuidade” é *porneia* (em que vemos a ligação etimológica a “pornografia”), que significa literalmente “prostituição”.

5, 33 *não perjurarás*: Levítico 19,12.

— *restituirás*: do verbo *apodídōmi*, “restituir”, “dar de volta”. O sentido é de se dar efetivamente a Deus aquilo que se jurou dar-lhe.

5, 37 “do iníquo”: não é claro o sentido que se deve dar à expressão *ek tou ponerou*, mas não é impossível que se trate de uma alusão ao diabo.

5, 38 *olho por olho*: Êxodo 21,24; Levítico 24,20.

5, 41 “quem te forçar a andar”: o verbo *angareúō* tem a ver com o substantivo *ángaros*, palavra de origem persa que designava uma função antepassada da dos carteiros atuais.

5, 43 *amarás o teu próximo*: Levítico 19,18.

5, 44 “amai os vossos inimigos”: a novidade absoluta da mensagem de Jesus e o preciso contrário do sistema de valores do mundo greco-latino (bem sintetizado no v. 522 da tragédia *Antígona* de Sófocles: “um inimigo, mesmo morto, nunca pode ser amigo”).

5, 46 “compensação”: a palavra grega é *misthós*, que significa “salário” e, por isso, sugere num primeiro momento compensação monetária.

5, 48 “sereis realizados”: compreendermos o sentido da injunção de sermos *téleioi* (“sede perfeitos”, como habitualmente se lê nas traduções da Bíblia; mas o tempo verbal em grego é o futuro) implica percebermos a própria palavra grega, que assenta no substantivo *télos*. Ora, *télos* não significa “perfeição”; significa “consumação, cumprimento, realização”. Portanto, o que Jesus está a dizer na frase “sereis *téleioi*, como é *téleios* vosso Pai celeste” é rigorosamente isto: “sereis consumados, cumpridos, realizados”. (Diga-se de passagem que a aplicação aqui da palavra *téleios* a Deus não deixa de exercer certo fascínio sobre o leitor helenista, dado que Ésquilo, *Agamémnon* 973, e Píndaro, *Olímpica XIII*, 115, aplicam a mesma palavra a Zeus.)

## 6.

### *O sermão na montanha (continuação).*

<sup>1</sup> “Tende o cuidado de não praticar as vossas boas ações à frente das pessoas para serdes vistos por elas. Se assim não for, não tendes recompensa da parte do vosso Pai que está nos céus. <sup>2</sup> Quando praticares a dádiva de esmolas, não mandes tocar trombetas à tua frente como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiados pelas pessoas. Amém vos digo: têm [nisso] a sua recompensa. <sup>3</sup> Ao dares esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a direita, <sup>4</sup> para que fique a tua esmola em segredo. E o teu Pai, que vê no que está escondido, recompensar-te-á.

<sup>5</sup> Quando orardes, não sereis como os hipócritas, que gostam (tanto nas sinagogas como nos lugares públicos) de orar de pé, para que sejam vistos pelas pessoas. Amém vos digo: têm [nisso] a sua recompensa. <sup>6</sup> Tu, quando rezares, vai para o teu quarto e, fechando a porta, ora ao teu Pai em segredo. E o teu Pai, que vê no que está escondido, recompensar-te-á.

<sup>7</sup> Quando orardes, não tagareleis como os pagãos, convencidos de que na verborreia deles serão escutados. <sup>8</sup> Não vos assemelheis a eles. O vosso Pai sabe aquilo de que precisais antes de vós O instardes.

<sup>9</sup> Rezai então assim:

Pai nosso nos céus,  
seja santificado o Teu nome.

<sup>10</sup> Venha o Teu reino,  
faça-se a Tua vontade;  
assim como no céu, também [assim] na terra.

<sup>11</sup> Dá-nos já hoje o nosso pão de amanhã.

<sup>12</sup> E perdoa-nos as nossas dívidas,  
tal como nós perdoamos aos nossos devedores;

<sup>13</sup> e não nos leves para sermos postos à prova,



mas livra-nos do iníquo.

14 Pois se perdoardes às pessoas os seus passos em falso, também vos perdoará o Pai vosso, o celeste. 15 Se não perdoardes às pessoas, também o vosso Pai vos não perdoará os vossos passos em falso.

16 Quando jejuardes, não sejais como os hipócritas [que põem] cara de caso; fazem desaparecer os rostos para aparecerem às pessoas como estando a jejuar. Amém vos digo: têm [nisso] a sua recompensa. 17 Quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto, 18 para que não pareças às pessoas que jejuas, mas sim ao teu Pai que está no [lugar] escondido. E o teu Pai, que vê no que está escondido, recompensar-te-á.

19 Não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a traça e a deterioração [os] fazem desaparecer e onde os ladrões assaltam e roubam. 20 Acumulai, antes, para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a deterioração [os] fazem desaparecer e onde os ladrões nem assaltam nem roubam. 21 Lá onde está o teu tesouro, lá estará também o teu coração.

22 A candeia do corpo é o olho. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo será luminoso. 23 Se o teu olho for iníquo, todo o teu corpo será sombrio. Se a luz que há em ti é escuridão: quanta, a escuridão!

24 Ninguém pode ser escravo de dois senhores. Ou odiará um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. Não podeis servir como escravos a Deus e ao dinheiro.

25 Por isto vos digo: não vos preocupeis a respeito da vossa vida sobre o que comereis ou bebereis, nem a respeito do vosso corpo sobre o que vestireis. Não é a vida mais do que comida? Não é o corpo mais do que roupa? 26 Olhai para as aves do céu: é que elas não semeiam nem ceifam nem recolhem para os celeiros. E o vosso Pai, o celeste, alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas?

27 Quem de vós, pelo fato de estar preocupado [com isso], consegue aumentar um côvado à duração da sua vida? 28 E preocupai-vos com roupa? Examinai de perto os lírios do campo como crescem! Não trabalham nem fiam. 29 Digo-vos que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles. 30 Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, gente de pouca fé! 31 Não vos preocupeis, dizendo: ‘que comeremos?’ ou ‘que beberemos?’ ou ‘que vestiremos?’. 32 Todas essas coisas os

pagãos procuram. Sabe o Pai vosso, o celeste, que tendes necessidade dessas coisas todas. <sup>33</sup> Procurai, antes, primeiro o reino de Deus e a justiça d'Ele; e todas essas coisas vos serão dadas. <sup>34</sup> Não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã preocupar-se-á consigo mesmo. Basta ao dia [de hoje] o mal que lhe pertence.”

---

6, 1 “boas ações”: literalmente, *dikaiousínê*, o cumprimento da *dikê*.

6, 2 “têm [nisso] a sua recompensa”: esta utilização do verbo *apékho* no sentido “ser suficiente, chegar” é muito própria do NT. Vê-se bem em Marcos 14,41, na forma impessoal *apékhei*, com o sentido “basta, é suficiente, já chega”. Neste capítulo de Mateus, a ideia sugerida parece ser a seguinte: os que encenam a sua religiosidade para serem vistos pelos outros já recebem recompensa suficiente no fato de terem conseguido o seu objetivo através do próprio ato de darem nas vistas.

6, 9 “rezai”: ao que tudo indica, imperativo presente (embora a forma seja idêntica à da segunda pessoa do plural do presente do indicativo). Da oração que se segue, o chamado “Pai-Nosso”, encontramos outra versão em Lucas (11,2-4), bastante mais sintética (a de Mateus conta 58 palavras em grego; a de Lucas, 38). De fundamental importância nessa oração são as formas de imperativo. O grego distingue entre um imperativo de ação continuada (o imperativo presente) e o imperativo de ação imediata (o imperativo aoristo). Todos os imperativos do “Pai-Nosso” na versão de Mateus são aoristos (portanto de ação imediata), à exceção do imperativo “rezai”, que é presente — o que confere ao seu sentido uma ideia de intemporalidade: “rezai assim sempre, doravante”.

6, 11 “dá-nos já hoje o nosso pão de amanhã”: este versículo coloca famosos problemas de interpretação. O ponto nevrálgico está no adjetivo que traduzo por “de amanhã”: *epiúsios*. Trata-se de um adjetivo que é raríssimo em grego e, por esse motivo, é difícil determinar ao certo o seu sentido. A sua derivação mais evidente é do verbo *épeimi*, que, usado com referência ao tempo, exprime a ideia de um tempo “seguinte”: por isso, o particípio desse verbo é utilizado, justamente, para designar “o dia seguinte” (não só em autores clássicos, nomeadamente Platão, como em Atos dos Apóstolos 16,11). No AT na versão dos LXX, encontramos uma construção idêntica do mesmo verbo para “o dia de amanhã” (Provérbios 27,1). Esse pão *episousios* como pão “de amanhã” (literalmente crástico) é pedido já (imperativo de ação imediata: *dós*) para hoje. Em Lucas (11,4) encontramos o mesmo “pão de amanhã”, que, no entanto, é pedido cada dia, mediante um imperativo de ação continuada (*dídou*).

6, 13 “sermos postos à prova”: o substantivo *peirasmós* (aqui sem artigo) significa literalmente “prova”, pois deriva do verbo *peirázô*, “testar”, “pôr à prova”. Assim, o sentido das palavras gregas poderia ser “não nos leves para uma situação em que sejamos postos à prova”. Entra aqui, de alguma forma, a realidade vivida pelos primeiros cristãos nessas palavras porventura retrospectivamente projetadas pelo evangelista como prospectivamente ditas por Jesus.

— “livra-nos do iníquo”: visto estar em genitivo, o gênero de *toû ponêroû* tanto pode ser masculino como neutro; portanto, seria também possível a tradução “livra-nos daquilo [que é] iníquo”.

6, 14 “passos em falso”: sentido exato de *paráptōma*, do verbo *parapíptō*, literalmente “cair ao lado”, “cair em falso”.

6, 19 “deterioração”: exemplo curioso de uma palavra (*brôsis*) que tem no NT um sentido diferente do que tem em grego clássico, em que significa “carne”, “alimento”. Aqui os tesouros terrenos à mercê das traças e

da deterioração são como que indiretamente assemelhados a algo que, como a carne, não faz nenhum sentido guardar, já que os tesouros terrenos, como a carne, estão sujeitos à decomposição.

6, 22 “Se o teu olho for simples”: o adjetivo *haploús* significa “simples”, por oposição a “duplo”, mas também “simples” por oposição a “dúplice”: simples no sentido de franco, límpido, verdadeiro, autêntico, inadulterado. É nessa acepção que o substantivo equivalente *haplótês* é usado no AT (Sabedoria 1,1 LXX). O modo “simples” de olhar o mundo fomenta, pois, a luz interior; ao passo que olhá-lo com iniquidade cria (quanta) escuridão.

6, 24 “dinheiro”: *Mamônâs*, divindade oriental, personificação do dinheiro e do culto idólatra por ele suscitado.

6, 26 “Olhai”: imperativo aoristo (de ação imediata), “olhai agora!”.

6, 28 “Examinai de perto”: *katamáthete*, imperativo aoristo de *katamanthánô*, “examinar de perto, aprender aprofundadamente”. Sobre as atividades de que os lírios do campo estão isentos, há a possibilidade de o texto original de Mateus ter contemplado “cardar” (em vez de “trabalhar”). Os pormenores da discussão podem ler-se em J. E. Powell, “Those ‘Lilies of the Field’ Again”, *Journal of Theological Studies* 33, 1982, pp. 490-2.

## 7.

### *O sermão na montanha (conclusão).*

<sup>1</sup> “Não julgueis, para que não sejais julgados. <sup>2</sup> Pois pela sentença com que julgardes sereis julgados; e pela medida com que medirdes sereis medidos. <sup>3</sup> Por que miras o cisco no olho do teu irmão e não te dás conta da trave que está no teu? <sup>4</sup> Ou como dirás ao teu irmão: ‘Deixa que eu te tire o cisco do olho?’ E eis a trave no teu próprio olho. <sup>5</sup> Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás melhor para tirares o cisco do olho do teu irmão.

<sup>6</sup> Não deis o que é sagrado aos cães nem atireis as vossas pérolas à frente dos porcos, para que [os porcos] não as pisem com os seus chispes e [os cães] não se virem para vos dilacerar.

<sup>7</sup> Pedi e ser-vos-á dado; procurai e encontrareis; batei [à porta] e ela ser-vos-á aberta. <sup>8</sup> Pois todo aquele que pede, recebe; e quem procura, encontra; e a quem bater [à porta], ela ser-lhe-á aberta. <sup>9</sup> Ou será que existe alguém entre vós, a quem o filho vai pedir pão: [esse pai] não lhe dará uma pedra, não? <sup>10</sup> E se lhe vai pedir um peixe: não lhe dará uma cobra, não? <sup>11</sup> Se vós, sendo iníquos, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai, o nos céus, dará coisas boas àqueles que lhe pedem.

<sup>12</sup> Tudo quanto quiserdes que vos façam as pessoas, assim fazei vós a elas. Pois esta é a lei e os profetas.

<sup>13</sup> Entrai pelo portão estreito. Porque largo é o portão e amplo o caminho que leva à destruição; e muitos são os que entram através dele. <sup>14</sup> Como é estreito o portão e apertado o caminho que leva à vida! E são poucos os que o encontram.

<sup>15</sup> Tende cuidado com os falsos profetas, eles que se aproximam de vós vestidos como ovelhas, mas por dentro são lobos rapaces. <sup>16</sup> A partir dos seus frutos os conhecereis. [As pessoas] não colhem uvas dos espinhos nem figos dos abrolhos, não? <sup>17</sup> Assim toda a árvore boa dá belos frutos, ao passo que a árvore podre dá frutos estragados. <sup>18</sup> Não pode uma árvore boa dar frutos estragados, nem pode

uma árvore podre dar belos frutos. <sup>19</sup> Toda a árvore que não dá um belo fruto será cortada e atirada para o fogo. <sup>20</sup> A partir dos seus frutos os conhecereis.

<sup>21</sup> Não é todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ que entrará no reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade do meu Pai, o que [está] nos céus. <sup>22</sup> Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor! Não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome expulsamos demônios e em teu nome operamos muitos milagres?’. <sup>23</sup> E então dir-lhes-ei que ‘nunca vos conheci: *afastai-vos de mim, ó praticantes da iniquidade*’.

<sup>24</sup> Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática será assemelhado a um homem sensato, que construiu a sua casa em cima da rocha. <sup>25</sup> E caiu a chuva e vieram os rios e sopraram os ventos e desabaram contra aquela casa, mas ela não ruiu, pois tinha sido fundada sobre a rocha. <sup>26</sup> E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as põe em prática será assemelhado ao homem imbecil, que construiu a sua casa sobre a areia. <sup>27</sup> E caiu a chuva e vieram os rios e sopraram os ventos e embateram contra aquela casa; ela ruiu e grande foi a sua ruína.”

<sup>28</sup> E aconteceu que, quando Jesus terminou essas palavras, as multidões se espantaram com o seu ensinamento. <sup>29</sup> Pois ele os ensinara como tendo autoridade — e não como os escribas deles.

---

7, 1 Essa injunção de não julgarmos os outros deve ser colocada em confronto com a promessa escatológica dada mais à frente por Jesus aos doze de que julgarão, sentados sobre os seus doze tronos, as doze tribos de Israel (Mateus 19,28).

7, 3 “cisco”: a palavra *kárpchos* significa “palhinha”, “raminho”, “pauzinho seco”. A trave (*dokós*) é um termo antigo, que já é usado por Homero com referência à arquitetura do palácio de Ulisses em Ítaca (*Odisseia* 22, 176).

7, 6 “pérolas”: a palavra grega para pérola (ao que parece de origem persa) é *margarítês*. (Não obstante ser masculina em grego, é dela que deriva o nome Margarida.)

7, 10 Nestes dois versículos não é fácil respeitar a utilização por parte do evangelista de *mê* como advérbio interrogativo pressupondo uma resposta negativa, razão pela qual todas as traduções que conheço alteram a estrutura da frase (à exceção da Vulgata latina, que tenta dar conta deste *mê* por meio do advérbio *numquid*). A passagem correspondente em Lucas (11,11-12) está redigida num grego bem mais límpido (Lucas omite, no entanto, o pão e a pedra, acrescentando, por outro lado, um ovo e um escorpião).

7, 12 A chamada Regra de Ouro é transversal a várias religiões: há formulações linguísticas análogas à frase de Mateus no hinduísmo, budismo, islamismo *etc.* O surpreendente aqui (porque ausente na passagem correspondente de Lucas 6,31) é Jesus afirmar que nela se resume toda a Escritura hebraica (lei + profetas).

Sobre esse tema escreveu Paul Ricoeur um famoso ensaio: “The Golden Rule: Exegetical and Theological Perplexities”, *New Testament Studies* 36, 1990, pp. 392-7.

7, 13 Esse portão (*púlê*) não é (pelo menos na sua materialidade lexical) a porta (*thúra*) de que fala o Evangelho de João (10, 1-10).

7, 14 O *tí* exclamativo (que não é usado no grego clássico nem no restante NT) antecipa aqui uma maneira de falar típica do grego moderno.

7, 15 “falsos profetas”: literalmente “pseudoprofetias” (*pseudoprophetaí*).

7, 17 “árvore boa [...] belos frutos”: à árvore é aplicado o adjetivo *agathós*; aos frutos, *kalós*.

— “árvore podre”: Mateus e Lucas (6,43) usam nesse contexto o adjetivo *sapros*, que significa de forma bem expressiva “podre”, “pútrido”, “rançoso”.

7, 21 Chegados a esse ponto do texto de Mateus, reparamos que ainda ninguém neste Evangelho se dirigiu a Jesus como Senhor (*Kúrios*). Isso começa a acontecer a partir do capítulo 8, o que dá ao presente momento do texto um cunho muito significativo enquanto ponto de viragem na percepção da pessoa de Jesus.

7, 23 Na versão dos LXX do Salmo 6,9 (aqui citada por Mateus com ligeiros desvios), a palavra para “iniquidade” é *anomía*, literalmente “ausência de lei” (já que *nómos* significa “lei”). Mas a ideia fundamental não é “lei” em sentido legalista, mas “lei” no que toca ao seu verdadeiro espírito, já que em 23,28 os escribas e os fariseus (supremos legalistas) são acusados de *anomía*; e a mesma *anomía* é referida como levando ao esfriamento do amor (*agápê*) em 24,12. (No texto hebraico do salmo, em que em grego está *anomía*, lê-se *awen*, palavra habitualmente traduzida por “iniquidade”).

7, 24 “será assemelhado”: o uso do passivo futuro (*homoiôthêsetai*) chama a atenção, pois na passagem correspondente em Lucas (6,48) lemos simplesmente “é semelhante” (*hómoiós estin*). Lucas omite qualquer referência à “sensatez” do construtor da casa, sensatez essa explicitada por Mateus.

7, 25 “tinha sido fundada”: mais-que-perfeito do verbo *themelióō*, que significa “alicerçar”, “colocar os fundamentos”, derivado da palavra para “alicerces” (*thémela*), que já aparece na *Iliada*. A Carta aos Efésios (3,17) fala dos cristãos em cujo coração Cristo habita como “alicerçados” no amor (*en agápê* [...]) *tethemeliôménoi*).

7, 26 “imbecil”: sobre *môros*, cf. Mateus 5,13\*.

7, 29 “autoridade”: *exousía*. Trata-se de uma referência à autoridade de Jesus, concepção fundamental neste Evangelho. A palavra *exousía* deriva da forma verbal impessoal *éxesti*, que significa “é lícito”, “é permitido”.

## 8.

*Jesus cura vários doentes; O  
discípulo que quer primeiro  
sepultar o pai antes de seguir  
Jesus; Jesus acalma a  
tempestade; Os possessos e a  
vara de porcos.*

1 Descendo Jesus da montanha, seguiam-no numerosas multidões. 2 E eis que um leproso, aproximando-se, se prostra diante dele, dizendo: “Senhor, se quiseres podes curar-me”. 3 E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: “Quero, fica curado”. E de imediato ficou curada a lepra. 4 E Jesus diz-lhe: “Vê que não digas a ninguém, mas vai-te embora e mostra-te ao sacerdote e oferece o dom que Moisés preceituou, como testemunho para eles”.

5 Entrando Jesus em Cafarnaum, aproximou-se dele um centurião chamando por ele 6 e dizendo: “Senhor, o meu rapaz está de cama em casa, paralisado e terrivelmente torturado [com dores]”. 7 E Jesus diz-lhe: “Eu vou [contigo] e curá-lo-ei”. 8 E respondendo-lhe disse o centurião: “Senhor, não sou [de dignidade] suficiente para que entres debaixo do meu teto, mas fala apenas por palavra e será curado o meu rapaz. 9 Pois também eu sou alguém debaixo de autoridade, tendo soldados sob o meu comando; e digo a um ‘vai’ — e ele vai. E digo a outro ‘vem’ — e ele vem. E digo ao meu escravo ‘faz isto’ — e ele faz”.

10 Tendo Jesus ouvido [essas palavras], admirou-se e disse aos que o seguiam: “Amém vos digo: uma fé tamanha não encontrei junto de ninguém em Israel. 11 Digo-vos que muitos do oriente e do ocidente virão e reclinar-se-ão à mesa com Abraão e Isaac e Jacó no reino dos céus, 12 mas os filhos do reino serão lançados para a escuridão — a que fica lá fora. Aí existirá choro e ranger de dentes”. 13 E Jesus disse ao centurião: “Vai, aconteça-te como acreditaste”. E o rapaz ficou curado naquela hora.

14 E entrando em casa de Pedro, Jesus viu a sogra dele deitada e com muita febre. 15 E tocou na mão dela; e logo a febre a deixou. E ela levantou-se e começou a servi-lo.

16 Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos possessos por demônios. E Jesus expulsou os espíritos por meio da palavra e curou todos os que estavam passando mal, 17 para que se cumprisse o que fora dito através de Isaías, o profeta, ao dizer:

*Ele próprio tomou as nossas enfermidades  
e as doenças ele carregou.*

18 Vendo Jesus as numerosas multidões à sua volta, ordenou que passassem à outra margem. 19 E aproximando-se um escriba, disse-lhe: “Mestre, seguir-te-ei para onde tu fores”. 20 E Jesus diz-lhe: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho da Humanidade não tem onde reclinar a cabeça”. 21 Outro dos discípulos disse-lhe: “Senhor, deixa-me primeiro ir sepultar o meu pai”. 22 Porém Jesus respondeu-lhe: “Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos”.

23 E subindo ele para o barco, seguiram-no os seus discípulos. 24 E eis que surgiu uma grande agitação no mar, de tal forma que o barco ficou escondido pelas ondas. Porém o próprio Jesus dormia. 25 E [os discípulos] foram acordá-lo, dizendo: “Senhor, salva[-nos]! Estamos morrendo!”. 26 E ele diz-lhes: “Por que sois medrosos, homens de pouca fé?”. Levantando-se então, repreendeu os ventos e o mar; e sobreveio uma grande acalmia. 27 Os discípulos espantaram-se, dizendo: “De onde vem ele? Porque até os ventos e o mar lhe obedecem”.

28 E chegando ele à outra margem, à região dos gádaros, vieram ao encontro dele dois possessos por demônios, saídos do meio dos túmulos; eram muito inabordáveis, de tal forma que ninguém se atrevia a passar por aquele caminho. 29 E eis que gritavam, dizendo: “O que [há de comum] para nós e para ti, filho de Deus? Vieste aqui antes do tempo para nos torturares?”. 30 Havia a alguma distância deles uma vara de muitos porcos, que por ali estava a ser apascentada. 31 Os demônios chamaram por ele, dizendo: “Se nos expulsares, manda-nos para a vara de porcos”. 32 E Jesus disse-lhes: “Ide”. E os demônios, saindo, entraram nos porcos. E eis que toda a vara se despenhou do rochedo para dentro do mar e afogou-se nas águas. 33 Os [porqueiros] que os apascentavam fugiram; e entrando na cidade anunciaram tudo o que acontecera a respeito dos possessos. 34



E eis que toda a cidade saiu ao encontro de Jesus; vendo-o, pediram-lhe que se retirasse para longe das suas regiões.

---

8,1 “numerosas multidões”: literalmente, *ókhloi polloí*. Mateus (como Lucas, por exemplo 5,15) gosta de empregar a palavra “multidão” (*ókhlos*) no plural e enfatizar-lhe o sentido através do uso pleonástico-hiperbólico de *polús* (“muito”, “numeroso”).

8, 2 “se prostra diante dele”: a seguir aos magos, o leproso é a primeira pessoa neste Evangelho a prostrar-se diante de Jesus. O ato da prostração (*proskúnêsis*) e o verbo que descreve o gesto (*proskunéō*) transmitem a ideia do rebaixamento de quem se prostra (só diante Deus o devemos fazer: cf. Mateus 4,10). O verbo na sua forma não composta (*kunéō*) significa “beijar” (e talvez por isso a prostração oriental diante de reis implicasse beijar-lhes os pés). O étimo grego KY aqui presente está etimologicamente relacionado com as palavras para “beijo” em inglês (*kiss*) e alemão (*Kuss*).

— “podes curar-me”: a concepção bíblica da cura de um leproso assenta na ideia de purificação — daí a utilização do verbo *katharízō*, “purificar” (já no Levítico 14,4, na versão grega dos LXX). Note-se, no entanto, que a palavra grega *lépra* não designava só aquilo que, em rigor, entendemos hoje pelo termo, mas usava-se também na designação generalista de várias outras doenças do foro dermatológico. No entanto, o substrato bíblico das palavras do leproso vai mais fundo, uma vez que o tecido linguístico (conjuntivo do verbo *thélō* com *án* ao lado de uma forma do verbo *dúnamai*) remete para Sabedoria 12,18 (LXX). Nessa passagem do AT, diz-se de Deus que o que Ele quer, Ele pode. Dir-se-ia que o leproso — que se dirige a Jesus com o vocativo “Senhor!” (*Kúrie*) — tem superior consciência do que está a dizer.

8, 4 “para eles”: não é claro a quem se refere a expressão “a eles” (*autoís*), mas presumivelmente subentende-se “as pessoas”, “o povo”. A palavra “testemunho” (*martúrian*) relacionada com a cura da lepra remete de novo para o AT (cf. Levítico 14,11, 23, LXX).

8, 6 “rapaz”: a palavra *país* pode significar “rapaz” ou “escravo”. Como na passagem correspondente de Lucas (7,2) lemos *doúlos*, inequivocamente “escravo”, é nessa acepção que porventura devemos entender aqui a palavra.

— “torturado”: trata-se aqui do particípio presente passivo de *basanízō*, que significa “torturar”. O verbo não estará aqui por acaso, dado que, legalmente, só os escravos (e não as pessoas de condição livre) é que podiam ser torturados em contexto judicial.

8, 8 “fala apenas por palavra”: na frase grega (*mónon eipé lógōi*), *mónon* tem valor adverbial e não concorda com *lógos* (“palavra”), que está em dativo (com valor instrumental). Portanto, o texto não pode significar “diz uma só palavra”. O que o centurião está a dizer a Jesus é que basta verbalizar a cura para que ela aconteça; não é preciso Jesus ir à casa dele e curar o rapaz presencialmente.

8, 10 “fê”: é a primeira vez que, no presente Evangelho, Jesus fala deste fundamental conceito (*pístis*).

8, 12 “os filhos do reino”: esses *huioi tês basileías* seriam os presumíveis herdeiros do “reino”, portanto os judeus, cuja animosidade em relação a Jesus (parte integrante da narração evangélica) é aqui prefigurada.

8, 13 “aconteça-te como acreditaste” (*hós epísteusas genêthêto soi*): frase muito difícil de traduzir ao pé da letra, mas Lutero chegou lá bem perto: “*dir geschehe, wie du geglaubt hast*”.

8, 15 A sogra de Pedro no Evangelho de Mateus é mais exclusivista do que em Marcos (1,31) ou em Lucas (4,39), em que ela não serve só Jesus, mas serve também os outros.

8, 16 “por meio da palavra”: dativo instrumental (*lógōi*).

8, 17 *enfermidades*: a palavra utilizada é *asthénéia*, “astenia”, que significa falta de força (*sthénos*: “força”).

Citação de Isaías 53,4.

8, 28 -**34** A versão de Mateus do episódio dos possessos de Gádara não é tão absurda do ponto de vista geográfico como as de Marcos (5,1-20) e de Lucas (8,26-39), ambos fracos geógrafos, decerto por desconhecimento (cf. Marcos 5,13\*). Note-se que Mateus duplica o número de possessos: em Marcos e Lucas, trata-se de um possesso apenas.

## 9.

*Jesus cura um parálítico; O  
chamamento de Mateus;  
Jesus ressuscita uma menina  
que acabara de morrer; Jesus  
cura vários doentes; A  
compaixão de Jesus perante os  
sofrimentos da multidão.*

<sup>1</sup> E subindo para o barco, Jesus atravessou e chegou à sua cidade.

<sup>2</sup> E eis que lhe trouxeram um parálítico deitado num leito. E vendo Jesus a fé deles, disse ao parálítico: “Anima-te, filho. Estão perdoados os teus pecados”. <sup>3</sup> E eis que alguns dos escribas disseram entre eles: “Este [homem] blasfema”. <sup>4</sup> E vendo Jesus os pensamentos deles, disse: “Por que razão pensais iniquidades nos vossos corações? <sup>5</sup> O que é mais fácil? Dizer: ‘Estão perdoados os teus pecados’? Ou dizer: ‘Levanta-te e anda’? <sup>6</sup> Para que saibais que o Filho da Humanidade tem autoridade na terra para perdoar os pecados” — diz então ao parálítico — “levanta-te, pega no teu leito e vai para tua casa”. <sup>7</sup> E levantando-se, foi para a sua casa. <sup>8</sup> As multidões, vendo [isso], tiveram medo e glorificaram Deus, que dá uma tal autoridade aos seres humanos.

<sup>9</sup> E passando Jesus por ali, viu alguém chamado Mateus sentado à mesa da cobrança de impostos; e diz-lhe: “Segue-me”. E [Mateus], levantando-se, foi atrás dele.

<sup>10</sup> E aconteceu que, estando Jesus reclinado a jantar na casa [de Mateus], eis que tinham vindo muitos cobradores de impostos e pecadores e jantavam com ele e com os seus discípulos. <sup>11</sup> E os fariseus, vendo [isso], disseram aos discípulos dele: “Por que razão come o vosso mestre com cobradores de impostos e com pecadores?”. <sup>12</sup> Jesus, porém, ouviu e disse: “Os saudáveis não têm necessidade de um médico, mas sim os doentes. <sup>13</sup> Mas ide e aprendei o que é isto: *quero*

*misericórdia e não sacrifício*. Não vim chamar os justos, mas sim os pecadores”.

14 Então chegaram ao pé dele os discípulos de João [Batista], dizendo: “Por que razão é que nós e os fariseus jejuamos frequentemente, mas os teus discípulos não jejuam?”. 15 E disse-lhes Jesus: “Os convidados do noivo não podem estar de luto enquanto o noivo estiver com eles, não? Chegarão dias em que o noivo lhes terá sido tirado: então jejuarão. 16 Ninguém acrescenta um remendo de pano novo numa roupa velha: porque o remendo puxa parte do tecido e o rasgo fica pior. 17 Também não jogam vinho novo em odres velhos. Senão, rompem-se os odres, derrama-se o vinho e danificam-se os odres. Mas jogam o vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam”.

18 Dizendo-lhes ele essas coisas, eis que chega um chefe [da sinagoga] e prostra-se diante dele, dizendo: “A minha filha acaba de morrer. Mas vem e põe a tua mão em cima dela e viverá”. 19 E Jesus levantou-se e seguiu-o, assim como os seus discípulos. 20 E eis que uma mulher, que há doze anos sofria de um fluxo de sangue, chegou atrás dele e tocou na bainha do seu manto. 21 Dizia ela para si própria: “Se eu ao menos tocar no manto dele serei salva”. 22 Jesus, por seu lado, virou-se e, vendo-a, disse: “Anima-te, filha. A tua fé salvou-te”. E a mulher ficou curada a partir daquela hora. 23 E chegando Jesus à casa do chefe, e vendo os tocadores de flauta e a multidão alvoroçada, 24 disse: “Ide-vos embora. A menina não morreu, mas está dormindo”. E eles zombaram dele. 25 Depois de a multidão ter sido expulsa, entrou e pegou na mão dela; e a menina levantou-se. 26 E espalhou-se essa fama por toda aquela terra. 27 E atrás de Jesus, que de lá saía, vieram dois cegos, clamando e dizendo: “Tem pena de nós, filho de Davi!”. Tendo ele entrado para dentro de casa, aproximaram-se dele os cegos; e Jesus diz-lhes: “Acreditais que consigo fazer isso?”. Eles dizem-lhe: “Sim, Senhor”. 28 Então tocou-lhes nos olhos, dizendo: “Aconteça-vos segundo a vossa fé”. 29 E abriram-se os olhos deles. E Jesus falou-lhes em tom irritado, dizendo: “Vede que ninguém saiba”. 30 Mas eles saíram e divulgaram a sua fama em toda aquela terra.

31 Estando eles a sair, eis que lhe trouxeram um mudo possesso por um demônio. 32 Expulsado o demônio, o mudo falou. E as multidões espantaram-se, dizendo: “Nunca apareceu algo assim em Israel”. 33 Os fariseus, porém, diziam: “É [apoiado] no príncipe dos demônios que ele expulsa demônios”.

34 E Jesus deu a volta a todas as cidades e aldeias, ensinando nas suas sinagogas e anunciando a boa-nova do reino e curando toda a doença e toda a enfermidade. 35 Vendo as multidões, condeu-se daquelas pessoas, porque estavam feridas e prostradas *como ovelhas sem pastor*. 36 Então disse aos seus discípulos: “A colheita é muita, mas os trabalhadores são poucos. 37 Pedi, pois, ao senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita”.

---

9, 4 “vendo [...] os pensamentos”: alguns manuscritos do Evangelho de Mateus têm, em vez de “vendo” (*idôn*), “sabendo” (*eidôs*), compatibilizando assim melhor o texto com as passagens correspondentes de Marcos (2,8) e Lucas (5,22). No entanto, a edição crítica aqui seguida opta por “vendo”, dando desse modo expressividade à noção de que Jesus “vê” para lá daquilo que está à vista.

9,9 “Mateus”: não há indicação alguma no texto de Mateus que identifique esse novo apóstolo, ex-cobrador de impostos, como o autor do Evangelho.

9, 13 *quero misericórdia e não sacrifício*: Oseias 6,6.

9, 15 “lhes terá sido tirado”: literalmente, “lhes foi tirado” (indicativo aoristo passivo de *apaíró*).

9, 18 “chefe [da sinagoga]”: essa informação é dada nas passagens correspondentes de Marcos (5,22) e Lucas (8,41). Lucas registra o nome do homem: Jairo.

9, 24 “menina”: a palavra aqui utilizada é *korásion*, cronologicamente (em termos de história da língua grega) no meio do caminho entre a palavra antiga *kórê* e a palavra do grego moderno *korítsi*.

9, 29 “falou-lhes em tom irritado”: a utilização aqui do verbo *embrimáomai* (“falar em tom irado”), tendo como referência a voz de Jesus, levar-nos-ia a pensar na ligação etimológica entre o radical do verbo (BRI) e o adjetivo para “grave” (*barús*; cf. “barítono”), o que sugeriria a ideia de que o timbre da voz de Jesus era, justamente, grave. No entanto, o emprego do verbo em Marcos 14,15 (denotando a indignação e a rispidez dos discípulos perante o desperdício do frasco de perfume da mulher de Betânia) obriga a manter o sentido habitual do verbo em grego clássico (patente também nos LXX), que é “indignar-se, irritar-se” (literalmente, “resfolegar de irritação”). Aqui, o tom irritado com que Jesus fala aos cegos justificar-se-á, porventura, pelo fato de, com a sua superior presciência, ele saber de antemão que a sua ordem não será acatada pelos miraculados. Cf. João 11,33\*.

9, 35 “condeu-se”: literalmente, “sentiu uma dor visceral” (*esplankhnístḗ*), já que a palavra para “vísceras” é *splánkhnā*. Esse verbo *splankhnízomai* (que curiosamente nunca é usado por João) é empregado onze vezes nos Evangelhos sinópticos e refere-se sempre ou diretamente a Jesus (Mateus 9,36, 14,14, 15,32, 20,34; Marcos 1,41, 6,34, 8,2; Lucas 7,13) ou a personagens das parábolas de Jesus que são como que alter egos do Cristo de misericórdia (o rei que perdoa a dívida de valor astronômico do escravo em Mateus 18,27; o Bom Samaritano em Lucas 10,33; ou o pai do Filho Pródigo em Lucas 15,20). Sobre a questão da compaixão “visceral” de Jesus, recordo aqui os versos finais de um belo poema do sacerdote redentorista padre Rui Santiago: “São os gritos dos Teus filhos/ que te revolvem as entranhas, *num poder infinito de Te compadeceres e viveres conosco* o que não aguentaríamos sozinhos”.

— “feridas e prostradas”: a forma que traduzo por “aflitas” é o particípio perfeito passivo de *skúllō* que significa “dilacerar”, “rasgar” (de onde o nome do monstro marinho na *Odisseia* de Homero, Cila, vizinha de Caribdis). Quanto a “prostradas”, traduz o particípio perfeito passivo de *rhíptō*, “atirar violentamente” (como em “atirar aos cães”: cf. Sófocles, *Ájax* 830). Portanto, o sentido literalmente é algo como “atiradas [ao

chão]”.

— *como ovelhas sem pastor*: Números 27,17.

## 10.

### *A eleição dos doze; Antevisão das perseguições futuras; Jesus ensina que não se deve temer nada.*

<sup>1</sup> E tendo Jesus chamado os seus doze discípulos, deu-lhes autoridade para expulsarem espíritos impuros e curar toda a doença e toda a enfermidade. <sup>2</sup> São estes os nomes dos doze apóstolos: primeiro, Simão, chamado Pedro, e o irmão dele, André; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; <sup>3</sup> Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o cobrador de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; <sup>4</sup> Simão, o Cananeu, e Judas, o Iscariote que também foi quem o traiu.

<sup>5</sup> Esses foram os doze que Jesus enviou, instruindo-os com estas palavras:

“Não sigais pelo caminho dos gentios e não entreis em cidade de samaritanos. <sup>6</sup> Dirigi-vos de preferência às ovelhas perdidas da casa de Israel. <sup>7</sup> Ao seguirdes caminho, anunciai dizendo que ‘ficou próximo o reino dos céus!’. <sup>8</sup> Curai os doentes, despertai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça oferecei. <sup>9</sup> Não adquirais ouro nem prata nem cobre para [pôr] nos vossos cintos; <sup>10</sup> não leveis alforje para o caminho nem duas túnicas nem sandálias nem bastão. O trabalhador é digno do seu alimento. <sup>11</sup> Na cidade na qual entrardes, lá procurai quem nessa cidade é digno. E lá permanecerei até que saiais. <sup>12</sup> Ao entrardes numa casa, saudai-a. <sup>13</sup> Se ela for digna, que a vossa paz venha sobre ela. Se ela for indigna, que a vossa paz volte para vós. <sup>14</sup> E quem não vos receber nem quiser ouvir as vossas palavras, saindo para fora da casa e daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. <sup>15</sup> Amém vos digo: será mais tolerável para a terra de Sodoma e de Gomorra no dia do julgamento do que para aquela cidade.

<sup>16</sup> Eis que vos envio como ovelhas no meio dos lobos. Sede, pois, perspicazes como as serpentes e cândidos como as pombas. <sup>17</sup> Precavei-vos das pessoas:

entregar-vos-ão ao sinédrio, e nas sinagogas deles vos darão chicotadas. 18 Perante governadores e reis sereis trazidos por minha causa como testemunho para eles e para os pagãos. 19 Quando vos entregarem, não vos preocupeis sobre como ou sobre o que falar: ser-vos-á dado naquela hora o que dizer. 20 Não sois vós a falar mas sim o espírito do vosso Pai a falar em vós. 21 Um irmão entregará à morte um seu irmão e um pai [entregará] um filho. E filhos insurgir-se-ão contra pais e farão com que eles sejam mortos. 22 E sereis odiados por todos por causa do meu nome. Mas quem perseverar até o fim, esse salvar-se-á. 23 Quando vos perseguirem nesta cidade, fugi para a outra. Pois amém vos digo: não tereis acabado [de visitar] as cidades de Israel antes que venha o Filho da Humanidade.

24 Um discípulo não está acima do mestre nem um escravo está acima do seu amo. 25 Que baste ao discípulo tornar-se como o seu mestre e que o escravo [se torne] como o seu amo. Se chamaram ao dono da casa Belzebu, quanto mais [não chamarão] aos criados dele.

26 Não tendes medo deles. Nada há de escondido que não será revelado; e nada [há] de secreto que não será conhecido. 27 Aquilo que vos digo na escuridão, dizei-o vós na luz. E o que vos for dito ao ouvido, proclamai-o de cima das casas. 28 Não temais aqueles que matam o corpo, pois a alma eles não podem matar. Temei mais quem possa destruir o corpo e a alma na geena. 29 Dois pardais não são vendidos por uma moeda? E um deles não cairá por terra sem [ser por intermédio] do vosso Pai. 30 Até os cabelos todos da vossa cabeça estão contados. 31 Por isso não temais: tendes valor superior ao de muitos pardais.

32 Todo aquele que me reconhecer diante dos homens, também eu o reconhecerei diante do meu Pai, o [que está] nos céus. 33 Mas quem me renunciar diante dos homens, renunciá-lo-ei também eu diante do meu Pai, o [que está] nos céus.

34 Não penseis que vim para lançar paz sobre a terra. Não vim para lançar paz, mas sim uma espada. 35 Vim para separar uma pessoa do seu pai e uma filha da sua mãe e uma nora da sua sogra, 36 e os inimigos de cada um [são] os que vivem em sua casa. 37 Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E quem ama filho ou filha acima de mim não é digno de mim. 38 E aquele que não pega na sua cruz e [não] segue atrás de mim, esse não é digno de mim.



39 Quem encontrou a sua vida irá perdê-la e quem perdeu a sua vida por minha causa irá encontrá-la.

40 Quem vos receber recebe a mim; e quem me recebe está recebendo quem me enviou. 41 Quem recebe um profeta em nome de um profeta receberá a recompensa do profeta; e quem recebe uma pessoa justa em nome de uma pessoa justa receberá a recompensa da pessoa justa. 42 E quem der uma taça de água fresca para beber a um desses pequeninos em nome de [ser meu] discípulo, amém vos digo: não perderá a sua recompensa.”

---

10, 2 “apóstolos”: trata-se da única ocorrência desse termo no Evangelho de Mateus. Cf. Marcos 3,14\*.

10,2-3 Os nomes dos doze apóstolos coincidem (ainda que não na ordem) com a lista de Marcos (3,16-19) e Lucas (6,14-16), mas falta nas listas dos Evangelhos sinópticos o Natanael referido no capítulo 1 de João.

10, 5 “instruindo-os com estas palavras”: literalmente, “instruindo-os dizendo”.

10, 10 “O trabalhador é digno do seu alimento”: Lucas (10,7) escreve uma formulação mais progressista desta frase: “O trabalhador é digno do seu salário”.

10, 15 “mais tolerável”: de novo, Lutero encontrou uma correspondência perfeita em *erträglicher* para *anektóteron*.

10, 16 “Sede, pois, perspicazes como as serpentes e cândidos como as pombas.” O adjetivo que aqui traduzo como “perspicaz” é *phrónimos*, aplicado (no superlativo) à serpente do Jardim do Éden no Gênesis 3,1 (LXX). A ingenuidade da pomba é mencionada por Oseias 7,11, mas o adjetivo aqui traduzido por “cândidos” significa ao pé da letra “inadulterados” (*akéraiōi*). Ver a utilização do mesmo adjetivo em Filipenses 2,15. Sobre a passagem no seu todo, escrevi alguns pensamentos em *O livro aberto: Leituras da Bíblia* (Cotovia, 2015), pp. 114-5.

10, 28 “geena”: cf. Mateus 5,22\*.

10, 34 “Não penseis que vim para lançar paz sobre a terra”: note-se a ausência de artigo em “paz” e a sua presença em “terra”.

10, 38 “aquele que não pega na sua cruz”: por muito que se queira argumentar que o Jesus histórico poderia ter dito essa frase e que “o texto não indica especificamente que Jesus deve ser entendido como carregando uma cruz” (Nolland, p. 442), é quase impossível não aceitar que se trata aqui de uma retroprojeção daquilo que era sabido na altura em que foi escrito o Evangelho de Marcos (cf. Marcos 8,34), seguido por Lucas (cf. Lucas 9,23; 14,27) e Mateus (cf. ainda 16,24).

10, 42 “pequeninos”: no original, *mikroi*.

## 11.

### *Jesus elogia João Batista; A falta de fé; A revelação escondida dos sábios e inteligentes.*

<sup>1</sup> E aconteceu que, depois de Jesus ter instruído os seus doze discípulos, seguiu dali para ensinar e pregar nas cidades deles.

<sup>2</sup> João [Batista], por seu lado, tendo ouvido falar na prisão dos feitos do Cristo, enviou recado através dos seus discípulos <sup>3</sup> e disse-lhe: “Tu és o que vem, ou devemos esperar outro?”. <sup>4</sup> E Jesus, respondendo, disse-lhes: “Ide e anunciai a João todas as coisas que ouvís e vedes: <sup>5</sup> *cegos veem* e coxos andam; leprosos estão curados e *surdos ouvem*; e mortos ressuscitam e mendigos são destinatários da boa-nova. <sup>6</sup> E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar comigo”.

<sup>7</sup> Tendo estes partido, Jesus começou a falar às multidões acerca de João: “Saístes para o deserto para ver o quê? Uma cana sacudida pelo vento? <sup>8</sup> Mas saístes para ver o quê? Alguém vestido com roupas finas? Os que vestem roupas finas estão nos palácios dos reis. <sup>9</sup> Mas saístes para ver o quê? Um profeta? Digo-vos, sim, que ele é mais do que um profeta. <sup>10</sup> Este é aquele sobre quem ficou escrito: *eis que eu envio o mensageiro à tua frente, ele que preparará o teu caminho antes de ti*. <sup>11</sup> Amém vos digo: entre nascidos de mulheres não surgiu ninguém maior do que João, o Batista. Porém, o menor no reino dos céus é maior do que ele. <sup>12</sup> Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus mostra a sua pujança e os fortes estão a agarrá-lo. <sup>13</sup> Todos os profetas e a lei até João profetizaram. <sup>14</sup> Se quereis acolher [esta afirmação]: ele é Elias, que está para vir. <sup>15</sup> Quem tem ouvidos que ouça.

<sup>16</sup> A que [realidade] assemelharei esta geração atual? É semelhante às crianças sentadas nas praças públicas que, falando umas para as outras, <sup>17</sup> dizem: “Tocamos flauta para vós e não dançastes; cantamos um treno e não vos

lamentastes”. 18 Veio João não comendo nem bebendo — e dizem: ‘Tem um demônio’. 19 Veio o Filho da Humanidade comendo e bebendo — e dizem: ‘Eis um comilão e um bêbado, amigo de cobradores de impostos e de pecadores’. E a sabedoria foi comprovada na sua justiça pelas suas próprias ações”.

20 Então começou a repreender as cidades em que aconteceu a maior parte dos seus milagres, porque elas não se arrependeram. 21 “Ai de ti, Corazaim! Ai de ti, Betsaida! Pois se em Tiro e na Sidônia acontecessem os milagres que aconteceram em vós, há muito que se teriam arrependido, vestindo-se com saco e com cinza. 22 Digo-vos que em Tiro e na Sidônia será mais tolerável no dia do julgamento do que em vós. 23 E tu, Cafarnaum, não é que queres ser elevada ao céu? Até o inferno cairás. Porque se em Sodoma tivessem acontecido os milagres que aconteceram em ti, teria permanecido até hoje. 24 Digo-vos que em terra de Sodoma será mais tolerável no dia do julgamento do que em ti.”

25 Respondendo naquele momento, Jesus disse: “Louvo-te, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas de sábios e inteligentes e as revelaste aos que não podem falar. 26 Sim, Pai, pois assim se deu aprazimento diante de ti. 27 Tudo me foi dado pelo meu Pai e ninguém conhece o filho a não ser o Pai e ninguém conhece o Pai a não ser o filho e aquele a quem o filho O quiser revelar.

28 Vinde até mim, todos vós que estais esgotados e carregados, e eu dar-vos-ei descanso. 29 Levantai o meu jugo para vós e aprendei comigo, pois sou gentil e humilde de coração e encontrareis descanso para as vossas almas. 30 Pois o meu jugo é brando e o meu fardo é leve”.

---

11, 1 “cidades deles”: ou seja, dos galileus.

11, 2 “do Cristo”: mais uma vez se sublinha que “o Cristo” não é João Batista.

11, 3 “o que vem”: *ho erkhómenos*, participio presente; literalmente, “o que está vindo”.

11, 5 *cegos veem* [...] *surdos ouvem*: essas ideias estão presentes em Isaías 29,18 (LXX), mas são verbalizadas de outra maneira (logo no início, os verbos no texto dos LXX estão no futuro). A ideia de os mortos despertarem pode derivar a sua inspiração de Isaías 26,19.

11, 6 “bem-aventurado é aquele que não se escandalizar comigo”: literalmente, “bem-aventurado é aquele que não se escandalizar (conjuntivo aoristo com sentido eventual) em mim”.

11, 8 “roupas finas”: o adjetivo para “fino” (*malakós*) deixa sempre subentendido em grego outro adjetivo: “efeminado”.

11, 10 *eis que eu envio o mensageiro à tua frente*: a citação é do Êxodo 23,20, mas mistura depois uma formulação derivada de Malaquias 3,1. Esse modo arbitrário de citar e misturar (sem preocupação com o

contexto original) passagens diferentes da Escritura judaica em tradução grega será mais tarde apanágio da patrística grega. Todavia, na boca de Jesus, essas misturas adquirem outra autoridade. Nas palavras de Robin Lane Fox (p. 119), Jesus “era um homem cujos ensinamentos atraíam textos (do AT) como um ímã atraí bocados de metal”.

11, 11 “entre nascidos de mulheres não surgiu ninguém maior do que João, o Batista. Porém, o menor no reino dos céus é maior do que ele”: nas palavras de Nolland (p. 456), “facilmente nos enredamos num emaranhado de problemas de lógica ao abordarmos este versículo”.

11, 12 “o reino dos céus mostra a sua pujança e os fortes estão a agarrá-lo”: essa frase é notoriamente difícil de interpretar, porque a forma verbal *biázetai* pode pertencer à voz passiva ou à voz média. Na minha tradução, interpreto o verbo como sendo da voz média, o que influencia também a maneira de entender o substantivo *biastês* (“os fortes”). Interpretando, por outro lado, a forma verbal como pertencendo à voz passiva, a tradução seria “o reino dos céus está a ser violentado e os violentos agarram-no”. A questão decisiva está na interpretação da palavra *biastês*, que é praticamente desconhecida em toda a história do grego, mas que é um decalque da palavra (essa sim, conhecida), *biatás*, que, no grego de épocas anteriores, não tinha uma conotação violenta negativa, mas denotava força e impetuosidade em sentido positivo. Píndaro escreve, por exemplo, “dos deuses vêm todas as capacidades que determinam a excelência humana e os homens nascem sábios e fortes (*biatai*) de mãos”. (Ode Pítica 1, 41-43) Ora, a passagem de Mateus não pode ser considerada independentemente de um versículo muito difícil no Evangelho de Lucas (16,16): “A lei e os profetas [valeram] até João; desde então o reino de Deus é proclamado (*euangelízetai*) e toda pessoa se esforça (*biázetai*) para lá entrar”. Nessa passagem de Lucas há novamente a dúvida se a forma verbal *biázetai* é da voz média ou da voz passiva. Na voz passiva, teria o significado “toda a pessoa é obrigada a lá entrar”, o que não faz sentido (antes de mais porque “toda a pessoa” abrangeria os judeus que, justamente, não estão interessados no que está a ser “evangelizado”, *euangelízetai*). Não existe tradução perfeita e incontroversa, como se percebe, para essas duas passagens. De resto, como escreveu Marshall (p. 630), há poucas passagens no conjunto completo dos quatro Evangelhos cuja interpretação seja tão incerta como nos presentes casos.

11, 14 “ele é Elias”: essa afirmação é contraditada pelo próprio João Batista em João 1,21.

11, 17 “treno”: lamento fúnebre.

11, 19 “um comilão e um bêbado”: cf. Lucas 7,34.

— “sabedoria”: *sophia*.

11, 22 “mais tolerável”: cf. 10,15\*.

11, 23 “inferno”: a palavra utilizada aqui para “inferno” não podia ser mais helênica: Hades.

11, 25 “Respondendo”: mais um caso em que “responder” tem o sentido de “reagir”.

— “aos que não podem falar”: *nêptois* (Lutero: “*hast es den Unmündigen offenbart*”). A palavra subdivide-se em *épos* (“palavra”, de onde vem “épico” e “epopeia”) e o prefixo negativo *nê-*. A lógica que subjaz à construção dessa palavra é análoga à de *infans* (“infante”) em latim; e, por isso, é por vezes traduzida por “criança”, já que as crianças não têm o direito de falar oficialmente em sua própria representação, mas têm de ser representadas por adultos. Aqui, é possível interpretar o uso dessa palavra como abrangendo outros “coibidos de falar” que não somente crianças: pessoas desprivilegiadas, pobres, mendigos, doentes, escravos *etc.*

11, 28 “dar-vos-ei descanso”: em grego *anapausô humâs*, ou seja, dar-vos-ei uma pausa, um recobro, um descanso.

11, 29 “gentil e humilde”: sobre *praús* (“gentil”), ver 5,5\*.

11, 30 “o meu jugo é brando”: o sentido aqui de *khrestós* está bem documentado no verso do poeta grego Menandro (*Monósticos* 556): “como é agradável para um escravo encontrar um amo brando” (*bôs hêdû doulôi*

*despótou khréstou tukheîn).*

## 12.

### *Jesus e o sábado; Jesus e Belzebu; A árvore e os seus frutos; O sinal de Jonas; A mãe e os irmãos de Jesus.*

<sup>1</sup> Naquele tempo Jesus foi pelas searas em dia de sábado. Os seus discípulos estavam com fome e começaram a arrancar espigas para as comer. <sup>2</sup> Os fariseus, vendo [isto], disseram-lhe: “Eis que os teus discípulos fazem o que é proibido fazer ao sábado”. <sup>3</sup> Jesus disse-lhes: “Não lestes o que fez Davi quando sentiu fome, [ele] e os que estavam com ele? <sup>4</sup> [Não lestes] como ele entrou na casa de Deus e comeram os pães da oferta, o que não lhe era lícito comer, nem aos que iam com ele, mas apenas aos sacerdotes? <sup>5</sup> Ou será que não lestes na lei que no dia de sábado os sacerdotes no templo profanam o sábado, embora sejam inocentes? <sup>6</sup> Digo-vos que está aqui algo maior do que o templo. <sup>7</sup> Se tivésseis sabido o que é *quero misericórdia em vez de sacrifício*, não teríeis condenado os inocentes. <sup>8</sup> Pois Senhor é do sábado o Filho da Humanidade”.

<sup>9</sup> E prosseguindo caminho a partir dali, foi para a sinagoga deles. <sup>10</sup> E eis que [lá havia] um homem com uma mão deformada. E eles interrogaram-no, dizendo: “É permitido curar ao sábado?” [Perguntavam isto] para o acusarem. <sup>11</sup> Ele, porém, respondeu-lhes: “Quem será o homem dentre vós que terá uma ovelha e, se esta cair ao sábado num poço, não a segurar e tirará? <sup>12</sup> Em quanto uma pessoa humana não tem mais valor do que uma ovelha! Por conseguinte: é permitido fazer o bem ao sábado”. <sup>13</sup> Então disse ao homem: “Estende a tua mão”. E ele estendeu; e [a mão] foi restabelecida, tão saudável quanto a outra. <sup>14</sup> Porém os fariseus, saindo, reuniram-se contra ele para o matarem.

<sup>15</sup> Mas Jesus, apercebendo-se, retirou-se dali. E muitos o seguiram e ele curou a todos; <sup>16</sup> e ordenou-lhes que não o tornassem conhecido, <sup>17</sup> para que se cumprisse o que fora dito através de Isaías, o profeta, ao dizer:

18 *Eis o meu servo, que escolhi,  
o meu amado em quem a minha alma se compraz:  
porei o meu espírito sobre ele  
e justiça ele anunciará aos povos.*

19 *Não será conflituoso nem gritará  
e ninguém nas ruas ouvirá a voz dele.*

20 *Não quebrará uma cana rachada  
nem apagará uma mecha que fumega,  
até que leve a justiça à vitória.*

21 *E em nome dele os povos terão esperança.*

22 Então foi levado para junto dele um possesso cego e mudo; e Jesus curou-o, de tal forma que o mudo fala e vê. 23 E todas as multidões se espantaram e diziam: “Não é este o filho de Davi?”. 24 Mas os fariseus, tendo ouvido, disseram: “Este não expulsa demônios a não ser por intermédio de Belzebu, príncipe dos demônios”. 25 Sabendo Jesus os pensamentos deles, disse-lhes: “Todo o reino dividido contra si próprio ficará deserto e toda a cidade ou casa dividida não permanecerá. 26 E se Satanás expulsa Satanás, divide-se contra si próprio. Como permanecerá o seu reino? 27 E se eu em [nome de] Belzebu expulso os demônios, em quem os expulsam os vossos filhos? Por isso eles próprios serão vossos juízes. 28 Agora, se é em espírito de Deus que eu expulso os demônios, então chegou para vós o reino de Deus. 29 Ou ainda: como pode alguém entrar em casa de um homem forte e levar os seus haveres antes que primeiro amarre o homem forte? Só então é que assaltará a casa dele. 30 Quem não está comigo está contra mim; e quem não junta comigo dispersa. 31 Por isso vos digo: todo o erro e blasfêmia será perdoado às pessoas, mas a blasfêmia do espírito não será perdoada. 32 E quem falar contra o Filho da Humanidade, a esse será perdoado. Mas quem falar contra o espírito, o santo, a esse não lhe será perdoado, nem no século em que estamos, nem no que virá.

33 Ou fazei a árvore bela e o fruto dela [será] belo, ou fazei a árvore podre e o fruto dela [será] podre. Pois é a partir do fruto que se conhece a árvore. 34 Raça de víboras! Como podereis dizer coisas boas se sois maus? Pois é da abundância do coração que a boca fala. 35 A pessoa boa tira coisas boas do bom tesouro; a pessoa má tira coisas más do tesouro mau. 36 Digo-vos que, a respeito de toda a

palavra ociosa que as pessoas proferirem, terão de dar conta dela no dia do julgamento. <sup>37</sup> A partir das tuas palavras serás justificado; e a partir das tuas palavras serás condenado”.

<sup>38</sup> Respondendo-lhe, disseram então alguns dos escribas e dos fariseus: “Mestre, queremos ver um sinal vindo de ti”. <sup>39</sup> Ele, porém, respondeu-lhes: “Uma raça iníqua e adúltera procura um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal de Jonas, o profeta. <sup>40</sup> Tal como *esteve Jonas no ventre do monstro marinho durante três dias e três noites*, assim estará o Filho da Humanidade no coração da terra durante três dias e três noites. <sup>41</sup> Os homens de Nínive levantar-se-ão no juízo contra esta geração e hão de condená-la, porque se arrependeram perante o anúncio de Jonas: e eis que aqui [está algo] maior do que Jonas. <sup>42</sup> Uma rainha do Sul será levantada no juízo contra esta geração e há de condená-la, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão: e eis que aqui [está algo] maior do que Salomão.

<sup>43</sup> Quando o espírito impuro sai da pessoa, atravessa lugares sem água procurando descanso e não encontra. <sup>44</sup> Então diz: ‘Voltarei para minha casa, de onde saí’. E, ao chegar, encontra-a vazia, varrida e bem-arranjada. <sup>45</sup> Então vai e leva consigo sete espíritos ainda piores do que ele e, entrando, acomodam-se lá. E os últimos estados daquela pessoa tornam-se piores do que os primeiros. Assim será para esta geração iníqua”.

<sup>46</sup> Falando ele ainda para as multidões, eis que a mãe e os irmãos dele estavam lá fora e procuravam falar-lhe. <sup>47</sup> Alguém disse a Jesus: “Eis a tua mãe e os teus irmãos que estão lá fora e procuram falar-te”. <sup>48</sup> Ele, em resposta, disse a quem lhe falava: “Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?”. <sup>49</sup> E estendendo a sua mão por cima dos seus discípulos, disse: “Eis a minha mãe e os meus irmãos. <sup>50</sup> Pois quem fizer a vontade do meu Pai, do que [está] nos céus, esse mesmo é meu irmão e irmã e mãe”.

---

12, 7 *quero misericórdia em vez de sacrifício*: Oseias 6,6.

12,18 -**21** Isaías 42,4-9.

12, 22 “fala e vê”: trata-se em ambos os casos de infinitivos presentes.

12, 23 “todas as multidões se espantaram”: *existēmi* (pôr alguém fora de si: Eurípides, *Bacantes* 850). Cf. Lucas 24,22.

12, 28 “chegou”: trata-se do verbo *phthánō*, “chegar primeiro, antecipar-se”.



12, 32 “século”: *aiôn*.

12, 34 “Raça de víboras”: expressão que já ouvimos na boca de João Batista (3,7).

12, 38 -39 Cf. a duplicação dessas ideias em 16,1-4.

12, 39 “raça iníqua e adúltera”: expressão aplicada à prostituta com que o profeta Oseias é obrigado a casar em Oseias 3,1 (LXX; a expressão é diferente no texto hebraico).

— “o sinal de Jonas, o profeta”: muito se tem debatido, sem solução, sobre a acepção em que se deverá entender aqui esse sinal. Essencialmente, trata-se de compreender se o sinal é dado a Jonas (sob esse ponto de vista poderia ser o monstro marinho) ou se Jonas, de alguma forma, constitui ele próprio um sinal. Essa segunda hipótese parece estar subjacente a Lucas 11,30.

12, 40 *monstro marinho*: *kêtos* (“cetáceo”). A citação é de Jonas 2,1 (LXX).

12, 41 “anúncio”: *kêrugma*.

— “[algo] maior do que Jonas”: *pleion*. Cf. v. 42, em relação a Salomão.

12, 42 “rainha do Sul”: a rainha de Sabá; “será levantada”: trata-se aqui literalmente da voz passiva (contrariamente à solução preconizada por outras traduções).

12, 46 “eis que a mãe e os irmãos dele estavam lá fora”: essa vontade de distanciamento de Jesus em relação à sua família está igualmente presente em Marcos (3,31-35) e Lucas (8,19-21).

## 13.

### *As parábolas do sementeiro; do trigo e do joio; do grão de mostarda; do fermento; do tesouro e da pérola; da rede; Jesus rejeitado em Nazaré.*

<sup>1</sup> Naquele dia, saindo Jesus de casa, sentou-se junto do mar. <sup>2</sup> E reuniram-se em direção a ele muitas multidões, de tal forma que, subindo para um barco, se sentou e toda a multidão ficou de pé na praia. <sup>3</sup> E disse-lhes muitas coisas, falando em parábolas: “Eis que o sementeiro saiu para semear. <sup>4</sup> E enquanto ele semeava, algumas [sementes] caíram à beira do caminho e os pássaros, aproximando-se, comeram-nas. <sup>5</sup> Outras [sementes] caíram em cima das pedras onde não havia muita terra e logo germinaram por não haver profundidade de terra. <sup>6</sup> Ao levantar do sol, ficaram queimadas e, por não terem raiz, secaram. <sup>7</sup> Outras caíram por cima dos espinhos e os espinhos cresceram e sufocaram-nas. <sup>8</sup> Outras caíram na terra boa e deram fruto (umas, cem; outras, sessenta; outras, trinta). <sup>9</sup> Quem tem ouvidos que ouça”.

<sup>10</sup> E aproximando-se dele, os discípulos disseram-lhe: “Por que razão lhes falas em parábolas?”. <sup>11</sup> Ele, respondendo, disse-lhes: “Porque a vós foi dado a conhecer os mistérios do reino dos céus; a eles não foi dado. <sup>12</sup> Aquele que tem: a esse será dado e aumentado. Aquele que não tem: ser-lhe-á tirado até o que tem. <sup>13</sup> Por isso lhes falo em parábolas, porque eles vendo não veem e ouvindo nem ouvem nem compreendem. <sup>14</sup> É cumprida por eles a profecia de Isaías, que diz:

*Pela audição ouvireis mas não compreendereis;*

*e vendo vereis, mas não perceberéis,*

<sup>15</sup> *pois o coração deste povo ficou gordo*

*e com os ouvidos pesadamente eles ouviram*

*e os seus olhos eles fecharam —*

*não fossem ver com os olhos  
e ouvir com os ouvidos  
e compreender com o coração  
e converter-se; e eu curá-los-ei.*

16 Bem-aventurados são os vossos olhos porque veem e os vossos ouvidos porque ouvem. 17 Amém vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não viram; [desejaram] ouvir o que ouvis e não ouviram.

18 Escutai agora vós a parábola do semeador. 19 Ouvindo toda e qualquer pessoa a palavra do reino sem a compreender, chega o iníquo e arrebatava [a essa pessoa] o que fora plantado no seu coração. Este é o que foi plantado à beira do caminho. 20 O que foi plantado em cima das pedras: este é aquele que, ouvindo a palavra e logo a acolhendo com alegria, 21 não tem raiz em si próprio mas é [meramente] sazonal: pois, acontecendo opressão ou perseguição por causa da palavra, escandaliza-se imediatamente. 22 O que foi semeado para o meio dos espinhos: este é o que ouve a palavra e a preocupação do mundo e o logro da riqueza estrangula a palavra e esta torna-se infrutífera. 23 O que foi semeado na terra boa: este é quem ouve e compreende a palavra; é o que dá fruto e produz ora cem, ora sessenta, ora trinta”.

24 Propôs-lhes outra parábola, dizendo: “Assemelha-se o reino dos céus a um homem que semeia uma bela semente no seu campo. 25 Enquanto dormem os homens, veio o inimigo dele: semeou joio no meio do trigo e foi-se embora. 26 Quando a planta cresceu e produziu fruto, então apareceu também o joio. 27 Os escravos desse amo foram ter com ele e disseram: ‘Senhor, não foi boa semente que semeaste no campo? De onde vem então o joio?’. 28 Ele disse-lhes: ‘Foi algum inimigo que fez isso’. Os escravos dizem-lhe: ‘Queres que, saindo, o arranquemos?’. 29 Ele, porém, disse: ‘Não, para que não suceda que, ao apanhar o joio, arranqueis o trigo ao mesmo tempo. 30 Deixai um e outro crescer juntos, até a ceifa. Na altura da ceifa, direi aos ceifeiros: ‘Apanhai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; o trigo, recolhei-o no meu celeiro’ ”.

31 Jesus propôs-lhes outra parábola: “O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. 32 É a menor de todas as sementes; mas, quando crescer, torna-se a maior planta do horto e transforma-se numa árvore, a ponto de virem *as aves do céu abrigarem-se nos seus*

*ramos”.*

33 Jesus disse-lhes outra parábola: “O reino dos céus é semelhante a fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado”.

34 Todas essas coisas disse Jesus, em parábolas, às multidões, e sem [ser por] parábola nada lhes dizia, 35 para que se cumprisse o que fora dito através do profeta, ao dizer:

*Abrirei em parábolas a minha boca*

*e proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo.*

36 Então, mandando as multidões embora, Jesus foi para casa. E aproximaram-se dele os seus discípulos, dizendo: “Clarifica-nos a parábola do joio no campo”.

37 Ele, respondendo, disse:

“Aquele que semeia a boa semente é o Filho da Humanidade. 38 O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do reino. O joio são os filhos do maligno. 39 O inimigo que a semeou é o diabo. A ceifa é o fim do mundo e os ceifeiros são anjos. 40 Assim, pois, como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será o fim do mundo. 41 O Filho da Humanidade enviará os seus anjos, que reunirão do seu reino todos os escândalos e todos quantos praticam a iniquidade, 42 e *lançá-los-ão na fornalha do fogo*. Ali haverá choro e ranger de dentes. 43 Então os justos resplandecerão como o Sol no reino do seu Pai. Quem tem ouvidos que ouça.

44 Semelhante é o reino dos céus a um tesouro escondido no campo, que alguém encontrou e escondeu; e cheio de alegria, vai e vende tudo o que possui e compra aquele campo.

45 Mais uma vez: semelhante é o reino dos céus a um mercador que busca boas pérolas. 46 Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo o que tem e compra a pérola.

47 Mais uma vez: semelhante é o reino do céu a uma rede que, lançada ao mar, apanha todas as espécies de peixes. 48 Logo que ela se enche, [os pescadores] puxam-na para a praia, sentam-se e escolhem os bons para as canastras; quanto aos podres, jogam-nos fora. 49 Assim será no fim do mundo: sairão os anjos e separarão os maus do meio dos justos, 50 e *lançá-los-ão na fornalha do fogo*: ali haverá choro e ranger de dentes. 51 Compreendestes tudo isto?”

Eles dizem-lhe: “Sim”. 52 Jesus disse-lhes então: “Por isso, todo o escriba

instruído acerca do reino dos céus é semelhante ao dono de uma casa, que tira coisas novas e velhas do seu tesouro”.

<sup>53</sup> E aconteceu que quando Jesus terminou essas parábolas, partiu dali. <sup>54</sup> Indo à sua terra, ensinou os [seus conterrâneos] na sinagoga deles, de modo que todos se espantavam, dizendo: “De onde lhe vem essa sabedoria e [de onde lhe vêm] os milagres? <sup>55</sup> Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama a sua mãe Maria, e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? <sup>56</sup> E as irmãs dele não estão todas conosco? De onde lhe vêm, pois, todas estas coisas?”.

<sup>57</sup> E estavam escandalizados por causa dele. Mas Jesus disse-lhes: “Um profeta só é desonrado na sua pátria e na sua casa”. <sup>58</sup> E não fez ali muitos milagres, por causa da falta de fé deles.

---

13, 11 “foi dado”: perfeito de *dídōmi*.

13, 12 O mesmo pensamento recorre em 25,29.

13, 14 -**15** Isaías 6,9-10.

13, 21 “escandaliza-se”: *skandalízetai*, no sentido de “tropeça”, “cai”, “desiste”.

13, 32 *as aves do céu*: Salmo 103,12.

13, 35 *Abrirei em parábolas a minha boca*: Salmo 78,2.

13, 42 *lançá-los-ão na fôrnalha do fogo*: Deuteronômio 3,6.

13, 50 Deuteronômio 3,6.

13, 55 Só Mateus e Marcos (6,3) registram os nomes dos irmãos de Jesus.

— “Filho do carpinteiro”: em Marcos (6,3) Jesus é ele próprio carpinteiro (*téktôn*).

## 14.\*

### *Sobre a morte de João Batista; O milagre da multiplicação dos pães e dos peixes; Jesus caminha sobre as águas; Jesus cura doentes em Genesaré.*

1 Naquele tempo, Herodes, o tetrarca, ouviu [falar sobre] a fama de Jesus. 2 E ele disse aos seus criados: “Este é João, o Batista. Foi ressuscitado dos mortos e, por isso, os milagres operam nele”.

3 É que Herodes, prendendo João, mandara algemá-lo e pô-lo na prisão por causa de Herodíade, mulher de seu irmão Filipe. 4 Pois João dizia-lhe: “Não te é lícito tê-la [como mulher]”. 5 Querendo matá-lo, teve medo da multidão, que o considerava um profeta. 6 Enquanto se festejava o aniversário de Herodes, a filha de Herodíade dançou no meio [dos convidados] e agradou a Herodes, 7 pelo que ele se comprometeu, sob juramento, a dar-lhe o que ela pedisse. 8 Ela, instruída pela mãe, respondeu: “Dá-me, aqui num prato, a cabeça de João, o Batista”.

9 Embora entristecido devido ao juramento e aos convidados, o rei ordenou que [a cabeça lhe] fosse dada 10 e mandou decapitar João Batista na prisão. 11 Foi trazida, num prato, a cabeça dele e foi dada à jovem, que a levou à sua mãe. 12 Os discípulos de João vieram buscar o corpo e sepultaram-no. E foram dar a notícia a Jesus.

13 Tendo ouvido isso, Jesus retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, só. E as multidões, tendo ouvido [essa notícia], seguiram-no a pé desde as cidades. 14 Ao desembarcar, Jesus viu uma multidão numerosa; condeu-se deles e curou os seus enfermos.

15 Ao entardecer, aproximaram-se dele os discípulos, dizendo: “Ermo é este sítio e a hora já vai avançada. Manda embora as multidões, para que possam ir às

aldeias comprar alimentos para si próprios”. 16 Mas Jesus disse-lhes: “Não é preciso que eles vão; dai-lhes vós de comer”. 17 Eles dizem-lhe: “Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes”. 18 Ele disse: “Trazei-os aqui”.

19 E, depois de ordenar à multidão que se sentasse na grama, tomou os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, pronunciou a bênção; partiu, depois, os pães e deu-os aos discípulos, e estes deram-nos às multidões. 20 Todos comeram e ficaram saciados. Recolheram o que sobrou dos pedaços [de pão]: doze cestos cheios. 21 Ora, os que comeram eram uns 5 mil homens, sem contar mulheres e crianças.

22 E, de imediato, Jesus obrigou os discípulos a embarcar e a ir adiante para a outra margem, enquanto ele despedia as multidões. 23 E logo que as despediu, subiu à montanha para orar na solidão. E, chegada a noite, estava ali só. 24 O barco encontrava-se já [à distância de] muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas, pois o vento era contrário. 25 À quarta vigília da noite, Jesus foi encontrar com eles, caminhando sobre o mar. 26 Os discípulos, ao verem-no caminhar sobre o mar, agitaram-se e disseram: “É um fantasma!”. E gritaram com medo. 27 No mesmo instante, Jesus falou-lhes, dizendo: “Tende coragem. Sou eu. Não temais”. 28 Pedro, respondendo-lhe, disse: “Senhor, se és tu, manda-me ir encontrar contigo sobre as águas”. 29 Jesus disse: “Vem”. E descendo do barco, Pedro caminhou sobre as águas e foi ao encontro de Jesus. 30 Vendo, porém, o vento [tão] violento, teve medo e, começando a ir ao fundo, gritou: “Senhor, salva-me!”. 31 De imediato lhe estendendo a mão, Jesus segurou-o e disse-lhe: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”. 32 E, quando entraram no barco, o vento amainou. 33 Os que se encontravam no barco prostraram-se diante de Jesus, dizendo: “Tu és verdadeiramente o filho de Deus!”.

34 Após a travessia, pisaram terra em Genesaré. 35 Ao reconhecerem-no, os homens daquele lugar espalharam a notícia por toda a região e trouxeram-lhe todos os doentes, 36 suplicando-lhe que, ao menos, os deixasse tocar na orla do seu manto. E todos aqueles que a tocaram ficaram curados.

---

\* Neste capítulo ficamos a saber do destino posterior de João Batista: a sua decapitação, para satisfazer o capricho da filha de Herodíade que, instigada pela mãe, pede a Herodes como “presente” a cabeça do profeta. O capítulo é também marcante pela narração de dois milagres que, na cabeça tanto de crentes como

de não crentes, avultam como os mais espetaculares de todos os que foram praticados por Jesus (exceção feita à ressurreição de Lázaro no capítulo 11 do Evangelho de João): a multiplicação dos pães e dos peixes e o caminhar sobre a água. No caso da multiplicação dos pães, havia um antecedente na Escritura hebraica: o profeta Eliseu, que consegue o milagre de alimentar cem pessoas com vinte pães (2 Reis 4,42-44). Muito diferente é o que aqui lemos sobre o milagre praticado por Jesus: 5 mil pessoas são alimentadas com cinco pães e dois peixes. E esse número de 5 mil não contabiliza a totalidade dos comensais, uma vez que Mateus (é um pormenor que surge somente neste Evangelho) explicita que, além dos homens (*ándres*) que comeram, havia ainda mulheres e crianças (v. 21).

14, 20 “doze cestos”: esses doze cestos de sobras convidam naturalmente à leitura alegórica de que o número simboliza as doze tribos de Israel (ou, segundo outras opiniões, os doze apóstolos).

14, 25 “caminhando sobre o mar”: Mateus é o único evangelista que usa a preposição *epí* com acusativo para descrever o ato de Jesus (e depois Pedro) caminhar sobre a água. Marcos (6,48) e João (6,19) usam a preposição com genitivo, o que introduz alguma ambiguidade sobre se Jesus está a andar *sobre* o mar ou *junto* do mar. O caráter do milagre é dado de forma mais convincente em Mateus — e só em Mateus há o espantoso pormenor de Pedro dar também alguns passos sobre a água.



## 15.

### *Jesus e os preceitos da religião; Jesus e a mulher cananeia; Nova multiplicação de pães e peixes.*

1 Então aproximaram-se de Jesus, vindos de Jerusalém, alguns fariseus e escribas, dizendo: 2 “Por que razão transgridem os teus discípulos a tradição dos antigos? Pois não lavam as mãos antes de comerem pão”.

3 Jesus, respondendo, disse-lhes: “Por que razão transgredis vós o mandamento de Deus por causa da vossa tradição? 4 Pois Deus disse: *honra o teu pai e a tua mãe*. E ainda: *quem amaldiçoar o pai ou a mãe seja punido de morte*. 5 Mas vós dizeis: aquele que disser ao seu pai ou à sua mãe: ‘dom [para Deus] é a ajuda que poderias receber da minha parte’, 6 esse já não está a socorrer o pai ou a mãe. E assim anulastes a palavra de Deus em nome da vossa tradição. 7 Hipócritas! Muito bem profetizou Isaías a vosso respeito, ao dizer:

*8 Este povo honra-me com os lábios,  
mas o seu coração está longe de mim.*

*9 É em vão que me veneram,  
ensinando doutrinas que são preceitos humanos”.*

10 E chamando a multidão, Jesus disse-lhes: “Escutai e compreendei. 11 Não é aquilo que entra pela boca que torna a pessoa impura; o que sai da boca é o que torna a pessoa impura”.

12 Os discípulos, aproximando-se dele, disseram-lhe: “Sabes que os fariseus, ouvindo o que disseste, ficaram escandalizados?”.

13 Ele respondeu: “Toda a planta que não tenha sido plantada pelo meu Pai, o celeste, será arrancada. 14 Deixai-os: são cegos a conduzir outros cegos. Se um cego guiar outro cego, ambos cairão em alguma cova”.

15 Em resposta lhe disse Pedro: “Explica-nos essa parábola”. 16 Jesus disse:

“Também vós ainda estais sem compreender? <sup>17</sup> Não sabeis que tudo aquilo que entra pela boca passa para o ventre e é expelido para a cloaca? <sup>18</sup> Mas o que sai da boca provém do coração; é isso que torna a pessoa impura. <sup>19</sup> Do coração procedem más intenções, assassinios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e blasfêmias. <sup>20</sup> São essas as coisas que tornam a pessoa impura. Mas comer com as mãos por lavar não torna a pessoa impura”.

<sup>21</sup> Jesus partiu dali e retirou-se para os lados de Tiro e da Sidônia. <sup>22</sup> Então, uma mulher cananeia, que viera daquela região, começou a gritar: “Tem misericórdia de mim, Senhor! Filho de Davi! A minha filha está horivelmente possesa por um demônio”. <sup>23</sup> Mas ele não lhe respondeu nem uma palavra. Os discípulos aproximaram-se e pediram-lhe: “Manda-a embora, pois ela vem aos gritos atrás de nós”. <sup>24</sup> Jesus, respondendo, disse: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”.

<sup>25</sup> Mas a mulher veio prostrar-se diante dele, dizendo: “Senhor, ajuda-me!”. <sup>26</sup> Ele respondeu-lhe: “Não é bonito tirar o pão dos filhos para o lançar aos cães”. <sup>27</sup> Ela disse: “Sim, Senhor. É que os cães também comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos”. <sup>28</sup> Então Jesus respondeu-lhe: “Mulher, grande é a tua fé. Aconteça-te como desejas”. E ficou curada a filha dela a partir daquela hora.

<sup>29</sup> Partindo dali, Jesus foi para junto do mar da Galileia. Subiu à montanha e lá se sentou. <sup>30</sup> Vieram encontrar com ele numerosas multidões, transportando consigo coxos, cegos, deformados, mudos e muitos outros, que se lançavam a seus pés e ele os curou, <sup>31</sup> de modo que a multidão ficou maravilhada ao ver os mudos falando, os deformados escurtidos, os coxos andando e os cegos vendo. E glorificavam o Deus de Israel.

<sup>32</sup> Jesus, chamando os discípulos, disse-lhes: “Condoo-me desta gente, porque já há três dias que eles estão comigo e não têm o que comer. Não quero mandá-los embora em jejum, não vão eles desfalecerem pelo caminho”. <sup>33</sup> E disseram-lhe os discípulos: “De onde nos [virão] num deserto pães suficientes para saciar tão grande multidão?”. <sup>34</sup> Jesus disse-lhes: “Quantos pães tendes?”. Eles disseram: “Sete e alguns peixinhos”.

<sup>35</sup> E ordenando à multidão que se sentasse no chão, <sup>36</sup> tomou os sete pães e os peixes e, dando graças, partiu-os e deu-os aos discípulos; os discípulos, por sua vez, [deram] à multidão. <sup>37</sup> E todos comeram e ficaram saciados. E com o que

sobrou dos pedaços, levaram sete cestos cheios. <sup>38</sup> Os que comeram eram 4 mil homens, sem contar mulheres e crianças.

<sup>39</sup> Depois de ter mandado embora as multidões, Jesus subiu para o barco e veio para a região de Magadan.

---

15, 4 *honra o teu pai e a tua mãe*: Êxodo 20,12.

— *quem amaldiçoar o pai ou a mãe*: Êxodo 21,17.

15, 8 -9 *Este povo honra-me com os lábios*: Isaías 29,13.

15, 17 “cloaca”: trata-se da palavra *aphedrôn* (“cloaca”, “latrina”).

15, 22 “uma mulher cananeia [...] começou a gritar”: é a primeira vez no presente Evangelho que uma mulher dirige a palavra a Jesus. Apenas a mãe dos filhos de Zebedeu voltará a ter semelhante “ousadia” em 20,20. Essa mulher cananeia corresponde à siro-fenícia de origem grega no Evangelho de Marcos (7,26).

15, 24 “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”: os judeus são, nessa frase de Jesus, os destinatários exclusivos da boa-nova. Mas a mulher cananeia saberá contornar a situação.

15, 26 “Não é bonito tirar o pão dos filhos para o lançar aos cães”: a aspereza dessas palavras é incontornável (mesmo assim, Oscar Wilde, enquanto lia o NT grego na prisão de Reading, encantou-se especialmente com a palavra *kunária* aqui usada para “cães”, como lemos em *De Profundis*). Designar aqui os judeus “filhos”, ao mesmo tempo que se designam os povos não judaicos como “cães” (já no AT os não judeus são de “raça maldita desde a origem”, como se lê em Sabedoria 12,11), corresponde (como escreveu Nolland, p. 635) a uma “afirmação do privilégio judaico que cai mal à sensibilidade pós-moderna (ou até a sensibilidade moderna)”.

15, 27 “os cães também comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos”: com a resposta de que não quer mais do que migalhas, a mulher consegue desarmar Jesus.

15, 32-38 Nessa duplicação do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes (que só Mateus e Marcos 8,1-10 registram), Jesus proporciona, a partir de sete pães e de uns quantos peixinhos, uma refeição para 4 mil homens, com sete cestos de sobras no final do piquenique. O número sete presta-se na cabeça de muitas pessoas à interpretação alegórica que vê nele o símbolo da perfeição; mas talvez pudéssemos perguntar, antes, de onde terão vindo os sete cestos? Estavam ali convenientemente à mão, no meio da montanha? Mais uma vez, só Mateus é que se lembra de mencionar a presença de mulheres e de crianças (v. 38).

## 16.

### *O fermento dos fariseus; Pedro como pedra; Primeiro anúncio da Paixão; “Que se negue a si próprio e levante a sua cruz”.*

<sup>1</sup> E vieram os fariseus e os saduceus que, testando-o, lhe pediram que lhes mostrasse um sinal do céu. <sup>2</sup> Jesus, respondendo, disse-lhes: “Ao entardecer vós dizeis: ‘Fará bom tempo, pois o céu está vermelho’. <sup>3</sup> E de manhã: ‘Hoje vai estar mau tempo, pois o céu está vermelho e carregado’. Sabeis avaliar o aspecto do céu, mas não conseguis [fazer o mesmo em relação a]os sinais dos tempos? <sup>4</sup> Uma raça iníqua e adúltera procura um sinal, mas o sinal não lhe é dado, a não ser o sinal de Jonas”. E deixando-os, foi-se embora.

<sup>5</sup> E chegando os discípulos à margem, tinham-se esquecido de levar pães. <sup>6</sup> Jesus disse-lhes: “Observai e estai atentos ao fermento dos fariseus e dos saduceus”. <sup>7</sup> Porém eles diziam entre si que não tinham trazido pão. <sup>8</sup> Jesus, apercebendo-se, disse: “Por que conversais entre vós, homens de pouca fé, por não terdes trazido pão? <sup>9</sup> Já não sabeis, já não vos lembrais dos cinco pães dos cinco mil e quantos cestos levastes? <sup>10</sup> Nem [vos lembrais] dos sete pães dos quatro mil e quantos cestos levastes? <sup>11</sup> Como não entendeis que eu não vos falava de pães? Tende cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus”. <sup>12</sup> Então perceberam que ele não estava dizendo para terem cuidado com o fermento dos pães, mas sim com a doutrina dos fariseus e dos saduceus.

<sup>13</sup> Chegando Jesus à região de Cesareia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: “Quem dizem as pessoas ser o Filho da Humanidade?”. <sup>14</sup> Eles disseram: “Uns dizem João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou um dos profetas”. <sup>15</sup> Diz-lhes Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. <sup>16</sup> Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus, do Vivo”. <sup>17</sup> Jesus,

respondendo, disse-lhe: “Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque carne e sangue não te revelaram [isso], mas sim o meu Pai, o que [está] nos céus. 18 E eu digo-te que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha assembleia e os portões do Hades não terão poder sobre ela. 19 Dar-te-ei as chaves do reino dos céus e aquilo que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e aquilo que desligares na terra terá sido desligado nos céus”. 20 Jesus recomendou então aos discípulos que não dissessem a ninguém que ele é o Cristo.

21 A partir de então, Jesus começou a indicar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém e que muito sofresse da parte dos anciãos e dos sumos sacerdotes e dos escribas; e que [era necessário que] o matassem e que ele fosse ressuscitado ao terceiro dia. 22 E tomando-o de parte, Pedro começou a repreendê-lo, dizendo: “Poupa-te, Senhor! Isso não acontecerá contigo!” 23 Jesus, porém, virando-se, disse a Pedro: “Vai para trás de mim, Satanás. És um escândalo para mim, porque não pensas as coisas de Deus, mas sim as dos humanos”.

24 Então disse Jesus aos seus discípulos: “Se alguém quer me seguir, que negue a si próprio e levante a sua cruz e me siga. 25 Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á. Mas quem perder a sua vida por minha causa encontrá-la-á. 26 Pois no que ficará beneficiada uma pessoa se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida? Que coisa dará o ser humano em troca da sua vida? 27 O Filho da Humanidade está prestes a vir na glória do seu Pai com os anjos dele e então dará a cada um, de acordo com a sua ação. 28 Amém vos digo que há alguns dos que aqui se encontram que não provarão a morte antes de terem visto o Filho da Humanidade a chegar no reino dele”.

---

16, 4 Ver 12,39\*.

16, 18 “tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha assembleia”: Jesus não está dando agora o nome de Pedro a Simão, pois já antes se dissera (4,18\*) que Simão se chamava Pedro. Mateus é o único evangelista a empregar a palavra *ekklêsía* (“assembleia”; mais tarde “igreja” — não esquecer que “igreja” como edifício de pedra e cal é uma realidade que não existe antes do século IV). Uma das dificuldades dessa célebre passagem (lida, durante séculos, para legitimar a identidade do papa romano como sucessor de Pedro e, por isso, único representante autorizado de Cristo na terra) centra-se no próprio anacronismo de *ekklêsía*, palavra que muitos comentadores têm dificuldade em admitir que pudesse ter sido dita pelo Jesus histórico, uma vez que a ideia da existência de uma “assembleia” de cristãos pressupõe a morte e a ressurreição de Jesus. Não é por acaso que, das mais de cem ocorrências de *ekklêsía* no NT, só encontramos três (Mateus 16,18 e duas vezes

em Mateus 18,17) fora do *corpus* constituído por Atos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse.

16, 19 “aquilo que ligares na terra terá sido ligado nos céus”: note-se a utilização aqui do futuro perfeito passivo (perifrástico: *étais dedeménon*). Não é fácil determinar ao certo o sentido que Mateus pretende dar a essa construção verbal. “Aquilo que ligares na terra será aquilo que já foi ligado por Deus?” Ou tratar-se-á, antes, de sublinhar a simultaneidade do ato de ligar, que acontece ao mesmo tempo na terra e no céu? Um aspecto importante a ter em conta é o fato de “aquilo” corresponder ao pronome relativo neutro em grego: trata-se de ligar (e desligar) algo — não alguém.

16, 23 “És um escândalo para mim”: essa frase de Jesus dirigida a Pedro denota bem o sentido etimológico de *skándalon* como “empecilho”.

16, 24 “Se alguém quer me seguir [...] levante a sua cruz e me siga”: cf. 10,38\*.

16, 27 Subjaz, a este versículo, Provérbios 24,12 (“Ele retribuirá a cada um segundo as suas obras.”)

16, 28 “há alguns dos que aqui se encontram que não provarão a morte antes de terem visto o Filho da Humanidade a chegar no reino dele”: essa ideia aparece também em Marcos (9,1 “há alguns dos que aqui se encontram que não provarão a morte antes de terem visto o reino de Deus chegar em força”) e Lucas (9,27 “há alguns dos que aqui se encontram que não provarão a morte enquanto não virem o reino de Deus”); até João (21,22-23) parece subentendê-la no final do seu Evangelho. A formulação de Mateus difere da de Marcos e da de Lucas porque coloca a ênfase no Filho da Humanidade; Marcos e Lucas enfatizam, antes, o reino de Deus. Seja como for, essa ideia de que o fim do mundo estava para acontecer ainda em vida de alguns da primeira geração de cristãos fomentou a mundividência apocalíptica tão característica do primeiro cristianismo.

## 17.\*

### *Transfiguração de Jesus; A vinda de Elias; O jovem epiléptico; A fé que move uma montanha; O segundo anúncio da Paixão; O tributo do templo.*

1 Seis dias depois, Jesus toma Pedro e Tiago e João (o irmão deste) e leva-os para uma alta montanha, para estarem sós. 2 E transfigurou-se diante deles e brilhou o rosto dele como o Sol e as suas roupas tornaram-se brancas como a luz. 3 E eis que lhes apareceu Moisés e Elias conversando com Jesus. 4 Pedro, respondendo, disse a Jesus: “Senhor, é bonito estarmos aqui. Se queres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias”. 5 Ele ainda falava quando eis que uma nuvem luminosa os ensombrou; e eis que uma voz veio da nuvem, dizendo: “Este é o meu filho amado, no qual eu me agradei. Escutai-o”.

6 Ouvindo [isso], os discípulos caíram com o rosto no chão e apavoraram-se muito. 7 E Jesus aproximou-se e, tocando-lhes, disse: “Levantai-vos e não tendes medo”. 8 Levantando eles os seus olhos, não viram mais ninguém a não ser apenas o próprio Jesus.

9 E descendo eles da montanha, Jesus deu-lhes ordens, dizendo: “Não conteis a ninguém o que vistes até que o Filho da Humanidade ressuscite dos mortos”. 10 E os discípulos interrogaram-no, dizendo: “Por que razão dizem os escribas que primeiro tem de vir Elias?”. 11 Jesus, respondendo, disse: “Elias vem e restabelecerá todas as coisas. 12 Digo-vos, porém, que Elias já veio e não o reconheceram, mas fizeram nele quantas coisas quiseram. De igual modo está também para sofrer o Filho da Humanidade”. 13 Então os discípulos compreenderam que ele lhes falou acerca de João, o Batista.

14 E ao dirigirem-se para junto da multidão, aproximou-se dele alguém que se

ajoelhou a seus pés, <sup>15</sup> dizendo: “Senhor, compadece-te do meu filho, que está epilético e sofre horivelmente. Muitas vezes cai no fogo e muitas vezes na água. <sup>16</sup> Eu levei-o aos teus discípulos, mas eles não conseguiram curá-lo”. <sup>17</sup> Jesus, respondendo, disse: “Ó geração descente e revirada, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o aqui”. <sup>18</sup> E Jesus repreendeu o [demônio] e o demônio saiu dele e o rapaz ficou curado a partir daquela hora.

<sup>19</sup> Os discípulos aproximaram-se então de Jesus e, a sós com ele, perguntaram: “Por que razão nós não conseguimos expulsá-lo?”. <sup>20</sup> Ele, porém, diz-lhes: “Por causa da vossa pouca fé. Amém vos digo: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: move-te daqui para ali e ela mover-se-á. E nada vos será impossível”.

[[21]]

<sup>22</sup> Estando eles reunidos na Galileia, disse-lhes Jesus: “O Filho da Humanidade está prestes a ser entregue nas mãos de homens <sup>23</sup> e matá-lo-ão; e ao terceiro dia ressuscitará”. E eles sentiram uma imensa tristeza.

<sup>24</sup> Chegando eles a Cafarnaum, aproximaram-se de Pedro os cobradores do imposto do templo e disseram: “O vosso mestre não paga as duas dracmas?”. <sup>25</sup> Diz: “Paga sim”. E chegando a casa, antecipou-se-lhe Jesus, dizendo: “O que te parece, Simão? De quem é que os reis da terra recebem impostos e contribuições? Dos seus próprios filhos ou dos estranhos?”. <sup>26</sup> Dizendo ele “dos estranhos”, disse-lhe Jesus: “Então os filhos estão isentos. <sup>27</sup> Mas para que não os escandalizemos, vai ao mar e joga o anzol e tira o primeiro peixe que nele cair; abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter. Toma-o e dá-o a eles por mim e por ti”.

---

\* O capítulo 17 abre com um dos mais extraordinários momentos da tradição sinótica (ausente de João): a Transfiguração de Jesus (cf. Marcos 9,2-10; Lucas 9,28-36). O termo “transfiguração”, que habitualmente empregamos para referir esse momento epifânico, devia, em rigor, ser substituído por “metamorfose”, já que é esse o termo explicitamente usado por Mateus (17,2) e Marcos (9,2) quando referem que Jesus se metamorfoseou (*metemorphôthê*) à frente dos três discípulos Pedro, Tiago e João. Lucas não emprega o termo “metamorfose”; diz apenas que o rosto de Jesus ficou “diferente” (9,29). Afirmação bem mais sóbria do que a de Mateus, que compara a luz irradiada naquele momento pelo rosto de Jesus metamorfoseado à luz do sol. Nos três relatos, surgem duas figuras do passado para conversar com Jesus: Moisés e Elias. Ver-se-á que o destaque especial que Marcos dá à figura de Elias é curioso; e é curioso também que só no relato de Lucas se refere aquilo de que Moisés e Elias estavam falando com Jesus: a sua saída (*éxodos*) da vida, que



iria ocorrer em Jerusalém. Explicitamente, assim, na visão de Lucas, esse momento de glória luminosa — em que os espectadores Pedro, Tiago e João não têm dúvida quanto à divindade de Jesus — é também o momento em que se dá a certeza de que a “saída” de Jesus terá de passar pela morte. Não será arrebatado, vivo, até os céus como Elias ou Moisés. Terá mesmo de morrer. Nos três relatos, Pedro sugere a Jesus fazer uma tenda (*skênê*: sobre o significado da palavra, cf. João 1,14\*) para cada uma das figuras gloriosas, mas Jesus recusa essa ideia — certamente por ela mostrar que Pedro não percebeu ainda que Jesus está num plano superior ao de Moisés e Elias. A voz celeste a falar da nuvem confirma então o estatuto de Jesus, indicando-o como filho “amado” (Mateus e Marcos) ou “predileto” (Lucas). É curiosa essa alteração que Lucas introduz à matriz de Marcos, seguida por Mateus. A expressão “filho predileto” (literalmente “escolhido”, *eklelegménos*) abre mais a possibilidade de todos nos entendermos como filhos de Deus do que a expressão utilizada por Mateus e por Marcos. Em Mateus e Marcos, Jesus é “o” filho de Deus; Lucas dá-o, antes, como filho preferido. Lucas oferece-nos outro pormenor, ausente em Mateus e Marcos: os discípulos que assistiram à cena da metamorfose de Jesus estavam caído de sono (*bebaréménōi hupnōi*). Terá sido tudo um sonho?

17, 4 “Senhor”: esse vocativo na passagem correspondente de Marcos (9,5) é “rabi”; em Lucas (9,33), “mestre”.

17, 5 “no qual eu me agradei”: Mateus retoma o verbo *eudókēsa*, que a voz do céu já empregara quando do batismo de Jesus (3,17).

17, 6 “os discípulos caíram com o rosto no chão e apavoraram-se muito”: os discípulos só têm essa reação no relato de Mateus.

17, 10 “Por que razão dizem os escribas que primeiro tem de vir Elias?": alusão a Malaquias 3,23.

17, 17 “Ó geração descente e revirada”: a forma de particípio perfeito *diestramménē* (“revirada”) surge na passagem correspondente de Lucas (9,41), mas não na de Marcos (9,19).

17, 20 “se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha”: a ideia subjacente parece ser “se tiverdes fé [nem que seja só do tamanho de] um grão de mostarda, direis a esta montanha”.

17, [[21]] Este versículo (“Esta raça [de espíritos] com nada se consegue expulsar, a não ser com oração e jejum”), omitido por vários manuscritos, é considerado uma interpolação, inspirada em Marcos 9,29.

17, 24-26 Estes versículos sobre o pagamento do imposto devido ao templo não encontram paralelo nos demais Evangelhos. O milagre em si (Jesus manda Pedro jogar o anzol e o peixe apanhado vem com dinheiro no seu interior) pertence ao mundo do folclore e dos contos de fadas, e causa estranheza pelo fato de ser o único milagre relatado nos quatro Evangelhos no qual Jesus age em benefício próprio.

17, 27 “estáter”: essa moeda seria equivalente a quatro dracmas (o salário pago por quatro dias de trabalho, segundo o cômputo de alguns).

## 18.

*Quem é o maior no reino?  
Escandalizarmos a outrem e  
a nós mesmos; A ovelha  
tresmalhada; “Se o teu irmão  
errar...”; “Onde estiverem  
dois ou três reunidos em meu  
nome...”; O perdão.*

<sup>1</sup> Naquela hora, aproximaram-se os discípulos de Jesus, dizendo: “Quem é maior no reino dos céus?”. <sup>2</sup> E Jesus, chamando uma criança, a pôs no meio deles <sup>3</sup> e disse: “Amém vos digo, a não ser que volteis a ser como as crianças, não entrareis no reino dos céus. <sup>4</sup> Aquele que se fizer humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. <sup>5</sup> E quem receber uma criança como esta em meu nome, recebe a mim.

<sup>6</sup> Mas se alguém escandalizar um desses pequenos que acreditam em mim, ser-lhe-ia preferível que a mó de um moinho fosse suspensa do seu pescoço e fosse afogado no fundo do mar. <sup>7</sup> Ai do mundo por causa dos escândalos! É inevitável que venham os escândalos, mas ai da pessoa através da qual o escândalo vem. <sup>8</sup> Se a tua mão ou o teu pé te escandaliza, corta-o e atira-o para longe de ti: é melhor para ti entrares na vida mutilado ou coxo do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, seres lançado no fogo eterno. <sup>9</sup> Se o teu olho te escandaliza, arranca-o e lança-o para longe de ti: é melhor para ti entrares com um só olho na vida do que, tendo os dois olhos, seres lançado na geena do fogo.

<sup>10</sup> Olhai que não desprezeis um só desses pequeninos, pois vos digo que os anjos deles, nos céus, veem constantemente a face de meu Pai que [está] nos céus. [[11]]

<sup>12</sup> Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se tresmalhar, não deixará as noventa e nove no monte, para ir à procura da tresmalhada? <sup>13</sup> E

se chegar a encontrá-la, amém vos digo que se alegra mais com ela do que com as noventa e nove que não se tresmalharam. 14 Assim também é da vontade do vosso Pai, que [está] nos céus, que não se perca um só desses pequeninos.

15 Se o teu irmão errar, vai encontrar com ele e repreende-o a sós. Se te ouvir, terás ganhado o teu irmão. 16 Se não te ouvir, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que *toda a questão fique resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas*. 17 Se ele se recusar a ouvi-las, leva [o assunto] à assembleia. Se ele se recusar a ouvir também a assembleia, que ele te seja como o pagão ou o cobrador de impostos.

18 Amém vos digo: as coisas que ligardes na terra terão sido ligadas no céu; e as coisas que desligardes na terra terão sido desligadas no céu.

19 Mais uma vez vos digo que se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer assunto em relação ao qual tiverem feito um pedido, ser-lhes-á feito pelo meu Pai, que [está] nos céus. 20 Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”.

21 Aproximando-se então, Pedro disse-lhe: “Senhor, quantas vezes errará contra mim o meu irmão e o perdoarei? Até sete vezes?”. 22 Diz-lhe Jesus: “Não te digo [para perdoares] até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

23 É por isso que o reino dos céus foi assemelhado a um rei, que quis fazer contas com os seus escravos. 24 Tendo ele começado a fazer as contas, veio ter com ele um devedor de dez mil talentos. 25 Não podendo ele pagar, o senhor ordenou-lhe que se vendesse a si próprio assim como a mulher, os filhos e tudo quanto tinha e que pagasse. 26 Caindo [ao chão] o escravo prostrou-se diante dele, dizendo: ‘Sê magnânimo comigo e pagarei tudo de volta’. 27 O amo, sentindo pena daquele escravo, mandou-o embora e anulou-lhe a dívida. 28 Tendo saído aquele escravo, encontrou outro escravo que lhe devia cem denários; e agarrando-o, pôs-se a estrangulá-lo, dizendo: ‘Paga o que deves!’. 29 Caindo [ao chão] o outro escravo, falou-lhe, dizendo: ‘Sê magnânimo comigo e pagarei de volta’. 30 O primeiro escravo não queria; foi-se embora e atirou com o outro na prisão até que ele pagasse o que devia. 31 Vendo os outros escravos o que sucedera, sentiram grande tristeza e foram encontrar com o amo, contando-lhe tudo o que se passara. 32 Então o amo, chamando-o, disse-lhe: ‘Escravo iníquo, eu perdoei-te toda a dívida quando me pediste. 33 Não devias tu ter sentido pena

daquele que é escravo como tu, tal como eu tive pena de ti?'. 34 E zangando-se, o amo dele entregou-o aos torturadores, até ele pagar tudo o que devia. 35 Assim o meu Pai, o celeste, procederá convosco, se não perdoardes dos vossos corações, cada um de vós, ao vosso irmão”.

---

18, 6 “se alguém escandalizar”: no sentido de “se alguém fizer tropeçar”.

— “ser-lhe-ia preferível que a mó de um moinho fosse suspensa do seu pescoço e fosse afogado no fundo do mar”: a ideia veiculada por essa frase está presente nos três sinópticos. As ligeiras diferenças que detectamos contribuem para adensar o mistério referente à relação entre os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Mateus fala no escandalizador a ser afogado no fundo do mar. Marcos e Lucas não falam em “fundo” do mar; mas só em mar. E o verbo já não é “afogar”, mas sim “lançar” em Marcos (9,42) e “atirar” em Lucas (17,2). Pressupondo, como é comumente aceite pressupor, que Mateus e Lucas puderam recorrer ao Evangelho de Marcos (e que, como pressupõe uma minoria de estudiosos, que Mateus pôde recorrer ao Evangelho de Lucas), o que explica as alterações, ao mesmo tempo tão insignificantes e tão arbitrarias?

18, 8 “Se a tua mão ou o teu pé te escandaliza, corta-o”: cf. 5,30\*.

18, [[11]] O v. 11 (“Porque o Filho da Humanidade veio salvar o que se tinha perdido”) é omitido por vários manuscritos; é considerado uma interpolação inspirada em Lucas 19,10.

18, 16 “para que *toda a questão fique resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas*: Deuteronômio 19,15.

18, 17 “assembleia”: em grego, *ekklêsía*. Sobre essa palavra, ver 16,18\*.

18, 19 “se dois de vós estiverem”: esperar-se-ia “se dois de vós estiverdes”, mas o verbo está conjugado, em grego, na terceira pessoa do plural.

18, 24 “um devedor de dez mil talentos”: a soma aqui em causa é surpreendente, dada a correspondência de um talento, em moeda atual, a sensivelmente R\$ 875 000,00.

## 19.

### *Jesus é interrogado a respeito do divórcio; Os três tipos de eunucos; O jovem rico; O valor de deixar casa e família em nome de Jesus.*

<sup>1</sup> E aconteceu, quando Jesus terminou essas palavras, que ele partiu da Galileia e foi para a região da Judeia, do outro lado do Jordão. <sup>2</sup> E seguiram-no numerosas multidões e ele curou-as ali.

<sup>3</sup> E aproximaram-se dele uns fariseus, querendo pô-lo à prova e dizendo: “É permitido ao homem divorciar-se da sua mulher por toda e qualquer razão?”. <sup>4</sup> Jesus, respondendo, disse: “Não lestes o que o Criador no princípio *macho e fêmea os fez?*”. <sup>5</sup> E disse: “*Por isso um homem deixará o seu pai e a sua mãe e será unido à sua mulher e serão os dois uma só carne.*” <sup>6</sup> De tal forma que já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu não separe o ser humano”. <sup>7</sup> Dizem-lhe: “Por que razão Moisés estabeleceu que o homem dê [à mulher] uma carta de repúdio e se divorcie dela?”. <sup>8</sup> Diz-lhes Jesus: “Moisés, devido à vossa dureza de coração, permitiu que vos divorciásseis das vossas mulheres, mas desde o princípio não era assim. <sup>9</sup> Digo-vos que quem se divorcia da sua mulher — a não ser em caso de promiscuidade — e casa com outra comete adultério”.

<sup>10</sup> Dizem-lhe os discípulos: “Se é assim a relação do homem com a mulher, o melhor é não casar”. <sup>11</sup> Ele disse-lhes: “Nem todos têm lugar para esse discurso, mas [só aqueles] a quem foi dado. <sup>12</sup> Pois existem eunucos que assim se tornaram desde o ventre da mãe; e existem eunucos que foram castrados pelos homens; e existem eunucos que castraram a si próprios por causa do reino dos céus. Quem conseguir fazer lugar para isso que faça”.

<sup>13</sup> Então as pessoas trouxeram-lhe crianças, para que ele lhes pusesse as mãos e orasse por elas. Mas os discípulos repreenderam essa gente. <sup>14</sup> Jesus disse: “Deixai

as crianças e não as impeçais de virem até mim, pois delas é o reino dos céus”. 15 E impondo as mãos nelas, retirou-se dali.

16 E eis que veio um homem ao encontro dele, que disse: “Mestre, que boa ação poderei praticar para que eu tenha vida eterna?”. 17 Jesus disse-lhe: “Por que me interrogas acerca do bem? O bem é só uma coisa. Se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos”. 18 O homem diz-lhe: “Quais?”. Jesus disse: “*Não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho; 19 honra o teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo*”. 20 Diz-lhe o jovem: “Cumpro tudo isso. Que me falta ainda?”. 21 Jesus disse-lhe: “Se queres ser perfeito, vai e vende os teus haveres e dá [o dinheiro] aos mendigos e terás um tesouro nos céus. E depois segue-me”. 22 Tendo o jovem ouvido essas palavras, afastou-se entristecido. Pois ele tinha muitos bens.

23 Jesus disse aos seus discípulos: “Amém vos digo que dificilmente um rico entrará no reino dos céus. 24 Digo-vos de novo: é mais fácil um camelo passar através do buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”. 25 Tendo ouvido isso, os discípulos espantaram-se muito, dizendo: “Então quem pode salvar-se?” 26 Fitando-os, Jesus disse: “Ao ser humano, isso é impossível; mas a Deus, tudo é possível”.

27 Então Pedro, respondendo, disse-lhe: “Eis que nós deixamos tudo e seguimos atrás de ti. O que será, então, para nós?”. 28 Jesus disse-lhes: “Amém vos digo que na vida renovada, quando o Filho da Humanidade se sentar no trono da sua glória, vós que me seguistes sentar-vos-eis em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel. 29 E todo aquele que deixou casas ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou filhos ou campos por causa do meu nome receberá cem vezes mais e terá como herança a vida eterna. 30 Muitos primeiros serão últimos; e últimos, primeiros”.

---

19, 4 *macho e fêmea os fez*: Gênesis 1,27.

19, 5 “E disse: *Por isso um homem deixará o seu pai e a sua mãe e será unido à sua mulher e serão os dois uma só carne*”: Gênesis 2,24. O curioso dessa citação é que Mateus põe Jesus a afirmar que as palavras citadas são ditas por Deus no AT, quando são apenas um aparte explicativo do narrador do livro do Gênesis.

19, 9 Jesus volta aqui (como em 5,32\*) a verbalizar a ressalva (*porneia*: “promiscuidade”; literalmente, “prostituição”) que pode constituir o caso excepcional em que o divórcio é permitido.

19, 11 “Nem todos têm lugar para esse discurso, mas [só aqueles] a quem foi dado”: o discurso (*lógos*)

refere-se ao que vem a seguir, algo que não é para todos. Os discípulos acabaram de dizer que mais vale não casar. Jesus vem confirmar essa ideia, referindo a situação mais extrema de ausência de vida sexual: a do homem a quem faltam (de nascença, por vontade alheia ou por vontade própria) os necessários órgãos sexuais. A questão da vontade própria é a que se afigura problemática. Estará Jesus a legitimar a autocastração em termos concretos e anatômicos, como sucedia no culto da deusa Cíbele (divindade cujos sacerdotes cortavam os próprios órgãos genitais)? Claro que é sempre possível ler a autocastração “por causa do reino dos céus” em chave alegórica: assim, não significaria nada de mais exigente do que a abstinência sexual voluntária. Pessoalmente, desconfio que a intenção de Mateus é que tomemos essas palavras com todas as implicações decorrentes da sua literalidade. Por isso, só poderão fazer sentido a quem conseguir “fazer lugar” (como diz Jesus) para elas.

19, 18-19 Citações do Êxodo 20,12-16, Deuteronômio 5,16-20.

19, 24 “é mais fácil um camelo passar através do buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”: essa imagem do camelo passando pelo buraco da agulha é comum a Mateus, Marcos (10,25) e Lucas (18,25). A redação não é exatamente coincidente nos três Evangelhos: Marcos é o que usa o termo mais vulgar para buraco (*trumaliá*, que pode ter conotações sexuais), mas Mateus também não lhe fica muito atrás em vulgaridade, já que a palavra por ele utilizada (*trúpêma*), ligada como está a *trúpê*, evoca o sentido de “ânus” (portanto a imagem seria algo como o camelo entrando pelo “traseiro da agulha”). Lucas é o mais delicado na sua linguagem, optando por *trêma*, em que não há segundo sentido de aspecto grosseiro. O camelo esteve em tempos para contar como menos um problema na exegese do NT, uma vez que se espalhou a ideia de que, em vez de *kámêlon* (“camelo”), Mateus, Marcos e Lucas teriam querido escrever *kámlon* (“corda”). Atendendo à imagem presente na literatura rabínica de um elefante passando através do buraco da agulha, é certo que os evangelistas sinópticos estavam mesmo a se referir a um camelo, e não a uma corda. Abandonada, por também carecer de fundamentação objetiva, está a ideia em tempos aventada de que o camelo era um portão muito estreito que dava acesso à cidade de Jerusalém (Nolland, p. 795). Essa interpretação trazia certo consolo a todos quantos quisessem juntar os dois projetos de vida (ser rico; ser cristão), já que a partir dela se legitimava a ideia de que aos ricos era apenas difícil (mas não impossível) entrar no reino de Deus.

## 20.

### *Os trabalhadores da vinha; O terceiro anúncio da Paixão; Servir os outros; Os dois cegos de Jericó.*

<sup>1</sup> “O reino dos céus assemelha-se a um proprietário que saiu de manhã cedo para assalariar trabalhadores para a sua vinha. <sup>2</sup> Tendo acordado com os trabalhadores um denário por dia, mandou-os para a sua vinha. <sup>3</sup> E saindo ele por volta da hora terceira, viu outros parados de pé na ágora sem fazer nada <sup>4</sup> e disse-lhes: ‘Vinde também vós para a vinha e dar-vos-ei o que for justo’. <sup>5</sup> Eles foram. Saindo ele de novo por volta da hora sexta e [depois por volta da hora] nona, procedeu de igual modo. <sup>6</sup> Por volta da hora décima primeira saiu e viu outros ali parados e diz-lhes: ‘Por que razão estais para aí parados o dia inteiro sem fazer nada?’. <sup>7</sup> Eles dizem-lhe: ‘Porque ninguém nos assalariou’. Diz-lhes ele: ‘Ide também vós para a vinha’. <sup>8</sup> Ao cair da noite, diz o proprietário da vinha ao seu capataz: ‘Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos até [chegares] aos primeiros’. <sup>9</sup> E vieram os [que tinham começado a trabalhar] por volta da hora décima primeira e receberam um denário cada um. <sup>10</sup> E vieram os primeiros, julgando que receberiam mais. E cada um recebeu um denário. <sup>11</sup> Depois de receberem, começaram a resmungar com o proprietário, <sup>12</sup> dizendo: ‘Estes últimos trabalharam uma hora e tu os iguala a nós, que aguentamos o peso do dia e o calor abrasador’. <sup>13</sup> Ele, porém, respondeu-lhes, dizendo: ‘Amigo, não estou a injustiçar-te. Não foi um denário que acordaste comigo? <sup>14</sup> Leva o que te pertence e vai-te embora. Quero gratificar este último [trabalhador] como a ti. <sup>15</sup> Ou não me é permitido fazer o que quero com aquilo que é meu? Ou estás a fazer má cara porque sou generoso?’. <sup>16</sup> Assim os últimos serão [os] primeiros; e os primeiros, últimos”.

<sup>17</sup> E subindo Jesus até Jerusalém, tomou de parte os doze [quando iam] a



caminho e disse-lhes: 18 “Eis que estamos subindo até Jerusalém e o Filho da Humanidade será entregue aos sumos sacerdotes e escribas e eles condená-lo-ão à morte 19 e entregá-lo-ão aos pagãos para ser troçado e flagelado e crucificado; e no terceiro dia será ressuscitado”.

20 Foi então que se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu com os seus filhos, prostrando-se e pedindo algo da parte de Jesus. 21 Ele disse-lhe: “Que queres?”. Ela diz-lhe: “Diz que se sentarão estes meus dois filhos, um à tua direita e outro à tua esquerda no teu reino”. 22 Jesus, respondendo, disse: “Não sabeis o que pedis. Conseguis beber o cálice que eu estou prestes a beber?”. Dizem-lhe: “Conseguimos”. 23 Ele diz-lhes: “O meu cálice bebereis; porém o sentar à minha direita e à minha esquerda não me compete dar, mas é daqueles para quem [isso] foi reservado pelo meu Pai”.

24 Ouvindo isso, os [outros] dez ficaram indignados com os dois irmãos. 25 Jesus, porém, chamando-os, disse: “Sabeis que os príncipes dos pagãos são prepotentes com eles e que também os grandes abusam do seu poder. 26 Não será assim convosco. Mas quem quiser ser grande entre vós será vosso criado, 27 e quem quiser ser o primeiro entre vós será o vosso escravo, 28 tal como o Filho da Humanidade não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos”.

29 E estando eles a sair de Jericó, seguiu uma multidão numerosa atrás de Jesus. 30 E eis que dois cegos sentados junto do caminho, tendo ouvido que Jesus estava passando, disseram aos gritos: “Tem misericórdia de nós, filho de Davi!”. 31 Porém a multidão ordenava-lhes que se calassem. Mas eles gritavam mais alto, dizendo: “Tem misericórdia de nós, Senhor, filho de Davi!” 32 E Jesus parou e chamou por eles, dizendo: “Que quereis que vos faça?”. 33 Eles dizem-lhe: “Senhor, [queremos] que se abram os nossos olhos!”. 34 Condoendo-se deles, Jesus tocou nos seus olhos. Imediatamente recuperaram a visão e foram atrás dele.

---

20, 15 “Ou estás a fazer má cara porque sou generoso?”: a expressão traduzida por “má cara” é, literalmente, “mau-olhado” (*ophthalmós ponêrós*).

## 21.

### *Entrada de Jesus em Jerusalém; Os vendilhões do templo; A figueira estéril; Jesus contestado no templo pelos sumos sacerdotes; O homem que tinha dois filhos; Os vinhateiros assassinos.*

<sup>1</sup> Quando já se aproximavam de Jerusalém, chegaram a Betfagé, junto ao Monte das Oliveiras. Jesus enviou dois discípulos, <sup>2</sup> dizendo-lhes: “Ide à aldeia que está à frente de vós e logo encontrareis uma burra presa e com ela um burro pequenino. Soltai-os e trazei-mos. <sup>3</sup> E, se alguém vos disser alguma coisa, respondereis: ‘O Senhor precisa deles, mas logo os devolverá’”. <sup>4</sup> Isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito através do profeta:

<sup>5</sup> *Dizei à filha de Sião:*

*eis que o teu rei vem ao teu encontro,*

*manso e montado numa burra*

*e no poldro, filho de um animal de carga.*

<sup>6</sup> Tendo os discípulos ido e feito o que Jesus lhes ordenara, <sup>7</sup> trouxeram a burra e o burro pequenino e colocaram em cima deles as suas capas e Jesus sentou-se em cima. <sup>8</sup> A multidão numerosa estendia as suas capas no caminho, enquanto outros cortavam ramos das árvores e espalhavam-nos no caminho. <sup>9</sup> As multidões que iam à frente e os que vinham atrás gritavam:

*Hosana ao Filho de Davi!*

*Bendito o que vem em nome do Senhor!*

*Hosana nas alturas!*

<sup>10</sup> E entrando ele em Jerusalém, ficou alvoroçada a cidade inteira. Diziam: “Quem é este?”. <sup>11</sup> As multidões diziam: “Este é o Profeta Jesus, o que vem de

Nazaré na Galileia”.

12 E Jesus entrou no templo e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo e revirou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam as pombas; 13 e disse-lhes: “Ficou escrito:

*A minha casa será chamada casa de oração;  
vós, porém, fazem-na um antro de ladrões”.*

14 E aproximaram-se dele cegos e coxos no templo e ele curou-os. 15 Os sumos sacerdotes e os escribas, vendo os milagres que ele praticou e as crianças que gritavam no templo “Hosana ao Filho de Davi!”, ficaram indignados 13 e disseram-lhe: “Ouves o que estes dizem?”. Jesus diz-lhes: “Sim. Nunca lestes que *da boca de crianças e de bebês de peito arranjaste o louvor?*”.

17 E deixando-os, saiu da cidade em direção a Betânia e lá pernoitou.

18 De manhã, voltando Jesus para a cidade, sentiu fome. 19 E vendo uma figueira junto do caminho, aproximou-se dela e nada encontrou nela a não ser folhas, apenas. E diz-lhe: “Que nunca de ti nasça fruto até a eternidade”. E subitamente a figueira secou.

20 E os discípulos, vendo [isso], espantaram-se, dizendo: “Como é que de repente a figueira secou?”. 21 Jesus, respondendo, disse-lhes: “Amém vos digo, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que [foi feito] desta figueira, mas também à montanha direis ‘levanta-te e atira-te ao mar!’ e [isso] acontecerá. 22 E todas as coisas que pedirdes com fé na oração recebereis”.

23 E dirigindo-se Jesus para o templo, aproximaram-se dele, enquanto ensinava, os sumos sacerdotes e os anciãos do povo, dizendo: “[Apoiado] em que autoridade fazes estas coisas? E quem foi que te deu essa autoridade?”. 24 Jesus, respondendo, disse-lhes: “Também eu vos perguntarei uma coisa que, se me responderdes, vos direi também em que autoridade faço essas coisas. 25 De onde vinha o batismo de João [Batista]? Do céu ou dos homens?”. Eles discutiam entre si, dizendo: “Se dissermos ‘do céu’, nos dirá ‘então por que razão não acreditastes nele?’; 26 porém, se dissermos ‘dos homens’, temos medo do povo, pois todos consideram João um profeta”. 27 E respondendo a Jesus, disseram: “Não sabemos”. Também ele lhes disse: “Nem eu vos digo em que autoridade faço essas coisas.

28 Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. E dirigindo-se ao primeiro,

disse: ‘Filho, vai hoje e trabalha na vinha’. <sup>29</sup> Este, respondendo, disse: ‘Não quero’. No entanto, mais tarde arrependeu-se e lá foi. <sup>30</sup> Dirigindo-se [o pai] ao segundo, falou-lhe nos mesmos termos. Este, respondendo, disse: ‘Eu [vou], senhor’. Só que não foi. <sup>31</sup> Qual desses dois fez a vontade do pai?”.

Dizem: “O primeiro”. Diz-lhes Jesus: “Amém vos digo que os cobradores de impostos e as prostitutas irão à vossa frente para o reino de Deus. <sup>32</sup> Pois João veio até vós no caminho da justiça e não acreditastes nele; mas os cobradores de impostos e as prostitutas acreditaram nele. Porém vós, [apesar de o] terdes visto, nem vos arrependestes posteriormente, [a ponto de] acreditardes nele.

<sup>33</sup> Escutai outra parábola. Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar, construiu uma torre, arrendou-a a uns vinhateiros e ausentou-se para longe. <sup>34</sup> Quando chegou a época das vindimas, enviou os seus escravos aos vinhateiros, para receberem os frutos que lhe pertenciam. <sup>35</sup> Porém os vinhateiros agarraram os escravos: bateram num, mataram outro e apedrejaram o terceiro. <sup>36</sup> De novo enviou outros escravos, mais numerosos que os primeiros, e trataram-nos da mesma forma. <sup>37</sup> Finalmente, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: ‘Respeitarão o meu filho’. <sup>38</sup> Mas os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro. Matemo-lo e ficaremos com a sua herança’. <sup>39</sup> E, agarrando-o, atiraram-no para fora da vinha e mataram-no. <sup>40</sup> Portanto: quando vier o dono da vinha, o que fará ele àqueles vinhateiros?”.

<sup>41</sup> Eles responderam: “A esses maldosos dará má morte e arrendará a vinha a outros vinhateiros que lhe entregarão os frutos na época devida”. <sup>42</sup> Jesus disse-lhes: “Nunca lestes nas Escrituras:

*A pedra que os construtores rejeitaram  
transformou-se em pedra angular;  
isso é obra do Senhor  
e é admirável aos nossos olhos?*

<sup>43</sup> Por isso vos digo que vos será tirado o reino de Deus e será dado a um povo que produza os seus frutos. <sup>44</sup> E quem cair em cima dessa pedra se despedaçará; e a pedra esmagará aquele sobre quem ela cair”.

<sup>45</sup> E os sumos sacerdotes e fariseus, ouvindo as parábolas dele, perceberam sobre que coisas ele estava falando <sup>46</sup> E [apesar de] quererem prendê-lo, tinham

medo das multidões, uma vez que elas o tinham como profeta.

---

21, 2 A burra, mãe do burrinho, só aparece em Mateus. Os outros evangelistas falam só do poldro.

21, 5 *Dizei à filha de Sião*: Zacarias 9,9.

219 *Hosana [...]* *Bendito o que vem em nome do Senhor!*: Salmo 118 (117 LXX): 26.

21, 13 *A minha casa será chamada casa de oração*: Isaías 56,7.

\_\_\_ *antro de ladrões*: Jeremias 7,11.

21, 16 *da boca de crianças e de bebês*: Salmo 8 (7),3.

\_\_\_ *arranjaste*: literalmente, “consertaste”. Trata-se do verbo *katartízô*, o mesmo usado por Mateus para as redes de pesca a serem consertadas em 4,21.

21, 33 Este versículo está repleto de ecos do AT (mormente Cântico dos Cânticos 8,11; Isaías 5,1-2).

21, 42 *A pedra que os construtores rejeitaram*: Salmo 118 (117).

## 22.

***“Muitos são chamados; mas poucos, escolhidos”; “Dai a César o que é de César”; A ressurreição dos mortos; O mandamento do amor; Cristo, filho e senhor de Davi.***

<sup>1</sup> E Jesus, respondendo, de novo lhes falou em parábolas, dizendo: <sup>2</sup> “O reino dos céus foi assemelhado a um rei, que providenciou um banquete nupcial para o seu filho. <sup>3</sup> E mandou os seus escravos chamar os convidados para as bodas e eles não quiseram vir. <sup>4</sup> De novo mandou outros escravos, dizendo: ‘Transmiti aos convidados que o meu banquete está pronto; abateram-se os meus bois e as minhas reses gordas; tudo está preparado. Vinde às bodas’. <sup>5</sup> Mas eles, sem se importarem, partiram: um para o seu campo, outro para o seu negócio. <sup>6</sup> Os restantes, agarrando os escravos, ultrajaram-nos e mataram-nos. <sup>7</sup> O rei ficou furioso e, mandando as suas tropas, destruiu aqueles assassinos e incendiou a cidade deles. <sup>8</sup> Então disse aos seus escravos: ‘O banquete nupcial está pronto, mas os convidados não eram dignos. <sup>9</sup> Ide, pois, às saídas dos caminhos e todos quantos encontrardes convidai para o banquete nupcial’. <sup>10</sup> E os escravos, saindo para os caminhos, reuniram todos quantos encontraram, maus e bons. E a boda encheu-se de convivas. <sup>11</sup> Entrando o rei para ver os convidados, viu ali um homem que não vestia roupa de casamento, <sup>12</sup> e diz-lhe: ‘Amigo, como entraste aqui sem teres terno de casamento?’. Mas o homem ficou constrangido. <sup>13</sup> Então o rei disse aos criados de servir: ‘Atai-lhe os pés e as mãos e lançai-o na escuridão lá de fora; aí haverá choro e ranger de dentes’. <sup>14</sup> É que muitos são chamados; mas poucos, escolhidos”.

<sup>15</sup> Então os fariseus foram reunir-se em conselho para lhe criarem uma

armadilha no seu próprio discurso. 16 E mandaram-lhe os discípulos deles, juntamente com os partidários de Herodes, dizendo: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus na verdade e não te preocupas com [a opinião de] ninguém, pois não olhas para o aspecto das pessoas. 17 Diz-nos, pois, o que te parece: devemos ou não devemos pagar tributo a César?”. 18 Sabendo Jesus da malícia deles, disse: “Por que me pondeis à prova, hipócritas? 19 Mostrai-me a moeda do imposto”. Eles levaram-lhe um denário. 20 E Jesus diz-lhes: “De quem é esta efígie e esta inscrição?”. 21 Dizem-lhe: “De César”. Então ele diz-lhes: “Pagai as coisas de César a César; e as coisas de Deus a Deus”. 22 E eles ficaram espantados ao ouvir [isto] e, deixando-o, foram-se embora.

23 Naquele mesmo dia, saduceus, que dizem não haver ressurreição, vieram encontrar com ele e interrogaram-no, 24 dizendo: “Mestre, Moisés disse que *se alguém morrer sem ter filhos, o seu irmão casará com a viúva e fará levantar semente ao seu irmão*. 25 Nós tínhamos sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu; e não tendo semente, deixou a mulher ao seu irmão. 26 Nas mesmas circunstâncias, também o segundo e o terceiro — e assim até o sétimo. 27 Depois de todos eles, morreu a mulher. 28 Então, na ressurreição, de qual dos sete será ela mulher, pois todos eles a possuíram?”.

29 Jesus, respondendo, disselhes: “Equivocai-vos por não conhecerdes as Escrituras nem o poder de Deus. 30 Na ressurreição, nem os homens terão mulheres; nem as mulheres, maridos; mas serão como anjos no céu. 31 A respeito da ressurreição dos mortos, não lestes o que vos foi dito por Deus, ao dizer: 32 *Eu sou o Deus de Abraão e o Deus de Isaac e o Deus de Jacó* ? Não é Deus de gente morta, mas de gente viva”. 33 E as multidões, ouvindo [isto], maravilhavam-se com a sua doutrina.

34 Tendo os fariseus ouvido que Jesus calara os saduceus, juntaram-se para o mesmo, 35 e um deles, para pôr Jesus à prova, perguntou: 36 “Mestre, qual é o maior mandamento na lei?”. 37 Jesus disse-lhe: “*Amarás o Senhor teu Deus em todo o teu coração e em toda a tua alma e em todo o teu entendimento*. 38 Este é o grande, o primeiro mandamento. 39 O segundo é semelhante a este: *amarás o teu próximo como a ti mesmo*. 40 Nesses dois mandamentos está suspensa toda a lei e os profetas”.

41 Estando os fariseus reunidos, Jesus perguntou-lhes: 42 “Que pensais vós

acerca do Cristo? De quem é filho?”. Eles dizem-lhe: “De Davi”.<sup>43</sup> Jesus diz-lhes: “Como se explica então que Davi, [inspirado] no espírito, chama ao [Cristo] ‘Senhor’, ao dizer:

44 *Disse o Senhor ao meu Senhor:*

*senta-te à minha direita,*

*até que ponha os teus inimigos*

*debaixo dos teus pés?*

45 Se Davi chama ao [Cristo] ‘Senhor’, como pode ele ser seu filho?”. E ninguém conseguiu responder-lhe palavra [alguma] nem houve mais ninguém que se atrevesse a partir daquele dia a interrogá-lo mais.

---

22, 4 “Transmiti aos convidados que”: literalmente, “transmiti aos convidados: ‘eis que’”.

22, 6 “ultrajaram-nos”: trata-se aqui do aoristo (*húbrisan*) do verbo *hubrízô*, que tem por base a palavra *húbris* (“arrogância”).

22, 12 “constrangido”: aoristo passivo (*ephimôthê*) do verbo *phimôô*, literalmente “açaimar”.

22, 23 *se alguém morrer sem ter filhos*: Gênesis 38,8; Deuteronômio 25,5.

22, 30 “Na ressurreição, nem os homens terão mulheres; nem as mulheres, maridos; mas serão como anjos no céu”: literalmente, “na ressurreição nem [os homens] casarão [com mulheres] nem [as mulheres] serão dadas [a homens] em casamento”.

22, 32 *Eu sou o Deus de Abraão*: Êxodo 3,6.

22, 24 “Jesus calara os saduceus”: aoristo (*ephimôsen*) de *phimôô* (cf. v. 12\*). Literalmente: “Jesus pôs um açaimo aos saduceus”.

22, 37 *Amarás o Senhor teu Deus*: Deuteronômio 6,5.

— *Em todo o teu coração*: em Marcos e Lucas, a citação é ligeiramente diferente, pois lê-se “de todo o teu coração”.

22, 29 *amarás o teu próximo*: Levítico 19,18.

22, 44 *Disse o Senhor ao meu Senhor*: Salmo 110 (109),1. Mateus atribui aqui a Jesus a convicção de que esse salmo foi escrito por Davi, convicção essa que não é partilhada por aqueles que hoje se dedicam ao *scholarship* do AT.



## 23.

### *Jesus condena o farisaísmo; Lamentação de Jesus sobre Jerusalém.*

<sup>1</sup> Então Jesus falou às multidões e aos seus discípulos, <sup>2</sup> dizendo: “Na cátedra de Moisés se sentaram os escribas e os fariseus. <sup>3</sup> Todas as coisas que eles vos disserem fazei e observai, mas não façais as suas obras. Pois [o que] eles dizem eles também não fazem. <sup>4</sup> Atam fardos pesados e insuportáveis e colocam-nos aos ombros das pessoas, mas eles próprios nem com um dedo os querem deslocar. <sup>5</sup> Tudo o que fazem é com a finalidade de serem vistos pelas pessoas. Por isso, alargam os filactérios e alongam as borlas dos seus mantos. <sup>6</sup> Gostam de ocupar o primeiro lugar nos banquetes e os primeiros assentos nas sinagogas. <sup>7</sup> Gostam das saudações nas praças públicas e de serem chamados ‘mestres’ pelos homens.

<sup>8</sup> Quanto a vós, não vos deixeis tratar por ‘mestres’, pois um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos. <sup>9</sup> E, na terra, a ninguém chameis ‘pai’, porque só um é o vosso Pai, o celeste. <sup>10</sup> Nem permitais que vos tratem por ‘doutores’, pois só um é o vosso doutor: o Cristo. <sup>11</sup> O maior dentre vós será o vosso criado. <sup>12</sup> Quem se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado.

<sup>13</sup> Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque trancais o reino dos céus diante das pessoas. Nem entraís vós nem deixais que entrem os que estão para entrar. [[14]]

<sup>15</sup> Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e, depois de o terdes seguro, fazeis dele um filho da geena, duas vezes pior do que vós.

<sup>16</sup> Ai de vós, guias cegos, que dizeis: ‘Se alguém jura pelo santuário, isso não tem importância; mas, se jura pelo ouro do santuário, fica sujeito ao juramento’.

<sup>17</sup> Insensatos e cegos! Que é o que vale mais? O ouro ou o santuário, que sagrou

o ouro? 18 Dizeis ainda: 'Se alguém jura pelo altar, isso não tem importância; mas, se jura pela oferta que está sobre o altar, fica sujeito ao juramento'. 19 Cegos! Qual é o que vale mais? A oferta ou o altar, que sagra a oferta? 20 Portanto, quem jura pelo altar jura por ele e por tudo o que está sobre ele; 21 quem jura pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita; 22 e quem jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está sentado.

23 Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque pagais o dízimo da hortelã, do funcho e do cominho e desprezais o mais importante da lei: a justiça, a misericórdia e a fé. Devíeis praticar essas coisas, sem deixar aquelas. 24 Guias cegos, que filtrais um mosquito e engolis um camelo.

25 Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais a parte exterior do copo e do prato, quando por dentro estão cheios de rapina e de iniquidade. 26 Fariseu cego! Limpa antes por dentro do copo, para que o exterior também fique limpo.

27 Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas, por dentro, cheios de ossos de mortos e de toda a espécie de impureza. 28 Assim também vós por fora pareceis justos aos olhos dos outros, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

29 Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os túmulos dos justos, 30 dizendo: 'Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas'. 31 Desse modo, testemunhais contra vós mesmos que sois filhos dos que assassinaram os profetas. 32 Cumpri a medida dos vossos pais! 33 Serpentes! Raça de víboras! Como podereis fugir à condenação da geena?

34 Por isso, eis que vos envio profetas, sábios e escribas. Matareis e crucificareis alguns deles, chicoteareis outros nas vossas sinagogas e haveis de persegui-los de cidade em cidade, 35 de modo que venha sobre vós todo o sangue justo que tem sido derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. 36 Amém vos digo: tudo isso virá sobre esta geração.

37 Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis reunir os teus filhos como a ave reúne os seus pintinhos sob as suas asas, e vós não quisestes. 38 Eis que *a vossa casa ficará*

*deserta.* 39 Eu vos digo que não voltareis a ver-me até que digais: *Bendito o que vem em nome do Senhor*".

---

23, 5 "filactérios": em todo o NT, a palavra *phylaktērion* só aparece aqui. Segundo Nolland (p. 925), os filactérios serão caixinhas feitas de couro (*tepillin* em hebraico) nas quais se transportavam passagens seletas da Escritura e que podiam ser usadas como pulseiras.

23, 10 "Nem permitais que vos tratem por 'doutores'": a palavra traduzida por "doutor", que Mateus coloca na boca de Jesus (*kathêgêtês*), ainda hoje é usada em grego moderno com o sentido de "professor universitário".

23, [[14]] Este versículo ("Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que devorais as casas das viúvas e que por causa das aparências rezais longamente. Por isso recebereis sentença mais rigorosa") é considerado uma interpolação na edição crítica de N-A.

23, 25 "estão cheios de rapina e de iniquidade": o verbo, no original, está conjugado na terceira pessoa do plural, mas faria porventura mais sentido a segunda pessoa, pois parece claro que não são os utensílios da casa de jantar que estão cheios de rapina e de iniquidade, mas sim os próprios fariseus.

23, 27 "sepulcros caiados": essa expressão não passou despercebida a Oscar Wilde, que a usa na sua peça de teatro *Salomé*.

23, 38 Passagens do AT aqui subjacentes: 1 Reis 9,7; Salmo 69,25; Isaías 5,9; Jeremias 22,5; Sofonias 3,6.

23, 39 Cf. Salmo 118,26 (e Mateus 21,9).

## 24.

### *Jesus anuncia a destruição do templo, a perseguição dos discípulos e a destruição de Jerusalém; Os falsos Messias; A vinda do Filho da Humanidade; O sinal da figueira; O escravo fiel.*

<sup>1</sup> E Jesus, saindo do templo, estava para ir embora quando os seus discípulos vieram para lhe apontar as construções do templo. <sup>2</sup> Mas ele, respondendo, disse-lhes: “Não vedes todas estas coisas? Amém vos digo: não deve ser aqui deixada pedra sobre pedra que não será desmoronada”.

<sup>3</sup> Estando Jesus sentado no Monte das Oliveiras, aproximaram-se dele os discípulos em privado, dizendo: “Diz-nos, quando acontecerão essas coisas e qual é o sinal da tua vinda e da completude do tempo?”.

<sup>4</sup> E Jesus, respondendo, disse-lhes: “Olhai que ninguém vos desencaminhe. <sup>5</sup> Pois muitos virão em meu nome, dizendo ‘eu sou o Cristo’; e desencaminharão muitas pessoas. <sup>6</sup> Ouvireis falar de guerras e de rumores de guerras. Olhai para que não fiquéis perturbados. *É forçoso que aconteça*, mas ainda não é o fim. <sup>7</sup> Levantar-se-á o povo contra povo e reino contra reino e haverá fomes e terremotos de lugar para lugar. <sup>8</sup> Todas essas coisas [serão] o princípio das dores.

<sup>9</sup> Então entregar-vos-ão à opressão e matar-vos-ão; e sereis odiados por todos os povos por causa do meu nome. <sup>10</sup> E então muitos ficarão escandalizados e trair-se-ão e odiar-se-ão uns aos outros. <sup>11</sup> E muitos falsos profetas se levantarão e desencaminharão muitos. <sup>12</sup> E por causa da multiplicação da iniquidade, esfriar-se-á o amor de muitos. <sup>13</sup> Quem permanecer até o fim, esse se salvará. <sup>14</sup> E essa boa-nova do reino será anunciada em todo o mundo como testemunho dirigido a todos os povos; e então virá o fim.

15 Quando virdes *a abominação da desolação*, dita através de Daniel, o profeta, de pé em lugar santo — quem estiver lendo que entenda! —, 16 então os habitantes da Judeia que fujam para as montanhas. 17 Quem estiver no telhado que não desça para levar as coisas de sua casa, 18 e quem estiver no campo não volte para pegar na sua capa. 19 Ai das grávidas e das que estiverem a amamentar naqueles dias!

20 Rezai para que a vossa fuga não aconteça no inverno ou em dia de sábado. 21 Pois será grande a angústia, tal como nunca houve desde o início do mundo até agora, nem jamais haverá. 22 E se não fossem encurtados aqueles dias, não se salvaria toda a [pessoa feita de] carne. Por causa dos escolhidos esses dias serão encurtados.

23 Então se alguém vos disser ‘eis aqui o Cristo’ ou ‘aqui [está ele]’, não acrediteis. 24 Pois serão levantados falsos Cristos e falsos profetas e darão sinais grandes e prodígios com o intuito de desencaminhar, se possível, também os escolhidos. 25 Eis que vos predisse [tudo]. 26 Pois se vos disserem ‘eis que ele está no deserto’, não saiais; ‘eis que está no interior da casa’, não acrediteis. 27 Tal como o relâmpago sai do oriente e brilha até o ocidente, assim será a vinda do Filho da Humanidade. 28 Onde estiver o cadáver, aí se reunirão os abutres.

29 Imediatamente a seguir à opressão daqueles dias,

*o Sol será escurecido,*

*e a Lua não dará a sua luz;*

*e os astros cairão do céu*

*e os poderes dos céus serão abalados.*

30 E então aparecerá o sinal do Filho da Humanidade no céu; e então se lamentarão todos os povos da terra e verão *o Filho da Humanidade vindo sobre as nuvens do céu*, com poder e muita glória. 31 E enviará os seus anjos com grande som de trompete e reunirão os escolhidos dele a partir dos quatro ventos, desde um extremo dos céus até o outro.

32 Da figueira aprendei a parábola. Quando o ramo dela já se tornou tenro e começam a despontar as folhas, ficais a saber que o verão está próximo. 33 Assim também vós, quando virdes todas essas coisas, sabeis que Ele está próximo, às portas. 34 Amém vos digo que não passará esta geração antes que todas essas coisas aconteçam. 35 O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não

passam.

36 Sobre aquele dia e sobre aquela hora ninguém sabe [nada]. Nem os anjos dos céus, nem o Filho; só o Pai.

37 Assim como [foram] os dias de Noé, assim será a vinda do Filho da Humanidade. 38 Tal como eles estavam nos dias antes do dilúvio comendo e bebendo, casando e sendo dadas em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, 39 e não sabiam [de nada] até que veio o dilúvio e levou todos — assim será a vinda do Filho da Humanidade. 40 Então dois [homens] estarão no campo: um será levado e um será deixado. 41 Duas [mulheres] estarão moendo no moinho: uma será levada e uma será deixada.

42 Por isso vigiai, porque não sabeis em que dia chega o vosso Senhor. 43 Isto ficai a saber: que se soubesse o dono da casa a que horas viria o ladrão, teria ficado vigilante e não teria deixado que assaltasse a sua casa. 44 Por isso também vós estai preparados, porque à hora de que não estais à espera chega o Filho da Humanidade.

45 Quem é o escravo fiel e sensato, que o senhor pôs à frente da sua criadagem para que lhes desse de comer à hora própria? 46 Feliz é aquele escravo a quem o Senhor, chegando, encontrará procedendo assim. 47 Amém vos digo que o porá à frente de todos os seus bens. 48 Mas se o mau escravo disser no seu próprio coração ‘o meu senhor está demorando’, 49 e começar a bater nos seus colegas escravos, a comer e a beber com os embriagados, 50 virá o senhor desse escravo no dia em que ele não o espera e à hora que ele desconhece; 51 e irá cortá-lo ao meio e dar-lhe um lugar com os hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes”.

---

24, 2 “não deve ser aqui deixada pedra sobre pedra que não será desmoronada”: essa frase é sutilmente diferente em Mateus, Marcos (13,2) e Lucas (21,6). Este último dá a formulação mais compreensível que, por isso, é habitualmente aplicada pelos tradutores de forma uniformizada às passagens em causa dos três evangelistas. O problema está em transpor para uma língua moderna as formas verbais gregas: em Mateus, conjuntivo aoristo passivo seguido de indicativo futuro passivo; em Marcos, ambos os verbos no conjuntivo aoristo passivo; em Lucas, ambos os verbos no indicativo futuro passivo. Na presente tradução, as três passagens são traduzidas de forma diferenciada, conforme o original.

24, 3 “vinda”: Mateus é o único dos quatro evangelistas que emprega a palavra *parousía* (“vinda”, com o sentido específico em contexto cristão de significar a segunda vinda de Cristo) e apenas neste capítulo (vv. 3, 27, 37, 39).

24, 6 *É forçoso que aconteça*: Deuteronômio 2,28.

24, 8 “dores”: literalmente, dores do parto.

24, 15 *a abominação da desolação*: a frase aparece várias vezes no livro de Daniel: 9,23, 27; 11,31; 12,11.

24, 21 Cf. Daniel 12,1; Joel 2,2.

24, 25 “Eis que vos predisse [tudo]”: a palavra “tudo” (*pánta*), que falta aqui, está explícita na passagem correspondente de Marcos (13,23).

24, 29 Passagens do AT subjacentes a este versículo: Isaías 13,10; 34,4; Joel 2,10; 3,4; 4,15; Ezequiel 32,7.

24, 30 Cf. Daniel 7,13.

24, 35 “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passam”: nas passagens correspondentes, Marcos (13,31) e Lucas (21,33) empregam duas vezes o futuro (“passarão [...] não passarão”), mas Mateus emprega curiosamente, na segunda forma verbal, o conjuntivo aoristo. (Só a tradução de Carl Heinrich Weizsäcker conseguiu levar em conta o desafio aqui colocado por Mateus, pois de resto traduz-se habitualmente essa frase de Mateus como se fosse igual às de Marcos e de Lucas.)

24, 51 “cortá-lo ao meio e dar-lhe um lugar com os hipócritas”: a ideia literal que essas palavras transmitem é de castigo violento conducente à morte do escravo (“cortá-lo ao meio” é o sentido do verbo *dikhotoméō*). O “lugar com os hipócritas” pode ser uma expressão alusiva para designar “vala comum”.

## 25.

### *A parábola das dez virgens; A parábola dos talentos; O juízo final.*

<sup>1</sup> “Então o reino dos céus será assemelhado a dez virgens, que pegaram nas suas candeias e saíram ao encontro do noivo. <sup>2</sup> Cinco delas eram tolas; e cinco, ajuizadas. <sup>3</sup> As tolas, ao pegarem nas suas candeias, não levaram azeite com elas. <sup>4</sup> Mas as ajuizadas levaram azeite nos vasos junto com as suas candeias. <sup>5</sup> Demorando-se o noivo, dormitaram todas e acabaram por adormecer. <sup>6</sup> No meio da noite, ouviu-se um grito. ‘Eis o noivo! Ide ao seu encontro!’ <sup>7</sup> Então acordaram todas aquelas virgens e prepararam as suas candeias. <sup>8</sup> As tolas disseram às ajuizadas: ‘Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas candeias estão se apagando’. <sup>9</sup> Porém as ajuizadas responderam, dizendo: ‘Não vá acontecer que não chegue para nós e para vós, ide antes aos vendedores e comprei [azeite] para vós’. <sup>10</sup> Tendo-se ausentado estas para comprarem [azeite], chegou o noivo. E as precavidas entraram com ele para as bodas e fechou-se a porta. <sup>11</sup> Mais tarde, chegam também as restantes virgens, dizendo: ‘Senhor, senhor! Abre-nos a porta!’. <sup>12</sup> Porém ele, respondendo, disse: ‘Amém vos digo: não vos conheço’.

<sup>13</sup> Por isso, vigiai; porque não sabeis o dia nem a hora.

<sup>14</sup> [O reino dos céus será também] como um homem que, indo para fora, chamou os seus escravos e lhes confiou os seus bens. <sup>15</sup> A um deu cinco talentos; a outro, dois; a outro, um; a cada qual conforme a sua capacidade. E partiu. De imediato <sup>16</sup> aquele que recebeu cinco talentos negociou com eles e ganhou outros cinco. <sup>17</sup> Da mesma forma, aquele que recebeu dois ganhou outros dois. <sup>18</sup> Mas aquele que recebeu um foi cavar [um buraco na] terra e escondeu o dinheiro do seu senhor.

<sup>19</sup> Muito tempo depois, chega o senhor daqueles escravos e faz as contas com eles. <sup>20</sup> E aproximando-se o que recebera cinco talentos, apresentou mais cinco,



dizendo: ‘Senhor, confiaste-me cinco talentos. Vê, ganhei outros cinco’. <sup>21</sup> Disse-lhe o senhor dele: ‘Muito bem, escravo bom e fiel! Foste confiável em coisas [que são] poucas; pôr-te-ei à frente de numerosas. Entra na alegria do teu senhor!’.

<sup>22</sup> Aproximando-se o que [tinha recebido] dois talentos, disse: ‘Senhor, confiaste-me dois talentos. Vê, ganhei outros dois’. <sup>23</sup> Disse-lhe o senhor dele: ‘Muito bem, escravo bom e fiel! Foste confiável em coisas [que são] poucas; pôr-te-ei à frente de numerosas. Entra na alegria do teu senhor!’.

<sup>24</sup> Aproximando-se o que recebera só um talento, disse: ‘Senhor, sabendo eu que és um homem duro, ceifando onde não semeaste e recolhendo de onde não espalhaste [semente], <sup>25</sup> e[u], amedrontado, fui esconder o teu talento na terra. Vê, tens [de volta] o que é teu’.

<sup>26</sup> O amo dele, respondendo, disse-lhe: ‘Escravo mau e preguiçoso! Sabias que eu ceifo onde não semeei e recolho de onde não espalhei? <sup>27</sup> Pois devias ter levado o meu dinheiro aos banqueiros e, no meu regresso, teria levantado o meu dinheiro com juros. <sup>28</sup> Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. <sup>29</sup> Porque ao que tem será dado e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. <sup>30</sup> A esse escravo inútil, lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes’.

<sup>31</sup> Quando vier o Filho da Humanidade na sua glória e todos os anjos com ele, então se sentará sobre o trono da sua glória. <sup>32</sup> E serão reunidos diante dele todos os povos e ele separará uns dos outros, tal como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. <sup>33</sup> E colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à esquerda. <sup>34</sup> Então dirá o rei àqueles que estão à sua direita: ‘Vinde, benditos do meu Pai, e herdai o reino preparado para vós desde a fundação do mundo. <sup>35</sup> Eu tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber; eu era estrangeiro e acolhestes-me, <sup>36</sup> estava nu e vestistes-me, estava doente e visitastes-me, estava na prisão e viestes até mim’. <sup>37</sup> Então lhe responderão os justos, dizendo: ‘Senhor, quando te vimos esfomeado e te alimentamos, ou quando sedento e te demos de beber? <sup>38</sup> Quando te vimos estrangeiro e te acolhemos, ou quando nu e te vestimos? <sup>39</sup> Quando te vimos doente ou na prisão e fomos encontrar contigo?’. <sup>40</sup> E o rei, respondendo, dir-lhes-á: ‘Amém vos digo: quanto fizestes a um desses mais insignificantes dos meus irmãos, a mim o fizestes’. <sup>41</sup> Então dirá aos do lado esquerdo: ‘Ide para longe de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o

diabo e para os seus anjos. <sup>42</sup> Pois eu tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; <sup>43</sup> eu era estrangeiro e não me acolhestes, estava nu e não me vestistes; estava doente e na prisão e não me visitastes'. <sup>44</sup> Então lhes responderão estes, dizendo: 'Senhor, quando te vimos esfomeado ou sedento ou estrangeiro ou nu ou doente ou na prisão e não te servimos?'.<sup>45</sup> Então ele lhes responderá, dizendo: 'Amém vos digo: quanto não fizestes a um destes mais insignificantes dos meus irmãos, a mim o não fizestes'.

<sup>46</sup> E irão estes para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna."

---

25, 1-13 A curiosa parábola das dez virgens não tem paralelo nos outros Evangelhos.

25, 12 "Amém vos digo": a identidade do "noivo" não deixa grandes dúvidas (cf. vv. 40, 45).

25, 15 "cinco talentos": a quantia mencionada por Mateus, ainda que menos desmedida do que a de 18,24, é mesmo assim milionária (estima-me que um talento teria um valor, em moeda atual, que se situa entre os R\$ 875 000,00 e os R\$ 1 050 000,00, pelo que cinco talentos equivaleriam a mais de R\$ 3 500 000,00). A parábola paralela de Lucas (19,11-25) é uma versão econômica desta, já que trata de dez minas (uma mina equivaleria a mais ou menos R\$ 17 500,00 em dinheiro de hoje).

25, 29 Este versículo é igual a 13,12.

## 26.

### *A unção de Betânia; Judas vende Jesus por trinta moedas; A Última Ceia; A tristeza de Jesus em Getsêmani; Jesus é preso; Jesus em tribunal; Pedro renega Jesus.*

<sup>1</sup> E aconteceu que, quando Jesus terminou todos esses discursos, disse aos seus discípulos: <sup>2</sup> “Sabeis que daqui a dois dias é Páscoa e que o Filho da Humanidade será entregue para ser crucificado”.

<sup>3</sup> Então se reuniram os sumos sacerdotes e os anciãos do povo no palácio do sumo sacerdote, que se chamava Caifás, <sup>4</sup> e deliberaram que prenderiam Jesus pelo dolo e o matariam. <sup>5</sup> Mas disseram: “Não durante a festa, para que não aconteça um motim entre o povo”.

<sup>6</sup> Estando Jesus em Betânia, na casa de Simão, o leproso, <sup>7</sup> aproximou-se dele uma mulher com um frasco de alabastro de perfume caríssimo e derramou-o em cima da cabeça dele enquanto ele estava à mesa. <sup>8</sup> Vendo [isso], os discípulos indignaram-se, dizendo: “Para quê esse desperdício? <sup>9</sup> Pois esse frasco podia ser vendido e [o dinheiro] podia ser dado aos mendigos”. <sup>10</sup> Porém Jesus, apercebendo-se, disselhes: “Por que dais aborrecimentos à mulher? Ela fez algo de belo em relação a mim. <sup>11</sup> Pois os mendigos tendes sempre convosco, mas a mim não tendes sempre. <sup>12</sup> Ao atirar este perfume sobre o meu corpo, esta mulher preparou-me para a sepultura. <sup>13</sup> Amém vos digo: em qualquer parte onde seja anunciada esta boa-nova em todo o mundo, será falado o que ela fez, em memória dela”.

<sup>14</sup> Tendo então um dos doze, chamado Judas, ido encontrar-se com os sumos sacerdotes, <sup>15</sup> disse: “Que quereis dar-me e eu vo-lo trairei?”. Eles pesaram para

ele trinta [moedas] prateadas. 16 E a partir de então, Judas procurava uma oportunidade para trair Jesus.

17 No primeiro dia dos Ázimos, aproximaram-se os discípulos de Jesus, dizendo: “Onde queres que te façamos os preparativos para comer a Páscoa?”. 18 Ele disse: “Ide até a cidade, na casa de fulano de tal, e dizei-lhe: ‘O Mestre diz: ‘O meu tempo está próximo; em tua casa celebro a páscoa com os meus discípulos’.”. 19 E os discípulos fizeram como lhes ordenou Jesus e prepararam a Páscoa.

20 Ao entardecer, Jesus sentou-se à mesa com os doze. 21 E estando eles a comer, disse: “Amém vos digo que um de vós me trairá”. 22 E eles, profundamente aflitos, começaram a perguntar-lhe, um por um: “Não sou eu, não, Senhor?”. 23 Porém ele, respondendo, disse: “Aquele que molhará comigo a mão na travessa, esse me trairá. 24 O Filho da Humanidade segue tal como ficou escrito a seu respeito, mas aí daquele por intermédio de quem o Filho da Humanidade é traído. Melhor seria para ele se não tivesse nascido esse homem”. 25 Respondendo, Judas — aquele que o estava a trair — disse: “Não sou eu, não, Mestre?”. Jesus diz-lhe: “Tu [o] disseste”.

26 Estando eles a comer, Jesus, tomando pão e proferindo a bênção, partiu e, dando aos discípulos, disse: “Tomai e comei, isto é o meu corpo”. 27 E, tomando um cálice e dando graças, deu-lhes, dizendo: “Bebei todos deste [cálice], 28 pois isto é o meu sangue da aliança, sangue derramado por muitos para libertação dos erros. 29 Digo-vos: não bebo a partir de agora deste fruto da videira até aquele dia em que o beber, novo, convosco no reino do meu Pai”.

30 E eles, tendo cantado os salmos, saíram para o Monte das Oliveiras.

31 Então diz-lhes Jesus: “Todos vós ficareis escandalizados comigo esta noite, pois ficou escrito:

*Ferirei o pastor*

*e serão dispersas as ovelhas do rebanho.*

32 Mas depois da minha ressurreição, irei à vossa frente rumo à Galileia”. 33 Pedro, respondendo, disse-lhe: “Se todos vão ficar escandalizados contigo, eu nunca me escandalizarei”. 34 Disse-lhe Jesus: “Amém te digo que, esta noite, antes de o galo cantar, três vezes me terás renegado”. 35 Diz-lhe Pedro: “Mesmo que eu tenha de morrer contigo, não te renegarei”. De igual modo falaram todos

os discípulos.

36 Então Jesus vai com eles até o terreno chamado Getsêmani e diz aos discípulos: “Sentai-vos aqui enquanto eu vou ali rezar”. 37 E levando Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a afligir-se e a angustiar-se. 38 Então diz-lhes: “*Aflitíssima está a minha alma* até [a] morte. Permanecei aqui e ficai acordados comigo”. 39 E afastando-se um pouco, caiu de rosto [no chão], orando e dizendo: “Meu Pai, se é possível, que este cálice me passe ao lado; mas não como eu quero, mas como Tu [queres]”. 40 E volta para os discípulos e encontra-os a dormir. E diz a Pedro: “Com que então não tivestes força para ficar acordados uma hora comigo? 41 Vigiai e orai, para que não entreis em tentação: pois o espírito é querente, mas a carne é fraca”. 42 De novo se afastando, pela segunda vez orou, dizendo: “Meu Pai, se não é possível que este [cálice] me passe ao lado se eu o não beber, faça-se a tua vontade”. 43 E, regressando de novo, encontrou-os a dormir, pois os olhos deles estavam pesados. 44 E deixando-os, de novo ele se afastou e orou uma terceira vez, dizendo mais uma vez a mesma coisa. 45 Então dirige-se para os discípulos e diz-lhes: “Dormi daqui para a frente e descansai! Eis que se aproximou a hora; e o Filho da Humanidade está a ser entregue nas mãos dos pecadores. 46 Levantai-vos, vamos. Aproxima-se o meu traidor”.

47 E enquanto Jesus falava, eis que Judas, um dos doze, chegou e com ele uma multidão numerosa com espadas e paus, enviada pelos sumos sacerdotes e anciãos do povo. 48 O traidor dera-lhes um sinal, dizendo: “Aquele que eu beijar é ele: prendei-o”. 49 E dirigindo-se de imediato a Jesus, disse: “Saúdo-te, Mestre”. E beijou-o. 50 Jesus disse-lhe: “Companheiro, a que vieste?”. Então avançaram e deitaram as mãos a Jesus e prenderam-no. 51 E eis que um dos que estavam com Jesus desembainhou a sua espada e, ferindo o escravo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha. 52 Então lhe diz Jesus: “Põe de novo a tua espada no lugar dela. Todos os que tomarem uma espada, na espada morrerão. 53 Ou pensas que não posso chamar o meu Pai [que] me enviará já mais de doze legiões de anjos? 54 Como se cumpririam as Escrituras, segundo as quais isto tem de acontecer?”. 55 Naquela hora disse Jesus às multidões: “Como contra um ladrão viestes com espadas e paus para me prender? Todos os dias no templo me sentei a ensinar e não me prendestes. 56 Mas tudo isto acontece para que se cumpram as

Escrituras dos profetas”. Então todos os discípulos, deixando-o, fugiram.

57 Os que prenderam Jesus levaram-no para Caifás, o sumo sacerdote, onde os escribas e anciãos se tinham reunido. 58 Pedro, porém, seguiu-o de longe até o palácio do sumo sacerdote e, entrando, sentou-se no meio dos criados, para ver o desfecho.

59 Os sumos sacerdotes e todo o conselho procuravam um depoimento falso contra Jesus, para o condenarem à morte. 60 Mas não encontraram, ainda que muitas falsas testemunhas se tivessem apresentado. Por fim, vieram duas, que 61 disseram: “Este disse: ‘Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em três dias’”. 62 E o sumo sacerdote, levantando-se, disse-lhe: “Nada respondes? Que coisa testemunham estes contra ti?”. 63 Mas Jesus ficou em silêncio. E o sumo sacerdote disse-lhe: “Intimo-te pelo Deus, pelo Vivo, para que nos digas se és o Cristo, o filho de Deus”. 64 Diz-lhe Jesus: “Tu [o] disseste. Eu digo-vos: a partir de agora vereis o *Filho da Humanidade* sentado à direita do Poder e *chegando sobre as nuvens do céu*”. 65 Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: “Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Vede! Ouvistes agora a blasfêmia! 66 Que vos parece?”. Eles, respondendo, disseram: “É réu de morte”.

67 Então cuspiram-lhe na cara e esmurram-no. Alguns deram-lhe bofetadas, 68 dizendo: “Profetiza-nos lá! Quem é que te bateu?”.

69 Pedro estava sentado lá fora, no pátio. E aproximou-se dele uma criada, dizendo: “Também tu estavas com Jesus, o Galileu”. 70 Mas Pedro negou diante de todos: “Não sei o que estás dizendo”. 71 Dirigindo-se ele para a porta, viu-o outra criada e diz aos que ali estão: “Este estava com Jesus, o Nazareno”. 72 E de novo ele negou mediante juramento: “Não conheço o homem”. 73 Daí a pouco, aproximaram-se os que ali estavam e disseram a Pedro: “É verdade que também tu és um deles, pois até o teu falar te denuncia”. 74 Então ele começou a praguejar e a jurar dizendo “não conheço o homem!”. E imediatamente o galo cantou.

75 E Pedro lembrou-se das palavras de Jesus, quando dissera que “antes de o galo cantar, três vezes me terás renegado”. E saindo lá para fora, chorou amargamente.

---

26, 6-13 Sobre a unção em Betânia, ver a nota introdutória ao capítulo 12 de João.

26, 15 “trinta [moedas] prateadas”: cf. Êxodo 21,32; Zacarias 11,12.

26, 18 “fulano de tal”: esse coloquialismo espelha o grego *pròs tòn deina*.

26, 22 “profundamente aflitos”: *lupéô* usado para dores lancinantes do parto no Gênesis 3,16 (LXX).

26, 24 “para ele”: o referente é o traidor (e não o Filho da Humanidade).

26, 26-29 Falta em Mateus e em Marcos, para a completude da instituição da Eucaristia como ritual de repetição e de recorrência, a frase que, nos Evangelhos, só aparece em Lucas (22,19): “Fazei isto para a minha memória” (frase registrada, contudo, também por Paulo: 1 Coríntios 11,24-25). Com os imperativos “tomai [...] comei [...] bebei” conjugados no aoristo (implicando uma ação pontual e imediata), não ressalta da Última Ceia de Mateus e de Marcos a ideia de que a ocasião estabelece uma patente infinitamente repetível, com alcance temporal indefinido.

26, 28 “libertação dos erros”: trata-se da única ocorrência em Mateus dessa expressão que, nunca ocorrendo em João, aparece uma vez em Marcos (1,4) e três vezes em Lucas (1,77; 3,3; 24,27). A palavra traduzida por “libertação” é *áphesis* em grego, que significa “soltura”, “alívio”, “libertação” (sendo também usada, com o sentido de “início”, em inglês *starting point*, para designar o ponto de partida nas corridas dos Jogos Olímpicos). No texto grego do AT, o sentido está muito claro na passagem de Isaías citada em Lucas 4,18, em que *áphesis* (“libertação”) refere a soltura de pessoas presas na cadeia. O que está em causa nas palavras de Jesus é uma libertação como que do “cárcere” dos erros e também um novo início.

26, 29 “novo”: a interpretação sintática da forma *kainón* não é inteiramente incontroversa. Pode aplicar-se ao vinho “novo” que será bebido no reino de Deus, ainda que, sobre esse tema, o profeta Isaías (25,6) exprimira uma atitude consentânea com a de hodiernos enólogos, segundo a qual o vinho do banquete vindouro, para ser bom, tem de estar bem maduro e envelhecido. Por outro lado, *kainón* pode ter valor adverbial, pelo que significará apenas “novamente”. A mesma questão levanta-se em relação a Marcos 14,25.

26, 30 Os salmos aqui implícitos corresponderiam aos Salmos 113-118 (salmos ditos *Hallel*, “de louvor”), habitualmente cantados no fim da ceia pascal.

26, 31 *Ferirei o pastor*: Zacarias 13,7.

26, 38 *Aflitíssima está a minha alma*: Salmo 42,6.

26, 46 “o meu traidor”: literalmente, “o que me está traindo”.

13 26,51 O discípulo que corta a orelha ao escravo do sumo sacerdote só é identificado no Evangelho de João (18,10): é Pedro.

26, 54 “Como se cumpririam as Escrituras, segundo as quais isto tem de acontecer?": que Escrituras serão essas, onde a Paixão e a Ressurreição de Jesus já estão previstas? A mesma dúvida aplica-se ao v. 56.

26, 64 Daniel 7,13.

26, 65 “Ouvistes agora a blasfêmia”: cf. Marcos 14,64\*.

26, 75 O choro amargo de Pedro é descrito com as mesmas palavras por Mateus e por Lucas (22,62). Em Marcos (14,72), Pedro chora apenas (sem ser amargamente). Em João, não chora de todo.

## 27.

### *Jesus e Pilatos; Judas enforca-se; Jesus no tribunal romano; O povo escolhe poupar a vida de Barrabás; Jesus coroado de espinhos; Calvário e Crucificação; Morte de Jesus; José de Arimateia; A sepultura de Jesus.*

<sup>1</sup> Ao romper do dia, reuniram-se todos os sumos sacerdotes e anciãos do povo contra Jesus para o condenarem à morte. <sup>2</sup> E tendo-lhe atado as mãos, levaram-no e entregaram-no a Pilatos, o governador.

<sup>3</sup> Então, vendo Judas, seu traidor, que ele foi condenado, arrependeu-se e devolveu as trinta moedas de prata aos sumos sacerdotes e anciãos, <sup>4</sup> dizendo: “Errei ao trair sangue inocente”. Porém eles disseram: “O que tem isso a ver conosco? É contigo”. <sup>5</sup> E atirando as moedas para dentro do templo, Judas saiu e enforcou-se.

<sup>6</sup> Porém os sumos sacerdotes, pegando nas moedas, disseram: “Não é lícito atirar estas moedas para dentro do tesouro, visto que são preço de sangue”. <sup>7</sup> Depois de deliberarem, compraram com as moedas o Campo do Oleiro para sepultura dos estrangeiros. <sup>8</sup> Por esse motivo aquele campo se chama até hoje “campo de sangue”. <sup>9</sup> E foi então que se cumpriu o que fora dito através de Jeremias, o profeta, ao dizer: “*E tomaram as trinta moedas de prata, preço do avaliado a quem avaliaram* [alguns] dentre os filhos de Israel, <sup>10</sup> e deram-nas pelo campo do oleiro, *tal como me ordenou o Senhor*”.

<sup>11</sup> Jesus, por seu lado, encontrava-se de pé diante de [Pilatos], o governador. E o governador interrogou-o, dizendo: “És tu o rei dos judeus?”. Jesus respondeu:



“Tu [o] dizes”. 12 E ao ser acusado pelos sumos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu. 13 Então diz-lhe Pilatos: “Não ouves quantas coisas testemunham contra ti?”. 14 E não lhe respondeu palavra alguma, a ponto de o governador se ter admirado imensamente.

15 Por ocasião da festa, o governador costumava libertar para a multidão um prisioneiro que eles quisessem. 16 Tinham na altura um prisioneiro notório chamado Barrabás. 17 Estando eles reunidos, disse-lhes Pilatos: “Quem quereis que eu liberte para vós: Barrabás ou Jesus, o chamado Cristo?”. 18 Pois ele sabia que o tinham entregado por inveja.

19 Estando Pilatos sentado no banco judicial, a mulher dele mandou-lhe dizer: “Nada tenhas a ver com esse homem justo. Muitas coisas sofri hoje em sonho por causa dele”.

20 Mas os sumos sacerdotes e os anciãos convenceram as multidões para que pedissem Barrabás e fizessem perecer Jesus. 21 Tomando a palavra, o governador disse-lhes: “Quem quereis dos dois que eu liberte para vós?”. Eles disseram: “Barrabás!”. 22 Diz-lhes Pilatos: “O que farei então com Jesus, o chamado Cristo?”. Disseram todos: “Que seja crucificado!”. 23 Pilatos disse: “Que mal fez ele?”. Mas eles berravam ainda mais, gritando: “Que seja crucificado!”.

24 Vendo Pilatos que nada consegue, mas que em vez disso está acontecendo um tumulto, tomando água lavou as mãos diante da multidão, dizendo: “Sou inocente deste sangue. Vós vereis”. 25 E respondendo, todo o povo disse: “O sangue dele [fica] sobre nós e sobre os nossos filhos”. 26 Então Pilatos soltou para eles Barrabás e, mandando flagelar Jesus, entregou-o para ser crucificado.

27 Então os soldados do governador levaram Jesus para o pretório e reuniram em torno dele toda a coorte. 28 E despindo-o, envolveram-no num manto escarlate, 29 e entretecendo uma coroa de espinhos puseram-na na cabeça dele, assim como uma cana na mão direita. E ajoelhando-se diante dele, troçaram dele, dizendo: “Salve, rei dos judeus!”. 30 E cuspidando-lhe em cima, pegaram na cana e bateram-lhe na cabeça. 31 E depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e vestiram-lhe a roupa dele e levaram-no para o crucificarem.

32 Ao saírem encontraram um homem cireneu chamado Simão e forçaram-no a levar a cruz de Jesus. 33 E chegados ao lugar chamado Gólgota, o que significa Lugar da Caveira, 34 deram-lhe a beber vinho misturado com fel. E tendo ele

provado, não quis beber. <sup>35</sup> Depois de o terem crucificado, *dividiram as roupas* dele lançando dados, <sup>36</sup> e, sentando-se, vigiaram-no ali.<sup>37</sup> E colocaram por cima da cabeça dele a sua causa [de condenação à morte] escrita:

“Este é Jesus, o rei dos judeus”.

<sup>38</sup> Depois foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda. <sup>39</sup> Os que ali passavam blasfemavam-no, meneando as suas cabeças <sup>40</sup> e dizendo: “Tu que destróis o templo e em três dias o reconstróis, salva-te se és filho de Deus e desce da cruz!”. <sup>41</sup> Do mesmo modo também os sumos sacerdotes, fazendo troça dele com os escribas e os anciãos, diziam: <sup>42</sup> “Salvou outros mas a si mesmo não é capaz de salvar. É rei de Israel! Desça agora da cruz e acreditaremos nele. <sup>43</sup> *Teve fé em Deus; que Ele o resgate agora se o quer.* Pois ele disse que ‘sou filho de Deus’”.

<sup>44</sup> De igual modo os ladrões que foram crucificados com ele o insultavam.

<sup>45</sup> A partir da hora sexta, sobreveio uma escuridão sobre toda a terra até a hora nona. <sup>46</sup> Por volta da hora nona, Jesus gritou com voz grande, dizendo:

Êli Êli lema sabakhthani?

Isso significa: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. <sup>47</sup> Alguns dos que ali estavam de pé, ouvindo [isto], disseram que “ele está chamando Elias”. <sup>48</sup> E de imediato correndo um deles e pegando numa esponja, encheu-a de vinagre e, colocando-a numa cana, deu-lhe de beber. <sup>49</sup> Os restantes diziam: “Deixa, vejamos se vem Elias para o salvar”. <sup>50</sup> Jesus, de novo gritando com voz grande, deixou [partir] o espírito.

<sup>51</sup> E eis que o véu do templo se rasgou em dois de cima a baixo e a terra tremeu e as rochas fenderam-se, <sup>52</sup> e os túmulos abriram-se e muitos corpos de santos falecidos foram levantados, <sup>53</sup> e, saindo dos túmulos após a ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitas pessoas.

<sup>54</sup> O centurião e os que estavam com ele vigiando Jesus, vendo o sismo e as coisas que tinham acontecido, sentiram muito medo, dizendo: “Este era verdadeiramente filho de Deus”.

<sup>55</sup> Estavam ali muitas mulheres, observando a partir de longe, elas que tinham seguido Jesus desde a Galileia para o servirem. <sup>56</sup> Entre elas estavam Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.

<sup>57</sup> Ao entardecer, veio um homem rico de Arimateia, de nome José, que

também fora um discípulo para Jesus. <sup>58</sup> Este, dirigindo-se a Pilatos, pediu o corpo de Jesus. Pilatos ordenou, então, que lho dessem. <sup>59</sup> E levando o corpo, José envolveu-o num pano de linho lavado <sup>60</sup> e o depôs num túmulo recente que mandou cavar na rocha e, tendo rolado uma pedra enorme contra a entrada do túmulo, foi-se embora.

<sup>61</sup> Estavam ali Maria Madalena e a outra Maria, sentadas diante do túmulo.

<sup>62</sup> No dia seguinte, que era o dia após a Preparação, reuniram-se os sumos sacerdotes e os fariseus junto de Pilatos, <sup>63</sup> dizendo: “Senhor, lembramo-nos que aquele impostor disse, ainda vivo: ‘Após três dias ressuscitarei’. <sup>64</sup> Ordena, pois, que se faça seguro o túmulo até o terceiro dia, para que, lá indo, os discípulos dele não o roubem e digam ao povo: ‘Ressuscitou dos mortos!’. E será a última impostura pior do que a primeira”. <sup>65</sup> Disse-lhes Pilatos: “Tendes guardas. Ide e providenciai a segurança do túmulo como sabeis”. <sup>66</sup> Eles foram e tornaram seguro o túmulo, selando a pedra com os guardas.

---

27, 3-10 Só Mateus narra a morte de Judas.

27,3 “seu traidor”: literalmente, “que o está traindo” (*paradidoús autón*). A insistência no particípio presente (note-se que não é *paradoús*, particípio aoristo, quando as restantes formas verbais da frase estão no aoristo) sublinha o caráter contínuo (para não dizer permanente) da traição de Judas. O particípio aoristo é, no entanto, usado pelo próprio Judas no versículo seguinte.

27, 4 “É contigo”: literalmente, “tu verás” (*sú ópsêi*).

27, 9 “foi então que se cumpriu o que fora dito através de Jeremias, o profeta”: o evangelista diz citar “Jeremias”, mas de fato está citando Zacarias 11,13.

27, 18 “ele sabia que o tinham entregado por inveja”: a onisciência que o evangelista aqui se arroga permite-lhe entrar dentro da cabeça do próprio Pilatos. Alternativamente, tratar-se-á tão só de onisciência em segunda mão, reproduzida a partir de Marcos 15,10.

27, 19 A personagem da mulher de Pilatos existe somente no Evangelho de Mateus.

27, 21 “Tomando a palavra”: literalmente, a fórmula habitual “respondendo”.

27, 22 “Que seja crucificado!”: são perceptíveis as diferenças no modo como o povo pede a crucificação de Jesus nos quatro Evangelhos. Em Mateus, o grito do povo materializa-se num imperativo aoristo passivo, na terceira pessoa do singular (“Que ele seja crucificado [já]!”). Em Marcos (15,13), a forma verbal é um imperativo aoristo ativo na segunda pessoa do singular (“Crucifica-o [já]!”). Em Lucas, é um imperativo presente ativo na segunda pessoa do singular (“Crucifica-o!”); sendo um imperativo presente (e não aoristo), não está tão marcada a ideia de a crucificação ter lugar já. Em João (19,15), a forma verbal usada pela multidão é a mesma que encontramos em Marcos.

27, 24 “Vós vereis”: ou então, “isto é convosco”. É só no Evangelho de Mateus que Pilatos lava as mãos para se ilibar da corresponsabilidade na morte de Jesus.

27, 25 “O sangue dele [fica] sobre nós e sobre os nossos filhos”: essa declaração por parte dos judeus ocorre

apenas no Evangelho de Mateus.

27, 26 Cf. Marcos 15,15\*.

27, 30 “E cuspindo-lhe em cima [...] e bateram-lhe na cabeça”: cf. Isaías 50,6 “Dei as minhas costas aos chicotes, as minhas faces às bofetadas, e não virei a cara ao ultraje das cuspidelas”.

27, 32 “Ao saírem encontraram um homem cireneu chamado Simão e forçaram-no a levar a cruz de Jesus”: no Evangelho de João (19,17), ao contrário do que sucede nos Evangelhos sinópticos, Jesus carrega a sua própria cruz.

27, 34 “vinho misturado com fel”: em Marcos (15,23\*) é vinho misturado com mirra. O vinho com mirra tem uma explicação racional, dado que servia como analgésico. O vinho com fel tem apenas motivação “escritural”, para fazer eco do Salmo 68,22 (LXX). Não há nenhuma indicação histórica de que fosse prática na Antiguidade misturar vinho com fel.

27, 35 *dividiram as roupas*: cf. Salmo 22,18.

27, 27 “Este é Jesus, o rei dos judeus”: o letreiro na cruz é diferente nos quatro Evangelhos: “O rei dos judeus” (Marcos 15,26), “O rei dos judeus é este” (Lucas 23,38), “Jesus, o Nazareno, rei dos judeus” (João 19,19). O letreiro só é trilingue (hebraico, grego, latim) no Evangelho de João.

27, 39 “meneando as suas cabeças”: pormenor registrado por Mateus e por Marcos (15,29). Literalmente, “mexendo” (*kinountes*) as cabeças.

27, 43 *Teve fé em Deus; que Ele o resgate agora se o quer*: Salmo 22,8.

27, 46 “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”: essas palavras aramaicas com a tradução grega são registradas apenas por Mateus e por Marcos (15,34; a grafia da transliteração de Marcos é diferente da de Mateus). As palavras ditas por Jesus na cruz são diferentes em Lucas e em João.

27, 48 O vinagre está presente nos quatro Evangelhos (ainda que em Lucas 23,36 esteja um pouco deslocado relativamente aos outros três relatos).

27, 51 “eis que o véu do templo se rasgou em dois de cima a baixo”: além de Mateus, o véu rasgado está presente só em Marcos (15,38). O tremor de terra, os túmulos abertos, os mortos-vivos a passearem por Jerusalém trazendo o terror “a muitos” (*pollois*): esses elementos bem cinematográficos são exclusivos de Mateus.

27, 54 “Este era verdadeiramente filho de Deus”: a ordem das palavras em grego é “verdadeiramente filho de Deus era este”. A frase em Marcos (15,39) é “verdadeiramente este homem era filho de Deus”. Em Lucas (23,47): “indubitavelmente este homem era justo”.

27, 55 “Estavam ali muitas mulheres, observando a partir de longe, elas que tinham seguido Jesus desde a Galileia para o servirem”: Jesus teve direito (segundo Mateus) a um séquito de mulheres que tratou da logística das refeições durante a estada em Jerusalém (é isso que se depreende do verbo *diakonéō*, “servir à mesa”, “servir na cozinha”). A identidade dessas mulheres difere de Evangelho para Evangelho: Maria Madalena (Mateus, Marcos, João; mais tarde mencionada também por Lucas); Maria, mãe de Tiago e de José (Mateus, Marcos; mais tarde mencionada também por Lucas); a mãe dos filhos de Zebedeu (Mateus; talvez a Salomé mencionada por Marcos); Maria, mãe de Jesus (João). Já foi sugerido que a Maria, mãe de Tiago e de José, é a própria mãe de Jesus (pois Jesus tinha dois irmãos com esse nome), embora me pareça inverossímil que a mãe de Jesus fosse referida pelo evangelista de modo tão indireto.

27, 57 A frase que descreve José de Arimateia como discípulo de Jesus é gramaticalmente curiosa: o que se diz literalmente é que José de Arimateia “tinha sido feito discípulo para Jesus”.

27, 61 “a outra Maria”: trata-se de Maria, mãe de Tiago e de José (cf. v. 56\*).

27, 62-66 Os guardas incumbidos de guardar o túmulo só aparecem no Evangelho de Mateus.

27,62 “o dia após a Preparação”: o dia da semana referente a “Preparação” é *paraskeuē* (que é, ainda hoje, o nome da sexta-feira em grego moderno). Essa perífrase indica que se trata de sábado.

27, 64 “será”: Mateus pode, retrospectivamente, pôr os sacerdotes e fariseus a falar com conhecimento prospectivo (e não hipotético) do que vai, de fato, acontecer (isso do ponto de vista dos próprios fariseus). Por outro lado, para dar à frase um cunho hipotético (“seria”), Mateus teria de ter sabido usar o optativo grego, competência gramatical que este Evangelho nunca demonstra.

## 28.

### *O sepulcro vazio; O suborno dos guardas; Aparição de Jesus ressuscitado na Galileia; Jesus promete acompanhar os seus seguidores até o fim dos tempos.*

<sup>1</sup> Após o sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo. <sup>2</sup> E eis que aconteceu um grande sismo. Pois um anjo do Senhor, descendo do céu, veio e rolou a pedra e sentou-se em cima dela. <sup>3</sup> O aspecto dele era como um relâmpago e a veste dele era branca como neve. <sup>4</sup> Devido ao medo, os que guardavam [o túmulo] tremeram e ficaram como mortos. <sup>5</sup> O anjo, respondendo, disse às mulheres: “Não temais. Sei que procurais Jesus, o crucificado. <sup>6</sup> Não está aqui, pois ressuscitou tal como afirmou. Vinde, vede o lugar onde jazia. <sup>7</sup> E pondo-vos depressa a caminho, dissei aos discípulos dele que ressuscitou dos mortos e que vai à vossa frente para a Galileia; lá o vereis. Eis que vos disse!”.

<sup>8</sup> E saindo depressa do túmulo devido ao medo e à grande alegria, elas correram para dar a notícia aos discípulos dele. <sup>9</sup> E eis que Jesus veio ao encontro delas, dizendo: “Saúdo-vos”. Avançando, elas seguraram-lhe os pés e prostraram-se diante dele. <sup>10</sup> Então lhes disse Jesus: “Não temais. Ide e anunciai aos meus irmãos que saiam em direção à Galileia e lá me verão”.

<sup>11</sup> Enquanto elas seguiam a caminho, eis que alguns dos guardas, dirigindo-se à cidade, anunciaram aos sumos sacerdotes tudo o que tinha acontecido. <sup>12</sup> E reunindo-se com os anciãos e com eles se aconselhando, deram suficiente dinheiro aos soldados, <sup>13</sup> dizendo: “Afirmar que ‘os discípulos dele vieram de noite e o roubaram enquanto dormíamos’”. <sup>14</sup> E se isso for participado ao

governador, nós o convenceremos e faremos com que vós permaneçais sem preocupação”. 15 Os soldados, recebendo o dinheiro, fizeram como tinham sido instruídos. E esse relato espalhou-se entre os judeus até hoje.

16 Os onze discípulos foram à Galileia, para a montanha onde Jesus lhes dera indicação [para irem]. 17 E vendo-o, prostraram-se; mas alguns duvidaram. 18 E Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. 19 Indo, pois, tornai discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do filho e do espírito santo, 20 ensinando-os a cumprir todas as coisas que vos mandei. E eis que eu estou convosco, todos os dias, até a completude do tempo”.

---

28, 1 “a outra Maria”: trata-se mais uma vez de Maria, mãe de Tiago e de José (cf. 27,56\*). No Evangelho de Marcos (16,1), essas duas Marias são acompanhadas por Salomé. Por outro lado, no Evangelho de João (20,1), é só Maria Madalena que está presente nesse episódio.

28, 2 “um anjo do Senhor”: esse anjo é um “jovenzinho” (*neanískos*) em Marcos (16,5); “dois homens” em Lucas (24,4); e “dois anjos” em João (20,12).

28, 9 “eis que Jesus veio ao encontro delas”: muitas figuras vão ao encontro de Jesus nos quatro Evangelhos, mas a presente passagem é a única em que o padrão é invertido: é Jesus que toma a iniciativa de ir ao encontro de alguém (nesse caso, das duas Marias).

28, 12 “deram suficiente dinheiro aos soldados”: o suborno dos guardas (tal como os próprios guardas) é uma idiossincrasia do Evangelho de Mateus.

28, 19 “tornai discípulos todos os povos”: num Evangelho muitas vezes interpretado como pressupondo sobretudo destinatários judaicos, o desfecho abre o horizonte para todos os povos (todas as “etnias”: *panta ta ethnê*).

— “batizando-os em nome do Pai, do filho e do espírito santo”: o que se diz literalmente é batizar “para o nome” (*eis tò ónoma*) do Pai *etc.* Nos últimos cinco versículos deste Evangelho, as formas verbais estão praticamente todas no aoristo, com a exceção dos participios “batizando” e “ensinando” (a continuidade da evangelização) e, claro, a forma verbal “sou” (*eimi*), a última a fechar o texto.

28, 20 “eu estou convosco”: literalmente, “eu convosco sou, todos os dias, até a completude da idade” (*egô meth’ humôn eimi pásas tās hêméras héôs tēs sunteleías tou aiônos*). Por outras palavras: basta pensardes em mim para que eu continuamente “seja”, todos os dias, convosco, até o fim.

# Evangelho segundo Marcos



## Nota introdutória ao Evangelho segundo Marcos

Apesar de escrito num grego de estilo simples (dir-se-ia mesmo popular), o Evangelho segundo Marcos é um texto dotado de intenso encanto literário. Nada seria mais errado do que ver neste Evangelho uma manta de retalhos produzida a partir de relatos soltos de que o autor teria sido herdeiro e depositário. A redação é tersa, o ritmo é veloz e as frases estão carregadas de dramatismo. Compreensivelmente aproveitado (para não dizer plagiado) por Lucas e Mateus, sobre o Evangelho de Marcos podemos dizer que é dos livros mais arrebatadores que já foram escritos (cf. Enslin, p. 2363).

Quem foi Marcos? O próprio texto do Evangelho não nos dá informação alguma sobre o seu autor (será de dar crédito aos que pensam ver no jovem nu em 14,51-52 uma “assinatura” encriptada, à maneira de Alfred Hitchcock?). De acordo com a *História eclesiástica* (3.39.14) de Eusébio, escrita no século IV mas que se apoia em fontes mais antigas, Marcos foi companheiro e tradutor-intérprete (*hermêneutês*) de Pedro. Marcos, segundo essa tradição da Igreja primitiva, terá registrado tudo o que Pedro lhe contou sobre Jesus com exatidão (*akribôs*), ainda que não ordenadamente (*ou méntoi táxei*).

Desnecessário será dizer que essa informação de Eusébio tem sido continuamente posta em causa desde o século XIX. E hoje também parece improvável, à maior parte dos estudiosos, que o evangelista possa ser identificado com o João Marcos referido como companheiro de Paulo nos Atos dos Apóstolos (12,12-17; 15,37-39). Por outro lado, a primeira carta atribuída a Pedro no NT alude à presença, em Roma (metaforicamente referida como “Babilônia”), de um tal Marcos como companheiro do autor da carta (1 Pedro 5,13). Que essa carta, atendendo à beleza e à perfeição do seu grego, tenha sido escrita por Pedro, pescador da Galileia, é algo que legitimamente podemos pôr em causa; contudo, a presença em Roma de alguém chamado Marcos, ligado a um círculo de primeiros cristãos, é plausível e merece ser levada a sério

(independentemente da questão de quem escreveu a carta atribuída a Pedro).

Aceitando que esse Marcos é o próprio evangelista, há vários elementos que, no interior do seu texto, corroboram um conhecimento da realidade romana, começando pelos latinismos que “maculam” a pureza do seu grego (e do grego de Mateus e de Lucas, quando estes copiam Marcos) em diversas passagens deste Evangelho. Repare-se, por exemplo, nas seguintes palavras latinas que aparecem simplesmente transliteradas para grego: *modius* (4,21), *legio* (5,9), *speculator* (6,27), *quadrans* (12,42) e *centurio* (15,39). Paralelamente, algum conhecimento da realidade romana tem de ser pressuposto no fato de Marcos (10,20) colocar na boca de Jesus palavras sobre o divórcio que admitem a possibilidade de a mulher se divorciar do marido: a realidade judaica, que o Jesus histórico conheceu, previa apenas que o marido se divorciasse da mulher. Parece perfeitamente verossímil, pois, que o Evangelho de Marcos tenha sido escrito em Roma, conforme reza a tradição.

Quando terá sido escrito este Evangelho? Acreditar no relato tradicional de que Marcos escreveu sob influência de Pedro implica, para alguns, aceitar que o texto foi escrito antes da destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 d.C.: pois Pedro terá sido martirizado no reinado de Nero, imperador que morreu em 68 d.C. O problema, contudo, reside na dificuldade de aceitarmos que quem escreveu o capítulo 13 do Evangelho de Marcos o fez sem conhecimento da destruição de Jerusalém ordenada por Tito no ano 70 d.C. Assim, os estudiosos que colocam considerações de natureza histórico-objetiva acima de outras de índole eclesiástica tendem a aceitar que, à semelhança dos outros três Evangelhos canônicos, o Evangelho de Marcos foi escrito depois do ano 70.

Apesar de seguido por Lucas e Mateus, há elementos em Marcos que estão ausentes dos textos dos outros evangelistas. Para a frase bombástica de Jesus em 2,27 (“o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”) não encontramos paralelo exato em Mateus, Lucas ou João. Nem os outros Evangelhos nos mostram Jesus visto como um louco pela sua própria família (4,24-25). Apesar de não mencionar nem o nascimento de Jesus nem a virgindade de Maria, o Evangelho de Marcos é o único texto do NT em que Jesus é referido por meio da expressão “filho de Maria” (6,3). Para quem acredite que foi Pedro a instruir Marcos sobre todas as informações atinentes à vida e morte

de Jesus, causa estranheza o fato de ser este o único Evangelho que não menciona o nome do sumo sacerdote. Por outro lado, só Marcos registra que Jesus era ele próprio carpinteiro (6,3). Atendendo à importância dos samaritanos nos outros Evangelhos — quer como povo detestado pelos judeus, quer como povo a que pertencem inesquecíveis personagens como o Bom Samaritano de Lucas ou a Samaritana com quem Jesus conversa no Evangelho de João —, surpreende que, em todo o Evangelho de Marcos, não haja uma única referência a esse povo. Talvez na Roma onde escreveu esse evangelista de nome latino (*Marcus*), que mostra por várias vezes desconhecer a geografia da Galileia e da Judeia, o chauvinismo antissamaritano de Israel não fizesse muito sentido.

# 1.

## *João Batista; O batismo de Jesus; Tentação no deserto; Início do ministério na Galileia; O chamamento dos primeiros discípulos; Cura do possesso em Cafarnaum e outros milagres.*

1 Princípio da boa-nova de Jesus Cristo, filho de Deus. 2 Conforme ficou escrito em Isaías, o profeta:

*Eis que envio o meu mensageiro à tua frente,  
que preparará o teu caminho.*

3 *Voz de quem clama no deserto:*

*“preparai o caminho do Senhor,  
fazei direitas as suas veredas”.*

4 Apareceu João batizando no deserto e anunciando um batismo de mudança para libertação dos erros. 5 E saía ao seu encontro toda a região da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém. E eram batizados por ele no rio Jordão, reconhecendo os seus erros. 6 João estava vestido de pelos de camelo e com uma faixa de couro em volta da sua cintura, alimentando-se de gafanhotos e de mel selvagem.

7 E anunciava, dizendo: “Depois de mim vem o mais forte do que eu, de quem não sou digno de me inclinar para desatar a correia das suas sandálias. 8 Eu batizei-vos com água, mas ele vos batizará num espírito santo”.

9 E aconteceu naqueles dias que veio Jesus de Nazaré na Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. 10 E logo, emergindo da água, viu serem rasgados os céus e o espírito descer sobre ele como uma pomba. 11 E uma voz veio dos céus: “Tu és o meu filho amado; em ti eu me agradei”.

12 E logo o espírito impeliu Jesus para o deserto. 13 E ficou no deserto quarenta dias a ser tentado por Satanás. E estava entre as feras e eram os anjos que o serviam.

14 Depois de João [Batista] ter sido traído, Jesus foi para a Galileia proclamar a boa-nova de Deus, 15 dizendo: “Completo-se o tempo e ficou próximo o reino de Deus. Mudai de mentalidade e acreditai na boa-nova”.

16 E passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, irmão de Simão, que lançavam [as redes] ao mar. Pois eram pescadores. 17 E disse-lhes Jesus: “Vinde atrás de mim e farei com que vos torneis pescadores de seres humanos”. 18 Eles, de imediato largando as redes, seguiram-no. 19 Caminhando um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco, consertando as redes, 20 e logo os chamou. E eles, deixando no barco seu pai Zebedeu com os assalariados, partiram atrás dele.

21 Entraram em Cafarnaum. E logo, chegado o sábado e entrando na sinagoga, começou a ensinar. 22 E espantaram-se com o seu ensinamento. Pois ensinava-os como tendo autoridade — e não como os escribas. 23 E logo na sinagoga deles se encontrava um homem com um espírito impuro, que berrou, 24 dizendo: “O que há entre nós e ti, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o santo de Deus”. 25 E Jesus repreendeu-o, dizendo: “Cala-te e sai desse homem”. 26 Então, o espírito impuro, depois de o sacudir com força, saiu dele dando um grande grito. 27 E todos ficaram admirados, a ponto de perguntarem uns aos outros, dizendo: “O que é isso? Eis um novo ensinamento e com tal autoridade que dá ordens até aos espíritos malignos e eles lhe obedecem”. 28 E a sua fama logo se espalhou por toda a parte, em toda a região da Galileia.

29 E logo saindo eles da sinagoga, foram para casa de Simão e André, com Tiago e João. 30 A sogra de Simão estava de cama com febre, e logo lhe falaram dela. 31 E aproximando-se, levantou-a tomando-a pela mão. A febre deixou-a e ela começou a servi-los. 32 Ao anoitecer, depois do pôr do sol, trouxeram-lhe todos os enfermos e possessos, 33 e a cidade inteira estava reunida junto à porta. 34 E curou muitos enfermos com toda a variedade de doenças e expulsou muitos demônios; mas não deixava falar os demônios, porque o conheciam.

35 E de madrugada, ainda escuro, levantou-se e saiu para um lugar ermo e ali se pôs em oração. 36 E seguiram-no Simão e os que estavam com ele, 37 e, tendo-o

encontrado, dizem-lhe: “Todos te procuram”. 38 Mas ele diz-lhes: “Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, para que também lá eu vá pregar, pois foi para isso que vim”.

39 E foi pregando nas sinagogas deles por toda a Galileia e expulsando os demônios. 40 E um leproso vem encontrar com ele, caindo de joelhos e suplicando: “Se quiseres, podes curar-me”. 41 E estendendo a mão, encolerizado, Jesus tocou-o e diz-lhe: “Quero, fica curado”. 42 E logo o deixou a lepra; e ficou curado. 43 Jesus, falando-lhe em tom irritado, logo o despediu: 44 “Vê que não digas a ninguém, mas vai embora e mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua cura aquilo que preceituou Moisés, como testemunho para eles”. 45 Ele, porém, assim que se retirou, começou a proclamar muitas coisas e a divulgar o ocorrido, a ponto de Jesus não poder entrar abertamente numa cidade; ficava fora, em lugares despovoados. E vinham encontrar com ele de todas as partes.

---

1, 1 “Princípio da boa-nova de Jesus Cristo, filho de Deus”: sobre esse versículo inicial do Evangelho de Marcos existem várias dúvidas. A frase corresponde à primeira do Evangelho, ou se tratará de uma espécie de título ou subtítulo, acrescentado mais tarde? A expressão “filho de Deus”, que não está atestada em todos os manuscritos, será um acrescento ainda mais tardio? E que sentido devemos dar à palavra *euangélion*, que no NT tem o sentido de “boa-nova”? É comumente aceite que a palavra só significa “evangelho” na nossa acepção a partir de Justino, que morreu no ano 165 (cf. Justino, *Apologia* 1.66). Mas, no caso de se tratar aqui de uma frase que foi acrescentada como lema ou subtítulo tardio ao Evangelho de Marcos, não será no sentido mais tardio de “evangelho” que *euangélion* está sendo utilizado?

1, 2 “Conforme ficou escrito em Isaías, o profeta”: só a citação que surge no v. 3 é que pertence ao livro de Isaías (40,3). No v. 2 temos uma mistura do Êxodo 23,20 com Malaquias 3,1.

1, 4 “batismo de mudança para libertação dos erros”: para a tradução de *metánoia* como “mudança de mentalidade”, ver Mateus 3,2\*, 8\*. Para a tradução de *áphesis* como “libertação”, ver Mateus 26,28\*.

1, 10 “logo”: Marcos privilegia de forma marcada o emprego adverbial de *euthús* (“logo”) no encadeamento das frases que compõem a sua narrativa, com o intuito de dar um realismo imediato aos acontecimentos narrados. Só no capítulo 1, o referido advérbio ocorre onze vezes, surgindo 37 vezes no conjunto deste Evangelho.

1, 24 “O que há entre nós e ti?": trata-se de uma expressão característica do AT na versão dos LXX. Um exemplo bem expressivo ocorre em 1 Reis 17,18 (= 3 Reinados 17,18 LXX), quando a mãe do filho doente diz a Elias: “O que há entre mim e ti, homem de Deus? Vieste a minha casa para me lembrar o meu pecado e matar o meu filho?”.

1, 41 Cf. Mateus 9,36\*. Alguns manuscritos do Evangelho de Marcos, em vez de terem “condoído” (*splankhnistheís*), têm *orgistheís*, que significa “encolerizado”. Percebe-se a relutância dos copistas em atribuir a Cristo sentimentos de cólera; mas a reação de Jesus pode explicar-se pela sugestão implícita nas palavras do leproso de que Jesus poderia não querer curá-lo. Seja como for, enquanto lição textual mais improvável, torna-se por isso provável que tenha sido “encolerizado” (e não “condoído”) que Marcos escreveu. Cf. 1,43\*.

— “tocou-o e diz-lhe”: a sequência de tempos verbais (aoristo e presente) confere, como habitualmente no uso do presente histórico por parte dos evangelistas, um imediatismo quase palpável à narração.

1, 43 O tom “irritado” com que Jesus fala ao leproso se justificará, porventura, pelo fato de, com a sua superior presciência, Jesus saber de antemão que a sua ordem não será acatada pelo miraculado. Sobre o verbo *embrimáomai*, cf. Mateus 9,30\*. Na segunda ocorrência desse verbo em Marcos (14,5), a irritação dos discípulos com a mulher de Betânia não causa tanta estranheza quanto essa reação ríspida vinda de Jesus. Mais difíceis ainda são as ocorrências desse verbo no episódio da ressurreição de Lázaro em João 11,33\*, 38\*.

1, 44 Cf. Mateus 8,4\* (e Lucas 5,14).

## 2.

*Cura de um paralítico; O  
chamamento de Levi  
(Mateus); Sobre o jejum; O  
vinho novo em odres velhos;  
“O sábado foi feito para o  
homem e não o homem para o  
sábado”.*

<sup>1</sup> E tendo Jesus voltado de novo a Cafarnaum, dias depois ouviu-se dizer que estava em casa. <sup>2</sup> Juntou-se tanta gente que nem mesmo em volta da porta havia lugar, e pregava-lhes a Palavra. <sup>3</sup> E vieram trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. <sup>4</sup> Como não podiam aproximar-se por causa da multidão, descobriram o teto no lugar onde ele estava e, tendo feito uma abertura, desceram o catre em que jazia o paralítico. <sup>5</sup> E vendo Jesus a fé deles, disse ao paralítico: “Filho, são perdoados os teus pecados”. <sup>6</sup> Estavam alguns escribas ali sentados e debatendo nos seus corações: <sup>7</sup> “Por que fala este assim? Blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus unicamente?”. <sup>8</sup> E logo percebendo Jesus, no seu espírito, que eles estão assim a debater consigo mesmos, diz-lhes: “Por que debateis essas coisas em vossos corações? <sup>9</sup> Que é mais fácil? Dizer ao paralítico: ‘São perdoados os teus pecados’, ou dizer: ‘Levanta-te, pega no teu catre e anda?’. <sup>10</sup> Para que saibais que o Filho da Humanidade tem poder para perdoar os pecados na terra” <sup>11</sup> — diz ao paralítico: “Digo-te: levanta-te, pega no teu catre e vai para tua casa”. <sup>12</sup> Ele levantou-se e, pegando logo no catre, saiu à vista de todos, de modo que todos se maravilharam e glorificaram a Deus, dizendo: “Nunca vimos coisa assim”.

<sup>13</sup> E Jesus saiu de novo para a beira-mar. Toda a multidão ia ao seu encontro, e ele ensinava-os. <sup>14</sup> Ao passar, viu Levi, filho de Alfeu, sentado à mesa da cobrança de impostos e diz-lhe: “Segue-me”. E Levi, levantando-se, foi atrás



dele. 15 E acontece que está reclinado à mesa na casa dele e muitos cobradores de impostos e pecadores também se puseram à mesma mesa com Jesus e com os seus discípulos. Pois eram muitos; e seguiam-no. 16 E os escribas dos fariseus, vendo que ele come com pecadores e cobradores de impostos, diziam aos seus discípulos: “É com cobradores de impostos e pecadores que ele come?”. 17 E Jesus, tendo ouvido isso, diz-lhes: “Os saudáveis não têm necessidade de um médico, mas sim os doentes. Não vim chamar os justos, mas sim os pecadores”.

18 E estando os discípulos de João [Batista] e os fariseus a jejuar, vêm e dizem-lhe: “Por que é que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus jejuam, e os teus discípulos não jejuam?”. 19 E Jesus disse-lhes: “Os convidados do noivo não podem jejuar enquanto o noivo estiver com eles, não? Enquanto têm consigo o noivo, não podem jejuar. 20 Mas virão dias em que lhes será tirado o noivo; e então, nesse dia, haverão de jejuar. 21 Ninguém faz remendo de pano novo em roupa velha, pois o pano novo puxa o tecido e o rasgão fica maior. 22 E ninguém põe vinho novo em odres velhos; se o fizer, o vinho romperá os odres e perde-se o vinho, tal como os odres. Mas [põe-se] vinho novo em odres novos”.

23 E aconteceu que ele ia em dia de sábado através das searas, e os discípulos começaram a colher espigas pelo caminho. 24 Os fariseus diziam-lhe: “Olha! Por que fazem eles no sábado o que é proibido?”. 25 Ele diz-lhes: “Nunca lestes o que fez Davi, quando teve necessidade e sentiu fome, ele e os que estavam com ele? 26 Como entrou na casa de Deus, ao tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da oferta, que é proibido comer a não ser aos sacerdotes, e deu[-os] também aos que estavam com ele?”. 27 E disse-lhes: “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. 28 Porque senhor até do sábado é o Filho da Humanidade”.

---

2, 27 “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”: essa frase (das mais revolucionárias que ouvimos da boca de Jesus no conjunto dos quatro Evangelhos) encontra-se unicamente no Evangelho de Marcos.

### 3.

*Jesus cura uma mão  
deformada; A multidão junto  
do lago; A escolha dos doze; A  
preocupação dos familiares de  
Jesus; Jesus e Belzebu; A mãe  
e os irmãos de Jesus.*

1 E Jesus entrou de novo na sinagoga. E estava lá um homem que tinha uma das mãos deformada. 2 E eles observavam-no, para ver se iria curá-lo ao sábado, para que o pudessem acusar. 3 E Jesus diz ao homem da mão deformada: “Levanta-te e vem para o meio”. 4 E diz-lhes: “É permitido ao sábado fazer bem ou fazer mal, salvar uma vida ou matá-la?”. Eles ficaram calados. 5 Então, olhando-os com cólera e entristecido com a dureza dos seus corações, Jesus diz ao homem: “Estende a mão”. E estendeu a mão e assim ficou curada. 6 E os fariseus, saindo, reuniram-se logo com os partidários de Herodes para deliberar como haviam de matar Jesus.

7 E Jesus, com os seus discípulos, retirou-se para o mar. Seguiu-o uma imensa multidão, vinda da Galileia e da Judeia, 8 de Jerusalém, da Idumeia, da Transjordânia e dos arredores de Tiro e da Sidônia, uma grande multidão que, ao ouvir dizer o que ele fazia, veio ao encontro dele.

9 E disse aos discípulos que lhe aprontassem um barco, a fim de não ser esmagado pela multidão, 10 pois tinha curado muita gente e, por isso, os que sofriam de enfermidades caíam sobre ele para lhe tocarem. 11 Os espíritos impuros, assim que o viam, atiravam-se ao chão à frente dele e gritavam: “Tu és o filho de Deus!”. 12 E ele proibia-lhes terminantemente que o dessem a conhecer.

13 E Jesus subiu depois a uma montanha e chamou os que ele queria e foram encontrar com ele. 14 Estabeleceu doze [[a quem chamou apóstolos]] para

estarem com ele e para os enviar a pregar, <sup>15</sup> com o poder de expulsar demônios. <sup>16</sup> Estabeleceu estes doze: Simão, a quem pôs o nome de Pedro; <sup>17</sup> Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais deu o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão; <sup>18</sup> André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Cananeu, <sup>19</sup> e Judas Iscariotes, que o traiu.

<sup>20</sup> Tendo Jesus chegado à casa, de novo a multidão acorreu, de tal maneira que nem podiam comer o pão. <sup>21</sup> E quando os seus familiares ouviram isso, saíram para o refrear. Pois diziam: “Enlouqueceu”.

<sup>22</sup> E os escribas, que tinham descido de Jerusalém, afirmavam: “Ele tem Belzebul!”. E ainda: “É pelo príncipe dos demônios que expulsa os demônios”.

<sup>23</sup> E chamando-os, Jesus disse-lhes em parábolas: “Como pode Satanás expulsar Satanás? <sup>24</sup> Se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não pode perdurar; <sup>25</sup> e se uma família se dividir contra si mesma, essa família não pode subsistir. <sup>26</sup> Portanto, se Satanás se levanta contra si próprio, está dividido e não poderá subsistir; é o seu fim. <sup>27</sup> Ninguém consegue entrar na casa de um homem forte e roubar-lhe os bens sem primeiro o amarrar; só depois poderá saquear-lhe a casa. <sup>28</sup> Amém vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens no que toca a erros; e as blasfêmias [serão perdoadas] que eles proferirem. <sup>29</sup> Mas quem blasfemar contra o espírito santo não tem perdão até a eternidade; é réu de erro eterno”. <sup>30</sup> Isso porque afirmavam: “Tem um espírito impuro”.

<sup>31</sup> E chega a sua mãe e seus irmãos que, ficando do lado de fora, o mandam chamar. <sup>32</sup> A multidão estava sentada em volta dele, quando lhe dizem: “Eis a tua mãe e os teus irmãos que lá fora te procuram”. <sup>33</sup> E Jesus, respondendo, diz-lhes: “Quem é a minha mãe e os meus irmãos?”. <sup>34</sup> E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados em volta, diz: “Eis a minha mãe e os meus irmãos. <sup>35</sup> Quem fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

---

3, 5 “cólera”: cf. 1,41\*.

3, 14 “[a quem chamou apóstolos]”: essas palavras são consideradas uma interpolação no texto de Marcos, decerto inspirada em Lucas, o único evangelista que utiliza de forma consistente o termo “apóstolo” (Lucas 6,13, 9,19, 11,49, 17,5, 22,14, 24,10). Em Mateus só há uma menção desse termo (10,2) e, em Marcos, ele apenas reaparecerá em 6,30.

3, 16-19 O discípulo Natanael, referido no capítulo 1 de João, está ausente dos Evangelhos sinópticos.

Para acertar o número doze, estabeleceu-se a hipótese de o Natanael de João ser o Bartolomeu de Mateus, Marcos e Lucas.

3, 21 Este versículo tem causado inúmeras dificuldades e suscitado as mais diversas interpretações. A ideia expressa foca claramente o desagrado sentido pela família de Jesus perante tudo o que ele já fez até aqui. Vêm então para o agarrar, refrear, “dominar” (*kratêsai*) — precisamente aquilo que farão os soldados após o beijo de Judas (Marcos 14,46, *ekrátêsan*). Quanto à forma verbal que designa o estado “alterado” que a família vê em Jesus, é *exéstê*, verbo cognato de *éxtasis*, de onde vem a nossa palavra “êxtase”. Qual terá sido a reação da família real de Jesus a todas as suas ações que o colocaram em rota de colisão com fariseus e demais autoridades judaicas é algo que não podemos reconstituir. No entanto, é preciso não perder de vista a componente de “cumprimento de Escrituras” que está sempre presente no espírito dos evangelistas, pelo que vale a pena recordar o Salmo 69,9: “Tornei-me um estranho para os meus irmãos, um desconhecido para os filhos de minha mãe”.

3, 32 Alguns manuscritos do Evangelho de Marcos acrescentam aqui a menção de irmãos de Jesus e também a menção de irmãs

## 4.

### *Parábola do semeador; A lâmpada; A medida; O grão que germina secretamente e o grão de mostarda; Jesus acalma a tempestade.*

<sup>1</sup> E de novo começou a ensinar à beira-mar. Uma enorme multidão vem agrupar-se junto dele e, por isso, sobe para um barco e senta-se nele, no mar; e toda a multidão ficou em terra, junto ao mar. <sup>2</sup> Ensinava-lhes muitas coisas em parábolas e dizia-lhes no seu ensinamento:

<sup>3</sup> “Escutai: eis que o semeador saiu para semear. <sup>4</sup> E aconteceu que, enquanto semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho e vieram os pássaros e comeram-na. <sup>5</sup> Outra caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra e logo brotou, por não ter mais profundidade de terra; <sup>6</sup> e quando o sol se levantou, foi queimada e, por não ter raiz, secou. <sup>7</sup> Outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, sufocaram-na, e não deu fruto. <sup>8</sup> Outra caiu em terra boa e, crescendo e vicejando, deu fruto e produziu a trinta, a sessenta e a cem por um”. <sup>9</sup> E dizia: “Quem tem ouvidos para ouvir que ouça”.

<sup>10</sup> E quando ficou só, perguntaram-lhe os que o rodeavam, juntamente com os doze, o sentido da parábola. <sup>11</sup> E disse-lhes: “A vós é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, para os que estão de fora, tudo é feito em parábolas, <sup>12</sup> para que

*olhando, olhem e não vejam;*

*e ouvindo, ouçam e não compreendam,*

*não vão eles converter-se e [tudo] lhes seja perdoado”.*

<sup>13</sup> E diz-lhes: “Não compreendeis essa parábola e como compreendereis [então] todas as [outras] parábolas? <sup>14</sup> O semeador semeia a palavra. <sup>15</sup> Estes são os que estão ao longo do caminho: em quem a palavra é semeada e, quando a

ouvem, logo chega Satanás e tira a palavra semeada neles. <sup>16</sup> E estes são os que recebem a semente em terreno pedregoso: aqueles que, quando ouvem a palavra, logo a recebem com alegria; <sup>17</sup> não têm raiz em si próprios, mas são sazonais e, acontecendo a opressão ou a perseguição por causa da palavra, fenecem imediatamente. <sup>18</sup> Outros há que são semeados entre espinhos; estes ouvem a palavra, <sup>19</sup> mas as preocupações do mundo, o logro das riquezas e as restantes ambições entram neles e estrangulam a palavra, que se torna infrutífera. <sup>20</sup> E aqueles que foram semeados em boa terra são os que ouvem a palavra, a recebem, dão fruto e produzem a trinta, a sessenta e a cem por um”.

<sup>21</sup> E disse-lhes ainda: “A candeia não entra [em casa] para que seja colocada debaixo do alqueire ou debaixo da cama, não? Não é para que seja colocada no candelabro? <sup>22</sup> Pois não há coisa escondida que não venha a manifestar-se, nem coisa oculta que não venha à luz. <sup>23</sup> Se alguém tem ouvidos para ouvir, que ouça”. <sup>24</sup> E disse-lhes: “Discerni o que ouvis. Com base na medida com que medirdes sereis medidos e ainda vos será acrescentado. <sup>25</sup> Quem tem, a esse lhe será dado. Quem não tem: até o que tem lhe será tirado”.

<sup>26</sup> E dizia: “Assim é o reino de Deus: como um homem que lançou a semente à terra <sup>27</sup> e, quer durma e se levante de noite e de dia, a semente germina e cresce; como, nem ele sabe. <sup>28</sup> Por si própria a terra produz primeiro o caule, depois a espiga e, finalmente, o trigo perfeito na espiga. <sup>29</sup> Quando o fruto permitir, logo ele lhe põe a foice, porque chegou o tempo da ceifa”.

<sup>30</sup> E dizia: “Como compararemos o reino de Deus, ou em que parábola o representaremos? <sup>31</sup> É como um grão de mostarda que, ao ser jogado à terra, é a menor de todas as sementes na terra; <sup>32</sup> mas, uma vez semeado, sobe e transforma-se na maior de todas as plantas do horto e estende ramos [tão] grandes que, à sua sombra, as aves do céu podem abrigar-se”.

<sup>33</sup> Com muitas parábolas como essas, pregava-lhes a palavra, conforme eram capazes de compreender. <sup>34</sup> Sem parábolas não lhes falava; porém em particular explicava tudo aos discípulos.

<sup>35</sup> E disse-lhes naquele dia, ao fim da tarde: “Passemos para a outra margem”. <sup>36</sup> E, deixando a multidão, levaram-no consigo, no barco em que estava; e havia outros barcos com ele. <sup>37</sup> E surgiu um grande turbilhão de vento e as ondas arremetiam contra o barco, de forma que este já estava quase cheio de água. <sup>38</sup> E

Jesus estava à popa, dormindo sobre uma almofada. Acordam-no e dizem-lhe: “Mestre, não te importas que vamos morrer?”. <sup>39</sup> E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: “Cala-te, refreia-te!”. E o vento serenou e fez-se grande calmaria. <sup>40</sup> E disse-lhes: “Por que sois medrosos? Ainda não tendes fé?”. <sup>41</sup> E temeram um grande temor e diziam uns aos outros: “Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?”.

---

4, 12 *olhando, olhem e não vejam*: Citação livre de Isaías 6,9-10.

4, 15 “quando a ouvem”: a frase grega tem um cunho eventual, que lhe é conferido pelo uso do conjuntivo com a partícula *án* (“quando [eventualmente] a ouvem”). O mesmo se aplica ao uso da frase no v. 16.

4, 24 “discerni”: *blépete*. Literalmente, “vede o que ouvis”. Mas *blépô*, sendo muitas vezes usado no sentido estrito de “ver”, é também usado no sentido de “tomar atenção, considerar, discernir”. Aqui, trata-se de um imperativo presente de ação continuada.

4, 26 A parábola do grão que germina secretamente é exclusiva do Evangelho de Marcos.

4, 29 “permitir”: temos aqui uma utilização rara do verbo que, habitualmente, significa “trair” ou “entregar” e, por isso, é utilizado pelos evangelistas tendo por referência a traição de Judas. Aqui, deparamos com uma utilização de *paradídômi* que praticamente só encontra paralelo na historiografia helenística, concretamente na obra de Políbio (22. 24, 9). O sentido de o fruto “permitir” ser ceifado relaciona-se, evidentemente, com a ideia de ele estar já suficientemente maduro para a ceifa.

4, 41 “temeram um grande temor”: figura de estilo muito própria da prosa grega, mesmo de épocas anteriores.

## 5.

### *O possesso de Gerasa; Jesus e a filha de Jairo; A mulher que havia doze anos sofria um fluxo de sangue.*

<sup>1</sup> E chegaram à outra margem do mar, à região dos gerasenos. <sup>2</sup> E descendo Jesus do barco, veio logo ao seu encontro, saído dos túmulos, um homem possesso de um espírito impuro. <sup>3</sup> Tinha nos túmulos a sua morada, e ninguém conseguia prendê-lo, nem mesmo com uma corrente, <sup>4</sup> pois já fora preso muitas vezes com grilhões e correntes, e despedaçara os grilhões e quebrara as correntes e ninguém era capaz de o dominar. <sup>5</sup> E de dia e de noite, andava sempre entre os túmulos e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras. <sup>6</sup> E avistando Jesus ao longe, correu e prostrou-se diante dele <sup>7</sup> e diz em alta voz: “O que há entre mim e ti, ó Jesus, filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te, por Deus, que não me tortures!”. <sup>8</sup> É que Jesus dizia-lhe: “Sai desse homem, espírito impuro!”. <sup>9</sup> E Jesus perguntou-lhe: “Qual é o teu nome?”. Ele diz-lhe: “O meu nome é Legião, porque somos muitos”. <sup>10</sup> E suplicava-lhe muito que não o expulsasse daquela região. <sup>11</sup> Havia ali, próximo do monte, uma grande vara de porcos a ser apascentada. <sup>12</sup> E os espíritos impuros suplicaram a Jesus: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. <sup>13</sup> Jesus consentiu-lhes [isso]. E os espíritos impuros, saindo, entraram nos porcos; e despenhou-se a vara, do precipício para dentro do mar, cerca de uns dois mil; e afogaram-se no mar.

<sup>14</sup> Os que apascentavam os porcos fugiram e levaram a notícia à cidade e aos campos. E [as pessoas] vieram ver o que se passara. <sup>15</sup> E chegam junto de Jesus e veem o possesso sentado, vestido, e em perfeito juízo, ele que estivera possuído de uma legião; e ficaram morrendo de medo. <sup>16</sup> E os que tinham visto contaram-lhes como aconteceu ao possesso e [contaram] a respeito dos porcos. <sup>17</sup> E começaram a pedir a Jesus que se retirasse do seu território. <sup>18</sup> E voltando Jesus



para o barco, o homem que fora possesso suplicou-lhe que o deixasse estar com ele. 19 E Jesus não lho permitiu, mas diz-lhe: “Vai para tua casa, para junto dos teus, e conta-lhes tudo o que o Senhor fez por ti e como teve misericórdia de ti”. 20 E ele retirou-se e começou a apregoar na Decápole o que Jesus fizera por ele, e todos se maravilharam.

21 E tendo Jesus atravessado de novo no barco para a outra margem, reuniu-se uma grande multidão junto dele, que continuava à beira-mar. 22 E chega um dos chefes da sinagoga, de nome Jairo, e, ao vê-lo, prostra-se a seus pés 23 e suplica com insistência, dizendo: “A minha filhinha está nas últimas; vem impor-lhe as mãos para que se salve e viva”. 24 E Jesus partiu com ele, seguido por numerosa multidão, que o apertava.

25 E certa mulher, vítima de um fluxo de sangue havia doze anos, 26 que muito sofrera nas mãos de muitos médicos e gastara todos os seus bens sem encontrar nenhum alívio, antes piorava cada vez mais, 27 tendo ouvido falar de Jesus, veio por entre a multidão e, por trás, tocou-lhe na veste, 28 pois dizia: “Se ao menos eu tocar nem que seja nas suas vestes, ficarei curada”. 29 E logo estancou o fluxo de sangue, e ela sentiu no corpo que estava curada do seu mal. 30 E Jesus, sentindo logo que saíra dele uma força, voltando-se para a multidão disse: “Quem tocou as minhas vestes?”. 31 Os discípulos diziam-lhe: “Vês que a multidão te comprime de todos os lados e dizes ‘quem me tocou?’”. 32 E ele olhava em volta, para ver aquela que tinha feito isso. 33 Então, a mulher, receosa e a tremer, sabendo o que lhe tinha acontecido, foi prostrar-se diante dele e disse toda a verdade. 34 Disse-lhe ele: “Filha, a tua fé salvou-te; vai em paz e fica sabendo que estás curada do teu mal”.

35 Estando ele ainda a falar, vêm da casa do chefe da sinagoga, dizendo: “A tua filha morreu; para quê ainda incomodares o Mestre?”. 36 Mas Jesus, que surpreendera as palavras proferidas, diz ao chefe da sinagoga: “Não tenhas medo; apenas crê”. 37 E não deixou que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. 38 E chegam à casa do chefe da sinagoga e ele depara com grande alvoroço e gente a chorar e a gritar. 39 E Jesus, entrando, diz-lhes: “Por que fazeis este barulho e vos lamentais? A criança não morreu, está dormindo”. 40 Mas faziam troça dele. Porém Jesus, pondo todos para fora, e levando consigo apenas o pai da criança, a mãe e os que vinham com ele, entra

onde ela estava. <sup>41</sup> E segurando-lhe a mão, disse: “*Talitha koum*”, isto é, traduzido, “menina, digo-te: levanta-te!”. <sup>42</sup> E logo a menina se levantou e começou a andar. Tinha doze anos. Todos sentiram enorme estupefação. <sup>43</sup> Jesus recomendou-lhes vivamente que ninguém soubesse do sucedido e mandou que se lhe desse de comer.

---

5, 13 “e despenhou-se a vara, do precipício para dentro do mar, cerca de uns dois mil; e afogaram-se no mar”: os porcos de Gerasa a se precipitarem no “mar” (o lago da Galileia) levantam o problema lógico de o lago se situar a quase 50 km de Gerasa. Certamente por isso, ao usar essa passagem de Marcos, Mateus (8,28) mudou a localização dos porcos para a terra dos gádaros, que mesmo assim ainda fica a 10 km do lago. Lucas repete acriticamente o erro de Marcos.

5, 23 “filhinha”: diminutivo, *thugátrion*.

5, 42 “Todos sentiram enorme estupefação”: literalmente, “Todos se extasiaram em grande êxtase”, cf. 16,8\*.

## 6.

### *Jesus incompreendido em Nazaré; Missão dos doze; Herodes e Jesus; Morte de João Batista; A multiplicação dos pães e dos peixes; Jesus caminha sobre a água.*

<sup>1</sup> E partiu dali. Vai para a sua terra e os discípulos seguem-no. <sup>2</sup> Chegado o sábado, começou a ensinar na sinagoga. Os numerosos ouvintes ficavam espantados, dizendo: “De onde é que lhe vêm essas coisas e que sabedoria é essa que lhe foi dada? Como acontecem tão grandes milagres por suas mãos? <sup>3</sup> Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós?”. E escandalizavam-se com isso. <sup>4</sup> E dizia-lhes Jesus: “Um profeta não é desprezado a não ser na sua pátria, entre os seus parentes e em sua casa”.

<sup>5</sup> E Jesus não podia fazer ali milagre nenhum. Apenas curou alguns enfermos, impondo-lhes as mãos. <sup>6</sup> E admirava-se com a falta de fé daquela gente; e percorria as aldeias vizinhas ensinando. <sup>7</sup> E chamou os doze e começou a enviá-los dois a dois e deu-lhes poder sobre os espíritos impuros. <sup>8</sup> Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado: nem pão, nem alforje, nem cobre no cinto; <sup>9</sup> que fossem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas. <sup>10</sup> E disse-lhes: “Em qualquer casa em que entrardes, ficai nela até partirdes dali. <sup>11</sup> E seja qual for a localidade que não vos receber e [cujos habitantes] não vos ouvirem, saindo de lá, sacudi o pó debaixo dos vossos pés, em testemunho contra eles”. <sup>12</sup> E eles, partindo, pregaram o arrependimento, <sup>13</sup> expulsavam numerosos demônios, ungiam com óleo muitos doentes e curavam-nos.

<sup>14</sup> E ouviu o rei Herodes falar de Jesus, pois o seu nome se tornava célebre; e diziam: “João Batista ressuscitou dos mortos e por isso se realizam os milagres

nele”. 15 Outros diziam: “É Elias”; outros afirmavam: “É um profeta como um dos profetas”. 16 Mas Herodes, ouvindo isso, dizia: “É João, a quem eu decapitei, que ressuscitou”.

17 Pois o próprio Herodes tinha mandado prender João e agrilhoou-o na prisão, por causa de Herodíade, mulher de Filipe, seu irmão, que ele desposara. 18 Porque João dizia a Herodes: “Não te é lícito ter a mulher do teu irmão”. 19 Herodíade tinha-lhe rancor e queria matá-lo, mas não podia. 20 É que Herodes temia João e, sabendo que era homem justo e santo, protegia-o; quando o ouvia, ficava sem saber o que pensar, mas escutava-o com agrado.

21 E chegou o dia oportuno, quando Herodes, pelo seu aniversário, ofereceu um banquete aos grandes [da corte], aos quiliarcas e aos príncipes da Galileia. 22 Tendo entrado e dançado, a filha dele, Herodíade, agradou a Herodes e aos convidados. O rei disse à jovem: “Pede-me o que quiseres e eu te darei”. 23 E, jurando-lhe muitas coisas, [disse]: “Dar-te-ei tudo o que me pedires, nem que seja metade do meu reino”. 24 Ela saiu e perguntou à mãe dela: “Que hei de pedir?”. A mãe respondeu: “A cabeça de João Batista”. 25 E voltando logo a entrar apressadamente, fez o seu pedido ao rei, dizendo: “Quero que me dê sem demora, num prato, a cabeça de João Batista”. 26 E tendo ficado muito triste, por causa do juramento e dos convidados, o rei não quis recusar. 27 E logo mandou um guarda com a ordem de trazer a cabeça de João. O guarda foi e decapitou-o na prisão; 28 e trouxe a cabeça num prato e entregou-a à jovem, que a deu à mãe. 29 Tendo ouvido [falar disso], os discípulos de João foram buscar o seu corpo e depositaram-no num sepulcro.

30 E os apóstolos reuniram-se na companhia de Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado. 31 Diz-lhes então: “Vinde, retirai-vos para um lugar deserto e descansai um pouco”. Porque eram tantos os que vão e vêm que nem tinham tempo para comer.

32 E partiram no barco para um lugar isolado, sem mais ninguém. 33 E muitos viram-nos a afastarem-se e perceberam para onde iam; e, a pé, de todas as cidades acorreram àquele lugar; e chegaram primeiro que eles.

34 E ao desembarcar, Jesus viu uma multidão numerosa e condoeu-se deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas.

35 A hora já ia muito adiantada, quando os discípulos se aproximaram e disseram: “Ermo é este lugar e a hora já vai avançada. 36 Manda-os embora, para irem aos campos e aldeias comprar de comer”. 37 Porém Jesus, respondendo, disse-lhes: “Dai-lhes vós de comer”. Eles dizem-lhe: “Saímos para comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?”. 38 Mas ele diz-lhes: “Quantos pães tendes? Ide ver”. Depois de se informarem, respondem: “Cinco pães e dois peixes”. 39 Ordenou-lhes que os mandassem sentar por grupos na erva verde. 40 E sentaram-se, por grupos de cem e cinquenta. 41 E Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e dava-os aos seus discípulos, para que eles os repartissem. Dividiu também os dois peixes por todos. 42 Comeram todos e ficaram saciados. 43 E recolheram doze cestos com os pedaços [de pão] e os restos de peixe. 44 E os que tinham comido daqueles pães eram cinco mil homens.

45 E, de imediato, Jesus obrigou os seus discípulos a embarcar e a ir adiante, para a outra margem, rumo a Betsaida, enquanto ele próprio despedia a multidão. 46 E logo que os despediu, foi orar para a montanha. 47 Era já noite, o barco estava no meio do mar e ele estava sozinho em terra. 48 Vendo-os moídos de remar (pois o vento lhes era contrário), por volta da quarta vigília da noite, vai encontrar com eles, andando sobre o mar; e queria passar adiante. 49 Mas eles, vendo-o andar sobre o mar, julgaram que fosse um fantasma e começaram a gritar, 50 pois todos o viram e se assustaram. Mas logo ele lhes falou e diz-lhes: “Tende coragem, sou eu: não temais”. 51 E subiu para o barco, para junto deles, e o vento amainou. E sentiram em si próprios um espanto enorme,<sup>52</sup> pois ainda não tinham entendido o que se dera com os pães: tinham o coração petrificado.

53 E tendo atravessado, chegaram a terra, a Genesaré, e aportaram. 54 E quando eles saíam do barco, logo o reconheceram. 55 Acorreram de toda aquela região e começaram a levar nos catres os doentes para o lugar onde ouviam [dizer] que ele se encontrava. 56 E onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, nas praças públicas colocavam os doentes e rogavam-lhe para que lhe tocassem pelo menos as franjas das suas vestes. E quantos o tocavam ficavam curados.

---

6, 3 Marcos é o único evangelista a dizer que Jesus era ele próprio carpinteiro.

6, 12-13 Note-se a sequência expressiva de tempos verbais: “pregaram (aoristo) [...] expulsavam (imperfeito) [...] ungiam (imperfeito) [...] curavam (imperfeito)”.

6, 14 “Herodes”: trata-se de Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande (que morreu em 4 a.C. e em cujo reinado, segundo Mateus e Lucas, Jesus nasceu).

6, 22 “a filha dele, Herodíade”: não há outra maneira de interpretar este versículo devido à presença de *autoû*, “dele”, aceite na edição crítica de N-A. Ou seja, admitindo que Marcos escreveu, de fato, *autoû* (ainda que a palavra não esteja em todos os manuscritos do seu Evangelho), a bailarina cuja dança encanta Herodes e os seus convidados é filha de Herodes e tem o mesmo nome da mulher do rei, Herodíade. Note-se que nenhum dos evangelistas refere que essa figura se chama Salomé.

6, 24 “perguntou à mãe dela”: Marcos não diz o nome da mãe, mas a lógica inerente à narrativa parece exigir que ela seja a mesma Herodíade rancorosa contra o Batista, pelo que a morte do profeta é aqui vista como tendo sido originada pelo conluio de duas Herodíades, mãe e filha.

6, 30 “apóstolos”: cf. Marcos 3,14\*.

6, 34 “condoeu-se”: cf. Mateus 9,36\*.

6, 39 “erva verde”: a verdura da erva é um pormenor próprio de Marcos, omitido pelos outros evangelistas.

6, 41 “partiu os pães e dava-os aos seus discípulos”: na passagem correspondente de Mateus (14,19), em vez de “dava-os” (imperfeito) lemos “deu-os” (aoristo). Lucas (9,16) segue Marcos na opção pelo imperfeito.

6, 44 “cinco mil homens”: Mateus (14,21) explicita que, além dos cinco mil homens, havia ainda um número não contabilizado de mulheres e crianças. Marcos só refere mesmo os homens (*ándres*).

6, 48 “andando sobre o mar”: cf. Mateus 14,25\*; João 6,19\*.

6, 52 “coração petrificado”: é o sentido próprio do verbo *pôróô*.

## 7.

### *Jesus e os preceitos da lei judaica; A mulher siro- fenícia; Jesus cura um surdo- mudo.*

<sup>1</sup> E reuniram-se junto de Jesus os fariseus e alguns escribas vindos de Jerusalém.  
<sup>2</sup> E vendo eles que alguns dos seus discípulos com as mãos impuras (isto é, por lavar) comiam os pães (<sup>3</sup> é que os fariseus e todos os judeus, a não ser que tenham lavado e esfregado as mãos, não comem, conforme a tradição dos antigos, e, <sup>4</sup> ao voltar da praça pública, sem [primeiro] se lavarem, não comem — e há muitos outros costumes que seguem: lavagem das taças, dos jarros e das vasilhas de cobre), <sup>5</sup> perguntaram-lhe os fariseus e os escribas: “Por que é que os teus discípulos não obedecem à tradição dos antigos, mas com mãos impuras comem o pão?”.

<sup>6</sup> Ele disse-lhes: “Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, quando escreveu:

*Este povo honra-me com os lábios,  
mas o seu coração está longe de mim.*

<sup>7</sup> *É em vão que me veneram  
ensinando doutrinas que são preceitos humanos.*

<sup>8</sup> Deixando vós o mandamento de Deus, agarrai-vos à tradição dos homens”. <sup>9</sup> E disse-lhes: “Anulais especiosamente o mandamento de Deus, para manterdes a vossa tradição. <sup>10</sup> Pois Moisés disse: *honra o teu pai e a tua mãe*; e ainda: *quem amaldiçoar o pai ou a mãe seja punido de morte*. <sup>11</sup> Mas vós dizeis: ‘Se alguém disser ao seu pai ou à sua mãe *korbân* (isto é: dom) [para Deus] é a ajuda que poderias receber da minha parte’, <sup>12</sup> já não o deixais fazer nada pelo pai ou pela mãe, <sup>13</sup> anulando a palavra de Deus com a tradição que tendes transmitido. E semelhantes a essas fazeis muitas outras coisas”.

14 E chamando de novo a multidão, dizia-lhes: “Escutai-me todos e compreendei. 15 Nada há fora da pessoa que, entrando nela, a possa tornar impura. Mas as coisas que saem da pessoa, essas é que a tornam impura”. [[16]]

17 E quando entrou em casa, deixando para trás a multidão, interrogaram-no os discípulos acerca da parábola. 18 E ele diz-lhes: “Também vós estais sem compreender? Não sabeis que tudo o que de fora entra na pessoa não a pode tornar impura, 19 porque não entra no seu coração, mas sim no ventre e sai para a cloaca?” — declarando, assim, puros todos os alimentos. 20 E disse: “O que sai da pessoa, isso é que a torna impura. 21 Pois é de dentro do coração das pessoas que saem os maus pensamentos, prostituições, roubos, assassinios, 22 adultérios, ambições, iniquidades, engano, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, insensatez. 23 Todas essas maldades saem de dentro e tornam a pessoa impura”.

24 Partindo dali, Jesus foi para a região de Tiro. E entrando numa casa, não queria que ninguém soubesse, mas não conseguiu passar despercebido, 25 porque logo ouviu falar dele uma mulher que tinha uma filha possuída de um espírito impuro e veio lançar-se a seus pés. 26 A mulher era grega, siro-fenícia de origem, e pedia-lhe que expulsasse o demônio da filha dela. 27 Ele disse-lhe: “Deixa que primeiro comam os filhos, pois não é bonito tomar o pão dos filhos para o lançar aos cães”. 28 Mas ela respondeu e diz-lhe: “Senhor, até os cães comem debaixo da mesa as migalhas das crianças”. 29 E Jesus disse-lhe: “Por causa dessa [tua] palavra, vai; o demônio saiu da tua filha”. 30 E ela, voltando para casa, encontrou a criança recostada na cama; e o demônio, ausente.

31 E saindo de novo da região de Tiro, veio pela Sidônia para o mar da Galileia, atravessando o território da Decápole. 32 E trazem-lhe um surdo-mudo e pedem-lhe que imponha a mão sobre ele. 33 E levando-o em privado para longe da multidão, Jesus meteu os dedos dele nos ouvidos dele e, cuspindo, tocou-lhe na língua. 34 E olhando para o céu, suspirou e diz-lhe: “*Ephphatha*”, que quer dizer “abre-te!”. 35 E logo se abriram os ouvidos dele e soltou-se a prisão da sua língua e falava corretamente. 36 E Jesus mandou-lhes que não dissessem a ninguém; mas quanto mais lhes recomendava, mais eles o apregoavam. 37 E ficaram espantados em último grau, dizendo: “Ele faz tudo de maneira tão bonita: põe os surdos a ouvir e os mudos a falar”.



---

7, 3-4 Essas normas cuja observância Marcos atribui a “todos os judeus” aplicavam-se apenas aos sacerdotes.

7, 6-7 Citação de Isaías 29,13. Cf. Mateus 15,8-9.

7, 10 “Moisés disse”: na passagem correspondente em Mateus (15,4), lemos “Deus disse”. As citações do AT dizem respeito ao Êxodo 20,12 e 21,17.

7, 16 Versículo interpolado, segundo a edição crítica de N-A: “Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça”.

7, 19 “cloaca”: cf. Mateus 15,17\*.

7, 22 “devassidão”: a palavra *aselgeia*, que no grego clássico tem o sentido de “descaramento” ou “desfaçatez” (Aristóteles fala da “desfaçatez dos demagogos”: *Política* 1304b22) parece ter na linguagem do NT um sentido mais próximo de “lascívia sexual”. Nunca é utilizada pelos outros evangelistas (e, em Marcos, surge somente aqui) nem nos Atos dos Apóstolos (ou no livro do Apocalipse), mas no corpus de epístolas do NT surge nove vezes.

7, 27 “não é bonito tomar o pão dos filhos para o lançar aos cães”:cf. Mateus 15,26\*.

7, 31 “saindo de novo da região de Tiro, veio pela Sidônia para o mar da Galileia”: será que Marcos tinha consciência de que a Sidônia fica 50 km a norte de Tiro e que o mar da Galileia fica 50 km a sul de Tiro?

7, 37 A superlativização do espanto é transmitida por meio da duplicação semântica dada pelo sufixo *hupér* (“hiper”) no advérbio *hyperperrissós* (literalmente, “hipertransbordantemente”).

## 8.

*Nova multiplicação de pães e  
de peixes; O sinal pedido pelos  
fariseus; Jesus cura o cego de  
Betsaida; Pedro reconhece  
Jesus como o Messias; O  
primeiro anúncio da Paixão;  
As condições para seguir  
Jesus.*

<sup>1</sup> Naqueles dias, havendo de novo uma grande multidão e não tendo eles o que comer, Jesus, chamando os discípulos, diz-lhes: <sup>2</sup> “Condoo-me desta multidão, porque há já três dias que estão comigo e não têm o que comer. <sup>3</sup> Se os mandar embora em jejum para suas casas, desfalecerão no caminho, e alguns vieram de longe”. <sup>4</sup> Os discípulos responderam-lhe: “Como poderá alguém saciá-los de pão, aqui no deserto?”. <sup>5</sup> E ele perguntou-lhes: “Quantos pães tendes?”. Eles disseram: “Sete”.

<sup>6</sup> E Jesus ordenou à multidão que se sentasse no chão. E, tomando os sete pães, deu graças, partiu-os e dava-os aos seus discípulos para eles os distribuírem à multidão. <sup>7</sup> E havia alguns peixinhos. E, abençoando-os, disse que também os distribuíssem. <sup>8</sup> Comeram e ficaram satisfeitos, e levantaram sete cestos de sobras. <sup>9</sup> Ora, eram cerca de quatro mil. E Jesus despediu-os.

<sup>10</sup> E, subindo logo para o barco com os discípulos, foi para os lados da Dalmanuta.

<sup>11</sup> E vieram os fariseus e começaram a discutir com ele, pedindo da parte dele um sinal do céu para o porem à prova. <sup>12</sup> E Jesus, suspirando profundamente no seu espírito, diz: “Por que procura esta geração um sinal? Amém vos digo! Se será dado a esta geração um sinal!”. <sup>13</sup> E, deixando-os, embarcou de novo e foi

para a outra margem.

14 E [os discípulos] tinham se esquecido de levar pães e, a não ser um só, não tinham pão no barco. 15 Jesus avisou-os, dizendo: “Olhai: tomai cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes”. 16 E eles diziam uns aos outros: “Não temos pães”.

17 E ele, percebendo, diz-lhes: “Por que estais dizendo que não tendes pães? Ainda não entendestes nem compreendestes? Tendes o vosso coração empedernido?

18 *Tendo vós olhos, não vedes;  
e tendo vós ouvidos, não ouvis?*

E não recordais 19 quando parti os cinco pães para os cinco mil, quantos cestos cheios de restos recolhestes?”. Eles dizem-lhe: “Doze”. 20 “E quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de bocados recolhestes?”. E dizem-lhe: “Sete”. 21 E ele dizia-lhes: “Ainda não compreendeis?”.

22 E chegam a Betsaida e trazem-lhe um cego e pedem-lhe que o toque. 23 E Jesus, segurando a mão do cego, conduziu-o para fora da aldeia; e, cuspido-lhe nos olhos, impôs-lhe as mãos e perguntou: “Vês alguma coisa?”. 24 E ele, olhando para cima, dizia: “Vejo os homens; vejo-os andando como árvores”. 25 Em seguida, de novo lhe impôs Jesus as mãos sobre os olhos e ele viu bem e ficou curado e enxergava tudo nitidamente. 26 Jesus mandou-o para casa, dizendo: “Nem sequer entres na aldeia”.

27 E Jesus saiu com os seus discípulos para as aldeias de Cesareia de Filipe. No caminho, interrogou os discípulos, dizendo-lhes: “Quem os homens dizem que eu sou?”. 28 Eles falaram-lhe, dizendo: “João, o Batista; outros, Elias; e outros, que és um dos profetas”. 29 E ele perguntou-lhes: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Pedro, respondendo, diz-lhe: “Tu és o Cristo”. 30 Ordenou-lhes, então, que não falassem a ninguém sobre ele.

31 Começou, então, a ensinar-lhes que “o Filho da Humanidade tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, tem de ser morto e, após três dias, ressuscitar”. 32 E dizia claramente essas coisas. E Pedro, desviando-se com ele um pouco, começou a repreendê-lo. 33 Mas Jesus, voltando-se e vendo os seus discípulos, repreendeu Pedro e diz: “Vai-te para trás de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas sim as dos

humanos”.

<sup>34</sup> Chamando a si a multidão, juntamente com os seus discípulos, disse-lhes: “Se alguém quer seguir atrás de mim, que se negue a si próprio e levante a sua cruz e me siga. <sup>35</sup> Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á. Mas quem perder a sua vida, por minha causa e por causa da boa-nova, salvá-la-á. <sup>36</sup> O que beneficia uma pessoa ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida? <sup>37</sup> Que coisa daria o ser humano em troca da sua vida? <sup>38</sup> Pois quem se envergonhar de mim e das minhas palavras entre esta geração adúltera e pecadora, também o Filho da Humanidade se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os anjos santos”.

---

8, 1-10 A repetição do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes encontra-se também em Mateus 15,32-39\*.

8, 12 “Se será dado a esta geração um sinal!”: o sentido dessa frase é negativo. A oração condicional, desprovida de oração principal e com o valor semântico de uma afirmação negativa, é habitualmente interpretada aqui como semitismo linguístico.

8, 18 *Tendo vós olhos, não vedes*: Jeremias 5,21.

8, 24 “Vejo os homens; vejo-os andando como árvores”: preciosidade exclusiva do Evangelho de Marcos. É belíssima essa descrição poética da miopia como fase intermédia entre cegueira e visão a 100%.

## 9.

### *Transfiguração; Jesus cura um jovem epiléptico; O segundo anúncio da Paixão; O maior no reino; Sobre o escândalo.*

<sup>1</sup> E Jesus dizia-lhes: “Amém vos digo que há alguns dos que aqui se encontram que não provarão a morte antes de terem visto o reino de Deus chegar com força”.

<sup>2</sup> Seis dias depois, Jesus toma Pedro, Tiago e João e leva-os, só a eles, para uma alta montanha. E transfigurou-se diante deles <sup>3</sup> e as vestes dele tornaram-se resplandecentes e muito brancas, como lavadeiro algum da terra as poderia branquear assim. <sup>4</sup> E apareceu-lhes Elias com Moisés e ambos conversavam com Jesus. <sup>5</sup> E Pedro, respondendo, diz a Jesus: “Mestre, é bonito estarmos aqui! Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias”. <sup>6</sup> Não sabia o que responder, pois estavam aterrados. <sup>7</sup> E formou-se uma nuvem a ensombrá-los e da nuvem veio uma voz: “Este é o meu filho amado: escutai-o”. <sup>8</sup> E de repente, olhando à volta, já não viram ninguém, a não ser Jesus, sozinho com eles.

<sup>9</sup> E descendo eles da montanha, Jesus ordenou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, senão quando o Filho da Humanidade tivesse ressuscitado dos mortos. <sup>10</sup> Eles guardaram a palavra, indagando uns com os outros o que é ressuscitar dos mortos.

<sup>11</sup> E perguntaram-lhe, dizendo: “Por que afirmam os escribas que primeiro tem de vir Elias?”. <sup>12</sup> Jesus disse-lhes: “Elias, vindo primeiro, restabelece todas as coisas; e não está escrito que o Filho da Humanidade tem de padecer muito e ser desprezado? <sup>13</sup> Mas eu vos digo que Elias já veio e fizeram-lhe o que quiseram, conforme está escrito sobre ele”.

14 E chegando eles junto dos [outros] discípulos, viram uma grande multidão em torno deles e uns escribas discutindo com eles. 15 E logo a multidão toda, vendo Jesus, ficou surpreendida e, correndo, vieram saudá-lo. 16 E ele perguntou-lhes: “Que estais discutindo uns com os outros?”. 17 E respondeu-lhe um homem dentre a multidão: “Mestre, trouxe-te o meu filho, que tem um espírito mudo. 18 Quando se apodera dele, atira-o ao chão, e ele se põe a espumar, a ranger os dentes e fica rígido. Disse aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram”. 19 Jesus, respondendo, diz-lhes: “Ó geração descrente, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o aqui”. 20 E levaram-lho. Ao ver Jesus, logo o espírito sacudiu violentamente o rapaz, e este, caindo por terra, começou a estrebuchar, espumando [pela boca]. 21 Jesus perguntou ao pai dele: “Há quanto tempo lhe sucede isto?”. Este disse: “Desde criança; 22 e muitas vezes [o espírito] o tem lançado ao fogo e à água, para o matar. Mas, se puderes alguma coisa, socorremos, tem pena de nós”. 23 Porém Jesus disse-lhe: “[O que é] isso, ‘se puderes’? Todas as coisas são possíveis a quem crê”.

24 Gritando logo, o pai do rapaz dizia: “Eu creio! Ajuda a minha descrença!”. 25 Vendo Jesus que acorria muita gente, ameaçou o espírito impuro, dizendo-lhe: “Espírito mudo e surdo, eu ordeno-te: sai dele e jamais voltes a entrar nele”. 26 E dando um grande grito e sacudindo[-o] repetidamente, saiu. O rapaz parecia um morto, a ponto de a maioria dizer que tinha morrido. 27 Mas Jesus, segurando a mão dele, levantou-o e ele pôs-se de pé.

28 E entrando Jesus em casa, os discípulos perguntaram-lhe em particular: “Por que é que nós não conseguimos expulsá-lo?”. 29 E Jesus disse-lhes: “Essa raça [de espíritos] com nada se consegue expulsar, a não ser com oração”.

30 Partindo dali, atravessaram a Galileia, e Jesus não queria que alguém o soubesse. 31 Pois ensinava os seus discípulos e dizia-lhes: “O Filho da Humanidade será entregue nas mãos de homens e matá-lo-ão; mas, três dias depois de ser morto, ressuscitará”. 32 Eles, porém, não compreendiam esse discurso e receavam interrogá-lo.

33 Chegaram a Cafarnaum. E, estando em casa, Jesus perguntou-lhes: “Que discutíeis no caminho?”. 34 Eles ficaram em silêncio. Pois no caminho tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior. 35 Sentando-se,

chamou os doze e diz-lhes: “Se alguém quiser ser o primeiro, será o último de todos e o criado de todos”. <sup>36</sup> E, pegando uma criança, colocou-a no meio deles e, abraçando-a, disse-lhes: <sup>37</sup> “Quem receber uma destas crianças em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber, não recebe a mim mas Àquele que me enviou”.

<sup>38</sup> Disse-lhe João: “Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome e impedimo-lo, porque não nos segue”. <sup>39</sup> Jesus disse: “Não o impeçais. Pois não há ninguém que faça um milagre em meu nome que será capaz de ir logo dizer mal de mim. <sup>40</sup> Pois quem não é contra nós é por nós. <sup>41</sup> Quem vos der a beber uma taça de água por serdes de Cristo, amém vos digo que não perderá a sua recompensa.

<sup>42</sup> E se alguém escandalizar um desses pequenos que creem em mim, melhor seria para ele atarem-lhe ao pescoço uma mó de moinho e lançarem-no ao mar. <sup>43</sup> Se a tua mão te escandalizar, corta-a; é melhor entrares mutilado na vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo que não se apaga, <sup>44</sup> onde o verme não morre e o fogo é inexaurível.

<sup>45</sup> Se o teu pé te escandalizar, corta-o; é melhor entrares coxo na vida do que, tendo os dois pés, seres lançado à geena. [[<sup>46</sup>]]

<sup>47</sup> E se o teu olho te escandalizar, arranca-o; é melhor entrares com um só olho no reino de Deus do que, tendo os dois olhos, seres lançado à geena, <sup>48</sup> onde o verme não morre e o fogo não se apaga.

<sup>49</sup> Toda a pessoa será salgada com fogo. <sup>50</sup> Belo é o sal; mas, se o sal ficar insosso, com que haveis de o temperar? Tende em vós mesmos sal. E vivei em paz uns com os outros”.

---

9, 2-8 Sobre a Transfiguração em Mateus, Marcos e Lucas, ver Mateus 17,1-9\*.

9, 3 “como lavadeiro algum da terra as poderia branquear assim”: o pormenor do lavadeiro (*gnapheus*) é exclusivo do Evangelho de Marcos.

9, 24 “Eu creio! Ajuda a minha descrença!”: palavras extraordinárias na sua humanidade, presentes somente no Evangelho de Marcos. Note-se, no original grego, o jogo de palavras entre “creio” (*pisteúô*) e “descrença” (*apistía*): *pisteúô: boêthei mou têi apistíai*.

9, 40 “quem não é contra nós é por nós”: em Lucas (9,50), Jesus diz “vós” em vez de “nós”.

9, 41 “por serdes de Cristo”: trata-se da única vez em todo o Evangelho de Marcos em que Jesus fala diretamente de si próprio como “Cristo”.

9, 42-50 Sobre o escandalizar dos “pequeninos”, cf. Mateus 18,6-9.

[[9, 46]] Este versículo é considerado uma interpolação (“onde o verme não morre e o fogo não se apaga”).

9, 49 “Toda a pessoa será salgada com fogo”: mais nenhum evangelista atribui tal frase a Jesus. O sentido é enigmático, mas tem sido interpretado como referindo o sacrifício exigido aos seguidores de Jesus, sacrifício esse associado aos ritos próprios do templo de Jerusalém. Nas palavras de France (p. 383), “ser salgado com fogo parece evocar a imagética do sacrifício no templo, mas as vítimas que agora são salgadas são os próprios adoradores, cuja dedicação ao sofrimento do seu Messias sofredor é como um sacrifício de carne imolada: total e irrevogável”



## 10.

*Jesus fala sobre o divórcio;  
Jesus e as crianças; O homem  
rico; A dificuldade de os ricos  
entrarem no reino de Deus; O  
desprendimento; O terceiro  
anúncio da Paixão; Jesus cura  
um cego em Jericó.*

<sup>1</sup> Levantando-se dali, Jesus vai para a região da Judeia, para além do Jordão. As multidões agrupam-se de novo em volta dele e, como era seu costume, de novo as ensinava.

<sup>2</sup> Aproximando-se uns fariseus, perguntaram-lhe se era permitido ao marido divorciar-se da mulher, pondo-o à prova. <sup>3</sup> Ele, respondendo, disse-lhes: “Que vos ordenou Moisés?”. <sup>4</sup> Eles, por seu lado, disseram: “Moisés mandou [o marido] escrever um documento de repúdio e divorciar[-se da mulher]”. <sup>5</sup> Jesus disse-lhes: “Devido à dureza do vosso coração é que ele vos escreveu esse preceito. <sup>6</sup> Mas, desde o princípio da criação, *macho e fêmea os fez.* <sup>7</sup> *Por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe e será unido à sua mulher* <sup>8</sup> *e serão os dois uma só carne.* De tal forma que já não são dois, mas uma só carne. <sup>9</sup> Portanto, o que Deus uniu não separe o ser humano”.

<sup>10</sup> De volta à casa, de novo os discípulos o interrogaram acerca disso. <sup>11</sup> E ele diz-lhes: “Quem se divorciar da sua mulher e casar com outra, comete adultério contra ela. <sup>12</sup> E se a mulher, tendo-se divorciado do seu marido, casar com outro, comete adultério”.

<sup>13</sup> Apresentaram-lhe umas crianças para que ele as tocasse; mas os discípulos repreenderam aqueles [que as tinham trazido]. <sup>14</sup> Vendo isso, Jesus indignou-se e disse-lhes: “Deixai vir até mim as crianças e não as afasteis, pois delas e de pessoas como elas é o reino de Deus. <sup>15</sup> Amém vos digo: quem não receber o

reino de Deus como uma criança, não entrará nele”. 16 E abraçando-as, abençoou as crianças, impondo-lhes as mãos.

17 E estando ele a caminho, alguém correu para ele e, ajoelhando-se, perguntou-lhe: “Bom Mestre, que deverei fazer para alcançar a vida eterna?”. 18 Jesus disse-lhe: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um só: Deus. 19 Sabes os mandamentos: *não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunho, não defraudes, honra o teu pai e a tua mãe*”. 20 Ele disse-lhe: “Mestre, todas essas coisas eu cumpri desde a minha juventude”. 21 Jesus, olhando para ele, amou-o. E disse: “Uma coisa te falta. Vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos mendigos e terás um tesouro no céu; depois, segue-me”. 22 Mas ele, assumindo uma expressão carregada com essas palavras, foi embora entristecido. Pois ele tinha muitos bens.

23 Olhando em volta, Jesus diz aos discípulos: “Como é difícil aos que têm dinheiro entrarem no reino de Deus!”. 24 Os discípulos ficaram espantados com essas suas palavras. Mas Jesus, respondendo de novo, diz-lhes: “Filhos! Como é difícil entrar no reino de Deus! 25 É mais fácil um camelo passar através do buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”. 26 Eles espantaram-se ainda mais, dizendo uns aos outros: “Quem pode, então, salvar-se?”. 27 Fitando neles o olhar, Jesus diz: “Aos humanos é impossível, mas a Deus não; pois tudo é possível a Deus”.

28 Pedro começou a dizer-lhe: “Eis-nos, nós que deixamos tudo e te seguimos”. 29 Jesus disse: “Amém vos digo: não existe ninguém que deixe casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa da boa-nova, 30 que não receba cem vezes mais agora no tempo presente em casas e irmãos e irmãs e mães e filhos e campos — juntamente com perseguições — e, no tempo futuro, a vida eterna. 31 Muitos primeiros serão últimos; e últimos, primeiros”.

32 Iam a caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus seguia à frente deles. Estavam espantados e os que seguiam estavam com medo. Tomando de novo os doze, começou a dizer-lhes as coisas que estavam prestes a acontecer-lhe. 33 “Eis que estamos a subir até Jerusalém e o Filho da Humanidade será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas, e eles condená-lo-ão à morte e entregá-lo-ão aos pagãos. 34 E irão troçar dele, cuspir-lhe em cima, flagelá-lo e matá-lo. Mas, três dias depois, ressuscitará.”

35 E aproximaram-se dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: “Mestre, queremos que nos faças o que te pedirmos”. 36 Ele disse-lhes: “Que quereis que vos faça?”. 37 Eles disseram-lhe: “Concede-nos que, um à tua direita e outro à tua esquerda, nos sentemos [quando estiveres] na tua glória”. 38 Jesus disse-lhes: “Não sabeis o que pedis. Conseguis beber o cálice que eu bebo ou ser batizados [no] batismo em que eu sou batizado?”. 39 Eles disseram: “Conseguimos”. Jesus disse-lhes: “O cálice que eu bebo bebereis e no batismo em que eu sou batizado sereis batizados; 40 porém o sentar à minha direita ou à minha esquerda não me compete dar, mas é daqueles para quem [isso] foi reservado”.

41 Os outros dez, tendo ouvido isso, começaram a indignar-se contra Tiago e João. 42 E, chamando-os, Jesus diz-lhes: “Sabeis que os considerados príncipes dos pagãos são prepotentes com eles, e que também os grandes deles abusam do seu poder. 43 Não é assim convosco. Mas quem quiser ser grande entre vós será vosso criado 44 e quem quiser ser o primeiro entre vós será o escravo de todos; 45 pois também o Filho da Humanidade não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos”.

46 E chegam a Jericó. Estando ele a sair de Jericó com os seus discípulos e com grande multidão, o filho de Timeu, Bartimeu (um mendigo cego), estava sentado à beira do caminho. 47 E tendo ouvido dizer que se tratava de Jesus, o Nazareno, começou a gritar e a dizer: “Filho de Davi, Jesus, tem misericórdia de mim!”. 48 Muitos repreendiam-no para que se calasse, mas ele gritava cada vez mais: “Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”. 49 Jesus parou e disse: “Chamai-o”. Chamaram o cego, dizendo-lhe: “Coragem, levanta-te; ele está te chamando”. 50 E ele, atirando fora a capa e dando um salto, veio encontrar com Jesus. 51 E, respondendo-lhe, Jesus disse: “Que queres que te faça?”. O cego disse-lhe: “Mestre, que eu veja!”. 52 E Jesus disse-lhe: “Vai, a tua fé te salvou”. E logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho.

---

102-12 Sobre a questão do divórcio, ver Mateus 5,31-32; 19,3-12; Lucas 16,18. Ao contrário de Mateus (5,32; 19,9), Marcos e Lucas não admitem a legitimidade do divórcio em caso de *porneia* (“promiscuidade”; literalmente, “prostituição”).

10, 6-7 *macho e fêmea os fez*: as citações do AT dizem respeito ao Gênesis 1,17; 2,24.

10, 9 “o que Deus uniu não separe o ser humano”: a frase é reproduzida com exatamente essas palavras em Mateus 19,6. A carga semântica do aoristo como designando uma ação pontual, única e irrepetível está bem patente na forma verbal *sunézeuxen* (“uniu”, literalmente “juntou debaixo do mesmo jugo”). Uma vez unida “a junta de cônjuges”, está unida para sempre.

10, 11 “comete adultério contra ela”: contra quem? A utilização aqui de *epí* com acusativo refere-se com certeza à primeira mulher, “contra” a qual o marido está agindo ao ter relações sexuais com a segunda mulher. Atente-se nas seguintes palavras de France (p. 394): “divórcio e recasamento são vistos como ofensa não só contra Deus, mas contra a primeira mulher, que é assim vista como parte ofendida. No mundo judaico, o homem adúltero cometia adultério contra o marido da mulher em causa; ou a mulher cometia adultério contra o seu marido; mas a ideia de um homem cometer adultério *contra a mulher* é um desenvolvimento notável rumo à igualdade de gênero”.

10, 12 “E se a mulher, tendo-se divorciado do seu marido”: Marcos (decerto influenciado pelo ambiente romano em que estava inserido) está imaginando aqui uma realidade que nunca passou pela cabeça dos seus colegas evangelistas, pela simples razão de que era impossível, na lei judaica, que a mulher se divorciasse do marido: só era possível ao marido divorciar-se da mulher.

10, 14 “Jesus indignou-se”: trata-se da única vez em todo o NT em que o verbo *aganaktéō* é utilizado para descrever uma reação de Jesus. Como se lê no melhor dicionário de grego (LSJ), o sentido do verbo é *to feel violent irritation*. É-lhe intrínseca a ideia de descontrole emocional, como quando Sócrates está para morrer e um dos seus discípulos está descontroladamente choroso e indignado, levando a que o próprio Sócrates o repreenda pela falta de autodomínio (Platão, *Fédon* 117d). Essa indignação violenta por parte de Jesus está ausente das passagens correspondentes de Mateus (19,14) e Lucas (18,16).

10, 19 *não mates, não cometas adultério*: essas citações do Êxodo 20,12-16 têm uma particularidade (partilhada com Lucas 18,20) relativamente a Mateus (19,18) — o fato de as formas verbais não estarem (como em Mateus) no futuro (“não matarás”), mas sim no conjuntivo aoristo (“não mates”). É Mateus, porém, que reproduz a forma verbal presente no texto dos LXX.

10, 21 “Jesus, olhando para ele, amou-o”: esse amor de Jesus por esse homem (personagem só identificada por Mateus 19,22 como “jovem”, *neanískos*, rico) está ausente das passagens correspondentes de Mateus (19,21) e de Lucas (18,22).

10, 25 “É mais fácil um camelo passar através do buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”: cf. Mateus 19,24\*.

10, 35 “E aproximaram-se dele Tiago e João, filhos de Zebedeu”: na passagem correspondente de Mateus (20,20-28), é a mãe desses discípulos que faz o pedido a Jesus.

10, 38 “ser batizados [no] batismo em que eu sou batizado”: ideia ausente da passagem correspondente de Mateus (20,22). A palavra “batismo” não designa aqui o sacramento cristão, pois está sendo usada no sentido em que surge em Isaías 21,4 (LXX) “a injustiça batiza-me” (*hē anomía me baptízei*). Aquilo que se afigura, em Isaías, como batismo de injustiça será para Jesus um batismo de sofrimento. Sobre o verdadeiro sentido da palavra grega *báptisma*, cf. Mateus 3,6\*.

## 11.

### *Entrada de Jesus em Jerusalém; A figueira estéril; Jesus expulsa os vendilhões do templo; A figueira seca e o poder da fé; Jesus e as autoridades judaicas.*

<sup>1</sup> E quando estão próximos de Jerusalém, perto de Betfagé e de Betânia, junto ao Monte das Oliveiras, Jesus envia dois dos seus discípulos <sup>2</sup> e diz-lhes: “Ide à aldeia que está à vossa frente e, logo que lá entrardes, encontrareis, preso, um burro pequeno, no qual ainda ninguém montou. Soltaí-o e trazei-o. <sup>3</sup> E se alguém vos disser ‘por que fazeis isso?’, respondei ‘o Senhor precisa dele e logo o manda de volta para cá’”.

<sup>4</sup> Partiram e encontraram, preso, um burro pequeno ao pé de uma porta, do lado de fora na rua, e soltam-no. <sup>5</sup> Alguns que ali se encontravam disseram-lhes: “Que fazeis, soltando o burro?”. <sup>6</sup> Responderam como Jesus tinha dito e eles deixaram-nos ir. <sup>7</sup> E levam o burro a Jesus e lançam-lhe por cima as capas e Jesus sentou-se nele. <sup>8</sup> E muitos estenderam as capas pelo caminho; outros, ramos de verdura cortados dos campos. <sup>9</sup> E os que iam à frente e os que seguiam atrás gritavam:

*Hosana!*

*Bendito o que vem em nome do Senhor!*

<sup>10</sup> Bendito o reino que chega do nosso pai Davi.

*Hosana nas alturas!*

<sup>11</sup> E entrou em Jerusalém, no templo; e, olhando tudo ao seu redor, estando a hora já adiantada, saiu para Betânia com os doze.

<sup>12</sup> Na manhã seguinte, saindo eles de Betânia, Jesus sentiu fome. <sup>13</sup> Vendo ao longe uma figueira com folhas, foi ver se nela encontraria alguma coisa; mas, ao

chegar junto dela, nada encontrou a não ser folhas. Pois não era tempo de figos. 14 E respondendo, disse à árvore: “Que nunca mais, até a eternidade, alguém coma fruto de ti”. E os discípulos ouviam isso.

15 E chegam a Jerusalém. Entrando no templo, Jesus começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo e revirou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam as pombas, 16 e não permitia que se transportasse qualquer objeto através do templo.

17 E ensinava e dizia-lhes: “Não ficou escrito que  
*a minha casa será chamada casa de oração*  
*para todos os povos?*

Mas vós fizestes dela *um antro de ladrões*”.

18 E os sacerdotes e os escribas ouviram isso e procuravam como poderiam matá-lo. É que tinham medo dele, pois toda a multidão estava maravilhada com o seu ensinamento.

19 E quando se fez tarde, saíram para fora da cidade.

20 E passando eles, na manhã seguinte, viram a figueira seca até as raízes. 21 E Pedro, recordando-se, diz a Jesus: “Mestre, olha como a figueira, que amaldiçoaste, secou!”. 22 Jesus diz-lhes: “Tende fé em Deus. 23 Amém vos digo que se alguém disser a esta montanha: ‘Levanta-te e atira-te ao mar’, e não hesitar no seu coração, mas acreditar que o que diz vai se realizar, assim lhe acontecerá. 24 Por isso vos digo: todas as coisas, quantas pedirdes na oração, crede que [as] recebestes e [assim] vos acontecerá. 25 E quando vos levantaiis para orar, perdoai se tiverdes alguma coisa contra alguém, para que também o vosso Pai que está nos céus vos perdoe os vossos passos em falso. [[26]]”.

27 E regressam de novo a Jerusalém e, andando Jesus pelo templo, os sumos sacerdotes, os escribas e os anciãos aproximam-se dele. 28 E diziam-lhe: “[Apoiado] em que autoridade fazes estas coisas? E quem foi que te deu esta autoridade para que as faças?”. 29 Jesus disse-lhes: “Também eu vos perguntarei uma coisa: respondei-me e dir-vos-ei com que autoridade faço estas coisas: 30 o batismo de João era do céu ou dos homens? Respondei-me”.

31 E eles discutiam entre si, dizendo: “Se dissermos ‘do céu’, dirá: ‘Então por que razão não acreditastes nele?’”. 32 Mas se dissermos ‘dos homens’, tememos a multidão”. Porque todos consideravam João verdadeiramente um profeta. 33 E

respondendo a Jesus, dizem: “Não sabemos”.

E Jesus diz-lhes: “Nem eu vos digo com que autoridade faço essas coisas”.

---

11, 9-10 *Hosana!*: nos quatro Evangelhos, são diferentes as palavras atribuídas ao povo na entrada de Jesus em Jerusalém. Cf. Mateus 21,9; Lucas 11,9; João 12,13.

11, 15 “Jesus começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo”: sobre o episódio da expulsão dos vendilhões do templo, cf. João 2,14-16\*.

11, 16 “não permitia que se transportasse qualquer objeto através do templo”: pormenor exclusivo de Marcos.

11, 17 Cf. Isaías 56,7; Jeremias 7,11.

[[11, 26]] Versículo interpolado, segundo a edição crítica de N-A: “Porque, se não perdoardes, também o vosso Pai que está no céu não perdoará os vossos passos em falso”.

11, 27-33 Cf. Mateus 21,23-27; Lucas 20,1-8.

## 12.

### *Parábola dos vinhateiros assassinos; O tributo a César; A ressurreição dos mortos; O mandamento do amor; A oferta da viúva pobre.*

<sup>1</sup> E Jesus começou a falar-lhes em parábolas: “Um homem plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar, construiu uma torre, arrendou-a a uns vinhateiros e ausentou-se para longe.

<sup>2</sup> E enviou aos vinhateiros, a certa altura, um escravo para receber deles parte do fruto da vinha. <sup>3</sup> Eles, agarrando-o, bateram-lhe e mandaram-no embora sem nada. <sup>4</sup> E de novo lhes enviou outro escravo. Também a este partiram a cabeça e desonraram. <sup>5</sup> E enviou outro. A este mataram-no. E muitos outros mandou: bateram nuns e mataram outros.

<sup>6</sup> Só tinha um filho amado. Enviou-o por último, dizendo que ‘respeitarão o meu filho’. <sup>7</sup> Mas aqueles vinhateiros disseram uns aos outros: ‘Este é o herdeiro. Matemo-lo e nossa será a herança’. <sup>8</sup> E agarrando-o, mataram-no e atiraram-no para fora da vinha.

<sup>9</sup> Que fará o dono da vinha? Virá e matará os vinhateiros e dará a vinha a outros. <sup>10</sup> Não lestes esta passagem da Escritura:

*A pedra que os construtores rejeitaram  
transformou-se em pedra angular.*

<sup>11</sup> *Isto é obra do Senhor  
e é admirável aos nossos olhos?”.*

<sup>12</sup> E eles procuravam prendê-lo, mas temiam a multidão; pois eles tinham percebido que a parábola falava deles. E deixando-o, foram embora.

<sup>13</sup> E mandam-lhe alguns fariseus e partidários de Herodes, a fim de o caçarem em alguma palavra. <sup>14</sup> E aproximando-se, dizem-lhe: “Mestre, sabemos que és



verdadeiro e que não te importas com [a opinião de] ninguém. Pois não olhas para o aspecto das pessoas, mas ensinas segundo a verdade o caminho de Deus. Devemos ou não pagar tributo a César? Pagamos ou não pagamos?”.

15 Jesus, conhecendo-lhes a hipocrisia, disse-lhes: “Por que me pondeis à prova? Trazei-me um denário para eu ver”. 16 Eles trouxeram-lho e ele diz-lhes: “De quem é esta efígie e esta inscrição?”. Eles disseram-lhe: “De César”. 17 Jesus disse-lhes: “As coisas de César pagai a César; e as de Deus, a Deus”. E eles espantavam-se com ele.

18 E vêm encontrar com ele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e interrogaram-no, dizendo: 19 “Mestre, Moisés escreveu-nos que *se morrer o irmão de alguém, deixando uma mulher e não deixando filhos, seu irmão terá de casar com a viúva para fazer levantar semente ao seu irmão*. 20 Havia sete irmãos, e o primeiro casou e morreu sem deixar semente. 21 O segundo casou com a viúva e morreu também sem deixar semente. 22 E os sete não deixaram semente. Por fim, também a mulher morreu. 23 Na ressurreição, de qual deles será ela mulher? Porque os sete a possuíram como mulher”.

24 Disse-lhes Jesus: “Não será por isso que vos equivocais: por não conhecerdes as Escrituras nem o poder de Deus? 25 Quando ressuscitarem dos mortos, nem os homens terão mulheres; nem as mulheres, maridos; mas são como anjos nos céus. 26 A respeito de os mortos ressuscitarem, não lestes no livro de Moisés, no episódio da sarça, como Deus lhe falou, dizendo: *eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó* ? 27 Não é Deus de gente morta, mas de gente viva. Muito vos enganais”.

28 Aproximou-se dele um dos escribas que os tinha ouvido discutir e, vendo que Jesus lhes tinha respondido tão bem, perguntou-lhe: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?”. 29 Jesus respondeu: “O primeiro é, *escuta, Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor*; 30 *e amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força*. 31 O segundo é este: *amarás o teu próximo como a ti mesmo*. Não há outro mandamento maior do que esses”.

32 Disse-lhe o escriba: “Lindamente, Mestre: com verdade disseste que *É o único e não existe outro além dele*; 33 e que *amá-Lo de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a força, e amar o próximo como a si mesmo* vale mais do que

todos os holocaustos e todos os sacrifícios”.<sup>34</sup> E Jesus, vendo que ele respondera com inteligência, disse-lhe: “Não estás longe do reino de Deus”. E ninguém mais ousava interrogá-lo.

<sup>35</sup> E respondendo, Jesus dizia enquanto ensinava no templo: “Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi? <sup>36</sup> O próprio Davi afirmou, inspirado pelo espírito santo:

*Disse o Senhor ao meu Senhor:*

*‘Senta-te à minha direita,*

*até que ponha os teus inimigos*

*debaixo dos teus pés’.*

<sup>37</sup> O próprio Davi chama-lhe Senhor: de onde é que ele é seu filho?”. E a multidão ouvia-o com agrado.

<sup>38</sup> E no seu ensinamento, dizia: “Tomai cuidado com os escribas, que gostam de exhibir longas vestes, das saudações nas praças públicas, <sup>39</sup> de ocupar os primeiros lugares nas sinagogas e nos banquetes; <sup>40</sup> esses que devoram as casas das viúvas e, por causa das aparências, rezam longamente. Estes receberão sentença mais rigorosa”.

<sup>41</sup> E sentado em frente do tesouro, observava como a multidão joga moedas para dentro do tesouro. E muitos ricos jogavam muitas. <sup>42</sup> E veio uma viúva mendiga e jogou duas moedinhas, um quadrante. <sup>43</sup> E chamando os discípulos, disse-lhes: “Amém vos digo que esta viúva — esta mendiga — jogou no tesouro mais do que todos os outros. <sup>44</sup> Pois todos jogaram do que lhes sobra. Mas ela, da sua indigência, tudo quanto tinha jogou: tudo o que tinha para viver”.

---

12, 1-12 Os vinhateiros assassinos estão também presentes em Mateus (21,33-46) e Lucas (20,9-19).

12, 10-11 Cf. Salmo 118,22.

12, 13 “a fim de o caçarem em alguma palavra”: a expressividade quase coloquial do verbo “caçar” (*agreuó*) está ausente das passagens correspondentes de Mateus (22,15) e Lucas (20,20).

12, 19 Citação de Deuteronômio 25,5-6.

12, 25 “Quando ressuscitarem dos mortos, nem os homens terão mulheres; nem as mulheres, maridos; mas são como anjos nos céus”: ver Mateus 22,30\*.

12, 26 *eu sou o Deus de Abraão*: Êxodo 3,6.

12, 29-30 Cf. Deuteronômio 6,4, 5.

12, 32-34 O que lemos nestes versículos é exclusivo do Evangelho de Marcos.

12, 34 “com inteligência”: trata-se do advérbio *nounekhôs*, formado a partir de *nous* (“inteligência”) e *ékhô*

(“ter”).

12, 36 *Disse o Senhor ao meu Senhor*: Salmo 110,1.

12, 42 “viúva mendiga”: *khêra ptôkhê*. Na passagem correspondente de Lucas (21,2), é inicialmente uma “viúva pobre” (*khêra penikbra*), surgindo depois a mesma expressão que encontramos em Marcos (Lucas 21,3).

— “quadrante”: um dezesseis avos de sestércio. Cf. Mateus 5,26.

## 13.

### *Jesus antevê a destruição de Jerusalém; Os falsos Messias.*

<sup>1</sup> E estando ele a sair do templo, diz-lhe um dos discípulos: “Mestre, vê que pedras e que construções!”. <sup>2</sup> E Jesus disse-lhe: “Vês estas grandiosas construções? Não deve ser aqui deixada pedra sobre pedra que não seja desmoronada”.

<sup>3</sup> E estando sentado no Monte das Oliveiras em frente ao templo, perguntaram-lhe em privado Pedro, Tiago, João e André: <sup>4</sup> “Diz-nos: quando acontecerão essas coisas e qual será o sinal quando tudo estiver próximo da completude?”. <sup>5</sup> Jesus começou a dizer-lhes: “Olhai que ninguém vos desencaminhe. <sup>6</sup> Muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu’. E desencaminharão muitas pessoas. <sup>7</sup> Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não fiqueis perturbados; é forçoso que aconteça, mas ainda não [é] o fim. <sup>8</sup> Levantar-se-á povo contra povo e reino contra reino; haverá terremotos em vários lugares, haverá fomes. Essas coisas [serão] o princípio das dores.

<sup>9</sup> Cuidai de vós mesmos! Entregar-vos-ão ao sinédrio, sereis espancados nas sinagogas e comparecereis diante dos governadores e dos reis por minha causa como testemunho para eles. <sup>10</sup> Mas a todas as nações deve primeiro proclamar-se a boa-nova. <sup>11</sup> Quando vos levarem para serdes entregues, não vos preocupeis com o que direis; o que vos for dado [dizer] nessa hora, isso dizeis, pois não sois vós a falar, mas sim o espírito santo.

<sup>12</sup> O irmão entregará à morte o seu irmão e o pai [entregará] o seu filho. E os filhos insurgir-se-ão contra os pais e farão com que eles sejam mortos. <sup>13</sup> E sereis odiados por todos por causa do meu nome. Mas quem perseverar até o fim, esse se salvará.

<sup>14</sup> Quando virdes a *abominação da desolação* — aquele que está de pé onde não deve (quem estiver lendo que entenda!) — então os habitantes da Judeia que

fujam para as montanhas. <sup>15</sup> Quem estiver no telhado não desça nem entre para levar coisa alguma da sua casa. <sup>16</sup> E quem estiver no campo não volte para pegar na sua capa. <sup>17</sup> Ai das grávidas e das que estiverem a amamentar naqueles dias!

<sup>18</sup> Rezai para que isso não aconteça no inverno, <sup>19</sup> pois *nesses dias haverá angústia como nunca houve* desde o princípio da criação que Deus criou *até agora*, nem jamais haverá. <sup>20</sup> E se não fossem encurtados esses dias, não se salvaria toda a [pessoa feita de osso e] carne. Mas, por causa dos escolhidos que escolheu, encurtou esses dias.

<sup>21</sup> Então se alguém vos disser ‘eis aqui o Cristo’ ou ‘ei-lo ali’, não acrediteis. <sup>22</sup> Pois serão levantados falsos Cristos e falsos profetas que darão sinais e prodígios com o intuito de enganar, se possível, também os escolhidos. <sup>23</sup> Portanto, ficai atentos: tudo eu vos predisse.

<sup>24</sup> Mas nesses dias, depois daquela aflição,

*o Sol será escurecido*

*e a Lua não dará a sua luz;*

<sup>25</sup> *os astros cairão do céu*

*e os poderes que estão nos céus serão abalados.*

<sup>26</sup> Nesse momento verá o *Filho da Humanidade vindo nas nuvens* com muito poder e glória. <sup>27</sup> E então enviará os seus anjos e reunirá os seus escolhidos a partir dos quatro ventos, desde um extremo da terra até o extremo do céu.

<sup>28</sup> Da figueira aprendei a parábola. Quando o ramo dela já se tornou tenro e começam a despontar as folhas, ficais a saber que o verão está próximo. <sup>29</sup> Assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas, sabeis que Ele está próximo, às portas. <sup>30</sup> Amém vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam. <sup>31</sup> O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.

<sup>32</sup> Sobre esse dia ou sobre essa hora, ninguém sabe [nada]. Nem os anjos do céu, nem o filho; só o Pai.

<sup>33</sup> Olhai, vigiai. Pois não sabeis quando chegará o momento. <sup>34</sup> É como um homem que vai para fora e, ao deixar a sua casa, deu a autoridade aos seus escravos, cada um com a sua tarefa; e deu ordens ao porteiro para que vigiasse.

<sup>35</sup> Por isso, vigiai. Pois não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde ou se à meia-noite ou se ao cantar do galo ou se de madrugada. <sup>36</sup> Não chegue ele de

repente e vos encontre dormindo. <sup>37</sup> O que a vós digo, digo a todos: vigiai”.

---

13, 2 “Não deve ser aqui deixada pedra sobre pedra que não seja desmoronada”. Cf. Mateus 24,2\*. Essa frase de Marcos é normalmente traduzida de modo a ficar igual à correspondente de Lucas (21,6), mas julgo ser necessário salvaguardar as diferenças, já que Marcos é o único dos três a manter ambas as formas verbais no conjuntivo aoristo passivo. (Carl Heinrich Weizsäcker, na sua magnífica versão oitocentista do NT, traduziu de forma ideal a presente passagem de Marcos: “*da soll auch nicht ein Stein auf dem andern gelassen werden, daß er nicht abgebrochen würde*”).

13, 14 “Quando virdes a *abominação da desolação* — aquele que está de pé onde não deve (quem estiver lendo que entenda!)”: essa frase é muito difícil de entender e de traduzir tal como está escrita (o que habitualmente os tradutores evitam). As palavras “abominação da desolação” citam Daniel 12,11. A palavra grega para “abominação” é *bdélugma*: trata-se de uma palavra do gênero neutro. Quanto a “desolação”, é *erêmosis*, palavra feminina. Todo o problema gira em volta da forma *estékóta*, que traduzi por “aquele que está de pé”. Há duas maneiras de interpretar a forma: ou masculino singular acusativo do particípio perfeito de *hístêmi*; ou o neutro do plural do mesmo particípio (também acusativo). Trata-se de escolher, portanto, entre alguém (um homem) que está de pé (ou posicionado, ou instalado) onde não deve; e “coisas” que estão onde não devem estar. Optar pelo masculino do singular na interpretação dessa passagem implica ver nesse homem, que está onde não deve, o profanador do templo (ou então a estátua de um homem: é sabido que o imperador Calígula queria que fosse colocada no interior do templo de Jerusalém uma estátua sua, embora esse sacrílego desejo imperial nunca se tenha concretizado). Note-se que Mateus (24,15) reescreve a passagem, retirando-lhe as dificuldades, mas mantendo (desnecessariamente, já que a frase de Mateus se entende sem nenhum problema) “quem estiver lendo que entenda”.

13, 19 *nesses dias haverá angústia como nunca houve*: Daniel 12,1.

13, 24-25 *o Sol será escurecido*: passagens do AT subjacentes a estes versículos: Isaías 13,10; 34,4; Joel 2,10; 3,4; 4,15; Ezequiel 32,7.

13, 25 *e os poderes que estão nos céus serão abalados*: essa frase em Marcos é ligeiramente diferente na construção gramatical face às frases idênticas nas passagens correspondentes de Mateus (24,29) e de Lucas (21,26).

13, 26 *o Filho da Humanidade vindo nas nuvens*: Daniel 7,13.

— “com muito poder e glória”: nas passagens correspondentes de Mateus (24,30) e de Lucas (21,27), é a glória que é muita (não o poder).

## 14.

*Os judeus procuram matar  
Jesus; A unção de Betânia; A  
traição de Judas; A  
preparação da Ceia Pascal; A  
instituição da Eucaristia;  
Jesus em Getsêmani; Prisão  
de Jesus; Jesus perante as  
autoridades judaicas; As três  
negações de Pedro.*

1 A Páscoa e os Ázimos eram dali a dois dias e os sumos sacerdotes e os escribas procuravam como prender à traição e matar Jesus. 2 Diziam: “Não durante a festa, para que não haja um motim do povo”.

3 Encontrando-se Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, estava ele à mesa quando chegou uma mulher segurando um frasco de alabastro, com perfume de nardo puro de alto preço; partindo o frasco, derramou o perfume sobre a cabeça de Jesus.

4 Alguns indignados [disseram] entre si: “Para quê esse desperdício de perfume? 5 Podia vender-se esse perfume por mais de trezentos denários e dar-se o dinheiro aos mendigos”. E falavam à mulher com rispidez. 6 Mas Jesus disse: “Deixai-a. Por que lhe dais aborrecimentos? Foi uma bela ação que ela praticou em mim. 7 Pois os mendigos tendes sempre convosco e quando quiserdes podereis fazer-lhes bem. Mas a mim, nem sempre me tendes. 8 O que ela tinha para fazer, ela fez: antecipou a unção do meu corpo para a sepultura. 9 Amém vos digo: em qualquer parte do mundo onde for proclamada a boa-nova, será falado o que ela fez, em memória dela”.

10 E Judas Iscariotes, um dos doze, foi encontrar com os sumos sacerdotes para

lhes entregar Jesus. 11 Eles, ouvindo-o, alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E Judas espreitava ocasião oportuna para o entregar.

12 No primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava a Páscoa, dizem-lhe os seus discípulos: “Onde queres que façamos os preparativos para comeres a Páscoa?”. 13 E Jesus envia dois dos seus discípulos e diz-lhes: “Ide até a cidade e virá ao vosso encontro um homem trazendo um cântaro de água. Segui-o 14 e, onde ele entrar, dizei ao dono da casa que ‘o Mestre manda dizer: onde está a sala em que eu possa comer a Páscoa com os meus discípulos?’. 15 E ele mostrar-vos-á uma grande sala no andar de cima, mobiliada e toda pronta. E aí fazei os preparativos para nós”. 16 Os discípulos partiram e foram à cidade; encontraram tudo como ele lhes dissera e prepararam a Páscoa.

17 Ao entardecer, Jesus vai com os doze. 18 E estando eles reclinados à mesa a comer, Jesus disse: “Amém vos digo que um dentre vós me trairá, um que está comendo comigo”. 19 Começaram a ficar aflitos e a dizer-lhe um após o outro: “Não sou eu, não?”.

20 Jesus disselhes: “É um dos doze, [é] aquele que está a pôr comigo a mão na travessa. 21 O Filho da Humanidade segue o seu caminho, tal como ficou escrito a seu respeito; mas ai daquele por intermédio de quem o Filho da Humanidade é traído. Melhor seria para ele se não tivesse nascido esse homem”.

22 Estando eles a comer, tomando pão e proferindo a bênção, partiu e deu-o a lhes e disse: “Tomai, isto é o meu corpo”.

23 E, tomando um cálice e dando graças, deu-lhes e todos beberam dele. 24 E ele disselhes: “Isto é o meu sangue da aliança, derramado por muitos. 25 Amém vos digo que não bebo mais do fruto da videira até o dia em que o beber, novo, no reino de Deus”.

26 E eles, tendo cantado os salmos, saíram para o Monte das Oliveiras.

27 E Jesus diz-lhes: “Todos ficareis escandalizados comigo, pois ficou escrito:

*Ferirei o pastor*

*e as ovelhas serão dispersas.*

28 Mas depois da minha ressurreição, irei à vossa frente rumo à Galileia”.

29 Pedro disse-lhe: “Se todos vão ficar escandalizados contigo, eu não”. 30 E Jesus diz-lhe: “Amém te digo que hoje, esta noite, antes de o galo cantar duas vezes, três vezes me terás renegado”. 31 Mas Pedro insistia com mais veemência:



“Mesmo que eu tenha de morrer contigo, não te renegarei”. E todos falavam da mesma maneira.

<sup>32</sup> E chegam a um terreno chamado Getsêmani e Jesus diz aos discípulos: “Sentai-vos aqui enquanto eu vou rezar”. <sup>33</sup> E toma consigo Pedro, Tiago e João, e começou a sentir-se apavorado e a angustiar-se. <sup>34</sup> E diz-lhes: “*Aflitíssima está a minha alma* até [a] morte. Permanecei aqui e ficai acordados”. <sup>35</sup> E afastando-se um pouco, caiu por terra e orou para que, se possível, passasse dele aquela hora. <sup>36</sup> E dizia: “Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice. Não o que eu quero, mas sim o que Tu queres”.

<sup>37</sup> E volta para os discípulos e encontra-os a dormir. E diz a Pedro: “Simão, dormes? Não tiveste força para ficares acordado uma hora? <sup>38</sup> Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito é querente, mas a carne é fraca”. <sup>39</sup> De novo se afastando, orou dizendo as mesmas palavras. <sup>40</sup> E voltando novamente, encontrou-os a dormir, pois os seus olhos estavam pesados; e não sabiam o que lhe responder.

<sup>41</sup> Volta pela terceira vez e diz-lhes: “Dormi daqui para a frente e descansai! Basta. Chegou a hora. Eis que o Filho da Humanidade está a ser entregue nas mãos dos pecadores. <sup>42</sup> Levantai-vos. Vamos! Aproxima-se o meu traidor”.

<sup>43</sup> E logo, enquanto Jesus falava, chega Judas, um dos doze, e, com ele, uma multidão com espadas e paus, enviada pelos sumos sacerdotes, escribas e anciãos. <sup>44</sup> O traidor dera-lhes este sinal, dizendo: “Aquele que eu beijar é ele: prendei-o e levai-o de forma segura!”.

<sup>45</sup> Logo que chegou, aproximou-se de Jesus, dizendo: “Mestre!”. E beijou-o. <sup>46</sup> Os outros deitaram-lhe as mãos e prenderam-no. <sup>47</sup> Um dos que estavam presentes, puxando da espada, feriu o escravo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha. <sup>48</sup> E, respondendo, Jesus disselhes: “Como contra um ladrão viestes com espadas e paus para me prender? <sup>49</sup> Todos os dias eu estive no templo a ensinar e não me prendestes. Mas [tudo isto acontece] para que se cumpram as Escrituras”. <sup>50</sup> E [os discípulos], deixando-o, fugiram todos. <sup>51</sup> Um certo jovem seguia-o envolto apenas num lençol por cima da nudez. Prenderam-no, <sup>52</sup> mas ele, deixando o lençol, fugiu nu.

<sup>53</sup> Conduziram Jesus à casa do sumo sacerdote e reúnem-se todos os sumos sacerdotes, os anciãos e os escribas. <sup>54</sup> E Pedro tinha-o seguido de longe até

dentro do palácio do sumo sacerdote e estava sentado com os guardas a aquecer-se ao fogo.

55 Os sumos sacerdotes e todo o conselho procuravam um testemunho contra Jesus para o condenarem à morte, mas não o encontravam. 56 Muitos testemunharam falsamente contra ele, mas os testemunhos não eram coincidentes. 57 E alguns ergueram-se e proferiram contra ele este falso testemunho, dizendo que: 58 “Ouvimo-lo afirmar: ‘Demolirei este templo construído pela mão dos homens e, em três dias, edificarei outro que não será feito pela mão dos homens’”. 59 Mas nem assim o depoimento deles concordava.

60 E levantando-se o sumo sacerdote no meio [deles], interrogou Jesus, dizendo: “Não respondes nada ao que estes testemunham contra ti?”. 61 Mas ele continuava em silêncio e nada respondia. De novo o interrogou o sumo sacerdote: “Tu és o Cristo, filho do Bendito?”. 62 Jesus respondeu: “Eu sou. E vereis *o Filho da Humanidade sentado à direita do Poder e chegando com as nuvens do céu*”.

63 O sumo sacerdote, rasgando as suas vestes, diz: “Que necessidade temos ainda de testemunhas? 64 Ouvistes a blasfêmia! Que vos parece?”. E todos ajuizavam que ele era réu de morte. 65 Depois, alguns começaram a cuspir-lhe, a cobrir-lhe o rosto com um véu e a esmurrá-lo e a dizer: “Profetiza!”. E os guardas receberam-no com bofetadas.

66 Estando Pedro embaixo, no pátio, chega uma das criadas do sumo sacerdote 67 e, vendo Pedro a aquecer-se, fixou nele o olhar e disse-lhe: “Tu também estavas com o Nazareno, com Jesus”. 68 Mas ele negou, dizendo: “Não sei nem entendo o que dizes”. E saiu para o átrio e um galo cantou. 69 A criada, vendo-o de novo, começou a dizer aos que ali estavam: “Este é um deles”. 70 Mas ele negou outra vez. Pouco depois, os presentes disseram de novo a Pedro: “É verdade que és um deles, pois também és galileu”. 71 Ele começou a praguejar e a jurar: “Não conheço esse homem de quem falais!”. 72 E nesse momento cantou o galo pela segunda vez. Pedro lembrou-se das palavras de Jesus: “Antes de o galo cantar duas vezes, três vezes me terás renegado”. E Pedro, caindo em si, chorava.

---

14, 3 “nardo puro”: cf. João 12,3\*.

14, 22 “Tomai, isto é o meu corpo”: Marcos e Lucas não põem na boca de Jesus os imperativos que lemos

em Mateus (26,26-27): “comei [...] bebei [...]”. Por outro lado, nem Marcos nem Mateus atribuem a Jesus a frase “fazei isto para a minha memória”, que só lemos em Lucas (22,19).

14, 27 *Ferirei o pastor*: Zacarias 13,7.

14, 30 “antes de o galo cantar duas vezes”: é só em Marcos que Jesus fala no galo a cantar *duas* vezes. Em Mateus (26,34), Lucas (22,34) e João (13,38), fica subentendido que o galo cantará só uma vez. Todos os Evangelhos são concordantes, porém, sobre as três vezes que Pedro renegará Jesus.

14, 32 “Getsêmani”: Marcos e Mateus (26,36) concordam sobre a localização desses últimos momentos vividos por Jesus antes de ser preso. Em Lucas (22,39), a presente cena situa-se no Monte das Oliveiras; em João (18,1), num jardim.

14, 34 *Aflitíssima está a minha alma*: Salmo 42,6.

14, 41 “Basta. Chegou a hora”: a forma verbal *apékhei*, que traduzi por “basta” (seguindo a indicação do dicionário de LSJ, que cita essa passagem de Marcos), tem levantado muitas dúvidas quanto à sua interpretação. Isso porque o verbo *apékhô* pode significar também “estar distante”. Se o que Marcos quer atribuir a Jesus é a afirmação “está distante”, pode ser que se refira a Judas. As frases seguintes mostrarão que Judas já está próximo. Uma terceira forma de interpretar o verbo seria partir da utilização que encontramos em Mateus 6,2, em que *apékhô* tem o sentido de “receber” uma recompensa ou salário. Nesse caso, Jesus diria aqui “está recebendo”, referindo-se novamente a Judas. Parece-me, no entanto, que a primeira hipótese é mais verossímil.

14, 47 “Um dos que estavam presentes, puxando da espada, feriu o escravo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha”: esse anônimo é identificado no Evangelho de João (18,10) como sendo Pedro.

14, 51 “Um certo jovem seguia-o envolto apenas num lençol por cima da nudez”: já muitas pessoas se perguntaram se esse jovem que foge, nu, do local onde Jesus é preso não será como que a assinatura cifrada do autor do Evangelho. O jovem (*neanískos*) será Marcos? Claro que a própria estranheza desta insólita ocorrência tem provocado todo tipo de leitura simbólica (pensando uns que se trata de uma alegoria da ressurreição; outros, do batismo — e por aí fora).

14, 62 “vereis o Filho da Humanidade”: Daniel 7,13.

14, 64 “Ouvistes a blasfêmia!”: essa acusação de blasfêmia causa alguma perplexidade, dado que as palavras de Jesus não nomeiam — e muito menos profanam — o nome de Deus (isso, sim, constituía blasfêmia no preceituário judaico). O assentimento relativamente à pergunta de se ele era o Messias e filho de Deus e a citação vaga de Daniel não constituiriam, em rigor, blasfêmia.

— “E todos ajuizavam que ele era réu de morte”: na presente passagem, o verbo *katakrínô* é por vezes tomado como significando “condenar” ou “sentenciar”, mas não parece claro que nessa fase do processo, tal como Marcos o narra, esteja em causa já uma condenação à morte formal. O que se diz é que os membros desse conselho algo improvisado são do parecer de que Jesus é réu de morte. A condenação formal teria de vir mais tarde, até porque — pelo que se consegue reconstituir do funcionamento do sínédrio judaico — a condenação à morte não podia ser imediata: era preciso um intervalo entre o julgamento e a formalização da sentença.

14, 65 “alguns começaram a cuspir-lhe, a cobrir-lhe o rosto com um véu e a esmurrá-lo e a dizer: ‘Profetiza!’. E os guardas receberam-no com bofetadas”. Cf. Isaías 50,6: “Dei as minhas costas aos chicotes, as minhas faces às bofetadas, e não virei a cara ao ultraje das cuspidelas”.

14, 72 “E Pedro, caindo em si, chorava”: falta a explicitação, acrescentada por Mateus (26,75) e Lucas (22,62), de que Pedro chorava “amargamente”.

## 15.

### *Jesus perante Pilatos; Barrabás; Jesus coroado de espinhos; O caminho do Calvário; A crucificação de Jesus; A morte de Jesus; A sepultura de Jesus.*

1 E logo de manhã, os sumos sacerdotes reuniram-se em conselho com os anciãos e os escribas e todo o sinédrio; e tendo atado as mãos de Jesus, levaram-no e entregaram-no a Pilatos.

2 Perguntou-lhe Pilatos: “És tu o rei dos judeus?”. Jesus respondeu-lhe: “Tu [o] dizes”. 3 Os sumos sacerdotes acusavam-no de muitas coisas. 4 Pilatos interrogou-o de novo, dizendo: “Não respondes nada?”. 5 Mas Jesus nada mais respondeu, a ponto de Pilatos se ter admirado.

6 Por ocasião da festa, [o governador] costumava soltar-lhes um preso que eles pedissem. 7 Havia um, chamado Barrabás, preso com os insurretos que tinham cometido um assassinio durante a revolta. 8 E a multidão, tendo chegado, começou a pedir que ele assim procedesse com eles.

9 Pilatos respondeu-lhes, dizendo: “Quereis que vos solte o rei dos judeus?”. 10 Pois ele dava-se conta de que era por inveja que o tinham entregado os sumos sacerdotes. 11 Porém estes instigaram a multidão a pedir que lhes soltasse de preferência Barrabás. 12 Pilatos, respondendo de novo, dizia-lhes: “Então que quereis que faça daquele a quem chamais rei dos judeus?”. 13 Eles gritaram novamente: “Crucifica-o!”. 14 Mas Pilatos dizia-lhes: “Que fez ele de mal?”. Mas eles berraram ainda mais: “Crucifica-o!”.

15 Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhes Barrabás e, mandando flagelar Jesus, entregou-o para ser crucificado.

16 Os soldados levaram-no para dentro do pátio, isto é, para o pretório, e

convocaram toda a coorte. 17 Revestiram-no de um manto de púrpura e, depois de a terem entretecido, puseram-lhe uma coroa espinhosa.

18 E começaram a saudá-lo: “Salve, rei dos judeus!”. 19 Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam-lhe em cima e, dobrando os joelhos, prostravam-se diante dele. 20 E depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto de púrpura e vestiram-lhe a roupa dele e levaram-no para o crucificarem.

21 E forçaram um transeunte, um tal Simão de Cirene, que estava vindo do campo (pai de Alexandre e de Rufo), a levar a cruz de Jesus. 22 E conduziram-no ao lugar do Gólgota, que quer dizer “lugar do Crânio”.

23 E deram-lhe vinho misturado com mirra, mas ele não tomou. 24 Crucificam-no e *dividem as roupas dele lançando dados*, para ver o que cabia a cada um. 25 Era a hora terceira quando o crucificaram.

26 Na inscrição com a causa [da condenação à morte], estava escrito “o rei dos judeus”. 27 Com ele crucificam dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda. [[28]]

29 Os que ali passavam blasfemavam-no, meneando as cabeças e dizendo: “Olha o que destrói o templo e o reconstrói em três dias! 30 Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!”.

31 Do mesmo modo também os sumos sacerdotes e os escribas troçavam dele entre si: “Salvou outros mas a si mesmo não é capaz de salvar! 32 O Cristo, o rei de Israel! Desça agora da cruz para que vejamos e acreditemos!”. Até os que estavam crucificados com ele o insultavam.

33 Chegada a hora sexta, sobreveio uma escuridão sobre toda a terra até a hora nona. 34 E à hora nona, Jesus gritou com voz grande:

Elôí, *Elôí, lemá sabachtáni?*

O que significa, traduzido: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”.

35 Alguns dos que estavam ali de pé, ouvindo [isso], disseram: “Olha, está chamando por Elias”. 36 E correndo um deles a embeber uma esponja em vinagre, colocando-a numa cana deu-lhe de beber, dizendo: “Deixai e vejamos se vem Elias tirá-lo dali”. 37 Mas Jesus, soltando um grito enorme, expirou. 38 E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo.

39 O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: “Este era verdadeiramente filho de Deus”.

40 Também ali estavam algumas mulheres observando a partir de longe: entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe do Tiago mais novo e de José, e Salomé, 41 elas que quando ele estava na Galileia o seguiam e serviam; e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém.

42 Ao entardecer, visto ser a Preparação, isto é, véspera do sábado, 43 José de Arimateia, respeitável membro do conselho que também buscava o reino de Deus, atreveu-se a ir procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. 44 Pilatos espantou-se por ele já estar morto e, mandando chamar o centurião, perguntou-lhe se já tinha morrido havia muito.

45 Informado pelo centurião, Pilatos ordenou que o corpo fosse entregue a José. 46 E tendo comprado um lençol, José desceu o corpo da cruz e envolveu-o na mortalha. E depositou-o num sepulcro cavado na rocha e rolou uma pedra sobre a entrada do sepulcro. 47 Maria Madalena e Maria, mãe de José, espreitavam [para saber] onde Jesus tinha sido sepultado.

---

15, 10 “ele dava-se conta de que era por inveja que o tinham entregado os sumos sacerdotes”: a onisciência assumida pelo evangelista permite-lhe entrar na cabeça e nos processos mentais do próprio Pilatos.

15, 13 Cf. Mateus 27,22\*.

15, 15 “mandando flagelar Jesus”: o verbo aqui usado para “flagelar” é *phragellôo*, um latinismo (cf. *flagello*) imitado por Mateus (27,26). É João (19,1) que emprega o correto verbo grego para chicotear, *mastigôo*. (Em Lucas, Jesus não é flagelado.)

15, 17 “coroa espinhosa”: em Mateus (27,29) e João (19,2), é uma coroa de espinhos (*stéphanos akanthôn*). Em Marcos, é uma “coroa espinhosa” (*stéphanos akánthinos*). Em Lucas, não há coroa de espinhos.

15, 23 “deram-lhe vinho misturado com mirra”: qual será o sujeito de “deram-lhe”? A mirra misturada no vinho tinha função analgésica: por isso, parece inverossímil que fossem os próprios carrascos a darem essa bebida a Jesus. Seja como for, decerto para experimentar todo o sofrimento até o fim, Jesus recusa-se a beber o vinho drogado com mirra.

15, 24 *dividem as roupas dele*: cf. Salmo 22,18.

15, 26 Sobre o letreiro por cima da cruz, ver Mateus 27,37\*.

[[15, 28]] Este versículo, que só ocorre em manuscritos tardios, é considerado uma interpolação na edição crítica de N-A: “Desse modo, cumpriu-se a passagem da Escritura, que diz *foi contado entre os malfetores*”. A passagem do AT corresponde a Isaías 53,12.

15, 29 “meneando as cabeças”: ver Mateus 27,39\*.

15, 34 “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?": tanto a transliteração do aramaico como a tradução grega não são coincidentes em Marcos e Mateus (27,46).

15, 39 “centurião”: Marcos emprega o latinismo *kenturiôn*. Mateus (27,54) e Lucas (23,47) usam o termo correto grego, *hekatóntarkhos*.

15, 40 “estavam algumas mulheres observando a partir de longe”: sobre a identidade dessas mulheres nos

diferentes Evangelhos, ver Mateus 27,56\*.

15, 43 “José de Arimateia, respeitável membro do conselho que também buscava o reino de Deus, atreveu-se a ir procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus”: para Mateus (27,57\*), José de Arimateia era apenas um homem rico, discípulo de Jesus. (João 19,38 não diz que ele era rico, mas confirma que era discípulo clandestino.)

O que Marcos e Lucas (23,50) nos dizem é algo de muito mais significativo: José era membro do sinédrio que condenara Jesus à morte. Isso dava-lhe o altíssimo estatuto social necessário para ser recebido e ouvido por Pilatos. No entanto, Marcos (14,64) diz-nos que “todos” (*pántes*) os membros do conselho judaico tinham ajuizado que Jesus era réu de morte. Por isso, admitindo que José de Arimateia fora do seu número, o gesto de desvelo e de homenagem ao Jesus morto provém de um homem conivente na sua condenação à morte. As implicações morais dessa situação nos levariam para uma exploração desse lugar de luz e sombra que é a alma humana.

15, 44 “Pilatos espantou-se por ele já estar morto”: a surpresa de Pilatos face à rapidez com que Jesus morreu na cruz aponta para a probabilidade de a flagelação ter sido brutalmente severa.

15, 46 “depositou-o num sepulcro cavado na rocha”: Marcos não refere que o túmulo estava a ser estreado, ao contrário de Mateus (27,60), Lucas (23,53) e João (19,41).

## 16.

### *As mulheres vão ao sepulcro e não encontram Jesus.*

<sup>1</sup> Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para embalsamá-lo. <sup>2</sup> E muito cedo de manhã, no primeiro dia da semana, elas vão até o sepulcro tendo já nascido o sol.

<sup>3</sup> E diziam entre si: “Quem rolará para nós a pedra da entrada do sepulcro?”. <sup>4</sup> E tendo olhado à sua volta, veem que a pedra tinha sido rolada para o lado; e era muito grande. <sup>5</sup> E entrando elas no sepulcro, viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram apavoradas.

<sup>6</sup> Ele diz-lhes: “Não vos assusteis. É Jesus, o Nazareno, que procurais, o crucificado? Ressuscitou. Não está aqui. Vede o lugar onde o depuseram. <sup>7</sup> Mas ide e dizei aos seus discípulos e a Pedro: ‘Ele vai à vossa frente a caminho da Galileia; lá o vereis, tal como ele vos disse’”.

<sup>8</sup> E elas, saindo, fugiram do sepulcro, pois dominava-as um tremor e um êxtase. E nada disseram a ninguém: tinham medo, pois.

---

16, 8 O Evangelho de Marcos termina aqui porque foi esse o desfecho pretendido pelo autor? Terá o evangelista adoecido ou morrido antes de terminar a sua obra? Ou terá ele escrito uma continuação que se perdeu? Se foi esse o caso, em que circunstâncias? Danificação ou perda de papiro(s)? Ou será concebível que essa continuação tenha avultado incômoda, por alguma razão, e foi por isso eliminada? São perguntas para as quais não temos respostas. Certo é que os versículos fraquíssimos, que foram mais tarde acrescentados, são (quase) universalmente considerados espúrios. Para quem gosta de ver no fim abrupto (em termos musicais, uma “cadência interrompida”) uma bela maneira de fechar o texto, com tudo no ar relativamente à realidade da ressurreição, há uma dúvida que tem de ser levantada: é concebível que um livro em língua grega possa terminar com a palavra “pois” (a partícula *gár*)? É que o Evangelho termina com as palavras *ephobounto gár* (“tinham medo, pois”). É um desfecho muito pouco usual na literatura grega. Contudo, podemos dizer em seu abono que há um paralelo no final do 32º tratado do filósofo neoplatônico Plotino (cf. *Enéadas* 5.5), que escreveu no século III da era cristã. Sobre a questão, ver P. van der Horst, “Can a Book End with *GAR*?”, *Journal of Theological Studies* 23, 1977, pp. 121-4.

— “êxtase”: a palavra *ékstasis* (que nunca é usada por Mateus ou por João) já aparecera em 5,42, com o sentido de “espanto”, “estupefação”. Esse sentido está também presente em algumas ocorrências da palavra



em Lucas (5,26; Atos 3,10), mas o mesmo Lucas, nos seus Atos dos Apóstolos, também usa *ékstasis* com o sentido de “transe”, como em Atos 11,5, quando Pedro diz: “Vi em êxtase uma visão”. O mesmo sentido extático encontra-se ainda em Atos 10,10; 22,17.

# Evangelho segundo Lucas

## Nota introdutória ao Evangelho segundo Lucas

Memoravelmente descrito em 1877 pelo famoso biógrafo francês de Jesus, Ernest Renan, como “o livro mais belo que existe” (p. 283), o Evangelho segundo Lucas vem somando elogios desde a Antiguidade Tardia, graças a um estilo literário que São Jerônimo considerou “cultíssimo” (a melhor tradução para o adjetivo latino *eruditissimus* na *Carta a Dâmaso*, 19) e que recebeu, ainda, a aprovação do mais exigente especialista da prosa antiga, Eduard Norden (no seu livro *Die antike Kunstprosa*, vol. II, p. 482).

Este Evangelho, que nomeia nos versículos iniciais a pessoa a quem é dedicado (Teófilo), omite, porém, qualquer menção do nome de quem o escreveu. Sabemos, no entanto, que se trata do mesmo autor que escreveu os Atos dos Apóstolos (cf. Atos 1,1) — autor referido por Ireneu em finais do século II, na sua obra *Contra as heresias* (3.1.1), como Lucas, seguidor (*akólouthos*) de Paulo, alegadamente o mesmo Lucas referido na segunda Carta a Timóteo (4,10), na Carta a Filemon (v. 24) e na Carta aos Colossenses (4,14). Essa última passagem transmite ainda a informação de que este Lucas, amigo de Paulo, era médico e (segundo a leitura habitual da passagem) não era circuncidado: portanto, não seria judeu.

A identidade de Lucas como alguém que conheceu pessoalmente Paulo levantará sempre dúvidas perante as contradições entre aquilo que Lucas diz sobre a biografia de Paulo nos Atos dos Apóstolos e aquilo que nos é dito pelo próprio Paulo na Carta aos Gálatas e em outras das suas epístolas. Por outro lado, o texto de Lucas não nos dá grandes pistas para associarmos a identidade do seu autor à de um médico (tirando a mezinha feita com azeite e vinho com que o Bom Samaritano trata as feridas da vítima em 10,24 — ou a curiosidade de somente no Evangelho de Lucas se referir o fato de Jesus ter curado a orelha cortada do escravo do sumo sacerdote: cf. 22,51). No entanto, no século IV já estava estabelecido nas cabeças dos cristãos que Lucas era médico (Jerônimo,

*Homens ilustres*, 7) e que era natural da cidade de Antioquia (além de Jerônimo, também Eusébio refere Lucas como originário de Antioquia: *História eclesiástica* 3.4.6).

Quanto à questão de o autor do Evangelho de Lucas e dos Atos dos Apóstolos não ser judeu, será prudente não nos precipitarmos a extrair tal ilação de Colossenses 4,14. Há três problemas a considerar. O primeiro é que, para essa informação ter validade, teríamos de ter a certeza de que o Lucas mencionado é o evangelista e autor dos Atos: não temos essa certeza; pode perfeitamente ser outro Lucas. Em segundo lugar, também precisaríamos saber ao certo que Paulo foi mesmo o autor da Carta aos Colossenses, possibilidade que muitos estudiosos descartam (ver sobretudo O. Leppä, *The Making of Colossians*, Göttingen, 2003). Em terceiro lugar, mesmo que Paulo seja o autor da Carta aos Colossenses, não é aceito por todos os estudiosos que a fraseologia do apóstolo separando os companheiros em dois grupos — “os da circuncisão” e os outros (no qual Lucas está incluído) — queira indicar que os do segundo grupo não são judeus. Rick Strelan, por exemplo, argumentou que a expressão “os da circuncisão” refere membros do grupo que eram judeus-cristãos, os quais levavam à risca (e queriam importar para o cristianismo) todos os preceitos do judaísmo (incluindo a circuncisão obrigatória), ao passo que o outro grupo incluiria judeus menos rígidos em relação à obrigatoriedade dos rituais judaicos, grupo esse em que Strelan (pp. 103-6) inclui o próprio Paulo (esse oponente assumido da circuncisão obrigatória, mas em relação ao qual “ninguém negaria que era circuncidado e, portanto, judeu”<sup>1</sup>) e, por razões análogas, Lucas (que, na opinião de Strelan, era judeu tal como Paulo).

Certo é que nenhum dos quatro Evangelhos nos mostra um amor tão grande por Israel e pelas suas tradições como o Evangelho de Lucas: essa constatação, bem formulada por Martin Hengel (*Die vier Evangelien*, p. 179), é suscetível de ser comprovada se pensarmos no que lemos nos primeiros dois capítulos de Lucas: dos quatro evangelistas, Lucas é o único que refere a circuncisão de Jesus (e a propósito também a de João Batista) e está bem informado sobre as instituições referentes ao templo de Jerusalém. Sobretudo, Lucas é um entusiasta do estilo e da temática da Escritura judaica em versão grega (LXX), como se vê logo pelo magnífico primeiro capítulo do seu Evangelho, uma verdadeira obra-

prima de estilo arcaizante, com o seu modo de tornar presente o passado pela própria materialidade literária: Zacarias e Isabel lembram-nos a cada passo Abraão e Sara; e o belíssimo canto de Maria (o *Magnificat*) traz de novo à vida a mãe de Samuel. As palavras de Lucas vincam e sublinham, assim, a maravilha intemporal do nascimento de Jesus.

No que toca especificamente à vida de Jesus, a grande inspiração de Lucas foi o Evangelho de Marcos, mas há pormenores surpreendentes em que Lucas não segue o seu modelo. Em Lucas, Jesus não caminha sobre a água, não é flagelado antes de ser crucificado e não é coroado de espinhos. Contrariamente ao que sucede em Marcos (10,45), seguido por Mateus (20,28), em Lucas a morte de Jesus nunca é entendida como forma de resgatar a Humanidade. E essas estão longe de ser as únicas novidades em Lucas. Uma das razões pelas quais este Evangelho avulta aos olhos de crentes e de não crentes como um texto de valor singular é a importância do material nele incluído que está ausente dos outros Evangelhos. Entre os elementos que nos são exclusivamente transmitidos por este texto, contam-se: o nascimento e circuncisão de João Batista; a anunciação do anjo Gabriel a Maria; a visita de Maria a Isabel; o nascimento de Jesus na manjedoura de Belém; a adoração dos pastores; a circuncisão de Jesus; a apresentação de Jesus no templo; a parábola do Bom Samaritano; a parábola do Filho Pródigo; Marta atarefada com a lida da casa e exasperada com a sua irmã Maria; a parábola do Homem Rico e de Lázaro; a pecadora que lava os pés de Jesus com as suas lágrimas e os enxuga com os seus cabelos; a frase “faça isto para a minha memória” na Última Ceia; Jesus julgado por Herodes; a frase de Jesus na cruz “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”; a aparição de Jesus ressuscitado a caminho de Emaús; a ascensão de Jesus.

A qualidade suprema deste material exclusivo de Lucas fala por si. Em termos de quantidade, é Lucas o evangelista que, dos três sinóticos, tem a extensão maior de material único: estima-se que 35% do que lemos no Evangelho de Lucas seja material exclusivamente “lucano” (ao passo que essa percentagem será de 20% no caso de Mateus, e de apenas 3% no caso de Marcos). Se atentarmos ao fato (não obstante a posterior divisão em capítulos ter dado ao Evangelho de Lucas menos quatro do que os 28 capítulos de Mateus) de o Evangelho mais extenso ser o de Lucas — e se juntarmos a isso a sua autoria dos Atos dos

Apóstolos —, chegamos à conclusão de que quase 30% do texto do NT é de autoria desse escritor delicado e sensível, cuja obra marcou de forma indelével não só o cristianismo, mas a espiritualidade e a cultura universais.

---

1 De resto, é o próprio Paulo a dizer-nos que era circuncidado em Filipenses 3,5.

# 1.

*Dedicatória a Teófilo;  
Zacarias e Isabel, pais de João  
Batista; A anunciação feita a  
Maria; Visita de Maria a  
Isabel; Cântico de Maria;  
Nascimento e circuncisão de  
João Batista; Cântico de  
Zacarias.*

<sup>1</sup> Uma vez que muitos já lançaram mãos à obra de compor uma narrativa sobre os assuntos que se cumpriram entre nós, <sup>2</sup> em conformidade com o que nos transmitiram aqueles que, desde o início, foram testemunhas oculares e servidores da palavra, <sup>3</sup> também a mim (que investiguei tudo com exatidão desde o princípio) me aprouve escrever ordenadamente [uma narrativa] para ti, excelentíssimo Teófilo, <sup>4</sup> para que conheças a certeza dos assuntos em que foste instruído.

<sup>5</sup> Havia nos tempos de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote de nome Zacarias, da classe de Abias; e a sua mulher era uma das descendentes de Abraão e o nome dela era Isabel. <sup>6</sup> Eram ambos justos perante Deus, cumpridores irrepreensíveis em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. <sup>7</sup> E não tinham tido nenhum filho, porque Isabel era estéril, e ambos estavam já avançados nos seus dias.

<sup>8</sup> Aconteceu que, exercendo Zacarias como sacerdote diante de Deus, na vez da classe dele, <sup>9</sup> coube-lhe, segundo era hábito do sacerdócio, entrar no templo do Senhor para queimar incenso, <sup>10</sup> e toda a multidão do povo estava lá fora rezando, à hora do incenso. <sup>11</sup> Apareceu-lhe um anjo do Senhor, de pé, do lado direito do altar do incenso. <sup>12</sup> E Zacarias agitou-se ao ver [o anjo] e o medo caiu sobre ele. <sup>13</sup> Disse-lhe o anjo: “Não temas, Zacarias,

porque foi ouvida a tua súplica,  
e a tua mulher, Isabel, gestará para ti um filho  
e pôr-lhe-ás o nome de João.

14 E será para ti alegria e regozijo e muitos se alegrarão com o nascimento dele.

15 Será grande diante do Senhor e *nem vinho nem bebida intoxicante beberá*; e de  
um espírito santo estará pleno

já no ventre da sua mãe;

16 e a muitos dos filhos de Israel reconduzirá para o Senhor, Deus deles.

17 E ele próprio irá à frente d'Ele, no espírito e no poder de Elias

para voltar os corações dos pais aos filhos

e os desobedientes à sensatez dos justos,

a fim de aprontar para o Senhor um povo preparado”.

18 E Zacarias disse ao anjo: “Como saberei isso? Eu sou velho; e a minha  
mulher, avançada nos dias”. 19 E o anjo, respondendo, disse-lhe: “Eu sou  
Gabriel, aquele que está de pé na presença de Deus e fui enviado para te falar e  
para te anunciar essa boa-nova. 20 E eis que ficarás mudo e incapaz de falar até o  
dia em que essas coisas acontecerem, como contrapartida de não teres acreditado  
nas minhas palavras, que se cumprirão no tempo delas”.

21 E o povo aguardava Zacarias e admirava-se por ele se demorar no templo. 22  
À saída, ele não conseguia falar com eles; e perceberam que ele tivera uma visão  
no templo. E ele fazia-lhes sinais e permaneceu mudo. 23 E aconteceu que,  
quando se cumpriram os dias do seu serviço, regressou para sua casa. 24 Depois  
desses dias, Isabel, a mulher dele, concebeu e escondeu-se durante cinco meses,  
dizendo: 25 “Assim procedeu comigo o Senhor nos dias em que vi [com bons  
olhos] afastar a reprovação [que era] minha entre as pessoas”.

26 Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus à cidade da Galileia cujo  
nome era Nazaré, 27 para junto de uma virgem desposada com um homem  
chamado José da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. 28 E entrando [em  
casa] em direção a ela, [o anjo] disse: “Salve, favorecida! O Senhor [está]  
contigo!”. 29 Ela perturbou-se com essas palavras e interrogava-se que forma de  
saudação seria aquela.

30 E disse-lhe o anjo:

“Não temas, Maria, pois achaste graça junto de Deus.



31 E eis que conceberás no ventre e parturirás um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.

32 Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor dar-lhe-á o trono de Davi, seu pai,

33 e reinará sobre a casa de Jacó até [o fim de] os séculos e do reino dele não haverá fim”.

34 Disse Maria ao anjo: “Como será isso, uma vez que não conheço homem?”.

35 E o anjo, respondendo, disse-lhe: “Um espírito santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te sombreadá.

Por isso, o concebido é santo e chamar-se-á filho de Deus. 36 E eis que Isabel, tua parente, também ela concebeu um filho na sua idade! E este mês [já] é o sexto [da gravidez] dela, a chamada estéril. 37 Porque não ficará impossibilitada da parte de Deus toda a palavra”.

38 Maria disse: “Eis a escrava do Senhor. Aconteça-me segundo a tua palavra”. E retirou-se de junto dela o anjo.

39 Levantando-se Maria por aqueles dias, foi apressada até a montanha, para uma cidade da Judeia, 40 e entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. 41 E aconteceu que, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o bebê pulou no seu ventre e Isabel ficou plena de um espírito santo; 42 e, levantando a voz com um grande grito, disse: “Bendita [és] tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!

43 E de onde me [acontece] isso, que a mãe do meu Senhor venha encontrar comigo? 44 Pois eis que quando o som da tua saudação me chegou aos ouvidos, pulou de alegria o bebê no meu ventre. 45 E bem-aventurada [é] aquela que creu, porque haverá cumprimento para as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor”.

46 E Maria disse:

“A minha alma engrandece o Senhor

47 e alegrou-se o meu espírito em Deus, meu salvador, 48 porque mirou a humildade da sua escrava.

Eis que a partir de agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada, 49 porque em mim fez coisas grandes o Poderoso.

E santo é o nome d’Ele,

50 e a misericórdia d'Ele [é concedida] de geração em geração àqueles que o temem.

51 E demonstrou força no seu braço e dispersou os orgulhosos no pensamento dos seus corações.

52 Derrubou os dinastas dos seus tronos e elevou os humildes;

53 os esfomeados encheu de coisas boas e os ricos mandou embora sem nada.

54 Acolheu a Israel, seu escravo, recordado de misericórdia,

55 tal como falou aos nossos pais, a Abraão e à semente dele para sempre”.

56 Maria permaneceu com Isabel três meses; e regressou depois para sua casa. 57 Para Isabel cumpriu-se o tempo de dar à luz e teve um filho. 58 E ouviram os vizinhos e parentes dela que o Senhor engrandecera a sua misericórdia com ela; e todos se alegraram com ela. 59 E aconteceu que no oitavo dia foram circuncidar o menino e estavam para chamá-lo pelo nome do seu pai, Zacarias. 60 E, respondendo, a mãe dele disse: “Não, mas chamar-se-á João”. 61 E disseram-lhe que “não há ninguém na tua família que tenha esse nome”. 62 Sinalizaram ao pai dele como queria que ele se chamasse. 63 Pedindo uma placa, escreveu: “João é o nome dele”. E todos ficaram espantados. 64 Abriu-se a boca dele de repente e a língua dele; e começou a falar, bendizendo a Deus. 65 E houve temor em todos os seus vizinhos e por toda a montanha da Judeia eram faladas todas aquelas coisas, 66 e todos os que ouviam colocavam[-nas] no seu coração, dizendo: “O que será este menino?”. Pois a mão do Senhor estava com ele.

67 E Zacarias, pai dele, ficou pleno de um espírito santo e profetizou, dizendo: 68 “Bendito o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e proporcionou redenção ao seu povo

69 e levantou para nós o chifre da salvação em casa de Davi, seu servo,

70 tal como falou através da boca dos santos de antanho, seus profetas.

71 Salvação dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam,

72 para mostrar a sua misericórdia a favor dos nossos pais, recordando a sua santa aliança,

73 o juramento que jurara a Abraão, nosso pai: que nos havia de conceder,

74 sem temor e livres da mão dos nossos inimigos, servirmo-lo 75 em santidade e justiça, na sua presença, todos os dias da nossa vida.

76 E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, pois irás à sua frente para

preparar os seus caminhos,  
77 para dar a conhecer ao seu povo a salvação na libertação dos seus erros,  
78 por causa do coração de misericórdia do nosso Deus, graças ao qual nos  
visitará das alturas um sol nascente,  
79 para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os  
nossos passos no caminho da paz”.  
80 Entretanto, o menino crescia e robustecia-se em espírito; e esteve em lugares  
desertos até o dia da sua apresentação a Israel.

---

1, 1 “Uma vez que muitos já lançaram mãos à obra de compor uma narrativa sobre os assuntos que se cumpriram entre nós”: esses assuntos (*prágmata*) dizem respeito à vida e dizeres de Jesus. Lucas afirma abertamente que não é o primeiro a escrever um Evangelho: evangelistas, antes dele, já houve “muitos” (*polloi*). O que traz, então, Lucas de novo? Isso não é dito de forma explícita no texto, mas sim de forma implícita na própria redação que dá corpo a essas frases introdutórias. Em termos de boa estilística grega, talvez os quatro versículos mais bem escritos de todo o NT sejam Lucas 1,1-4 (sendo o texto completo mais bem escrito a 1ª Carta de Pedro). Assim, antes de mais é o apuro linguístico, o cuidado literário que vai marcar aqui a diferença. Logo a primeira palavra deste Evangelho (*epeidêper*, “uma vez que”) dá-nos um advérbio que mais nenhum autor do NT utiliza e que pertence, a bem dizer, ao estilo dos grandes prosadores atenienses da época clássica. O que Lucas parece prometer-nos é que nos dará um trabalho rigorosamente (*akribôs*, v. 3) investigado e ordenadamente (*kathexês*) redigido, com toda a legitimidade que lhe advém das fontes utilizadas: estas brotam da transmissão oral direta de testemunhas oculares (*autóptai*, v. 2), pessoas que conheceram Jesus. Agora: se este Evangelho corresponde, de fato, às expectativas aqui criadas quanto à qualidade literária e ao rigor histórico é algo que cada pessoa terá de decidir por si própria. O helenista dirá inevitavelmente que a prometida elevação estilística desce a pique logo a partir do v. 5; o historiador, esse, encontrará razões de sobra para ficar desconfiado relativamente à credibilidade de Lucas em matéria histórica. Mais feliz, no entanto, do que o helenista ou o historiador será sempre quem ler este Evangelho apenas para sentir, à flor da pele, o perfume do que de mais belo pode emanar da palavra “cristianismo”.

1, 3 “excelentíssimo Teófilo”: nome falante (*Theóphilos* traduz-se em latim por *Amadeus*). Não é possível identificar essa figura, ainda que muitos comentadores partam do princípio de que teria de ser alguém de classe social elevada (daí “excelentíssimo”, *krátiste*, termo que nunca seria aplicado a um homem que não pertencesse à alta aristocracia) e detentor da boa escolaridade helênica característica das elites da época. A teoria de que “Teófilo” seria o nome pelo qual era conhecido, nos meios cristãos de Roma, um primo do imperador Domiciano (que o imperador mandou matar em 95 por alegado “ateísmo”, termo por trás do qual se poderia esconder uma simpatia clandestina pelo cristianismo) foi defendida por B. Streeter (*The Four Gospels*, Londres, 1924, pp. 534-9).

1, 4 “para que conheças a certeza dos assuntos em que foste instruído”: a palavra grega que traduzi por “certeza” é *aspháleia*, que significa, literalmente, a qualidade de algo que não é derrubável (“inderrubabilidade”). A forma verbal *katêkhêthês* (literalmente, “foste catequizado”) refere a noção de “catequese” em nível linguístico (pois é desse verbo grego que deriva a palavra portuguesa), embora a palavra não corresponda ainda àquilo que entendemos hoje pela palavra “catequese”. No entanto, o verbo *katekhéo*

merece ser considerado na sua literalidade, porque nos abre também o horizonte para o sentido próprio de “catequizar”: dado que o verbo significa “ecoar” (“repetir ecoando”), a ideia que subjaz à catequese é a aprendizagem de uma doutrina por meio da sua repetição, no sentido em que o aluno não tem de fazer outra coisa além de repetir (“ecoar”) as palavras do mestre. Assim, se dirá que a atitude acrítica do catecúmeno está desde já inscrita como obrigatória na própria palavra “catequese”.

1, 5 “Zacarias, da classe de Abias”: o clero judaico dividia-se em 24 classes (cf. 1 Crônicas 24,1-19); cada uma delas intervinha no templo de Jerusalém quinze dias por ano. Daí o fato de o termo grego para classe sacerdotal ser *ephēmería*, o que aponta para a periodicidade das funções em regime de “escala” (cf. v. 8). O nome “Zacarias” significa algo como “Deus recorda”. Sobre o nome “Isabel” (*Elisábet* em grego; *Liseba* em hebraico) há muitas teorias quanto ao seu significado. Uma possível tradução para o nome seria “Deus é perfeição”.

1, 11 “Apareceu-lhe um anjo do Senhor”: a frase presta-se também a ser interpretada de forma mais literal (“um anjo do Senhor foi visto por ele”), tomando a forma verbal passiva do verbo “ver” (*ôphthê*) no sentido próprio (há uma ligeira ambiguidade aqui, pois a voz passiva de “ver” no NT pode assumir, também, o sentido de “aparecer”). A formulação grega salvaguarda, de certa maneira, a possibilidade de uma leitura racional da ocorrência, pois uma coisa é concebermos que um anjo apareceu a Zacarias; outra coisa é concebermos que um anjo foi visto por Zacarias. O fato de Zacarias ter pensado ver um anjo não significa *ipso facto* que um anjo apareceu a Zacarias: em termos filosóficos, a perceptibilidade subjetiva de algo não implica a realidade objetiva desse mesmo algo.

1, 13 Na edição crítica de N-A as palavras de Gabriel estão dispostas em verso, mas há atualmente bastante ceticismo entre os estudiosos sobre se esse discurso configura, de fato, um poema. O mesmo se aplica a outros trechos dispostos em forma de poema no presente capítulo.

— “e pôr-lhe-ás o nome de João”: literalmente: “chamar[-lhe-]ás, [quanto a] o nome dele, João”.

1, 15 Citação de Números 6,3 (cf. Levítico 10,9). A “bebida intoxicante” é, em grego, *síkera*, palavra que, já nos LXX, traduz o hebraico *shekhar*. Trata-se de uma bebida alcoólica feita a partir de cereais ou tâmaras, adocicada com mel.

“um espírito santo”: embora algumas traduções optem por ver aqui “o” espírito santo, a expressão de Lucas não tem o artigo definido, pelo que em rigor é “um” espírito santo. Veja-se a diferença em 2,26.

1, 17 “sensatez”: a palavra *phronêsis* só ocorre duas vezes no NT. Em Efésios 1,8, surge como parte da formulação *sophíai kai phronêsei*, o que dá a entender que os termos não são sinônimos, pelo que (ao contrário de outras traduções) *phronêsis* não é aqui traduzida por “sabedoria”, mas sim por “sensatez”.

1, 18 “Como saberei isso?": exatamente as palavras (*katà tí gnôsomai*) com que Abraão respondeu a Deus (a prometer-lhe descendência) no Gênesis 15,8 (LXX).

1, 20 “eis que ficarás mudo e incapaz de falar”: continuando na linha da abordagem racional, recorde-se que Marshall (p. 50) coloca a hipótese de esta cena se explicar pela possibilidade de Zacarias ter sofrido um AVC (sic).

1, 23 “serviço”: em grego, *leitourgía* (cf. “liturgia”).

1, 27 “uma virgem desposada com um homem chamado José”: cf. Mateus 1,18\*.

1, 29 “Ela perturbou-se com essas palavras e interrogava-se que forma de saudação seria aquela”: repare-se no cuidado na redação dessa frase, com o uso (raríssimo no NT) do optativo oblíquo na oração interrogativa indireta, assim como nas sutilezas resultantes do emprego do aoristo (“perturbou-se”) e do imperfeito (“interrogava-se”).

1, 31 Literalmente: “chamar[-lhe-]ás, [quanto a] o nome dele, Jesus”.

1, 35 “Um espírito santo”: ver v. 15\*.

1, 37 “Porque não ficará impossibilitada da parte de Deus toda a palavra”: este versículo, decalcado do

Gênesis 18,14 (onde aparece, no contexto da gravidez prospectiva de Sara, sob uma forma gramaticalmente mais compreensível), costuma ser parafraseado de modo a dar o sentido “nada é impossível a Deus”. Mas o pensamento de Lucas é, na sua desafiante plasmação linguística, mais complexo e sutil do que isso.

1, 39 Lucas usa “cidade” (*pólis*), como atualmente se faz no português do Brasil, para designar tanto cidades como vilas ou aldeias. Neste caso, tratar-se-á de uma vila.

1, 49-55 O chamado “Magnificat” (essa designação provém da tradução latina, *Magnificat anima mea Dominum*) constitui um belíssimo centão de citações do AT na versão grega dos LXX, em que as frases tiradas da Escritura são ligeiramente adaptadas em termos de pronomes e de pessoas verbais para se adequarem a serem ditas por Maria neste contexto. Assim *megalúnei* [...] *tòn Kúrion* (“engrandece o Senhor”: Maria) adapta *megalúnate tòn Kúrion* (“engrandecei o Senhor”: Salmo 33 LXX,4); e *epéblepsen epì tèn tapeínôsin tês doulês autoû* (“mirou a humildade da sua escrava”: Maria) adapta *epiblêpsêis epì tèn tapeínôsin tês doulês sou* (“mirarás a humildade da tua escrava”: 1 Samuel 1,11 = LXX 1 Reinados 1,11) etc.

1, 69 “o chifre da salvação”: a materialização da ideia de força na palavra “chifre” (*kéras*) remete para o Salmo 131,17 (LXX), em que a palavra surge associada a Davi: “Farei surgir um chifre (*kéras*) para Davi; preparei uma candeia para o meu ungido (*khrístós*)”. Quanto a “salvação” (*sôtêria*), essa é uma palavra fulcral do pensamento de Lucas, tanto mais que Mateus e Marcos nunca a empregam e João só a emprega uma vez (João 4,22). Em Lucas, aparece quatro vezes no Evangelho (1,69, 71, 77; 19,9) e cinco vezes em Atos (4,12, 7,25, 13,26, 16,17, 27,34). Acrescente-se, ainda, a utilização do adjetivo substantivado com o mesmo significado (*tò sôtêrion*) em Lucas 2,30, 3,6 e Atos 28,28.

1, 78 “por causa do coração de misericórdia do nosso Deus”: literalmente, “graças às vísceras de misericórdia do nosso Deus”.

## 2.\*

### *O nascimento de Jesus na manjedoura de Belém; A adoração dos pastores; Circuncisão e apresentação de Jesus no templo; O cântico de Simeão; A reação da profetisa Ana; Jesus espanta os professores no templo.*

<sup>1</sup> Aconteceu que, naqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseado todo o mundo. <sup>2</sup> Esse recenseamento [foi o] primeiro [que] aconteceu sendo Quirino governador da Síria. <sup>3</sup> E todos iam recensear-se, cada um na sua própria cidade. <sup>4</sup> Também José subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, até a Judeia, a cidade de Davi que se chama Belém, pelo fato de ele ser da casa e da linhagem de Davi, <sup>5</sup> para se recensear com Maria, sua esposa, estando ela grávida. <sup>6</sup> Aconteceu que, enquanto estavam ali, se cumpriram os dias da parturição dela, <sup>7</sup> e deu à luz o seu filho primogênito e envolveu-o em panos e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. <sup>8</sup> E estavam pastores na mesma região pernoitando nos campos e guardando os seus rebanhos durante a noite. <sup>9</sup> E um anjo do Senhor postou-se diante deles e a glória do Senhor brilhou à sua volta e temeram um grande temor. <sup>10</sup> E disse-lhes o anjo: “Não temais, eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo, <sup>11</sup> porque foi dado à luz para vós hoje um salvador, que é Cristo Senhor na cidade de Davi. <sup>12</sup> E isto [será] para vós o sinal: encontrareis um bebê envolto em panos e deitado numa manjedoura”. <sup>13</sup> E de súbito surgiu, juntamente com o anjo, uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo:

<sup>14</sup> “Glória nas alturas a Deus!

E, sobre a terra, paz  
entre as pessoas de boa vontade”.

15 E aconteceu que, quando os anjos se retiraram de junto deles para o céu, os pastores disseram uns aos outros: “Vamos até Belém e vejamos essa palavra que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer”. 16 E foram depressa e encontraram Maria e José e o menino deitado na manjedoura. 17 Tendo visto, fizeram a divulgação a respeito da palavra que lhes fora falada acerca daquele menino. 18 E todos os que ouviam se admiravam com as coisas que lhes eram reportadas pelos pastores. 19 Maria, por seu lado, guardava todas essas palavras, conversando no seu coração. 20 E os pastores regressaram, glorificando e louvando a Deus por causa de tudo o que ouviram e viram tal como lhes fora dito.

21 E quando se cumpriram oito dias para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus, o [nome] chamado pelo anjo antes de ele ter sido concebido no ventre [materno].

22 E quando se cumpriram os dias da purificação deles segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor — 23 tal como ficou escrito na lei do Senhor que todo o varão que abra o útero será consagrado ao Senhor — 24 e para oferecerem em sacrifício, como se diz na lei do Senhor, *um par de rolas ou dois pombinhos*.

25 E eis que havia em Jerusalém um homem, cujo nome era Simeão, e esse homem era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel; e um espírito santo estava sobre ele. 26 Tinha-lhe sido revelado pelo espírito santo que não veria a morte antes de ter visto o Cristo do Senhor. 27 E [inspirado] no espírito veio até ao templo. E quando os pais trouxeram o menino Jesus, a fim de cumprirem o que ordenava a lei a seu respeito, 28 Simeão tomou-o nos braços e bendisse a Deus, dizendo:

29 “Agora deixas ir o teu escravo, Senhor,  
segundo a tua palavra, em paz;

30 porque os meus olhos viram a tua salvação,

31 que preparaste diante da vista de todos os povos:

32 luz para revelação dos pagãos  
e glória do teu povo, Israel”.

33 E o pai dele e a mãe estavam espantados com as coisas ditas a respeito dele. 34 E Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: “Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal recusado — 35 e uma espada trespassará a tua própria alma! — para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações”.

36 E havia uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Ela estava bem avançada nos seus muitos dias, tendo vivido casada, após a sua virgindade, durante sete anos 37 e ficou viúva até os oitenta e quatro anos. Ela que não se afastava do templo, participando com jejuns e orações no culto, noite e dia! 38 E tendo-se colocado [ali] àquela hora, dava graças a Deus e falava do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém.

39 Depois de terem cumprido tudo o que a lei do Senhor determinava, regressaram à Galileia, à sua cidade de Nazaré. 40 Entretanto, o menino crescia e fortalecia-se, pleno de sabedoria, e a graça de Deus estava sobre ele.

41 E iam os pais dele todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. 42 Quando ele chegou aos doze anos, subiram até lá, segundo o costume da festa. 43 Terminados esses dias, quando eles regressaram [à casa], o rapaz Jesus ficou em Jerusalém, e os pais não sabiam dele. 44 Pensando que ele se encontrava na caravana, prosseguiram a viagem de um dia e procuravam-no entre os parentes e conhecidos. 45 Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura. 46 E aconteceu que, três dias depois, o encontraram no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. 47 Todos quantos o ouviam estavam estupefatos com a sua inteligência e as suas respostas. 48 Vendo-o, ficaram espantados e sua mãe disse-lhe: “Filho, por que nos fizeste isso? Olha que o teu pai e eu, aflitos, te procurávamos!”. 49 Ele respondeu-lhes: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu tinha obrigação de estar na casa do meu Pai?”.

50 Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse.

51 Depois Jesus desceu com eles e voltou para Nazaré e estava sujeito a eles. E a sua mãe conservava todas essas coisas no seu coração. 52 E Jesus avançava em sabedoria, em estatura e em graça com Deus e com [as] pessoas.

---

\* A versão proposta por Lucas do nascimento de Jesus levanta problemas de ordem factual que a tornam historicamente impossível. Em primeiro lugar, há contradições insanáveis relativamente aos capítulos 1 e 2



de Mateus. A mais significativa de todas é a naturalidade de José e de Maria: em Mateus, eles parecem ser naturais de Belém e só posteriormente (após a fuga para o Egito e regresso desse país — episódio desconhecido de Lucas) é que vão morar em Nazaré (cf. Mateus 2,22-23). Em Lucas, José e Maria são naturais de Nazaré (1,26), mas são obrigados a viajar até Belém para se recensearem lá com base no fato de José ser supostamente descendente remoto de Davi. O problema é que, no ano 6 (quando houve um recenseamento por ordem romana), pessoas naturais de Nazaré na Galileia como José e Maria não eram abrangidas por recenseamentos ou impostos romanos: só os habitantes da Judeia o eram (cf. E. Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*, Londres, 1973, vol. I, pp. 399-427). Portanto não havia razão para José empreender a viagem com a sua mulher grávida — isto é, não havia razão objetiva ou factual. Pois havia, é claro, uma razão teológica: a necessidade de cumprir a profecia de Miqueias registrada por Mateus (2,6) sobre o nascimento em Belém daquele que iria “apascentar o povo de Israel”. Por outro lado, o governador Quirino (como sabemos pelo historiador Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas* 18.1) iniciou funções como governador da Síria no ano 6 d.C. Ora, no capítulo 1 do presente Evangelho (tal como sucede no capítulo 1 de Mateus), Maria engravidara ainda em vida do rei Herodes, o Grande, que morreu em 4 a.C. Ou Lucas pensava (erradamente) que Herodes e Quirino eram contemporâneos — ou então acreditava (impossivelmente) que a gravidez de Maria durara dez anos. Em suma: por causa da vontade de reforçar o efeito persuasivo da sua narrativa enquanto prova de que Jesus de Nazaré era o Messias, para Lucas seria de menor importância que os “fatos” narrados correspondessem a fatos reais; o que era verdadeiramente importante na sua visão essencialmente teológico-interpretativa do nascimento de Jesus era que todos os pormenores da vida de Jesus fossem consentâneos com o maior número possível de profecias ocorrentes na Escritura judaica.

\* “todo o mundo”: literalmente, “toda a *oikouménē*” (para todos os efeitos práticos equivalente a todo o Império Romano).

2, 7 “deu à luz o seu filho primogênito”: a referência ao filho *prôtótokos* sugere que Maria e José tiveram depois outros filhos (os irmãos de Jesus referidos em 8,20-21). Cf. p. 31.

2, 11 “um salvador”: curiosamente, a palavra “salvador” (*sôtēr*) aplicada a Jesus ocorre apenas duas vezes em todo o conjunto dos quatro Evangelhos (aqui e em João 4,42).

2, 14 “entre as pessoas de boa vontade”: a tradução tradicional para *eudokía* proveniente da Vulgata latina (*hominibus bonae voluntatis*) tem vindo a ser posta de parte pela mais moderna filologia bíblica, com base na compreensão de que o termo grego traduz, talvez, o hebraico *rasón*, vocábulo por várias vezes usado nos Salmos e cuja incidência semântica está na boa vontade divina (e não na boa vontade humana, pelo que a ideia no versículo de Lucas seria, segundo essa interpretação, “sobre a terra paz entre as pessoas de Seu aprazimento”). No entanto, no livro de Ben Sira (= Eclesiástico) 15,15 (LXX), encontramos a palavra *eudokía* referindo-se à iniciativa e vontade humanas, nos belos versículos que falam da liberdade dada por Deus às pessoas para seguirem conforme a sua “boa vontade” (*eudokía*) os ditames da sua consciência: “Desde o princípio, Ele criou a pessoa humana e deixou-a na mão do juízo dela própria. Se quiseres, observarás os mandamentos; fazer-lhes fé [será questão] da tua boa vontade (*eudokía*)”.

2, 15 “vejamos essa palavra que aconteceu”: é literalmente esse o sentido do versículo (*tò rhēma tóuto*: “essa palavra”).

2, 19 “Maria, por seu lado, guardava todas essas palavras, conversando no seu coração”: não é fácil dar um sentido inequívoco ao uso que Lucas aqui faz do verbo *sumbállō*, que já desde o grego clássico tem o sentido de “conversar” e “conferir”, sentidos esses que Lucas emprega em Atos 4,15 e 17,18. Por outro lado, também já desde o grego mais antigo (Homero), o verbo pode ter o sentido “deparar com” — sentido esse que Lucas também conhece (14,31 e Atos 20,14). Em todo o NT, Lucas é o único autor a usar esse verbo clássico e, por isso, não é fácil sentirmos segurança quanto ao sentido nessa passagem, tanto mais que não temos

complemento direto expresso. Devemos subentender as palavras por ela guardadas como complemento direto subentendido de *sumbállousa*? Em alternativa: “Maria, por seu lado, guardava todas essas palavras, deparando[-se com elas] no seu coração”. A tradução mais literal de todas seria: “Maria, por seu lado, guardava todas essas palavras, lançando tudo junto no seu coração”.

2, 21 “quando se cumpriram oito dias para a circuncisão do menino”: literalmente, “quando se cumpriram oito dias de circuncidarem-no” (infinitivo substantivado, em grego).

2, 23 A expressão anatomicamente tão crua a respeito do primeiro filho a “abrir” o útero da mãe decalca o Êxodo 13,2 (ainda que a frase de Lucas não constitua uma citação literal dessa passagem do AT).

2, 24 *um par de rolas ou dois pombinhos*: Levítico 5,11.

2, 26 “Tinha-lhe sido revelado pelo espírito santo”: aqui sim, temos o artigo definido (“o espírito santo”). O mesmo verbo aqui traduzido por “revelado” (*khrêmatízô*) é usado por Mateus (2,12) quando os magos são avisados em sonho.

2, 32 “revelação”: trata-se da única ocorrência nos quatro Evangelhos da palavra *apokálupsis* (cf. “apocalipse”), típica da epistolografia de Paulo (note-se que, no próprio livro do Apocalipse, a palavra surge uma única vez, no primeiro versículo que funciona como título).

2, 34 “para ser sinal recusado”: a palavra grega para “recusado” é o particípio presente do verbo *antilégo*, “contraditar”, “refutar”, “recusar”, “negar”. Trata-se de um verbo frequentemente usado por Lucas, mas nunca por Mateus ou Marcos. João emprega-o só uma vez, quando os judeus dizem a Pilatos “todo aquele que se faz rei está a recusar César” (João 19,12), conseguindo assim, por meio da força do verbo *antilégo*, levar Pilatos a condenar Jesus à morte.

2, 47 “Todos quantos o ouviam estavam estupefatos com a sua inteligência e as suas respostas”: a palavra para “inteligência” é *súnesis*, que significa também “compreensão”, “entendimento”. É a única vez que ocorre no Evangelho de Lucas. Mateus e João não a usam (em Marcos aparece só em 12,33).

2, 51 “Depois Jesus desceu com eles e voltou para Nazaré e estava sujeito a eles”: Lucas é o único evangelista a usar o verbo *hupotássô*, “estar sujeito a” (na tradução de Lutero “era-lhes vassalo”: *war ihnen untertan*). Curiosamente, nas outras duas ocorrências, a sujeição em causa é de demônios sujeitos à força superior dos apóstolos (10,17, 20).

2, 52 “avançava”: o verbo grego aqui traduzido por “avançar” é *prokóptô*, que significa literalmente “cortar à frente” e indica, no seu sentido primitivo, a ação de quem avança num matagal à medida que vai cortando a vegetação que o impede de caminhar.

— “em graça com Deus e com [as] pessoas”: as utilizações de Lucas da preposição *pará* com dativo apontam claramente no sentido de o evangelista lhe atribuir o sentido “com”.

### 3.

#### *João Batista; O batismo de Jesus; A genealogia de Jesus.*

<sup>1</sup> No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia; Herodes, tetrarca da Galileia; seu irmão, Filipe, tetrarca da Itureia e da Traconítide; e Lisânias, tetrarca de Abilene; <sup>2</sup> sob o pontificado de Anás e Caifás, aconteceu a palavra de Deus sobre João, filho de Zacarias, no deserto.

<sup>3</sup> E foi por toda a região do Jordão, anunciando um batismo de mudança para libertação dos erros, <sup>4</sup> tal como ficou escrito no livro das palavras de Isaías, o profeta:

*“Voz de quem clama no deserto:*

*‘Preparai o caminho do Senhor  
e fazei direitas as suas veredas.*

<sup>5</sup> *Toda a ravina será preenchida;  
toda a montanha e colina ficarão rasas.*

*Os caminhos tortuosos ficarão direitos;  
e os desnivelados, planos se tornarão.*

<sup>6</sup> *E verá toda a carne a salvação de Deus”.*

<sup>7</sup> João dizia às multidões que acorriam para serem batizadas por ele: “Raça de víboras! Quem vos indicou que fugísseis da fúria que está para vir? <sup>8</sup> Fazei crescer frutos dignos da mudança e não comeceis a dizer entre vós: ‘Temos Abraão como pai’. Pois eu vos digo que Deus é capaz de despertar dessas pedras filhos de Abraão. <sup>9</sup> Já o machado está jazente junto à raiz das árvores. Toda a árvore que não der bom fruto será cortada e atirada para o fogo”.

<sup>10</sup> E perguntavam-lhe as multidões, dizendo: “Que devemos fazer?”. <sup>11</sup> Ele, respondendo, dizia-lhes: “Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma. E quem tem comida faça o mesmo”. <sup>12</sup> Vieram também cobradores de impostos para serem batizados e disseram-lhe: “Mestre, que devemos fazer?”. <sup>13</sup>

Ele disse-lhes: “Não cobreis mais nada além do estabelecido”.

14 Interrogavam-no também alguns soldados, dizendo: “E nós, que devemos fazer?”. E ele disse-lhes: “Não chantageeis ninguém, não denunciéis injustamente e contentai-vos com o vosso soldo”.

15 Estando o povo expectante e pensando todos nos seus corações, a respeito de João, se ele não seria o Cristo, 16 João respondeu, dizendo a todos: “Eu vos batizo com água. Mas está para chegar alguém mais forte do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das suas sandálias. Ele vos batizará num espírito santo e em fogo. 17 Ele, cuja pá de joeirar está já na sua mão para limpar a sua eira e juntar o trigo no seu celeiro. Mas a palha ele queimará no fogo inextinguível”. 18 Clamando muitas outras coisas, anunciava a boa-nova ao povo.

19 Ora, Herodes, o tetrarca, a quem João criticava por causa de Herodíade, mulher de seu irmão, e por todas as iniquidades que tinha praticado, 20 acrescentou mais esta às outras todas e fechou João numa masmorra.

21 Aconteceu que, depois de batizado todo o povo, e tendo Jesus sido batizado também, estava ele em oração quando se abriu o céu 22 e desceu o espírito santo com aspecto corpóreo, como uma pomba, e uma voz veio do céu: “Tu és o meu filho amado; em ti eu me agradei”.

23 Ao principiar o seu ministério, Jesus tinha cerca de trinta anos, sendo filho, segundo se supunha, de José; [filho] de Eli; 24 de Matat, de Levi, de Melqui, de Janai, de José, 25 de Matatias, de Amós, de Naum, de Esli, de Nagai, 26 de Maat, de Matatias, de Semein, de Josec, de Jodá, 27 de Joanã, de Ressa, de Zorobabel, de Salatiel, de Neri, 28 de Melqui, de Adi, de Cosã, de Elmadã, de Er, 29 de Jesus, de Eliezer, de Jorim, de Matat, de Levi, 30 de Simeão, de Judá, de José, de Jonã, de Eliacim, 31 de Meleia, de Mená, de Matatá, de Natã, de Davi, 32 de Jessé, de Obed, de Booz, de Salá, de Naasson, 33 de Aminadab, de Admin, de Arni, de Esron, de Farés, de Judá, 34 de Jacó, de Isaac, de Abraão, de Taré, de Nacor, 35 de Seruc, de Ragau, de Faleg, de Éber, de Salá, 36 de Cainã, de Arfaxad, de Sem, de Noé, de Lamec, 37 de Matusalém, de Henoc, de Jared, de Maleleel, de Cainã, 38 de Enós, de Set, de Adão, de Deus.

---

3, 1 “No décimo quinto ano do reinado de Tibério César”: esse verniz de acribia histórica à maneira do grande historiador ateniense Tucídides (cf. *História da guerra do Peloponeso* 2.2) estala assim que tentamos

perceber a que ano corresponde, no pensamento de Lucas, o 15º do reinado de Tibério. O evangelista estará contando a partir da corregência de Tibério e Augusto? Então podemos situar-nos aqui algures entre os anos de 25 e de 27 da nossa era. Se Jesus nasceu em 4 a.C. (como alguns pensam a partir dos capítulos 1 e 2 de Mateus), estaria aqui com trinta anos, o que condiz com Lucas 3,23. No entanto, parece mais natural contar os anos do reinado de Tibério começando a partir da morte de Augusto, que ocorreu em agosto do ano 14 d.C. Assim sendo, estaríamos agora no ano 29 (e Jesus com 33 anos?). A questão é altamente complexa e, em última análise, insolúvel: cada nova teoria faz logo nascer oponentes e refutadores. Uma importante abordagem ao problema da cronologia do nascimento e morte de Jesus continua a ser a de Nikos Kokkinos, nos estudos citados na Bibliografia.

3, 2 “aconteceu a palavra de Deus sobre João”: não é fácil captar o sentido exato dessa frase em português sem recorrer a alguma estranheza de expressão. A palavra de Deus a “acontecer sobre” alguém lembra o emprego da preposição *epí* com dativo que encontramos nos Atos dos Apóstolos (19,13) do mesmo Lucas, quando se fala em proferir o nome de Jesus “sobre” alguém, de forma libertadora. Lutero conseguiu uma boa aproximação literal, mantendo o sentido de “aconteceu” para *egéneto* (*da geschah der Befehl Gottes zu Johannes*).

3, 3 “anunciando um batismo de mudança para libertação dos erros”: depois da notável singularidade dos capítulos 1 e 2 de Lucas (em que lemos material que não encontramos em mais nenhum Evangelho), com o v. 3 do capítulo 3 encarreiramos, à semelhança do que verificamos no capítulo 3 de Mateus, nos trilhos predefinidos pelo Evangelho de Marcos.

3, 4 *Voz de quem clama no deserto*: citação de Isaías 40,3-5.

3, 10-14 Estes versículos são exclusivos do Evangelho de Lucas.

3, 16 “Ele vos batizará num espírito santo e em fogo”: tal como sucede em Mateus (3,12), a essa afirmação do batismo em *pneuma* santo e em fogo segue-se uma imagem ilustrativa do que se quer dizer: trata-se de separar o trigo do joio; e a palha será queimada no fogo. A questão difícil é que *pneuma* tanto significa “espírito” como “vento” e “sopro”. Na passagem correspondente de Marcos (1,8), não surge, para lá de “espírito”, outra conotação que possamos associar a *pneuma*, pois em Marcos não se segue à declaração de que Jesus batizará “em espírito” a descrição da pá de joeirar e da palha a arder no fogo. Em Mateus e Lucas a situação é diferente: a palavra *pneuma* convoca também o sentido de “vento”. A imagem sugere uma rajada de vento santo que separa a palha “má” dos grãos “bons”. Assim, a tradução mais exata seria “ele vos batizará em vento santo e em fogo” (cf., também em contexto de juízo divino, os ventos e as chamas referidos por Isaías 29,6). João Batista consegue apenas batizar com o elemento água. Mas só Jesus consegue batizar com ar e com fogo.

3, 22 “Tu és o meu filho amado; em ti eu me agradei”: as palavras proferidas pela voz divina são idênticas às que lemos em Marcos 1,11 — mas serão as palavras que Lucas escreveu? Num importante manuscrito grego (o *Codex Bezae*, do final do século IV) lemos “meu filho és tu, eu hoje te gerei” (cf. Salmo 2,7 LXX). Se são essas as palavras autênticas de Lucas, podem ter sido alteradas para evitar interpretações cristológicas mais tarde tidas como herética

3, 23 “Ao principiar o seu ministério, Jesus tinha cerca de trinta anos”: ver p. 25 e 3,1\*.

3, 24-38 A genealogia de José aqui apresentada por Lucas é diferente da registrada por Mateus nos versículos iniciais do seu Evangelho, discrepância que chegou a abalar a fé do jovem Santo Agostinho (*Sermões* 51.6). É curioso notarmos que Mateus só está preocupado em mostrar que José descende de Abraão, ao passo que Lucas (mais universalista) o mostra como descendente de Adão. Tal como sucede ao lermos a passagem correspondente em Mateus, é difícil não nos interrogarmos a respeito do porquê dessa genealogia de José, quando a principal chave de leitura do Evangelho é que Jesus *não* é filho de José. Uma explicação possível para a aparente falta de lógica será a possibilidade, aventada por vários especialistas do

NT (cf. Marshall, p. 157), de o registro da genealogia de Jesus representar, nas primeiras tentativas de pôr por escrito a vida de Jesus, uma fase anterior ao surgimento da tradição (ignorada por Marcos e por João) de que Jesus nascera de mãe virgem.

## 4.

### *As tentações no deserto; Início do ministério de Jesus; Jesus em Nazaré e Cafarnaum; Jesus cura a sogra de Pedro.*

<sup>1</sup> Jesus, cheio de um espírito santo, retirou-se do Jordão e foi levado no espírito no deserto, <sup>2</sup> sendo tentado durante quarenta dias pelo diabo. E não comeu nada durante esses dias e, ao chegar ao fim, sentiu fome. <sup>3</sup> Disse-lhe o diabo: “Se és filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão”. E Jesus respondeu-lhe: <sup>4</sup> “Ficou escrito: *não é com base em pão só que viverá o ser humano*”.

<sup>5</sup> Levando-o a um lugar alto, o diabo mostrou-lhe, num instante de tempo, todos os reinos do universo. <sup>6</sup> Disse-lhe o diabo: “Dar-te-ei todo este poderio e a glória deles, porque me foi entregue e dou-o a quem eu quiser. <sup>7</sup> Se te prostrares diante de mim, tudo será teu”. <sup>8</sup> E Jesus, respondendo, disse-lhe: “Ficou escrito: *prostrar-te-ás à frente do Senhor teu Deus e a Ele só tu servirás*”.

<sup>9</sup> Conduziu-o a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do templo e disse-lhe: “Se és filho de Deus, atira-te daqui lá para baixo, <sup>10</sup> pois ficou escrito que *aos seus anjos dará ordens a teu respeito para te guardarem;*

<sup>11</sup> e também que

*nas mãos eles te levantarão,*

*para que não firas contra uma pedra o teu pé*”.

<sup>12</sup> E, respondendo, disse-lhe Jesus: “Ficou dito: *Não tentarás o Senhor, teu Deus*”.

<sup>13</sup> E tendo concluído toda a tentação, o diabo retirou-se de junto dele, até uma [próxima] oportunidade.

<sup>14</sup> E Jesus voltou, no impulso do espírito, para a Galileia e a sua fama propagou-se por toda a região. <sup>15</sup> E ele ensinava nas sinagogas deles, elogiado

por todos.

16 E veio para Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. 17 E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, encontrou a passagem em que fora escrito:

18 *O espírito do Senhor [está] sobre mim,*

*porque me ungiu*

*para anunciar a boa-nova aos mendigos;*

*enviou-me*

*a proclamar aos presos a libertação*

*e aos cegos a recuperação da vista;*

*a mandar em liberdade os oprimidos,*

19 *a proclamar um ano aceitável da parte do Senhor.*

20 E enrolando o livro e dando-o ao responsável, sentou-se. Os olhos de todos os que estavam na sinagoga estavam fixos nele. 21 Começou a dizer-lhes: “Hoje ficou cumprida essa passagem da Escritura nos vossos ouvidos”. 22 Todos davam testemunho em seu favor e se admiravam com as palavras repletas de graça que saíam da sua boca e diziam: “Este não é filho de José?”.

23 E ele disse-lhes: “Com toda a certeza me direis o provérbio: ‘Médico, cura-te a ti mesmo’. Tudo o que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra”.

24 Disse, ainda: “Amém vos digo que nenhum profeta é aceitável na sua pátria. 25 Na verdade vos digo que havia muitas viúvas no tempo de Elias em Israel, quando o céu se fechou durante três anos e seis meses, de modo que houve uma grande fome em toda a terra; 26 e Elias não foi enviado a nenhuma delas, a não ser a uma viúva que vivia em Sarepta da Sidônia. 27 Havia muitos leprosos em Israel, [no tempo] do profeta Eliseu, mas nenhum deles foi purificado senão o sírio Naamã”.

28 E encheram-se todos de fúria na sinagoga ao ouvirem essas palavras. 29 E, levantando-se, expulsaram-no da cidade e levaram-no ao cimo do monte sobre o qual a cidade deles estava construída, para o atirarem dali abaixo. 30 Mas Jesus, passando pelo meio deles, seguiu o seu caminho.

31 E desceu a Cafarnaum, cidade da Galileia, e ensinava-os aos sábados. 32 E espantaram-se com o seu ensinamento, porque o seu discurso estava [fundado]



na autoridade.

33 E na sinagoga estava um homem que tinha um espírito de demônio impuro e berrou em voz alta: 34 “Ah, o que há entre nós e ti, ó Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o santo de Deus”. 35 E Jesus repreendeu-o, dizendo: “Cala-te e sai desse homem!”. O demônio, atirando o homem para o meio da assistência, saiu dele sem lhe fazer mal algum.

36 E surgiu uma admiração entre todos e falavam uns com os outros, dizendo: “Que palavra é essa? Dá ordens, com autoridade e poder, aos espíritos malignos e eles saem!”. 37 A sua fama espalhou-se por todos os lugares daquela região.

38 Levantando-se da sinagoga, Jesus entrou em casa de Simão. A sogra de Simão estava com muita febre, e intercederam junto dele em seu favor. 39 Inclinando-se sobre ela, repreendeu a febre e esta deixou-a. E ela, levantando-se logo, começou a servi-los.

40 Ao pôr do sol, todos quantos tinham doentes, com diversas enfermidades, levavam-lhos. E ele, a cada um deles impondo as mãos, curava-os. 41 Saíam também demônios de muitas pessoas, gritando e dizendo: “Tu és o filho de Deus”. E ele, repreendendo-os, não os deixava falar, porque sabiam que ele era o Cristo.

42 Ao romper do dia, saiu e dirigiu-se para um lugar solitário. E as multidões procuravam-no e, ao chegarem junto dele, tentavam retê-lo, para que não se afastasse delas.

43 Mas ele disse-lhes: “Tenho de anunciar a boa-nova do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado”. 44 E pregava nas sinagogas da Judeia.

---

4, 1 “foi levado no espírito no deserto”: é curiosa a utilização aqui de sintagmas com a preposição *en* (“em”) e dativo, construção indicativa de “lugar onde”. Esperar-se-ia “foi levado *pelo* espírito *até* o deserto”.

4, 4 *não é com base em pão só que viverá o ser humano*: Deuteronômio 8,3.

4, 8 Deuteronômio 8,3.

4, 10-11 Salmo 91,11-12.

4, 12 Deuteronômio 12,16.

4, 17 “foi-lhe dado o livro do profeta Isaías”: por “livro” (aqui *biblíon*) entende-se, naturalmente, rolo. O livro cosido e encadernado, como o conhecemos hoje, não existia no tempo de Jesus (sendo uma invenção do século II).

— “em que fora escrito”: mais-que-perfeito perifrástico (*ên gegramménon*).

4, 18 *O espírito do Senhor [está] sobre mim, porque me ungiu*: Isaías 61,1-2. Essa citação de Isaías (praticamente o texto exato dos LXX, tirando ligeiros pormenores) é significativa em vários níveis. O verbo “ungiu” (*ékhrisen*) aponta logo para “Cristo” (= “Ungido”, *khristós*). Por outro lado, temos a ideia de “boa-nova” materializada no verbo *euangelízô* (“anunciar a boa-nova”, ou simplesmente “dar boas notícias”). Também a palavra para “libertação” (*áphesis*) é altamente significativa, como vimos a propósito de Mateus 26,28\*. Finalmente, o ano “aceitável” (*dektós*) tem por base a ideia do jubileu, ano especial que ocorria cada cinquenta anos (Levítico 25) e que convidava ao perdão de dívidas e à libertação de escravos. Segundo a argumentação de A. Strobel (*Kerygma und Apokalyptik*, Göttingen, 1967, pp. 105-11), seria possível aceitar que no ano 26-7 da nossa era se teria celebrado um jubileu e, assim, o ministério de Jesus teria coincidido no seu arranque com um jubileu judaico; mas a cronologia real do ministério de Jesus é muito incerta e há boas razões para aceitar, como Nikos Kokkinos (ver Bibliografia), que o ministério de Jesus começou bem mais tarde (em 34, no cálculo de Kokkinos, que aponta 36 como o ano da morte de Jesus). Finalmente, já muitos leitores repararam, mediante a consulta do texto original de Isaías, que Jesus trava a leitura da passagem antes de ser obrigado a ler sobre o “dia da vingança” de Deus.

4, 24 “nenhum profeta é aceitável na sua pátria”: a palavra para “aceitável” (*dektós*) é a mesma que consta na citação de Isaías referente ao ano de jubileu.

4, 25 “Na verdade vos digo”: uma das três utilizações da palavra “verdade” (*alêtheia*) no Evangelho de Lucas. Cf. 20,21\*.

## 5.

### *A pesca milagrosa e o chamamento dos primeiros discípulos; Jesus cura um leproso e um paralítico; O chamamento de Levi; O jejum; O vinho novo em odres velhos.*

<sup>1</sup> Comprimindo-se as pessoas à sua volta para ouvir a palavra de Deus, Jesus estava de pé junto do lago de Genesaré. <sup>2</sup> E viu dois barcos que se encontravam junto do lago. Os pescadores, tendo descido deles, lavavam as redes. <sup>3</sup> Entrando num dos barcos, que era de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra. Sentando-se, a partir do barco ensinava as multidões. <sup>4</sup> Quando acabou de falar, disse a Simão: “Faz-te à zona funda e lançai as redes para a pesca”. <sup>5</sup> E, respondendo, Simão disse: “Mestre, toda a noite trabalhamos e nada apanhamos; mas, em atenção à tua palavra, lançarei as redes”.

<sup>6</sup> E tendo assim feito, apanharam uma grande quantidade de peixe: rompiam-se as redes deles. <sup>7</sup> E fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os viessem ajudar. Vieram e encheram os dois barcos, a ponto de se irem afundando. <sup>8</sup> Vendo [isto], Simão caiu aos joelhos de Jesus, dizendo: “Afasta-te de mim, porque sou um homem pecador, Senhor”. <sup>9</sup> O espanto tomou-o a ele e a todos os que estavam com ele por causa da pesca que tinham feito. <sup>10</sup> Do mesmo modo [o espanto tomou] Tiago e João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão. Jesus disse a Simão: “Não tenhas medo. A partir de agora capturarás, vivos, seres humanos”. <sup>11</sup> E, depois de terem trazido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram-no.

<sup>12</sup> E aconteceu que, encontrando-se Jesus numa das cidades, apareceu um homem cheio de lepra. Ao ver Jesus, caiu com a cara por terra e dirigiu-lhe esta

súplica: “Senhor, se quiseses, podes curar-me”. 13 E estendendo a mão, Jesus tocou-lhe, dizendo: “Quero, fica curado”. E de imediato a lepra o deixou. 14 Jesus ordenou-lhe que não dissesse a ninguém, mas [disse]: “Vai mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua cura o que Moisés preceituou, como testemunho para eles”.

15 Espalhava-se cada vez mais a palavra a respeito dele e juntavam-se numerosas multidões para o ouvirem e para que os curasse dos seus males. 16 Porém ele retirava-se para lugares solitários, aí rezando.

17 E aconteceu um dia que, estando Jesus a ensinar, se encontravam ali sentados alguns fariseus e professores da lei que tinham vindo de toda a localidade da Galileia, da Judeia e de Jerusalém. E o poder do Senhor levava Jesus a curar. 18 E eis que aparecem uns homens trazendo num catre um homem que era paralítico e procuravam fazê-lo entrar e colocá-lo diante dele. 19 Não encontrando por onde o fazer entrar, devido à multidão, subiram ao teto e, através das telhas, desceram-no com o catre para o meio, em frente de Jesus.

20 E vendo a fé deles, Jesus disse: “Homem, os teus pecados estão perdoados”. 21 E começaram a debater [entre si] os escribas e os fariseus, dizendo: “Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, a não ser Deus unicamente?”. 22 Porém Jesus, percebendo o que eles estão a debater, disse-lhes em resposta: “Que debateis nos vossos corações? 23 Que é mais fácil dizer: ‘Os teus pecados estão perdoados’; ou dizer ‘Levanta-te e anda?’”. 24 Para que saibais que o Filho da Humanidade tem poder para na terra perdoar pecados — disse ao paralítico —, ‘digo-te: levanta-te, pega no catre e vai para tua casa’”.

25 E de imediato se levantou à vista deles e, pegando no catre em que jazia, foi para a sua casa, glorificando a Deus. 26 E o arrebatamento dominou todos e glorificavam a Deus. Encheram-se de medo, dizendo: “Hoje vimos maravilhas!”.

27 Depois disso, Jesus saiu e viu um cobrador de impostos, chamado Levi, sentado à mesa da cobrança de impostos e disse-lhe: “Segue-me”. 28 E ele, deixando tudo, levantou-se e seguiu-o.

29 E um grande banquete lhe ofereceu Levi em sua casa; e estava presente uma multidão numerosa de cobradores de impostos e de outras pessoas. 30 Os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo aos discípulos dele: “Por que comeis e bebeis com os cobradores de impostos e com os pecadores?”.

31 E Jesus disse-lhes em resposta: “Os saudáveis não têm necessidade de um médico, mas sim os doentes. 32 Não vim chamar os justos mas sim os pecadores para a mudança”.

33 Disseram-lhe eles: “Os discípulos de João jejuam frequentemente e recitam orações; o mesmo fazem também os dos fariseus. Os teus, porém, comem e bebem”.

34 Jesus disse-lhes: “Não podeis fazer jejuar os convidados do noivo — não? — enquanto o noivo estiver com eles. 35 Virão dias em que lhes será tirado o noivo; então jejuarão, nesses dias”.

36 Disse-lhes também esta parábola: “Ninguém recorta um bocado de roupa nova para o acrescentar numa roupa velha; aliás, irá rasgar-se a roupa nova, e também à roupa velha não se ajustará bem o remendo que vem da nova. 37 E ninguém joga vinho novo em odres velhos; se o fizer, o vinho novo rompe os odres e derrama-se, e os odres ficarão danificados. 38 Mas deve jogar-se vinho novo em odres novos. 39 E ninguém, tendo bebido o velho, quer o novo, pois diz: ‘O velho é [que é] bom’”.

---

5, 4 “Faz-te à zona funda e lançai as redes”: a oscilação singular/ plural na conjugação dos imperativos reproduz literalmente o original.

5, 10 “a partir de agora capturarás, vivos, seres humanos”: Mateus (4,19) e Marcos (1,17) falam aqui em “pescadores de seres humanos” (*halieis anthrôpôn*). A frase de Lucas é bem diferente. Em vez da palavra “pescador” (cuja atividade leva à morte daquilo que é pescado), o Jesus de Lucas diz aqui a Pedro que ele será *zôgrôn* de seres humanos. A palavra grega é o particípio substantivado do verbo *zôgrêô*, em que identificamos os elementos *zôós* (“vivo”) e *agreuô* (“capturar”, “caçar”), tendo o verbo o sentido de “capturar vivo” o objeto da captura caça. Antes, o que Pedro capturava (peixe) morria em consequência da captura; o que irá ser “capturado” agora (seres humanos) viverá.

5, 23 “Os teus pecados estão perdoados”: Lucas usa aqui o perfeito, ao passo que Mateus (9,5) e Marcos (2,9), nas passagens correspondentes, usam o presente.

5, 26 “E o arrebatamento dominou todos”: a palavra grega traduzida por “arrebatamento” é *ékstasis* (donde vem “êxtase”).

— “Hoje vimos maravilhas!”: literalmente, “hoje vimos coisas paradoxais” (*parádoxa*).

## 6.

*Jesus e o sábado; Jesus cura o  
homem com a mão deformada  
ao sábado; A eleição dos doze;  
As bem-aventuranças; As  
imprecações; O amor aos  
inimigos e a regra de ouro.*

<sup>1</sup> Aconteceu que, num dia de sábado, passando Jesus através das searas, os seus discípulos arrancavam e comiam as espigas, desfazendo-as com as mãos. <sup>2</sup> Alguns fariseus disseram: “Por que fazeis o que é proibido fazer ao sábado?”.

<sup>3</sup> E Jesus disse-lhes em resposta: “Não lestes o que fez Davi, quando sentiu fome, ele e os que estavam com ele? <sup>4</sup> [Não lestes] como ele entrou na casa de Deus e, tomando os pães da oferta, comeu e deu aos que estavam com ele, pães esses que só aos sacerdotes era permitido comer?”. <sup>5</sup> E disse-lhes: “Senhor é do sábado o Filho da Humanidade”.

<sup>6</sup> Aconteceu que, num outro sábado, entrou na sinagoga e começou a ensinar. Encontrava-se ali um homem cuja mão direita estava paralisada. <sup>7</sup> Observavam-no os escribas e os fariseus, para ver se iria curá-lo ao sábado, para que encontrassem um motivo de acusação contra ele.

<sup>8</sup> Conhecendo os seus pensamentos, Jesus disse ao homem da mão deformada: “Levanta-te e fica de pé, aí no meio”. Ele levantou-se e ficou de pé. <sup>9</sup> Disse-lhes Jesus: “Pergunto-vos se é permitido, ao sábado, fazer bem ou fazer mal, salvar uma vida ou perdê-la?”. <sup>10</sup> Então, olhando-os a todos em volta, disse ao homem: “Estende a tua mão”. Ele estendeu-a, e a mão ficou sã. <sup>11</sup> Os outros encheram-se de raiva e falavam entre si do que poderiam fazer contra Jesus.

<sup>12</sup> Aconteceu que, naqueles dias, Jesus foi para a montanha fazer oração e passou a noite a orar a Deus. <sup>13</sup> Quando nasceu o dia, convocou os seus discípulos e, escolhendo doze dentre eles, chamou-lhes apóstolos: <sup>14</sup> Simão, a

quem chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago, João, Filipe e Bartolomeu; 15 Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado o Zelota; 16 Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor.

17 Descendo com eles, ficou num local plano, junto com uma multidão numerosa de discípulos dele e com uma grande enchente de povo de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e da Sidônia, 18 que viera para o ouvir e ser curada das suas doenças. Os que eram atormentados por espíritos impuros ficavam curados; 19 e toda a multidão procurava tocar-lhe, pois uma força emanava dele que a todos curava.

20 Levantando os seus olhos para os discípulos, dizia:

“Bem-aventurados os mendigos,  
porque vosso é o reino de Deus.

21 Bem-aventurados os que agora tendes fome,  
porque sereis saciados.

Bem-aventurados os que chorais agora,  
porque rireis.

22 Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem e vos insultarem e rejeitarem o vosso nome como vil por causa do Filho da Humanidade.

23 Alegrai-vos e exultai nesse dia, pois eis que a vossa recompensa será grande no céu. Era da mesma maneira que os pais deles tratavam os profetas.

24 Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação!

25 Ai de vós, os que estais agora enfartados, porque tereis fome!

Ai de vós, os que agora rides,  
porque gemereis e chorareis!

26 Ai de vós, quando todas as pessoas vos elogiarem! Era precisamente assim que os pais deles tratavam os falsos profetas.

27 Mas a vós que me escutais, digo [o seguinte]: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, 28 abençoai os que vos amaldiçoam, rezai pelos que vos caluniam. 29 A quem te bater numa das faces, oferece-lhe também a outra; e a quem te levar a capa, não impeças [de levar] também a túnica. 30 Dá a todo aquele que te pede e, a quem levar o que é teu, nada reclames. 31 E tal como quereis que convosco procedam as pessoas, procedei com elas do mesmo modo.

32 Se amais aqueles que vos amam, que agradecimento mereceis? Os pecadores também amam aqueles que os amam. 33 Se fazeis bem aos que vos fazem bem, que agradecimento mereceis? Também os pecadores fazem o mesmo. 34 E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que agradecimento mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, a fim de receberem o equivalente.

35 Amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca. E será grande a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bom até para os ingratos e os iníquos. 36 Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.

37 Não julgueis para que não sejais julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados.

38 Dai e vos será dado: uma medida bela, cheia, prensada, transbordante será lançada no vosso regaço. Pela medida com que medirdes sereis medidos”.

39 Jesus disse-lhes ainda esta parábola: “Um cego não pode guiar outro cego, não? Não cairão os dois em algum buraco? 40 O discípulo não está acima do mestre. Mas todo aquele que ficou completo será como o seu mestre. 41 Porque miras o cisco no olho do teu irmão e não te dás conta da trave que está no teu próprio? 42 Como podes dizer ao teu irmão: ‘Irmão, deixa que eu tire o cisco que está no teu olho?’, tu que não vês a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás melhor para tirares o cisco do olho do teu irmão.

43 Não existe árvore boa que dê fruto podre, nem árvore podre que dê fruto bom. 44 Cada árvore conhece-se pelo seu fruto: não se colhem figos dos espinhos, nem uvas dos abrolhos.

45 A pessoa boa tira do bom tesouro do seu coração o que é bom; e a [pessoa] má, do mau tesouro tira o que é mau; pois é a partir da abundância do coração que a boca fala.

46 Por que me chamais ‘Senhor, Senhor’, e não fazeis o que eu digo? 47 Todo aquele que vem encontrar comigo e escuta as minhas palavras e as põe em prática: mostrar-vos-ei a quem ele é semelhante. 48 É semelhante a um homem que edificou uma casa: cavou, aprofundou e assentou os alicerces sobre a rocha. Sobreveio uma inundação, a torrente embateu com violência contra aquela casa



mas não a abalou, por ter sido bem edificada.

49 Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre a terra, sem alicerces. A torrente embateu contra ela e a casa ruiu imediatamente: a ruína daquela casa foi grande”.

---

6, 13 “escolhendo doze dentre eles, chamou-lhes apóstolos”: Lucas é o evangelista que mais usa a palavra “apóstolo” e só Lucas registra que tal termo foi pronunciado pela boca de Jesus.

6, 17 “Descendo com eles, ficou num local plano”: esse Sermão na Planície equivale em alguns pontos ao Sermão na Montanha de Mateus (capítulo 5).

6, 20 “Bem-aventurados os mendigos, porque vosso é o reino de Deus”: as bem-aventuranças de Lucas são mais sintéticas do que as de Mateus e têm a particularidade de a formulação usar “vós” em vez de “eles”. Sobre a semântica da palavra “mendigos”, ver Mateus 5,3\*.

6, 21 “porque ríreis” (cf. v. 25 “ai de vós, os que agora rídes”): não é clara a conotação que se pretende aqui dar ao verbo *geláo* (“rir”). Marshall (p. 251) chama a atenção para o fato de o riso associado a *geláo* no texto grego do AT ser muitas vezes um riso hostil de escárnio: o riso denunciador de comprazimento na superioridade própria e na inferioridade alheia. Assim, a ideia que subjaz a essas afirmações de Jesus pode ser, no segundo caso (v. 25), “ai de vós, os que agora estais na mó de cima (= que agora rídes), porque chegará o momento em que estareis na mó de baixo”.

6, 24 “Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação”: às bem-aventuranças de Lucas seguem-se quatro imprecizações. No primeiro caso, é dito que os ricos não receberão outra consolação (*paráklêsis*) para lá do dinheiro com que já se consolaram. Que essa consolação, à qual preferiram o dinheiro, é de natureza espiritual está claro no vocábulo *paráklêsis*, ligado a *paráklêtos*, o consolador/ auxiliador (“paracleto”) que é o espírito santo no Evangelho de João.

6, 31 “E tal como quereis que convosco procedam as pessoas, procedei com elas do mesmo modo”: cf. Mateus 7,12, em que o sentido é, de modo sutil, diferente.

6, 38 “Dai e vos será dado”: essa ideia só se encontra em Lucas.

6, 40 “todo aquele que ficou completo será como o seu mestre”: ficar completo (*katartízô*) no sentido de receber a formação completa.

## 7.

### *Jesus cura o escravo do centurião; A ressurreição do filho de uma viúva; Jesus elogia João Batista; A pecadora arrependida.*

<sup>1</sup> Depois que acabou de dizer todas as suas palavras aos ouvidos do povo, Jesus entrou em Cafarnaum. <sup>2</sup> O escravo de certo centurião estava doente e prestes a morrer, [escravo esse] que era estimado pelo amo. <sup>3</sup> Ouvindo falar de Jesus, enviou-lhe alguns anciãos judeus para lhe pedir que viesse salvar-lhe o escravo. <sup>4</sup> Chegados junto de Jesus, suplicaram-lhe com afinco: “Ele merece que faças isso, <sup>5</sup> pois ama o nosso povo e a nossa sinagoga foi ele que para nós construiu”.

<sup>6</sup> Jesus foi com eles. Não estavam já longe da casa, quando o centurião lhe mandou uns amigos, dizendo: “Senhor, não te incomodes, pois não sou [de dignidade] suficiente para que entres debaixo do meu teto; <sup>7</sup> por isso não me julguei digno de ir ao teu encontro. Mas fala apenas por palavra e o meu servo será curado. <sup>8</sup> Pois também eu sou alguém debaixo de autoridade, tendo soldados sob o meu comando; e digo a um ‘vai’ — e ele vai. E digo a outro ‘vem’ — e ele vem. E digo ao meu escravo ‘faz isto’ — e ele faz”. <sup>9</sup> Ouvindo essas palavras, Jesus sentiu admiração por ele e, voltando-se para a multidão que o seguia, disse: “Digo-vos: nem em Israel encontrei fé tamanha”. <sup>10</sup> E, de regresso à casa, os enviados encontraram o escravo de boa saúde.

<sup>11</sup> E aconteceu que Jesus se dirigiu a uma cidade chamada Naim, indo com ele os seus discípulos e uma multidão numerosa. <sup>12</sup> Quando ele se aproximou da porta da cidade, eis que levavam um defunto a sepultar, filho único da sua mãe, que era viúva; e, a acompanhá-la, vinha bastante gente da cidade. <sup>13</sup> Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: “Não chores”. <sup>14</sup> Aproximando-se, tocou no caixão. Os que o transportavam pararam. E disse: “Jovem, digo-te que te

levantes!”. 15 O morto sentou-se e começou a falar. E Jesus entregou-o à sua mãe. 16 O susto dominou todos e davam glória a Deus, dizendo: “Um grande profeta surgiu entre nós” e “Deus visitou o seu povo”. 17 E esse relato a respeito dele espalhou-se pela Judeia e por toda a região.

18 Os discípulos de João informaram-no de todos esses fatos. Chamando dois deles, João 19 mandou-os ao Senhor, dizendo: “És tu o que está vindo, ou devemos esperar outro?”. 20 Ao chegarem junto dele, os homens disseram: “João Batista mandou-nos encontrar contigo para te perguntar: ‘És tu o que está vindo, ou devemos esperar outro?’”.

21 Nessa época, Jesus curava muitos das suas doenças, padecimentos e espíritos malignos e concedia a vista a muitos cegos. 22 Disse-lhes em resposta: “Ide contar a João o que vistes e ouvistes:

*Os cegos veem, coxos andam,  
leprosos estão curados e surdos ouvem;  
mortos ressuscitam; mendigos são destinatários da boa-nova.*

23 E bem-aventurado é aquele que não se escandaliza em mim”.

24 Tendo-se retirado os mensageiros de João, Jesus começou a falar à multidão sobre ele: “Saístes para o deserto para ver o quê? Uma cana sacudida pelo vento? 25 Mas saístes para ver o quê? Alguém vestido com roupas finas? Os que usam roupas faustosas vivem no luxo e estão nos palácios dos reis. 26 Mas saístes para ver o quê? Um profeta? Digo-vos, sim, que ele é mais do que um profeta. 27 É aquele sobre quem ficou escrito:

*Eis que eu envio o mensageiro à tua frente,  
ele que preparará o caminho antes de ti.*

28 Digo-vos: maior, entre os nascidos de mulheres, do que João não há ninguém. Porém, o menor no reino de Deus é maior do que ele. 29 E todo o povo, tendo escutado, e os cobradores de impostos comprovaram a justiça de Deus, recebendo o batismo de João. 30 Mas os fariseus e os escribas anularam os desígnios de Deus a seu respeito, não se deixando batizar por ele.

31 A quem, pois, compararei os homens desta geração e a quem são semelhantes? 32 Assemelham-se a crianças sentadas na praça pública, falando umas com as outras e dizendo:

‘Tocamos flautas para vós

e não dançastes;  
cantamos um treno  
e não chorastes’.

<sup>33</sup> Veio João, o Batista, que não come pão nem bebe vinho, e dizeis: ‘Tem um demônio’. <sup>34</sup> Veio o Filho da Humanidade comendo e bebendo e dizeis: ‘Eis um comilão e um bêbado, amigo de cobradores de impostos e de pecadores’. <sup>35</sup> E a sabedoria foi comprovada na sua justiça por todos os seus filhos”.

<sup>36</sup> Convidou-o um dos fariseus para comer consigo e, entrando em casa do fariseu, tomou o seu lugar à mesa. <sup>37</sup> E eis que certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. <sup>38</sup> E colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; secava-os com os cabelos e beijava os pés dele e ungia-os com perfume.

<sup>39</sup> Vendo isso, o fariseu que o convidara disse para consigo: “Se este homem fosse profeta, saberia quem e que tipo de mulher é esta que lhe está tocando, porque é uma pecadora”.

<sup>40</sup> Então Jesus disse-lhe em resposta: “Simão, tenho uma coisa para te dizer”. Ele disse: “Fala, Mestre”. <sup>41</sup> “Dois devedores tinham um prestamista: um deles devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. <sup>42</sup> Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?”. <sup>43</sup> Simão disse em resposta: “Aquele a quem perdoou mais [dívida], creio eu”. Jesus disse-lhe: “Julgaste bem”. <sup>44</sup> E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e secou-os com os seus cabelos. <sup>45</sup> Não me deste um beijo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. <sup>46</sup> Não me ungiste a cabeça com azeite, e ela ungiu-me os pés com perfume. <sup>47</sup> Por isso, digo-te que estão perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas aquele, a quem pouco se perdoa, pouco ama”. <sup>48</sup> Depois, disse à mulher: “Os teus pecados estão perdoados”.

<sup>49</sup> Começaram então os convivas a dizer entre si: “Quem é este que até perdoa os pecados?”. <sup>50</sup> E Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou. Vai em paz”.

---

7, 7 “fala apenas por palavra e o meu servo será curado”: cf. Mateus 8,8\*.

7, 13 “Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela”: uma característica muito especial do Evangelho de Lucas é o fato de, nas partes narradas na terceira pessoa, Jesus ser dezesseis vezes referido como *Kúrios* (“Senhor”). Cf. I. de la Potterie, “Le titre Kyrioc appliqué à Jésus dans l’Évangile de Luc”, in A. Deschamps, *Mélanges Bibliques*, Gembloux, 1970, pp. 117-46.

7, 19 “És tu o que está vindo”: essa solução (com um pequeno perfume de Brasil) é a melhor hipótese de se dar conta da ideia de presente contínuo contida no participio presente substantivado *ho erkhómenos* (literalmente, “o que está vindo”).

7, 22 As citações de Isaías, aqui incrustadas nas palavras de Jesus, misturam (por ordem) Isaías 29,18, 42,18 e 26,19.

7, 27 As palavras citadas por Jesus do AT inspiram-se no Êxodo 23,20 e em Malaquias 3,1.

7, 37-38 O belíssimo episódio da mulher pecadora (*gunê hamartólós*) que entra intempestivamente para ungir Jesus com perfume, mas que acaba também, devido à força avassaladora das suas emoções, a lavar os pés de Jesus com as suas lágrimas, secando-os depois com o seu cabelo, faz inevitavelmente pensar na unção de Betânia narrada por Mateus (26,6-13), Marcos (14,3-9) e João (12,1-8). Quem será essa mulher? Para a sua classificação inequívoca como prostituta, falta a palavra-chave *pórnê*. O adjetivo grego que lhe é aplicado, *hamartólós*, implica “erro” (*hamartía*). Talvez possamos pensar nela como uma “transviada”, alguém que se enganou no seu caminho (cf., em italiano, o título da célebre ópera *La traviata*).

7, 47 “estão perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas aquele, a quem pouco se perdoa, pouco ama”: a formulação da frase em grego (*hai hamartíai hai pollai*) sustém a interpretação de que foram perdoados *todos* os pecados da mulher. O amor como circunstância mitigadora do pecado (“*porque* muito amou”) faz pensar em 1 Pedro 4,8: “acima de tudo, mantende entre vós um amor intenso, porque o *amor* cobre a *multidão dos pecados*” (as palavras em itálico citam Provérbios 10,12). Curiosa é a ideia de que aqueles que têm poucos pecados por perdoar são pessoas que pouco amam. Nessa última frase, o tempo verbal é o presente; no caso do amor da pecadora, é o aoristo (*égápêsen*: amou pontualmente no passado); e no caso dos pecados perdoados, temos o perfeito, permitindo a tradução “os teus pecados *foram e continuam perdoados*”, em virtude da força semântica do perfeito grego como resultado presente de uma ação passada.

## 8.

### *Maria Madalena e outras mulheres; A parábola do semeador; A mãe e os irmãos de Jesus; Jesus acalma a tempestade; O possesso de Gerasa; A filha de Jairo e a mulher com fluxo de sangue.*

<sup>1</sup> E aconteceu que, em seguida, Jesus ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando a boa-nova do reino de Deus e os doze iam com ele, <sup>2</sup> assim como algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e de doenças: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios; <sup>3</sup> Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes; e Susana e muitas outras, que os serviam a partir das suas próprias posses.

<sup>4</sup> Estando reunida uma grande multidão e vindo [pessoas] encontrar com ele de todas as cidades, disse esta parábola: <sup>5</sup> “Saiu o semeador para semear a sua semente. E enquanto ele semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, foi pisada e os pássaros do céu comeram-na. <sup>6</sup> Outra caiu sobre a rocha e, depois de ter germinado, secou por falta de umidade. <sup>7</sup> Outra caiu no meio de espinhos, e os espinhos, crescendo com ela, sufocaram-na. <sup>8</sup> Uma outra caiu em boa terra e, uma vez nascida, deu fruto centuplicado”.

Dizendo isso, clamava: “Quem tem ouvidos para ouvir que ouça”.

<sup>9</sup> Os discípulos perguntaram-lhe que parábola era aquela. <sup>10</sup> Disse-lhes: “A vós foi dado conhecer os mistérios do reino de Deus; mas aos outros fala-se-lhes em parábolas, *para que, vendo, não vejam; e, ouvindo, não entendam.*

<sup>11</sup> O significado da parábola é este: a semente é a palavra de Deus. <sup>12</sup> Os que estão à beira do caminho são aqueles que ouvem, mas em seguida vem o diabo e tira-lhes a palavra do coração, para não se salvarem, acreditando. <sup>13</sup> Os que estão

sobre a rocha são os que, ao ouvirem, recebem a palavra com alegria; e estes não têm raiz, estes que acreditam por algum tempo e afastam-se na hora da provação.

14 A que caiu entre espinhos são aqueles que ouviram, mas, indo pelo seu caminho, são sufocados pelas preocupações, pela riqueza, pelos prazeres da vida e não chegam a dar fruto. 15 E a que caiu em terra boa são aqueles que em [seu] coração, bonito e bondoso, a conservam e dão fruto na perseverança.

16 Ninguém, tendo acendido uma candeia, a cobre com um vaso ou a esconde debaixo da cama, mas coloca-a no candelabro, para os que entram verem a luz. 17 Pois não há coisa escondida que não venha a manifestar-se, nem oculta que não se saiba e não venha à luz.

18 Discerni como ouvis, porque àquele que tiver, lhe será dado; mas àquele que não tiver, mesmo o que julga ter ser-lhe-á tirado”.

19 Vieram ter com Jesus a mãe e os irmãos dele, mas não podiam aproximar-se por causa da multidão. 20 Foi-lhe anunciado: “A tua mãe e os teus irmãos estão lá fora e querem ver-te”. 21 Mas ele respondeu: “A minha mãe e os meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.

22 Aconteceu que, num daqueles dias, Jesus subiu para um barco com os seus discípulos e disse-lhes: “Passemos à outra margem do lago”. E fizeram-se ao largo. 23 Enquanto navegavam, adormeceu. Um turbilhão de vento desabou sobre o lago e eles ficaram inundados e em perigo. 24 Aproximaram-se dele e, despertando-o, disseram: “Mestre, Mestre, estamos morrendo!”.

E ele, levantando-se, repreendeu o vento e as águas, que se acalmaram; e veio a bonança. 25 Disse-lhes: “Onde está a vossa fé?”. Embora apavorados, estavam cheios de admiração, dizendo uns aos outros: “Quem é este homem, que até nos ventos manda e na água, e eles obedecem-lhe?”.

26 E desembarcaram na região dos gerasenos, situada em frente à Galileia. 27 Descendo ele para terra, veio ao seu encontro um homem da cidade, possesso de vários demônios que, desde havia bastante tempo, não se vestia nem morava em casa, mas nos túmulos. 28 Vendo Jesus, prostrou-se diante dele, gritando em voz alta: “O que há entre ti e mim, Jesus, filho de Deus, do Altíssimo? Peço-te que não me tortures”. 29 É que Jesus ordenava ao espírito impuro que saísse do homem, pois apoderava-se dele muitas vezes e [por isso] era preso com correntes e grilhões. Mas ele partia as cadeias e o demônio impelia-o para o deserto.

30 Jesus perguntou-lhe: “Qual é o teu nome?”. “Legião”, respondeu, porque muitos demônios tinham entrado nele. 31 E [estes] suplicavam a Jesus que não os mandasse ir para o abismo. 32 Havia ali uma vara de bastantes porcos que estava a ser apascentada no monte. Os demônios suplicaram a Jesus que os deixasse entrar neles. Ele permitiu. 33 Saindo do homem, entraram nos porcos e a vara atirou-se do alto do precipício ao lago, e afogou-se. 34 Ao verem o que se tinha passado, os guardas fugiram e levaram a notícia à cidade e aos campos.

35 As pessoas saíram para ver o que tinha acontecido. Vieram encontrar com Jesus e encontraram o homem, de quem tinham saído os demônios, sentado a seus pés, vestido e em perfeito juízo. 36 Os que tinham visto contaram-lhes como o possesso tinha sido salvo; 37 e toda a multidão da região dos gerasenos pediu a Jesus que se afastasse deles, pois estavam dominados por grande pavor. Jesus subiu para o barco e afastou-se dali.

38 O homem, de quem os demônios tinham saído, pediu-lhe para ficar com ele. 39 Mas Jesus mandou-o embora, dizendo: “Volta para a tua casa e conta todas as coisas que Deus fez por ti”. E ele foi embora, anunciando por toda a cidade tudo o que Jesus fizera.

40 Quando Jesus regressou, recebeu-o a multidão. Pois todos estavam à sua espera. 41 E eis que veio ao seu encontro um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga. Caindo aos pés de Jesus, suplicava-lhe que entrasse em sua casa, 42 porque tinha uma filha única, de uns doze anos, e ela estava a morrer. E, quando ele se dirigia para lá, as multidões apertavam-no.

43 E uma mulher que sofria de um fluxo de sangue havia doze anos, e que, tendo gastado com médicos todo o seu patrimônio, não pudera ser curada por nenhum, 44 aproximou-se por detrás e tocou-lhe na bainha do seu manto; e, naquele mesmo instante, o fluxo de sangue parou. 45 Jesus disse: “Quem é que me tocou?”. Tendo todos negado, Pedro disse: “Mestre, são as multidões que te apertam e empurram”. 46 Mas Jesus disse: “Alguém me tocou, pois senti que saiu de mim uma força”. 47 Vendo que não tinha passado despercebida, toda a tremer a mulher aproximou-se; e, caindo diante de Jesus, contou diante de todo o povo por que motivo lhe tinha tocado e como ficara imediatamente curada. 48 Disse-lhe Jesus: “Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz”.

49 Ainda ele estava falando quando sai alguém da casa do chefe da sinagoga,



dizendo: “A tua filha morreu; não incomodes o Mestre”.

<sup>50</sup> Mas Jesus, tendo ouvido tudo, respondeu: “Não tenhas medo; apenas crê e ela será salva”. <sup>51</sup> Ao chegar à casa, não deixou entrar ninguém com ele, a não ser Pedro, João e Tiago, assim como o pai da menina e a mãe. <sup>52</sup> Todos choravam e se lamentavam. Jesus disse: “Não choreis, porque ela não está morta, mas dorme”. <sup>53</sup> Eles troçavam de Jesus, sabendo que ela tinha morrido. <sup>54</sup> Mas ele, tomando-a pela mão, chamou-a, dizendo: “Menina, acorda!”. <sup>55</sup> O espírito voltou-lhe e levantou-se imediatamente. E Jesus mandou que lhe dessem de comer. <sup>56</sup> Os pais dela ficaram estupefatos, e ele ordenou-lhes que não contassem a ninguém o que tinha acontecido.

---

8, 2-3 “Maria [...] Madalena [...] Joana [...] Susana e muitas outras [...] que os serviam a partir das suas próprias posses”: a boa vontade de alguns (como a do frei Bento Domingues, em artigo publicado no jornal *Público*, 7 fev. 2016) gostaria de projetar nestes dois versículos a ideia de que as referidas mulheres têm o estatuto de “discípulas” e que a tão desejada igualdade de gênero no interior da Igreja teria, afinal, sustentação evangélica. No entanto, a realidade objetiva do que lemos no texto de Lucas sugere outra coisa: na prática, o papel dessas mulheres era não só de providenciar, mas também de financiar (do seu próprio bolso) o abastecimento necessário para o ministério de Jesus e dos seus apóstolos. A forma verbal *diëkónoun* (“serviam”) aponta para “servir na cozinha”, “servir à mesa”.

8, 10 Citação de Isaías 6,9.

8, 21 “A minha mãe e os meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”: essa rejeição dos laços de sangue em prol de laços de natureza espiritual está igualmente presente em Mateus (12,49-50) e Marcos (3,33-34). Encontramos pouco ou nenhum fundamento, nos quatro Evangelhos, para a importância dada pela atual Igreja católica à família (entendida como pai, mãe, filhos etc.). Cf. Lucas 9,61-62.

8, 26-39 Ao basear-se em Marcos para o episódio do possesso de Gerasa, Lucas repete o mesmo erro de geografia, que Mateus, pelo menos, tenta corrigir (cf. Marcos 5,13\*). Mais uma vez, os porcos fazem um trajeto de 50 km para se atirarem ao lago da Galileia.

8, 43 “tendo gastado com médicos todo o seu patrimônio”: essas palavras estão ausentes de muitos manuscritos de Lucas.

## 9.

*A missão dos doze; Herodes  
ouve falar de Jesus; A  
multiplicação dos pães e dos  
peixes; Pedro reconhece que  
Jesus é o Messias; O primeiro  
anúncio da Paixão; As  
condições para seguir Jesus; A  
transfiguração; Jesus cura um  
jovem epiléptico; O segundo  
anúncio da Paixão; O maior  
no Reino.*

<sup>1</sup> Reunindo os doze, Jesus deu-lhes poder e autoridade contra todos os demônios e para curar doenças <sup>2</sup> e enviou-os para anunciarem o reino de Deus e realizar curas. <sup>3</sup> E disse-lhes: “Nada leveis para o caminho: nem cajado, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; nem tenhais duas túnicas. <sup>4</sup> E em qualquer casa em que entrardes, lá ficai e de lá saí. <sup>5</sup> Quanto aos que vos não receberem, saí dessa cidade e sacudi o pó dos vossos pés, para servir de testemunho contra eles”. <sup>6</sup> Eles, saindo, foram pelas aldeias, anunciando a boa-nova e realizando curas por toda a parte.

<sup>7</sup> O tetrarca Herodes ouviu dizer tudo o que se passava; e não sabia o que pensar, pelo fato de ser dito por alguns que João ressuscitara dos mortos; <sup>8</sup> por outros, que Elias aparecera; e por outros, ainda, que um dos antigos profetas ressuscitara. <sup>9</sup> Herodes disse: “Eu mandei decapitar João, mas quem é este acerca de quem ouço dizer tais coisas?”. E procurava vê-lo.

<sup>10</sup> Ao regressarem, os apóstolos contaram a Jesus tudo o que tinham feito. E ele, tomando-os consigo, recolheu-se para perto de uma cidade chamada

Betsaida. <sup>11</sup> Mas as multidões, sabendo [desse fato], foram atrás dele. Recebendo-as, Jesus falou-lhes do reino de Deus e curou os que tinham necessidade de cuidados. <sup>12</sup> O dia começou a declinar. Aproximando-se os doze, disseram-lhe: “Despede a multidão, para que, indo pelas aldeias e campos em redor, [essa gente] encontre alimento e onde pernoitar, pois aqui estamos num lugar deserto”. <sup>13</sup> Disse-lhes ele: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Mas eles disseram: “Só temos cinco pães e dois peixes; a não ser que vamos nós mesmos comprar comida para todo este povo”. <sup>14</sup> Pois eram à volta de cinco mil homens. Jesus disse aos discípulos: “Mandai-os sentar por grupos de cinquenta”. <sup>15</sup> Assim fizeram e mandaram-nos sentar a todos. <sup>16</sup> Tomando os cinco pães e os dois peixes, olhou para o céu, abençoou-os, partiu-os e dava-os aos seus discípulos, para que os distribuíssem à multidão. <sup>17</sup> Comeram e todos ficaram saciados. Foi recolhido o que lhes sobrou dos pedaços [de pão]: doze cestos.

<sup>18</sup> E aconteceu que, orando ele em particular, estavam com ele os discípulos e ele interrogou-os, dizendo: “Quem as multidões dizem que eu sou?”. <sup>19</sup> Eles disseram em resposta: “João, o Batista; outros, Elias; outros [dizem que] um dos antigos profetas ressuscitou”.

<sup>20</sup> Disse-lhes ele: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Pedro tomou a palavra e respondeu: “O Cristo de Deus”.

<sup>21</sup> Repreendendo-os, Jesus ordenou-lhes que não dissessem isso a ninguém, <sup>22</sup> dizendo: “O Filho da Humanidade tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, tem de ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar”.

<sup>23</sup> Disse então a todos: “Se alguém quer vir atrás mim, que se negue a si mesmo, levante a sua cruz, dia após dia, e me siga. <sup>24</sup> Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas, quem perder a sua vida por minha causa salvá-la-á. <sup>25</sup> Pois no que fica beneficiada uma pessoa que ganhou o mundo inteiro, mas [ao mesmo tempo] se perde e se destrói a si própria?

<sup>26</sup> Pois aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras, desse se envergonhará o Filho da Humanidade, quando vier na sua glória e na glória do Pai e dos santos anjos. <sup>27</sup> Digo-vos: na verdade há alguns dos que aqui se encontram que não provarão a morte enquanto não virem o reino de Deus”.

<sup>28</sup> Aconteceu que, uns oito dias depois dessas palavras, levando consigo Pedro,

João e Tiago, Jesus subiu à montanha para orar. <sup>29</sup> Enquanto orava, o aspecto do seu rosto alterou-se, e a sua roupa fulgia, branca. <sup>30</sup> E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias <sup>31</sup> que, aparecendo rodeados de glória, falavam da sua partida, que estava prestes a cumprir-se em Jerusalém.

<sup>32</sup> Pedro e os que estavam com ele caíam de sono. Mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com ele. <sup>33</sup> E aconteceu que, quando eles iam separar-se de Jesus, Pedro disse-lhe: “Mestre, é bonito estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias”. [Falava] não sabendo o que está dizendo. <sup>34</sup> Dizendo ele essas coisas, surgiu uma nuvem que os ensombrava e, quando entraram na nuvem, ficaram aterrorizados. <sup>35</sup> E da nuvem veio uma voz que disse: “Este é o meu filho escolhido. Escutai-o”.

<sup>36</sup> E quando a voz se fez ouvir, Jesus foi encontrado só. Os discípulos guardaram silêncio e a ninguém contaram naqueles dias nada do que tinham visto.

<sup>37</sup> E aconteceu que, no dia seguinte, ao descerem da montanha, veio ao encontro de Jesus uma multidão numerosa. <sup>38</sup> E eis que, de entre a multidão, um homem gritou dizendo: “Mestre, peço-te que olhes para o meu filho, porque é o meu filho único. <sup>39</sup> Eis que um espírito se apodera dele e, de repente, começa a gritar e a sacudi-lo com violência, fazendo-o espumar. Só a custo se retira dele, deixando-o em ruínas. <sup>40</sup> Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram”.

<sup>41</sup> Jesus respondeu: “Ó geração descrente e revirada! Até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Traz aqui o teu filho”.

<sup>42</sup> E, quando ele se aproximava, o demônio atirou-o ao chão e sacudi-o violentamente. Jesus, porém, ameaçou o espírito impuro, curou o menino e entregou-o ao pai. <sup>43</sup> E todos se maravilhavam com a grandeza de Deus.

Estando todos espantados com tudo o que ele fazia, Jesus disse aos seus discípulos: <sup>44</sup> “Ponde estas palavras nos vossos ouvidos: o Filho da Humanidade está prestes a ser entregue nas mãos dos homens”.

<sup>45</sup> Eles, porém, não compreendiam esse discurso, que lhes estava velado para que não percebessem; e receavam interrogá-lo a esse respeito.

<sup>46</sup> Surgiu então uma discussão entre eles, sobre qual deles seria o maior. <sup>47</sup> Conhecendo Jesus os seus pensamentos, tomou uma criança, colocou-a junto de

si 48 e disse-lhes: “Quem receber esta criança em meu nome, é a mim que recebe, e quem receber a mim, recebe aquele que me enviou; pois quem for o menor entre todos vós, esse é o grande”.

49 João disse em resposta: “Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome e impedimo-lo, porque ele não te segue conosco”. 50 Jesus disse-lhe: “Não o impeçais, pois quem não é contra vós é por vós”.

51 Aconteceu que, quando estavam a chegar os dias de ser levado [deste mundo], Jesus dirigiu-se com rosto determinado para Jerusalém. 52 Enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram numa aldeia de samaritanos, a fim de lhe prepararem hospedagem. 53 Mas não o receberam, porque o seu rosto estava voltado para Jerusalém.

54 Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: “Senhor, queres que digamos que desça *fogo do céu e os consuma?*”. 55 Mas ele, voltando-se, repreendeu-os. 56 E foram para outra povoação.

57 Enquanto iam a caminho, disse-lhe alguém: “Seguir-te-ei para onde quer que fores”. 58 Jesus respondeu-lhe: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho da Humanidade não tem onde reclinar a cabeça”.

59 E disse a outro: “Segue-me”. Mas ele respondeu: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar o meu pai”. 60 Jesus disse-lhe: “Deixa que os mortos sepultem os seus mortos. Quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus”.

61 Disse-lhe ainda outro: “Seguir-te-ei, Senhor, mas primeiro permite que me despeça da minha família”. 62 Jesus respondeu-lhe: “Ninguém que põe a mão ao arado e depois olha para trás está apto para o reino de Deus”.

---

9, 16 “Tomando os cinco pães e os dois peixes, olhou para o céu, abençoou-os, partiu-os e dava-os”: Lucas, como Marcos (6,43), usa aqui o imperfeito (“dava-os”). Na passagem correspondente, Mateus (14,19) usa o aoristo.

9, 18-25 Sobre a Transfiguração de Jesus, ver nota introdutória ao capítulo 17 de Mateus.

9, 41 “Ó geração descrente e revirada!”: ver Mateus 17,17\*.

9, 50 “quem não é contra vós é por vós”: em Marcos (9,40), Jesus diz “nós” em vez de “vós”.

9, 54 A citação do AT inspira-se em 2 Reis 1,10.

9, 61 “primeiro permite que me despeça da minha família”: a palavra “família” traduz anacronicamente uma expressão que ao pé da letra significa “os que estão em minha casa”. A nossa noção de família é anacrônica se a quisermos aplicar à realidade da época de Jesus, em que a “casa” reunia familiares e escravos sob a autoridade do “déspota da casa” (em grego *oikodespótês*), ou “pai de família” [*paterfamilias*] em latim.

Sobre o desprezo de Jesus em relação aos laços de parentesco familiar, ver 8,21\*.

## 10.

*A missão dos setenta  
discípulos; A lamentação  
sobre as cidades do lago; O  
regresso dos discípulos; Jesus  
sente alegria; O mandamento  
do amor; O bom samaritano;  
Marta e Maria.*

<sup>1</sup> Depois disso, o Senhor designou outros setenta [discípulos] e enviou-os dois a dois à sua frente para toda a cidade e lugar aonde ele próprio estava para chegar. <sup>2</sup> Disse-lhes: “A colheita é muita, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita. <sup>3</sup> Ide. Eis que vos envio como cordeiros no meio de lobos. <sup>4</sup> Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias; e não cumprimenteis ninguém pelo caminho. <sup>5</sup> Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘Paz para esta casa’. <sup>6</sup> Se lá houver algum filho da paz, sobre ele descansará a vossa paz; se não, voltará para vós. <sup>7</sup> Ficai nessa casa, comendo e bebendo do que eles tiverem, pois o trabalhador é digno do seu salário. Não andeis de uma casa para outra. <sup>8</sup> Em qualquer cidade em que entrardes e vos receberem, comei do que vos for servido, <sup>9</sup> curai os doentes que nela houver e dizei-lhes: ‘Ficou mais próximo de vós o reino de Deus’. <sup>10</sup> Mas, em qualquer cidade em que entrardes e não vos receberem, saí à praça pública e dizei: <sup>11</sup> ‘Até o pó da vossa cidade, que se pegou aos nossos pés, sacudimos, para vo-lo deixar. No entanto, ficai sabendo que ficou próximo o reino de Deus’.

<sup>12</sup> Digo-vos que naquele dia será mais tolerável para Sodoma do que para aquela cidade. <sup>13</sup> Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e na Sidônia tivessem acontecido os milagres que entre vós se realizaram, há muito que se teriam arrependido, vestidas de saco e na cinza. <sup>14</sup> Por isso, no dia do juízo, haverá mais tolerância para Tiro e Sidônia do que para vós. <sup>15</sup> E tu,

Cafarnaum, não é que queres ser elevada ao céu? Até o inferno tu cairás. 16 Quem vos ouve, ouve a mim; e quem vos rejeita, rejeita a mim; e quem me rejeita, rejeita Aquele que me enviou”.

17 Voltaram os setenta discípulos cheios de alegria, dizendo: “Senhor, até os demônios se sujeitaram a nós no teu nome”. 18 Disse-lhes ele: “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago. 19 Eis que vos dei poder para pisar aos pés serpentes e escorpiões e domínio sobre todo o poder do inimigo; nada vos lesará. 20 Mas não vos alegreis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos, antes, por terem ficado os vossos nomes escritos no céu”.

21 Nesse momento, Jesus sentiu alegria sob a ação do espírito santo e disse: “Louvo-te, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas de sábios e de inteligentes e as revelaste aos que não podem falar. Sim, Pai, pois assim se deu aprazimento diante de ti. 22 Tudo me foi dado pelo meu Pai e ninguém conhece quem é o filho a não ser o Pai e ninguém conhece quem é o Pai a não ser o filho e aquele a quem o filho O quiser revelar”.

23 Voltando-se, depois, para os discípulos, disse-lhes em particular: “Bem-aventurados os olhos que veem o que vedes. 24 Pois eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvis e não ouviram”.

25 E eis que se levantou um doutor da lei, pondo-o à prova e dizendo: “Mestre, é fazendo o quê que herdarei a vida eterna?”. 26 Disse-lhe Jesus: “O que está escrito na lei? Como lê?”.

27 O outro respondeu: “*Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento e ao próximo [amarás] como a ti mesmo*”. 28 Disse-lhe Jesus: “Respondeste bem. Faz isso e viverás”. 29 Porém ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?”.

30 Respondendo, Jesus disse: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu entre salteadores que, depois de o despirem e espancarem, o abandonaram, deixando-o meio morto. 31 Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. 32 Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

33 Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, compadeceu-se. 34 Aproximando-se, ligou-lhe as feridas, jogando nelas azeite e



vinho, colocou-o sobre a própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. <sup>35</sup> No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro e disse: ‘Trata dele e, o que gastares a mais, eu te pagarei quando voltar’. <sup>36</sup> Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?’.

<sup>37</sup> Respondeu: “O que praticou misericórdia com ele”. Jesus disse-lhe: “Vai e também tu faz o mesmo”.

<sup>38</sup> Continuando o seu caminho, Jesus entrou numa aldeia. Uma mulher, de nome Marta, recebeu-o. <sup>39</sup> Tinha ela uma irmã, chamada Maria, a qual, sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra. <sup>40</sup> Marta, por seu lado, andava de um lado para o outro com muitos serviços. Aproximando-se, disse: “Senhor, não te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe que venha me ajudar!”.

<sup>41</sup> O Senhor disse-lhe em resposta: “Marta, Marta, estás preocupada e agitada com muitas coisas; <sup>42</sup> mas necessidade [só] há de uma coisa. Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada”.

---

10, 1 Estes setenta discípulos só figuram no Evangelho de Lucas.

10, 19 “Eis que vos dei poder para pisar aos pés serpentes e escorpiões e domínio sobre todo o poder do inimigo; nada vos lesará”: sobre o problema de levar essas palavras ao pé da letra, cf. p. 25, nota 5.

10, 21 “Jesus sentiu alegria sob a ação do espírito santo”: esse estremecimento de alegria sentido por Jesus é único nos quatro Evangelhos.

10, 27 Levítico 19,18.

10, 30-37 A parábola do Bom Samaritano é exclusiva do Evangelho de Lucas.

10,30 “Respondendo”: trata-se da única ocorrência no NT em que o verbo *hupolambánō* (apenas usado por Lucas e pelo autor da 3ª Carta de João) tem o sentido de “responder”.

— “Certo homem”: parece-me inverossímil a interpretação proposta por H. Binder (“Das Gleichnis vom barmherzigen Samariter”, *Theologische Zeitschrift* 15, 1959, pp. 176-94) de que esse homem, a vítima do assalto e do espancamento, representa Jesus. Ver 10,33\*.

10, 31 “Por coincidência”: trata-se da única ocorrência no NT da palavra *sunkuría* (“coincidência”).

10, 32-33 “levita [...] samaritano”: é preciso não esquecer quanto os levitas eram respeitados na sociedade judaica do tempo de Jesus e quanto os samaritanos eram odiados e vistos pelos judeus como “raça rafeira e apóstata” (cf. Barrett, p. 350).

10, 33 “vendo-o, compadeceu-se”: a utilização aqui do verbo *splanchnízomai* (“condoer-se visceralmente”) é sugestiva, dando a entender que, atrás da máscara do Bom Samaritano, está a figura do próprio Jesus. Com efeito, das onze vezes (cf. Mateus 9,36\*) que o verbo aparece em Mateus, Marcos e Lucas, é sempre usado com referência a Jesus ou a personagens que ele apresenta como alter egos de si próprio. É o caso do rei que

perdoa as dívidas em Mateus (18,27); em Lucas, além do Bom Samaritano, temos o pai do Filho Pródigo, que se condói visceralmente ao ver o estado em que o filho regressa à casa (15,20).

10, 34 “ligou-lhe as feridas, jogando nelas azeite e vinho”: a atenção a esse pormenor pode ter sugestionado a profissão atribuída ao “caríssimo Lucas” em Colossenses 4,14: médico.

10, 42 “Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada”: a palavra “parte” (*merís*) poderia eventualmente ser entendida como se entende “parte” (*méros*) em 12,26, Mateus 24,51 e João 13,8, isto é, no sentido de “lugar”. Segundo essa hipótese, Jesus estaria aqui dizendo: “Maria escolheu o bom lugar, que não lhe será tirado”. Sendo esse bom lugar estar simplesmente sentada aos pés de Jesus.

## 11.

### *O Pai-Nosso; Jesus e Belzebu; A verdadeira bem- aventurança; O sinal de Jonas; A luz da fé; Jesus condena os fariseus.*

<sup>1</sup> E aconteceu que, estando ele num certo lugar a orar, quando parou disse-lhe um dos seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar, tal como João ensinou os discípulos dele”. <sup>2</sup> Disse-lhes então Jesus: “Quando orardes, dizei:

Pai,

seja santificado o Teu nome.

Venha o Teu reino.

<sup>3</sup> Dá-nos cada dia o nosso pão de amanhã.

<sup>4</sup> E perdoa os nossos erros,

pois também nós perdoamos a quem nos está a dever.

E não nos leves para a tentação”.

<sup>5</sup> E Jesus disse-lhes: “Quem entre vós terá um amigo e se dirigirá a ele no meio da noite e lhe dirá: ‘Amigo, empresta-me três pães, <sup>6</sup> visto que compareceu um amigo meu que está de viagem e não tenho nada para pôr diante dele?’. <sup>7</sup> E aquele, respondendo de dentro de casa, dirá: ‘Não me maces. A porta já está fechada e os meus filhos já estão comigo na cama. Levantei-me, mas não te posso dar [os pães]’. <sup>8</sup> Eu vos digo que embora ele tenha se levantado e não dê porque é seu amigo, mesmo assim se levanta e, por causa do descaramento dele, lhe dará tanto quanto ele precisar. <sup>9</sup> Pedi e vos será dado; procurai e encontrareis; batei [à porta] e ela vos será aberta. <sup>10</sup> Pois todo aquele que pede, recebe; e quem procura, encontra; e a quem bater [à porta], ela lhe será aberta. <sup>11</sup> O filho pedirá um peixe a qual de vós, [seu] pai, e, em vez do peixe, [o pai] lhe dará uma cobra? <sup>12</sup> E se pedir um ovo, lhe será um escorpião? <sup>13</sup> Se vós, sendo iníquos, sabeis dar

coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai, o do céu, dará um espírito santo àqueles que lhe pedem!”.

14 E Jesus estava a expulsar um demônio mudo. Aconteceu que, tendo saído o demônio, o [homem] mudo falou. E as multidões espantaram-se. 15 Alguns deles disseram: “É [apoiado] em Belzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios”. 16 Outros, pondo-o à prova, procuravam um sinal do céu da parte dele. 17 Ele, sabendo os pensamentos deles, disse-lhes: “Todo o reino dividido contra si próprio fica deserto; e cai casa contra casa. 18 Se também Satanás for dividido contra si próprio, como permanecerá o seu reino? Pois dizeis que expulso demônios [apoiado] em Belzebu. 19 Se eu expulso os demônios [apoiado] em Belzebu, em quem os expulsam os vossos filhos? Por isso eles próprios serão os vossos juízes. 20 Mas se eu expulsar os demônios apoiado no dedo de Deus, então antecipou-se sobre vós o reino de Deus. 21 Quando o homem forte, armado, guarda a sua casa, em paz estão os seus haveres. 22 Mas quando vem um mais forte e o vence, tira a sua armadura, em que confiou, e divide os despojos dele. 23 Quem não está comigo está contra mim; e quem não junta comigo, dispersa.

24 Quando o espírito impuro sai de uma pessoa, atravessa lugares sem água procurando descanso e não encontra. Diz: ‘Voltarei para a minha casa de onde saí’. 25 E chegando encontra-a varrida e bem-arrumada. 26 Então vai e leva consigo sete outros espíritos piores do que ele e, entrando, acomodam-se lá. E o último estado daquela pessoa torna-se pior do que o primeiro”.

27 Aconteceu que, enquanto ele dizia essas coisas, certa mulher da multidão, tendo levantado a voz, lhe disse: “Bem-aventurado é o ventre que te carregou e os seios que tu mamaste!”. 28 Mas Jesus disse: “Não, bem-aventurados são antes aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.

29 Empurrando-se as multidões, ele começou a dizer: “Esta geração é uma geração iníqua. Procura um sinal e nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal de Jonas. 30 Tal como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim será o Filho da Humanidade para esta geração. 31 Uma rainha do Sul será levantada no juízo contra os homens desta geração e há de condená-los, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão: e eis que aqui [está algo de] maior do que Salomão. 32 Os ninivitas serão levantados no juízo contra esta geração e hão

de condená-la. Porque eles arrependeram-se perante a pregação de Jonas; e eis que aqui [está algo de] maior do que Jonas.

33 Ninguém acende uma candeia e a esconde, mas coloca-a em cima do candelabro, para que aqueles que entram vejam a luz.

34 A candeia do corpo é o teu olho. Quando o teu olho for simples, também todo o teu corpo é luminoso. Se [o teu olho] for iníquo, também sombrio é o teu corpo. 35 Olha que a luz em ti não seja escuridão. 36 Porque se o teu corpo é todo luminoso, não tendo parte escura, será todo luminoso, como quando a candeia te ilumina com o seu raio de luz”.

37 Enquanto ele falava, um fariseu convida-o para jantar com ele. Tendo entrado, Jesus sentou-se à mesa. 38 O fariseu espantou-se por ver que Jesus não se lavava primeiro antes do jantar. 39 Disse-lhe o Senhor: “Agora vós, os fariseus, limpais a parte exterior do copo e do prato, mas a vossa parte de dentro está cheia de rapina e de iniquidade. 40 Insensatos! Quem fez a parte de fora não fez também a parte de dentro? 41 Mas dai as coisas interiores [como] esmola e eis que todas as coisas estão limpas para vós.

42 Mas ai de vós, fariseus, porque pagais o dízimo da hortelã e da arruda e de toda erva — e negligenciais o juízo e o amor de Deus. Devíeis praticar essas coisas, sem omitir aquelas.

43 Ai de vós, fariseus, porque amais o primeiro assento nas sinagogas e as saudações nas praças públicas.

44 Ai de vós, pois sois como sepulturas anônimas e as pessoas passam por cima e não se apercebem”.

45 Um dos doutores da lei, respondendo, diz-lhe: “Mestre, ao dizeres essas coisas estás também a insultar-nos”.

46 Mas Jesus disse: “Ai de vós, doutores da lei, porque carregais as pessoas com fardos difíceis de carregar, quando vós nem com um dedo tocais nos fardos.

47 Ai de vós, que construíis os túmulos dos profetas que os vossos pais mataram. 48 Por isso sois testemunhas e coniventes com os trabalhos dos vossos pais: eles mataram-nos; vós construíis[-lhes os túmulos]. 49 Por isso, a sabedoria de Deus disse: ‘Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos e destes matarão e perseguirão [alguns], 50 para que se peça contas a esta geração em relação ao sangue de todos os profetas derramado desde a fundação do mundo, 51 desde o sangue de Abel

até ao sangue de Zacarias, que pereceu entre o altar e a casa'. Sim, digo-vos: serão pedidas contas a esta geração.

52 Ai de vós, doutores da lei, porque tirastes a chave do conhecimento. Vós próprios não entraís e impedís [o ingresso] aos que estão a entrar”.

53 Tendo ele saído, começaram os escribas e os fariseus a pressioná-lo terrivelmente e a provocá-lo a falar sobre muitas coisas, 54 fazendo-lhe emboscadas para o caçar em relação a algo que [saísse] da boca dele.

---

11, 1-4 Sobre o “Pai-Nosso”, ver Mateus 6,9-13\*. Tal como sucede no caso do Sermão na Montanha com as suas bem-aventuranças no capítulo 5 de Mateus, também aqui somos levados a suspeitar que Mateus pôde ler Lucas, mas Lucas não leu Mateus. Dificilmente se aceita que Lucas, tendo lido o mais profundo e complexo “Pai-Nosso” de Mateus, possa ter optado por essa sua versão; por outro lado, é bem mais verossímil que Mateus, tendo tido conhecimento do Pai-Nosso na versão de Lucas, possa ter querido registrar uma versão mais completa.

11, 3 “Dá-nos cada dia o nosso pão de amanhã”: a frase correspondente em Mateus (6,11) é “dá-nos já hoje o nosso pão de amanhã”. Mateus usa o imperativo aoristo (que sugere uma ação mais pontual e imediata); Lucas usa o imperativo presente, que transmite a ideia de uma ação contínua.

11, 4 “perdoa os nossos erros”: os “erros” (*hamartíai*) de Lucas são “dívidas” (*opheilēmata*) em Mateus (e em alguns manuscritos de Lucas).

11, 5-8 A parábola do Amigo Inoportuno é exclusiva do Evangelho de Lucas.

11, 8 “Eu vos digo que embora ele tenha se levantado e não dê porque é seu amigo, mesmo assim se levanta e, por causa do descaramento dele, lhe dará tanto quanto ele precisar”: este versículo tem uma redação muito contorcida no original grego. A tradução tenta conciliar as exigências (aqui um pouco contrárias) da inteligibilidade e da literalidade. A palavra grega para “descaramento” é *anaideia*, literalmente “desvergonha”. O Amigo Inoportuno é, na verdade, um Amigo Desavergonhado.

11, 13 “Se vós, sendo iníquos, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai, o do céu, dará um espírito santo àqueles que lhe pedem!”: este versículo de Lucas tem um remate bem diferente do correspondente em Mateus (7,11): “Se vós, sendo iníquos, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai, o nos céus, dará coisas boas àqueles que lhe pedem!”.

11, 27 “certa mulher da multidão, tendo levantado a voz, lhe disse: ‘Bem-aventurado é o ventre que te carregou e os seios que tu mamaste!’”: a mulher anônima da multidão bem tenta abrir a janela do marianismo [...] mas Jesus nem lhe concede uma abertura: “Não, bem-aventurados são antes aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.

11, 41 “Mas dai as coisas interiores [como] esmola e eis que todas as coisas estão limpas para vós”: este versículo é de difícil entendimento quanto à sua organização gramatical, pois não são claras as relações entre os sintagmas da frase. Outra possibilidade de tradução seria (tomando “as coisas interiores” como acusativo de relação) “mas dai esmola em relação às coisas interiores”; o sentido, porém, não fica mais claro. O que serão essas “coisas interiores”, “as coisas que são dentro” (*tà enón̄ta*)? A rapina e a iniquidade — coisas que a dádiva de esmola pode limpar?

11, 42 “negligenciais o juízo e o amor de Deus”: trata-se da única ocorrência da palavra “amor” no Evangelho de Lucas.

11, 54 “fazendo-lhe emboscadas para o caçar em relação a algo que [saísse] da boca dele”: é muito clara aqui a linguagem cinegética, com os verbos próprios da atividade venatória como *enedreúô* (“fazer uma emboscada”) e *théreuô* (“caçar”), sendo que *thêr* significa “besta selvagem”, o que reforça a ideia dos fariseus como predadores e a da vítima como ente em relação ao qual não haverá dó nem piedade.

## 12.

### *O perigo da ganância; A parábola do rico insensato; O tesouro do céu; A parábola do administrador infiel; Jesus causa de conflitos familiares.*

<sup>1</sup> Entretanto, tendo-se reunido tantos milhares da multidão a ponto de se pisarem uns aos outros, Jesus começou a falar primeiro para os seus discípulos: “Estai atentos ao fermento — que é a hipocrisia — dos fariseus. <sup>2</sup> Nada há de escondido que não será revelado; e nada [há] de secreto que não será conhecido. <sup>3</sup> Em vez disso, todas as coisas que dissestes na escuridão serão ouvidas na luz e aquilo que dissestes ao ouvido no interior das casas será proclamado de cima das casas.

<sup>4</sup> Pois eu vos digo, meus amigos, que não temais os que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer. <sup>5</sup> Mostrar-vos-ei quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem autoridade [para vos] lançar na geena. Sim, digo-vos: temei esse. <sup>6</sup> Cinco pardais não são vendidos por duas moedas? E nenhum deles passa despercebido diante de Deus. <sup>7</sup> Mas até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais: valeis mais do que muitos pardais.

<sup>8</sup> Digo-vos que todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, também o Filho da Humanidade se declarará por ele diante dos anjos de Deus. <sup>9</sup> Aquele que me tiver negado diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus.

<sup>10</sup> E todo aquele que disser uma palavra contra o Filho da Humanidade [isso] lhe será perdoado; mas àquele que tiver blasfemado contra o espírito santo nunca será perdoado.

<sup>11</sup> Quando vos levarem às sinagogas, aos magistrados e às autoridades, não vos preocupeis como vos defendereis ou como falareis, <sup>12</sup> pois o espírito santo vos



ensinará naquela hora o que deveis dizer”.

13 Disse-lhe alguém dentre a multidão: “Mestre, diz ao meu irmão que reparta a herança comigo”. 14 Ele respondeu: “Homem, quem me nomeou juiz ou encarregado das vossas partilhas?”. 15 E disse-lhes: “Olhai, guardai-vos de toda a ganância, porque a vida de alguém não consiste na abundância das suas posses”.

16 Disse-lhes, então, esta parábola: “A terra de um homem rico deu uma grande colheita. 17 Ele debatia consigo mesmo, dizendo: ‘Que farei, uma vez que não tenho onde guardar a minha colheita?’”. 18 E disse: ‘Farei isto: ponho abaixo os meus celeiros, construo uns maiores e guardarei lá o meu trigo e todos os meus bens. 19 Depois, direi à minha alma: ‘Alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos; descansa, come, bebe e alegra-te’. 20 Porém Deus disse-lhe: ‘Insensato! Nesta mesma noite, vai ser reclamada a tua vida; e o que acumulaste para quem será?’”. 21 Assim [acontecerá a] quem amontoa para si e não é rico em relação a Deus”.

22 Em seguida, disse aos discípulos: “É por isso que vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida, com o que haveis de comer, nem quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir; 23 pois a vida é mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário. 24 Reparai nos corvos, já que eles não semeiam nem colhem, não têm despensa nem celeiro, e Deus alimenta-os. Quanto mais não valeis vós do que os pássaros! 25 E quem de vós, pelo fato de se inquietar, pode acrescentar um côvado à extensão da sua vida? 26 Se nem o mínimo conseguis fazer, por que vos preocupeis com as outras coisas? 27 Reparai nos lírios, como crescem! Não trabalham nem fiam; pois eu vos digo: nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. 28 Se Deus veste assim a erva, que hoje está no campo e amanhã é lançada no fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé! 29 Não procureis o que haveis de comer ou beber, nem vos preocupeis, 30 pois as pessoas do mundo é que andam à procura de todas essas coisas; mas o vosso Pai sabe que tendes necessidade delas. 31 Procurai, antes, o seu reino e o resto vos será dado por acréscimo. 32 Não temais, ó pequeno rebanho, porque aprouve ao vosso Pai vos dar o reino.

33 Vendei os vossos bens e dai-os como esmola. Arranjai para vós bolsas que não envelheçam, um tesouro imperdível no céu, onde o ladrão não se aproxima e a traça não rói. 34 Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso

coração.

35 Estejam *cingidos os vossos lombos* e acesas as vossas lâmpadas. 36 Sede semelhantes aos homens que esperam o seu senhor ao voltar da boda, para que, quando ele chegar e bater [à porta], logo lha abram. 37 Felizes aqueles escravos a quem o senhor, quando vier, encontrar vigilantes! Amém vos digo que irá cingir-se, pô-los-á à mesa e os servirá. 38 E, se vier pela segunda ou terceira vigia [da noite], e os encontrar assim, bem-aventurados serão aqueles.

39 Sabei isto: se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão, não teria deixado arrombar a sua casa. 40 Também vós estai preparados, porque o Filho da Humanidade chega na hora em que menos pensais”.

41 Pedro disse-lhe: “Senhor, é para nós que dizes essa parábola, ou é para todos?”. 42 O Senhor disse: “Quem é, pois, o administrador fiel e prudente, que o amo porá à frente do seu pessoal para lhe dar, a seu tempo, a ração de trigo? 43 Bem-aventurado o escravo, que o amo, quando vier, encontrar fazendo assim. 44 Digo-vos verdadeiramente que o porá à frente de todos os seus bens. 45 Mas se aquele escravo disser no seu coração: ‘O meu senhor tarda em vir’ e começar a espancar [os outros] escravos e escravas, a comer, a beber e a embriagar-se, 46 chegará o amo daquele escravo no dia em que ele menos espera e a uma hora que ele não sabe; então irá cortá-lo ao meio e dar-lhe um lugar com os infiéis. 47 O escravo que, conhecendo a vontade do seu senhor, não se preparou e não agiu conforme os seus desejos, será esfolado com muitas [chicotadas]. 48 Aquele, porém, que, sem a conhecer, fez coisas dignas de chicotadas, apenas será esfolado com algumas. A todo aquele a quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito será pedido.

49 Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como eu queria que ele já tivesse sido ateado! 50 Tenho um batismo para [com ele] ser batizado — e como terei de passar até que ele se realize! 51 Julgais que vim para estabelecer a paz na terra? Não, digo-vos, mas antes a cisão. 52 Porque, daqui por diante, estarão cinco divididos numa só casa: três contra dois e dois contra três. 53 Vão dividir-se pai contra filho e *filho contra pai*, mãe contra a filha e *filha contra a mãe*, sogra contra a nora e *nora contra a sogra*”.

54 Dizia também às multidões: “Quando vedes uma nuvem levantar-se do poente, dizeis de imediato: ‘Vem chuva’; e assim acontece. 55 E quando sopra o

vento sul, dizeis: ‘Vai haver calor’; e assim acontece. <sup>56</sup> Hipócritas, sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu; como é que não sabeis reconhecer o tempo presente?

<sup>57</sup> Por que não julgais por vós mesmos o que é justo? <sup>58</sup> Por isso, quando fores com o teu adversário ao magistrado, no caminho procura resolver o assunto, não vá ele entregar-te ao juiz, o juiz ao oficial de justiça e o oficial de justiça pôr-te na prisão. <sup>59</sup> Digo-te que não sairás de lá, antes de pagares até a última moeda”.

---

12, 35 *cingidos os vossos lombos*: Êxodo 12,11.

12, 46 “então irá cortá-lo ao meio e dar-lhe um lugar com os infieis”: cf. Mateus 24,51\*.

12, 53 As citações dizem respeito a Miqueias 7,6.

## 13.

*A figueira estéril; Jesus cura  
uma mulher ao sábado; A  
parábola do grão de  
mostarda; A parábola do  
fermento; A porta estreita; Os  
fariseus avisam Jesus de que  
Herodes o quer matar;  
Lamentação sobre Jerusalém.*

<sup>1</sup> Compareceram alguns naquela altura falando-lhe acerca dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios deles. <sup>2</sup> Respondeu-lhes: “Julgais que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros galileus, porque assim sofreram? <sup>3</sup> Não, digo-vos; mas se não mudardes de mentalidade, todos assim perecereis. <sup>4</sup> E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé, matando-os: pensais que eram mais culpados que todos os habitantes de Jerusalém? <sup>5</sup> Não, digo-vos; mas, se não mudardes de mentalidade, todos da mesma forma perecereis”.

<sup>6</sup> Disse-lhes, também, a seguinte parábola: “Alguém tinha uma figueira plantada na sua vinha e foi lá procurar fruto, mas não encontrou. <sup>7</sup> Disse ao vinhateiro: ‘Eis que há três anos que venho procurar fruto nesta figueira e não encontro. Corta-a; para que ela está ocupando a terra?’. <sup>8</sup> Ele, porém, respondeu-lhe: ‘Senhor, deixa-a mais este ano, para que eu possa escavar a terra em volta e deitar-lhe estrume. <sup>9</sup> Se der frutos na próxima estação, ficará; se não [for esse o caso], cortá-la-ás”.

<sup>10</sup> Jesus estava a ensinar numa das sinagogas. <sup>11</sup> E eis uma mulher com um espírito de cansaço havia dezoito anos; e andava curvada e não conseguia endireitar-se completamente. <sup>12</sup> Vendo-a, Jesus chamou-a e disse-lhe: “Mulher,

foste liberta do teu cansaço”. 13 E impôs-lhe as mãos. No mesmo instante, ela endireitou-se e começou a dar glória a Deus.

14 Reagindo, o chefe da sinagoga, indignado por ver que Jesus fazia uma cura ao sábado, disse à multidão: “Seis dias há durante os quais se deve trabalhar. Pois nesses dias vinde para serdes curados — e não em dia de sábado”. 15 O Senhor, respondendo-lhe, disse: “Hipócritas, não solta cada um de vós, aos sábados, o seu boi ou o seu burro da manjedoura e o leva a beber? 16 E essa mulher, sendo filha de Abraão, presa por Satanás há dezoito anos, não deveria ser libertada dessa prisão em um sábado?”. 17 Dizendo isso, envergonhavam-se todos os seus adversários e a multidão alegrava-se com todas as maravilhas que ele realizava.

18 Dizia, então: “A que é semelhante o reino de Deus e a que posso compará-lo? 19 É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e atirou para o seu jardim. Cresceu, tornou-se uma árvore e *os pássaros do céu vieram abrigar-se nos seus ramos*”.

20 Disse ainda: “A que posso comparar o reino de Deus? 21 É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou com três medidas de farinha até tudo ficar levedado”.

22 Jesus percorria cidades e aldeias, ensinando e seguindo caminho até Jerusalém.

23 Disse-lhe alguém: “Senhor, são poucos os que se salvam?”. Ele disse-lhes: 24 “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque muitos — eu vos digo — procurarão entrar e não conseguirão. 25 Uma vez que o dono da casa se levante e feche a porta, ficareis fora e batereis, dizendo: ‘Senhor, abre-nos!’. Mas ele, respondendo, vos dirá: ‘Não sei de onde sois’. 26 Então começareis a dizer: ‘Comemos e bebemos contigo e tu ensinaste nas nossas praças’. 27 Responder-vos-á, dizendo: ‘Repito-vos que não sei de onde sois. *Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade*’. 28 Lá haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas no reino de Deus, e vós postos fora. 29 E virão do oriente, do ocidente, do norte e do sul, sentar-se à mesa no reino de Deus. 30 E eis que há últimos que serão primeiros e primeiros que serão últimos”.

31 Naquela época, aproximaram-se dele alguns fariseus, que lhe disseram: “Vai-te embora e sai daqui, porque Herodes quer matar-te”. 32 E Jesus disse-lhes: “Ide dizer a essa raposa: eis que expulso demônios e realizo curas, hoje e amanhã; ao

terceiro dia, terei chegado ao meu termo. <sup>33</sup> Mas hoje, amanhã e depois devo seguir o meu caminho, porque não é possível que um profeta morra fora de Jerusalém. <sup>34</sup> Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados. Quantas vezes eu te quis juntar os teus filhos, como a ave junta a sua ninhada debaixo das asas, e não quiseste! <sup>35</sup> Eis que ficará deserta a vossa casa. Digo-vos: não me vereis até o dia em que digais *Bendito o que vem em nome do Senhor*”.

---

13, 1 “Compareceram alguns naquela altura falando-lhe acerca dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios deles”: não é claro se esse incidente tem alguma base histórica. O que se depreende das palavras de Lucas (e só ele, dentre os evangelistas, menciona esse assunto) é que certos galileus teriam sido mortos pelas autoridades romanas enquanto sacrificavam no templo.

13, 11 “eis uma mulher com um espírito de cansaço havia dezoito anos”: a expressão “espírito de cansaço” traduz literalmente *pneuma asthenéias*. Essa mulher “astênica” sofreria de um mal de coluna que, da perspectiva da imaginação popular da época, seria causado por possessão demoníaca.

13, 19 *os pássaros do céu vieram abrigar-se nos seus ramos*: Salmo 103,12.

13, 27 *Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade*: Salmo 6,9.

13, 35 *Bendito o que vem em nome do Senhor*: Salmo 118,26.

## 14.

### *Jesus cura um hidrópico ao sábado; A humildade; A parábola do grande banquete; A renúncia.*

<sup>1</sup> E aconteceu que, entrando ele em casa de um dos principais fariseus para comer pão em dia de sábado, todos o observavam. <sup>2</sup> Achava-se ali, diante dele, um hidrópico. <sup>3</sup> E Jesus, respondendo, disse aos doutores da lei e aos fariseus: “É permitido ou não curar aos sábados?”. <sup>4</sup> Mas eles ficaram calados. Tomando-o, então, pela mão, curou-o e mandou-o embora. <sup>5</sup> E disse-lhes: “Qual de vós, se o seu filho ou o seu boi cair em um poço, <sup>6</sup> não o irá logo retirar em dia de sábado?”. E eles não tiveram força para responder a essas coisas. <sup>7</sup> Contou aos convidados esta parábola, observando como eles escolhiam os primeiros lugares, dizendo-lhes: <sup>8</sup> “Quando fores convidado por alguém para um banquete nupcial, não ocupes o primeiro lugar, não suceda que tenha sido convidado alguém de mais cerimônia do que tu <sup>9</sup> e venha o que vos convidou, a ti e ao outro, e te diga: ‘Dá a este o teu lugar’. Então ficarias envergonhado e passarias a ocupar o último lugar. <sup>10</sup> Mas, quando fores convidado, senta-te no último lugar; e assim, quando vier o que te convidou, dir-te-á: ‘Amigo, vem mais para cima’. Então isso será uma honra para ti perante todos os que estiverem contigo à mesa. <sup>11</sup> Porque todo aquele que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado”.

<sup>12</sup> Disse, depois, a quem o tinha convidado: “Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos, não vão eles também convidar-te, por sua vez, e assim retribuir-te. <sup>13</sup> Mas quando deres um banquete, convida os mendigos, os estropiados, os coxos e os cegos. <sup>14</sup> E bem-aventurado serás por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos”.

<sup>15</sup> Ouvindo isso, um dos convidados disse-lhe: “Bem-aventurado o que comerá

pão no reino de Deus!” .

16 Ele respondeu-lhe: “Certo homem dava um grande banquete e convidou muitos. 17 À hora do banquete, mandou o seu escravo dizer aos convidados: ‘Vinde, já está tudo pronto’. 18 Mas começaram todos, unanimemente, a desculpar-se. O primeiro disse: ‘Comprei um terreno e preciso ir vê-lo; peço-te que me consideres desculpado’. 19 Outro disse: ‘Comprei cinco juntas de bois e preciso experimentá-las; peço-te que me consideres desculpado’. 20 E outro disse: ‘Desposei uma mulher e, por isso, não posso ir’. 21 O escravo regressou e comunicou isso ao seu senhor. Então, o dono da casa, irritado, disse ao seu escravo: ‘Sai imediatamente às praças e às ruas da cidade e traz aqui os mendigos, os estropiados, os cegos e os coxos’. 22 O escravo [foi, voltou e] disse-lhe: ‘Senhor, está feito o que determinaste e ainda há lugar’. 23 E o senhor disse ao escravo: ‘Sai pelos caminhos e trilhas e obriga-os a entrar, para que a minha casa fique cheia’. 24 Pois vos digo que nenhum daqueles que foram convidados provará do meu banquete”.

25 Seguiam com ele numerosas multidões; e Jesus, voltando-se para elas, disse-lhes: 26 “Se alguém vem encontrar comigo e não odeia o seu pai, a sua mãe, a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a própria vida, não consegue ser meu discípulo. 27 Quem não carregar a sua cruz para vir atrás de mim não consegue ser meu discípulo.

28 Quem, dentre vós, querendo construir uma torre, não se senta primeiro para calcular a despesa e ver se tem com que a concluir? 29 Não suceda que, depois de assentar os alicerces, não a podendo acabar, todos os mirones comecem a troçar dele, 30 dizendo: ‘Este homem começou a construir e não pôde acabar’.

31 Ou qual é o rei que parte para a guerra contra outro rei e não se senta primeiro para deliberar se lhe é possível com dez mil homens opor-se àquele que com vinte mil vem contra ele? 32 Se não pode, estando o outro ainda mais longe, manda-lhe embaixadores a pedir paz. 33 Assim, todo aquele de vós que não renunciar a todos os seus bens não consegue ser meu discípulo.

34 Bela coisa é o sal. Mas se o sal perder o seu sabor, com que será [o sal] temperado? 35 Não serve nem para a terra, nem para a estrumeira: joga-se fora. Quem tem ouvidos para ouvir que ouça”.



---

14, 20 “E outro disse: ‘Despousei uma mulher e, por isso, não posso ir’”: esse homem casado que se autoexclui daquilo que é simbolicamente o reino de Deus pelo próprio fato de ser casado levou alguns cristãos em finais do século II (como sabemos através de Clemente de Alexandria) a depreender dessa passagem de Lucas que, para Jesus, o matrimônio é incompatível com a vida cristã e que, assim, o verdadeiro cristão, na expectativa da vinda de Cristo, deve não só manter-se solteiro, mas deve sobretudo permanecer virgem (Clemente, *Miscelâneas* [o título grego é *Stomateis*] 3.12.89).

14, 26 “Se alguém vem encontrar comigo e não odeia o seu pai, a sua mãe, a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a própria vida, não consegue ser meu discípulo”: um exemplo claro de deturpação do texto por razões doutrinárias (neste caso para que as palavras de Jesus não desmintam o Êxodo 20,12) são as traduções que apresentam este versículo na seguinte forma: “Se alguém vem encontrar comigo e não me ama mais do que ao seu pai, à sua mãe, à sua mulher, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida”. Não há dúvida nenhuma de que o verbo *miséo* significa “odiar”. Não significa “amar mais do que”. A frase de Jesus, traduzida literalmente, colide, de fato, com a Escritura judaica, em concreto com um dos Dez Mandamentos (“Honra o teu pai e a tua mãe”, Êxodo 20,12), mas, para todos os efeitos, a intenção é mesmo essa.

## 15.

### *A ovelha perdida; A dracma perdida; O filho pródigo.*

<sup>1</sup> Aproximavam-se dele todos os cobradores de impostos e pecadores para o ouvirem. <sup>2</sup> Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si, dizendo: “Este acolhe os pecadores e come com eles”.

<sup>3</sup> Jesus contou-lhes esta parábola, dizendo: <sup>4</sup> “Qual é o homem dentre vós que, tendo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai à procura da que tinha se perdido até a encontrar? <sup>5</sup> Ao encontrá-la, põe-na aos ombros, alegrando-se; <sup>6</sup> e, ao chegar em casa, chama os amigos e vizinhos e diz-lhes: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida’.

<sup>7</sup> Digo-vos: haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrependa do que por noventa e nove justos que não necessitam de mudança.

<sup>8</sup> Qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perde uma, não acende a candeia, não varre a casa e não procura escrupulosamente até encontrá-la? <sup>9</sup> E, ao encontrá-la, chama as amigas e vizinhas e diz: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que tinha perdido’. <sup>10</sup> Assim vos digo que há alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se arrependa”.

<sup>11</sup> Disse ainda: “Um homem tinha dois filhos. <sup>12</sup> O mais novo deles disse ao pai: ‘Pai, dá-me a minha parte dos bens’. E o pai repartiu os bens entre os dois. <sup>13</sup> Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, vivendo prodigamente. <sup>14</sup> Depois de gastar tudo, houve grande fome naquele país e ele começou a passar privações.

<sup>15</sup> Pôs-se a caminho e colou-se a um dos cidadãos daquela terra, que o mandou para os seus campos apascentar porcos. <sup>16</sup> Bem queria ele saciar-se com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava.

<sup>17</sup> E, caindo em si, disse: ‘Quantos jornaleiros do meu pai têm pão de sobra, ao

passo que eu morro aqui de fome. 18 Levantando-me, irei ter com o meu pai e vou dizer-lhe: “Pai, errei contra o céu e contra ti; 19 já não sou digno de ser chamado teu filho; faz de mim um dos teus jornaleiros”. 20 E, levantando-se, foi ter com o pai.

Estando ele ainda longe, o pai viu-o e condoeu-se. Correu e atirou-se ao pescoço dele e beijou-o. 21 O filho disse-lhe: ‘Pai, errei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho’.

22 Mas o pai disse aos seus escravos: ‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés. 23 Trazei o vitelo gordo, matai-o e, comendo, alegremo-nos. 24 Porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado’. E começaram a festejar.

25 Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. 26 Chamando um dos escravos, informou-se sobre o que seria aquilo. 27 Ele disse-lhe: ‘O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque o recolheu são e salvo’.

28 Ele encolerizou-se e não queria entrar; mas o seu pai, saindo, chamou por ele. 29 Respondendo ao pai, disse-lhe: ‘Eis que há tantos anos te sirvo como um escravo e nunca transgredi uma ordem tua. E tu nunca me deste um cabrito para eu festejar com os meus amigos. 30 Agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com prostitutas, mataste-lhe o vitelo gordo’. 31 O pai respondeu-lhe: ‘Filho, tu estás sempre comigo e todos os meus bens são teus. 32 Mas era forçoso que festejássemos e nos alegrássemos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado’.

---

15, 11-32 A parábola do Filho Pródigo é exclusiva de Lucas.

15, 13 “vivendo prodigamente”: o advérbio *asôtôs* ocorre só aqui em todo o NT. Não é inteiramente claro o seu significado, mas será algo como “prodigamente”, “extravagantemente”, “depravadamente” (ou, para sermos mesmo literais, “de forma isenta de salvação”).

15, 14 “ele começou a passar privações”: literalmente, “ele começou a ficar para trás” ou “a ficar para o fim” (*hustereisthai*).

15, 16 “Bem queria ele saciar-se com as alfarrobas que os porcos comiam”: apascentar porcos e querer partilhar a comida deles sublinha a degradação em que o filho pródigo caiu. De acordo com as normas rabínicas (expressas no Talmude babilônico), “amaldiçoado seja quem cria porcos e quem ensina ao seu filho a filosofia grega”.

15, 20 “o pai viu-o e condoeu-se”: o verbo “condoeu-se visceralmente” (aqui o aoristo *esplankhnísthe*)

levanta o véu em relação à identidade verdadeira desse “pai”, pois é o verbo usado pelos evangelistas sinópticos para referir a compaixão de Jesus.

## 16.

### *A parábola do administrador desonesto; O dinheiro; A lei antiga e a nova; A parábola do rico e de Lázaro.*

<sup>1</sup> Jesus disse também aos discípulos: “Havia um homem rico, que tinha um administrador; e este foi acusado por ele de dissipar os seus bens. <sup>2</sup> Mandando-o chamar, disse-lhe: ‘O que é isso que ouço sobre ti? Presta contas da tua administração, pois já não podes administrar’. <sup>3</sup> Disse para consigo o administrador: ‘Que farei, pois o meu senhor vai tirar-me a administração? Cavar não posso; de pedir esmola tenho vergonha. <sup>4</sup> Já sei o que farei para que, quando for despedido da minha administração, haja quem me receba em sua casa’. <sup>5</sup> E, chamando cada um dos devedores do seu senhor, perguntou ao primeiro: ‘Quanto deves ao meu senhor?’. <sup>6</sup> Ele disse: ‘Cem barris de azeite’. [O administrador] disse-lhe: ‘Toma o teu recibo, senta-te depressa e escreve cinquenta’. <sup>7</sup> Depois perguntou ao outro: ‘Tu quanto deves?’. Este disse: ‘Cem medidas de trigo’. Diz-lhe: ‘Toma o teu recibo e escreve oitenta’. <sup>8</sup> O senhor elogiou o administrador da desonestidade por ter agido com esperteza. É que os filhos deste mundo são mais espertos para com os seus semelhantes do que os filhos da luz. <sup>9</sup> E eu digo-vos: fazei para vós amigos com o dinheiro da desonestidade, para que, quando este faltar, vos recebam nas moradas eternas.

<sup>10</sup> Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é desonesto no pouco também é desonesto no muito. <sup>11</sup> Pois se não fostes fiéis no que toca ao dinheiro desonesto, quem vos confiará o verdadeiro bem? <sup>12</sup> E se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?

<sup>13</sup> Ninguém pode servir como escravo dois senhores. Ou odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir como escravos a Deus e ao dinheiro”.

14 Os fariseus, como eram muito amigos do dinheiro, ouviam as suas palavras e troçavam dele. 15 Jesus disse-lhes: “Vós pretendeis passar por justos aos olhos dos homens, mas Deus conhece os vossos corações. Porque o que os homens têm por elevado é uma abominação aos olhos de Deus.

16 A lei e os profetas [valeram] até João [Batista]; desde então o reino de Deus é proclamado e toda pessoa se esforça para lá entrar. 17 Ora, é mais fácil que o céu e a terra passem do que caia um só pontinho da lei. 18 Todo aquele que se divorcia da sua mulher e casa com outra comete adultério; e quem casa com uma mulher divorciada comete adultério.

19 Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e fazia todos os dias esplêndidos banquetes. 20 Um mendigo, chamado Lázaro, jazia ao seu portão, coberto de chagas, 21 e desejava saciar-se com os restos que caíam da mesa do rico; mas [em vez disso] vinham os cães lambe-las as feridas dele. 22 Ora, o mendigo morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. 23 No Hades, levantou os olhos nos seus tormentos e viu, de longe, Abraão e também Lázaro no seu seio. 24 Ele disse: ‘Pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro para que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado num fogo destes’. 25 Abraão respondeu-lhe: ‘Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em vida, enquanto Lázaro recebeu só males. Agora, ele é consolado, enquanto tu és atormentado. 26 Além dessas coisas todas, entre nós e vós há um grande abismo; pelo que aqueles que quisessem passar daqui para junto de vós não conseguiriam fazê-lo, nem transitarão daí para junto de nós’.

27 O rico disse: ‘Peço-te, pai, que envies Lázaro à casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos; 28 que os previna, para eles não virem também para este lugar de tortura’. 29 Diz-lhe Abraão: ‘Têm Moisés e os profetas; que os ouçam’. 30 O rico disse: ‘Não, pai Abraão; mas se algum dos mortos for ter com eles, arrepender-se-ão’. 31 Abraão disse-lhe: ‘Se eles não dão ouvidos a Moisés e aos profetas, não serão persuadidos se alguém ressuscitar dos mortos’”.

---

16, 1-8 A parábola do Administrador Desonesto é exclusiva do Evangelho de Lucas.

16, 9 “fazei para vós amigos com o dinheiro da desonestidade, para que, quando este faltar, vos recebam nas moradas eternas”: o sentido da frase não pode ser determinado com toda certeza, mas uma interpretação

viável é que os “amigos” feitos com o dinheiro da desonestidade são os mendigos a quem esse dinheiro é dado como esmola. Qual será o sujeito subentendido de “recebam” (*déxôntai*)? Os amigos mencionados na primeira parte da frase? Marshall (pp. 621-2) sugere que podem ser os anjos (enquanto circunlóquio implícito para referir o nome de Deus).

16, 14-15 “Os fariseus, como eram amigos do dinheiro, ouviam as suas palavras e troçavam dele. Jesus disse-lhes: ‘Vós pretendeis passar por justos aos olhos dos homens, mas Deus conhece os vossos corações. Porque o que os homens têm por elevado é uma abominação aos olhos de Deus’”: estes versículos não têm paralelo nos restantes Evangelhos e centram-se na questão do amor ao dinheiro. Os fariseus são designados *philárguroi* (“amigos do dinheiro”) e é essa amizade pelo dinheiro, muito “exaltada” (*hupsêlón*) entre os humanos, que é uma “abominação” aos olhos de Deus. A palavra para “abominação” é *bdélugma*, que só figura aqui no Evangelho de Lucas (nunca é usada no Evangelho de João, mas figura uma vez em Mateus 24,15 e uma vez em Marcos 13,14: em ambos os casos, numa citação do livro de Daniel). Trata-se de uma palavra de sentido bem forte: pois é a palavra usada no Levítico 18,12 para designar a homossexualidade, “abominação” (*bdélugma*) punível com pena de morte (Levítico 20,13). Na boca de Jesus, só ouvimos uma única vez em todo o NT a palavra *bdélugma*: é nessa passagem de Lucas. E não deixa de ser curioso que não é com o sentido sexual do livro do Levítico (sentido que é retomado no Apocalipse 17,4-5). A abominação, para Jesus, é o dinheiro.

16, 16 Cf. Mateus 11,12\*.

16, 17 Cf. Mateus 5,18\*.

16, 19-31 A parábola do Homem Rico e Lázaro é exclusiva do Evangelho de Lucas.

16, 21 “mas [em vez disso] vinham os cães lambe as feridas dele”: a imagem dos cães a lambe as feridas do desgraçado constitui um motivo adicional de horror, uma vez que mostram Lázaro já demasiado doente para poder afastar os cães (que não só pioram a condição das chagas, mas estão, para todos os efeitos, a tratá-lo como morto).

## 17.

### *O bom servidor; Jesus cura dez leprosos; O dia do Filho da Humanidade.*

<sup>1</sup> Jesus disse aos seus discípulos: “É impossível que não ocorram escândalos; mas ai daquele através de quem eles ocorrem! <sup>2</sup> Melhor seria para ele que lhe atassem ao pescoço uma pedra de moinho e o lançassem ao mar, do que escandalizar um só desses pequenos. <sup>3</sup> Dai atenção a vós mesmos. Se o teu irmão errar, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe. <sup>4</sup> Se te ofender sete vezes ao dia e sete vezes te vier dizer ‘arrependo-me’, perdoa-lhe”.

<sup>5</sup> Os apóstolos disseram ao Senhor: “Aumenta a nossa fé”. <sup>6</sup> O Senhor respondeu: “Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a essa amoreira ‘arranca-te e planta-te no mar’, e ela vos obedeceria.

<sup>7</sup> Qual de vós, tendo um escravo a arar ou a apascentar gado, lhe dirá, quando ele regressa do campo: ‘Vem cá depressa e senta-te à mesa’? <sup>8</sup> Não lhe dirá antes: ‘Prepara-me algo para eu jantar e cinge-te para me servires, enquanto eu como e bebo; depois comerás e beberás tu’? <sup>9</sup> Não estará grato ao servo por ter feito o que lhe mandou, não? <sup>10</sup> Assim, também vós, quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: ‘Somos escravos inúteis; fizemos o que devíamos fazer’”.

<sup>11</sup> E aconteceu que, quando caminhava para Jerusalém, Jesus passou através da Samaria e da Galileia. <sup>12</sup> Ao entrar numa aldeia, vieram ao seu encontro dez homens leprosos, que se mantiveram à distância. <sup>13</sup> E eles levantavam a voz, dizendo: “Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós!”. <sup>14</sup> Ao vê-los, disse-lhes: “Ide e mostrai-vos aos sacerdotes”. E aconteceu que, enquanto iam a caminho, ficaram curados. <sup>15</sup> Um deles, vendo-se curado, voltou, glorificando a Deus em voz alta; <sup>16</sup> caiu aos pés de Jesus com a face na terra e agradeceu-lhe. Era um samaritano.

<sup>17</sup> Jesus, respondendo, disse: “Não foram dez os que ficaram curados? Onde



estão os outros nove? 18 Não se encontraram [ninguém] a regressar para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?”. 19 E disse-lhe: “Levanta-te e vai. A tua fé te salvou”.

20 Interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o reino de Deus, Jesus respondeu-lhes: “O reino de Deus não vem de maneira observável. 21 [As pessoas] não afirmarão ‘Ei-lo aqui’ ou ‘Ei-lo ali’. Pois o reino de Deus está dentro de vós”.

22 Depois, disse aos discípulos: “Dias chegarão em que desejareis ver um dos dias do Filho da Humanidade e não o vereis. 23 E vos dirão: ‘Ei-lo ali’, ou então ‘Ei-lo aqui’. Não vades nem sigais. 24 Pois tal como o relâmpago, ao faiscar, brilha de um extremo ao outro do céu, assim será o Filho da Humanidade no seu dia. 25 Mas primeiro ele tem de sofrer muito e ser rejeitado por esta geração. 26 E tal como sucedeu nos dias de Noé, assim sucederá também nos dias do Filho da Humanidade: 27 comiam, bebiam, os homens casavam-se e as mulheres eram dadas em casamento, até o dia em que Noé entrou na Arca e veio o dilúvio e fê-los perecer todos. 28 O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam, construíam; 29 mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu fogo divino e enxofre do céu e matou-os a todos.

30 Assim será no dia em que o Filho da Humanidade se revelar. 31 Nesse dia, quem estiver no terraço e tiver as suas coisas em casa não desça para as tirar; e, do mesmo modo, quem estiver no campo não volte. 32 Lembrai-vos da mulher de Ló. 33 Quem procurar salvar a vida, perdê-la-á; e quem a perder, irá conservá-la. 34 Digo-vos que, nessa noite, estarão dois numa cama: um será tomado e o outro será deixado. 35 Duas mulheres estarão juntas moendo: uma será tomada e a outra será deixada”. [[36]]

37 E os discípulos, respondendo, disseram-lhe: “Senhor, onde será isso?”. Ele disse-lhes: “Onde estiver o corpo, aí se juntarão também os abutres”.

---

17, 21 “Pois o reino de Deus está dentro de vós”: o advérbio *entós* (“dentro de”) só ocorre duas vezes no NT. Além da presente passagem, encontramo-lo em Mateus 23,26 (“Limpa antes por dentro [*entós*] do copo, para que o exterior também fique limpo”), claramente com o sentido “no interior de”. No entanto, a afirmação de Jesus causa estranheza a alguns exegetas, porque só aqui, nesta passagem de Lucas, é que se afirma que o reino de Deus é algo que está dentro do ser humano. Assim, há traduções que, baseadas em critérios de índole doutrinal, nos dão a ler a presente passagem como “o reino de Deus está no meio de vós”,

ainda que não seja esse o sentido claríssimo das palavras gregas.

[[1736]] Versículo dado como interpolado na edição crítica de N-A: “Dois homens estarão no campo; um será tomado e outro será deixado”.

## 18.

### *A parábola do juiz e da viúva; O fariseu e o cobrador de impostos; Jesus e as crianças; O homem rico; O desprendimento; O terceiro anúncio da Paixão; Jesus cura um cego em Jericó.*

<sup>1</sup> Jesus dizia-lhes uma parábola sobre a obrigação de eles orarem sempre sem desanimar. <sup>2</sup> “Havia um juiz numa cidade qualquer que não temia a Deus nem respeitava o ser humano. <sup>3</sup> Havia uma viúva naquela cidade que ia encontrar com ele, dizendo: ‘Faz-me justiça contra o meu adversário’. <sup>4</sup> E ele não queria durante muito tempo. Depois, disse consigo: ‘Embora eu não tema a Deus nem respeite qualquer ser humano, <sup>5</sup> porque esta viúva me incomoda, vou fazer-lhe justiça, para que me deixe de vez e não volte a esgotar-me a paciência’.”

<sup>6</sup> E o Senhor disse: “Escutai o que diz esse juiz da injustiça. <sup>7</sup> E Deus não fará justiça aos seus eleitos, que a Ele clamam dia e noite, e demorará em relação a eles? <sup>8</sup> Eu vos digo que lhes fará justiça depressa. Só que, quando o Filho da Humanidade voltar, encontrará ele a fé sobre a terra?”.

<sup>9</sup> Disse também a seguinte parábola, a respeito de alguns convencidos de serem justos e desprezando os demais: <sup>10</sup> “Dois homens subiram ao templo para orar: um era fariseu; outro, cobrador de impostos. <sup>11</sup> O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: ‘Ó Deus, agradeço-te por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos. <sup>12</sup> Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto ganho’.

<sup>13</sup> O cobrador de impostos, mantendo-se à distância, não queria nem levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: ‘Ó Deus, tem piedade de mim, que

sou pecador’.

14 Digo-vos: este voltou justificado para sua casa, e o outro não. Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.

15 Apresentavam-lhe também os bebês, para que ele lhes tocasse. Vendo isso, os discípulos repreenderam-nos. 16 Mas Jesus chamou-os a si, dizendo: “Deixai vir a mim as crianças; não as impeçais, pois delas é o reino de Deus. 17 Em verdade vos digo: quem não receber o reino de Deus como criança, não entrará nele”.

18 Certo chefe perguntou-lhe, então: “Bom Mestre, é fazendo o quê que alcançarei a vida eterna?”. 19 Jesus disse-lhe: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um: Deus. 20 Tu sabes os mandamentos: *não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; honra o teu pai e a tua mãe*”. 21 Ele disse: “Todas essas coisas eu tenho cumprido desde a juventude”. 22 Ouvindo isso, Jesus disse-lhe: “Uma coisa te falta ainda: vende tudo o que tens, distribui o dinheiro pelos mendigos e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me”. 23 Ele, tendo ouvido essas coisas, ficou muito triste. Pois era imensamente rico.

24 Vendo-o assim, Jesus exclamou: “Como é difícil para os que têm riquezas entrar no reino de Deus! 25 É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”. 26 Os que o ouviram disseram: “Quem pode então salvar-se?”. 27 Jesus respondeu: “As coisas impossíveis junto dos seres humanos são possíveis junto de Deus”.

28 Disse-lhe Pedro: “Eis que nós deixamos os próprios bens e seguimos-te”. 29 Ele disse-lhes: “Amém vos digo: não há ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do reino de Deus 30 que não receba muito mais (no momento presente e no tempo que vem) na vida eterna”.

31 Tomando os doze consigo, Jesus disse-lhes: “Eis que subimos agora até Jerusalém e vai cumprir-se tudo o que foi escrito sobre os profetas acerca do Filho da Humanidade: 32 será entregue aos gentios, será escarnecido e será abusado e cuspir-lhe-ão em cima; 33 e depois de o flagelarem, matá-lo-ão. E ao terceiro dia, ressuscitará”.

34 Eles nada perceberam, pois esse discurso era-lhes oculto e não compreendiam o que ele lhes dizia.

35 Aconteceu que, quando se aproximaram de Jericó, estava um cego sentado a pedir esmola à beira do caminho. 36 Ouvindo a multidão que passava, perguntou o que seria aquilo. 37 Disseram-lhe que era Jesus, o Nazareno, que ia a passar. 38 Então, bradou: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!”. 39 Os que iam à frente repreendiam-no, para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: “Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”.

40 Jesus parou e mandou que lho trouxessem. Quando o cego se aproximou, perguntou-lhe: 41 “Que queres que te faça?”. Disse: “Senhor, que eu veja”. 42 Jesus disse-lhe: “Vê! A tua fé salvou-te”. 43 E de repente, o cego recuperou a visão e seguia-o, glorificando a Deus. E todo o povo, ao ver isso, deu louvor a Deus.

---

18, 6 “Escutai o que diz esse juiz da injustiça”: a palavra aqui traduzida pelo seu sentido literal “injustiça” (*adikía*) tem por vezes o sentido de “desonestidade”, como sucedeu já em capítulos anteriores de Lucas. Saborosa é aqui a ironia nas palavras de Jesus: “o juiz da *injustiça*”.

18, 11 “agradeço-te”: até no Evangelho de Lucas surge uma expressão como essa (*eukharistô soi*), impensável na prosa grega culta. Cf. João 11,41\*.

18, 20 Os mandamentos aqui referidos encontram-se no Êxodo 20,12-16, Deuteronômio 5,16-20.

18, 25 “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”: cf. Mateus 19,24\*.

18, 31 “vai cumprir-se tudo o que foi escrito sobre os profetas acerca do Filho da Humanidade”: essa frase está ausente das passagens correspondentes de Mateus 20,18-19 e Marcos 10,33-34.

18, 32 “será escarnecido e será abusado e cuspir-lhe-ão em cima”: nas passagens correspondentes de Mateus (20,19) e Marcos (10,34), temos o escárnio e as cuspidelas, mas não o abuso insultuoso (*hubrithêsetai*).

18, 35 “estava um cego sentado a pedir esmola à beira do caminho”: em Mateus (20,20) esse cego são dois cegos; em Marcos (10,46) tem nome: Bartimeu.

18, 37 “Jesus, o Nazareno”: trata-se da única ocorrência no Evangelho de Lucas do adjetivo *Nazôraios* (no entanto usado sete vezes nos Atos dos Apóstolos). *Nazôraios* está ausente de Marcos (que prefere *Nazarênós*), mas presente em Mateus e João (que, por sua vez, não usam *Nazarênós*). Só Lucas usa ambas as formas.

## 19.

### *Zaqueu, cobrador de impostos; A parábola das dez minas; Entrada de Jesus em Jerusalém; Jesus expulsa os vendilhões do templo.*

<sup>1</sup> E tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. <sup>2</sup> E eis um homem de nome Zaqueu, que era chefe dos cobradores de impostos e ele próprio um homem rico. <sup>3</sup> Procurava ver Jesus e não conseguia por causa da multidão, pois ele era de pequena estatura. <sup>4</sup> Correndo à frente, subiu a um sicômoro para o ver, porque ele estava para passar por ali. <sup>5</sup> Quando chegou àquele local, Jesus levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje preciso ficar em tua casa”. <sup>6</sup> Ele apressou-se a descer e acolheu Jesus com alegria. <sup>7</sup> Ao verem aquilo, murmuravam todos entre si, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um pecador.

<sup>8</sup> Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Eis que a metade dos meus bens, Senhor, dou aos mendigos; e se defraudei alguém em qualquer coisa, restituo-lhe quatro vezes mais”. <sup>9</sup> Jesus disse-lhe: “Hoje a salvação veio a esta casa, por este ser também filho de Abraão; <sup>10</sup> pois o Filho da Humanidade veio procurar e salvar o que estava perdido”.

<sup>11</sup> Estando eles a ouvir essas coisas, Jesus disse uma parábola, por estar perto de Jerusalém e por eles pensarem que de imediato o reino de Deus iria manifestar-se. <sup>12</sup> Disse então: “Um homem nobre partiu para uma região longínqua, para tomar posse de um reino e em seguida voltar. <sup>13</sup> Chamando dez dos seus escravos, entregou-lhes dez minas e disse-lhes: ‘Fazei render a mina até que eu volte’. <sup>14</sup> Mas os seus concidadãos odiavam-no e enviaram uma embaixada atrás dele, para dizer: ‘Não queremos que ele seja nosso rei’.

<sup>15</sup> E aconteceu que, quando voltou, depois de tomar posse do reino, mandou

chamar os escravos a quem entregara o dinheiro, para saber o que eles tinham ganhado. 16 Compareceu o primeiro e disse: ‘Senhor, a tua mina rendeu dez minas’. 17 Respondeu-lhe: ‘Muito bem, bom escravo; já que foste fiel no pouco, receberás o governo de dez cidades’. 18 O segundo veio e disse: ‘A tua mina, senhor, rendeu cinco minas’. 19 Disse também a este: ‘Recebe, também tu, o governo de cinco cidades’. 20 Veio outro, dizendo: ‘Senhor, eis a tua mina que eu guardei num lenço, 21 pois tinha medo de ti, que és um homem seco; levantas o que não depositaste e colhes o que não semeaste’. 22 Disse-lhe ele: ‘Pela tua própria boca te condeno, escravo iníquo! Sabias que sou um homem seco, que levanto o que não depus e colho o que não semei; 23 então, por que não entregaste o meu dinheiro ao banco? E eu, ao regressar, tê-lo-ia recuperado com juros’. 24 E disse aos circunstantes: ‘Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez minas’. 25 Responderam-lhe: ‘Senhor, ele tem dez minas!’.

26 Digo-vos: a todo aquele que tem, será dado; mas àquele que não tem, mesmo aquilo que tem lhe será tirado. 27 Porém a esses meus inimigos, esses que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os cá e degolai-os na minha presença”.

28 Dito isso, Jesus seguiu em diante, subindo em direção a Jerusalém.

29 E aconteceu que, ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, próximo do chamado Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois dos seus discípulos, 30 dizendo: “Ide à aldeia em frente e, ao entrardes nela, encontrareis um burrinho preso, que ninguém montou ainda; soltai-o e trazei-mo. 31 E se alguém vos perguntar: ‘Por que o soltais?’, direis assim: ‘O Senhor precisa dele’”.

32 Os enviados partiram e encontraram [tudo] como ele lhes tinha dito. 33 Estando eles a soltar o burrinho, os donos disseram-lhes: “Por que soltais o burrinho?”. 34 Eles disseram: “Porque o Senhor precisa dele”.

35 Levaram-no a Jesus e, pondo as capas sobre o burrinho, ajudaram Jesus a montar. 36 Enquanto caminhava, estendiam as capas no caminho. 37 Estando já próximo da descida do Monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos começou a louvar alegremente a Deus em voz alta, por todos os milagres que tinham visto, 38 dizendo:

*“Bendito o que vem,*

*o Rei em nome do Senhor!*

No céu, paz!

E glória nas alturas!”.

<sup>39</sup> Alguns fariseus disseram-lhe, do meio da multidão: “Mestre, repreende os teus discípulos”. <sup>40</sup> E Jesus, respondendo, disse: “Digo-vos que, se estes se calarem, as pedras gritarão”.

<sup>41</sup> Quando se aproximou, vendo a cidade, Jesus chorou sobre ela, dizendo: <sup>42</sup> “Se também tu tivesses sabido neste dia os assuntos da paz! Mas agora isso foi ocultado dos teus olhos. <sup>43</sup> Virão dias para ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te sitiarão e te apertarão de todos os lados; <sup>44</sup> te esmagarão contra o solo, assim como aos teus filhos que estiverem dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, por não teres reconhecido o tempo da tua visita”.

<sup>45</sup> Depois, entrando no templo, começou a expulsar os vendilhões, <sup>46</sup> dizendo-lhes: “Ficou escrito: *a minha casa será casa de oração*; mas vós fizestes dela *um antro de ladrões*”. <sup>47</sup> Ensinava todos os dias no templo. Porém, os sumos sacerdotes e os escribas e os chefes do povo procuravam matá-lo. <sup>48</sup> E não encontravam como agir, pois todo o povo ficava suspenso ao ouvi-lo.

---

19, 11-25 A parábola das dez minas tem óbvias afinidades com a dos cinco talentos contada no capítulo 25 de Mateus. Lucas dá-nos uma versão econômica da história: a quantia mencionada por Mateus (25,15) é milionária (estima-se que um talento teria um valor, em moeda atual, que se situa entre os R\$ 875 000,00 e os R\$ 1 050 000,00, pelo que cinco talentos equivaleriam a mais de R\$ 3 500 000,00, ao passo que uma mina valeria mais ou menos R\$ 17 500,00

19, 21 “és um homem seco”: o adjetivo “seco” traduz literalmente *austêrós* (de onde vem o nosso adjetivo “austero”), que deriva do verbo *auô*, “secar”. A “austeridade” desse nobre traduz-se na sua ausência de sentimentos.

19, 27 “Porém a esses meus inimigos, esses que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os cá e degolai-os na minha presença”: essas são decerto as mais surpreendentes (e chocantes) palavras que encontramos atribuídas a Jesus no contexto completo dos quatro Evangelhos. O verbo “degolar” (*kataspházō*) só aparece aqui em todo o NT e o que ele indica é o castigo muitas vezes aplicado, à época, aos rebeldes e insurretos (cf. Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas* 13, 380). O ato de matar “na presença de” lembra o mundo sanguinário do AT, quando Samuel ordena que o rei Agag seja morto na sua presença (1 Samuel 15,33). O livro do Apocalipse imagina, de fato, o Cordeiro a comprazer-se com igual espetáculo (Apocalipse 14,10), mas dificilmente conseguimos aceitar o incômodo de tais atitudes na boca desse Jesus retratado por Lucas.

19, 38 *Bendito o que vem*: Salmo 118,26.

19, 41-44 Esse lamento de Jesus sobre Jerusalém é exclusivo do Evangelho de Lucas. Com base nesses versículos, parece improvável que o Evangelho tenha sido escrito antes da destruição de Jerusalém no ano 70



d.C. A impressão que ressalta dessa passagem é que pretende definir uma etiologia para essa destruição (ordenada pelo imperador romano Tito): o mau acolhimento que a cidade deu a Jesus.

19, 46 As citações do AT neste versículo dizem respeito a Isaías 56,7 e Jeremias 7,11.

## 20.

### *A autoridade de Jesus; A parábola dos vinhateiros assassinos; O tributo a César; A ressurreição dos mortos.*

<sup>1</sup> E aconteceu que, num daqueles dias, ensinando Jesus o povo no templo e anunciando a boa-nova, compareceram os sumos sacerdotes, os escribas e os anciãos <sup>2</sup> e falaram-lhe [assim]: “Diz-nos: [apoiado] em que autoridade fazes estas coisas ou quem te deu tal autoridade?”. <sup>3</sup> Jesus, respondendo, disse-lhes: “Também eu vos farei uma pergunta. Dizei-me: <sup>4</sup> O batismo de João era do céu ou dos homens?”.

<sup>5</sup> Eles discutiram entre si, dizendo: “Se respondermos que era do céu, ele dirá ‘por que não acreditastes nele?’. <sup>6</sup> Se respondermos que era dos homens, todo o povo nos apedrejará, porque estão convencidos de que João era um profeta”. <sup>7</sup> E responderam que não sabiam de onde era. <sup>8</sup> Jesus disse-lhes: “Também eu não vos digo em que autoridade faço isto”.

<sup>9</sup> Jesus começou a expor ao povo a seguinte parábola: “Um homem plantou uma vinha, arrendou-a a uns vinhateiros e ausentou-se por longos tempos. <sup>10</sup> Oportunamente, mandou um escravo aos vinhateiros, para estes lhe entregarem parte dos frutos da vinha. Mas os vinhateiros despediram-no sem nada, depois de o terem espancado. <sup>11</sup> Enviou outro escravo, mas também o espancaram, ultrajaram e o despediram sem nada. <sup>12</sup> Enviou ainda um terceiro; e eles, depois de o ferirem, lançaram-no fora.

<sup>13</sup> O dono da vinha disse, então: ‘Que farei? Enviarei o meu filho bem-amado; talvez o respeitem’. <sup>14</sup> Mas, quando o viram, os vinhateiros disseram uns aos outros: ‘Este é o herdeiro. Matemo-lo, para que a herança seja nossa’. <sup>15</sup> E, lançando-o fora da vinha, mataram-no. Que fará a estes homens o dono da vinha? <sup>16</sup> Virá, matará estes vinhateiros e entregará a vinha a outros”.

Ouvindo isso, eles disseram: “Que tal não aconteça!”. 17 Olhando para eles, Jesus disse-lhes: “Que significa, então, o que ficou escrito:

*A pedra que os construtores rejeitaram  
transformou-se em pedra angular?*

18 E quem cair em cima dessa pedra despedaçar-se-á; e a pedra esmagará aquele sobre quem ela cair”.

19 Naquela época, os escribas e os sumos sacerdotes procuravam pôr-lhe as mãos, só que tinham medo do povo; tinham compreendido que essa parábola lhes era dirigida.

20 Então, puseram-se à espreita e mandaram-lhe espiões, que fingiam ser justos, para o surpreenderem em alguma palavra, de modo a poderem entregá-lo ao poder e à autoridade do governador. 21 E interrogaram-no, dizendo: “Mestre, sabemos que falas e ensinas corretamente e não mostras favoritismo a ninguém, mas ensinas segundo a verdade o caminho de Deus. 22 Devemos pagar tributo a César ou não?”.

23 Conhecendo a sua astúcia, ele respondeu-lhes: 24 “Mostrai-me um denário. De quem são a efígie e a inscrição?”. Eles disseram: “De César”. 25 Disse-lhes: “Então dai as coisas de César a César; e as de Deus, a Deus”. 26 Não conseguiram apanhar-lhe uma palavra [em falso] diante do povo e, admirados com a sua resposta, calaram-se.

27 Compareceram alguns saduceus, que negam a ressurreição, e interrogaram-no: 28 “Mestre, Moisés prescreveu-nos que *se morrer um irmão com mulher, mas sem filhos, o seu irmão casará com a viúva para levantar semente ao irmão*. 29 Ora havia sete irmãos: o primeiro casou-se e morreu sem filhos; 30 também o segundo, 31 e depois o terceiro, casaram com a viúva; e o mesmo sucedeu aos sete, que não deixaram filhos e morreram. 32 Por fim, morreu também a mulher. 33 A mulher, na ressurreição, de qual é mulher? Pois os sete a tiveram como mulher”.

34 Jesus respondeu-lhes: “Os filhos desta vida casam-se e [as mulheres] são dadas em casamento; 35 mas aqueles que forem julgados dignos daquela [outra] vida e da ressurreição dos mortos não se casam nem são dadas em casamento. 36 Pois já não podem morrer porque são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. 37 Que os mortos ressuscitem, também Moisés

mostrou a propósito da sarça, quando chama ao Senhor *o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó*.<sup>38</sup> Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; pois todos para Ele estão vivos”.

<sup>39</sup> Respondendo, alguns escribas disseram: “Mestre, falaste bem”.<sup>40</sup> E já não se atreveram a interrogá-lo sobre nada.

<sup>41</sup> Mas Jesus perguntou-lhes: “Como é que dizem que o Cristo é filho de Davi,<sup>42</sup> se o próprio Davi diz no livro dos Salmos:

*Disse o Senhor ao meu Senhor:*

*senta-te à minha direita,*

*até que eu ponha os teus inimigos como escabelo dos teus pés.*

<sup>44</sup> Se Davi lhe chama ‘Senhor’, como pode ele ser seu filho?”.

<sup>45</sup> Estando todo o povo a ouvir, Jesus disse aos discípulos: <sup>46</sup> “Tomai cuidado com os escribas, que querem passear de túnicas compridas e gostam das saudações nas praças públicas, dos primeiros lugares nas sinagogas e dos primeiros assentos nos banquetes; <sup>47</sup> eles, que devoram as casas das viúvas e, por causa das aparências, rezam longamente. Estes receberão sentença mais rigorosa”.

---

20, 13 “Enviarei o meu filho bem-amado; talvez o respeitem”: é só em Lucas que esse pai está duvidoso quanto ao tratamento que será dado ao filho pelos vinhateiros. Nas passagens correspondentes de Mateus (21,37) e Marcos (12,6), falta a palavra “talvez”.

20, 17 *A pedra que os construtores rejeitaram*: Salmo 118,22.

20, 21 “não mostras favoritismo a ninguém”: essa é uma das acepções possíveis da expressão idiomática *lambánein prósopon*. Outros significados são “tomar partido”, “mostrar parcialidade”.

— “ensinas segundo a verdade o caminho de Deus”: uma das raras ocorrências da palavra “verdade” (*alêtheia*) no Evangelho de Lucas (as outras são 4,25 e 22,59).

20, 23 “Conhecendo a sua astúcia”: essa astúcia (*panourgía*) é, nas passagens correspondentes, “hipocrisia” em Marcos (12,15) e “malícia” em Mateus (22,18).

20, 28 A citação é de Deuteronômio 25,5.

20, 35 “aqueles que forem julgados dignos daquela [outra] vida e da ressurreição dos mortos não se casam”: ausente de Mateus e de Marcos, essa afirmação, levada ao pé da letra, levanta as mais avassaladoras interrogações. Como escreveu Marshall (p. 741), “isso pode ser entendido como significando a abolição dos relacionamentos terrenos”.

20, 37 Citação do Êxodo 3,6.

20, 42 “no livro dos Salmos”: só Lucas fala aqui em “livro” (*bíblōs*). A citação do Salmo 110,1 não coincide de forma exata com a que lemos nas passagens correspondentes de Mateus (22,44) e Marcos (12,36).

## 21.

### *A oferta da viúva pobre; O anúncio da destruição do templo; A destruição de Jerusalém; A vinda do Filho da Humanidade; O sinal da figueira.*

1 Levantando os olhos, Jesus viu os ricos jogarem no cofre do tesouro as suas ofertas. 2 Viu também uma viúva pobre jogando lá duas pequenas moedas 3 e disse: “Digo-vos verdadeiramente que esta viúva — esta mendiga — jogou mais do que todos os outros. 4 Pois todos eles jogaram no tesouro do que lhes sobra. Mas ela, da sua indigência, jogou tudo o que tinha para viver”.

5 Estando alguns a falar sobre o templo, dizendo que estava adornado de belas pedras e de ofertas votivas, disse: 6 “Todas essas coisas que vedes: virão dias em que não ficará pedra sobre pedra que não seja destruída”.

7 Interrogaram-no, dizendo: “Mestre, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal de que estão para acontecer?”. 8 Ele disse: “Tende cuidado em não vos deixardes desencaminhar, pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu’; e ainda: ‘O tempo está próximo’. Não os sigais. 9 Quando ouvirdes falar de guerras e revoltas, não vos alarmeis; é necessário que essas coisas sucedam primeiro, mas não é logo o fim”.

10 Depois disse-lhes: “Levantar-se-á povo contra povo e reino contra reino. 11 Haverá grandes terremotos e, em vários lugares, fomes e epidemias; haverá fenômenos terríficos e no céu haverá grandes sinais. 12 Antes dessas coisas todas, deitar-vos-ão as mãos e perseguir-vos-ão, entregando-vos nas sinagogas e nas prisões; sereis conduzidos perante reis e governadores, por causa do meu nome. 13 Ser-vos-á dada a oportunidade de dar testemunho. 14 Ponde, pois, no vosso coração que não vos deveis preocupar com a vossa defesa, 15 pois eu vos darei

boca e sabedoria, a que não conseguirão resistir ou contradizer todos os vossos adversários. 16 Sereis traídos até pelos pais, irmãos, parentes e amigos e eles matarão alguns de vós; 17 e sereis odiados por todos por causa do meu nome. 18 Mas não se perderá um só cabelo da vossa cabeça. 19 Pela vossa constância ganhareis as vossas vidas.

20 Mas quando virdes Jerusalém sitiada por exércitos, ficai sabendo que a sua desolação está próxima. 21 Então, os habitantes da Judeia que fujam para as montanhas; os que estiverem dentro da cidade que se retirem; e os que estiverem no campo não voltem para a cidade, 22 pois dias de punição são esses e de se cumprirem todas as coisas que estão escritas. 23 Ai das grávidas e das que estiverem amamentando naqueles dias! Porque haverá uma terrível angústia na terra e ira contra esse povo. 24 Cairão pela boca da espada e serão levados cativos para todas as nações; e Jerusalém será calcada pelos pagãos até que se cumpram os tempos dos pagãos.

25 Haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas; e na Terra, a aflição dos povos na perplexidade do bramido e da agitação do mar. 26 Os homens morrerão de terror, na expectativa do que vai acontecer ao universo, pois *as forças dos céus serão abaladas*. 27 Depois verão *o Filho da Humanidade vir numa nuvem* com poder e glória grande. 28 Quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a cabeça, porque se aproxima a vossa redenção”.

29 E disse-lhes uma parábola: “Olhai para figueira e para todas as árvores. 30 Quando começarem a brotar rebentos, vendo-os ficais a saber que o verão já está próximo. 31 Assim também vós, quando virdes essas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus. 32 Amém vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam. 33 O céu e a terra passarão, mas não passarão as minhas palavras.

34 Tende cuidado convosco para que os vossos corações não se tornem pesados na ressaca, na embriaguez e nas preocupações da vida, e que esse dia não caia sobre vós de repente, 35 como um laço; pois atingirá todos os que habitam a face da Terra inteira. 36 Velai em cada estação, orando que tenhais força para escapar a todas essas coisas que acontecerão, para comparecerdes de pé diante do Filho da Humanidade”.

37 Os dias, Jesus passava-os no templo a ensinar; as noites passava-as, saindo,

no Monte chamado das Oliveiras. <sup>38</sup> E todo o povo, de madrugada, ia encontrar com ele ao templo para o ouvir.

---

21, 13 “Ser-vos-á dada a oportunidade de dar testemunho”: muito literalmente, a frase podia ser traduzida “proceder-se-á, para vós, em direção ao martírio” (*apobêsetai humîn eis martûrion*), entendendo “martírio” na sua aceção etimológica de “testemunho”.

21, 19 “Pela vossa constância ganhareis as vossas vidas”: a palavra “vidas” é a mesma que significa “almas” (*psukhai*).

21, 20 “quando virdes Jerusalém sitiada por exércitos, ficai sabendo que a sua desolação está próxima”: a menção explícita de Jerusalém está ausente das passagens correspondentes de Mateus (24,15) e Marcos (13,14).

21, 26, Citação de Isaías 34,4.

21, 27 Citação de Daniel 7,13.

21, 34 “na ressaca, na embriaguez e nas preocupações da vida”: a palavra grega para “ressaca” é *kraipálê*, de onde vem (curiosamente) a nossa palavra “crápula”.

21, 36 “Velai em cada estação”: ou, devido à polissemia de *kairós*, “velai em cada oportunidade, cada tempo”.

## 22.

*Os judeus procuram matar  
Jesus: A traição de Judas; A  
preparação da Ceia Pascal; A  
instituição da Eucaristia;  
Jesus no Monte das  
Oliveiras; A prisão de Jesus;  
As três negações de Pedro;  
Jesus perante as autoridades  
judaicas.*

<sup>1</sup> Aproximava-se a festa dos Ázimos, chamada Páscoa. <sup>2</sup> E os sumos sacerdotes e os escribas procuravam eliminar Jesus, mas temiam o povo.

<sup>3</sup> Satanás entrou em Judas, o chamado Iscariotes, que era do número dos doze. <sup>4</sup> Judas pôs-se a caminho e falou com os sumos sacerdotes e os oficiais do templo sobre como entregar-lhes Jesus. <sup>5</sup> Eles regozijaram-se e combinaram dar-lhe dinheiro. <sup>6</sup> Judas concordou e procurava ocasião de trair Jesus, longe da multidão.

<sup>7</sup> Chegou o dia dos Ázimos, em que devia sacrificar-se o cordeiro pascal, <sup>8</sup> e Jesus enviou Pedro e João, dizendo: “Ide preparar-nos a Páscoa, para que a comamos”. <sup>9</sup> Perguntaram-lhe: “Onde queres que a preparemos?”. <sup>10</sup> Ele disselhes: “Eis que, ao entrardes na cidade, virá ao vosso encontro um homem carregando uma bilha de água. Segui-o até a casa em que entrar <sup>11</sup> e dizei ao dono da casa: ‘O Mestre manda dizer-te: onde é a sala onde eu possa comer a ceia pascal com os meus discípulos?’”. <sup>12</sup> E aquele vos mostrará um grande aposento mobiliado. Aí fazei os preparativos”. <sup>13</sup> Partiram e encontraram tudo como Jesus lhes tinha dito e prepararam a Páscoa.

<sup>14</sup> Quando chegou a hora, sentou-se à mesa e os apóstolos com ele. <sup>15</sup> E disselhes: “Com desejo eu desejei comer esta Páscoa convosco, antes de padecer,



16 pois vos digo que não a comerei [nunca mais] até que se cumpra no reino de Deus”.

17 Tomando uma taça, deu graças e disse: “Tomai esta [taça] e reparti-a entre vós. 18 Pois vos digo que não bebo a partir de agora do fruto da videira até chegar o reino de Deus”.

19 E tomando o pão, depois de dar graças, partiu-o e deu-o a eles, dizendo: “Este é o meu corpo, que é dado por vós. Isto fazei, para a minha memória”.

20 E do mesmo modo [tomou] o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós. 21 Mas eis a mão daquele que me está traindo, comigo à mesa. 22 Porque o Filho da Humanidade segue em frente, conforme está determinado; mas ai daquele homem, através do qual ele está a ser traído”. 23 Começaram a perguntar uns aos outros se algum deles estaria para fazer tal coisa.

24 Deu-se entre eles uma discussão sobre qual deles devia ser considerado o maior. 25 Jesus disselhes: “Os reis dos pagãos reinam sobre eles e os que neles exercem a autoridade são chamados benfeitores. 26 Convosco não é assim; o que for maior entre vós seja como o menor; e aquele a quem couber a liderança [seja] como aquele que está a servir. 27 Pois quem é maior: quem está sentado à mesa ou quem serve? Não é quem está à mesa? Pois eu estou no meio de vós como quem serve.

28 Vós sois os que ficaram sempre comigo nas minhas provações. 29 E eu disponho para vós — tal como o meu Pai dispôs para mim — o reino, 30 para que comais e bebais à minha mesa no meu reino. E sentar-vos-eis em tronos a julgar as doze tribos de Israel.

31 Simão, Simão! Eis que Satanás vos requereu para [vos] joeirar como trigo. 32 Mas eu roguei por ti, para que não desapareça a tua fé. E tu, depois de teres voltado, fortalece os teus irmãos”. 33 Ele disse-lhe: “Senhor, estou pronto para ir contigo até para a prisão e para a morte”. 34 Jesus disse: “Digo-te, Pedro, que não cantará hoje o galo sem que três vezes tenhas negado conhecer-me”.

35 E disselhes: “Quando vos enviei sem bolsa, sem alforje, sem sandálias, sentistes falta de alguma coisa?”. Eles disseram: “De nada”. 36 Ele disselhes: “Mas agora, quem tem uma bolsa que a tome, assim como o alforje; e quem não tem, venda a capa e compre uma espada. 37 Digo-vos que esta palavra da

Escritura tem de se cumprir em mim, isto é: *foi contado entre os malfeitores*. Pois aquilo que me diz respeito chega ao fim”. 38 Disseram-lhe: “Senhor, eis aqui duas espadas”. Ele disselhes: “Já é suficiente”.

39 E saindo, foi como era seu costume para o Monte das Oliveiras. Os discípulos foram atrás dele. 40 Chegado ao local, disselhes: “Orai, para que não entreis em tentação”. 41 E ele afastou-se deles, à distância do arremesso de uma pedra. Pondo-se de joelhos, começou a orar, dizendo: 42 “Pai, se quiseses, afasta este cálice de mim; porém não a minha, mas a tua vontade se faça”.

[[43-44]]

45 Levantou-se depois da oração e, chegando junto dos discípulos, encontrou-os dormindo por causa da tristeza. 46 Disselhes: “Por que dormis? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação”.

47 Estando ele ainda a falar, eis uma multidão. E o chamado Judas, um dos doze, caminhava à frente deles e aproximou-se de Jesus para o beijar. 48 Jesus disse-lhe: “Judas, é com um beijo que trais o Filho da Humanidade?”. 49 Vendo aqueles que estavam à sua volta o que ia acontecer, disseram: “Senhor, ferimo-los com a espada?”. 50 E um deles feriu um escravo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. 51 Mas Jesus, respondendo, disse: “Permiti [que eu chegue] até este”. E, tocando na orelha do escravo, curou-o.

52 Jesus disse aos que tinham vindo contra ele, aos sumos sacerdotes, aos oficiais do templo e aos anciãos: “Como contra um ladrão viestes com espadas e paus! 53 Estando eu todos os dias convosco no templo, não estendestes as mãos até mim. Mas esta é a vossa hora e o domínio da escuridão”.

54 Apoderando-se de Jesus, levaram-no e fizeram-no entrar em casa do sumo sacerdote. Pedro seguia de longe. 55 Tendo alguns acendido uma fogueira no meio do pátio e tendo-se ali sentado, Pedro sentou-se no meio deles.

56 Uma criada, vendo-o sentado ao lume, olhou para ele e disse: “Também este estava com ele”. 57 Mas Pedro negou, dizendo: “Não o conheço, mulher”. 58 Pouco depois, outro olhou para ele e disse: “Tu também és um deles”. Mas Pedro disse: “Homem, não sou”. 59 Cerca de uma hora mais tarde, um outro insistiu, dizendo: “É verdade, este estava com ele; ainda mais, é galileu”. 60 Pedro disse: “Homem, não sei o que dizes”. E de imediato, estando ele ainda a falar, cantou um galo. 61 E o Senhor, voltando-se, olhou para Pedro; e Pedro lembrou-se da

palavra do Senhor, quando lhe disse: “Antes de o galo cantar, hoje irás negar-me três vezes”. 62 E, saindo, chorou amargamente.

63 Os homens que guardavam Jesus troçavam dele, batendo-lhe. 64 Cobriam-lhe o rosto e perguntavam-lhe: “Adivinha quem te bateu!”. 65 E muitos outros insultos diziam contra ele.

66 Quando amanheceu, reuniu-se o conselho dos anciãos do povo, sumos sacerdotes e escribas, que o levaram ao tribunal deles. 67 Disseram-lhe: “Diz-nos se tu és o Cristo”. Ele disselhes: “Se vos disser, não acreditareis. 68 E, se eu vos perguntar, não respondereis. 69 A partir de agora estará *o Filho da Humanidade sentado à direita do Poder de Deus*”.

70 Disseram todos: “Então tu és o filho de Deus?”. Ele disselhes: “Vós dizeis que eu sou”. 71 Eles disseram: “Que necessidade temos de testemunhas? Pois nós próprios o ouvimos da boca dele”.

---

22, 15 “Com desejo eu desejei comer esta Páscoa convosco”: em grego há aqui um jogo de palavras, reforçando a ideia de desejo com a utilização simultânea na frase do substantivo e do verbo: *epithumiâi* (“com desejo”) *epethúmêsa* (“desejei”).

22, 16 “vos digo que não a comerei [nunca mais] até que se cumpra no reino de Deus”: a frase é de difícil compreensão, pois parece faltar a palavra *oukêti* (“nunca mais”) que está presente em Marcos 14,25. A forma passiva *plêrôthê* (“se cumpra”) é de interpretação incerta quanto aos seus referentes: o mais provável é que o sujeito subentendido seja “Páscoa” e o agente da passiva implícito seja “Deus”.

2, 18 “não bebo a partir de agora do fruto da videira até chegar o reino de Deus”: em Mateus (26,29) e Marcos (14,25), Jesus fala em não beber mais na Terra até voltar a beber *no* reino de Deus, pressupondo-se que isso irá acontecer após a sua chegada ao reino. Na formulação de Lucas, não é Jesus que chega, mas sim o próprio reino. A mesma expressão “até chegar” (*ákhrî hoû êlthê*) surge, pela pena de Paulo, em contexto semelhante (1 Coríntios 11,26).

22, 19 “Este é o meu corpo, que é dado por vós. Isto fazei, para a minha memória”: na expressão “dado por vós” (*hyper humôn dedómenon*), “dado” corresponde a um particípio presente médio-passivo em grego (e não futuro, como muitas vezes se traduz). Quanto à maravilhosa frase “Isto fazei, para a minha memória” (*toûto poiête eis tên emên anámnêsin*), é de notar, antes de mais, o imperativo presente (*poiête*) de ação continuada, denotando algo que é para fazer sempre (e não só naquela ocasião específica), o que justifica a reincidência do reviver da Última Ceia na vida dos cristãos por meio da Eucaristia. Nenhum dos outros evangelistas registra essa frase de Jesus, mas é de salientar a sua presença em Paulo, na 1ª Carta aos Coríntios (11,24-25).

22, 20 Contrariamente ao que sucede em Mateus e Marcos, em Lucas, Jesus toma duas vezes o cálice de vinho: a primeira vez ocorre antes de partir e dar o pão (v. 18\*); a segunda vez, depois de repartido o pão, com a indicação de que o cálice é a “nova aliança no meu sangue” (frase bem diferente de “o sangue da aliança” nas passagens correspondentes de Mateus e Marcos).

22, 26 “o que for maior entre vós seja como o menor”: a palavra para “menor” (*neôteros*) significa literalmente “mais novo”.

22, 32 “depois de teres voltado”: o sentido de “voltar” (aqui o particípio aoristo de *epistréphô*) é análogo ao que encontramos nas seguintes palavras de Davi (2 Samuel 15,20 LXX): “Volta e faz voltar os teus irmãos” (*epistréphou kai epístrepson toûs adelphoûs sou*). Em relação a Pedro, as palavras dizem respeito ao regresso a um estado anterior de fé e de confiança, após aquilo que em breve irá seguir-se (Pedro a negar Jesus).

22, 36 “quem não tem, venda a capa e compre uma espada”: essa afirmação surpreendente de Jesus ocorre só em Lucas.

22, 37 *foi contado entre os malfeitores*: Isaías 53,12.

[[22, 43-44]] Estes versículos, em que vem um anjo consolar Jesus, que depois transpira gotas de suor como sangue, não são considerados autênticos na edição crítica de N-A (“Apareceu-lhe um anjo do céu que o confortava. Em estado de angústia, ficou a orar com mais afinho e o suor tornou-se em coágulos [*thrómboi*, de onde vem a nossa palavra trombose] de sangue, que caíam na terra.”).

22, 45 “encontrou-os dormindo por causa da tristeza”: a expressão *apò tês lúpês* (“por causa da tristeza”) causa alguma dificuldade. Nas palavras de Marshall (p. 833), “a ideia do sono como consequência de um estado de tristeza pode afigurar-se psicologicamente inverossímil. A tristeza é psicologicamente compreensível numa situação de despedida; agora, se tal estado induz o sono já parece mais questionável”.

22, 50 “um deles feriu um escravo do sumo sacerdote”: o discípulo que corta a orelha direita do escravo do sumo sacerdote só é identificado no Evangelho de João (18,10): é Pedro.

22, 51 “Permiti [que eu chegue] até este”: essas três palavras (*eâte héôs toutou*) tão lacônicas quanto enigmáticas na boca de Jesus têm se prestado a diversas interpretações. Uma delas, já bastante tradicional, é que Jesus está dizendo a quem o vem prender que não pretende fugir: quer apenas estender a mão até o escravo, para curar a orelha cortada por Pedro. Note-se que é só em Lucas que Jesus cura a orelha do escravo.

22, 61 “E o Senhor, voltando-se, olhou para Pedro”: esse momento tremendo para Pedro, em que recebe o olhar de Jesus depois de o ter negado três vezes, é registrado apenas por Lucas. A explicação mais plausível é que Jesus estava naquele momento a ser levado da casa do sumo sacerdote para a etapa seguinte do seu julgamento.

22, 69 A citação de Daniel 7,13 aparece aqui enquadrada de maneira um pouco diferente relativamente às passagens correspondentes de Mateus (26,64) e Marcos (14,62).

## 23.

### *Jesus perante Pilatos; Jesus perante Herodes; Barrabás; A caminho do Calvário; A crucificação de Jesus; A morte de Jesus; A sepultura de Jesus.*

<sup>1</sup> E levantando-se toda a multidão deles, levaram-no a Pilatos.

<sup>2</sup> Começaram a acusá-lo, dizendo: “Encontramos este homem subvertendo o nosso povo e impedindo que se pagasse tributo a César e a dizer de si próprio que é Cristo Rei”.

<sup>3</sup> Pilatos perguntou-lhe: “Tu és o rei dos judeus?”. Jesus, respondendo-lhe, disse: “Tu o dizes”. <sup>4</sup> Pilatos disse aos sumos sacerdotes e à multidão: “Nada encontro de culpável neste homem”. <sup>5</sup> Mas eles insistiram, dizendo: “Mas ele subleva o povo, ensinando por toda a Judeia, começando da Galileia até aqui”.

<sup>6</sup> Pilatos, ouvindo isso, perguntou se o homem era galileu. <sup>7</sup> E ao saber que era da jurisdição de Herodes, enviou-o a Herodes, estando ele também em Jerusalém por aqueles dias. <sup>8</sup> Herodes, vendo Jesus, alegrou-se muito, pois havia bastante tempo que o queria ver, por causa do que ouvia dizer dele. E esperava que ele fizesse algum milagre na sua presença. <sup>9</sup> Interrogou-o com bastantes perguntas, mas Jesus nada lhe respondeu.

<sup>10</sup> Os sumos sacerdotes e os escribas, que lá estavam, acusavam-no de forma enfática. <sup>11</sup> Herodes, com os seus oficiais, tratou-o com desprezo e mandou cobri-lo por troça com uma capa esplendorosa e enviou-o de novo a Pilatos. <sup>12</sup> Herodes e Pilatos tornaram-se amigos nesse dia, pois eram inimigos um do outro.

<sup>13</sup> Pilatos, convocando os sumos sacerdotes, os chefes e o povo, <sup>14</sup> disselhes: “Trouxestes-me este homem como se andasse a amotinar o povo. E eis que, interrogando-o diante de vós, não encontrei nele nenhum dos crimes de que o

acusais. 15 Herodes tampouco, visto que o mandou de volta. Eis que nada ele praticou que mereça a morte. 16 Depois de o mandar castigar, irei libertá-lo”.

[[17]]

18 Todos se puseram a gritar: “Mata esse e solta-nos Barrabás”. 19 Este, por causa de uma insurreição na cidade e por homicídio, tinha sido atirado para a prisão. 20 De novo lhes falou Pilatos, querendo libertar Jesus. 21 Mas eles gritavam: “Crucifica, crucifica-o!”. 22 Pela terceira vez lhes disse Pilatos: “Que mal ele fez? Nada encontrei nele que mereça a morte. Depois de o mandar castigar, irei libertá-lo”. 23 Mas eles insistiam em altos gritos, pedindo que fosse crucificado, e os seus clamores tornaram-se mais violentos.

24 E Pilatos decidiu que fosse feito o que eles pediam. 25 Libertou o que fora atirado para a prisão por sedição e homicídio, que eles reclamavam, e entregou Jesus à vontade deles.

26 Quando o levavam, agarraram um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e puseram-lhe a cruz [nas costas] para ele levar atrás de Jesus.

27 Seguia Jesus uma grande multidão de povo e de mulheres, que batiam no peito e se lamentavam por ele. 28 Voltando-se para elas, Jesus disselhes: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim. Chorai por vós mesmas e pelos vossos filhos. 29 Pois eis que virão dias em que se dirá: ‘Bem-aventuradas as estéreis e os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram’. 30 Nesse momento começarão a *dizer aos montes: ‘Caí sobre nós!’*. E às colinas: ‘*Cobri-nos*’. 31 Porque se fazem tais coisas à árvore verde, o que não acontecerá à seca?”.

32 E levavam também dois malfeitores, para serem executados com ele.

33 Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, aí o crucificaram. E [crucificaram] também os malfeitores, um à direita e outro à esquerda. 34 Jesus dizia: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”. Depois, *dividindo entre si as suas vestes, jogaram sortes*. 35 O povo permanecia ali, observando. Os chefes escarneciam, dizendo: “Outros ele salvou; salve-se a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito”. 36 Os soldados também troçavam dele, aproximando-se para lhe darem vinagre 37 e dizendo: “Se és rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!”. 38 Havia uma inscrição por cima dele:

“Este é o rei dos judeus”.

39 Um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: “Não

és tu o Cristo? Salva-te a ti e a nós”.

40 Mas o outro, respondendo, repreendeu-o e disse: “Não temes a Deus, tu que estás no mesmo suplício? 41 Nós [sofremos] justamente, pois recebemos o castigo que as nossas ações mereciam; mas ele nada fez de mal”. 42 E dizia: “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu reino”. 43 E Jesus disse-lhe: “Amém te digo: hoje estarás comigo no paraíso”.

44 Por volta da hora sexta, as trevas cobriram toda a terra até a hora nona. 45 Tendo-se o sol eclipsado, rasgou-se ao meio o véu do templo. 46 Dando um grito forte, Jesus disse: “Pai, *nas tuas mãos entrego o meu espírito*”. Tendo dito isso, expirou.

47 Vendo o centurião o que acontecera, deu glória a Deus, dizendo: “Indubitavelmente este homem era justo”. 48 E todas as multidões reunidas para aquele espetáculo, vendo as coisas que aconteceram, regressavam batendo no peito.

49 Estavam todos os conhecidos dele à distância, assim como as mulheres que o tinham acompanhado desde a Galileia, elas que estavam observando essas coisas.

50 E eis que [veio] um homem de nome José, membro do conselho, homem reto e justo 51 — ele que não tinha concordado com a decisão nem com o procedimento dos outros. Era natural de Arimateia, cidade da Judeia, e esperava o reino de Deus. 52 Este foi encontrar com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. 53 Descendo-o [da cruz], envolveu-o num lençol e depositou-o num sepulcro talhado na rocha, onde ainda ninguém tinha sido sepultado.

54 Era o dia da Preparação e o sábado iniciava-se. 55 Acompanhando [José], as mulheres que tinham vindo com Jesus da Galileia observaram o túmulo e viram como o corpo de Jesus fora depositado. 56 Ao regressar, elas prepararam aromas e perfumes. E durante o sábado descansaram, conforme o mandamento.

---

23, 2 “Encontramos este homem subvertendo o nosso povo”: sigo aqui a bela tradução da Vulgata (*subvertentem*) para *diastréphonta*.

23, 7 “E ao saber que era da jurisdição de Herodes, enviou-o a Herodes, estando ele também em Jerusalém por aqueles dias”: esse insólito frente a frente entre Jesus e Herodes é desconhecido dos outros evangelistas.

23, 16 “Depois de o mandar castigar, irei libertá-lo”: ao contrário do que nos é narrado nos outros três Evangelhos, Jesus, em Lucas, não é flagelado. O verbo “castigar” aqui usado por Pilatos é vago: trata-se de *paideiô*, que em grego clássico significava “educar”, “instruir” (cf. *paideia*); mas como a educação antiga

implicava tantos castigos corporais administrados aos alunos pelos professores, o verbo passou a ter o sentido de “castigar” (como ainda hoje em grego moderno).

[[23, 17]] Versículo considerado inautêntico na edição crítica de N-A: “Em cada festa, Pilatos era obrigado a soltar-lhes um preso”. A obrigatoriedade aqui referida é estranha.

23, 30 Citação de Oseias 10,8.

23, 31 “Porque se fazem tais coisas à árvore verde, o que não acontecerá à seca?”: a essas palavras de Jesus (somente registradas por Lucas) deve subjazer algum dito proverbial. A “árvore verde” deverá referir-se ao próprio Jesus e o sentido pode ser algo como “se Deus trata assim os inocentes, como não tratará ele os culpados?”.

23, 34 “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”: apesar de essa frase ser considerada um acrescento inautêntico ao Evangelho de Lucas (pois está ausente numa quantidade impressionante de manuscritos mais antigos), é demasiado bela para não figurar no texto, mesmo que reflita apenas aquilo que cristãos de épocas posteriores imaginaram ter sido dito por Jesus na cruz.

\_\_\_\_ *dividindo entre si as suas vestes*: Salmo 22,19.

23, 46 *nas tuas mãos entrego o meu espírito*: Salmo 31,6.



## 24.\*

### *As mulheres vão ao sepulcro; No caminho de Emaús; Aparição e ascensão de Jesus ressuscitado.*

<sup>1</sup> No primeiro dia da semana, ao romper da madrugada, elas foram ao sepulcro com os perfumes que tinham preparado. <sup>2</sup> Encontraram a pedra afastada da porta do sepulcro <sup>3</sup> e, entrando, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. <sup>4</sup> E aconteceu que, estando elas sem saber o que fazer, lhes apareceram dois homens em traje resplandecente. <sup>5</sup> Estando elas apavoradas e de rosto voltado para o chão, eles disseram-lhes: “Por que procurais o Vivo entre os mortos? <sup>6</sup> Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia, <sup>7</sup> dizendo que o Filho da Humanidade tinha de ser entregue às mãos de homens pecadores, ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia”. <sup>8</sup> E elas lembraram-se das suas palavras.

<sup>9</sup> Voltando do sepulcro, contaram todas essas coisas aos onze e a todos os outros. <sup>10</sup> Eram elas Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago, e as outras que estavam com elas. Contavam essas coisas aos apóstolos, <sup>11</sup> mas as palavras delas pareceram-lhes uma tolice e eles não acreditaram nelas. <sup>12</sup> Porém Pedro levantou-se e correu ao sepulcro. Ao espreitar, apenas viu as ligaduras e voltou para casa, espantado com o que acontecera.

<sup>13</sup> E eis que dois dos discípulos, nesse mesmo dia, iam a caminho de uma aldeia que ficava a cerca de sessenta estádios de Jerusalém, cujo nome era Emaús. <sup>14</sup> E conversavam entre si sobre todas as coisas que tinham acontecido. <sup>15</sup> E aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou deles e foi caminhando com eles. <sup>16</sup> No entanto, os olhos deles estavam impedidos de o reconhecer.

<sup>17</sup> Jesus disse-lhes: “Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto

caminhais?”. Pararam, desconfiados. 18 E um deles, chamado Cléofas, respondeu: “Serás tu o único a visitar Jerusalém que ignora os acontecimentos que lá se passaram nestes dias?”. 19 Ele disse-lhes: “Que acontecimentos?”. Eles disseram-lhe: “Os referentes a Jesus de Nazaré, que era um homem, um profeta poderoso na ação e na palavra, diante de Deus e de todo o povo; 20 como os sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e crucificaram-no. 21 Nós esperávamos que ele viesse resgatar Israel. Mas, com tudo isso, já é o terceiro dia desde que aconteceram essas coisas. 22 Algumas mulheres do nosso grupo deixaram-nos confusos, porque foram ao sepulcro de madrugada 23 e, não encontrando o corpo dele, vieram dizer que tinham visto uns anjos, que afirmavam que ele vivia. 24 Alguns dos que estão conosco foram ao sepulcro e encontraram [tudo] como as mulheres tinham dito. Mas a ele, não o viram”.

25 Jesus disse-lhes: “Ó homens sem inteligência e lentos no coração para crer em tudo quanto os profetas anunciaram. 26 Não tinha o Cristo de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?”. 27 E, começando desde Moisés e de todos os profetas, interpretou-lhes, em todas as Escrituras, as coisas que lhe diziam respeito.

28 Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, Jesus seguiu adiante. 29 E os outros insistiam com ele, dizendo: “Fica conosco, pois é quase de noite e o dia já está no fim”. E ele entrou para ficar com eles. 30 E aconteceu que, quando se pôs à mesa com eles, ele tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, deu [o pão] para eles [comerem]. 31 Abriam-se os olhos deles e reconheceram-no. E ele tornou-se invisível [à vista] deles. 32 Disseram um ao outro: “Não nos ardia o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos abria as Escrituras?”.

33 Levantando-se, logo na hora voltaram para Jerusalém e encontraram reunidos os onze e os que estavam com eles, 34 que lhes disseram: “O Senhor ressuscitou realmente e foi visto por Simão!”. 35 E eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer no momento de partir o pão.

36 Dizendo eles essas coisas, Jesus surgiu de pé no meio deles e disse-lhes: “Paz para vós”. 37 Espantados e com muito medo, julgavam ver um espírito.

38 Jesus disse-lhes: “Por que estais agitados e por que surgem dúvidas no vosso

coração? <sup>39</sup> Vede as minhas mãos e os meus pés: sou eu mesmo. Tocai-me e olhai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”.

<sup>40</sup> E dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. <sup>41</sup> Mas estando eles ainda incrédulos e espantados de alegria, ele disse-lhes: “Tendes aqui alguma coisa para comer?”. <sup>42</sup> Deram-lhe um pouco de peixe assado; <sup>43</sup> e, tomando-o, comeu-o à frente deles.

<sup>44</sup> Disse-lhes: “Estas foram as palavras que vos disse, estando ainda convosco: que era necessário que se cumprissem todos os escritos sobre mim na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos”. <sup>45</sup> Abriu-lhes então o entendimento para compreenderem as Escrituras. <sup>46</sup> E disse-lhes: “Assim está escrito que o Cristo havia de sofrer e ressuscitar dentre os mortos ao terceiro dia; <sup>47</sup> que havia de ser anunciada, em seu nome, a mudança de mentalidade para libertação dos erros a todos os povos, começando por Jerusalém. <sup>48</sup> Vós sois as testemunhas dessas coisas. <sup>49</sup> E eis que envio a promessa do meu Pai sobre vós. Permanecei na cidade até serdes vestidos com a força do Sublime”.

<sup>50</sup> Levou-os até perto de Betânia e, levantando as mãos, abençoou-os. <sup>51</sup> E aconteceu que, enquanto os abençoava, partiu de junto deles e era elevado para o céu.

<sup>52</sup> E eles, tendo-se prostrado diante dele, voltaram para Jerusalém com grande alegria. <sup>53</sup> E estavam continuamente no templo, bendizendo a Deus.

---

\* O capítulo 24 de Lucas contém dois episódios únicos: o encontro com Jesus ressuscitado a caminho de Emaús (e depois a refeição nessa aldeia, cujo nome semita significa “fonte” ou “nascente”) e, fechando o Evangelho, a descrição literal da ascensão de Jesus ao céu. Um problema que se tem imposto à consideração de muitos leitores do final do Evangelho de Lucas é a discrepância relativamente ao que é afirmado em Mateus (28,7) e Marcos (16,7) sobre a necessidade de os discípulos se deslocarem à Galileia para verem Jesus. Ao contrário de Mateus e de João, Lucas não permite que os discípulos saiam das imediações de Jerusalém.

24, 11 “as palavras delas pareceram-lhes uma tolice”: trata-se da única ocorrência no NT da palavra *lêros* (“tolice”; ou, como no dicionário de LSJ, *nonsense*).

24, 17 “Pararam, desconfiados”: o adjetivo *skuthrôpôs* significa “amuado”, mas o sentido aqui parece exprimir mais a desconfiança dos discípulos face ao homem estranho.

24, 18 “Cléofas”: esse nome é a forma abreviada de Cleópatro e deve corresponder a uma helenização do nome semítico Clopas, referido por João (19,25\*) como pai ou irmão de uma tal de Maria.

24, 25 “Ó homens sem inteligência e lentos no coração para crer em tudo quanto os profetas anunciaram”: Jesus critica esses discípulos por serem desprovidos de “inteligência” (*anóêtoi*) e de rapidez “no coração”

(*kardía*), focando assim tanto o lado intelectual como o emocional da crença.

24, 27 “começando desde Moisés e de todos os profetas, interpretou-lhes, em todas as Escrituras, as coisas que lhe diziam respeito”: temos aqui a legitimação da peculiar leitura cristã do AT, segundo a qual o tema implícito versado pela Escritura judaica seria Jesus. A notar o verbo *diर्मêneusen* (“interpretou-lhes”), cognato da palavra “hermenêutica”.

24, 33 “Levantando-se, logo na hora voltaram para Jerusalém”: atendendo a que era já de noite (v. 29) e que a distância entre Emaús e Jerusalém fora indicada (v. 13) como sendo de sessenta estádios (= 12 km), impressiona-nos o zelo de Cléofas e do seu amigo.

24, 46 “Assim está escrito que o Cristo havia de sofrer e ressuscitar dentre os mortos ao terceiro dia”: em rigor, não está escrito em nenhuma passagem do AT que o Cristo havia de sofrer e de ressuscitar ao terceiro dia. Alguns comentadores, em desespero de causa, apontam Oseias 6,2, “dar-nos-á a vida em dois dias e ao terceiro dia nos levantará”; no entanto, a passagem original de Oseias exclui qualquer ideia de ressurreição (como foi frisado por J. L. Mays, *Hosea: A Commentary*, Filadélfia, 1969, p. 95).

# Evangelho segundo João

## Nota introdutória ao Evangelho segundo João

Para quem chega ao Evangelho segundo João após a leitura dos três Evangelhos sinópticos, tudo o que vai encontrar agora criar-lhe-á uma forte sensação de originalidade. Não há parábolas, não há exorcismos e não há desaprovação verbalizada por Jesus em relação aos ricos. Apesar de “amor” e “amar” surgirem mais vezes neste Evangelho do que em qualquer um dos outros, aqui não nos é dito para amarmos os nossos inimigos. É neste Evangelho que Jesus diz “Eu não julgo ninguém” (8,15) e, talvez por isso, é o único dos quatro Evangelhos em que ele não condena o divórcio. Aqui não há Tentaçao no Deserto nem Transfiguração; não há Sermão na Montanha nem Pai-Nosso. É o único dos quatro Evangelhos em que a mãe de Jesus não tem nome. É o único Evangelho em que Jesus chora (11,35). E é o único Evangelho em que está ausente a palavra *euangélion*. Curiosamente, se nos lembrarmos dos escrúpulos manifestados por Jesus nos Evangelhos sinópticos, ele aqui não exige dos que com ele contatam a ocultação do fato de ele ser o Messias. Que Jesus é o Cristo, o Messias, o filho de Deus e o rei de Israel fica logo estabelecido no primeiro capítulo de João. Note-se, neste momento, que a própria palavra semítica “Messias” só se encontra neste Evangelho, dotado sob todos os pontos de vista de um vocabulário próprio e inconfundível. “No princípio era o *lógos* e o *lógos* estava com Deus e Deus era o *lógos*”. Quem terá escrito semelhante coisa?

Contrariamente ao que sucede nos outros Evangelhos, no Evangelho de João o evangelista assume-se como autor (21,24 *ho grápsas taûta*) e que é ele próprio uma personagem da história por ele narrada: afirma que esteve presente na Última Ceia (13,23), afirma que esteve ao lado da mãe anônima de Jesus junto da cruz (19,26), afirma que viu o túmulo vazio (20,5) e presenciou a realidade de Jesus ressuscitado (capítulos 20 e 21). Claro que o estudo crítico do NT levou muitos leitores desde o século XIX a achar demasiado ingênua a suposição de que o autor do texto pudesse estar dizendo a verdade; e no século XX, sob influência

do grande estudioso alemão Rudolf Bultmann, quase se tornou tabu afirmar que o Evangelho de João pode ter algum valor enquanto documento histórico. Assim, é preciso sublinhar que, hoje, uma maioria significativa de estudiosos nega que o autor possa ter sido testemunha ocular dos acontecimentos por ele narrados (e alguns pensam ver a solução para a autoria deste Evangelho numa entidade coletiva, uma suposta “escola joanina” para a existência da qual não há, em rigor, a mínima prova concreta). As razões são essencialmente duas: ou porque a vida e as ações de Jesus no Evangelho de João são demasiado contraditórias relativamente à tradição sinóptica (na qual reside, para a maior parte dos cristãos, a verdade “mais fidedigna” sobre Jesus); ou então porque os dizeres de Jesus nesta versão — os longos e extraordinários monólogos — são vistos como inverossímeis enquanto registro do que foi realmente dito, valendo em vez disso como elaboração teológica do significado da missão de Jesus, mas não como palavras reais, ditas pelo Jesus real.

No entanto, não podemos perder de vista o seguinte dado objetivo: interpretar como ficção literária a figura do discípulo amado (o tal que, neste Evangelho, encosta a cabeça no peito de Jesus durante a Última Ceia, está junto da cruz e se diz autor do texto) é apenas uma possibilidade de interpretação. Nada a confirma; mas também nada a refuta concludentemente. A situação é a mesma se optarmos por levar ao pé da letra as informações que nos são dadas no texto sobre a sua autoria: é certo que nada as confirma de forma irrefutável, mas o processo de as refutar implica de saída contradizer e desautorizar o que é deliberadamente dito no próprio texto sobre a autoria do mesmo. Se não aceitamos que o autor do Evangelho de João foi testemunha ocular (como ele mesmo afirma mais de uma vez) de alguns dos acontecimentos por ele narrados, temos de aceitar que o autor do Evangelho de João é um impostor, que deliberadamente pôs por escrito informações sobre a sua relação pessoal com Jesus que não são verdade. Assim, em todas as instâncias em que João contradiz Mateus, Marcos e Lucas, teríamos de partir do princípio de que João, o embusteiro, está errado. Isso é especialmente relevante no que toca à Última Ceia, ao julgamento e à crucificação de Jesus, onde as diferenças entre João e os sinópticos são flagrantes. Quem é que tem razão? Quem é que registrou o que de fato aconteceu?

Um dos argumentos expostos por aqueles que interpretam o discípulo amado como mera ficção literária prende-se com a inverossimilhança de o apóstolo João, filho de Zebedeu e pescador da Galileia, ter tido capacidade intelectual (e conhecimentos de língua grega) para escrever um livro com a densidade teológica e com o rasgo filosófico do quarto Evangelho. No entanto, é preciso notar que, embora o autor do texto refira a sua presença nos momentos da vida de Jesus acima mencionados, ele nunca se identifica como o pescador João, filho de Zebedeu. Desse ponto de vista, o Evangelho de João é tão anônimo como qualquer um dos outros três Evangelhos: nunca o nome do autor é referido no interior do texto. É certo, porém, que a tradição de associar o “João” do título “Evangelho segundo João” ao filho de Zebedeu já vem desde os primeiros séculos do cristianismo — assim como a atribuição à mesma figura de três cartas canônicas do NT e também o livro do Apocalipse. Esta última obra (cujo autor nomeia o seu próprio nome como João: cf. Apocalipse 1,1, 4, 9; 22,8) está escrita num grego tão radicalmente diferente do que encontramos no Evangelho de João que me parece impossível atribuí-la ao mesmo autor do Evangelho. Quanto às cartas, a primeira apresenta claríssimas semelhanças estilísticas e conceituais com o Evangelho (há inclusive uma frase exatamente igual: João 8,34 = 1 João 3,4), mas há uma diferença que causa obrigatoriamente estranheza a quem lê os textos em grego. O “tique” linguístico mais típico do autor do Evangelho de João é a utilização obsessiva da partícula *oun* na ligação das frases. Essa palavra, que surge no Evangelho mais de 190 vezes, nunca aparece na primeira carta atribuída a João.

Ora mesmo que fosse possível comprovar que o autônimo João do livro do Apocalipse é o mesmo João que compôs as cartas e o Evangelho, mesmo assim não teria de decorrer obrigatoriamente desse fato a certeza de que esse João é o apóstolo, filho de Zebedeu. Admitindo que o autor do Evangelho possa perfeitamente ter-se chamado João, é possível colocar a hipótese de esse discípulo amado ter sido outra pessoa que não o filho de Zebedeu. Não querendo ir tão longe como F. V. Filson (num artigo intitulado “Who was the Beloved Disciple?”, *Journal of Biblical Literature*, 68, 1949, pp. 83-8), que pensou identificar o autor do Evangelho na figura do Lázaro que Jesus ressuscita no capítulo 11, julgo que uma base mais profícua de reflexão é a que encontramos



no livro de Martin Hengel, *The Johannine Question*. Nesse livro, Hengel propõe (p. 133), com todos os cuidados, uma identidade possível para o discípulo amado: um jovem pertencente a uma das famílias da elite sacerdotal de Jerusalém (daí o fato de ele ter podido entrar no palácio do sumo sacerdote quando Pedro, o pescador, foi obrigado a ficar na rua: cf. 18,15), detentor de boa escolaridade hebraica e helênica. Jovem esse que (à semelhança de outros homens da sua classe social, como Nicodemos ou José de Arimateia) se encantou com a extraordinária mensagem de Jesus, o seguiu, se afeiçãoou a ele e recebeu em troca a afeição do seu mestre, que o destaca dos demais a ponto de lhe confiar a incumbência de velar pela sua mãe. Esse discípulo amado terá vivido até uma idade avançada (isso está prenunciado nas palavras de Jesus em 21,23 e está patente se o evangelista for também o “ancião”, autor das três cartas). Após longas décadas de meditação sobre o impacto da figura e das palavras de Jesus, deixou esse testemunho do que foi a passagem, pelo mundo humano, do *lógos* divino feito carne.

Se esse testemunho terá sido ou não redigido com conhecimento pleno ou parcial dos Evangelhos da tradição sinóptica é algo que continua a ser debatido, se bem que a maioria dos estudiosos defenda atualmente que o autor do Evangelho de João conhecia os outros Evangelhos (ou, no mínimo, o Evangelho de Marcos). Mas, para sermos inteiramente isentos, a leitura dos quatro Evangelhos em grego não dá essa impressão. Atendendo a que os paralelismos literais entre Marcos, Mateus e Lucas são aos montes, há apenas uma única frase no Evangelho de João que constitui paralelo literal de uma frase encontrada na tradição sinóptica. Trata-se de João 13,21 = Marcos 14,18 (e a frase não é exatamente igual, pois em João tem mais uma palavra). Tirando isso, é óbvio que muitas vezes o Jesus de João diz e faz (com outras palavras) coisas que também são ditas e feitas pelo Jesus de Mateus, Marcos e Lucas; mas aqui, em vez de tentarmos perceber em que fonte escrita qualquer um dos evangelistas se baseou, poderíamos talvez perguntar se a coincidência não é palpável pelo simples fato de se tratar de algo que o Jesus histórico realmente disse ou fez.

Em suma: apesar de a tendência atual (visível na 2ª edição, de 2015, do grande comentário a este Evangelho da autoria de Hartwig Thyen) ser de analisar o quarto Evangelho como um monumento de intertextualidade, cujo autor

pressupõe a cada momento, da parte de quem lê, a leitura prévia de Mateus, Marcos e Lucas, penso que continuamos sem dados realmente objetivos para refutar a argumentação apresentada por P. Gardner-Smith em 1938, num livro admirável que merecia ser mais conhecido (*St. John and the Synoptic Gospels*), argumentação essa que deixa claro o fato de não haver fundamento suscetível de prova para pensarmos que João conhecia qualquer um dos Evangelhos sinópticos.

# 1.\*

## *Prólogo; O testemunho de João Batista; Os primeiros discípulos.*

1 No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo. 2 Este no princípio estava com Deus. 3 Todas as coisas existiram por ação dele e sem ele existiu nem uma só coisa que existiu. 4 Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. 5 E a luz brilha na escuridão, e a escuridão não dominou a luz.

6 Houve um homem, enviado por Deus: seu nome era João. 7 Este veio para dar testemunho e para testemunhar acerca da luz, para que por intermédio dele todos acreditassem. 8 Não era ele a luz, mas [veio] para testemunhar acerca da luz.

9 [O verbo] era a luz verdadeira que, vindo ao mundo, ilumina todo o ser humano. 10 Ele estava no mundo e foi por intermédio dele que o mundo existiu; e o mundo não o reconheceu. 11 Veio para o que era seu e os seus não o receberam. 12 Porém quantos o receberam, a esses deu a licitude de se tornarem filhos de Deus — a esses que creem no nome dele, 13 os quais não nasceram de sangues, nem de uma vontade da carne, nem da vontade de um varão, mas sim de Deus.

14 E o verbo fez-se carne e habitou entre nós; e contemplamos a sua glória — glória enquanto [filho] unigênito do Pai, pleno de graça e de verdade.

15 João dá testemunho acerca dele e clamou, dizendo: “Este era aquele de quem eu disse: ‘O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim’”. 16 Porque da plenitude dele todos nós participamos, graça sobre graça: 17 porque a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos através de Jesus Cristo. 18 A Deus ninguém nunca viu. Deus unigênito, que está no seio do Pai, esse deu [o Pai] a conhecer.

19 E este foi o testemunho de João, quando os judeus de Jerusalém enviaram

sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: “Tu quem és?”. 20 E ele confessou e não negou, confessando: “Eu não sou o Cristo”. 21 E perguntaram-lhe: “Então? Tu és Elias?”. Ele diz: “Não sou”. “És tu o profeta?”. Respondeu: “Não”. 22 Disseram-lhe, por fim: “Quem és tu, para que possamos dar uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?”. 23 Disse:

“Eu sou *voz de quem clama no deserto*:

*‘Retificai o caminho do Senhor’*,  
como disse Isaías, o profeta”.

24 E havia enviados dos fariseus. E perguntaram-lhe: 25 “Por que batizas, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?”. 26 João respondeu-lhes, dizendo: “Eu batizo na água, mas no meio de vós está quem vós não conheceis: 27 [é] aquele que vem depois de mim, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias”. 28 Essas coisas aconteceram em Betânia, na margem além do Jordão, onde João batizava.

29 No dia seguinte, vê Jesus dirigindo-se para ele e diz: “Eis o cordeiro de Deus, que tira o erro do mundo. 30 É aquele de quem eu disse: ‘Depois de mim vem um homem que me passou à frente, porque existia antes de mim. 31 Eu não o conhecia; mas, para que ele se manifestasse a Israel, por isso é que eu vim batizar na água’. 32 E João testemunhou, dizendo: ‘Vi o espírito descendo como uma pomba do céu e permanecia sobre ele. 33 E eu não o conhecia, mas quem me enviou para batizar com água disse-me: ‘Aquele sobre quem vires o espírito descendo e permanecendo é quem batiza num espírito santo’. 34 Eu vi e testemunhei que este é o filho de Deus”.

35 No dia seguinte, de novo se encontrava João [por ali] e [também] dois dos seus discípulos. 36 E olhando para Jesus, que passava, diz: “Eis o cordeiro de Deus”. 37 E os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus. 38 Jesus, voltando-se e vendo que eles o seguiam, diz-lhes: “Que procurais?”. Eles disseram-lhe: “Rabi (o que, traduzido, quer dizer Mestre), onde moras?”. 39 Ele diz-lhes: “Vinde e vereis”. Foram, pois, e viram onde mora; e ficaram com ele nesse dia. A hora era a décima.

40 André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João [Batista] e seguiram Jesus. 41 Encontra primeiro o seu irmão Simão, e diz-lhe: “Encontramos o Messias!” (o que, traduzido, quer dizer Cristo). 42 E levou-o até

Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse: “Tu és Simão, o filho de João. Chamar-te-ás Cefas” (o que, traduzido, significa pedra).

<sup>43</sup> No dia seguinte, Jesus resolveu sair para a Galileia e encontra Filipe. E Jesus diz-lhe: “Segue-me”. <sup>44</sup> Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro. <sup>45</sup> Filipe encontra Natanael e diz-lhe: “Aquele sobre quem escreveram Moisés, na lei, e os profetas: encontramos-lo. É Jesus, filho de José de Nazaré”. <sup>46</sup> Então disse-lhe Natanael: “De Nazaré pode vir alguma coisa boa?”. Filipe respondeu-lhe: “Vem e verás”. <sup>47</sup> Jesus viu Natanael, que vinha ao seu encontro, e diz a respeito dele: “Olha, [este é] verdadeiramente um israelita em quem não há astúcia”.

<sup>48</sup> Diz-lhe Natanael: “De onde me conheces?”. Respondeu-lhe Jesus: “Antes de Filipe te chamar, vi-te quando estavas debaixo da figueira”. <sup>49</sup> Respondeu-lhe Natanael: “Rabi, tu és o filho de Deus, tu és o rei de Israel”. <sup>50</sup> Jesus respondeu e disse-lhe: “Porque te disse ‘vi-te debaixo da figueira’, tu crês? Verás algo de maior do que essas coisas”. <sup>51</sup> E diz-lhe: “Amém amém vos digo: vereis o céu aberto *e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho da Humanidade*”.

---

\* *Prólogo* — Muito se tem especulado sobre a possibilidade de, originalmente, o Prólogo do Evangelho de João ter configurado (ou tido por base) um poema, talvez até em hebraico ou aramaico. No entanto, não há dados reais que sustentem tal hipótese, como já foi sublinhado por diversos especialistas. O texto grego não é um poema, porque não é subdivisível em unidades rítmicas que, no final do século I ou no século II, pudessem ser reconhecidas como constituindo formalmente poesia em língua grega. Não significa isso que não possamos reagir de forma auditivamente sensível ao ritmo involuntário aqui criado pela combinatória de certas palavras gregas. Eu noto, em especial, que *kai Theòs ên ho lógos* (“e Deus era o *lógos*”) tem o ritmo do primeiro hemistíquio do hexâmetro datílico usado por Homero na *Ilíada* e na *Odisseia*. Fica bem esse sopro épico abrindo a mais extraordinária das epopeias humanas: a vida de Jesus.

“No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo”. João inicia o seu Evangelho com uma das mais intraduzíveis afirmações alguma vez registradas por meio da palavra escrita: uma afirmação de fulminante arrojo assertivo, de sublime alcance teológico, carregada de múltiplos e complexos sentidos. A palavra-chave é *lógos*, celebrenemente traduzida na Vulgata de São Jerônimo por *verbum* (*In principio erat verbum*), opção que condicionou desde então todos os que traduziram o quarto Evangelho para uma língua neolatina. Embora inescapável (por falta de outra opção convincente em português), “verbo” não é uma tradução satisfatória. O vocábulo grego *lógos* tem duas acepções básicas. São elas: a) aquilo por meio do qual se exprime um pensamento racional (o que em latim se poderia traduzir por *verbum*, *vox* ou *oratio*), portanto “verbo”, “palavra” ou “discurso”; b) aquilo que leva à própria formulação de um pensamento racional (em latim *ratio*), portanto a “razão”. Ao lermos a frase em grego, percebemos que João está convocando ambas as acepções da palavra *lógos*, e não precisamos optar por uma em detrimento da outra.

Mas quem traduz a frase, para que ela possa ser lida em outra língua, é obrigado a optar ou pela acepção “a” ou pela acepção “b”. Optar pela acepção “a” — como fez São Jerônimo e todos os tradutores depois dele — tem o efeito redutor de empobrecer a frase nas suas dimensões tanto filosóficas como teológicas. Quem leu o *Fausto* de Goethe (vv. 1224-7) se lembrará da cena em que o herói procura traduzir o início do Evangelho de João por “no princípio era a palavra” (*am Anfang war das Wort*), chegando de imediato à conclusão de que não faz sentido dar à palavra tão excelso estatuto. Na realidade, o que João diz ter existido “no princípio” não é só a razão na sua forma de pensamento já verbalizado, mas também a Razão em si mesma. Recorde-se que a própria palavra *lógos* já servira aos primeiros filósofos helênicos (e mais tarde aos estoicos) para designar a inteligência que preside o Universo. Um desses primeiros filósofos, também morador (como tradicionalmente se pensa de João Evangelista) da cidade de Éfeso, falou inclusive do *lógos* (“segundo o qual todas as coisas acontecem”) como sendo eterno (cf. Heráclito, fragmento 1). João dá ao termo *lógos* um novo sentido teológico, mais transcendente do que aquele que lhe é próprio no âmbito da filosofia grega. Desse *lógos* — dessa Razão desde sempre “com Deus” que ao mesmo tempo é Deus — nos dirá o Evangelista que se tornou carne (1,14) e tomou forma humana. É da Razão Divina encarnada em forma de homem — Jesus — e da sua passagem pelo mundo dos homens que trata, pois, este Evangelho.

1, 1 “No princípio”: é importante sublinhar aqui a relevância da palavra *arkhê* (“princípio”). Ao iniciar a sua leitura do Evangelho de João, o leitor da Antiguidade Tardia que se beneficiara de uma escolaridade helênica teria decerto saboreado as ressonâncias filosóficas do termo *arkhê*, ao qual (como sabemos por Aristóteles) já era dado um lugar de destaque na reflexão dos primeiros filósofos gregos (nomeadamente na do primeiro de todos, Tales de Mileto). Ao mesmo tempo, o leitor dos primeiros séculos do cristianismo, familiarizado com a Escritura judaica na versão grega dos LXX, teria reparado que as duas palavras com que o Evangelho começa (*en arkhêi*) são exatamente as mesmas com que se inicia o livro do Gênesis na Bíblia dos Setenta. Aponte-se que a intenção de ligar o início do relato da vida de Jesus ao início do livro do Gênesis é também visível em Marcos (que começa o seu evangelho com a palavra *arkhê*) e Mateus (cujo evangelho ostenta como segunda palavra nada menos que *genéseôs*, o genitivo de *gênesis*).

— “e o verbo estava com Deus”: a preposição *prós* tem uma importância fulcral porque define aqui a própria relação do *lógos* (Jesus) com Deus. Que relação é essa? Na verdade, o uso de *prós* com acusativo é muito frequente na escrita de João, mas a esmagadora maioria das ocorrências diz respeito ou a verbos que implicam movimento (nesse caso, a preposição tem o sentido de “em direção a”) ou a verbos que significam falar (usando o evangelista *prós* em substituição do simples dativo do complemento indireto). Em 1,1, o verbo em causa é estático (“estava”, *ên*), o que não abona a favor do sentido “em direção a”. Parece-me haver apenas dois significados que podemos aqui aceitar para a expressão *prós tôn Theón*: 1) “com” (no sentido de “na companhia de”, “na presença de”): esse sentido da preposição *prós* com acusativo está inequivocamente documentado no NT (destaco, a partir das minhas próprias leituras: Mateus 13,27, 1 Coríntios 16,6, Gálatas 1,18; 2 João 12); 2) “relativo a”: aceitando essa acepção, a ideia aqui implícita seria algo como “o *lógos* dizia respeito a Deus” (“era relativo a Deus”). Essa acepção de *prós* com acusativo está igualmente documentada no Novo Testamento, como na frase de Jesus dirigida a Pedro (João 21,22) “o que tens tu a ver com isso?” (*tí pròs sé*). Do mesmo modo, no Evangelho de Mateus (27,4), quando Judas se arrepende de ter vendido Jesus por trinta moedas, é-lhe dito pelos compradores “o que temos nós a ver com isso?” (*tí pròs hêmàs*). É possível que alguns primeiros leitores de João, detentores de uma boa escolaridade helênica, lessem no sintagma *prós tôn Theón* um sentido que lhes lembraria o verso de Sófocles em que *tà pròs theoús* significa “as coisas relativas aos deuses” (*Filoctetes* 1441).

1, 3 “Todas as coisas existiram por ação dele (o *lógos*) e sem ele existiu (aoristo) nem uma só coisa que existiu (perfeito)”: há muito que se discute se as duas últimas palavras deste versículo não pertencerão, antes, ao versículo seguinte (lembre-se que João escreveu o seu texto todo em letras maiúsculas, sem pontuação

nem divisão de palavras). Apoiando-me em Barrett (pp. 156-7) e Thyen (pp. 66-70), prefiro entender “que existiu” (*ho génonen*) como pertencendo ao v. 3. Note-se, ainda, que a utilização que é aqui feita pelo evangelista da forma *egéneto* não pode ser considerada independentemente da presença da mesma forma verbal no início do livro do Gênesis (LXX), quando Deus diz “faça-se luz!” e logo nesse preciso momento (aoristo) passa a existir luz: “fez-se luz” (*egéneto phôs*).

— “por ação de”: traduzo aqui a preposição grega *diá* no seu sentido mais próximo de um complemento circunstancial de meio. É por meio da ação do verbo que tudo passa a existir; tudo passa a existir como que “verbalmente” (como na expressão *dia lógou apangélein* em Atos 15,27: “anunciar por meio da palavra”).

1, 4 “Nele [no *lógos*] estava a vida, e a vida era a luz dos homens”: o evangelista continua aqui o seu diálogo com o início do livro do Gênesis, explicitando o que pensa ser a luz aí referida. Ao afirmar que no *lógos* estava a vida — vida essa que era a luz dos homens —, João volta ao imperfeito do verbo ser (“era”, *ên*). Paralelamente, soa aqui pela primeira vez um dos principais motivos temáticos do Evangelho de João: *phôs* (“luz”), que logo no versículo seguinte ressoa junto com o seu antônimo (*skotía*, “escuridão”). O binômio luz/trevas será um fio discursivo fortemente propiciador de coerência interna no Evangelho de João.

1, 5 “E a luz brilha na escuridão, e a escuridão não dominou a luz”: introduz-se neste versículo o tema da escuridão (*skotía*) como realidade contrária à luz. A utilização do presente do indicativo na forma verbal “brilha” (*phainei*) vinca, pela continuidade que sugere, a permanência da vitória da luz. Por outro lado, na forma verbal que transmite a tentativa da escuridão de “dominar” (ou “apanhar”, “apoderar-se de”, “ocupar”, “travar”, “cercear”), a luz encontra-se conjugada no aoristo (*katélaben*), o que sugere um momento preciso no passado em que a escuridão tentou (em vão) vencer a luz. Na batalha cósmica entre luz e escuridão — pelo menos a nível gramatical do emprego do presente e do aoristo —, a vitória da luz já é dada como irreversível. A luz de que fala João é — como se verá mais adiante — Jesus (“eu sou a luz do mundo”, 8,12), tal como a “vida” (*zôê*) referida no versículo anterior é Jesus também (cf. “eu sou o caminho, a verdade e a vida”, 14,6). É pertinente registrarmos que a palavra *skotía* (“escuridão”), que nunca é usada por Marcos, só aparece uma vez em Mateus e uma vez em Lucas, ao passo que é usada oito vezes no Evangelho de João e seis vezes na primeira carta que lhe é atribuída.

1, 6 “Houve um homem, enviado por Deus: seu nome era João”: o João aqui referido é o Batista (não o próprio autor do Evangelho, que internamente nunca é referido como “João”). Como já vimos, a importância que é dada a essa figura pelos quatro evangelistas obedece à necessidade de sublinhar perante discípulos e seguidores do Batista (vítima de uma morte tão injusta quanto a de Jesus) que João Batista não fez mais que anunciar e identificar o Messias: nem ele era, nem ele se considerava, o Messias. Não é inteiramente clara a lógica a que obedece a colocação do material referente ao Batista nos três primeiros capítulos deste Evangelho. Contrariamente ao que sucede nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, o Batista aparece e desaparece no início do Evangelho de João com imprevisibilidade desconcertante, o que tem levado à suposição (defendida por uns, rebatida por outros) de que esse material sobre João Batista no Prólogo do Evangelho não fazia parte do texto numa fase inicial da sua elaboração.

1, 11 “Veio para o que era seu e os seus não o receberam”: há aqui um jogo de palavras (que mostra bem como o autor pensava em língua grega) entre *tà ídia* (“as suas coisas”, que traduzi “o que era seu”) e *hoi ídioi* (“os seus”). “O que era seu” (*tà ídia*) designa propriedade, casa. Assim, quando se diz que o discípulo amado, junto da cruz, recebeu a mãe de Jesus para viver em sua casa, diz-se *élaben* [...] *eis tà ídia* (19,27). No presente caso, “o que era seu” (portanto, a sua casa) deve referir-se a Israel, e “os seus” aos judeus.

1, 13 “os quais não nasceram de sangue”: o plural “de sangue” (*ex haimátôn*) tem causado perplexidade, mas a ideia não é peregrina nem estranha ao bom grego clássico (cf. a tragédia *Íon* de Eurípides, v. 693, em que a referência é curiosamente alguém que é filho de um deus e de uma mulher mortal considerada *parthénos*, virgem, na altura da concepção do filho).

— “nem da vontade de um varão”: temos aqui uma referência inequívoca ao papel masculino no ato sexual e na geração de filhos; papel esse que é irrelevante para a geração de cristãos, pois não é, como aqui se diz, da carne que nasce o crente, mas sim da vontade de Deus. A interpretação de que o v. 13 constitui uma referência (seria a única no Evangelho de João) à partenogênese por meio da qual Jesus nasceu parece-me contraditada pelo pronome relativo no plural (*hoi*). Não é de Jesus que aqui se fala em exclusivo, mas de todos aqueles a quem Jesus deu a “licitude” (tradução literal de *exousía*, a partir de *éxesti*, “é lícito”) de se tornarem filhos de Deus.

1, 14 “E o verbo fez-se carne e habitou entre nós”: João não diz que o verbo se fez “homem”, mas sim que se fez “carne” (*sárx*). Seria impossível sublinhar mais a literalidade da encarnação. Mas “carne” em que sentido? Citando as pertinentes palavras de Ernst Käsemann: “Em que sentido é que é carne alguém que caminha sobre a água e através de portas fechadas, que é intangível para quem o quer agarrar, que se senta junto do poço na Samaria para pedir, cansado, um pouco de água, ele que não precisa beber e tem outro alimento que não aquele que é providenciado pelos seus discípulos? Pelos homens ele não se deixa enganar, porque não precisa ouvir as suas palavras para conhecer o que lhes vai lá dentro. Discute com eles a partir da distância infundável do Celeste, não precisa do testemunho de Moisés ou do Batista, distancia-se dos judeus como se não fossem o povo dele e distancia-se da sua mãe, ele que é Senhor dela [...]. Como é que tudo isso se coaduna com um entendimento realista da encarnação?” (E. Käsemann, *Jesu letzter Wille nach Johannes 17*, Tübingen, 1980, 4ª ed., pp. 27-8).

— “habitou entre nós”: a forma verbal em grego correspondente a “habitou” é *eskênôsen*, em que reconhecemos a palavra *skênê*, “tenda”, que é a tradução grega para Tabernáculo e aponta para o episódio do AT em que Israel recebe a incumbência de fazer uma “tenda” para que Deus nela habite entre o Seu povo (Êxodo 25,8-9). O radical *skn* do verbo grego é assemelhado por Brown (vol. I, p. 33) ao radical hebraico *shkn*, presente na palavra *shekinah*, termo para a presença de Deus entre o Seu povo. Note-se que, no v. 14 de João, a expressão “entre nós” é literalmente “em nós” (*en hêmin*).

— “contemplamos a sua glória”: há duas interpretações para essa primeira pessoa do plural. Pode referir-se ao estatuto do autor do Evangelho enquanto testemunha ocular do ministério de Jesus, pelo que abrange o conjunto dos discípulos (no qual ele se inclui) que conheceram realmente Jesus. A outra interpretação (seguida pelos estudiosos que consideram demasiado ingênua a aceitação do que é dito neste Evangelho sobre a sua autoria no capítulo 21) entende a primeira pessoa do plural como referência à Igreja ou ao conjunto dos cristãos.

— “unigênito”: entre os evangelistas, só João aplica esse adjetivo a Jesus. Lucas utiliza a palavra três vezes (7,12; 8,42; 9,38), mas com o sentido de “filho único” (e aplicada a filhos de personagens intervenientes do seu Evangelho). Em João, “unigênito” (sempre com referência a Jesus) ocorre ainda em 1,18, 3,16 e 3,18 (podemos juntar 1 João 4,9). Se pensarmos que, em todo o NT, apenas a Carta aos Hebreus (11,17) usa o adjetivo de forma equivalente (mas na Carta aos Hebreus fala-se de Isaac, filho de Abraão, e não de Jesus), podemos considerá-lo retintamente “joanino”. Há dúvidas, no entanto, se “unigênito” é a tradução mais correta para *monogenês*, já que “unigênito” (derivado do *unigenitus* da Vulgata de São Jerônimo) pressupõe que o adjetivo grego se forma a partir do verbo *gennân* (“gerar”), quando na verdade se forma a partir do substantivo *génos* (“gênero”, sendo *monogenês* um reforço da ideia da unicidade de Jesus). A tradução menos incorreta seria, talvez, a que derivamos do sentido do adjetivo tal como é usado por Lucas: “filho único”. Suspeita-se que São Jerônimo sabia que *unigenitus* não era a tradução correta (pois em traduções anteriores a dele já figurava *unicus*), só que foi mais forte a vontade de combater a heresia conhecida como arianismo, que defendia que Jesus fora “criado, não gerado”, ao que a ortodoxia triunfante do século IV respondeu com a formulação que conhecemos ainda hoje do Credo dito na missa católica: “gerado, não criado”. Na verdade, ao escrever *monogenês*, João estava longe de imaginar as controvérsias de morte (com os imperadores



Constantino e, mais tarde, Teodósio I, os seguidores do arianismo eram efetivamente condenados à morte) e as manipulações a que essa sua palavra seria depois sujeita.

— “pleno de graça e de verdade”: a palavra “verdade” (*alêtheia*) é recorrente ao longo de todo o Evangelho de João; a palavra “graça” (*kháris*) ocorre só no Prólogo.

1, 15 “João dá testemunho acerca dele e clamou”: o presente “dá testemunho” (*marturei*) e o perfeito “clamou” (*kékragen*) formam aqui uma junção surpreendente. Dado que o perfeito grego transmite o resultado presente de uma ação passada, podemos interpretar o sentido da redação de João como sublinhando o caráter permanente do testemunho de João Batista.

1, 18 “Deus unigênito”: há manuscritos que têm “filho unigênito”, decerto um expediente desesperado para tornar a frase menos confusa. Sobre “unigênito” ver v. 14\*.

— “deu [o Pai] a conhecer”: literalmente, a frase significa, de forma abrupta, “Deus unigênito, que está no seio do Pai, esse narrou”. Pois a forma verbal *exégêsato* pertence ao verbo *exêgeisthai*, que significa “narrar”, “contar” (tal como é usado por Lucas 24,35; e também várias vezes nos Atos). Falta à frase a explicitação do que foi narrado por Deus unigênito (Jesus), pelo que o suplemento plausível [o Pai] é apenas um palpite. O “Evangelho” (*euangélion* — palavra que, todavia, João nunca utiliza, ao contrário de Mateus, Marcos e Lucas) surge assim como Narrativa do Filho acerca do Pai.

1, 21 “‘Tu és Elias?’ Ele diz: ‘Não sou’”: o repúdio expresso da identificação de João Batista com Elias contradiz o próprio Jesus da tradição sinóptica (cf. Mateus 11,14).

1, 23 “Eu sou *voz de quem clama no deserto*”: cf. Isaías 40,3. O modo como João cita essa passagem de Isaías reveste-se de certa originalidade, já que tem “retificaí” (*euthúnate*) em vez de “preparai” (*hetoimásate*), como se lê no texto dos LXX.

1, 26 “Eu batizo (*baptízô*) na água”: em Marcos (1,8) lêramos: “Eu batizei (*ebáptisa*) na água”. O Batista de João não dá a sua atividade como terminada pelo fato de se ter dado a vinda de Jesus.

1, 27 “não sou digno de desatar a correia das sandálias”: para o adjetivo aqui traduzido como “digno”, Mateus (3,11), Marcos (1,7) e Lucas (3,16) têm *hikanós* (literalmente, “suficiente”); só João é que escreve “digno” em sentido próprio, *áxios*.

1, 28 “em Betânia”: nem todos os manuscritos do Evangelho de João dão essa localização. Uns têm *Bethabará*; outros *Betharabá*. O fato de Betânia ser uma localidade mais familiar pode ter originado o erro dos copistas, que substituíram assim o local desconhecido por um bem mais conhecido.

1, 29 “Eis o cordeiro de Deus”: essa afirmação está ausente dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. A imagem de Jesus enquanto cordeiro está em todas as igrejas e museus do mundo, mas foi isso que João Batista quis dizer? O cordeiro (*amnós*) parece advir da passagem de Isaías que exerceu uma influência decisiva na maneira de os evangelistas nos apresentarem a vida de Jesus: “vimo-lo desprezado e abandonado pelos homens, como alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento [...] ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores [...] foi maltratado, mas humilhou-se e não abriu a boca, como uma ovelha que é levada para a matança, como um cordeiro (*amnós* LXX) nas mãos do tosquiador” (Isaías 53,3-7). No entanto, toda essa passagem de Isaías não é sobre um cordeiro, mas sim sobre um escravo (*paidíon* LXX) de Deus, que o Senhor entregou (*parédōken*) pelos nossos erros (*hamartíai*). Quem tira os erros (*hamartíai*) em Isaías não é, pois, o cordeiro, mas sim o servo. Ora, em aramaico a palavra *talya* presta-se a certa ambiguidade interpretativa, uma vez que pode ter o sentido de “servo” mas também de “cordeiro”. Assim, não seria impossível pensar que, ao serem registradas as palavras aramaicas alegadamente ditas por João Batista, tenha entrado essa confusão no texto grego. João Batista pode ter querido dizer: “Eis o servo de Deus, que tira o erro do mundo”. Na posterior história da Igreja, sobretudo do lado ortodoxo grego, houve períodos de grande controvérsia sobre se era legítima a representação teriomórfica (“com aspecto de animal”) de Jesus como cordeiro.

1, 32 “Vi o espírito descendo como uma pomba”: conhecemos essa ocorrência como elemento do batismo de Jesus nos Evangelhos sinópticos. Mas no presente Evangelho nunca se diz explicitamente que Jesus é batizado por João.

1, 35 “dois dos seus discípulos”: os primeiros discípulos de Jesus, no presente Evangelho, são ex-discípulos de João Batista: André e um outro que não é nomeado, mas que é naturalmente interpretado como sendo o autor do Evangelho, que, a partir do capítulo 13, será referido como o discípulo amado de Jesus. A esses dois junta-se depois Pedro (irmão de André). Esse processo do que significa ser discípulo de Jesus não é aqui visto, como nos Evangelhos sinópticos, como uma mudança de vida (os que anteriormente eram pescadores passam agora a ter outra ocupação: pescadores de seres humanos) mas muito mais como uma mudança interior, mormente de religião: fica para trás a prática do judaísmo convencional (assim como a do judaísmo reinterpretado por João Batista) e o futuro desenha-se agora de modo muito diferente à luz da chegada assumida do Messias.

1, 38 “Rabi”: essa transliteração grega (*Rabbi*) da palavra semítica identifica logo Jesus como alguém que é visto de fora como estudioso das Escrituras num nível de elevada erudição e exigência: um *scholar*. Isso é compatível com a imagem de espantosa precocidade intelectual registrada por Lucas no final do seu capítulo 2, mas incompatível com a percepção de Jesus que se nos depara em 7,15.

1, 39 “A hora era a décima”: essas especificações horárias no Evangelho de João têm dado azo a duas interpretações contraditórias. Por um lado, pode-se depreender que são indício de que quem escreve está a recordar-se dos pormenores autênticos que ele viveu, presenciou e nunca mais esqueceu (essa é a interpretação de Robinson, p. 167, e de outros por ele citados). Por outro lado, pode-se dizer que esses pormenores foram introduzidos no texto para darem de forma propositada a impressão (fictícia) de que quem escreve presenciou o que está narrando.

1, 41 “Encontramos o Messias!”: a prontidão com que o primeiro discípulo André reconhece o verdadeiro estatuto de Jesus surpreenderá quem recorde as dificuldades que a aceitação desse estatuto implica na tradição sinóptica. Note-se que a palavra “Messias” ocorre apenas duas vezes em todo o NT: a segunda ocorrência é em João 4,25.

1, 42 “Chamar-te-ás Cefas”: a única ocorrência de *Kefàs* nos quatro Evangelhos. O nome é, no entanto, usado com alguma frequência nas cartas de Paulo.

1, 45 “Aquele sobre quem escreveram Moisés, na lei, e os profetas”: cf. a frase do próprio Jesus “Moisés escreveu sobre mim” (5,46).

— “Natanael”: o nome não aparece em Mateus, Marcos e Lucas. Para compatibilizar os nomes dos discípulos entre João e sinópticos, já se recorreu ao expediente de identificar esse Natanael com o Bartolomeu mencionado pelos outros evangelistas.

— “Jesus, filho de José de Nazaré”: como já foi referido, no Evangelho de João não há referência ao nascimento de Jesus por partenogênese (muito menos em Belém).

1, 46 “De Nazaré pode vir alguma coisa boa?”: a reação de Natanael levanta o véu sobre algum preconceito existente contra Nazaré, o que (de acordo com a lógica da encarnação nos Evangelhos) só reforça a adequação de ter sido essa a localidade (socialmente desclassificada) onde nasceu o Salvador.

1, 47 “um israelita em quem não há astúcia”: não é claro o sentido dessa afirmação de Jesus, mas parece-me verossímil a interpretação de Sanders (citado por Barrett, p. 185), segundo a qual Natanael, apesar do preconceito contra gente de Nazaré, dispõe-se de mente aberta a testar empiricamente a validade do preconceito, dando ao homem de Nazaré o benefício da dúvida. A ideia da astúcia (*dólos*) refere-se certamente a Jacó, mais tarde chamado Israel, que usou a panóplia do dolo e da astúcia contra Esaú, seu irmão (Gênesis 27,35 LXX, onde surge explicitamente a palavra *dólos*).

1, 48 “De onde me conheces?”: a utilização de *póthen* (“de onde”) nessa construção não é (como pensam

alguns estudiosos do NT) um semitismo gramatical, visto que a encontramos no v. 781 da tragédia *Alceste* de Eurípides.

1, 49 “Rabi, tu és o filho de Deus, tu és o rei de Israel”: os três títulos que Natanael confere a Jesus nessa sua afirmação validam e confirmam as múltiplas valências do Messias enquanto príncipe do intelecto (rabi), príncipe do céu (filho de Deus) e rei na terra (rei de Israel).

1, 51 “Amém amém”: a forma reduplicada de “amém” é uma particularidade do Evangelho de João, no qual surge 25 vezes.

— “sobre o Filho da Humanidade”: na imagem sugerida pela preposição *epí*, Jesus é que é a verdadeira escada de Jacó (Gênesis 28,12), verdadeiro elo entre o céu e a terra.

## 2.\*

### *As bodas de Caná; Jesus expulsa os vendilhões do templo.*

1 No terceiro dia, uma boda realizava-se em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. 2 Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. 3 E, faltando o vinho, diz a mãe de Jesus ao próprio: “Não têm vinho”. 4 E diz-lhe Jesus: “O que tem isso a ver contigo e comigo, mulher? Ainda não chegou a minha hora”. 5 A mãe dele diz aos criados: “O que ele vos disser, fazei”.

6 Havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. 7 Diz-lhes Jesus: “Enchei as vasilhas de água”. 8 Eles encheram-nas até cima. E ele diz-lhes: “Tirai agora e levai ao mordomo”. 9 E eles levaram. Quando o mordomo provou a água transformada em vinho e não sabia de onde era (mas sabiam-no os criados que tinham tirado a água), chama o noivo 10 e diz-lhe: “Todas as pessoas servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão bebidos, é que servem o pior. Porém tu guardaste o vinho bom até agora!”.

11 Esse início dos sinais praticou Jesus em Caná da Galileia e manifestou a sua glória; e os discípulos creram nele.

12 Depois disso, desceu a Cafarnaum com a sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias.

13 Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. 14 E encontrou no templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas nos seus postos. 15 Fazendo um chicote de cordas, expulsou a todos do templo assim como as ovelhas e os bois; espalhou as moedas dos cambistas pelo chão e derrubou-lhes as mesas; 16 e aos que vendiam pombas, disse-lhes: “Tirai isso daqui. Não façais da casa do meu Pai uma casa de negócio”. 17 Os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: *o zelo da tua casa me devorará*.

18 Os judeus deram-lhe resposta e disseram-lhe: “Que sinal nos dás de poderes fazer isso?”. 19 Jesus respondeu e disse-lhes: “Derrubai este templo e em três dias o levantarei”. 20 Disseram então os judeus: “Quarenta e seis anos levou este templo para construir e tu vais levantá-lo em três dias?”. 21 Ele, porém, falava do templo que é o seu corpo. 22 Por isso, quando ele ressuscitou dos mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isso e creram na Escritura e nas palavras que Jesus tinha proferido.

23 Enquanto ele estava em Jerusalém, durante as festas da Páscoa, muitos creram no nome dele ao verem os sinais [miraculosos] que realizava. 24 Mas o próprio Jesus não se fiava deles, porque conhecia a todos 25 e não precisava que ninguém viesse prestar testemunho acerca do ser humano, pois sabia o que havia dentro dele.

---

\* O primeiro milagre (“sinal”: *semeion*) praticado por Jesus no Evangelho de João ocorre num contexto que não tem equivalente nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas: o milagre da transformação de água em vinho nas bodas de Caná é exclusivo do quarto Evangelho. A narrativa, contada em dez versículos, é simples. Jesus, a sua mãe (que, neste Evangelho, não tem nome) e os discípulos estão presentes numa festa de casamento, onde vem a faltar o vinho. O motivo dessa “emergência” não é claro: além da suposição óbvia de que os organizadores da festa não foram suficientemente precavidos, outra interpretação centra-se na própria presença de Jesus e dos discípulos, cujo consumo desregrado de álcool (recorde-se o Jesus *bon vivant* de Mateus 11,19 e de Lucas 7,34) teria levado a que, no meio da festa, já não houvesse nada para beber (cf. Brown, vol. I, p. 102). Seja qual for o motivo da falta de vinho, parece evidente que, na lógica narrativa de João, ele tem mesmo de faltar para que Jesus o providencie, superando assim as habilidades de Elias (1 Reis 17,1-16) e de Eliseu (2 Reis 4,1-7) na provisão de azeite e igualando o deus Dionísio na tragédia *Bacantes* de Eurípides (vv. 704-7), que opera também o milagre da transformação de água em vinho. A limpidez autoevidente da narrativa não impediu, contudo, a proliferação de estranhas elucubrações hermenêutico-teológicas a propósito desse episódio, o qual tem sido interpretado como gesto de aprovação por parte de Jesus do sacramento do matrimônio entre um homem e uma mulher (a simples presença de Jesus como convidado nessa festa justifica, para alguns cristãos, o repúdio do casamento entre pessoas do mesmo sexo); como configurando, nas entrelinhas, uma alegoria do batismo, pelo que as bodas de Caná até já foram rebatizadas “o batismo de Caná” (cf. M.-E. Boismard, *Le Baptême à Cana*, Paris, 1956); e, de modo mais frequente e homilético, como episódio marcado por um forte sentido mariológico, leitura essa que vê nas únicas três palavras de Maria dirigidas a Jesus no Evangelho de João (“Não têm vinho”: *oionon ouk êkbousin*) uma marca do pronto entendimento do papel de Maria como mediadora entre o divino e o humano e como intercessora que leva à atenção de Deus os problemas da Humanidade.

2, 4 “O que tem isso a ver contigo e comigo, mulher?” Essa frase, considerada de forma fria, é surpreendentemente ríspida. A fórmula “o que tem isso a ver contigo e comigo?” é a mesma que surge em Mateus (8,29) e Marcos (1,24; 5,7) na boca de demônios exasperados com (e prestes a ser expulsos por) Jesus: *tí emoi kai soi?* É preciso frisar, por outro lado, que não há antecedente conhecido nas literaturas em

línguas hebraica ou grega para um filho tratar a própria mãe por “mulher”. Uma leitura católica quererá estabelecer um paralelo entre Maria, aqui tratada por “mulher”, e a “mulher” identificada com Maria no Apocalipse 12,1 (ainda que essa identificação, que vem da mariolatria medieval, não seja atualmente aceita no *scholarship* sobre o livro do Apocalipse: cf. J. Roloff, *Die Offenbarung des Johannes*, Zúrique, 1984, p. 126).

2, 8 “mordomo”: não é consensual que sentido dar ao termo grego *arkhitríklinos*. Pode corresponder ao conceito latino do *arbiter bibendi* que propõe os brindes, pelo que, nesse caso, será provavelmente um dos convidados (ou até aquele que assumiria na época o papel que associamos, hoje, ao do “padrinho” do noivo). Por outro lado, o termo poderá aplicar-se a um criado (ou até a um escravo), mas nesse caso não lhe ficam muito bem as palavras que o evangelista lhe atribui no v. 10. E o fato de os criados (*diakonoí*) estarem por dentro da origem do vinho maravilhoso — e ele não — sugere que ele seja, eventualmente, o “padrinho”.

2, 12 “desceu a Cafarnaum com a sua mãe, os irmãos e os seus discípulos”: primeira menção neste Evangelho dos irmãos de Jesus. Como ficou dito na Introdução (p. 31), nenhum dos evangelistas nos dá a entender outra identidade para esses irmãos que não seja a de filhos de Maria e de José. Nessa fase da narrativa, Jesus, Maria, os irmãos e os discípulos parecem formar um grupo coeso. No capítulo 7 (v. 5), as tensões já serão mais evidentes (de resto bem visíveis em Marcos 3,21, 3,31-35).

2, 14-16 A expulsão dos vendilhões do templo, que os Evangelhos sinópticos situam na última etapa da vida de Jesus, surge no presente Evangelho em posição de altíssimo destaque inicial. É um ato imbuído de mais espetacularidade em João do que será o caso na tradição sinóptica (em Lucas é mesmo muito discreto), pois só em João é que Jesus expulsa os vendilhões a chicotadas. Cf. Mateus 21,12-13; Marcos 11,15-17; Lucas 19,45-46.

2,14 “vendedores de bois, ovelhas”: no que toca à venda de animais, Mateus e Marcos falam só de vendedores de pombas. Lucas não especifica o que estava sendo vendido.

2,15 “chicote de cordas”: como foi referido acima, só em João é que Jesus expulsa os vendilhões com chicotadas.

2, 17 *o zelo da tua casa me devorará*: Salmo 69 (68 LXX),10. No texto dos LXX, em vez do futuro (*kataphágetai*) que lemos em João, temos o aoristo (*katéphagen*), pelo que a tradução seria “o zelo da tua casa devorou-me”.

2, 19 “Derrubai”: segunda pessoa do plural (imperativo aoristo, *lúsate*, que poderia ter igualmente o sentido “desfazei”).

2, 20 “Quarenta e seis anos”: para a possibilidade de se tratar aqui de uma informação velada sobre a idade de Jesus, ver p. 26.

### 3.

#### *Jesus e Nicodemos; João Batista e a voz do noivo.*

<sup>1</sup> Havia um homem entre os fariseus cujo nome era Nicodemos, chefe dos judeus. <sup>2</sup> Este veio encontrar com Jesus de noite e disse-lhe: “Rabi, nós sabemos que tu vieste da parte de Deus como Mestre. Pois ninguém pode realizar os sinais que tu realizas, se Deus não estiver com ele”. <sup>3</sup> Jesus respondeu e disse-lhe: “Amém amém te digo: a não ser que se tenha nascido do alto, não se pode ver o reino de Deus”. <sup>4</sup> Diz-lhe Nicodemos: “Como pode um homem nascer de novo, sendo velho? Não pode entrar no ventre da sua mãe uma segunda vez e nascer, não?”.

<sup>5</sup> Jesus respondeu: “Amém amém te digo: a não ser que se nasça da água e do espírito, não se pode entrar no reino de Deus. <sup>6</sup> Aquilo que nasce da carne é carne e aquilo que nasce do espírito é espírito. <sup>7</sup> Não te admires por eu te ter dito: ‘É preciso que nasçais do alto’. <sup>8</sup> O sopro, onde quer, sopra. E ouves a sua voz. Mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que nasceu do espírito”.

<sup>9</sup> Nicodemos respondeu e disse-lhe: “Como podem acontecer essas coisas?”. <sup>10</sup> Jesus respondeu e disse-lhe: “Tu és mestre de Israel e não sabes essas coisas? <sup>11</sup> Amém amém te digo: o que sabemos, nós dizemos; e o que vimos, testemunhamos. E vós não aceitais o nosso testemunho. <sup>12</sup> Se vos falei das coisas terrenas e vós não credes, como, se eu vos falar das coisas celestes, creereis? <sup>13</sup> E ninguém subiu ao céu a não ser quem desceu do céu: o Filho da Humanidade. <sup>14</sup> E tal como Moisés içou a serpente no deserto, do mesmo modo é preciso que o Filho da Humanidade seja içado ao alto, <sup>15</sup> para que todo que nele crê tenha a vida eterna. <sup>16</sup> Assim amou Deus o mundo, a ponto de dar o seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna. <sup>17</sup> Pois Deus não enviou o seu filho ao mundo para que condene o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. <sup>18</sup> Quem nele crê não é condenado. Mas quem não

crê já está condenado, porque não creu no nome do filho unigênito de Deus. 19 Esta é, pois, a condenação: a luz veio ao mundo; e os homens amaram mais as trevas do que a luz. Isso porque as suas obras eram más. 20 Pois todo aquele que pratica o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que as suas ações não sejam denunciadas. 21 Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que fique claro que os seus atos são feitos [crendo] em Deus”.

22 Depois disso, Jesus foi com os seus discípulos para a região da Judeia e ali convivia com eles e batizava.

23 Também João batizava em Enon, perto de Salim, porque havia ali águas abundantes; e [as pessoas] vinham para serem batizadas. 24 Pois João ainda não tinha sido atirado para a prisão.

25 Levantou-se então uma discussão entre os discípulos de João e um judeu acerca de [ritos de] purificação. 26 Foram ter com João e disseram-lhe: “Rabi, aquele que estava contigo do outro lado do Jordão, sobre quem tu deste testemunho, eis que ele está batizando e todos vão encontrar com ele”.

27 João respondeu e disse: “Um homem não pode tomar nem uma só coisa, a não ser que isso lhe tenha sido dado do céu. 28 Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse: ‘Eu não sou o Cristo, mas sou o enviado à frente dele’. 29 Quem desposa a noiva é o noivo. O amigo do noivo, que está de pé junto dele e o escuta, alegra-se com alegria por ouvir a voz do noivo. Essa alegria, que é a minha, tornou-se completa. 30 Ele tem de crescer; e eu, de diminuir”.

31 “Aquele que vem do alto está acima de tudo. Quem é da terra é da terra e fala da terra. Quem vem do céu está acima de todos. 32 Daquilo que viu e ouviu dá testemunho, mas o seu testemunho ninguém aceita. 33 Quem aceita o seu testemunho reconhece que Deus é verdadeiro. 34 Aquele que Deus enviou transmite as palavras de Deus e não é comedidamente que dá o espírito. 35 O Pai ama o filho e tudo deu para a sua mão. 36 Quem crê no filho tem a vida eterna; quem não crê no filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele”.

---

3, 1 Nicodemos é um nome grego, mas a caracterização dessa figura coloca-a nos mais altos círculos da sociedade judaica: não só é fariseu, como é *árkhôn tôn Ioudaiôn* (“chefe dos judeus”), o que o identifica como membro do sínédrio (conselho). No v. 10, Jesus identifica-o ainda como *didáskalos*, “mestre”. Por todas as razões, é o interlocutor certo para esse debate que é muitas vezes visto como confronto (necessariamente



anacrônico) entre a sinagoga e a igreja.

3, 2 “de noite”: esse pormenor pode ser interpretado como referindo o costume, atribuído aos rabis na tradição judaica, de aproveitar as horas noturnas para o aprofundamento da reflexão sobre as Escrituras. Por outro lado, Nicodemos pode ter querido encontrar-se com Jesus de noite para não ser visto (porque tinha “medo dos judeus”, situação de que ouviremos falar várias vezes neste Evangelho). Também é certo que, na lógica interna do pensamento de João e com a importância que nesse pensamento é dada ao binômio luz/trevas, todos aqueles que não aceitam Jesus estão nas trevas: como se diz no v. 19: “Os homens amaram mais as trevas do que a luz”. Assim, essa conversa pôde ser vista, posteriormente, como um confronto entre “trevas” do judaísmo e a “luz” do cristianismo.

— “nós sabemos que tu vieste da parte de Deus como Mestre”: a utilização aqui da primeira pessoa do plural na boca de Nicodemos (e mais tarde na boca de Jesus, no v. 11) tem suscitado dúvidas e interpretações diversas. A primeira explicação autoevidente é que Nicodemos não veio sozinho de noite visitar Jesus, mas fez-se acompanhar por alguém da sua confiança. Jesus, por sua vez, ao receber Nicodemos, estaria ele próprio acompanhado por alguns dos seus discípulos. Assim, não se trata de uma conversa a dois, mas de um diálogo testemunhado por circunstantes (ainda que silenciosos) da confiança de ambos os interlocutores. Uma segunda interpretação das formas de primeira pessoa do plural (e da segunda do plural também) assenta na suposição de que João está projetando nesse momento da vida de Jesus a posterior tensão entre sinagoga e igreja: assim, “nós” na boca de Nicodemos se referiria ao conjunto dos judeus; e “nós” na boca de Jesus ao conjunto dos cristãos. No entanto, essa interpretação tem o defeito de esbarrar logo, em termos lógicos, na primeira frase proferida por Nicodemos (“nós sabemos que tu vieste da parte de Deus”), que claramente não pode ser dita em nome de todos os judeus. Uma terceira possibilidade de interpretação é o chamado “plural majestático”. Mas a primeira interpretação parece ser a que tem tanto verossimilhança como lógica narrativa a seu favor.

— “os sinais que tu realizas”: nesse momento, Jesus realizou apenas um “sinal”: a transformação da água em vinho, no capítulo anterior. Em 4,54 dir-se-á explicitamente que a cura do filho do funcionário real é o segundo sinal.

3, 3 “a não ser que se tenha nascido do alto”: há aqui um jogo de palavras, no sentido em que o advérbio grego *ánôthen* significa “do alto”, mas também “outra vez”, “novamente”. Jesus emprega o advérbio na primeira aceção, mas Nicodemos emprega-o na segunda, o que propicia um finíssimo jogo de incompreensões nesse diálogo (de resto típico do estilo de João). Note-se que esse elemento aponta para uma forma própria de *pensar em grego* da parte do autor, que nem sempre é devidamente valorizada. Indo mais longe: se aceitarmos a historicidade factual da conversa, teremos de nos perguntar se ela não terá decorrido mesmo em grego.

— “o reino de Deus”: essa expressão (tão característica dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas) só aparece aqui e no v. 5 em todo o Evangelho de João. No v. 5, o *Codex Bezae* (manuscrito do final do século IV, atualmente em Cambridge) tem “reino do céu” em vez de “reino de Deus”, o que seria também a única ocorrência desse termo neste Evangelho.

3, 5 “a não ser que se nasça da água e do espírito, não se pode entrar no reino de Deus”: essa afirmação tem, para ouvidos católicos, ressonâncias batismais, mas no contexto especial deste Evangelho, com a sua atitude distante relativamente a questões de teor sacramental (o que no século XVI levou Calvino, com base nessa passagem, a postular que o batismo com água é desnecessário), é bem mais provável que subjaza aqui a seguinte passagem de Ezequiel (36,25-26): “Derramarei sobre vós uma água pura e sereis purificados [...] introduzirei em vós um espírito novo”.

3, 8 “O sopro, onde quer, sopra”: outro jogo de palavras a pôr em relevo o (bom) gosto do evangelista no manejo da língua grega. A palavra para “sopro” (também “brisa”, “vento”) é *pneuma*, que é também a palavra

para “espírito” (o espírito santo é, em grego, o *pneuma*). A dificuldade na tradução está em manter o jogo etimológico entre sujeito e verbo que vemos em grego: *tò pneuma* [...] *pnei*. Para mantermos a presença, na tradução, da palavra “espírito”, teríamos de optar por algo como “o espírito, onde quer, espirita”.

3, 11 Cf. nota ao v. 2.

3, 13 “ninguém subiu ao céu a não ser quem desceu do céu”: quem lê essa frase em grego confronta-se com a dificuldade insuperável de o perfeito *anabébēken* (“subiu”) implicar que, no momento de proferir essa frase, Jesus já subiu ao céu. João projetou retrospectivamente uma realidade existente na sua própria cabeça, no momento da escrita da frase, para o momento muito anterior do seu proferimento.

3, 14 “tal como Moisés içou a serpente no deserto”: referência ao episódio no livro Números (21,4-9), em que, para salvar os judeus das cobras contra eles enviadas por Deus, Moisés levanta uma serpente de metal que cura quem a contempla. João coloca aqui na boca de Jesus a posterior interpretação cristã que se fez da passagem do AT, segundo a qual a serpente metálica é uma antevisão da cruz.

3, 15 “vida eterna”: trata-se da primeira ocorrência desse conceito no Evangelho de João.

3, 16 “Assim amou Deus o mundo, a ponto de dar o seu filho unigênito”: outra frase cujo significado advém de uma posterior interpretação retrospectiva da vida de Jesus. De notar a fulcral importância do verbo “amar” (*agapân*), que é usado mais vezes no Evangelho de João do que no conjunto dos três Evangelhos sinópticos. De notar, ainda, que, a despeito da presença constante de “amar” e de “amor” em João, nunca o evangelista coloca na boca de Jesus a afirmação que conhecemos somente da 1ª Carta de João (4,9): “Deus é amor”. Sobre o adjetivo “unigênito”, ver 1,14\*.

3, 22 O diálogo com Nicodemos acabou por se transformar num monólogo que, uma vez terminado, dá lugar à recuperação de uma temática já anteriormente afluída: Jesus e João Batista.

— “batizava”: o sujeito dessa forma verbal só pode ser Jesus, mas em 4,2 se dirá de forma explícita que Jesus não batizava pessoalmente, deixando essa tarefa aos seus discípulos. A sugestão — depois desmentida — de que Jesus poderia ser um “batista” em João 3,22 é sobretudo surpreendente no conjunto dos quatro Evangelhos, já que nunca tal possibilidade é sequer sugerida por Mateus, Marcos ou Lucas.

3, 26 “Rabi, aquele que estava contigo”: surpreende essa forma de tratamento (Rabi) dirigida a João Batista que, à exceção dessa passagem, nunca assim é tratado por ninguém.

3, 29 “Quem desposa a noiva é o noivo. O amigo do noivo”: sobre essa passagem remeto para a interpretação que dela ofereço em *O livro aberto: Leituras da Bíblia*, pp. 73-5.

3, 31-36 Quem profere essas palavras? Se aceitarmos a interpretação de que são ditas por Jesus, é difícil negar a sensação de que estes versículos estão aqui deslocados, havendo alguma razão na suspeita de que, originalmente, teriam feito parte do monólogo de Jesus dirigido a Nicodemos (seria verossímil a sua colocação entre 3,12 e 3,13). Por outro lado, Thyen (pp. 229-30, na sequência de outros exegetas) propõe que devemos atribuir esses versículos à voz do próprio João Batista: “Tal como, perante Nicodemos, Jesus se assumira como intérprete da misteriosa voz do espírito, do mesmo modo João Batista se manifesta agora aos seus discípulos como porta-voz do Noivo”. Uma terceira interpretação (sobretudo defendida por Lagrange, p. 96) propõe que os vv. 31-36 nos fazem ouvir a voz do próprio evangelista, que está oferecendo uma súmula do conteúdo referente ao diálogo de Jesus com Nicodemos.

#### 4.\*

### *Jesus e a Samaritana; Jesus cura o filho do funcionário real.*

1 Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer “Jesus faz mais discípulos e batiza mais [pessoas] do que João” — 2 ainda que o próprio Jesus não batizasse, mas os discípulos dele — 3 deixou a Judeia e foi de novo para a Galileia.

4 Era necessário [para tal] que ele atravessasse a Samaria. 5 Chega, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacó tinha dado a José, seu filho. Ficava ali o poço de Jacó. 6 Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, assim, na borda do poço. Era por volta da hora sexta.

7 Chega uma mulher samaritana para tirar água. Diz-lhe Jesus: “Dá-me de beber”. 8 Os discípulos dele tinham ido à cidade para comprar alimentos. 9 Diz-lhe então a mulher samaritana: “Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, sendo eu samaritana?”.

É que os judeus não querem ter nada com os samaritanos.

10 Jesus respondeu e disse-lhe: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias a ele. E ele te daria água viva”.

11 Diz-lhe a mulher: “Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo. 12 De onde obténs, então, a água viva? Não és mais do que o nosso patriarca Jacó, não? Ele que nos deu esse poço de onde beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos”.

13 Jesus respondeu e disse-lhe: “Todo aquele que bebe dessa água terá sede de novo. 14 Mas quem beber da água que eu lhe darei, jamais terá sede até a eternidade. A água, que lhe darei, nele se tornará fonte de água gorgolejante para a vida eterna”.

15 Diz-lhe a mulher: “Senhor, dá-me essa água, para que eu não tenha sede,

nem tenha de vir cá tirá-la”. 16 Jesus diz-lhe: “Vai, chama o teu marido e volta aqui”. 17 A mulher respondeu e disse-lhe: “Não tenho marido”. Diz-lhe Jesus: “Disseste bem: ‘Não tenho marido’, 18 pois tiveste cinco e agora o que tens não é teu marido. Nisto falaste verdade”.

19 Diz-lhe a mulher: “Senhor, vejo que és profeta. 20 Os nossos antepassados adoraram a Deus nesta montanha. E vós dizeis que em Jerusalém está o lugar onde se deve adorar”.

21 Diz-lhe Jesus: “Crê em mim, mulher. Está chegando a hora em que nem nesta montanha, nem em Jerusalém, adorareis o Pai. 22 Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. 23 Mas está chegando a hora — e é agora — em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. E o Pai procura adoradores destes que o adorem. 24 Deus é espírito. Os que o adoram têm de o adorar em espírito e verdade”.

25 Diz-lhe a mulher: “Sei que vem o Messias, que é chamado Cristo. Quando ele vier, nos comunicará todas as coisas”. 26 Diz-lhe Jesus: “Sou eu, que estou conversando contigo”.

27 Foi então que chegaram os seus discípulos e admiravam-se porque ele falava com uma mulher. Mas nenhum perguntou: “O que procuras?”. ou “De que estás falando com ela?”.

28 Então a mulher deixou o seu cântaro e foi até a cidade e diz às pessoas: 29 “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será esse o Cristo?”. 30 Eles saíram da cidade e foram encontrar com Jesus.

31 Entretanto, os discípulos faziam-lhe perguntas, dizendo: “Rabi, come!”. 32 Mas ele disse-lhes: “Eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis”. 33 Os discípulos diziam, então, entre si: “Não terá vindo alguém trazer-lhe de comer?”.

34 Diz-lhes Jesus: “O meu alimento é que eu faça a vontade d’Aquele que me enviou e cumpra até o fim a Sua obra. 35 Não dizeis vós: ‘Mais quatro meses e vem a ceifa?’. Eis que vos digo: levantai os olhos e vede os campos que estão flavos para a ceifa. 36 Já o ceifeiro recebe o salário e recolhe o fruto para a vida eterna, para que o semeador se alegre juntamente com o ceifeiro. 37 Pois nisto é verdadeiro o ditado: ‘Um é o semeador e outro o ceifeiro’. 38 Eu enviei-vos para

ceifar aquilo com que vos não esforçastes; outros se esforçaram a trabalhar e vós entrastes [sem esforço] no esforço deles”.

<sup>39</sup> Daquela cidade foram muitos os samaritanos que creram nele devido às palavras da mulher, que testemunhava: “Ele disseme tudo o que eu fiz!”. <sup>40</sup> Por isso, quando os samaritanos foram encontrar com Jesus, pediam-lhe que permanecesse com eles. E ficou lá dois dias. <sup>41</sup> Então muitos mais creram nele por causa da sua pregação, <sup>42</sup> e diziam à mulher: “Já não é pelas tuas palavras que cremos; nós próprios ouvimos e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo”.

<sup>43</sup> Passados aqueles dois dias, partiu dali para a Galileia. <sup>44</sup> Ele mesmo tinha testemunhado que um profeta, na sua própria terra, não obtém consideração. <sup>45</sup> Mas quando chegou à Galileia, os galileus receberam-no bem, por terem visto o que fizera em Jerusalém durante a festa. Pois eles também tinham ido à festa.

<sup>46</sup> Foi de novo a Caná da Galileia, onde tinha convertido a água em vinho.

Ora, havia em Cafarnaum um funcionário real cujo filho estava doente. <sup>47</sup> Tendo ouvido dizer que Jesus vinha da Judeia para a Galileia, foi encontrar com ele e pediu-lhe que descesse [a Cafarnaum] para lhe curar o filho. Pois [o rapaz] estava quase a morrer. <sup>48</sup> Então Jesus disse-lhe: “A não ser que observeis sinais e prodígios, não credes”. <sup>49</sup> Diz-lhe o funcionário real: “Senhor, desce [até lá], antes que o meu filho morra”. <sup>50</sup> Diz-lhe Jesus: “Vai. O teu filho vive”. O homem acreditou nas palavras que Jesus lhe disse e pôs-se a caminho. <sup>51</sup> Enquanto ia descendo, os escravos dele vieram ao seu encontro, dizendo: “O teu filho está vivo!”. <sup>52</sup> Informou-se, então, junto deles a que horas ele melhorara. Disseram-lhe: “Ontem, à hora sétima, a febre deixou-o”. <sup>53</sup> O pai percebeu então que fora àquela hora que Jesus lhe dissera: “O teu filho vive”. E creu ele e [creram] todos os da sua casa. <sup>54</sup> Jesus realizou esse segundo sinal indo da Judeia para a Galileia.

---

\* O presente capítulo contém uma preciosidade única, que encontramos tão só no Evangelho de João: o extraordinário diálogo de Jesus com a Samaritana. A situação não podia ser mais inesperada: há 2 mil anos, “por volta da hora sexta”, um homem e uma mulher encontram-se junto de um poço, num contexto histórico em que mulheres sérias não falam com homens estranhos e onde o Povo Eleito não fala com pessoas de “raça rafeira e apóstata” (Barrett, p. 350), como eram os samaritanos na opinião dos judeus. Nessa conversa, para estupefação da sua interlocutora e nossa, o representante do Povo Eleito desvaloriza o templo

de Jerusalém, definidor da superioridade religiosa do seu povo (ressalvando, embora, que “a salvação vem dos judeus”, v. 22); e, de repente, a mulher de raça desprezada (e decerto hostilizada no seu próprio meio por já ter tido cinco maridos e viver agora com um homem que não é marido dela: v. 18) — de repente, essa mulher dá-se conta de que não está apenas falando com um judeu qualquer que teve a gentileza de lhe dirigir a palavra. Está falando com o Messias em pessoa.

4, 6 “Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, assim, na borda do poço”: qual é o sentido desse “assim”? Numa observação brilhante, Robinson (p. 160) opina que o advérbio *houtôs* (“assim”) nessa passagem designa a mímica com que o evangelista procurava reproduzir, na narração oral do seu Evangelho, o próprio gesto de Jesus. O mesmo se aplica à utilização do advérbio na descrição da atitude em que estava reclinado o discípulo amado no peito de Jesus, na narração da Última Ceia (13,25).

4, 8 “Os discípulos dele tinham ido à cidade para comprar alimentos”: João tira os discípulos de cena, para sublinhar ainda mais o caráter excepcional dessa conversa a dois; mas, com isso, abre a porta para a pergunta incontornável, que é: como soube ele, o evangelista, do teor dessa conversa? Como sucede a cada passo na leitura dos Evangelhos, somos obrigados a decidir se estamos lendo um relato de fatos inventados, fatos esses que, não sendo verdadeiros, encontram no significado teológico uma justificativa para o seu caráter ficcional; ou se estamos lendo o relato verdadeiro de algo que aconteceu. É, mais uma vez, a diferença entre 1) aquilo que o evangelista imagina que fosse importante ter sido dito/ feito por Jesus; e 2) aquilo que Jesus de fato disse e fez.

4, 10 “água viva”: a expressão (em grego *húdôr zôn*) aparece em Zacarias 14,8 (LXX) e a ideia da água viva está presente, por outras palavras, em Jeremias 2,13 e Ezequiel 47,9. É uma expressão própria, pois, dos Livros Proféticos do AT e, por isso, a Samaritana comenta acertadamente que o seu interlocutor deve ser profeta (v. 19).

4, 14 “quem beber da água que eu lhe darei”: é pertinente relevarmos aqui a importância do conjuntivo aoristo *piêi* (traduzido por “beber”, futuro do conjuntivo), com o seu sentido pontual. Jesus não está falando de uma água que se beba continuamente, todos os dias, mas de uma água que se bebe num momento preciso, especial, único. Ao contrário da água que se pode beber do poço de Jacó (“Todo aquele que bebe dessa água terá sede de novo”, v. 13), a água que Jesus dará impede que se volte a sentir sede, para sempre. A “fonte de água gorgolejante para a vida eterna” é, literalmente, uma fonte de água “saltitante” (*húdatos halloménou*).

4, 18 “tiveste cinco (maridos) e agora o que tens não é teu marido”: a criatividade exegética, que o texto bíblico desde sempre estimulou, já conduziu à suspeita de que esses maridos não são o que aparentam, remetendo, antes, para outra realidade simbólica. Barrett (p. 235) registra as seguintes propostas: a interpretação de que os cinco maridos são as cinco tribos da Samaria; a de que os cinco maridos são os cinco livros do Pentateuco; e, ainda, a proposta (já referida por Orígenes, no século III) segundo a qual os seis homens no seu conjunto (os cinco e o atual) configuram simbolicamente uma alegoria do mal.

4, 20 “o lugar”: trata-se do templo de Jerusalém.

4, 22 “a salvação vem dos judeus”: a palavra *sôtêria* (“salvação”), que nunca é usada por Mateus ou Marcos, só ocorre aqui no Evangelho de João.

4, 23 “Mas está chegando a hora — e é agora — em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. E o Pai procura adoradores destes que o adorem”: o essencial da nova religião está nessas palavras, com a importância fulcral dada a “espírito” e a “verdade”.

4, 24 “Deus é espírito”: o arrojo dessa afirmação torna-se mais perceptível se pensarmos que, em todo o AT, não encontramos afirmação que transmita literalmente esse sentido. A novidade do que Jesus está dizendo é absoluta.

4, 26 “Sou eu, que estou a conversar contigo”: as palavras em grego correspondentes a “sou eu” aparecem

pela ordem “eu sou” (*egô eimi*). Sobre a importância da frase *egô eimi*, posta por João na boca de Jesus, cf. 6,35\*, 8,24\*.

4, 27 “admiravam-se porque ele falava com uma mulher”: no judaísmo do tempo de Jesus, era altamente condenável que um rabi conversasse com mulheres ou (pior ainda) que lhes falasse de assuntos religiosos. O autor do apócrifo Evangelho de Tomé (114) coloca na boca de Pedro a frase: “Que Maria parta daqui, pois as mulheres não merecem a vida!”. Ao que Jesus responde: “Irei orientá-la para que ela seja homem, de modo que também ela se torne um espírito vivo como sois vós, os machos. Pois toda a fêmea que se faça macho entrará no reino do céu”.

4, 35 “vede os campos que estão flavos para a ceifa”: literalmente, o adjetivo que traduzi por “flavo” significa “branco” (*leukós*).

4, 39 “foram muitos os samaritanos que creram nele”: no entanto, em Atos 8,4-25 ficamos com a sensação de que os samaritanos não tinham ainda entrado em contato com a realidade da boa-nova.

4, 42 “esse é verdadeiramente o salvador do mundo”: a única vez que a palavra “salvador” (*sôtér*) aparece no Evangelho de João. Por estranho que pareça (dado que figura mais de vinte vezes nas várias Epístolas do NT), nunca é usada por Mateus e Marcos; e Lucas só a emprega duas vezes (1,47; 2,11), sendo que, na segunda ocorrência, surge em situação atípica (na boca dos anjos falando aos pastores do nascimento do Menino).

4, 46 “funcionário real”: o termo *basilikós* pode designar alguém da casa real (da corte de Herodes) ou um empregado da mesma. Esse episódio apresenta ligeiras afinidades com a cura do “rapaz” (Mateus 8,6) ou “escravo” (Lucas 7,2) do centurião nos Evangelhos de Mateus e Lucas (a história não é contada por Marcos).

4, 54 “segundo sinal”: o primeiro fora a transformação de água em vinho nas bodas de Caná (início do capítulo 2).

## 5.\*

### *Jesus cura o paralítico da piscina de Betesda; Discurso de Jesus: “Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou”; “Se crêsseis em Moisés, talvez crerieis em mim, porque ele escreveu sobre mim”.*

<sup>1</sup> Depois disso, havia uma festa dos judeus e Jesus subiu até Jerusalém. <sup>2</sup> Existe, em Jerusalém, junto à Porta das Ovelhas, uma piscina que, em hebraico, se chama Betesda. [É uma piscina] com cinco pórticos <sup>3</sup> e neles jazia um grande número de doentes, cegos, coxos e paralíticos. [[4]]

<sup>5</sup> Estava ali um homem, há trinta e oito anos sofrendo da sua doença. <sup>6</sup> Jesus, ao vê-lo deitado e sabendo que ele tem já muito tempo [de estar assim], diz-lhe: “Queres ficar são?”. <sup>7</sup> Respondeu-lhe o doente: “Senhor, não tenho ninguém que me atire para dentro da piscina quando se agita a água. Enquanto eu vou, algum outro desce antes de mim”. <sup>8</sup> Diz-lhe Jesus: “Levanta-te, toma o teu catre e anda”. <sup>9</sup> E, no mesmo instante, aquele homem ficou são, agarrou no catre e começou a andar.

Era sábado naquele dia. <sup>10</sup> Diziam por isso os judeus àquele que tinha sido curado: “É sábado e não te é permitido transportar o teu catre”. <sup>11</sup> Ele respondeu-lhes: “Quem me curou é que me disse: ‘Toma o teu catre e anda’”. <sup>12</sup> Perguntaram-lhe, então: “Quem é esse homem que te disse: ‘Toma o teu catre e anda?’”. <sup>13</sup> Mas o curado não sabia quem era, pois Jesus tinha se afastado da multidão que estava naquele lugar. <sup>14</sup> Mais tarde, Jesus encontra-o no templo e disse-lhe: “Vê [como] ficaste curado. Não cometas mais erros, para que não te



sucedá coisa ainda pior”. 15 O homem foi-se embora e comunicou aos judeus que fora Jesus quem o fizera são. 16 E por isso os judeus perseguiram Jesus, porque realizava essas coisas em dia de sábado.

17 Jesus respondeu-lhes: “O meu Pai até agora realiza obras e eu também realizo”. 18 Por isso, mais ainda os judeus procuravam matá-lo, porque não só anulava o sábado, mas até chamava a Deus o seu próprio pai, fazendo-se assim igual a Deus.

19 Jesus respondeu e dizia-lhes: “Amém amém vos digo: não pode o filho por si próprio fazer nada a não ser que veja o Pai fazendo alguma coisa. Pois as coisas que Ele faz, essas coisas também o filho faz do mesmo modo. 20 O Pai ama o filho e mostra-lhe tudo o que Ele mesmo faz. E mostrar-lhe-á obras maiores do que essas, para que vós vos admireis. 21 Tal como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, do mesmo modo também o filho faz viver aqueles que quer. 22 O Pai não julga ninguém, mas todo o julgamento Ele deu ao filho, 23 para que todos honrem o filho como honram o Pai. Quem não honra o filho não honra o Pai que o enviou.

24 Amém amém vos digo que quem ouve a minha palavra e crê n’Aquele que me enviou tem a vida eterna e não vai a julgamento, mas passou da morte para a vida. 25 Amém amém vos digo que está chegando a hora — e é agora — em que os mortos ouvirão a voz do filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. 26 Tal como o Pai tem a vida em si mesmo, do mesmo modo também ao filho deu [o poder de] ter a vida em si mesmo. 27 E deu-lhe o poder de fazer o julgamento, porque ele é o Filho da Humanidade. 28 Não vos espanteis com isso, porque está chegando a hora em que todos os que estão nos túmulos ouvirão a sua voz; 29 e sairão, os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida; e os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento.

30 Eu não posso fazer nada por mim mesmo. Conforme ouço, assim é que julgo. E o meu julgamento é justo, porque não busco a minha vontade, mas a de Quem me enviou.

31 Se eu testemunhasse a favor de mim próprio, o meu testemunho não seria verdadeiro. 32 Há outro que testemunha sobre mim. E eu sei que é verdadeiro o testemunho que ele testemunha sobre mim. 33 Vós enviastes mensageiros a João [Batista] e ele testemunhou na verdade. 34 Eu não recebo o testemunho de um

homem, mas digo-vos essas coisas para que vós sejais salvos. <sup>35</sup> João era uma candeia, que ardia e brilhava. E vós quisestes alegrar-vos por uma hora na luz dele.

<sup>36</sup> Eu tenho um testemunho maior do que o de João. Pois as obras que me deu o Pai, para que eu as cumpra até ao fim, essas mesmas obras, que eu faço, testemunham sobre mim que o Pai me enviou. <sup>37</sup> E o Pai que me enviou testemunhou sobre mim. Nunca ouvistes a Sua voz, nem viste o Seu rosto, <sup>38</sup> nem tendes a palavra d'Ele permanecendo em vós, porque naquele que Ele enviou, nesse vós não credes.

<sup>39</sup> Investigai as Escrituras, visto que julgais ter nelas a vida eterna: também elas testemunham sobre mim. <sup>40</sup> E vós não quereis vir a mim, para terdes a vida.

<sup>41</sup> Glória da parte dos homens eu não recebo, <sup>42</sup> mas conheço-vos porque o amor de Deus não tendes em vós. <sup>43</sup> Eu vim em nome do meu Pai e vós não me recebeis. Se outro viesse em seu próprio nome, a esse receberíeis. <sup>44</sup> Como podeis crer ao receberdes glória uns dos outros, e a glória do Deus único não procurais?

<sup>45</sup> Não penseis que eu vos acusarei diante do Pai. Existe o vosso acusador, Moisés, em quem vós esperastes. <sup>46</sup> Pois se crêsseis em Moisés, talvez crerieis em mim, porque ele escreveu sobre mim. <sup>47</sup> Porém se vós não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?”.

---

\* O milagre que ocorre na piscina de Betesda só é narrado por João, ainda que lhe subjaza uma problemática que aflora de forma muito visível nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas: o fato de Jesus realizar milagres ao sábado, o que provoca indignação e repúdio por parte dos judeus. Assim, no v. 18, a situação já atingiu um grau de animosidade intolerável: “os judeus procuravam matá-lo, porque não só anulava o sábado, mas até chamava a Deus o seu próprio pai, fazendo-se assim igual a Deus”. O capítulo prossegue com declarações de Jesus que explicam (mas só parcialmente clarificam) a sua relação com o Pai; e prossegue também com avisos de teor escatológico, ao afirmar-se que os mortos sairão dos túmulos, uns para “uma ressurreição de vida” (os que tiverem praticado o bem), ao passo que os outros, que praticaram o mal, irão para “uma ressurreição de julgamento”. O capítulo conclui com uma declaração altamente significativa, que justifica a textura dos Evangelhos como centão, realização e cumprimento do AT: “Moisés escreveu sobre mim”. Assim, a questionável visão cristã do AT como texto encriptado — o qual, feita a “correta” decodificação, revela ter como tema basilar a pessoa de Jesus Cristo — é autorizada pela boca do próprio Jesus.

5, 2 A piscina de Betesda é um “equipamento” com realidade histórico-arqueológica (como ficou provado por J. Jeremias, *Die Wiederentdeckung von Bethesda*, Göttingen, 1949), cuja hidráulica (segundo a explicação de Robinson, p. 57) funcionava um pouco como o sistema do moderno autoclismo (daí a referência à

agitação da água no v. 7). A exegética imaginativa que o texto bíblico sempre suscitou e suscitará já levou à suposição de que os cinco pórticos da piscina representam os cinco livros do Pentateuco, mas o próprio texto de João não dá nenhuma indicação explícita nesse sentido. Outra interpretação (que já vem desde a Antiguidade Tardia) é que todo o episódio é uma alegoria do batismo. Apesar de essa leitura ter sido perfilhada pelos venerandos Tertuliano e João Crisóstomo, mesmo assim o padre Brown nota com admirável lucidez que “o principal argumento contra a interpretação batismal é a ausência de indicação interna” (vol. I, p. 211).

[[5, 4]] O v. 4, omitido na edição crítica de N-A e quase universalmente considerado uma interpolação, especificava que vinha um anjo do Senhor agitar as águas da piscina.

5, 5 O paralítico está doente há 38 anos, mas mesmo assim a cura não pode esperar nem mais um dia, de modo que se evitasse o desrespeito pelo sábado.

5, 13 “e despenhou-se a vara, do precipício para dentro do mar, cerca de uns dois mil; e afogaram-se no mar”: os porcos de Gerasa a precipitarem-se no “mar” (o lago da Galileia) levantam o problema lógico de o lago se situar a quase 50 km de Gerasa. Certamente por isso, ao usar esta passagem de Marcos, Mateus (8,28) mudou a localização dos porcos para a terra dos gádaros, que mesmo assim ainda fica a 10 km do lago. Lucas repete acriticamente o erro de Marcos.

5, 14 “Não cometas mais erros”: a ideia aqui implícita da corresponsabilidade própria na doença por via dos erros (“pecados”) cometidos não se coaduna com a ideia contrária expressa por Jesus em 9,2.

5, 19 “não pode o filho por si próprio fazer nada a não ser que veja o Pai fazendo alguma coisa”: uma das muitas declarações de Jesus que criam dificuldades na interpretação de “eu e o Pai somos um” (10,30).

5, 23 “filhinha”: diminutivo, *thugátrion*.

5, 24 “que quem ouve a minha palavra e crê n’Aquele que me enviou tem a vida eterna e não vai a julgamento, mas passou da morte para a vida”: uma das mais límpidas definições do que é ser seguidor de Jesus (“cristão”). Note-se a importância fulcral dada à audição da palavra (*lógos*). Ver também o v. 38. E 15,7: “Se permanecerdes em mim e se as minhas palavras permanecerem em vós, aquilo que quiserdes, solicitai — e acontecerá para vós”.

5, 27 “deu-lhe o poder de fazer o julgamento, porque ele é o Filho da Humanidade”: frase que dificilmente compatibilizamos com “eu não julgo ninguém” (8,15\*).

5, 32 “Há outro que testemunha sobre mim”: esse “outro” aqui referido não deverá ser ainda João Batista, que será referido a partir do versículo seguinte, mas Deus.

5, 35 “João era uma candeia”: é frequente ver-se aqui uma referência ao “archote” a que é assemelhado Elias em Ben Sira (= Eclesiástico) 48,1.

5, 39 “Investigai as Escrituras”: não é fácil decidir se devemos interpretar aqui a forma verbal *ereunáte* como “investigai” (imperativo) ou “vós investigais” (indicativo). Opto pelo imperativo (como fez São Jerônimo na Vulgata), mas admito que o indicativo faria igualmente sentido.

5, 42 “Todos sentiram enorme estupefação”: literalmente, “Todos se extasiaram em grande êxtase”. Cf. 16,8\*.

5, 46 “Pois se crêsseis em Moisés, talvez crerieis em mim, porque ele escreveu sobre mim”: no tempo de Jesus, acreditava-se que os autores dos livros do AT eram figuras de prestígio lendário como Moisés, Davi, Salomão *etc.* A Moisés, especificamente, era atribuída a autoria do Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio — embora seja difícil imaginar Moisés como autor da narrativa referente à morte do próprio Moisés em Deuteronômio 34). Não é claro se é no Pentateuco no seu conjunto que o evangelista está aqui pensando, ou se em alguma passagem concreta. (Cf. as palavras atribuídas a Deus em Deuteronômio 18,18: “Suscitar-lhes-ei um profeta como tu, dentre os seus irmãos; porei as minhas palavras na sua boca e ele lhes dirá tudo o que Eu lhe ordenar”.)

## 6.\*

### *A multiplicação dos pães e dos peixes; Jesus caminha sobre as águas; O discurso do Pão do Céu.*

<sup>1</sup> Depois desses acontecimentos, Jesus foi para o outro lado do lago galileu de Tiberíade. <sup>2</sup> Seguiu-o uma numerosa multidão, porque viam os sinais que ele praticava com os doentes. <sup>3</sup> Jesus subiu para a montanha e aí se sentou com os seus discípulos. <sup>4</sup> Estava-se perto da altura da Páscoa, a festa dos judeus.

<sup>5</sup> Jesus, levantando os olhos e vendo que uma multidão numerosa avança em direção a ele, diz a Filipe: “De onde compraremos pães para que estes comam?”. <sup>6</sup> Disse-lhe isso para o pôr à prova, pois ele próprio sabia o que ia fazer. <sup>7</sup> Filipe respondeu-lhe: “Pães para eles no valor de duzentos denários não chegam, para que cada um receba um pedacinho”. <sup>8</sup> Diz-lhe um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro: <sup>9</sup> “Há aqui um rapazinho que tem cinco pães de cevada e dois pequenos peixes. Mas o que são esses [alimentos] para tanta gente?”. <sup>10</sup> Disse Jesus: “Fazei com que as pessoas se sentem”. Havia bastante grama naquele lugar. Os homens sentaram-se; eram cinco mil. <sup>11</sup> Jesus tomou os pães e, dando graças, distribuiu-os aos que estavam sentados; e do mesmo modo [distribuiu] dos peixes tanto quanto eles queriam. <sup>12</sup> Quando tinham sido saciados, diz aos seus discípulos: “Reuni os pedaços sobrantes, para que nada se perca”. <sup>13</sup> Eles reuniram [os restos] e encheram doze cestos de pedaços, a partir dos cinco pães de cevada, [restos] que excediam [o número] daqueles que tinham comido. <sup>14</sup> As pessoas, vendo o sinal que ele praticou, disseram: “Este é verdadeiramente o profeta que vem para o mundo”. <sup>15</sup> Jesus, sabendo que eles estavam prestes a vir e agarrá-lo para fazerem dele [seu] rei, retirou-se de novo sozinho para a montanha.

<sup>16</sup> Quando se fez tarde, os seus discípulos desceram ao mar <sup>17</sup> e embarcando no

barco foram para a outra margem do mar, para Cafarnaum. E já se tinha feito escuro e Jesus ainda não tinha ido encontrar com eles. 18 E porque soprava um vento forte, o mar tinha ficado revolto. 19 Tendo eles remado a uma distância de vinte e cinco ou trinta estádios, veem Jesus caminhando sobre o mar e já perto do barco; e ficaram apavorados. 20 Ele diz-lhes: “Sou eu. Não temais”. 21 Então quiseram acolhê-lo no barco e de imediato o barco chegou junto da margem para a qual se dirigiam.

22 No dia seguinte, a multidão que ficara de pé na outra margem viu que não havia ali outro barco a não ser um e que Jesus não fora juntamente com os discípulos no barco, mas que eles tinham partido dali sozinhos. 23 Outros barcos vieram de Tiberíade, perto do local onde comeram o pão, depois de o Senhor ter dado graças. 24 Quando a multidão viu que Jesus não está ali nem os seus discípulos, subiram para os barcos e foram até Cafarnaum, à procura de Jesus. 25 E encontrando-o na outra margem do mar, disseram-lhe: “Rabi, quando é que aqui chegaste?”.

26 Jesus respondeu-lhes e disse: “Amém amém vos digo: procurais-me não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados. 27 Não trabalheis em prol do alimento que desaparece, mas em prol do que perdura até a vida eterna, que o Filho da Humanidade vos dará. Pois nesse [alimento] Deus Pai pôs o seu selo”. 28 Disseram-lhe então: “Que devemos fazer para que realizemos os trabalhos de Deus?”. 29 Jesus respondeu e disse-lhes: “Este é o trabalho de Deus: que creiais naquele que Ele enviou”.

30 Disseram-lhe: “Tu fazes então que sinal, para que vejamos e creiamos em ti? Que realizarás? 31 Os nossos pais comeram o maná no deserto, tal como ficou escrito: *pão do céu deu-lhes para comer*”. 32 Disse-lhes Jesus: “Amém amém vos digo, não foi Moisés que vos deu o pão do céu, mas é o meu Pai que vos dá o pão do céu — o verdadeiro. 33 Pois o pão de Deus é quem desce do céu dando a vida ao mundo”. 34 Disseram-lhe: “Senhor, dá-nos sempre esse pão”.

35 Disse-lhes Jesus: “Eu Sou o pão da vida. Quem caminha para mim não passará fome e quem crê em mim nunca sentirá sede. 36 Mas eu disse-vos que me vistes e não credes. 37 Tudo o que me dá o Pai virá para mim e não expulsarei quem caminha para mim, 38 porque desci do céu, não para que faça a minha vontade, mas a vontade de Quem me enviou. 39 Esta é a vontade de Quem me

enviou, que [de] tudo o que Ele me deu, eu disse não perca [nada], para que o ressuscite no dia derradeiro. <sup>40</sup> Esta é a vontade do meu Pai: que todo aquele que vê o filho e crê nele tenha vida eterna. E eu ressuscitá-lo-ei no dia derradeiro”.

<sup>41</sup> Murmuravam os judeus sobre ele porque disse: “Eu sou o pão que desceu do céu”, <sup>42</sup> e diziam: “Este não é Jesus, o filho de José, cujo pai e cuja mãe nós conhecemos? Como diz ele agora que ‘descei do céu?’”. <sup>43</sup> Jesus respondeu e disse-lhes: “Não murmureis uns com os outros. <sup>44</sup> Ninguém pode vir para mim a não ser que o Pai, que me enviou, o puxar; e eu ressuscitá-lo-ei no dia derradeiro. <sup>45</sup> Está escrito nos profetas: e serão *todos ensinados de Deus*. Todo aquele que ouviu e aprendeu junto do Pai vem para mim. <sup>46</sup> Não que alguém tenha visto o Pai, a não ser aquele que existe junto de Deus: esse viu o Pai. <sup>47</sup> Amém amém vos digo: quem crê tem vida eterna. <sup>48</sup> Eu sou o pão da vida. <sup>49</sup> Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. <sup>50</sup> Esse é o pão que desce do céu, para que qualquer um dele coma e não morra. <sup>51</sup> Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer desse pão, viverá até a eternidade. O pão que eu darei é a minha carne pela vida do mundo”.

<sup>52</sup> Disputavam entre si os judeus, dizendo: “Como pode este dar-nos a sua carne para comer?”. <sup>53</sup> Disse-lhes Jesus: “Amém amém vos digo: se não comerdes a carne do Filho da Humanidade e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós. <sup>54</sup> Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna e eu ressuscitá-lo-ei no dia derradeiro. <sup>55</sup> Pois a minha carne é o alimento verdadeiro e o meu sangue é a bebida verdadeira. <sup>56</sup> Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. <sup>57</sup> Tal como o Pai vivo me enviou e eu vivo através do Pai, também aquele que me comer viverá através de mim. <sup>58</sup> Esse é o pão que desceu do céu, não como comeram os pais e morreram. Quem come esse pão viverá eternamente”.

<sup>59</sup> Foram estas as coisas que disse na sinagoga, ensinando em Cafarnaum.

<sup>60</sup> Muitos ouvintes dentre os seus discípulos disseram: “Duro é este discurso. Alguém consegue ouvi-lo?”. <sup>61</sup> Sabendo Jesus no seu íntimo que os discípulos cochichavam a esse respeito, disse-lhes: “Isso escandaliza-vos? <sup>62</sup> E se virdes o Filho da Humanidade ascendendo para onde estava antes? <sup>63</sup> O espírito é que faz a vida; a carne não tem utilidade. As palavras que eu proferi para vós são espírito e são vida. <sup>64</sup> Mas entre vós há alguns que não creem”. Pois Jesus sabia desde o

princípio quem eram os descrentes e quem iria traí-lo. <sup>65</sup> E disse: “Por isso vos disse que ninguém consegue vir até mim a não ser que isso lhe seja dado pelo Pai”.

<sup>66</sup> A partir disso, muitos dos seus discípulos voltaram e nunca mais andaram com ele. <sup>67</sup> Disse então Jesus aos doze: “Vós não quereis ir-vos embora, não?”. <sup>68</sup> Respondeu-lhe Simão Pedro: “Senhor, para junto de quem nos iremos embora? Tens palavras da vida eterna, <sup>69</sup> e nós cremos e reconhecemos que és o santo de Deus”. <sup>70</sup> Respondeu-lhes Jesus: “Não escolhi a vós doze? E no entanto um de vós é um diabo”. <sup>71</sup> Referia-se a Judas Iscariotes. Pois este iria traí-lo, sendo um dos doze.

---

\* O capítulo 6 narra dois dos mais significativos milagres praticados por Jesus. O primeiro deles (bem presente nos Evangelhos sinópticos: Mateus 14,13-21; Marcos 6,32-44; Lucas 9,10-17) constitui uma espetacular demonstração pública dos poderes de Cristo: a multiplicação de pães e de peixes, graças à qual se dá de comer a 5 mil pessoas (nos Evangelhos de Mateus 15,32-39 e de Marcos 8,1-10 há uma duplicação do milagre, dando-se de comer, na narrativa posterior, a 4 mil pessoas). O outro milagre é dirigido a uma plateia mais restrita: são apenas os discípulos que veem Jesus a caminhar sobre a água. A terceira seção do capítulo centra-se num tema que apresenta ligação clara à primeira: Jesus como “pão do céu” (“Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá até a eternidade. O pão que eu darei é a minha carne pela vida do mundo”, v. 51). O tema de Jesus enquanto pão do céu, que dá a sua carne pela vida do mundo, é especialmente relevante no contexto deste Evangelho em que — contrariamente ao que lemos em Mateus, Marcos e Lucas — Jesus não institui o rito formal da Eucaristia. Assim, muitos e contraditórios têm sido os debates em torno dessa questão. Uma atitude mais compatibilizadora relativamente aos Evangelhos sinópticos e aos sacramentos aceitos da religião cristã procurará ver, em João, uma forma apenas mais sutil e simbólico-alegórica de dizer o mesmo que é dito por Mateus, Marcos e Lucas sobre a instituição da Eucaristia. Outra leitura, mais disponível para levar até as últimas consequências a materialidade objetiva das palavras de João, tenderá a aceitar que, em rigor, não há Eucaristia no Evangelho de João; e que a “carne”, que é o corpo de Cristo, é constituída pelo conjunto das suas palavras, como é próprio da Palavra (*lógos*) que se faz carne (cf. 1,14). A espiritualíssima “Eucaristia joanina” se definirá, pois, com referência à frase de Jesus que encontramos (v. 63) quase ao fechar deste capítulo: “O espírito é que faz a vida; a carne não tem utilidade. As palavras que eu proferi para vós são espírito e são vida”.

6, 3 “Jesus subiu para a montanha”: apesar do artigo definido (não é “uma montanha”), não se especifica que montanha é.

6, 4 “Estava-se perto da altura da Páscoa, a festa dos judeus”: essa informação não figura na narrativa de Mateus, Marcos e Lucas.

6, 5 “Jesus, levantando os olhos e vendo que uma multidão numerosa avança em direção a ele, diz a Filipe: ‘De onde compraremos pães para que estes comam?’”: na narrativa de João falta por completo o sentimento “visceral” de compaixão (reforçado em Mateus e Marcos pelo verbo *splankhnízesthai*, no qual reconhecemos a palavra “vísceras”, *splánkhnē*) que é característico do Jesus da tradição sinóptica. Em jeito de contrapartida, em João é o próprio Jesus que se lembra de alimentar a multidão: não são os discípulos que lhe vêm

apresentar o problema.

6, 7 “Pães para eles no valor de duzentos denários não chegam”: a quantia mencionada, duzentos denários, é um elo aparente com Marcos (6,37), que é o único evangelista, além de João, a mencioná-la (ainda que em Marcos a quantia surja na boca dos discípulos, e não especificamente na de Filipe, como no Evangelho de João). A eterna pergunta sobre se João conhecia o Evangelho de Marcos aflora, por isso, em todos os comentários a essa passagem com a costumeira carga de argumentação unilateral e tendenciosa, usada tanto pelos defensores do “sim” como os do “não”. O dado mais objetivo que se pode aduzir é que, relativamente à multiplicação dos pães e dos peixes, Marcos e Mateus estão praticamente colados (até na posterior duplicação do episódio). Lucas afasta-se ligeiramente, mas há demasiadas coincidências verbais exatas para postular qualquer independência da parte de Lucas em relação a Marcos. No caso de João, não só não há coincidências verbais (nem sequer a palavra para “peixe” é a mesma dos sinópticos) como a história é narrada de outra maneira e com outros pormenores. Ficam os duzentos denários, como ponto da discórdia para exegetas futuros.

6, 9 “Há aqui um rapazinho que tem cinco pães de cevada e dois pequenos peixes”: o rapazinho (*paidárion*) lembrado que trouxe o seu farnel só existe no Evangelho de João. Só em João é que os pães são de cevada. E, ao passo que em Mateus, Marcos e Lucas os peixes são, como no tempo de Homero, *ikhthúes*, em João têm um nome bem mais moderno (que deu origem à palavra usada ainda hoje na Grécia): *opsária*. Ainda a propósito do rapazinho e dos pães de cevada: há quem procure ver nesses dois pormenores uma ligação à matriz no AT do milagre da multiplicação dos pães, quando o profeta Eliseu alimenta cem pessoas com vinte pães (2 Reis: 42-44). Aí a versão grega dos LXX fala em pães de cevada e, uns versículos antes, num rapazinho (*paidárion*).

6, 10 “Os homens sentaram-se”: são mesmo homens (*ándres*); o número 5 mil não inclui mulheres e crianças, comensais supranumerários mencionados apenas por Mateus (14,21), embora o rapazinho de João denuncie a presença, nessa ocasião, pelo menos de crianças.

6, 11 “Jesus tomou os pães e, dando graças, distribuiu-os aos que estavam sentados”: palavras que, à luz retrospectiva do que conhecemos hoje do posterior ritual eucarístico, assumem um significado que João poderá não ter querido impor à frase. É de notar o fato de ser Jesus  *pessoalmente* a fazer a distribuição. Em Mateus, Marcos e Lucas, Jesus delega essa tarefa aos discípulos.

6, 13 “encheram doze cestos de pedaços”: como foi referido a propósito desse episódio nas notas aos Evangelhos sinópticos, os doze cestos facilmente se prestam à associação simbólica às doze tribos de Israel.

6, 15 “Jesus, sabendo que eles estavam prestes a vir e agarrá-lo para fazerem dele [seu] rei, retirou-se de novo sozinho para a montanha”: a proclamação de Jesus como profeta (v. 14) e a tentativa de o agarrar para fazer dele rei são elementos que encontramos apenas em João.

6, 18 “veem Jesus caminhando sobre o mar”: João e Marcos (6,49) suscitam-nos um problema em relação ao milagre de Jesus caminhar sobre as águas, problema esse que não é colocado no relato de Mateus (14,25; Lucas omite esse milagre do seu Evangelho). Em Mateus, não há qualquer dúvida de que Jesus caminha *sobre* o mar, dado o emprego da preposição *epí* com acusativo. Estranhamente, Marcos e João escrevem — não, como Mateus, em que Jesus caminha *epí tèn thálassan* (“sobre o mar”) — mas *epí tês thalássēs*, construindo, assim, a preposição com genitivo, o que significa, em rigor, que os discípulos veem Jesus caminhando “junto do mar”, e não por cima dele. Todavia, como caminhar junto do mar não constitui qualquer espécie de milagre (e como aqui está claramente se referindo a um milagre, pois o barco está a uma distância de 25 estádios da praia e Jesus está “já perto do barco”), mantenho, nas passagens de Marcos e de João, a tradição de traduzir “sobre o mar”.

6, 20 “Sou eu. Não temais”: em grego, a sequência corresponde a “sou eu” é “eu sou” (*egô eimi*). A afirmação lapidar “Eu Sou” é característica de Jesus no Evangelho de João (como se verá a partir de 6,35).



Embora se possa ver aqui um primeiro exemplo disso, parece mais verossímil que esse *egô eimi* tenha apenas a finalidade não ontológica de autoidentificação (“Sou eu!”), como que em resposta à pergunta: “Quem está aí?”.

6, 21 “de imediato o barco chegou junto da margem”: tratar-se-á aqui de um segundo milagre, ou do verdadeiro milagre que se pretende narrar? Onde lemos em português “junto da margem”, lemos em grego *epì tês gês*: temos, portanto, a construção de *epì* com genitivo cujo problema apontamos a propósito do v. 18. Se o barco estava a uma distância de 25 ou trinta estádios de terra, o chegar “de imediato” à margem tem de ser visto como algo de sobrenatural. Será que, devido à má visibilidade da hora escura, os discípulos pensavam estar a grande distância da praia — mas afinal não estavam, porque de repente estava Jesus passeando na praia e “de imediato” eles estavam já em terra?

6, 31 “tal como ficou escrito: *pão do céu deu-lhes para comer*”: não é claro onde tais palavras se encontram escritas. Aproximações possíveis encontram-se em Neemias 9,15 e Salmo 78 (77 LXX),24.

6, 35 “Eu Sou o pão da vida”: em grego, *egô eimi ho ártos tês zôês*. Para chamar a atenção para essas extraordinárias afirmações ontológicas de Jesus que surgem a partir deste versículo, coloco “Eu” e “Sou” com maiúscula inicial. Nesse como em vários outros casos, temos a continuação predicativa da afirmação “Eu Sou”: “Eu Sou o pão da vida” (ou “Eu Sou a luz do mundo”, 8,12; “Eu Sou a porta”, 10,7; “Eu Sou o bom pastor”, 10,11; “Eu Sou a ressurreição e a vida”, 14,6; “Eu Sou a vinha verdadeira”, 15,1). Outros casos há em que a afirmação se reduz somente à declaração “Eu Sou”. Cf. 8,24\*.

— “Pão da vida”: nos vv. 35, 48, 49 e 50, o “pão da vida” é sapiencial; só nos vv. 51-58 é que surge, talvez, como sacramental.

6, 39 “Esta é a vontade de Quem me enviou, que [de] tudo o que Ele me deu, eu disso não perca [nada], para que o ressuscite no dia derradeiro”: frase extraordinariamente difícil em grego, cuja confusão começa logo com o gênero neutro de “tudo” (*pan*), presumivelmente com o sentido de “toda a pessoa”. O pronome “o” em “para que o ressuscite” é também neutro, mas a quase ininteligibilidade da frase levou a que, na segunda parte da frase, alguns manuscritos mudassem o neutro (*autô*) para masculino (*autôn*). O que, a bem dizer, vem trazer mais uma incongruência gramatical, introduzindo uma concordância errada sem clarificar o sentido.

6, 42 “Este não é Jesus, o filho de José”: no Evangelho de João, o tema da virgindade de Maria está ausente.

6, 44 “Ninguém pode vir para mim a não ser que o Pai, que me enviou, o puxar”: o verbo grego que traduzo por “puxar” é *hélkô*, que significa “arrastar”, “puxar”. Cf. 12,32, onde quem puxa é Jesus.

6, 45 “serão *todos ensinados de Deus*”: citação aproximativa de Isaías 54,12.

6, 51 “O pão que eu darei é a minha carne pela vida do mundo”: esse é o significado literal da frase grega, imbuída de notável força poética. Um entendimento mais claro, mas contudo desfigurador da frase de João, adviria da seguinte formulação: “O pão que eu darei é a minha carne [dada] pela vida do mundo”. Que pão é essa carne, a “minha carne”, como diz Jesus? Penso que teremos de voltar à ideia da Palavra que se fez carne (1,14) e juntá-la à afirmação (6,63) de que a carne em si não tem utilidade: o que interessa é o espírito. Assim, o supremo sacramento aqui imaginado pode ser a “incorporação” do crente das palavras de Jesus (trata-se da ideia da palavra de Deus a “permanecer” dentro do ser humano, como se lê em 5,38). Como se lerá no já citado v. 63: “O espírito é que faz a vida; a carne não tem utilidade. As palavras que eu proferi para vós são espírito e são vida”.

6, 60 “Duro é este discurso. Alguém consegue ouvi-lo?”: o adjetivo aqui traduzido por “duro” é *sklêrós*, que significa “endurecido” (como em “arteriosclerose”), mas pode também ter o sentido de “áspero”.

## 7.

### *A falta de fé dos irmãos de Jesus; Jesus ensina no templo; Discussões acerca de Jesus.*

<sup>1</sup> Depois disso, Jesus andava pela Galileia. Não queria andar pela Judeia, porque os judeus procuravam matá-lo.

<sup>2</sup> Estava perto a festa dos judeus: a Festa das Tendias. <sup>3</sup> Os irmãos de Jesus disseram-lhe: “Sai daqui e vai para a Judeia, para que também os teus discípulos vejam as obras que tu realizas. <sup>4</sup> Pois ninguém faz algo em segredo e procura estar ele mesmo em público. Se fazes essas coisas, mostra-te ao mundo”. <sup>5</sup> Pois nem os seus irmãos acreditavam nele. <sup>6</sup> Diz-lhes Jesus: “O meu tempo ainda não está presente, mas o vosso tempo está sempre preparado. <sup>7</sup> O mundo não consegue odiar-vos, mas odeia a mim, porque eu dou testemunho a respeito dele e porque as obras dele são iníquas. <sup>8</sup> Vós subis até a festa, mas eu não subo até essa festa, porque o meu tempo não se cumpriu ainda”. <sup>9</sup> Dizendo essas coisas, ficou na Galileia.

<sup>10</sup> Depois de os irmãos dele terem subido até a festa, foi então que ele próprio também subiu — não às claras, mas sim em segredo. <sup>11</sup> Os judeus procuravam-no na festa e diziam: “Onde está ele?”. <sup>12</sup> E houve muitos rumores a seu respeito entre as multidões. Uns diziam “ele é bom”, mas outros diziam “não, ele desencaminha o povo”. <sup>13</sup> No entanto, ninguém falava abertamente sobre ele por causa do medo [que tinham] dos judeus.

<sup>14</sup> Indo a festa a meio, Jesus subiu ao templo e estava a ensinar. <sup>15</sup> Os judeus estavam admirados, dizendo: “Como é que este sabe as letras sem nunca ter estudado?”. <sup>16</sup> Jesus respondeu-lhes: “A minha doutrina não é minha, mas d’Aquele que me enviou. <sup>17</sup> Se alguém quiser fazer a vontade d’Ele, saberá a partir da doutrina se vem de Deus ou se eu falo por mim. <sup>18</sup> Quem fala por si procura a glória própria. Mas quem procura a glória de Quem o enviou, esse é

verdadeiro e não há nele injustiça. 19 Não foi Moisés que vos deu a lei? E nenhum de vós cumpre a lei. Por que procurais matar-me?”.

20 Respondeu a multidão: “Estás possesso por um demônio. Quem é que procura matar-te?”.

21 Jesus respondeu e disse-lhes: “Realizei uma obra e todos vos admirais. 22 Porque Moisés vos deu a circuncisão — não é de Moisés, mas sim dos patriarcas — também ao sábado vós circuncidais um homem. 23 Se um homem recebe a circuncisão ao sábado para que não seja infringida a lei de Moisés, podeis vós encolerizar-vos comigo porque ao sábado ponho saudável um homem todo inteiro? 24 Não julgais pela vista, mas julgai um justo juízo”.

25 Disseram então alguns de Jerusalém: “Não é este aquele que procuram matar? 26 Eis que fala às claras e não lhe dizem nada. Será possível que as autoridades tenham verdadeiramente reconhecido que ele é o Cristo? 27 Mas nós sabemos de onde ele vem. O Cristo, quando vier, ninguém sabe de onde vem”.

28 Gritou então Jesus, enquanto ensina no templo, e diz: “Vós conheceis-me e sabeis de onde sou. Porém não vim por mim, mas é verdadeiro Aquele que me enviou, que vós não conheceis. 29 Eu conheço-o, porque eu sou de junto d’Ele e foi Ele que me enviou”.

30 Procuravam então agarrá-lo, mas ninguém lhe pôs a mão, porque não chegara ainda a hora dele.

31 Dentre a multidão muitos creram nele e diziam: “O Cristo, quando vier, fará sinais maiores do que aqueles que ele faz?”. 32 Os fariseus ouviram a multidão a murmurar essas coisas acerca dele e os sumos sacerdotes e os fariseus mandaram guardas para que o prendessem. 33 Disse então Jesus: “Pouco tempo ainda permaneço no meio de vós e estou de partida para junto de Quem me enviou. 34 Procurar-me-eis e não me encontrareis; e onde eu estou, vós não podeis ir”. 35 Disseram então os judeus uns para os outros: “Aonde é que ele está indo que não o encontraremos? Será que está indo para a diáspora dos gregos e vai ensinar os gregos? 36 Que discurso é esse que ele proferiu: ‘Procurar-me-eis e não me encontrareis’ e ‘Onde eu estou vós não podeis ir’?”.

37 No último dia, o grande dia, da festa, Jesus pôs-se de pé e gritou: “Se alguém tem sede, venha até mim e beba! 38 Quem crê em mim, tal como disse a Escritura, da sua barriga fluirão rios de água viva”. 39 Ele disse isso acerca do

espírito, que iriam receber aqueles que acreditavam nele. Pois o espírito não existia ainda, porque Jesus ainda não fora glorificado.

40 Então, entre a multidão [alguns] ouvintes dessas palavras diziam: “Este é verdadeiramente o profeta”. 41 Outros diziam “Este é o Cristo”. Mas outros ainda diziam: “Da Galileia não vem o Cristo, pois não? 42 Não diz a Escritura que o Cristo vem da semente de Davi e de Belém, a aldeia de onde era Davi?”. 43 Deu-se uma divisão por causa dele no meio da multidão. 44 Alguns deles queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs as mãos.

45 Então os guardas voltaram para os sumos sacerdotes e fariseus e estes disseram-lhes: “Por que razão não o trouxestes?”. 46 Os guardas responderam “Nunca homem algum falou assim”. 47 Responderam-lhes os fariseus: “Será que vós enlouquecesteis? 48 Nenhum dos chefes acreditou nele nem nenhum dos fariseus, não? 49 Mas essa multidão, que não conhece a lei, são uns malditos”.

50 Diz-lhes Nicodemos, que fora antes ter com Jesus e era um deles: 51 “Será que a nossa lei julga um homem antes de o ouvir e saber o que ele faz?”. 52 Responderam-lhe: “Será que também tu és da Galileia? Indaga e verás que da Galileia não vem profeta”. 53 E cada um foi para sua casa.

---

7, 2 “Festa das Tendras”: em hebraico, *bag hag-sukkoth*, também conhecida como Festa dos Tabernáculos, considerada em finais do século I d.C. pelo historiador Flávio Josefo (*Antiguidades judaicas*, 8.100) a “mais santa” (*hagiôtátê*) das festas judaicas. Cf. Deuteronômio 16,13-14 (“Celebrarás a Festa das Tendras durante sete dias [...] alegrar-te-ás com os teus filhos, as tuas filhas, os teus escravos, as tuas escravas, com o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva que estiverem dentro das portas da tua cidade”). A festa comemorava o longo percurso dos judeus no deserto, forçados a viver em tendas após a saída da escravidão no Egito.

7, 5 “Pois nem os seus irmãos acreditavam nele”: os irmãos de Jesus já tinham sido mencionados em 2,12\*. O fato de eles não acreditarem em Jesus é consentâneo com o que lemos em Marcos (3,21, 31-35). No entanto, Atos 1,14 dá a entender que, depois da morte e ressurreição de Jesus, esses irmãos descrentes se tornaram crentes.

7, 15 “Como é que este sabe as letras sem nunca ter estudado?”: a congênita superioridade intelectual de Jesus, a despeito de “nunca ter estudado” (o que, no entanto, é incompatível com 1,38), é consentânea com o retrato do jovem filho de Maria oferecido por Lucas. (2,47 “Todos quantos o ouviam estavam estupefatos com a sua inteligência.”) A situação que motiva a perplexidade dos ouvintes de Jesus não deve ser equiparada àquela que encontramos em Atos 4,13, quando as autoridades judaicas se espantam com a eloquência de Pedro e de João, homens “analfabetos (*agrámmatoi*) e simples (*idiôtai*)”. Jesus, claramente, não é *agrámmatos*, muito menos *idiôtês*. É, sem o ser formalmente, no mais profundo sentido do termo, um rabi (cf. 1,38\*).

7, 17 “se vem de Deus ou se eu falo por mim”: no original grego, encontramos neste versículo uma bela construção clássica (*póteron* [...] é [...]), que só figura aqui em todo o NT. Como já houve ocasião de se

referir, a pretensa inépcia dos evangelistas no manejo da língua grega tem sido muito exagerada.

7, 19 “Não foi Moisés que vos deu a lei?”: nas palavras do padre Brown, “Jesus, um judeu, dissocia-se manifestamente da herança da lei” (vol. I, p. 312).

7, 22 “também ao sábado vós circuncidais um homem”: o “homem” aqui referido é hipoteticamente um bebê que nascera em dia de sábado e, de modo obrigatório, segundo a lei judaica, tinha de ser circuncidado no oitavo dia da sua vida, de acordo com o estabelecido no Gênesis 17,10. A implicação do que Jesus aqui diz é que a circuncisão era a única coisa que, no ideário religioso dos judeus, sobrelevava e secundarizava o sábado. Jesus consideraria a circuncisão obrigatória? Isso nunca é dito em nenhum dos Evangelhos canônicos (e o tema será conflituosamente debatido nos Atos dos Apóstolos e na epistolografia de Paulo). Do contraste aqui expresso nas palavras de Jesus entre “pôr saudável” o homem inteiro (o que Jesus faz) e pôr saudável uma parte do homem (o que a circuncisão faz) podemos fazer ressaltar um comentário implícito que é abonatório relativamente à circuncisão, ainda que, no apócrifo Evangelho de Tomé (53), os discípulos perguntem a Jesus se a circuncisão serve de alguma coisa, ao que Jesus responde: “Se fosse esse o caso, os meninos já nasceriam circuncidados”.

7, 24 “Não julgueis pela vista, mas julgai um justo juízo”: a tradução procura manter o efeito estilístico grego (o chamado “acusativo interno”) presente no original (“julgai [...] juízo”: *krísín krínate*).

7, 31 “Dentre a multidão muitos creram nele”: Jesus vai somando seguidores, mas são pessoas da “multidão”. No entanto, um simpatizante de classe alta será novamente mencionado no final do capítulo: Nicodemos.

7, 35 “Será que está para ir para a diáspora dos gregos e vai ensinar os gregos?”: é a primeira vez que se fala em gregos no Evangelho de João. A segunda menção surge em 12,20\*. Tal como na passagem do capítulo 12, há dúvidas aqui sobre que entendimento dar ao termo “gregos”. Judeus helenizados? Gregos propriamente ditos? Por outro lado, será que a suposição de que Jesus poderia ensinar falantes de língua grega denota a obviedade, na mente de quem suponha tal coisa, de que Jesus falava grego?

7, 38 “tal como disse a Escritura, da sua barriga fluirão rios de água viva”: não há uma passagem concreta do AT que corresponda ao que Jesus diz aqui. Existe, no entanto, a possibilidade de aproximação com o Salmo 78,16 (“Deus fez brotar rios das pedras, fez correr águas caudalosas”). Para a noção de água viva, cf. Zacarias 14,8 “naquele dia, de Jerusalém jorrarão águas vivas”. A especificação da “barriga” (*koilia*) como ponto de partida dessas águas deverá ser entendida à luz da mentalidade judaica, que via a barriga como sede das emoções, tal como na mentalidade ocidental essa sede está no coração (ou no fígado, no caso dos gregos do tempo de Homero). Talvez por isso, confrontado com a palavra “barriga” no texto do Apocalipse 10,9, o copista do *Codex Alexandrinus* optou antes por escrever “coração” (ou então estava copiando a partir de um arquétipo em que já figurava a palavra “coração”).

7, 39 “Pois o espírito não existia ainda, porque Jesus ainda não fora glorificado”: essas palavras causam uma dificuldade incômoda, porque dão a entender que a existência do espírito santo só começa com o seu envio após a morte de Jesus (sobre esse envio Jesus terá muito a dizer a partir do capítulo 14). Que não é isso que João quer dizer parece evidente com base em 1,32 (“e João [Batista] testemunhou, dizendo: “Vi o espírito descendo como uma pomba do céu e permanecia sobre ele”). Para desfazer o equívoco, alguns manuscritos acrescentam o particípio perfeito “dado” (*dedoménon*), o que dá à frase o sentido “pois o espírito não tinha sido dado ainda, porque Jesus ainda não fora glorificado”. No entanto, segundo a mais ou menos consensual explicação teológica, aquilo que João quer dizer é que o espírito existia, sim; só que não existia ainda numa relação formal com a Humanidade, tal como essa relação vai se estabelecer após a morte de Jesus e subsequente envio do auxiliador (paracleto). Uma interpretação bem mais radical da frase de João nos levaria à ilação de que, como o espírito não existia antes de Jesus ser glorificado (porque não estava ainda aberto o canal de comunicação entre o espírito santo e a Humanidade), não seríamos obrigados a aceitar nada do que

tenha sido escrito pelos autores do AT como textos “inspirados” pelo espírito santo.

7, 42 “Não diz a Escritura que o Cristo vem da semente de Davi e de Belém”: a identidade de Jesus está a ser debatida no meio de uma multidão. Uns dizem que Jesus era “o profeta” (v. 40); outros que era “o Cristo” (v. 41). Outros duvidam que o Messias possa vir da Galileia. Ora, esse episódio relatado por João mostra-nos, quase em tempo real, a nascente do mito do nascimento de Jesus em Belém. João e Marcos nunca dizem que Jesus nasceu em Belém, mas essa é a versão “crístico-mítica” que encontramos em Mateus e Lucas, evangelhos escritos com o propósito de “provar” que a Escritura estava certa e que Jesus cumpria a Escritura (nesse caso concreto, a passagem do profeta Miqueias 5,2 “e tu, Belém [...] de ti virá o regente que apascentará o meu povo de Israel”). Nesse episódio narrado por João, o não nascimento de Jesus em Belém é claramente visto por alguns como prova de que ele não pode ser o Messias. É por isso que, na Nova Escritura de Mateus e Lucas, a história é reescrita de modo a compatibilizá-la com a Escritura Antiga.

7, 52 “Será que também tu és da Galileia? Indaga e verás que da Galileia não vem profeta”: essas afirmações dirigidas pelos judeus a Nicodemos confirmam a ideia exposta na nota ao v. 42. No entanto, esses judeus não indagaram eles próprios a sua Escritura com o devido cuidado, senão teriam visto que houve, de fato, um profeta oriundo da Galileia: Jonas, filho de Amitai (2 Reis 14,25).

## 8.\*

### *Jesus e a mulher adúltera; Jesus, a luz do mundo; Tensões entre Jesus e os judeus.*

<sup>1</sup> Jesus dirigiu-se ao Monte das Oliveiras. <sup>2</sup> De manhã compareceu novamente no templo e todo o povo foi encontrar com ele. E tendo-se sentado, ensinava-os. <sup>3</sup> Os escribas e os fariseus trazem uma mulher apanhada em adultério e, colocando-a no meio, <sup>4</sup> dizem-lhe: “Mestre, esta mulher foi apanhada no próprio ato cometendo adultério. <sup>5</sup> Na lei, Moisés incumbiu-nos de apedrejar mulheres destas. Tu que dizes?”.

<sup>6</sup> Diziam isso para o pôr à prova, para que tivessem com que o condenar. Porém Jesus, tendo-se agachado, escrevia com o dedo no chão. <sup>7</sup> Visto que eles insistiam em interrogá-lo, levantou-se e disse-lhes: “Que seja o [homem] entre vós, que nunca errou, o primeiro a atirar-lhe uma pedra”. <sup>8</sup> E, agachando-se de novo, continuava escrevendo no chão. <sup>9</sup> Eles, por seu lado, tendo ouvido [o que ele disse], foram se retirando um a um, começando pelos mais velhos. E Jesus ficou sozinho, estando a mulher [ali] no meio. <sup>10</sup> Levantando-se, Jesus disse-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?”. <sup>11</sup> Ela disse: “Ninguém, Senhor”. Jesus disse-lhe: “Nem eu te condeno. Vai. A partir de agora não voltes nunca mais a errar”.

<sup>12</sup> Novamente Jesus lhes falava, dizendo: “Eu Sou a luz do mundo. Quem me seguir não andarás na escuridão, mas terá a luz da vida”. <sup>13</sup> Disseram-lhe os fariseus: “Tu dás testemunho sobre ti próprio? O teu testemunho não é verdadeiro”. <sup>14</sup> Jesus respondeu e disse-lhes: “Se eu dou testemunho sobre mim mesmo, verdadeiro é o meu testemunho, porque sei de onde vim e para onde vou. Porém vós não sabeis de onde venho nem para onde vou. <sup>15</sup> Vós julgais segundo a carne; eu não julgo ninguém. <sup>16</sup> E se eu julgar, o meu juízo é

verdadeiro, porque não sou só, mas [sou] eu e o Pai que me enviou. 17 Na vossa lei está escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. 18 Eu sou quem dá testemunho sobre mim mesmo; e dá testemunho sobre mim o Pai que me enviou”. 19 Então eles diziam-lhe: “Onde está o teu pai?”. Jesus respondeu: “Não conheceis a mim nem ao meu Pai. Se me conhecêsseis, conheceríeis o meu Pai”. 20 Proferiu essas palavras junto das caixas das ofertas, ensinando no templo. E ninguém o prendeu, porque não chegara ainda a hora dele.

21 Jesus disse-lhes novamente: “Eu estou de partida e procurar-me-eis; e no vosso erro morrereis. Para onde eu vou vós não podeis ir”. 22 Diziam então os judeus: “Será que ele se vai matar, porque diz ‘para onde eu vou vós não podeis ir’?”. 23 E Jesus dizia-lhes: “Vós sois cá de baixo; eu sou lá de cima. Vós sois deste mundo; eu não sou deste mundo. 24 Eu vos disse que morrereis nos vossos erros. Se não crerdes que Eu Sou, morrereis nos vossos erros”. 25 Diziam-lhe então: “Tu quem és?”. Jesus disse-lhes: “Que vos digo eu desde o princípio? 26 Muitas são as coisas que tenho a dizer e a julgar a vosso respeito. Mas quem me enviou é verdadeiro; e as coisas que ouvi junto dele, essas coisas digo-as ao mundo”. 27 Não sabiam que ele lhes referia o Pai. 28 Jesus disse-lhes: “Quando elevardes o Filho da Humanidade, então sabereis que Eu Sou. Por mim mesmo não faço nada, mas conformes ao que me ensinou o Pai são as coisas que digo. 29 E Quem me enviou está comigo. Não me deixou sozinho, porque faço sempre aquilo que Lhe apraz”. 30 Dizendo ele essas coisas, muitos creram nele.

31 Jesus dizia então aos judeus que nele criam: “Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos, 32 e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. 33 Responderam-lhe: “Somos semente de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém. Como podes tu dizer que ‘sereis livres’?”.

34 Jesus respondeu-lhes: “Amém amém vos digo, que todo aquele que comete o erro é escravo do erro. 35 O escravo não permanece na casa para sempre; é o filho que permanece para sempre. 36 Se o filho vos libertar, de fato sereis livres.

37 Sei que sois semente de Abraão. Mas procurais matar-me, porque a minha palavra não tem lugar em vós. 38 As coisas que vi junto do Pai [são as coisas que vos] digo. Vós fazeis as coisas que ouvistes junto do [vosso] pai”. 39 Eles responderam e disseram-lhe: “O nosso pai é Abraão”. Jesus diz-lhes: “Se sois filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão. 40 Procurais agora matar-me, a



mim, o homem que vos disse a verdade que ouvi junto de Deus. Isso Abraão não fez. <sup>41</sup> Vós fazeis as obras do vosso pai”. Eles disseram-lhe: “Nós não nascemos da prostituição e só temos um pai, que é Deus”.

<sup>42</sup> Disse-lhes Jesus: “Se Deus fosse vosso pai, amar-me-íeis. Eu vim de Deus e vou [para Deus]. Pois não vim por mim mesmo, mas foi Ele que me enviou. <sup>43</sup> Por que razão não percebeis o meu discurso? Porque não conseguis ouvir a minha palavra. <sup>44</sup> Vós sois [filhos] do diabo, vosso pai; e quereis pôr em prática as vontades do vosso pai. Ele é homicida desde o princípio e não esteve nem está na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere a mentira, profere-a a partir dos seus; pois é mentiroso e é pai [da mentira]. <sup>45</sup> Eu porque digo a verdade não acreditais em mim. <sup>46</sup> Quem de vós me condena a respeito do erro? Se eu falo a verdade, por que razão não acreditais em mim? <sup>47</sup> Quem é de Deus ouve as palavras de Deus. É por isto que vós não me ouvís: porque não sois de Deus”.

<sup>48</sup> Os judeus responderam e disseram-lhe: “Não dizemos bem que és samaritano e tens um demônio?”. <sup>49</sup> Respondeu-lhes Jesus: “Eu não tenho demônio, mas honro o meu Pai e vós me desonrais. <sup>50</sup> Eu não procuro a minha glória. Existe aquele que procura e julga. <sup>51</sup> Amém amém vos digo: se alguém observar a minha palavra, não verá a morte até a eternidade”. <sup>52</sup> Os judeus disseram-lhe: “Agora ficamos a saber que tens um demônio. Abraão morreu e os profetas [também], e tu dizes: ‘Se alguém observar a minha palavra, não provará a morte até a eternidade’. <sup>53</sup> Tu não és maior do que o nosso pai Abraão, não, ele que morreu? Também os profetas morreram. Quem fazes de ti próprio?”.

<sup>54</sup> Jesus respondeu: “Se eu glorificar a mim mesmo, a minha glória é nada. É o meu Pai quem me glorifica, Ele que vós dizeis ser vosso Deus. <sup>55</sup> Mas não O conhecestes, ao passo que eu conheço-O. E se eu dissesse que O não conheço, seria um mentiroso igual a vós. Mas conheço-O e observo a Sua palavra. <sup>56</sup> O vosso pai Abraão regozijou-se para ver este meu dia: viu e alegrou-se”. <sup>57</sup> Disseram-lhe então os judeus: “Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?”. <sup>58</sup> Disse-lhes Jesus: “Amém amém vos digo: antes de Abraão ter existido já Eu Sou”.

<sup>59</sup> Pegaram então em pedras para lhe atirar. Mas Jesus escondeu-se e saiu do templo.

---

\* O capítulo 8 começa com um dos momentos mais famosos de todo o texto bíblico: um episódio que todos conhecem, mesmo sem ser por via da leitura direta da Bíblia. Confrontado com a situação de uma mulher adúltera, prestes a ser apedrejada, Jesus declara aos apedrejadores: “Que seja o [homem] entre vós, que nunca errou, o primeiro a atirar-lhe uma pedra”. Os justiceiros saem de cena um a um; Jesus acaba ficando sozinho com a mulher, que ele manda embora com a injunção de não voltar nunca mais (*mêkêti*) a errar. Uma particularidade curiosa desse episódio lindíssimo é o fato de, como ocorrência única nos Evangelhos, nos mostrar Jesus escrevendo. Não é escrita permanente, com cálam, papiro e tinta; mas escrita efêmera, transitória, logo fadada ao desaparecimento: nos é narrado que Jesus está escrevendo com o dedo no chão. Que palavras ou frases estão sendo grafadas no pó pelo dedo de Jesus? É uma pergunta para a qual nunca teremos resposta. Esse não é, porém, o único enigma inerente ao episódio. O episódio da mulher adúltera levanta um problema incômodo: não é autêntico. O seu autor não foi o evangelista que redigiu o Evangelho que estamos lendo. Excetuando o *Codex Bezae* (do final do século IV, atualmente em Cambridge), a mulher adúltera está ausente dos manuscritos mais antigos do Evangelho de João (não aparece no *Codex Vaticanus* nem no *Codex Sinaiticus*, ambos do século IV) e, em alguns manuscritos mais tardios em que ela figura, verifica-se que os copistas tiveram o cuidado de colocar sinais diacríticos (asteriscos e outros) a indicar que essa parte do texto é apócrifa. Alguns manuscritos bizantinos em escrita minúscula até colocam o episódio no Evangelho de Lucas (as afinidades, já agora, com o estilo de Lucas são visíveis, como se verá mais abaixo); outros, no final do Evangelho de João (quase como apêndice). Nunca esse episódio é mencionado ou citado na patrística grega durante os primeiros mil anos do cristianismo. No entanto, foi lido por figuras marcantes do cristianismo ocidental como São Jerônimo, Santo Ambrósio e Santo Agostinho; e, graças à sua inclusão na Vulgata latina, o episódio tem valor canônico para os católicos, ainda que um exegeta (autorizado por *imprimatur* e *nihil obstat*) como o padre Raymond Brown tenha feito o favor de nos avisar que o episódio da mulher adúltera não deve ser lido como “uma desculpa piegas (*maudlin*) para sermos indiferentes aos pecados da carne” (Brown, vol. I, p. 338). Seja como for, a história de Jesus e da mulher adúltera entrou no imaginário e nos corações dos cristãos por mostrar a própria quintessência da sensibilidade cristã e a comprovação definitiva da frase lapidar de Jesus em 8,15: “eu não julgo ninguém” (*egô ou krínô oudéna*).

8, 2 “De manhã compareceu novamente no templo e todo o povo foi encontrar com ele”: o episódio da mulher adúltera abre com uma frase que podia perfeitamente ter sido escrita por Lucas. A palavra para “de manhã” (*óρθρος*) só ocorre, além dessa passagem, em Lucas (24,1 e Atos 5,21; Lucas, como se sabe, é o autor dos Atos dos Apóstolos). “Compareceu” (o verbo *paraginesthai*) também é característico de Lucas: em João só aparece aqui, ao passo que em Lucas surge oito vezes no Evangelho e vinte vezes nos Atos. Ainda mais típica de Lucas é a palavra para “povo” (*laós*), que Lucas usa 37 vezes no Evangelho, 48 vezes nos Atos e João só aqui e em mais duas passagens. A imagem de Jesus sentado ensinando recorda as descrições de Lucas (4,20; 5,3). Em João, Jesus gosta mais de ensinar de pé (7,37; 10,23).

8, 3 “Os escribas e os fariseus”: a única vez que os escribas (onipresentes em Mateus, Marcos e Lucas) são mencionados no Evangelho de João.

8, 5 “Na lei, Moisés incumbiu-nos de apedrejar mulheres destas”: na lei judaica, está explícito no Levítico 20,10 que o castigo do adultério é a pena de morte: “Se um homem cometer adultério com a mulher do seu próximo, o homem adúltero e a mulher adúltera serão punidos com a morte”. Não se fala, porém, em apedrejamento. Em Deuteronômio 22,21, fala-se em apedrejamento até a morte da mulher cujo marido a repudia por entender que ela não casou virgem: se a referida mulher e o pai não conseguirem entregar às autoridades as roupas manchadas de sangue que “provam” a virgindade dela no dia em que casou, a mulher será, pois, apedrejada até a morte. Que o apedrejamento era o castigo habitual das adúlteras está também

claro em Ezequiel 16,38-40. Já depois do tempo de Jesus, a prática judaica fixou-se em castigar as adúlteras com morte por estrangulamento. De acordo com a passagem do Levítico citada acima, há alguém que, nesse episódio do Evangelho, se destaca pela sua ausência: o homem com quem a adúltera cometeu adultério. Segundo o que foi incumbido “por Moisés”, ambos teriam de ser castigados com a pena de morte. Essa incongruência tem levado alguns exegetas a concluir que o “adultério” da mulher prestes a ser apedrejada consistiu no fato de o marido ter entendido que, na noite de núpcias, ela já não era virgem. Mas isso parece incompatível com a afirmação dos escribas e fariseus, que a declaram apanhada em flagrante delito (“no próprio ato”).

8, 6 “Jesus, tendo-se agachado, escrevia com o dedo no chão”: escrever com o dedo é, sob certo ponto de vista, próprio de Deus (“o Senhor entregou-me as duas tábuas de pedra escritas com o seu dedo divino”, Deuteronômio 9,10). Os comentadores que se têm debruçado sobre esse episódio gostam de entrar no jogo de adivinhar o que Jesus escreveu. Uma lista completa dos pecados dos acusadores? Essa interpretação é a mais antiga, pois já vem desde São Jerônimo (Brown, vol. I, p. 333). Outras adivinhas centram-se em passagens do AT. Alguns palpites aventados: “não levantarás rumores falsos” (Êxodo 23,1); “manter-te-ás longe da causa mentirosa” (Êxodo 23,7); “os que de Ti se afastam serão escritos na terra dos mortos” (Jeremias 17,13). Pela parte que me toca, preferiria imaginar que Jesus está antecipando, por escrito, o que dirá oralmente (como vimos acima) em 8,15: “eu não julgo ninguém”.

8, 9 “E Jesus ficou sozinho, estando a mulher [ali] no meio”: a mulher está no meio de quem (ou de quê)? Nas palavras de Santo Agostinho: “ficaram só dois: a mísera e a misericórdia” (*In Johannem* 33,5). Os acusadores da mulher já se retiraram. Barrett (p. 592) opina sugestivamente que ela fica ali em pé, “por assim dizer no meio do palco”. Na verdade, o episódio no seu todo é — no melhor sentido possível do termo — altamente teatral.

8, 11 “Nem eu te condeno”: o verbo para “condenar” é *katakríno*. Assim, o som em grego dessa frase de Jesus (*oudè egô se katakrínô*) antecipa a sonoridade de *egô ou krínô oudéna* (“eu não julgo ninguém”) de 8,15.

8, 12 “Eu Sou a luz do mundo. Quem me seguir não andarás na escuridão, mas terá a luz da vida”: a luz é, no livro do Gênesis (1,3), a primeira coisa criada por Deus. No Salmo 27,1, diz-se “O Senhor é a minha luz”, passagem em que encontramos a mesma palavra hebraica (*or*) que designa “luz” no Gênesis 1,3. João emprega na presente passagem a palavra grega *phôs*, a mesma do livro do Gênesis na versão dos LXX (no salmo, porém, a palavra é *phôtismós*, “iluminação” — daí a tradução latina, *Dominus illuminatio mea*). Nos outros Evangelhos, a identificação de Jesus com a luz não é feita de forma tão direta, mas indiretamente está lá, quer na afirmação de Simeão em Lucas (2,32) de que os seus olhos viram a luz, quer no modo como Mateus (4,16) cita Isaías (9,1): “O povo viu uma grande luz”. Mateus (5,14) confunde-nos, contudo, ao colocar na boca de Jesus a seguinte afirmação dirigida aos discípulos: “Vós sois a luz do mundo”.

8, 15 “eu não julgo ninguém”: uma das frases-chave do NT.

8, 17 “Na vossa lei”: Jesus fala quase como se ele próprio não fosse judeu. Cf. 7,19\*.

8, 24 “Eu Sou”: cf. 6,35\*. Outros exemplos de “Eu Sou” em sentido absoluto: 8,28, 8,58; 13,19; 18,6.

8, 33 “Somos semente de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém”: é literalmente “semente” em grego (*sperma*). Os judeus que aqui falam estão com um ataque de amnésia, tendo esquecido a escravidão no Egito e na Babilônia (nem se pode dizer que estar sob domínio romano constitua uma vida de liberdade ideal).

8, 39 “Se sois filhos de Abraão”: nessa frase, a forma verbal está no presente do indicativo, o que permite entender a afirmação como situando-se no campo do real. Já no v. 42, o fato de termos um tempo secundário (imperfeito) coloca a frase de Jesus no campo daquilo que não é objetivamente comprovável, portanto é irreal: “Se Deus fosse vosso pai”. Jesus não nega, por conseguinte, que os seus interlocutores são filhos de Abraão; mas o tempo secundário do indicativo na oração irreal nega que sejam filhos de Deus.

8, 40 “a mim, o homem que vos disse a verdade”: essa afirmação, por parte do próprio Jesus, do seu

estatuto enquanto ser humano (*ánthrôpos*) é única nos Evangelhos. Nos séculos que se seguiram à morte de Jesus, houve inúmeras controvérsias (que deram lugar a entendimentos diversos do cristianismo, denominados heresias pela ortodoxia triunfante mercê da proteção imperial) sobre o grau de humanidade e de divindade na natureza de Jesus. As heresias que valorizavam especialmente a humanidade na natureza de Jesus acabaram por ser perseguidas e eliminadas, mas é curioso lembrarmos que a Península Ibérica, nos primeiros tempos da conquista islâmica (século VIII), teve dois pensadores que procuraram valorizar a componente humana na constituição cristológica de Jesus: Elipando de Toledo e Félix de Urgel. Sobre o tema, ver J. C. Cavadini, *The Last Christology of the West: Adoptionism in Spain and Gaul 785-820*, Filadélfia, 1993.

8, 41 “Nós não nascemos da prostituição”: a palavra *porneia* significa literalmente “prostituição”, já a *porné* é a “prostituta” (a palavra vem do verbo *pérnemi*, “vender”, como já houve ocasião de referir a propósito de Mateus 5,32\*). O que está subentendido como insulto grosseiro nas palavras dos fariseus, ao dizerem que não nasceram da prostituição, é que o mesmo não se aplica a Jesus (cf. Barrett, p. 348: “a implicação é que Jesus nasceu da *porneia*”). Essa acusação é feita abertamente nos apócrifos *Atos de Pilatos* 2,3.

8, 42 Cf. v. 39\*.

8, 44 “não esteve nem está na verdade”: a tradução “não esteve nem está” procura verter a forma verbal *éstêken*. Há duas abordagens possíveis a essa forma verbal. Ou se trata do imperfeito do verbo *stêkô*; ou então do perfeito do verbo *hístêmi*, pelo que teria de ter a grafia *héstêken*. Essa segunda hipótese pode ser fundamentada a partir de um papiro do século III, atualmente em Genebra, onde a negativa *ouk* é grafada *oukh*, o que dá a entender que a palavra seguinte começa com aspiração. O perfeito parece mais expressivo, porque sublinha o fato de o “não estar” do diabo na verdade ser algo que pertence ao passado e ao resultado do passado no presente.

8, 48 “Não dizemos bem que és samaritano e tens um demônio?": os samaritanos eram considerados pelos judeus “uma raça rafeira e apóstata” (Barrett, p. 350).

8, 57 “Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?": essa é uma das passagens que têm sido usadas desde a Antiguidade Tardia (já desde o século II: Ireneu, *Contra as heresias*, 2.22.5) para fundamentar a ideia de que a idade de Jesus, no tempo do seu ministério, se situava entre os quarenta e os cinquenta anos. Cf. Introdução, p. 26.

8, 58 “antes de Abraão ter existido já Eu Sou”: a ilação que dessa frase se extrai é que, afinal, é irrelevante se Jesus tem trinta, quarenta ou cinquenta anos nesse momento da História da Humanidade, visto que ele já existe desde sempre. Cf. Salmo 90,2: “antes de surgirem as montanhas, antes de nascerem a terra e o mundo, desde sempre e para sempre Tu És”. Falando nisso, o apócrifo Evangelho de Tomé 19 atribui a Jesus a seguinte afirmação: “Bem-aventurado aquele que era antes de ter sido”.

## 9.\*

### *Jesus cura um cego de nascença.*

1 E passando Jesus por ali, viu um homem cego desde a nascença. 2 E os seus discípulos interrogaram-no, dizendo: “Rabi, quem errou? Este homem ou os pais dele, para que tenha nascido cego?”.

3 Jesus respondeu: “Nem este homem errou nem os pais dele. Mas [isso aconteceu] para que as obras de Deus se mostrem nele. 4 Cumpre-nos realizar as obras de Quem me enviou enquanto é dia; a noite está chegando, quando ninguém consegue trabalhar. 5 Enquanto eu estiver no mundo, a luz do mundo sou eu”.

6 Tendo dito essas coisas, Jesus cuspiu no chão e fez barro da saliva e aplicou o barro aos olhos do cego. 7 E disse-lhe: “Vai, lava-te na piscina de Siloé”. (Palavra que significa “enviado”.) O cego foi, lavou-se e regressou, vendo.

8 Os vizinhos e os que antes o tinham visto (pois era mendigo) diziam: “Não é este que estava sentado pedindo esmola?”. 9 Uns diziam: “É ele”, mas outros diziam: “Não, mas é parecido com ele”. Ele próprio dizia: “Sou eu!”. 10 Então diziam-lhe: “Como se te abriram os olhos?”. 11 Ele respondeu: “O homem chamado Jesus fez barro e ungiu-me os olhos e disse-me: ‘Vai a Siloé lavar-te’. Eu fui e lavei-me e voltei a ver”. 12 E eles disseram-lhe: “Onde está ele?”. Diz: “Não sei”.

13 Levam aos fariseus o que antes fora cego. 14 Era sábado no dia em que Jesus fizera o barro e lhe abrira os olhos. 15 De novo lhe perguntavam os fariseus como voltara a ver. Ele disse-lhes: “Ele fez-me um barro para os olhos; lavei-me e [agora] vejo”. 16 Disseram alguns dos fariseus: “Esse homem não vem de Deus, porque não respeita o sábado”. Outros diziam: “Como pode um homem que é pecador realizar tais sinais?”. E houve uma divisão entre eles. 17 Dizem novamente ao que antes fora cego: “Que dizes tu acerca dele, por te ter aberto os olhos?”. Ele disse: “É um profeta”.

18 Os judeus não acreditaram a respeito dele que fora cego e recebera a visão, até que chamaram os pais daquele que tinha recebido a visão. 19 E perguntaram-lhes, dizendo: “Este é o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Como [se explica] então que ele agora veja?”. 20 Os pais dele responderam e disseram: “Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego. 21 Como [se explica] que ele agora veja não sabemos, nem sabemos quem lhe abriu os olhos. Perguntai a ele, já tem idade: ele próprio falará sobre si mesmo”. 22 Os pais dele disseram estas coisas, porque tinham medo dos judeus. Pois os judeus já tinham combinado [entre si] que, se alguém afirmasse que Jesus era o Cristo, seria expulso da sinagoga. 23 Foi por isso que os pais do cego disseram que “já tem idade, perguntai a ele”.

24 Chamaram uma segunda vez o homem que antes fora cego e disseram-lhe: “Dá glória a Deus. Nós sabemos que esse homem é um pecador”. 25 Respondeu aquele: “Se é pecador não sei. Só sei uma coisa: que sendo cego agora vejo”. 26 Disseram-lhe: “Que ele te fez? Como é que ele te abriu os olhos?”. 27 Ele respondeu-lhes: “Já vos disse e não me ouvistes. Que quereis de novo ouvir? Não quereis tornar-vos discípulos dele, não?”. 28 Insultaram-no e disseram: “Tu é que és discípulo daquele homem! Nós somos discípulos de Moisés. 29 Nós sabemos que Deus falou a Moisés; em relação a este, não sabemos de onde vem”. 30 O homem respondeu e disse-lhes: “Nisto é que reside o espantoso: que vós não saibais de onde ele vem, mas foi ele que me abriu os olhos. 31 Sabemos que Deus não dá ouvidos a pecadores, mas se alguém for temente a Deus e fizer a Sua vontade, a esse dá ouvidos. 32 Desde sempre nunca se ouviu falar que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. 33 Se esse não fosse de junto de Deus, não teria podido fazer nada”. 34 Responderam e disseram-lhe: “Tu nasceste todo nos pecados e estás a dar-nos lições?”. E expulsaram-no fora.

35 Jesus ouviu dizer que o tinham expulsado fora e, encontrando-o, disse: “Tu crês no Filho da Humanidade?”. 36 Respondeu aquele e disse: “Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?”. 37 Disse-lhe Jesus: “Viste-o, pois quem fala contigo é ele”. 38 O outro disse: “Creio, Senhor”. E prostrou-se diante dele.

39 E Jesus disse: “Para um juízo vim eu a este mundo, para que os cegos vejam e os que veem fiquem cegos”. 40 Alguns dos fariseus que estavam com ele ouviram essas coisas e disseram-lhe: “Será que também nós somos cegos?”. 41 Disse-lhes

Jesus: “Se fôsseis cegos, não teríeis erro. Mas agora dizeis ‘nós vemos’: o vosso erro permanece”.

---

\* A cura do cego desde a nascença é um milagre que ocorre somente no Evangelho de João. A sensação provocada pela sua leitura suscita, mais uma vez, a nossa admiração pelo modo como o presente Evangelho não nos apresenta um desfiar de milagres avulsos, optando antes por valorizar um elenco mais reduzido de ocorrências milagrosas, as quais são dotadas de forte coesão significativa. No presente caso, temos um conjunto coerente de 41 versículos dedicados ao desenvolvimento de uma só narrativa, que irá desaguar na afirmação de Jesus “para um juízo vim eu a este mundo, para que os cegos vejam e os que veem fiquem cegos” (v. 39). Ao mesmo tempo, a ligação mais ampla a uma das grandes temáticas abrangentes do Evangelho (luz/ escuridão) fica desde logo clara com a afirmação de Jesus no v. 4: “enquanto eu estiver no mundo, a luz do mundo sou eu”. De certa forma, todo o episódio funciona como sucedâneo e ilustração do que lêramos no capítulo anterior: “Eu Sou a luz do mundo”. (8,12)

9, 2 “quem errou? Este homem ou os pais dele, para que tenha nascido cego?”: a pergunta sobre quem “pecou” para que tivesse surgido tal “castigo” é de imediato rotulada por Jesus como inválida: “Nem este homem errou nem os pais dele”.

9, 6 “Jesus cuspiu no chão e fez barro da saliva e aplicou o barro aos olhos do cego”: só João e Marcos (7,33; 8,23) põem Jesus cuspiendo. Dado que, segundo um largo consenso, Mateus e Lucas basearam os seus Evangelhos no de Marcos, é curioso notarmos a eliminação por eles efetuada desse comportamento por parte de Jesus. Quanto ao “barro”, a palavra grega é *pêlós*, a mesma que é usada por Jó quando diz a Deus “lembra-te que me plasmaste com o barro” (Jó 10,9 LXX). Certamente por isso, já nos primeiros séculos do cristianismo se viu aqui uma referência à criação do homem no livro do Gênesis (Ireneu, *Contra as heresias* 5.15.2), ainda que na passagem dos LXX em que Deus “plasmou” (*éplasen*) Adão a palavra para “pó” seja *khous* e não *pêlós* (Gênesis 2,3).

9, 7 A lavagem dos olhos curados pelo Enviado de Deus tem obviamente de acontecer na piscina dita do “Enviado” (*Siloé*). A posterior reinterpretação eclesiástica desse ato como uma referência ao batismo (e a reconfiguração de todo o episódio como uma alegoria batismal) parece forçada se nos ativermos apenas à materialidade (de resto tão clara) das palavras de João.

9, 9 “Sou eu”: temos aqui, na boca do miraculado, as palavras que tipicamente ouvimos da boca de Jesus (*egô eimi*). É possível interpretar essas palavras do ex-cego como afirmando o “eu sou” pós-Jesus. É depois do encontro com Jesus, e depois da viragem radical ocasionada por esse encontro, que faz pleno sentido a afirmação “eu sou”. Não foi só a escuridão da cegueira que deu lugar à luz da visão: graças a Jesus, não ser dá lugar a ser.

9, 11 “ungiu-me os olhos”: ungir afigura-se uma atividade natural para um Ungido (= Cristo).

9, 14 “Era sábado no dia em que Jesus fizera o barro e lhe abriu os olhos”: por extraordinária coincidência (?), parece ser sempre sábado quando Jesus depara com situações dessas nos Evangelhos. No capítulo seguinte, Jesus afirmará “a Escritura não pode ser anulada” (10,35\*), mas em grande parte os Evangelhos são prova do contrário, como se vê pela bombástica afirmação de Jesus (que só figura, contudo, no Evangelho de Marcos 2,27): “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”. Jesus refuta assim a afirmação de Deus no AT, segundo a qual o castigo pela não observância do sábado é a pena de morte (Números 15,35-6).

9, 17 “É um profeta”: à exceção de Elias e de Eliseu, os profetas do AT não se destacaram especialmente

como milagreiros.

9, 22 “porque tinham medo dos judeus”: tema recorrente no Evangelho de João.

— “se alguém afirmasse que Jesus era o Cristo, seria expulso da sinagoga”: nos Evangelhos sinópticos, o reconhecimento de que Jesus é “o Cristo” (Ungido = Messias) é basicamente apanágio de demônios. João dá-nos outra imagem (real ou inventada — os exegetas dividem-se sobre essa questão), em conformidade com a qual 1) as pessoas que entravam em contato com Jesus estavam aptas a reconhecê-lo como Cristo; e 2) para fazerem face a tal situação, as autoridades judaicas já tinham determinado que se alguém o fizesse seria expulso da sinagoga.

9, 31 “temente a Deus”: o raríssimo adjetivo *theosebês*, que só aparece aqui em todo o NT. A palavra é derivada do verbo *sebomai*, que já em Homero tem um significado profundamente religioso (“venerar”, “respeitar”, “honrar”).

9, 39 “para que os cegos vejam e os que veem fiquem cegos”: o tema da restituição da vista aos cegos é próprio do livro de Isaías: “os olhos dos cegos verão” (29,18), “abrir-se-ão os olhos dos cegos” (35,5). O contrário — o cegar de quem vê — também surge no mesmo livro do AT (Isaías 6,10; 42,19). O sentido conferido por João a esse tema é claro: “receber Jesus é receber a luz do mundo; rejeitá-lo é rejeitar a luz, é fechar os olhos e ficar cego” (Barrett, p. 366).

9, 41 “Se fôsseis cegos, não teríeis erro. Mas agora dizeis ‘nós vemos’: o vosso erro permanece”: o que Jesus parece querer frisar aqui é que ser realmente cego (invisual) é um estado livre de erro (“pecado”), ao passo que os fariseus, porque deliberadamente não querem “ver” no sentido mais essencial do termo (que passa ao lado das condições oftalmológicas de cada um), incorrem num erro inamovível que, por isso, “permanece” (*ménei*).



## 10.

### *A porta e o pastor; Mais controvérsias em torno de Jesus; “Eu e o Pai somos um”.*

<sup>1</sup> “Amém amém vos digo: quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lado, é ladrão e bandido. <sup>2</sup> Quem entra pela porta é pastor das ovelhas. <sup>3</sup> É a este que o porteiro abre [a porta] e as ovelhas ouvem a voz dele e ele chama as ovelhas que são dele pelo nome e as conduz para fora. <sup>4</sup> Quando fez sair todas as suas ovelhas, vai à frente delas e as ovelhas seguem-no, porque conhecem a voz dele. <sup>5</sup> A um estranho não seguirão, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.”

<sup>6</sup> Jesus falou-lhes com essa alegoria, mas eles não perceberam que coisas eram essas que ele lhes dissera. <sup>7</sup> Então Jesus falou-lhes de novo: “Amém amém vos digo, que eu Sou a porta das ovelhas. <sup>8</sup> Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e bandidos, mas as ovelhas não os ouviram. <sup>9</sup> Eu Sou a porta. Quem entrar através de mim se salvará e entrará e sairá e encontrará pastagem. <sup>10</sup> O ladrão não vem a não ser para roubar e matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e [a] tenham abundantemente.

<sup>11</sup> Eu Sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. <sup>12</sup> O assalariado, não sendo o pastor e a quem as ovelhas não pertencem, vê o lobo avançando e deixa as ovelhas e foge — e o lobo apanha-as e espalha [o rebanho] — <sup>13</sup> porque é assalariado e não se preocupa com as ovelhas.

<sup>14</sup> Eu Sou o bom pastor e conheço as minhas [ovelhas] e elas conhecem a mim, <sup>15</sup> tal como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. E dou a vida pelas ovelhas. <sup>16</sup> E tenho outras ovelhas que não são desse redil. Também a essas eu tenho de conduzir e escutarão a minha voz e devirão um rebanho, um pastor.

<sup>17</sup> É por isso que o Pai me ama, porque dou a minha vida para a receber de novo. <sup>18</sup> Ninguém me tira a vida, mas eu dou-a de mim mesmo. Tenho

autoridade para a dar e tenho autoridade para a receber novamente. Esse mandamento recebi-o do meu Pai”.

19 Deu-se de novo uma divisão entre os judeus por causa dessas palavras. 20 Muitos deles diziam: “Tem um demônio e está louco. Por que razão lhe dais ouvidos?”. 21 Outros diziam: “Essas palavras não são de um possesso por um demônio. Um demônio não consegue abrir os olhos dos cegos, não?”.

22 Celebrava-se então em Jerusalém a festa da dedicação do templo. Era inverno. 23 E Jesus entra no templo, no pórtico de Salomão. 24 Os judeus cercaram-no e diziam-lhe: “Até quando suspendes a nossa alma? Se tu és o Cristo, diz-nos às claras”. 25 Respondeu-lhes Jesus: “Disse-vos e não credes: as obras que eu faço no nome do meu Pai testemunham essas coisas a meu respeito. 26 Mas vós não credes, porque não sois ovelhas das minhas. 27 As minhas ovelhas ouvem a minha voz e eu conheço-as e seguem-me, 28 e eu dou-lhes vida eterna e não perecerão até a eternidade e ninguém as arrebatará da minha mão. 29 Aquilo que me deu o meu Pai é maior do que tudo e ninguém pode arrebatá-lo [nada] da mão do Pai. 30 Eu e o Pai somos um”.

31 Os judeus pegaram de novo em pedras para o apedrejarem. 32 Jesus respondeu-lhes: “Muitas belas obras vos mostrei do Pai. Por causa de qual delas me apedrejais?”. 33 Os judeus responderam-lhe: “Não é por causa de nenhuma obra bela que te apedrejam, mas por causa da blasfêmia, porque tu, sendo homem, fazes-te Deus”. 34 Jesus respondeu-lhes: “Não está escrito na vossa lei que *eu disse: sois deuses*? 35 Se [a lei] referiu como deuses aqueles para quem veio a palavra de Deus — e a Escritura não pode ser anulada — 36 acerca daquele que o Pai santificou e enviou para o mundo vós dizeis que ‘tu blasfemas!’ porque eu disse ‘sou filho de Deus’? 37 Se eu não faço as obras do meu Pai, não acrediteis em mim. 38 Se faço, mesmo que não acrediteis em mim, acreditai nas obras, para que saibais e percebaís que o Pai [está] em mim e eu no Pai”.

39 Procuraram então de novo prendê-lo, mas ele saiu-lhes das mãos.

40 E partiu novamente para lá do Jordão, para o local onde primeiro João [Batista] batizara. E aí ficou. 41 Muitos vieram ter com ele e diziam que “João não realizou qualquer sinal, mas tudo o que João disse sobre esse [homem] era verdade”. 42 E muitos creram nele ali.

---

10, 1 A palavra para “redil” (*aulê*, que tem vários sentidos em grego e de onde vem a nossa palavra “aula”) é tão antiga quanto os poemas de Homero.

— “ladrão e bandido”: o *kléptês* (cf. em português “cleptomaniaco”) é alguém que rouba, como Judas (12,6). O “bandido” (*lēistês* — a palavra significa também “pirata”) corresponde mais ao perfil de Barrabás, a quem o termo é aplicado em 18,40.

10, 3 “ele chama as ovelhas que são dele pelo nome”: essa frase, com a explicitação das ovelhas “que são dele” (*tà idia próbata*), cujo nome individual o Bom Pastor (v. 11) conhece, dá a entender que existem no rebanho outras ovelhas que *não* pertencem ao Bom Pastor. No entanto, o v. 16 dirá que existem outras ovelhas, que não são do rebanho, mas que pertencem não obstante ao Bom Pastor. Não é difícil ver aqui uma imagem dos primeiros seguidores de Jesus, oriundos do “rebanho” do judaísmo, e ver nas ovelhas referidas no v. 16 seguidores provenientes de origens completamente diversas, que já nada têm a ver com a realidade judaica.

— É importante termos aqui, em pano de fundo, esta passagem do livro de Números (27,15-17), referente à eleição de Josué (cujo nome, helenizado, é “Jesus”): “Então Moisés disse ao Senhor: ‘Senhor Deus, que dás a vida a todos os seres, nomeia um homem para esta assembleia, que saia à frente dela, que caminhe à sua frente [...] de modo que a assembleia do Senhor não seja como um rebanho sem pastor’”.

10, 6 “alegoria”: ver 16,25\*.

10, 7 “eu Sou a porta”: temos aqui uma sequência notável de afirmações de Jesus com base na explicitação ontológica “Eu Sou”: “Eu Sou a porta” (vv. 7, 9), “Eu Sou o bom pastor” (vv. 11, 14). Como já muitos exegetas notaram, em vez de Jesus dizer, no presente Evangelho (como diz em Mateus, Marcos e Lucas), “o reino de Deus é como”, aqui Jesus afirma, não aquilo a que se assemelha o reino de Deus, mas aquilo que *ele*, Jesus, *é*.

10, 8 “Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e bandidos”: quem são esses “todos” (*pántes*)? Abraão, Moisés, Elias, Isaías, João Batista? Decerto desconfortável com a implicação dessas palavras, o copista do *Codex Bezae* (precioso manuscrito do final do século IV atualmente em Cambridge) deixou de fora a palavra “todos”.

10, 9 “Eu Sou a porta”: a palavra aqui para “porta” é *thúra*, o que faz pensar na passagem do Salmo 78,23 que, na versão dos LXX (nº 77), emprega essa palavra para a frase “portas do céu”. Para a “porta do céu” no livro do Gênesis (28,17), a versão dos LXX opta antes por *púlê* (que tem mais o sentido de “portão”). Perante João 10,9, a aplicação tardia, em contexto católico, da expressão “porta do céu” à mãe de Jesus não pode deixar de nos parecer infundada.

10, 11 “Eu Sou o bom pastor”: já os reis dos poemas de Homero eram referidos como “pastores do povo”. E há uma abundância de passagens no AT em que Deus é referido como pastor de Israel. O mesmo vale para Davi (referido como pastor em Salmo 78,70-72, Ezequiel 37,24, Miqueias 5,3 etc.), a figura que está na base da expressão “bom pastor” que é, na verdade, o *belo pastor*. O adjetivo grego é *kalós*, que, significando secundariamente “bom”, tem como sentido primário “belo”. Jesus é o “belo pastor” à maneira de Davi, como se lê em 1 Samuel 16,11-12. Nesse episódio do AT, Samuel pergunta a Jessé pelo filho ausente. Jessé responde: “está apascentando as ovelhas”. Samuel ordena que Davi seja chamado. “Jessé mandou então buscá-lo. Davi era loiro, de belos olhos e de aparência formosa. O Senhor disse: Ei-lo, unge-o: é esse”.

10, 16 “tenho outras ovelhas que não são desse redil”: ver 10,1\*.

10, 22 “a festa da dedicação do templo”: a festa judaica de *Hannukah* celebrava (e celebra ainda) a nova dedicação do templo de Jerusalém em 165 a.C. A sua localização temporal no calendário corresponde à semana em que celebramos o Natal.

— “Era inverno”: estamos aqui no mês correspondente ao nosso dezembro, ainda que a expressão

*kheimôn ên* possa significar, além de “era inverno”, “estava mau tempo”. É possível que Jesus tivesse se abrigado no pórtico de Salomão para fugir da chuva.

10, 24 “Até quando suspendes a nossa alma?”: a pergunta significa, literalmente, “até quando levantas a nossa alma?”, com o sentido de a manter em *suspense*.

10, 30 “Eu e o Pai somos um”: talvez a mais arrebatadora afirmação cristológica de todo o Evangelho, que motivou acesas controvérsias nos primeiros séculos do cristianismo entre seguidores de diferentes heresias. A palavra para “um” é o numeral no gênero neutro (não no gênero masculino: essa unidade de Pai e Filho resulta num Ente Divino sexualmente neutro, nem masculino nem feminino). O problema que salta à vista é que a forma verbal “somos” (*esmén*) está no plural: Jesus não diz “Eu e o Pai sou um”. Historicamente, o plural permitiu ao catolicismo ortodoxo refutar as heresias que pretenderam proclamar a unidade absoluta entre Pai e Filho, ao mesmo tempo que o numeral “um” permitiu refutar todas as outras que iam no sentido contrário. As afirmações que encontramos no Evangelho de João sobre a relação entre Pai e Filho são compatíveis entre si? Claramente, o que leremos em 14,28 (“o Pai é maior do que eu”) criará confusão a quem se lembre da afirmação proclamada na presente passagem. Que informações já ouvimos da boca de Jesus até esse momento sobre a relação com o Pai? Seguindo a útil sistematização de Brown (vol. I, p. 407): o Filho procede do Pai (8,42), mas o Pai que o enviou está, não obstante, com ele (8,29). O Pai ama o Filho (3,35). O Filho conhece intimamente o Pai (8,55). O Filho faz apenas o que viu o Pai fazer (5,19). O Filho foi ensinado pelo Pai (8,28) e recebeu dele poderes como o de julgar (5,22) e de dar a vida (5,21). O Filho cumpre a vontade do Pai (4,34; 6,38). Num balanço geral, podemos dizer que a exaltante afirmação “eu e o Pai somos um” fica aquém de se coadunar à perfeição com as restantes afirmações de teor cristológico presentes neste Evangelho.

10, 31 A reação dos ouvintes à afirmação “eu e o Pai somos um” não se faz esperar e avança-se de imediato para o apedrejamento (ao qual Jesus conseguirá escapar, adiando primeiro a situação prosseguindo o seu discurso).

10, 34 Citação exata do Salmo 82,6 na versão grega (nº 81 LXX). Sobre a expressão “vossa lei”, cf. 7,19\*, 8,17, 15,25 (“a lei deles”).

10, 35 “a Escritura não pode ser anulada”: o cristianismo, já nas mãos de Pedro e de Paulo, mostrará que a Escritura pode perfeitamente ser anulada, começando logo pela anulação da obrigatoriedade da circuncisão e pela liberação para consumo universal de todos os alimentos que a Escritura proibira os judeus de comer.

10, 36 “porque eu disse ‘sou filho de Deus?’”: na verdade, Jesus não dissera, ainda, neste Evangelho “eu sou filho de Deus”. Disse agora.

10, 38 “o Pai [está] em mim e eu no Pai”: notamos, com algum alívio, tratar-se de uma afirmação compatível com 10,30.

## 11.\*

### *Jesus ressuscita Lázaro; O conselho dos judeus decide matar Jesus.*

1 Certo homem estava doente, Lázaro de Betânia, da aldeia de Maria e de Marta, irmã dela. 2 Maria era quem ungira o Senhor com perfume e limpava os pés dele com os seus cabelos, ela cujo irmão, Lázaro, estava doente. 3 As irmãs mandaram dizer a Jesus: “Senhor, aquele que amas está doente”. 4 Jesus, tendo ouvido [a notícia], disse: “Essa doença não é para [resultar em] morte, mas pela glória de Deus, para que por ela o filho de Deus seja glorificado”. 5 Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. 6 Quando ouviu [dizer] que Lázaro está doente, ficou porém no local onde estava durante dois dias. 7 Depois diz aos seus discípulos: “Regressemos de novo à Judeia”. 8 Dizem-lhe os discípulos: “Rabi, os judeus procuram agora apedrejar-te — e de novo partes para lá?”. 9 Jesus respondeu: “Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. 10 Se alguém andar de noite, tropeça, porque não existe a luz dentro dele”.

11 Disse essas coisas e, de seguida, diz-lhes: “Lázaro, o nosso amigo, adormeceu. Mas vou para o despertar do sono”. 12 Os discípulos disseram-lhe: “Senhor, se ele adormeceu, se salvará”. 13 É que Jesus falara da morte de Lázaro, mas eles pensaram que ele está falando do descanso do sono. 14 Foi então que Jesus lhes disse claramente: “Lázaro morreu 15 e alegro-me por vossa causa, para que creiais, por eu não ter estado lá. Mas vamos até ele”. 16 Disse então Tomé, o chamado Gêmeo, aos condiscípulos: “Vamos também nós para que morramos com ele”.

17 Tendo chegado, Jesus encontrou Lázaro já há quatro dias no túmulo. 18 Betânia distava de Jerusalém uns quinze estádios. 19 Muitos judeus tinham vindo para junto de Marta e de Maria, para lhes exprimirem condolências pelo irmão.

20 Quando Marta ouviu que Jesus vinha a caminho, foi ao encontro dele. Maria ficou sentada em casa. 21 Marta disse a Jesus: “Senhor, se aqui tivesses estado, o meu irmão não teria morrido. 22 Mas agora eu sei que tudo o que a Deus pedires, Deus to dará”. 23 Jesus diz-lhe: “O teu irmão ressuscitará”. 24 Diz-lhe Marta: “Sei que ressuscitará na ressurreição, no dia derradeiro”. 25 Disse-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que morra, viverá, 26 e todo aquele que vive e crê em mim não morrerá até a eternidade. Acreditas nisso?”. 27 Ela diz: “Sim, Senhor, eu acredito que tu és o Cristo, o filho de Deus que vem para o mundo”.

28 E tendo dito isto, retirou-se e chamou em segredo por Maria, a sua irmã, tendo dito: “O Mestre está cá e chama por ti”. 29 Ela, assim que ouviu, levantou-se depressa e foi encontrar com ele. 30 Jesus não entrara ainda na aldeia, mas ainda estava no local onde Marta se encontrara com ele. 31 Então os judeus, que estavam com ela lá em casa e a consolavam, tendo visto que Maria se levantara depressa e saíra, foram atrás dela, supondo que ela vai ao túmulo para lá chorar.

32 Quando Maria chegou aonde estava Jesus, ao vê-lo atirou-se aos seus pés, dizendo-lhe: “Senhor, se aqui tivesses estado, o meu irmão não teria morrido!”. 33 Jesus, quando a viu chorando e viu chorando os judeus que tinham vindo com ela, irritou-se no espírito e agitou-se. 34 E disse: “Onde é que o depusestes?”. Dizem-lhe: “Senhor, anda e vê”. 35 Jesus chorou.

36 Os judeus diziam: “Como ele o amava!”. 37 Alguns deles disseram: “Não podia este, que abriu os olhos do cego, ter feito com que ele não morresse?”.

38 Então Jesus, de novo irritado no seu íntimo, dirige-se ao túmulo. Era uma gruta e uma pedra estava contra ela. 39 Jesus diz: “Levantai a pedra”. Diz-lhe Marta, a irmã do defunto: “Senhor, ele já fede; pois é já o quarto dia”. 40 Jesus diz-lhe: “Eu não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?”. 41 Levantaram a pedra. Jesus levantou os olhos para cima e disse: “Pai, agradeço-Te porque me deste ouvidos. 42 Eu sabia que me ouves sempre, mas falei por causa da multidão aqui presente, para que creiam que Tu me enviaste”. 43 E dizendo essas coisas, gritou com voz poderosa: “Lázaro, sai cá para fora!”. 44 O morto saiu com os pés e as mãos ligados de panos e com o rosto ligado com um sudário. Diz-lhes Jesus: “Desligai-o e deixai-o andar”.

45 Muitos dos judeus, que tinham vindo para junto de Maria e que viram as

coisas que Jesus fez acreditaram nele. <sup>46</sup> Alguns deles foram encontrar com os fariseus e contaram-lhes tudo o que Jesus fizera.

<sup>47</sup> Os sumos sacerdotes e os fariseus reuniram o sinédrio. Diziam: “Que fazemos, visto que esse homem realiza tantos sinais? <sup>48</sup> Se o deixarmos assim, muitos acreditarão nele e os romanos virão e nos tirarão o nosso lugar e a nação”. <sup>49</sup> Um deles, Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disselhes: “Vós não sabeis nada, <sup>50</sup> nem raciocinais que vos é preferível que um homem morra pelo povo, para que não pereça a nação inteira”. <sup>51</sup> Ele não disse isso por si mesmo, mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação <sup>52</sup> e não só pela nação, mas também para que os filhos de Deus espalhados [pelo mundo] ele juntasse num só [povo]. <sup>53</sup> A partir, pois, daquele dia, decidiram que o iriam matar.

<sup>54</sup> Por isso, Jesus já não andava às claras no meio dos judeus, mas partiu dali para a região próxima do deserto, para uma cidade chamada Efraim e aí ficou com os discípulos.

<sup>55</sup> Estava próxima a Páscoa dos judeus e muitos da região subiam para Jerusalém para se purificarem antes da Páscoa. <sup>56</sup> Procuravam Jesus e falavam uns com os outros de pé no templo: “Que vos parece? Será que não virá para a festa?”. <sup>57</sup> Os sumos sacerdotes e os fariseus tinham dado ordens para que se alguém soubesse onde Jesus se encontrava, que o prendesse.

---

\* A ressurreição de Lázaro é um episódio da vida de Jesus que encontramos somente no Evangelho de João. É o milagre mais espetacular praticado por Jesus (tomando em conjunto os quatro Evangelhos) e, no contexto do Evangelho de João, tem como finalidade dar uma demonstração concreta da afirmação antes feita por Jesus no capítulo 5: “Tal como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, do mesmo modo também o Filho faz viver aqueles que quer” (5,21). Na economia da narrativa como João a concebe, a ressurreição de Lázaro é um importante móbil na precipitação dos acontecimentos até o Calvário, pois é justamente esse milagre, tão assombroso quanto inconcebível, que origina a decisão definitiva, da parte dos inimigos de Jesus, de o matarem (11,46, 53). Tanto Jesus como os discípulos têm consciência das consequências dessa ida a Betânia (que ficava a mais ou menos três quilômetros de Jerusalém), pelo que também se pode dizer que, ao ressuscitar o amigo, Jesus dá a sua própria vida por ele, assim oferecendo demonstração concreta da frase que virá mais adiante, segundo a qual não há maior prova de amor do que dar a vida por um amigo (15,13).

11, 2 “Maria era quem ungira o Senhor com perfume e limpou os pés dele com os seus cabelos”: essa frase não pode ter sido escrita pelo próprio evangelista, já que, nesse momento da narrativa, ainda não aconteceu a unção em Betânia (que acontecerá somente no início do capítulo seguinte). Trata-se de uma glosa

explicativa, que entrou (e ficou) no texto de João em época posterior à sua redação original. A referência a Jesus como “Senhor” num segmento do texto narrado na terceira pessoa também levanta suspeitas (cf. Brown, vol. I, p. 423).

11, 3 “aquele que amas está doente”: além do discípulo amado (que entra em cena a partir do capítulo 13), há outro homem amado por Jesus neste Evangelho: Lázaro. Daí a tese de um famoso livro de K. A. Eckhardt (*Der Tod des Johannes*, Berlim, 1961), de que o discípulo amado e Lázaro são a mesma pessoa e, por conseguinte, o autor do presente Evangelho é Lázaro. Essa mesma ideia já tinha sido defendida anteriormente por F. V. Filson, num artigo intitulado “Who was the Beloved Disciple?” (*Journal of Biblical Literature*; 68, 1949; pp. 83-8).

11, 6 “Quando ouviu [dizer] que Lázaro está doente, ficou porém no local onde estava durante dois dias”: apesar de muito se ter discutido as motivações desse atraso propositado de Jesus, parece-me perfeitamente óbvio que Jesus espera até que Lázaro morra para depois o poder ressuscitar. Esse milagre supremo não é para ser mais uma cura, mas sim a demonstração de que não está sujeito à morte quem Jesus entendeu que não esteja.

11, 16 “Tomé, o chamado Gêmeo”: esse *Thômâs* em grego (*Te'om* em hebraico), tradicionalmente conhecido em língua portuguesa como Tomé (em rigor, devia ser Tomás), tem duplamente a designação de Gêmeo, já que tanto a palavra grega para “Gêmeo” (*Dídumos*) como o próprio nome hebraico têm o mesmo significado. Gêmeo, então, de quem? Cedo se espalhou a ideia, visível já nos escritos apócrifos (como os *Atos de Tomé*), de que Tomé era irmão gêmeo de Jesus. O fato de na lista dos nomes dos irmãos de Jesus em Marcos (6,3) não surgir qualquer *Thômâs* (= Gêmeo) funcionou como estímulo para a imaginação dos que, nas primitivas igrejas cristãs siríacas, quiseram ver o irmão gêmeo de Jesus em Judas (esse sim, referido por Marcos). Nos Evangelhos sinópticos, Tomé é uma figura apagada. Só em João adquire um pouco mais de protagonismo, mormente no capítulo 20.

— “Vamos também nós para que morramos com ele”: esse “ele” nas palavras de Tomé refere-se a Jesus, não a Lázaro.

11, 27 “Sim, Senhor, eu acredito”: Marta emprega aqui o perfeito (*pepisteuka*), com o sentido “eu tenho vindo a acreditar e por isso acredito”. É o resultado presente do processo de fé.

11, 33 “Jesus, quando a viu chorando [...] irritou-se no espírito e agitou-se”: por que é que Jesus fica irritado (novamente no v. 38)? Não há como escapar ao sentido do verbo *embrimáomai*, já usado no AT (LXX) com o sentido “encolerizar-se” (Daniel 11,30). Nos Evangelhos surge em Mateus 11,30, Marcos 1,43 e 14,5. Nos primeiros dois casos, é Jesus que se irrita com dois doentes a quem curou; no terceiro caso (Marcos 14,5), são os discípulos que se irritam com o desperdício de perfume da parte da mulher anônima que unge Jesus em Betânia, na casa do leproso Simão. Essa interpretação literal do verbo (“zangar-se”) foi aceita nos tempos da primeira patrística grega, mas as Bíblias que lemos hoje procuram negar a Jesus o direito de se irritar, pondo-o em vez disso a “suspitar profundamente”. Será o choro descontrolado de Maria de Betânia que o irrita? Ou será que, como no caso dos doentes de Mateus e Marcos, ele se sente coagido a fazer o milagre, o qual, uma vez feito, terá o efeito de encurtar cada vez mais o seu ministério na terra, devido à má vontade crescente que a fama dele vai provocar nas autoridades judaicas? Com os judeus presentes (referidos no v. 33), Jesus sabe que nunca passará despercebido esse milagre supremo que lhe é exigido pelo choro da irmã do amigo: devolver a vida a Lázaro implicará, a curto prazo, abdicar dela para si próprio. Seja como for, que Jesus está aqui com as emoções à flor da pele ficará patente no v. 35.

11, 35 “Jesus chorou”: este mais curto dos versículos do Evangelho, com as suas três palavras em grego (*edákrusen ho Iêsous*), é desconcertante e comovente no imediatismo com que nos dá acesso ao estado emocional de Jesus nesse preciso momento.

11, 38 “Jesus, de novo irritado no seu íntimo, dirige-se ao túmulo”: a montanha-russa de emoções por que



Jesus passa nesse episódio conhece, após a irritação do v. 33 e as lágrimas no v. 35, um novo momento de irritação.

11, 41 “Pai, agradeço-Te”: o modo de dizer aqui em grego “agradeço-Te” (*eukhatistô soi*) não teria agradado a leitores cultos da época de João, que, no grego por eles utilizado, teriam preferido uma forma mais clássica de exprimir agradecimento (*khárin eidénai*). Nós, porém, podemos apreciar esse modernismo linguístico colocado por João na boca de Jesus, graças ao qual — dentro da ficção do Evangelho de que Jesus, quando abre a boca, fala em grego — vemos Cristo como homem moderno a usar, na língua contemporânea do seu tempo, a expressão típica do grego falado ainda hoje quando se trata de dizer “obrigado”. Cf. Horrocks, *Greek: A History of the Language and its Speakers*, p. 94.

11, 43 “gritou com voz poderosa”: esse verbo para “gritar”, *kraugázein*, que só surge uma vez em Mateus (12,19) e uma vez em Lucas (4,41), é usado seis vezes por João. Quatro dessas seis ocorrências descrevem os gritos da multidão que quer crucificar Jesus (18,40; 19,6, 12,15). Nas palavras sugestivas do padre Raymond Brown, “poderia estabelecer-se um contraste entre o grito da multidão que dá a morte a Jesus e o grito de Jesus que dá a vida a Lázaro” (Brown, vol. I, p. 427).

11, 52 “ele juntasse num só [povo]”: esse “ele” refere-se a Jesus.

## 12.\*

### *Maria de Betânia unge Jesus; Entrada de Jesus em Jerusalém; Jesus anuncia a glória da cruz.*

<sup>1</sup> Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi para Betânia, onde estava Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. <sup>2</sup> Fizeram-lhe lá um jantar e era Marta que servia. Lázaro era um dos que reclinavam à mesa com ele.

<sup>3</sup> Foi então que Maria, tendo tomado uma libra de perfume de nardo puro, caríssimo, ungiu os pés de Jesus e limpou-os com os seus cabelos. A casa encheu-se com a fragrância do perfume. <sup>4</sup> Diz Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que iria traí-lo: <sup>5</sup> “Por que não se vendeu o perfume por trinta denários e não se deu [o dinheiro] aos mendigos?”. <sup>6</sup> Ele disse isso, não porque se preocupava com os mendigos, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa do dinheiro, surrupiava o que lá era jogado. <sup>7</sup> Jesus disse: “Deixa-a, para que ela conserve [o perfume] para o dia do meu enterro. <sup>8</sup> Os mendigos tendes sempre convosco; a mim não tendes sempre”.

<sup>9</sup> Uma multidão numerosa de judeus soube que ele está ali e vieram não só por causa de Jesus, mas para verem Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. <sup>10</sup> Os sumos sacerdotes deliberaram matar Lázaro também, <sup>11</sup> porque por causa dele muitos judeus se afastavam e acreditavam em Jesus.

<sup>12</sup> No dia seguinte, uma multidão numerosa que ia para a festa ouviu dizer que Jesus vem para Jerusalém <sup>13</sup> e pegaram em ramos das palmeiras e saíram ao encontro dele e gritavam:

*Hosana!*

*Bendito o que vem em nome do Senhor,  
o rei de Israel!*

<sup>14</sup> Tendo Jesus encontrado um burrinho, sentou-se nele, conforme estava

escrito:

15 *Não temas, filha de Sião.*

*Eis que chega o teu rei,*

*sentado num poldro de burra.*

16 Os seus discípulos não perceberam inicialmente essas coisas, mas quando Jesus foi glorificado então se lembraram que essas coisas estavam escritas sobre ele e [lembraram-se também que as multidões] lhe tinham feito essas coisas.

17 A multidão, que estava com ele quando chamou Lázaro para fora do túmulo e o ressuscitou dos mortos, testemunhava [o que vira]. 18 Por isso a multidão veio ao seu encontro, porque ouviram dizer que ele realizara esse sinal. 19 Os fariseus disseram uns aos outros: “Vedes que nada beneficiastes. O mundo foi atrás dele”.

20 Havia alguns gregos entre os que tinham subido para a adoração durante a festa. 21 Estes vieram encontrar com Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e interrogavam-no, dizendo: “Senhor, queremos ver Jesus”. 22 Filipe vai e diz a André; André e Filipe vêm dizer a Jesus. 23 Jesus respondeu-lhes, dizendo: “Chegou a hora em que será glorificado o Filho da Humanidade. 24 Amém amém vos digo: quando o grão de trigo não cai por terra e morre, permanece só. Mas se morrer, dá muito fruto. 25 Quem ama a sua vida, perde-a; e quem odeia a sua vida neste mundo, conservá-la-á na vida eterna. 26 Se alguém for meu servo que me siga; e onde eu estou estará o meu servo. Se alguém for meu servo, o Pai honrá-lo-á. 27 Agora *se perturbou a minha alma* e o que direi? Pai, *salva-me* desta hora? Mas foi por isto que vim para esta hora. 28 Pai, glorifica o teu nome”. Veio então uma voz do céu: “Glorifiquei e glorificarei de novo”.

29 A multidão ali de pé, que ouviu [o som], dizia ter havido trovoadas. Outros diziam: “Foi um anjo que lhe falou”. 30 Jesus respondeu e disse: “Não foi por mim mas por vós que surgiu essa voz. 31 Agora é [o] julgamento deste mundo, agora expulsar-se-á o príncipe deste mundo. 32 E eu, quando for içado ao alto a partir da terra, todos puxarei para mim”. 33 Assim falava, indicando com que morte iria morrer.

34 Respondeu-lhe a multidão: “Nós ouvimos dizer da lei que o Cristo fica até a eternidade; como dizes tu então que é preciso içar ao alto o Filho da Humanidade? Quem é esse, o Filho da Humanidade?”. 35 Disse-lhes Jesus: “É durante pouco tempo que a luz está entre vós. Caminhai enquanto tendes luz,

para que a escuridão não vos apanhe. Quem caminha na escuridão não sabe para onde vai. <sup>36</sup> Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz”. Jesus disse essas coisas e, partindo, escondeu-se deles.

<sup>37</sup> Embora tantos dos seus sinais tivessem sido realizados na presença deles, não creram nele, <sup>38</sup> para que se cumprisse a palavra de Isaías, o profeta, que disse:

*Senhor, quem acreditou no que ouviu de nós?*

*E o braço do Senhor a quem foi revelado?*

<sup>39</sup> Por isso não conseguiam crer, porque [como] novamente disse Isaías:

<sup>40</sup> *Cegou os olhos deles*

*e endureceu os seus corações,*

*para que não vissem com os olhos*

*e não compreendessem com o coração*

*e não se convertessem; e curá-los-ei.*

<sup>41</sup> Essas coisas disse Isaías, porque viu a glória dele e falou a esse respeito. <sup>42</sup> Ainda assim, muitos dos chefes creram nele, mas por causa dos fariseus não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga. <sup>43</sup> Amaram a glória dos homens mais do que a glória de Deus.

<sup>44</sup> Jesus gritou alto e disse: “Quem crê em mim não crê em mim mas n’Aquele que me enviou, <sup>45</sup> e quem me vê está vendo Quem me mandou. <sup>46</sup> Eu vim como luz para o mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça na escuridão. <sup>47</sup> E se alguém ouve as minhas palavras e não as observa, eu não o julgo. Não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. <sup>48</sup> Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem o seu juiz. Aquela palavra que proferi julgá-lo-á no dia derradeiro. <sup>49</sup> Porque eu não falo por mim próprio, mas o Pai que me enviou deu-me um mandamento sobre que direi e falarei. <sup>50</sup> E sei que o mandamento d’Ele é vida eterna. Portanto as coisas que eu digo, conforme me disse o Pai, assim [as] digo”.

---

\* A unção de Jesus em Betânia apresenta, no Evangelho de João, algumas características especiais. João é único evangelista que explicita o nome da mulher: Maria, irmã de Marta e de Lázaro. Em Mateus (26,6-13) e Marcos (14,3-9) a mulher é anônima. Além disso, nesses dois Evangelhos a unção não tem lugar, como aqui, na casa de Lázaro, mas sim na casa de um tal de Simão, referido como leproso. Em Mateus e Marcos, a mulher anônima derrama o perfume por cima da cabeça de Jesus. A cabeça ungida em Mateus e Marcos sublinha a realza de Jesus, Ungido (“Cristo”) e rei dos judeus. Em Lucas, a mulher, ainda que anônima, é

referida como uma pecadora (7,37) e, em vez de derramar o perfume por cima da cabeça de Jesus, a pecadora lava primeiro os pés dele com lágrimas, limpando-os em seguida com os seus cabelos. Só depois é que derrama o perfume (presumivelmente por cima dos pés — esse fato não é explícito em Lucas). Em João, temos Maria, irmã de Lázaro, que, à semelhança da pecadora anônima de Lucas, unge não a cabeça (Mateus e Marcos), mas os pés de Jesus com o perfume; e limpa-os depois com os cabelos. Por que os pés, nesse caso? No que diz respeito à pecadora de Lucas (se são, de fato, os pés o objeto da sua devoção), percebe-se o grande gesto de penitência. Em João, o motivo dessa unção dos pés de Jesus por Maria de Betânia poderá ser este: aquela abnegação do amor, expressa no AT de forma ainda mais extrema por Abigail em relação a Davi (1 Samuel 25,39-41): “Davi mandou propor a Abigail que se tornasse sua mulher. Os seus mensageiros chegaram a Carmel e disseram-lhe: ‘Davi mandou-nos até junto de ti, pois deseja tomar-te por esposa’. Levantou-se, então, Abigail e prostrou-se com o rosto por terra, dizendo: ‘A tua escrava já se daria por feliz em lavar os pés dos servos do meu senhor’”. O encantamento da irmã de Marta com Jesus está igualmente visível em Lucas 10,39. Para a obsessão de Maria de Betânia com os pés de Jesus, ver ainda 11,32.

12, 2 “jantar”: a refeição com o nome de *deipnon* em grego podia igualmente ser um almoço. No entanto, é o termo utilizado por João para a Última Ceia (13,2,4; 21,20), portanto é mais provável que se trate aqui de um jantar.

— “era Marta que servia”: também Lucas (10,40) registra os dotes de Marta como dona de casa e anfitriã.

12, 3 “nardo puro”: o adjetivo *pistikós* aplicado ao perfume de nardo também ocorre na passagem correspondente de Marcos (14,3). Não há uma certeza incontroversa sobre o seu sentido. Se a derivação etimológica for de *pínein* (“beber”), como pensam alguns linguistas, o sentido será “líquido”. Se de *pístós* (relacionado com *pístis*, “fé”), será algo como “genuíno”, “puro”: um perfume “de confiança”, digamos assim. Há ainda a possibilidade de o adjetivo estar sendo utilizado devido à semelhança fônica com a palavra aramaica *pistaqa*, “pistache”. O perfume de nardo precisaria de um óleo qualquer na sua composição: pode ser que Marcos e João nos queiram dizer que se tratava, nesse caso, de óleo de pistache.

12, 13 “ramos das palmeiras”: só João fala nesses ramos de palmeira na entrada messiânica de Jesus em Jerusalém. Em Mateus (21,8), são apenas ramos de árvores; em Marcos (11,8), são ramos que foram cortados nos campos; em Lucas, não há ramos de espécie alguma. Embora biblistas e botânicos discutam se haveria, de fato, palmeiras em Jerusalém, não custa crer que sim.

— *Hosana!* Salmo 118 (117 LXX),25. Na versão dos LXX, a palavra “hosana” surge traduzida como imperativo aoristo de *sôzô* (“salvar”): *sôson*.

— *Bendito o que vem*: Salmo 118 (117 LXX),26. João cita o texto exato dos LXX.

12, 14 “burrinho”: diminutivo em grego, *onárrion*.

12, 15 *não temas, filha de Sião*: reescrita criativa de Zacarias 9,9, em que não aparecem (nem em hebraico, nem em grego) as palavras “não temas”.

12, 16 “Os seus discípulos não perceberam inicialmente essas coisas, mas quando Jesus foi glorificado então se lembraram que essas coisas estavam escritas sobre ele e [lembraram-se também que as multidões] lhe tinham feito essas coisas”: essas palavras dão bem a medida do processo retrospectivo que presidiu, depois da morte de Jesus, à reinterpretação dos acontecimentos da sua vida à luz de passagens do AT agora transformadas em profecias cristãs. Não deixa de ser estranho que os discípulos não tenham percebido no momento o significado dessa entrada em Jerusalém, quando o próprio povo, que não privava de perto com Jesus, percebe logo que ele é “o rei de Israel”. A parte final da frase, “lhe tinham feito essas coisas”, não pode ter como sujeito os discípulos, pois, contrariamente ao que sucede em Mateus, Marcos e Lucas, em João os discípulos não preparam a entrada de Jesus em Jerusalém. A forma verbal “tinham feito” (*epoiésan*) é, em rigor, um aoristo, mas o mais-que-perfeito dá maior clareza à frase, já de si um pouco confusa. Como o verbo não tem sujeito expresso, alguns especialistas (entre os quais Thyen, p. 554) entendem que o sujeito

subentendido do verbo são as multidões.

12, 20 “gregos”: esses gregos levantam dúvidas a alguns leitores. Serão gregos em sentido próprio? Gregos no sentido mais lato de “pagãos”? Ou judeus helenizados? Atendendo ao fato de que vêm até Jerusalém para tomarem parte na “adoração”, parece-me mais provável que se trate de judeus helenizados. Não deixa de ser curioso que os mediadores entre Jesus e esses gregos sejam justamente Filipe e André, ambos com nomes gregos.

12, 24 “Mas se morrer, dá muito fruto”: a ideia de que a vida nasce da morte faria sentido precisamente a pessoas de cultura helênica que tivessem ouvido falar dos cultos gregos de religiosidade iniciática (mistérios de Elêusis, orfismo etc.).

12, 27 Agora *se perturbou a minha alma* [...] *salva-me*: frase inspirada no Salmo 6 (LXX),4-5.

12, 32 “todos puxarei para mim”: cf. 6,44 (“ninguém pode vir para mim a não ser que o Pai, que me enviou, o puxar”).

12, 34 “Quem é esse, o Filho da Humanidade?": usando do seu privilégio de raramente responder com precisão ao que lhe é perguntado, Jesus não nos esclarece sobre essa importante questão.

12, 38 A citação é de Isaías 53,1 e segue cuidadosamente a versão dos LXX.

12, 40 Isaías 6,10. As palavras escritas por João não correspondem de forma exata nem ao texto hebraico nem ao texto grego dos LXX.

12, 46 “Eu vim como luz para o mundo”: o perfeito grego *elêlutha* (“vim”) sublinha o resultado continuado da vinda ao mundo.

## 13.\*

### *Jesus lava os pés dos discípulos; Anúncio da traição de Judas; O mandamento novo: o amor.*

<sup>1</sup> Antes da festa da Páscoa, Jesus soube que chegara a sua hora para sair deste mundo para o Pai e, tendo amado os seus neste mundo, amou-os até o fim. <sup>2</sup> Decorrendo o jantar; e já tendo o diabo lançado a intenção de o trair no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes; <sup>3</sup> e sabendo Jesus que tudo o Pai lhe dera para as mãos e que proviera de Deus e que para Deus volta [agora], <sup>4</sup> levanta-se do jantar e despe as roupas e, pegando numa toalha, atou-a à cintura. <sup>5</sup> Em seguida derrama água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a secá-los com a toalha que atara à cintura. <sup>6</sup> Chega então a Simão Pedro. Este diz-lhe: “Senhor, tu lavas-me os pés?”. <sup>7</sup> Jesus respondeu e disse-lhe: “O que eu faço tu ainda não compreendes; perceberás depois”. <sup>8</sup> Diz-lhe Pedro: “Não me lavarás os pés, [jamais] até a eternidade”. Jesus respondeu-lhe: “A não ser que eu te lave, não tens lugar comigo”. <sup>9</sup> Diz-lhe Simão Pedro: “Senhor, não me laves só os pés, mas as mãos e a cabeça”. <sup>10</sup> Diz-lhe Jesus: “Quem tomou banho não precisa, tirando os pés, de se lavar, pois todo ele está limpo. E vós estais limpos, ainda que não todos”. <sup>11</sup> Pois sabia quem o estava a trair. Por isso disse que “não estais todos limpos”.

<sup>12</sup> Depois de ter lavado os pés deles, pegou na sua roupa e voltou a reclinar-se [à mesa]. Disse-lhes: “Compreendeis o que vos fiz? <sup>13</sup> Vós chamais-me ‘o Mestre’ e ‘o Senhor’ e dizeis bem. Sou, de fato. <sup>14</sup> Se eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. <sup>15</sup> Dei-vos um exemplo para que, tal como eu fiz, façais vós também. <sup>16</sup> Amém amém vos digo: o escravo não é maior do que o amo dele, nem um apóstolo é maior do que Aquele que o enviou. <sup>17</sup> Se sabeis essas coisas, bem-aventurados sois se as

fizerdes.

18 Não falo de todos vós: sei quem eu escolhi. Mas para que se cumpra a Escritura: *aquele que come o meu pão levantou contra mim o calcanhar*. 19 Digo-vos desde agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que Eu Sou. 20 Amém amém vos digo: quem recebe quem eu enviar, recebe a mim; e quem recebe a mim, recebe Quem me enviou”.

21 Tendo dito essas coisas, Jesus agitou-se no espírito e testemunhou e disse: “Amém amém vos digo que um dentre vós me trairá”. 22 Os discípulos olharam uns para os outros, sem saberem a quem ele se refere. 23 Um dos discípulos estava reclinado no peito de Jesus: aquele que Jesus amava. 24 Simão Pedro faz sinal a este para ele perguntar quem seria aquele sobre quem Jesus está falando. 25 Estando este reclinado, assim, no peito de Jesus, diz-lhe: “Senhor, quem é?”. 26 Jesus responde: “É aquele para quem eu molharei, e a quem darei, este pão”. Molhando então o pão, dá[-o] a Judas, filho de Simão Iscariotes. 27 A seguir ao pão, Satanás entrou logo nele. Diz-lhe Jesus: “O que fazes fá-lo mais depressa”. 28 Nenhum dos que reclinavam sabia por que razão ele lhe disse isso. 29 Alguns pensavam, uma vez que Judas tinha a bolsa do dinheiro, que Jesus lhe está dizendo “compra aquilo de que precisamos para a festa” ou para ele dar alguma coisa aos mendigos. 30 Tomando então o pão, Judas saiu logo. Era de noite.

31 Depois de ele ter saído, Jesus diz: “Agora foi glorificado o Filho da Humanidade e Deus foi glorificado nele. 32 Se Deus é glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo, e de imediato o glorificará. 33 Filhinhos, já pequeno [é o tempo que] estou convosco. Procurar-me-eis e, tal como eu disse aos judeus que para onde eu vou vós não podeis ir, também a vós [o] digo agora. 34 Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, tal como eu vos amei, para que também vós vos ameis uns aos outros. 35 Nisso se reconhecerão todos que sois meus discípulos, se amor tiverdes entre vós”.

36 Diz-lhe Simão Pedro: “Senhor, para onde vais?”. Jesus respondeu: “Para onde eu vou tu não podes agora seguir-me; seguirás depois”. 37 Diz-lhe Pedro: “Senhor, por que razão não posso seguir-te já? Darei a minha vida por ti”. 38 Jesus responde: “Darás a tua vida por mim? Amém amém te digo: não cantará o galo antes que me tenhas renegado três vezes”.



---

\* A descrição feita da Última Ceia pelo evangelista (que se assume como testemunha ocular no v. 23 deste capítulo: trata-se, pois, do discípulo amado, autor do Evangelho, como se lê em 21,24) apresenta várias diferenças relativamente a Mateus, Marcos e Lucas, sendo a mais relevante de todas o fato de Jesus não instituir formalmente a Eucaristia. Além disso, só no Evangelho de João é que Jesus lava os pés dos discípulos. Paralelamente, notamos que a ocasião da Última Ceia não é vista por João como sendo uma refeição pascal (tal como fazem os evangelistas sinópticos).

13, 1 “Antes da festa da Páscoa”: mais à frente (18,28; 19,14, 31, 42) receberemos confirmação de que se trata aqui do dia anterior ao da tradicional refeição pascal judaica.

— “até o fim”: a expressão grega *eis télos* pode, em alternativa, ter sentido adverbial (“completamente”).

13, 8 “não tens lugar comigo”: encontramos *méros* (literalmente, “parte”) no sentido de lugar também em Mateus (24,51) e Lucas (12,46).

13, 16 “apóstolo”: trata-se da única ocorrência dessa palavra no Evangelho de João. Recorde-se que o seu significado literal é “enviado”.

13, 18 “sei quem eu escolhi”: a forma de pronome grego que corresponde aqui a “quem” é plural (*tínas*): “sei quem são aqueles que eu escolhi”.

— *aquele que come o meu pão*: as alusões ao AT têm por base o Salmo 41 (40 LXX),10, mas as palavras usadas por João não correspondem nem ao texto hebraico nem ao texto grego.

13, 21 “Jesus agitou-se no espírito e testemunhou”: João emprega de forma consciente o campo semântico de “testemunhar” (*marturein*). No presente caso, o sentido será “testemunhar” na acepção de “declarar solenemente”.

— “Amém amém vos digo que um dentre vós me trairá”: se não fosse a duplicação de “amém”, teríamos aqui o único exemplo de uma frase em João que é exatamente igual a uma frase que consta num dos Evangelhos sinópticos. Cf. Marcos 14,18.

13, 23 “Um dos discípulos estava reclinado no peito de Jesus: aquele que Jesus amava”: trata-se da primeira menção desse discípulo amado por Jesus, que mais à frente será identificado como autor do Evangelho (21,24). Essa personagem está ausente dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Será João, filho de Zebedeu (um dos doze, na tradição sinóptica)? Outro João? É que neste Evangelho não se diz, contrariamente a Marcos (14,17), que só os doze estavam presentes na Última Ceia. Segundo a coerência interna deste Evangelho, o discípulo amado não tem necessariamente de ser um dos doze. Sobre a sua identidade, ver a Nota Introdutória, 18,15-16\*, 21,2\*.

13, 24 “para ele perguntar quem seria aquele sobre quem”: o condicional português “seria” corresponde, aqui, à única ocorrência do optativo grego (*eiê*) em todo o Evangelho de João. Gramaticalmente, o optativo numa oração interrogativa indireta obedece, com toda a elegância, às boas regras do grego clássico, mas Mateus, Marcos e João não mostram nunca estarem atentos, na sua escrita, a esse tipo de preciosismo (só Lucas emprega de forma mais visível esse modo do verbo grego). Já na Antiguidade deve ter parecido insólita essa ocorrência desgarrada do optativo num texto em que, de resto, esse modo do verbo não aparece; por isso, há manuscritos do Evangelho de João que alteram a frase, transformando a interrogativa indireta numa pergunta direta, com o verbo no indicativo.

13, 25 “assim”: cf. 4,5\*.

13, 27 “Satanás”: a única ocorrência neste Evangelho do nome. “Diabo” (*diábolos*) surge em 6,70; 8,44; 13,2.

— “mais depressa”: o advérbio comparativo *tákhion*.

13, 30 “Era de noite”: uma frase com apenas três palavras (*ên dè núx*), mas com uma incrível força expressiva. A escuridão, referida logo no Prólogo deste Evangelho, tem agora o seu momento de atuação,

mas será depois vencida pela luz.

13, 33 “Filhinhos”: é a única vez no Evangelho em que Jesus se dirige aos discípulos por meio dessa palavra (*tekniá*). Na 1ª Carta de João surge sete vezes.

13, 34 “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros”: o mandamento não é novo, se tomarmos em linha de conta Levítico 19,18: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. A novidade de Jesus está naquilo que João omite por completo, mas que encontramos em Mateus (5,43) e Lucas (6,27): “Amai os vossos inimigos”.

13, 35 “Nisso se reconhecerão todos que sois meus discípulos, se amor tiverdes entre vós”: a história funesta de perseguições e de ódios entre cristãos, tanto no seio da Igreja primitiva (com a supressão de heresias e condenação de heréticos) como nos subsequentes desenvolvimentos a partir dos diferentes cismas (entre católicos romanos e ortodoxos gregos no século XI e depois entre católicos e protestantes no século XVI), haveria de constituir uma refutação cruelmente irônica dessas palavras de Jesus.

13, 38 “não cantará o galo antes que me tenhas renegado três vezes”: o anúncio por Jesus da negação de Pedro é feito, nos Evangelhos de João e de Lucas (22,34), no decorrer da Ceia. Nos Evangelhos de Mateus (26,34) e de Marcos (14,30), acontece depois.

## 14.

### *Jesus como caminho para o Pai; Jesus promete o envio do auxiliador (paracleto); Jesus deixa e dá a sua paz.*

<sup>1</sup> “Que não se perturbe o vosso coração. Acreditai em Deus e acreditai em mim.  
<sup>2</sup> Na casa do meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, ter-vos-ia dito que parto para preparar um lugar para vós? <sup>3</sup> E se eu partir e preparar um lugar para vós, regresso e receber-vos-ei para mim, para que onde eu estiver vós estejais também. <sup>4</sup> E para onde eu vou, vós conheceis o caminho.”

<sup>5</sup> Diz-lhe Tomé: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?”. <sup>6</sup> Diz-lhe Jesus: “Eu Sou o caminho e a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser através de mim. <sup>7</sup> Se me conhecêsseis, teríeis conhecido o meu Pai. A partir de agora já O conheceis e O vistes”.

<sup>8</sup> Diz-lhe Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai e [isso] nos basta”. <sup>9</sup> Diz-lhe Jesus: “Estou há tanto tempo convosco e ainda não me conheceste, Filipe? Quem vê a mim vê o Pai. Como podes tu dizer: ‘Mostra-nos o Pai’?. <sup>10</sup> Não acreditas que eu [estou] no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo não as profiro por mim; mas o Pai, permanecendo em mim, realiza as obras d’Ele. <sup>11</sup> Acreditai em mim: eu [estou] no Pai e o Pai em mim. Se não [acreditardes por isso], acreditai pelas obras em si mesmas.

<sup>12</sup> Amém amém vos digo: quem acredita em mim faz as obras que eu faço e maiores ainda fará, porque eu vou para o Pai. <sup>13</sup> E aquilo que pedirdes em meu nome farei, para que o Pai seja glorificado no filho. <sup>14</sup> Se algo me pedirdes em meu nome, eu fá-lo-ei.

<sup>15</sup> Se me amardes, observareis os meus mandamentos. <sup>16</sup> E eu pedirei ao Pai, que vos dará outro auxiliador, para que fique convosco até sempre: <sup>17</sup> o espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Vós

conhecei-lo, porque convosco permanece e em vós estará. 18 Não vos deixarei órfãos: venho para vós. 19 Só mais um pouco e o mundo já não me vê, mas vós vedes-me, porque eu vivo e vós vivereis. 20 Naquele dia sabereis que eu [estou] no meu Pai e vós em mim e eu em vós. 21 Quem tem os meus mandamentos e os observa, esse é quem me ama. Quem me ama será amado pelo meu Pai; e eu amá-lo-ei e a ele me manifestarei”.

22 Diz-lhe Judas (não o Iscariotes): “Que aconteceu, Senhor, por ires manifestar-te a nós e não ao mundo?”. 23 Jesus respondeu e disselhe: “Se alguém me amar, observará a minha palavra e o meu Pai o amará e viremos para junto dele e com ele faremos morada. 24 Quem não me ama não observa as minhas palavras. A palavra que ouvís não é minha mas do Pai que me enviou.

25 Essas coisas vos falei permanecendo convosco. 26 Mas o auxiliador, o espírito santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e lembrar-vos-á tudo o que eu vos disse.

27 Deixo-vos paz. Dou-vos a minha paz. Não é como dá o mundo que eu vos dou. Que não se perturbe nem se acobarde o vosso coração. 28 Ouvistes o que eu vos disse: vou e venho para vós. Se me amásseis, ter-vos-íeis alegrado porque parto para o Pai, porque o Pai é maior do que eu. 29 Disse-vos agora antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis. 30 Já não falarei muito convosco, pois está chegando o príncipe deste mundo. Ele em mim nada tem, 31 mas para que o mundo saiba que amo o Pai, assim procedo, tal como Ele me ordenou. Levantai-vos, partamos daqui”.

---

14, 4 “Na casa do meu Pai há muitas moradas”: a palavra para “morada” (*monê*) tem dois sentidos em grego: pode ter o sentido de “paragem”, como quem faz uma paragem em algum lugar no meio de um percurso, assemelhando-se, assim, ao sentido da palavra “etapa”. É nessa acepção que *monê* é utilizada no relato feito por Pausânias, por exemplo, o autor do século II d.C. que escreveu uma descrição da sua viagem à volta da Grécia. Por outro lado, *monê* liga-se ao verbo *ménô*, que significa “permanecer”: daí o sentido “morada”. Qual é o sentido que Jesus pretende aqui realçar? O primeiro sentido sugeriria que, na casa do Pai, há pontos de paragem, etapas rumo a novas etapas: esse sentido permite colocar a hipótese de que nem toda pessoa, que entra na casa do Pai, chega lá com o percurso todo feito; ainda lhe faltam algumas etapas. O segundo sentido sugere algo de mais estacionário e, atendendo à ligação da palavra ao verbo “permanecer”, mais permanente.

14, 6 “Eu Sou o caminho e a verdade e a vida”: mais uma ocorrência da extraordinária afirmação “Eu Sou” (*egô eimi*). Cf. 6,35\*. A afirmação de Jesus enquanto caminho estará na base da utilização de “caminho” para

designar o cristianismo nascente em Atos (9,2; 22,4; 24,14). Jesus afirma só aqui de modo taxativo “Eu Sou a verdade”, no entanto a ideia já vem desde 1,14.

14, 7 “já O conheceis e O vistes”: interessante a junção do presente (“conheceis”: *ginôskete*) e do perfeito grego (“vistes”: *heôrákate*) que traz o passado para o presente.

14, 8 Filipe: o único evangelista a dar a esse discípulo algum espaço é João.

14, 16 “outro auxiliador”: o sentido da palavra *paráklêtos* (“paracleto”) mistura a ideia de auxílio com a de advocacia: o espírito santo é auxiliador mas também advogado e conselheiro da Humanidade. A ideia de o espírito santo ser “outro” (*állos*) auxiliador sugere que houve um antes dele: Jesus. Assim, podemos entender o sentido da frase como dizendo que o lugar de Jesus será, após a sua morte, tomado por esse “outro” auxiliador que, sendo ele próprio o espírito da verdade (expressão usada três vezes: 14,17; 15,26; 16,13), é quem melhor pode substituir Jesus, que dissera de si mesmo “Eu Sou a verdade” (14,6).

14, 18 “órfãos”: a ideia de o Mestre deixar com a sua morte os discípulos órfãos já antes surgira, a propósito da morte de Sócrates, em Platão (*Fédon* 116a).

14, 22 “por ires manifestar-te a nós e não ao mundo”: uma tradução alternativa seria “por estares prestes a manifestar-te a nós e não ao mundo”.

14, 28 “o Pai é maior do que eu”: essa afirmação levanta dúvidas quanto à sua lógica quando nos lembramos de “eu e o Pai somos um” (10,30). Os muitos rios de tinta teológica e hermenêutica que têm corrido ao longo dos séculos para compatibilizar essas duas frases dificilmente conseguem sanar o que, à partida, é insanavelmente incompatível. As duas afirmações são válidas tomadas isoladamente; mas, tomadas em conjunto, uma é contraditada pela outra.

14, 31 “Levantai-vos, partamos daqui”: o levantar e o sair acontecerão, de fato — mas só 86 versículos depois de Jesus ter dito essas palavras. É difícil não suspeitar uma alteração, por parte do próprio evangelista, à ordenação original da sequência dos blocos a que chamamos hoje “capítulos”. Claramente não estava ainda tudo dito (contrariamente ao que 15,15\* dará a entender) e ainda faltava Jesus exprimir alguns dos mais extraordinários dos seus pensamentos.

## 15.

### *Jesus como vinha verdadeira; O mandamento do amor; O ódio do mundo: O auxiliador (paracleto), novamente.*

<sup>1</sup> “Eu Sou a vinha verdadeira e o meu Pai é o vinhateiro. <sup>2</sup> Todo o ramo em mim que não dá fruto Ele tira; e todo [o ramo] que dá fruto Ele poda, para que dê ainda mais fruto. <sup>3</sup> Vós já sois puros devido à palavra que eu vos tenho dito. <sup>4</sup> Permanecei em mim e eu em vós. Tal como o ramo não consegue dar fruto por si próprio a não ser que permaneça na vinha, do mesmo modo vós não podeis, a não ser que permaneçais em mim. <sup>5</sup> Eu sou a vinha, vós sois os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá fruto abundante, porque sem mim nada podeis fazer. <sup>6</sup> Se alguém não permanece em mim, é jogado fora como o ramo e fica ressequido e juntam [depois] os ramos e atiram-nos para o fogo e ardem. <sup>7</sup> Se permanecerdes em mim e se as minhas palavras permanecerem em vós, aquilo que quiserdes, solicitai — e acontecerá para vós. <sup>8</sup> Nisso foi glorificado o meu Pai, para que deis fruto abundante e devenhais meus discípulos.

<sup>9</sup> Tal como me amou o Pai, assim eu vos amei. Permanecei no meu amor. <sup>10</sup> Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, tal como eu observo os mandamentos do meu Pai e permaneço no amor d’Ele. <sup>11</sup> Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria se complete. <sup>12</sup> Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, tal como eu vos amei. <sup>13</sup> Ninguém possui amor maior do que este, que alguém dê a sua vida pelos seus amigos. <sup>14</sup> Vós sois meus amigos se fizerdes as coisas que vos mando. <sup>15</sup> Nunca vos chamo escravos, porque o escravo não sabe o que faz o seu amo. Chamo-vos amigos, porque todas as coisas que ouvi do meu Pai vos dei a conhecer. <sup>16</sup> Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e vos estabeleci, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça, para que aquilo

que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vos dê. 17 As coisas que vos mando são que vos ameis uns aos outros.

18 Se o mundo vos odeia, sabeis que primeiro odiou a mim. 19 Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como coisa sua. Mas porque não sois do mundo, mas eu vos escolhi do mundo, é por isso que o mundo vos odeia. 20 Recordai-vos da palavra que eu vos disse: o escravo não é maior do que o seu amo. Se perseguiram a mim, a vós perseguirão também. Se observaram a minha palavra, observarão também a vossa. 21 Mas todas essas coisas vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem Quem me enviou. 22 Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, estariam livres de erro. Agora não têm desculpa pelo seu erro. 23 Quem me odeia também odeia o meu Pai. 24 Se as obras eu não tivesse realizado, as quais nenhum outro realizou, estariam livres de erro. Agora eles me viram e me odiaram, a mim e ao meu Pai. 25 Mas [tal aconteceu] para que se cumprisse a palavra que ficou escrita na Lei deles, segundo a qual odiaram-me sem razão.

26 Quando vier o auxiliador que eu vos enviarei de junto do Pai, o espírito da verdade que procede do Pai, esse testemunhará a meu respeito. 27 Também vós testemunhareis, porque desde o princípio estais comigo”.

---

15, 1 “Eu Sou a vinha verdadeira e o meu Pai é o vinhateiro”: contrariamente ao que sucede em Mateus (26,29), Marcos (14,25) e Lucas (22,18), não se prevê aqui que os seguidores de Cristo incorporem Jesus ao beberem o fruto da vinha, mas sim que sejam eles mesmos parte da vinha — que é Jesus — e que deem eles próprios o fruto do qual se poderá fazer “vinho”. Segundo essa visão, cabe a cada cristão produzir dentro de si mesmo o líquido a que não chamaremos “eucarístico” pelo fato de, em João, não ser claro que se conceba a Eucaristia em termos análogos aos dos Evangelhos sinópticos. A expressão “vinha verdadeira” (*ámpelos alêthinê*) encontra-se, com as mesmas palavras, na versão grega do AT numa passagem de Jeremias (2,21 LXX). No AT, de resto, a vinha é muitas vezes vista como uma imagem que representa Israel, daí a súplica no Salmo 80,15: “Ó Deus do universo, volta, por favor, olha lá do céu e vê: cuida dessa tua vinha!”. Nesse mesmo salmo, notamos também a associação da vinha à expressão “Filho da Humanidade” (no v. 16 do texto grego dos LXX, em que o salmo tem o nº 79).

— “vinhateiro”: literalmente, *geôrgós* (de onde vem o nome próprio Jorge), “aquele que trabalha a terra”.

15, 2 “tira [...] poda”: há aqui um belo jogo de palavras em grego (*airei [...] kathairei*), que é mais um indício daquilo que este Evangelho mostra à saciedade: a extraordinária sensibilidade do evangelista para a sonoridade da língua grega.

15, 3 “puros”: o adjetivo *katharós* (“puro”), no sentido de “podado” (portanto “limpo”), já é usado em relação à vinha pelo mais famoso aluno de Sócrates a seguir a Platão: Xenofonte (*Econômico* 20.20).

15, 12 “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, tal como eu vos amei”: em João falta a

injunção explícita para amar os inimigos. Ver Mateus 5,44\*.

15, 15 “dei a conhecer”: o aoristo *egnôrisa*, referindo-se a um passado pontual, dá a entender que tudo foi já dado a conhecer aos discípulos.

15, 16 “estabeleci”: literalmente, “coloquei”, “posicionei” (*éthêka*). Talvez no sentido de uma “ordenação”: os discípulos são “ordenados” seguidores de Jesus.

15, 17 “As coisas que vos mando são que vos ameis uns aos outros”: o plural das “coisas” mandadas deságua, no segundo membro da frase, no mandamento único do amor.

15, 18 “Se o mundo vos odeia, sabeis que primeiro odiou a mim”: a forma verbal correspondente a “sabeis” (*ginôskete*) pode pertencer ao indicativo (“sabeis”) ou ao imperativo (“sabei”).

15, 24 “me viram e me odiaram”: as formas de perfeito em grego (*heôrákasin* e *memisékasin*) sublinham a persistência continuada do olhar de ódio dos que rejeitam Jesus.

15, 25 *odiaram-me sem razão*: a frase alude ao Salmo 35,19 (34 LXX) ou ao Salmo 69,5 (68 LXX)? Em ambos os versículos (LXX) aparece o verbo “odiar” (*misein*) e o advérbio *dôreán*, que significa “gratuitamente” em grego clássico, mas que na época do NT tende a assumir mais o sentido de “em vão”. Sobre a expressão “lei deles”, cf. 7,19\*, 8,17, 10,34.

15, 26 “auxiliador”: o espírito santo, referido como *paráklêtos* (paracleto = auxiliador).

15, 27 “desde o princípio estais comigo”: para João, princípio (*arkhê*) designa habitualmente o início primordial da Criação. O presente de “estais” (*esté*) corresponde ao verbo “ser” em grego, pelo que uma tradução mesmo literal daria “desde o princípio sois comigo”.



## 16.

### *Jesus anuncia perseguições; O auxiliador (paracleto), mais uma vez.*

<sup>1</sup> “Disse-vos essas coisas para que vos não escandalizeis. <sup>2</sup> Expulsar-vos-ão das sinagogas. Mas está a chegar a hora em que todo aquele que vos dará a morte pensará oferecer [com isso] um serviço a Deus. <sup>3</sup> E farão essas coisas porque não conheceram nem o Pai nem a mim. <sup>4</sup> Mas digo-vos essas coisas para que, quando chegar a hora, vos recordeis que eu vo-las disse. Não vos disse essas coisas desde o princípio, porque estava convosco.

<sup>5</sup> Agora parto para Quem me enviou e nenhum de vós me pergunta “para onde vais?”. <sup>6</sup> Mas porque disse essas coisas, a tristeza vos encheu o coração. <sup>7</sup> Mas eu digo-vos a verdade: vos é benéfico que eu parta. Pois se eu não partir, o auxiliador não virá para junto de vós. Se eu partir, enviá-lo-ei para vós. <sup>8</sup> E vindo ele, condenará o mundo a respeito do erro, da justiça e do julgamento. <sup>9</sup> A respeito do erro, porque não creem em mim. <sup>10</sup> A respeito da justiça, porque parto para o Pai e já não me vedes; <sup>11</sup> e a respeito do julgamento, porque o príncipe deste mundo foi julgado.

<sup>12</sup> Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas agora não conseguis aguentar. <sup>13</sup> Quando ele, o espírito da verdade, vier, vos conduzirá na verdade toda. Não falará a partir de si próprio; mas, tudo quanto ele ouve, falará; e anunciar-vos-á as coisas que estão para vir. <sup>14</sup> Ele me glorificará, porque receberá daquilo que é meu e vo-lo anunciará. <sup>15</sup> Todas as coisas que o Pai tem são minhas. Por isso eu disse: ‘Do que é meu Ele recebe e vo-lo anunciará’. <sup>16</sup> Só mais um pouco e deixareis de me ver; e novamente, pouco depois, me vereis.”

<sup>17</sup> Então alguns dos discípulos disseram uns aos outros: “O que é isso que ele nos diz: ‘Só mais um pouco e deixareis de me ver; e novamente, pouco depois, me vereis’ e ‘parto para o Pai?’”. <sup>18</sup> Então eles diziam: “O que é isso que ele diz,

‘um pouco’? Não percebemos o que ele está dizendo”.

19 Jesus soube que eles o queriam interrogar e disse-lhes: “É acerca disso que vos interrogueis uns aos outros, porque eu disse ‘só mais um pouco e deixareis de me ver; e novamente, pouco depois, me vereis’? 20 Amém amém vos digo que chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se regozijará. Vós sofrereis, mas o vosso sofrimento se tornará alegria. 21 A mulher, quando dá à luz, sente sofrimento, porque chegou a hora dela; mas quando nasce a criança, já não se lembra da aflição devido à alegria, pelo fato de ter vindo um ser humano ao mundo. 22 Então vós tendes sofrimento agora; mas eu vos verei novamente e o vosso coração se alegrará. E essa vossa alegria ninguém vo-la tira.

23 E naquele dia, nada me perguntareis. Amém amém vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo dará. 24 Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria fique completa.

25 Essas coisas vos falei em alegorias. Está chegando a hora quando já vos não falarei em alegorias, mas vos anunciarei claramente a respeito do Pai. 26 Nesse dia pedireis em meu nome, e não vos digo que rogarei ao Pai por vós. 27 Ele próprio, o Pai, vos ama, porque vós me amastes e crestes que eu vim de junto do Pai. 28 Vim de junto do Pai e vim para o mundo. De novo deixo o mundo e parto para o Pai”.

29 Dizem os seus discípulos: “Agora falas claramente e não dizes nenhuma alegoria. 30 Agora sabemos que sabes todas as coisas e não precisas que alguém te interrogue. Nisso acreditamos que vieste de Deus”. 31 Jesus respondeu-lhes: “Agora acreditais? 32 Eis que chega e chegou a hora em que sereis enxotados cada um para a vida dele e a mim deixareis só. E eu não estou só, porque o Pai está comigo. 33 Disse-vos essas coisas para que tenhais paz em mim. No mundo tendes aflição. Mas tende coragem: eu venci o mundo”.

---

16, 1 O verbo “escandalizar”, bem típico do estilo de Mateus, aparece aqui pela segunda e última vez no Evangelho de João (a primeira ocorrência foi em 6,61). O sentido original de “tropeçar” está aqui mais presente do que na primeira ocorrência, em que a semântica do verbo pareceu corresponder mais de perto à nossa utilização de “escandalizar” em português.

16, 7 “auxiliador” traduz, novamente, a palavra paracleto (*paráklētos* em grego) com que Jesus se refere ao espírito santo.

16, 11 “o príncipe deste mundo”: o *árkhôn* (“regente”) do mundo é Satanás.

16, 12 “aguentar”: trata-se do verbo *bastázein* (“carregar um fardo”). É o verbo que será usado em 19,17 para Jesus a carregar (*bastázôn*) a cruz até o Calvário.

16, 25 “Essas coisas vos falei em alegorias”: a palavra grega aqui usada para “alegoria” é *paroimía*, que implica o sentido de “pensar além de”. João é o único evangelista a empregá-la (de resto, além dele, no NT só o autor da segunda Carta atribuída a Pedro 2,22 a usa). Corresponde, no plural (como é aqui o caso), ao título do livro de Provérbios do AT, na versão grega (LXX).

16, 27 “amastes e crestes”: essas formas verbais em grego são perfeitos (*pephilêkate* e *pepisteúkate*), portanto o sentido que Jesus quer transmitir é que esse amar e crer continua, da parte dos discípulos, ativo no presente.

16, 28 “De novo deixo o mundo e parto para o Pai”: sobremaneira sugestiva é aqui a presença do advérbio *pálin* (“de novo”, “mais uma vez”). O que quer Jesus dizer com a afirmação de que deixa o mundo “mais uma vez” ou “novamente”? Quem se interessa pela filosofia das religiões orientais que professam a crença de que, ciclicamente, a Divindade encarna e está presente como presença corpórea no mundo (na forma de Rama, Krishna, Buda etc.) encontrará motivo de reflexão nessa frase de Jesus.

16, 32 “chega e chegou a hora”: o realce do nível transcendente de abrangência temporal é efetuado por meio do uso do presente *érkhetai* (com sentido de tempo ininterrupto) e do perfeito *elêlutha* (o resultado presente do processo de chegar, que conduziu ao momento agora vivido por Jesus).

— “cada um para a vida dele”: a expressão *eis tà ídia*, que aparece mais de uma vez neste Evangelho (surge logo no Prólogo, 1,11), pode ter aqui vários sentidos: “cada um para a vida dele”, “cada um para sua casa”, “cada um para a sua família”.

16, 33 “eu venci o mundo”: trata-se de uma forma de perfeito (*neníkêka*) e, por isso, denota o resultado presente de uma ação passada (“venci e continuo a vencer o mundo”).

## 17.\*

### *A grande oração de Jesus.*

<sup>1</sup> Jesus proferiu essas coisas e, tendo levantado os olhos para o céu, disse: “Pai, chegou a hora. Glorifica o Teu filho, para que o filho Te glorifique. <sup>2</sup> Deste-lhe autoridade sobre toda a carne, para que, a tudo o que lhe deste, ele dê vida eterna. <sup>3</sup> Esta é a vida eterna: que Te conheçam como único Deus verdadeiro e [conheçam] aquele que enviaste: Jesus Cristo. <sup>4</sup> Eu glorifiquei-Te na terra, completando a obra que me deste para eu realizar. <sup>5</sup> Agora, Pai, glorifica-me Tu contigo [e] com a glória que eu tinha contigo antes de o mundo existir.

<sup>6</sup> Revelei o teu nome aos seres humanos que, do mundo, me deste. Eram Teus e deste-mos também a mim e a Tua palavra eles observaram. <sup>7</sup> Agora ficaram sabendo que todas as coisas que me deste estão contigo. <sup>8</sup> Porque as palavras que me deste, a eles eu as dei. E eles receberam-nas e perceberam verdadeiramente que vim de junto de Ti e creram que Tu me enviaste.

<sup>9</sup> Eu rogo por eles, não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são Teus, <sup>10</sup> e todas as coisas que são minhas são Tuas e todas as que são Tuas são minhas. E serei glorificado no meio deles. <sup>11</sup> E já não estou no mundo e eles estão no mundo e eu parto para Ti. Pai santo, guarda-os no Teu nome, o qual me deste, para que eles sejam um, tal como nós. <sup>12</sup> Quando eu estava com eles, guardava-os no Teu nome, esses que me deste, e protegi[-os]; e nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para que a Escritura se cumprisse. <sup>13</sup> Agora parto para Ti e digo essas coisas no mundo para que eles tenham a minha alegria completa dentro deles. <sup>14</sup> Eu dei-lhes a Tua palavra e o mundo odiou-os, porque não são do mundo, tal como eu não sou do mundo. <sup>15</sup> Não peço para que os tires do mundo, mas para que os guardes do mal. <sup>16</sup> Eles não são do mundo, tal como eu não sou do mundo. <sup>17</sup> Santifica-os na verdade: a Tua palavra é verdadeira. <sup>18</sup> Tal como me enviaste para o mundo, também eu os envie para o mundo. <sup>19</sup> E por eles eu me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade.

20 Mas não peço apenas por estes, mas também por aqueles que creem em mim através da palavra deles, 21 para que todos sejam um, tal como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, para que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste. 22 E eu dei-lhes a glória que Tu me deste, para que sejam um, tal como nós [somos] um. 23 Eu estou neles e Tu em mim, para que eles atinjam a completude em um, para que o mundo saiba que Tu me enviaste e os amaste tal como amaste a mim.

24 Pai, [aqueles] que me deste, quero que estejam também comigo onde eu estiver, para que contemplem a minha glória, que tu me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo. 25 Pai justo, também o mundo não Te conheceu, mas eu conheci-Te, e estes conheceram que Tu me enviaste. 26 E dei-lhes a conhecer o Teu nome e fá-lo-ei conhecer, para que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles também”.

---

\* A grande oração de Jesus termina a sequência extraordinária de afirmações que temos estado a ouvir da boca de Jesus. Mateus, Marcos e Lucas apresentam frequentemente Jesus rezando, mas é muito raro termos um relato do conteúdo dessas orações. Essa magnífica oração no quarto Evangelho vem suprir tudo o que poderia ter ficado por dizer. Duas coisas causam desde logo surpresa nessa oração: em primeiro lugar, não há referência ao paracleto (espírito santo) no capítulo 17, ele que estivera tão presente nos capítulos anteriores. Em segundo lugar, ocupando essa oração um lugar análogo ao da oração de Jesus em Getsêmani na tradição sinóptica, não há aqui traço algum de angústia relativamente ao desafio supremo que Jesus tem pela frente. Transparece sobretudo confiança na certeza absoluta do amor.

17, 3 “Jesus Cristo”: a presença aqui dessas palavras tem levantado algumas dúvidas (será um adendo posterior?), já que no presente Evangelho Jesus nunca fala de si próprio como “Jesus Cristo”. De resto, tirando 1,17, não ocorre em João o nome “Jesus Cristo”.

17, 11 “o qual me deste”: os manuscritos do Evangelho de João dividem-se aqui entre o pronome relativo no dativo (*hôi*: masculino ou neutro) e no acusativo (*ho*: neutro). Apesar de a edição crítica de N-A optar pelo dativo, parece-me fazer muito mais sentido o acusativo neutro, tomando como antecedente do pronome relativo o vocábulo “nome”.

17, 12 “esses que me deste”: há aqui, novamente, uma divergência nos manuscritos na grafia da forma de pronome relativo. Entre *hôi* (dativo do singular) e *hous* (acusativo do plural), faz bem mais sentido gramatical o acusativo.

## 18.

### *A prisão de Jesus; Jesus levado a Anás; As negações de Pedro; Jesus perante Pilatos.*

<sup>1</sup> Tendo dito essas coisas, Jesus saiu com os seus discípulos para lá da corrente invernosa de Cedron, onde havia um jardim, no qual ele entrou e [com ele] os seus discípulos.

<sup>2</sup> Judas, que o estava traindo, também conhecia o local, porque muitas vezes Jesus ali se reunira com os seus discípulos. <sup>3</sup> Assim Judas, tendo providenciado a coorte e os guardas dos sumos sacerdotes e dos fariseus, chega ali com lanternas, archotes e armas. <sup>4</sup> Então Jesus, sabendo todas as coisas que vêm ao seu encontro, saiu e diz-lhes: “Quem procurais?”. <sup>5</sup> Responderam-lhe: “Jesus, o Nazareno”. Ele diz-lhes: “Sou Eu”. Estava ali Judas, o traidor, de pé com eles. <sup>6</sup> Quando Jesus disse “Sou Eu”, eles retrocederam e caíram ao chão. <sup>7</sup> De novo Jesus lhes perguntou: “Quem procurais?”. Eles responderam: “Jesus, o Nazareno”. <sup>8</sup> Jesus respondeu: “Disse-vos que Sou Eu. Se procurais a mim, deixai partir os outros”. <sup>9</sup> [Disse isso] para que se cumprisse a palavra que proferira, de que “não perdi nenhum daqueles que me deste”. <sup>10</sup> Simão Pedro, que tinha uma espada, desembainhou-a e feriu o escravo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. O nome dele era Malco. <sup>11</sup> Jesus disse a Pedro: “Põe a espada na bainha. O cálice, que me deu o Pai, não o beberei?”.

<sup>12</sup> Então a coorte e o comandante e os guardas dos judeus agarraram Jesus e ataram-no. <sup>13</sup> E levaram-no primeiro para Anás. Pois este era sogro de Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano. <sup>14</sup> Foi Caifás que aconselhara aos judeus que era preferível que um só homem morresse pelo povo.

<sup>15</sup> Simão Pedro foi atrás de Jesus e [com ele] outro discípulo. Esse discípulo era conhecido do sumo sacerdote e entrou com Jesus no palácio de Anás. <sup>16</sup> Pedro ficou de pé na porta, aqui fora. O outro discípulo, conhecido do sumo sacerdote,

saiu e falou com a porteira; e levou Pedro para dentro. 17 A criada que era porteira diz a Pedro: “Tu não és um dos discípulos daquele homem?”. Pedro diz: “Não sou”. 18 Estavam ali de pé os escravos e os guardas que tinham feito um fogo com carvões, pois estava frio, e aqueciam-se. Pedro estava de pé no meio deles, aquecendo-se também.

19 O sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e acerca da sua doutrina. 20 Jesus respondeu-lhe: “Eu falei às claras para o mundo; eu ensinei sempre na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se reúnem. Em segredo não disse nada. 21 Por que me interrogas? Pergunta aos que me ouviram o que eu lhes disse. Esses sabem as coisas que eu disse”. 22 Tendo Jesus dito essas coisas, um dos guardas que estava ali de pé deu-lhe uma bofetada, dizendo: “É assim que respondes ao sumo sacerdote?”. 23 Jesus respondeu-lhe: “Se falei mal, testemunha acerca desse mal; se falei bem, por que me bates?”. 24 Anás mandou-o então, atado, para Caifás, o sumo sacerdote.

25 Simão Pedro estava de pé se aquecendo. Disseram-lhe: “Tu não és também um dos discípulos dele?”. Pedro negou e disse: “Não sou!”. 26 Disse um dos escravos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha: “Eu não te vi no jardim com ele?”. 27 Então Pedro negou de novo. E imediatamente cantou o galo.

28 Levam então Jesus [do palácio] de Caifás para o pretório. Era de manhã cedo e eles não entraram no pretório, para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa.

29 Então Pilatos saiu aqui para fora ao encontro deles e disse: “Que acusação trazeis contra este homem?”. 30 Responderam-lhe: “Se ele não fosse malfeitor, não o teríamos entregado a ti”. 31 Então Pilatos disselhes: “Tomai-o vós e julgai-o de acordo com a vossa lei”. Os judeus disseram-lhe: “Não nos é permitido executar ninguém”. 32 [Assim falaram] para que se cumprisse a palavra de Jesus, que ele proferira indicando qual a morte de que iria morrer.

33 Então Pilatos entrou de novo no pretório e chamou Jesus e disse-lhe: “Tu és o rei dos judeus?”. 34 Jesus respondeu: “De ti próprio o dizes, ou outros to disseram sobre mim?”. 35 Respondeu Pilatos: “Achas que sou judeu? O teu povo e os sumos sacerdotes entregaram-te a mim. O que fizeste?”. 36 Jesus respondeu: “O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus

guardas teriam lutado para que eu não fosse entregue aos judeus. Agora: o meu reino não é daqui”. 37 Disse-lhe Pilatos: “Então tu és rei?”. Jesus respondeu: “Tu dizes que sou rei. Eu nasci para isso e para isso vim para o mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele cujo ser é da verdade ouve a minha voz”. 38 Diz-lhe Pilatos: “O que é a verdade?”.

E tendo dito isto, de novo saiu ao encontro dos judeus e diz-lhes: “Eu não encontro qualquer culpa nele. 39 É vosso costume que eu vos liberte alguém na altura da Páscoa. Quereis que vos liberte o rei dos judeus?”. 40 Então eles berraram de novo, dizendo: “Esse não! Mas Barrabás!”. Barrabás era um ladrão.

---

18, 1 “jardim”: em Mateus e Marcos, o local é simplesmente um terreno (*khôrion*), de nome Getsêmani. Em Lucas, a prisão de Jesus ocorre no Monte das Oliveiras.

18, 2 “Judas, que o estava traindo”: no Evangelho de João não há beijo de Judas.

18, 3 A historicidade da participação da coorte romana nessa espécie de linchamento é passível de ser posta em causa. Uma coorte (*speira*) contava seiscentos soldados ou, na sua forma mais reduzida, duzentos. Se tivessem sido soldados romanos a prender Jesus, tê-lo-iam decerto levado diretamente ao governador, e não a Anás e depois a Caifás. O que terá motivado João, suposta testemunha ocular, a acrescentar aqui essa participação romana omitida pelos outros evangelistas? Provavelmente a vontade de fazer eco, como de costume, da Escritura: “O Senhor fará erguer-se contra ti dos confins da terra um povo longínquo, veloz como a águia, cuja língua não compreendes” (Deuteronômio 28,49).

18, 5 “Sou Eu”: em rigor, “Eu Sou” (*egô eimî*), como em 13,19. A força dessa magna afirmação ontológica leva os circunstantes a cair ao chão.

18, 9 “para que se cumprisse”: essa fórmula é habitual nos evangelistas quando se trata de afirmar que palavras ou ações de Jesus cumprem o que está escrito em passagens do AT. Aqui, como caso único, é usada para referir o cumprimento de palavras anteriormente proferidas pelo próprio Jesus (17,12).

18, 10 Ao contrário de Mateus, Marcos e Lucas, João nomeia Pedro como perpetrador da agressão contra o escravo do sumo sacerdote. Só João registra o nome do escravo: Malco. O único evangelista que põe Jesus a curar a orelha cortada é Lucas.

18, 11 “Põe a espada na bainha”: essa frase de Jesus não ocorre nos relatos de Marcos e de Lucas. É possível que Mateus e João estivessem aqui pensando em Jeremias 47,6: “Ó espada do Senhor, quando repousarás? Entra na tua bainha!”.

18, 13 “Pois este era sogro de Caifás”: a ideia de que a interrogação pelo sogro tem de preceder a interrogação pelo genro é um pouco peregrina; por isso não convém empolar aqui o valor causal de *gár* (“pois”). Só João nos informa sobre esse parentesco entre os dois.

18, 15 “outro discípulo”: essa personagem só pode ser o discípulo amado, referido em 13,23, que a partir de agora desempenhará um papel cada vez mais importante e que será identificado no capítulo 21 como autor do Evangelho. Esse homem é conhecido do sumo sacerdote e tem autoridade para fazer com que a porteira deixe entrar Pedro. Portanto, parece claro que há uma diferença de estatuto social entre eles: dificilmente será, como Pedro, um pescador da Galileia, mas muito mais provavelmente, como opinou Martin Hengel (*The Johannine Question*, p. 133), alguém pertencente à classe alta (sacerdotal) de Jerusalém, que se deixara



encantar pela mensagem de Jesus e que, contrariamente a José de Arimateia ou Nicodemos, não teve medo de assumir a sua opção por Jesus às claras.

18, 18 “estava frio”: um dado relevante que reforça a credibilidade do autor enquanto testemunha ocular. Marcos (14,54) menciona o fogo, mas omite a informação meteorológica.

18, 22 “bofetada”: em grego, *rhápsima*. A palavra é usada na versão grega (LXX) de Isaías (50,6), que é mais uma passagem do AT que a vida de Jesus vem “cumprir”: “dei as minhas costas aos chicotes, as minhas faces às bofetadas, e não virei a cara ao ultraje das cuspidelas”.

18, 31 “Tomai-o vós e julgai-o de acordo com a vossa lei”: a relutância da parte de Pilatos em participar no julgamento de Jesus é desde logo sublinhada.

18, 33 “Pilatos entrou de novo no pretório e chamou Jesus”: a conversa que se segue é a todos os títulos fascinante. Para quem não quer ver aqui uma simples ficção, inventada pela criatividade imaginativa do autor, uma pergunta se coloca logo à partida: como teve o autor do Evangelho conhecimento do seu conteúdo? Em que língua decorreu? O mais certo seria o grego, pois é improvável que Pilatos falasse aramaico ou hebraico e improvável também que Jesus falasse latim. Jesus saberia falar grego? Na Galileia e Judeia já tão helenizadas, não seria assim tão impensável que alguém cuja inteligência precoce e sabedoria (*sophia*) tinham deslumbrado os doutores do templo (cf. Lucas 2,40, 52) tivesse podido aprender a falar grego. Em caso negativo, essa conversa entre Pilatos e Jesus teria de ter sido mediada por um intérprete. Terá sido ele a fonte do evangelista?

18, 37 “Então tu és rei?": a pergunta de Pilatos, devido à presença na frase da partícula *oukoun*, pressupõe uma resposta positiva: “Sim, sou rei”. É mais uma marca do fascínio que, no Evangelho de João, Jesus indubitavelmente exerce sobre o governador romano.

— “Todo aquele cujo ser é da verdade ouve a minha voz”: literalmente, “Todo aquele que está sendo da verdade ouve a minha voz”.

18, 38 “O que é a verdade?": essa mais extraordinária de todas as perguntas colocadas a Jesus fica, aqui, sem resposta. Numa perspectiva mais ampla, a resposta é, obviamente, o Evangelho de João na sua totalidade.

## 19.

### *Jesus é flagelado e coroado de espinhos; A crucificação de Jesus; A morte de Jesus; O flanco aberto pela lança; A sepultura de Jesus.*

<sup>1</sup> Foi então que Pilatos levou Jesus e mandou que o flagelassem. <sup>2</sup> E os soldados, tendo entretecido uma coroa de espinhos, colocaram-na na cabeça dele e puseram-lhe à volta uma capa de púrpura <sup>3</sup> e aproximavam-se dele e diziam “Salve, rei dos judeus!” e davam-lhe bofetadas. <sup>4</sup> E Pilatos saiu de novo lá para fora e disse-lhes: “Eis que vo-lo trago, para que saibais que não encontro nele qualquer culpa”. <sup>5</sup> Jesus saiu então para fora, com a coroa de espinhos e a capa de púrpura. E Pilatos diz-lhes: “Eis o homem”.

<sup>6</sup> Quando os sumos sacerdotes e os guardas o viram, gritaram: “Crucifica-o, crucifica-o!”. Pilatos diz-lhes: “Levai-o vós e crucificai-o. Eu não encontro nele qualquer culpa”. <sup>7</sup> Os judeus responderam-lhe: “Nós temos uma lei e segundo a lei ele tem de ser executado, porque se fez filho de Deus”. <sup>8</sup> Quando Pilatos ouviu essas palavras, ainda teve mais medo, <sup>9</sup> e entrou de novo no pretório e diz a Jesus: “De onde vens tu?”. Mas Jesus não lhe deu resposta. <sup>10</sup> Então Pilatos diz-lhe: “Não me falas? Não sabes que tenho autoridade para te libertar e autoridade para te crucificar?”. <sup>11</sup> Respondeu Jesus: “Não terias qualquer autoridade sobre mim se ela não te tivesse sido dada de cima. Por isso quem me entregou a ti tem mais culpa”. <sup>12</sup> Com isso, Pilatos procurou libertá-lo. Mas os judeus berraram, dizendo: “Se o libertares, não és amigo de César. Todo aquele que se faz rei está recusando César”. <sup>13</sup> Então Pilatos, tendo ouvido essas palavras, levou Jesus para fora e sentou-se no assento de julgamento no lugar chamado Lajedo, Gabatá em hebraico. <sup>14</sup> Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta da hora sexta. E Pilatos diz aos judeus: “Eis o vosso rei”. <sup>15</sup> Eles gritaram: “Leva, leva, crucifica-o!”.

Pilatos diz-lhes: “Crucificarei o vosso rei?”. Os sumos sacerdotes responderam: “Não temos outro rei que não César”. 16 Então Pilatos entregou-lhes Jesus para que fosse crucificado.

Levaram então Jesus 17 e, carregando ele a sua cruz, saiu para o lugar chamado Lugar da Caveira, que se chama em hebraico Gólgota, 18 onde o crucificaram. E com ele dois outros, um de cada lado, estando Jesus no meio. 19 Pilatos mandou escrever e colocar sobre a cruz um letreiro. Estava escrito:

“Jesus, o Nazareno, o rei dos judeus”.

20 Muitos dos judeus leram esse título, porque o lugar onde Jesus foi crucificado era próximo da cidade. E estava escrito em hebraico, latim e grego. 21 Os sumos sacerdotes dos judeus diziam a Pilatos: “Não escrevas ‘o rei dos judeus’, mas que ‘ele disse: eu sou o rei dos judeus’”. 22 Pilatos respondeu: “O que escrevi, escrevi”.

23 Então os soldados, depois de terem crucificado Jesus, pegaram nas suas roupas e dividiram-nas em quatro, uma parte para cada soldado, e também a túnica. Mas a túnica não tinha costuras, pois era toda tecida de alto a baixo. 24 Então eles disseram uns aos outros: “Não a rasguemos, mas tiremos à sorte sobre de quem será”. [Isso aconteceu] para que se cumprisse a Escritura:

*Dividiram as minhas roupas entre eles  
e sobre a minha túnica lançaram sortes.*

Então os soldados assim fizeram.

25 Estavam de pé, junto à cruz de Jesus, a mãe dele e a irmã da sua mãe, Maria (a de Clopas), e Maria Madalena. 26 Então Jesus, vendo a mãe e o discípulo que ele amava ali de pé, diz à mãe: “Mulher, eis o teu filho”. 27 De seguida diz ao discípulo: “Eis a tua mãe”. E a partir daquela hora, o discípulo acolheu-a em sua casa.

28 Depois disso, sabendo Jesus que todas as coisas já tinham sido cumpridas, para que se cumprisse a Escritura, diz: “Tenho sede”. 29 Uma vasilha cheia de vinagre fora ali colocada. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, levaram-lha à boca. 30 Quando Jesus tomou o vinagre, disse “está cumprido” e, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

31 Então os judeus, visto que era o dia da Preparação [da Páscoa] e para que os corpos não ficassem na cruz em dia de sábado (pois aquele sábado era um dia

solene), pediram a Pilatos que mandasse partir-lhes as pernas e os tirasse. <sup>32</sup> Os soldados foram então e partiram as pernas do primeiro e do outro, crucificado com ele. <sup>33</sup> Quando chegaram a Jesus, como viram que já estava morto, não lhe partiram as pernas, <sup>34</sup> mas um dos soldados perfurou-lhe o flanco com uma lança e de imediato saiu sangue e água. <sup>35</sup> E quem viu testemunhou, e o testemunho dele é verdadeiro, e ele sabe que diz a verdade, para que vós acrediteis. <sup>36</sup> Essas coisas aconteceram para que se cumprisse a Escritura: *Nenhum osso lhe será quebrado*. <sup>37</sup> E também outra Escritura diz: *Olharão para aquele que trespassaram*.

<sup>38</sup> Depois dessas coisas, José de Arimateia, sendo discípulo clandestino de Jesus por causa do medo dos judeus, pediu a Pilatos para levar o corpo de Jesus. E Pilatos consentiu. <sup>39</sup> Veio também Nicodemos, aquele que antes viera ter com Jesus de noite, trazendo uma mistura de mirra e de aloé no valor de cem libras. <sup>40</sup> Levaram o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, conforme o costume de sepultamento dos judeus. <sup>41</sup> Havia no local onde Jesus fora crucificado um jardim; e nesse jardim havia um túmulo novo no qual ainda ninguém tinha sido sepultado. <sup>42</sup> Foi aí que — devido ao dia da Preparação [da Páscoa] dos judeus, porque a sepultura ficava perto — depuseram Jesus.

---

19, 1 “mandou que o flagelassem”: literalmente, o sujeito do verbo “flagelar” é Pilatos e a forma verbal significa “flagelou”. Mas é impensável que tivesse sido o próprio governador a executar a flagelação, a qual, de resto, parece ocorrer no presente Evangelho fora de tempo, dado que, para todos os efeitos, Pilatos tem a intenção não só de libertar como de ilibar completamente Jesus. A mudança na atitude de Pilatos surge apenas em 19,16. Recorde-se que, no Evangelho de Lucas, Jesus não é flagelado.

19, 5 “Eis o homem”: frase de Pilatos apenas registrada por João.

19, 7 “tem de ser executado”: literalmente, “tem de morrer”, no sentido inglês de *to be put to death*.

19, 12 “Todo aquele que se faz rei está recusando César”: sobre o sentido do verbo *antilégo* (“recusar”), ver Lucas 2,34\*.

19, 13 “sentou-se”: quem é que se sentou? Pilatos? Ou terá alguma fundamentação a ideia, defendida por alguns, de que Pilatos fez sentar Jesus no assento de julgamento (*bêma*)? A imagem de Jesus sentado no assento do governador é sugestiva e confere uma teatralidade quase barroca à frase de Pilatos no versículo seguinte: “Eis o vosso rei!”. Todavia, o verbo *kathízô* não é transitivo no Evangelho de João nem, de um modo geral, no NT, pelo que a gramática do grego se revela aqui inimiga do grande gesto e, com toda a probabilidade, foi Pilatos (e não Jesus) que se sentou.

19, 17 “carregando ele a sua cruz”: Mateus, Marcos e Lucas afirmam explicitamente que Jesus *não* carregou a sua cruz, mas que essa tarefa recaiu sobre um homem de Cirene, de nome Simão.

19, 20 -22 Os judeus vão pedir a Pilatos que altere o letreiro que identifica o crucificado como “rei dos judeus” e Pilatos recusa com a famosa frase: “O que escrevi, escrevi” (*ho gégrapha, gégrapha*, v. 22). A forma

verbal grega é um perfeito: trata-se, pois, do efeito continuado no presente de uma ação passada. “Escrevi e está escrito.” No entanto, no passo em que João narra efetivamente o ato de Pilatos mandar escrever o letreiro, aí utiliza o passado pontual (aoristo), pois o ato de escrever ocorreu num momento preciso do passado que já passou. Manteve-se, isso sim, o efeito do ato na cabeça de Pilatos: daí a utilização do perfeito na frase: “O que escrevi, escrevi”. O que os interlocutores judeus pretendem de Pilatos é que ele altere o sentido do letreiro, e diziam-lhe (imperfeito: *élegon*) para ele não escrever (imperativo presente de ação continuada, uma vez que o letreiro já está escrito) “o rei dos judeus”, mas para escrever que Jesus afirmou (aoristo: passado pontual) “Eu sou rei dos judeus”; ao que Pilatos respondeu (aoristo: passado pontual novamente): “O que escrevi, escrevi” (perfeito: resultado presente da ação passada). Essas sutilezas do original grego são impossíveis de transpor para a tradução.

19, 23 “depois de terem crucificado Jesus”: à semelhança dos outros Evangelhos, da crucificação propriamente dita não é dada nenhuma descrição. Em contraste flagrante com célebres (e questionáveis) exemplos cinematográficos, os evangelistas preferem a sobriedade ao *gore*. Só João nos diz (e mais tarde, em 20,25) que Jesus foi pregado (e não atado) na cruz.

— “a túnica não tinha costuras”: a licitude da leitura posterior que foi feita dessas palavras, segundo a qual está aqui implícita a indivisibilidade da Igreja, não é imediatamente clara a partir do texto.

19, 24 *Dividiram as minhas roupas*: citação exata do Salmo 22,19 no texto dos LXX (em que o salmo tem o nº 21).

19, 25-27 Sobre a identidade de quem estava a assistir à crucificação são diferentes os relatos dos evangelistas. Mateus, Marcos e Lucas são unânimes em dizer que eram majoritariamente mulheres (“muitas mulheres” em Mateus 27,55) e que assistiam de longe. Nenhum dos outros evangelistas menciona a presença de Maria, mãe de Jesus. Em João, a novidade é que a mãe de Jesus está junto da cruz, na companhia de sua irmã, de uma outra Maria (mulher, irmã ou filha de um tal Clopas) e de Maria Madalena. Com elas está o discípulo amado, o autor do Evangelho, a quem Jesus incumbe de velar pela sua mãe. Os irmãos de Jesus, em cuja companhia reencontraremos Maria em Atos 1,14, estão ausentes dos relatos dos evangelistas, decerto pela rejeição por eles demonstrada para com Jesus (rejeição essa, aliás, retribuída pelo próprio Jesus em relação a Maria e aos irmãos em Marcos 3,31-35). A leitura sobretudo católica dessa passagem de João tende a procurar aqui compensação para o fato de Maria estar desaparecida deste Evangelho desde o capítulo 2, empolando ao máximo o potencial simbólico da sua presença (“é a hora de sua mãe assumir o papel de mãe do Messias, nova Eva [...] na obra redentora [...] é a mulher que simboliza a Igreja”: Bíblia dos Capuchinhos, p. 1767).

19, 27 “acolheu-a em sua casa”: a expressão *eis tà ídia* permite esse sentido e levou Robinson (p. 64) à afirmação arrojada que “o discípulo amado tinha uma casa em Jerusalém, para onde levou a mãe de Jesus”.

19, 28 “Tenho sede”: em nenhum outro Evangelho deparamos com Jesus a declarar a sua sede na cruz. A passagem da Escritura que está aqui a ser “cumprida” será o v. 22 do Salmo 69 (68 LXX): “para a minha sede deram-me para beber vinagre”.

19, 29 “hissopo”: trata-se de uma planta cujo caule não é suficientemente rijo para o efeito aqui descrito e, por isso, já se pensou que a sua presença no texto de João resultou de uma grafia errada de *hussós*, que significa “dardo”. No entanto, a intenção será sobretudo de vincar o estatuto de Jesus como vítima pascal e de associar a crucificação à passagem do livro do Êxodo (12,22) em que o dintel e as ombreiras das portas dos hebreus no Egito são marcados com o sangue do animal imolado: “Tomareis depois um ramo de hissopo, mergulhá-lo-eis no sangue que estiver na bacia”.

19, 30 “está cumprido”: em grego *tetélestai*, forma do perfeito do verbo em que reconhecemos a palavra *télos*, que significa “fim”, “completude”, “perfeição”. Ao contrário do que sucede em Mateus e Marcos, o Jesus de João não morre perguntando a Deus por que foi abandonado; e também não perdoa quem o

crucificou, como faz o Jesus de Lucas.

19, 33 “Quando chegaram a Jesus, como viram que já estava morto, não lhe partiram as pernas”: a arqueologia demonstra, pela análise de esqueletos de crucificados, que era costume quebrar as pernas dos condenados (o ato chamava-se “crurifrágio”, *crurifragium* em latim). A finalidade era, supostamente, apressar a morte, já que a crucificação implicava, notoriamente, uma morte lenta. Essa questão do crurifrágio não figura nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

19, 34 “um dos soldados perfurou-lhe o flanco com uma lança e de imediato saiu sangue e água”: esse ato de trespassar o flanco (*pleurá*) de Jesus está ausente de Mateus, Marcos e Lucas. São muitos os significados simbólicos possíveis para o efluxo de sangue e de água, desde o sangue que é o vinho da Eucaristia até a água do batismo.

19, 35 “E quem viu testemunhou, e o testemunho dele é verdadeiro, e ele sabe que diz a verdade”: o discípulo amado, autor do Evangelho, assume-se explicitamente como testemunha ocular da crucificação.

19, 36 *Nenhum osso lhe será quebrado*: não há correspondência exata para essa citação no AT, sendo a semelhança mais próxima com o Salmo 34,21 (33,21 LXX). Há quem queira ver, ainda, uma (vaga) parença com o Êxodo 12,10.

19, 37 *Olharão para aquele que trespassaram*: a citação corresponde a Zacarias 12,10, mas não só não segue o texto grego dos LXX, como altera o texto do original hebraico, cujo sentido real é “olharão para mim, aquele a quem trespassaram”.

19, 41 “Havia no local onde Jesus fora crucificado um jardim”: esse jardim é desconhecido de Mateus, Marcos e Lucas, mas figura no apócrifo Evangelho de Pedro (24). A palavra grega para jardim aqui usada (*kēpos*) pode significar igualmente “pomar”. A leitura engenhosa de posteriores exegetas de que esse jardim, onde graças a Jesus a Humanidade supera Adão, remete para o jardim primordial do livro do Gênesis esbarra contra a evidência de, no texto grego dos LXX, o termo para o jardim do Éden ser *parádeisos*.

*O túmulo vazio; Aparição a  
Maria Madalena; Aparição  
aos discípulos; Conclusão do  
Evangelho.*

<sup>1</sup> No primeiro dia da semana, Maria Madalena chega cedo ao túmulo, estando ainda escuro. E vê a pedra retirada do túmulo. <sup>2</sup> Então desata a correr e vai encontrar com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e diz-lhes: “Levaram o Senhor do túmulo e não sabemos onde o puseram!”. <sup>3</sup> Saiu então Pedro e o outro discípulo e foram até o túmulo. <sup>4</sup> Corriam juntos; e o outro discípulo foi mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo; <sup>5</sup> e, espreitando, vê depostos os panos. Porém não entrou. <sup>6</sup> Chega então também Simão Pedro, seguindo atrás dele, e entrou no túmulo e vê os panos depostos, <sup>7</sup> e [vê que] o sudário, que estivera à volta da cabeça dele, não jazia juntamente com os panos, mas dobrado à parte em lugar próprio. <sup>8</sup> Então o outro discípulo, o que chegara primeiro ao túmulo, entrou e viu e acreditou. <sup>9</sup> Ainda não conheciam a passagem da Escritura, segundo a qual ele tinha de ressuscitar dos mortos. <sup>10</sup> Os discípulos voltaram de novo para junto dos seus.

<sup>11</sup> Maria [Madalena] ficou de pé chorando no exterior do túmulo. Enquanto chorava, espreitou para dentro do túmulo <sup>12</sup> e viu dois anjos sentados, vestidos de branco, um à cabeça, outro aos pés, no lugar onde jazera o corpo de Jesus. <sup>13</sup> E eles dizem-lhe: “Mulher, por que choras?”. Ela diz-lhes: “Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram”. <sup>14</sup> Enquanto ela dizia isso, voltou-se e vê Jesus de pé e não sabia que era Jesus. <sup>15</sup> Jesus diz-lhe: “Mulher, por que choras? Quem procuras?”. Ela, pensando que ele é o jardineiro, diz-lhe: “Senhor, se o levaste, diz-me onde o puseste e eu levo-o”. <sup>16</sup> Diz-lhe Jesus: “Maria!”. Ela, voltando-se, diz-lhe em hebraico “*Rabbouní*.” (o que quer dizer Mestre). <sup>17</sup> Jesus diz-lhe: “Não me toques. Ainda não ascendi para o Pai. Vai para junto dos meus

irmãos e diz-lhes: ‘Subo para o meu Pai e vosso, Deus meu e Deus vosso’.<sup>18</sup> Chega Maria Madalena, anunciando aos discípulos que “vi o Senhor!” e as coisas que ele lhe disse.

<sup>19</sup> Ao entardecer no mesmo dia, primeiro da semana, e estando as portas trancadas onde estavam os discípulos devido ao medo dos judeus, veio Jesus e pôs-se de pé no meio deles e diz-lhes: “Paz para vós”. <sup>20</sup> E dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o flanco. Então os discípulos alegraram-se ao verem o Senhor. <sup>21</sup> Jesus falou-lhes de novo: “Paz para vós. Tal como o Pai me enviou, eu envio a vós”. <sup>22</sup> E dizendo isso, soprou e diz-lhes: “Recebei o espírito santo. <sup>23</sup> A quem perdoardes os erros lhes serão perdoados; a quem os prenderdes, ficarão presos”.

<sup>24</sup> Mas Tomé, um dos doze, o chamado Gêmeo, não estava com eles quando Jesus veio. <sup>25</sup> Os outros discípulos diziam-lhe: “Vimos o Senhor!”. Mas ele disse-lhes: “A não ser que veja nas mãos dele a marca dos pregos e ponha o meu dedo na marca dos pregos e ponha a minha mão dentro do flanco dele, não acreditarei”. <sup>26</sup> E oito dias depois, os discípulos estavam de novo dentro [de casa] e Tomé estava com eles. Chega Jesus, estando trancadas as portas, e pôs-se de pé no meio e disse: “Paz para vós”. <sup>27</sup> Depois diz a Tomé: “Aproxima o teu dedo daqui e vê as minhas mãos e aproxima a tua mão e põe-na no meu flanco e não te tornes descrente mas sim crente”. <sup>28</sup> Tomé respondeu e disse-lhe: “Meu Senhor e meu Deus”. <sup>29</sup> Diz-lhe Jesus: “Porque me viste, acreditaste? Bem-aventurados os que não viram e acreditaram”.

<sup>30</sup> Muitos outros sinais realizou Jesus na presença dos discípulos, que não estão escritos neste livro. <sup>31</sup> Mas essas coisas foram escritas para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais vida em nome dele.

---

\* O relato do túmulo vazio e da aparição de Jesus ressuscitado difere, em vários aspectos, das versões de Mateus, Marcos e Lucas. A diferença mais significativa é o papel aqui adscrito ao discípulo amado, personagem ausente dos Evangelhos sinópticos.

<sup>20</sup>, 1 “vê a pedra retirada do túmulo”: o fechamento do túmulo por meio de uma pedra não tinha sido mencionado no capítulo anterior. Esse pormenor (também omitido por Lucas) está presente em Mateus (27,60) e Marcos (15,46).

<sup>20</sup>, 5-7 O evangelista frisa a presença dos panos e do sudário para refutar à partida qualquer ideia de que o



corpo pudesse ter sido roubado.

20, 9 “Ainda não conheciam a passagem da Escritura, segundo a qual ele tinha de ressuscitar dos mortos”: esse suposto desconhecimento da Escritura por parte dos discípulos é perdoável, atendendo ao fato de em nenhuma passagem do AT se encontrar escrita noção semelhante.

20, 11 “Maria”: trata-se, aqui sempre, de Maria Madalena.

20, 17 “Não me toques”: o fato de Jesus vedar a Maria Madalena a possibilidade de o tocar contrasta com o convite dirigido a Tomé daí a poucos versículos no sentido contrário (v. 27).

— “irmãos”: a designação dos discípulos como “irmãos”, em igual contexto pós-ressurreição, está também presente em Mateus 28,10.

20, 19 As portas fechadas são um dado importante para percebermos a concepção que o evangelista quer transmitir de como o corpo de Jesus se tornou imaterial a ponto de passar através de portas fechadas. No entanto, mantém a imanência das marcas da crucificação nas mãos e no flanco. Quantos discípulos estavam presentes? Tomé estava ausente e também, por razões óbvias, Judas. Portanto, seriam dez. No entanto, na passagem correspondente de Lucas (24,33), fala-se explicitamente em onze discípulos.

20, 20 “mostrou-lhes as mãos e o flanco”: curioso o fato de não se mencionarem os pés (como em Lucas 24,40, em que, no entanto, não se menciona o flanco, em virtude de só em João o flanco de Jesus ser trespassado pela lança do soldado).

20, 25 “pregos”: é só aqui, com a palavra *hēloi* (“pregos”), que ficamos sabendo que Jesus foi pregado na cruz (a explicitação é significativa porque também era costume, no período romano, atar os condenados à morte na cruz). Essa informação está ausente de Mateus, Marcos e Lucas, ainda que figure no apócrifo Evangelho de Pedro (6,21). Duas passagens do NT apontam no mesmo sentido: Atos 2,23 e Colossenses 2,14. Cf. Salmo 22,16: “Cercaram-me os cães e os malfeitores, perfuraram-me as mãos e os pés”.

20, 29 “Porque me viste, acreditaste? Bem-aventurados os que não viram e acreditaram”: o ponto de interrogação, na edição crítica de N-A, está presente em diversos manuscritos tardios (em escrita minúscula) do Evangelho. A frase de Jesus poderia, no entanto, assumir igual (ou até maior) força se fosse apenas afirmativa, e não interrogativa.

— “Bem-aventurados”: João só nos dá duas bem-aventuranças (ao contrário de Mateus e de Lucas). Essa é a segunda (a primeira surge em 13,17). Enquanto Marcos nunca emprega a palavra *makários*.

— “os que não viram e acreditaram”: as formas verbais correspondentes a “viram” e “acreditaram” são, inescapavelmente, participios aoristos em grego. Gostaríamos, é claro, de ler neles um equivalente a participios presentes (como é o caso em 1 Pedro 1,18) com toda a abrangência intemporal que o presente exprime em grego; mas não é o que está no texto de João.

20, 30-31 Estes dois versículos corresponderão decerto ao fecho de uma primeira versão deste Evangelho. É perfeitamente concebível considerarmos aquilo que lemos como capítulo 21 um adendo, embora admitir isso não nos obrigue a postular que o capítulo 21 não foi escrito pelo evangelista.

## 21.\*

### *Epílogo; Jesus pergunta a Pedro se o ama e dá-lhe as suas ovelhas para apascentar; O discípulo amado como autor do Evangelho.*

<sup>1</sup> Depois dessas coisas, Jesus mostrou-se de novo aos discípulos no mar de Tiberíades. Mostrou-se assim. <sup>2</sup> Estavam juntos Simão Pedro e Tomé (o chamado Gêmeo), e Natanael de Caná na Galileia e os filhos de Zebedeu e outros dois dos seus discípulos. <sup>3</sup> Diz-lhes Simão Pedro: “Vou pescar”. Eles dizem-lhe: “Nós também vamos contigo”. Saíram e subiram para o barco e naquela noite não apanharam nada. <sup>4</sup> De manhã cedo, Jesus pôs-se de pé na praia, embora os discípulos não percebessem que é Jesus. <sup>5</sup> Ele diz-lhes: “Rapazes, não tendes algo para comer?”. Eles responderam-lhe: “Não”. <sup>6</sup> Ele disse-lhes: “Lançai a rede do lado direito do barco e encontrareis [peixe]”. Eles lançaram e não tinham força para arrastar [a rede], tal era a abundância de peixes. <sup>7</sup> O discípulo que Jesus amava disse a Pedro: “É o Senhor!”. Então Simão Pedro, ouvindo que é o Senhor, vestiu uma peça de roupa, pois estava nu. E atirou-se ao mar.

<sup>8</sup> Os outros discípulos vieram no barco, pois não estavam longe da terra, mas apenas à distância de duzentos cúbitos; vinham arrastando a rede de peixes. <sup>9</sup> Quando desembarcaram em terra, veem carvões ardendo e um peixe por cima [dos carvões] e pão. <sup>10</sup> Jesus diz-lhes: “Trazei alguns peixes dos que apanhastes agora”. <sup>11</sup> Então Simão Pedro foi e arrastou a rede para a terra, cheia de peixes graúdos, cento e cinquenta e três. E, apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. <sup>12</sup> Jesus diz-lhes: “Vinde almoçar”. Nenhum dos discípulos se atreveu a perguntar-lhe “Tu quem és?”, sabendo que é o Senhor. <sup>13</sup> Jesus vem e toma o pão e dá-lo aos discípulos, fazendo o mesmo com o peixe. <sup>14</sup> Essa foi a terceira vez

que Jesus apareceu aos discípulos, depois que ressuscitou dos mortos.

15 Depois de terem almoçado, Jesus diz a Simão Pedro: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?”. Pedro diz-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te estimo”. Jesus diz-lhe: “Apascenta os meus cordeirinhos”. 16 Jesus diz-lhe pela segunda vez: “Simão, filho de João, amas-me?”. Pedro diz-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te estimo”. Jesus diz-lhe: “Arrebanha as minhas ovelhas”. 17 Jesus diz-lhe pela terceira vez: “Simão, filho de João, tu estimas-me?”. Pedro entristeceu-se, porque Jesus lhe perguntava, pela terceira vez: “Estimas-me?”. E diz-lhe: “Senhor, conheces todas as coisas; tu sabes que te estimo”. Jesus diz-lhe: “Apascenta as minhas ovelhas. 18 Amém amém te digo: quando eras mais novo, vestias-te e andavas por onde querias. Quando envelheceres, estenderás as tuas mãos e outro te vestirá e te transportará aonde não queres ir”. 19 Jesus disse isso, indicando com que morte [Pedro] glorificaria a Deus. E dizendo isso, diz-lhe: “Segue-me”.

20 Pedro, virando-se, vê o discípulo que Jesus amava a seguir atrás — aquele que na ceia estava deitado no peito dele e dissera “Senhor, quem é o teu traidor?”. 21 Olhando então para este, Pedro diz a Jesus: “Senhor, este que [futuro terá]?”. 22 Diz-lhe Jesus: “Se eu quiser que ele fique até que eu venha, o que tens tu a ver com isso? Tu segue-me”. 23 Divulgou-se então a ideia entre os irmãos que aquele discípulo não morre. Porém, Jesus não disse que ele não morre, mas “Se eu quiser que ele fique até que eu venha, o que tens tu a ver com isso?”.

24 Este é o discípulo que testemunhou essas coisas e que as escreveu. E sabemos que o testemunho dele é verdadeiro. 25 São muitas as outras coisas que Jesus fez, que, se fossem escritas uma a uma, não penso que o mundo tivesse espaço para tantos livros escritos.

---

\* O capítulo 21 é frequentemente considerado um adendo ao Evangelho (que termina de forma tão eloquente no final do capítulo 20). Surpreende aqui o retrato dos apóstolos regressados à sua vida anterior de pescadores, a mesma vida que levavam antes de terem conhecido Jesus (o que cumpriria, à primeira vista, a previsão de Jesus em 16,32: “Eis que chega e chegou a hora em que sereis enxotados cada um para a vida dele”). No entanto, há uma forte probabilidade de esse regresso à atividade piscatória ter um significado sobretudo alegórico, no sentido em que os peixes são simbólicos e o que está verdadeiramente em causa é a noção do pescador como “pescador de seres humanos”. Só assim se entende a (mais que) inverossímil explicitação do número de peixes pescados: 153. Talvez o cômputo completo dos membros de alguma

comunidade de primeiros cristãos?

Quanto à autoria deste capítulo, ainda que faça sentido a ideia de ser um adendo, não se detectam diferenças de estilo profundamente significativas. Há, é claro, palavras que aqui surgem que não ocorrem no resto do Evangelho: a que chama mais atenção é *ikthús* para “peixe” (palavra regularmente usada por Mateus, Marcos e Lucas — mas por João só no presente capítulo). Também causa surpresa o fato de Jesus (só aqui, no conjunto dos quatro Evangelhos) se dirigir aos discípulos no v. 5 por meio do vocativo “rapazes” (*paidía*), antecipando o grego moderno (“rapaziada”). Também a referência (ausente do resto do Evangelho) à comunidade dos cristãos como “irmãos” (v. 23) avulta um pouco anacrônica. A marca linguística mais estranha de todas é *prôia* (v. 4), para dizer “de manhã cedo”, já que em todo o Evangelho encontramos sempre a forma *prói*.

21, 2 Essa é a única referência no Evangelho de João aos “filhos de Zebedeu” (um dos quais é o apóstolo João, tradicionalmente identificado com o autor deste Evangelho). O fato de logo a seguir se mencionar dois discípulos anônimos tem servido de fundamentação para aqueles que professam a convicção de que o discípulo amado, autor deste Evangelho, não é João, filho de Zebedeu, mas sim um desses dois discípulos (cujo nome, presumivelmente, também era João).

21, 4 A bela palavra homérica para “praia” (*aigialós*), ausente dos Evangelhos de Marcos e de Lucas, só aparece aqui em João (e surge por duas vezes no capítulo 13 de Mateus).

21, 7 O fato de Pedro estar nu (*gumnós*) e de se vestir para se atirar à água causará perplexidade a quem vê preferencialmente a lógica de despir roupa antes de mergulhar. A questão aqui relaciona-se com a necessidade de estar convenientemente vestido para cumprimentar o Senhor.

21, 9 O churrasco de peixe preparado por Jesus para os discípulos parece um novo atentado à lógica narrativa, face à pergunta registrada no v. 5.

21, 13 “toma o pão e dá-lo aos discípulos, fazendo o mesmo com o peixe”: há aqui uma sutil ressonância eucarística, especialmente significativa neste Evangelho em que, contrariamente aos outros, Jesus não institui formalmente a Eucaristia.

21, 14 “Essa foi a terceira vez que Jesus apareceu aos discípulos, depois que ressuscitou dos mortos”: a contabilização das aparições de Jesus aqui proposta parece excluir a aparição a Maria Madalena (talvez por ela não contar como verdadeira “discípula”? ). Mas, se incluíssemos a aparição de Jesus a Maria Madalena, essa aparição seria, em rigor, a quarta. No entanto, o fator mais estranho é a sensação, transmitida por toda a narrativa da aparição de Jesus no capítulo 21, de que se trataria mais propriamente de uma *primeira* aparição.

21, 15-19 A pergunta três vezes dirigida por Jesus a Pedro (“amas-me?”) presta-se naturalmente à suposição de que o evangelista quis equilibrar as três negações de Pedro na noite da prisão de Jesus com três afirmações de amor. Uma curiosidade no texto grego é o fato de Jesus usar inicialmente o verbo *agapân* (“amar”) e Pedro responder com *philein*, que traduzo por “estimar”, só para se perceber na tradução portuguesa o efeito da diferença vocabular, ainda que haja um consenso alargado entre os especialistas do NT de que *agapân* e *philein* são sinônimos no grego dessa época. Mesmo assim, a opção tão visível pelos dois verbos distintos não pode ter resultado de um acaso irrefletido por parte do evangelista; assim, justifica-se o realce dado à oscilação entre *agapân* e *philein* na diferenciação introduzida na tradução.

21,15 “amas-me mais do que estes?”: há aqui uma ambiguidade na palavra “estes” (*toutôn*), que pode ser masculina (referindo-se, assim, aos outros discípulos) ou neutra (pelo que a sua tradução seria “estas coisas”, talvez referindo os apetrechos próprios da vida de pescador que Pedro vai ter de abandonar para seguir Jesus até as últimas consequências).

— “cordeirinhos”: a palavra *arníon*, que só aparece aqui em todo o texto dos Evangelhos (sendo embora típica do livro do Apocalipse, em que surge 29 vezes), é um diminutivo que designa uma cria de ovelha.

21, 16 “ovelhas”: essa palavra (*próbata*) já é bem própria do estilo de João, tendo aparecido, antes, dezoito

vezes neste Evangelho.

21, 18 “estenderás as tuas mãos”: essas palavras aludem à crucificação de Pedro.

21, 24 “Este é o discípulo que testemunhou essas coisas e que as escreveu”: temos aqui a explicitação mais clara de todas de que o autor do Evangelho é o discípulo amado, testemunha ocular dos acontecimentos narrados. No entanto, a continuação do versículo (“e sabemos que o testemunho dele é verdadeiro”) configura um comentário à afirmação da autoria que introduz uma enigmática primeira pessoa do plural, que tem sido interpretada como referindo aqueles que prepararam o texto do discípulo amado para uma divulgação mais geral, “editores” esses que seriam presumivelmente membros da comunidade cristã que se formara em torno do autor deste Evangelho.

21, 25 Com a explicitação da primeira pessoa do singular *oimai* (“penso”), o texto do Evangelho, agora completo, confirma a sua coerência autoral.

# Quadro alfabético-temático dos quatro Evangelhos

| NÚCLEO TEMÁTICO               | MATEUS | MARCOS | LUCAS   | JOÃO |
|-------------------------------|--------|--------|---------|------|
| Adoração dos Magos            | 2,1-12 |        |         |      |
| Adoração dos Pastores         |        |        | 2,8-20  |      |
| Anunciação de Gabriel a Maria |        |        | 1,26-38 |      |

|                  |         |        |         |         |
|------------------|---------|--------|---------|---------|
| Batismo de Jesus | 3,13-17 | 1,9-11 | 3,21-22 | 1,29-34 |
| Bem-aventuranças | 5,3-12  |        | 6,20-23 |         |
| Bodas de Caná    |         |        |         | 2,1-11  |



|            |  |  |         |
|------------|--|--|---------|
| Bom Pastor |  |  | 10,1-18 |
|------------|--|--|---------|

|                               |          |          |          |          |
|-------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Bom Samaritano                |          |          | 10,29-37 |          |
| Chamamento de Mateus (Levi)   | 9,9-13   | 2,13-17  | 5,27-32  |          |
| Circuncisão de Jesus          |          |          | 2,21-38  |          |
| Circuncisão de João Batista   |          |          | 1,59     |          |
| Condições para seguir Jesus   | 10,37-38 |          | 14,25-33 |          |
| Crianças abençoadas por Jesus | 19,13-15 | 10,13-16 | 18,15-17 |          |
| Crucificação de Jesus         | 27,33-37 | 15,22-26 | 23,33-34 | 19,17-27 |

|                     |         |         |       |  |
|---------------------|---------|---------|-------|--|
| Dez virgens         | 25,1-13 |         |       |  |
| Divórcio e celibato | 19,3-12 | 10,2-12 | 16,18 |  |

|              |  |          |
|--------------|--|----------|
| Duas espadas |  | 22,35-38 |
|--------------|--|----------|

|                               |          |          |          |          |
|-------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Ecce Homo                     |          |          |          | 19,5     |
| Emaús                         |          |          | 24,13-35 |          |
| Entrada de Jesus em Jerusalém | 21,1-9   | 11,1-10  | 19,28-40 | 12,12-19 |
| Eucaristia instituída         | 26,26-29 | 14,22-25 | 22,15-20 |          |

|                          |          |          |        |  |
|--------------------------|----------|----------|--------|--|
| Falsos Messias           | 24,23-28 | 13,21-23 |        |  |
| Fé como grão de mostarda | 17,19-21 |          | 17,5-6 |  |

|                                        |          |          |          |          |
|----------------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Fermento dos fariseus                  | 16,5-12  | 8,14-21  |          |          |
| Figueira estéril                       | 21,20-22 | 11,20-26 |          |          |
| Filho de Davi?                         | 22,41-46 | 12,35-37 | 20,41-44 |          |
| Filho Pródigo                          |          |          | 15,11-32 |          |
| Flanco de Jesus trespassado pela lança |          |          |          | 19,31-37 |

|                   |         |  |  |
|-------------------|---------|--|--|
| Fuga para o Egito | 2,13-21 |  |  |
|-------------------|---------|--|--|



|                                        |          |          |          |      |
|----------------------------------------|----------|----------|----------|------|
| Genealogia de Jesus                    | 1,2-17   |          | 3,23-38  |      |
| Getsêmani/ Monte das Oliveiras/ jardim | 26,36-46 | 14,32-42 | 22,39-46 | 18,1 |
| Grão de mostarda                       | 13,31-32 | 4,30-32  |          |      |

|                |  |  |  |          |
|----------------|--|--|--|----------|
| Gregos e Jesus |  |  |  | 12,20-36 |
|----------------|--|--|--|----------|

|                            |          |         |         |
|----------------------------|----------|---------|---------|
| Jejum                      | 6,16-18  |         |         |
| Jesus caminha sobre a água | 14,22-23 | 6,45-52 | 6,16-21 |

|                         |          |       |          |         |
|-------------------------|----------|-------|----------|---------|
| Jesus como luz do mundo |          |       |          | 8,12-20 |
| Jesus condenado à morte | 27,24-26 | 15,15 | 23,24-25 | 19,16   |

|                             |          |          |        |
|-----------------------------|----------|----------|--------|
| Jesus coroado de espinhos   | 27,27-31 | 15,16-20 | 19,2-3 |
| Jesus cura cego de nascença |          |          | 9,1-41 |

|                                      |         |          |          |          |
|--------------------------------------|---------|----------|----------|----------|
| Jesus cura dez leprosos              | 9,27-31 |          | 17,11-19 |          |
| Jesus cura dois cegos/ cura Bartimeu | 9,27-31 | 20,29-34 | 10,46-52 | 18,35-43 |
| Jesus cura hidrópico                 |         |          | 14,1-6   |          |

|                             |  |  |  |        |
|-----------------------------|--|--|--|--------|
| Jesus e a mulher samaritana |  |  |  | 4,1-30 |
|-----------------------------|--|--|--|--------|

|                   |  |  |  |        |
|-------------------|--|--|--|--------|
| Jesus e Nicodemos |  |  |  | 3,1-21 |
|-------------------|--|--|--|--------|



|                 |       |       |      |
|-----------------|-------|-------|------|
| Jesus flagelado | 27,26 | 15,15 | 19,1 |
|-----------------|-------|-------|------|

|                         |          |          |          |  |
|-------------------------|----------|----------|----------|--|
| Jesus insultado na cruz | 27,38-43 | 15,27-32 | 23,35-38 |  |
|-------------------------|----------|----------|----------|--|

|                                  |          |         |          |          |
|----------------------------------|----------|---------|----------|----------|
| Jesus interrogado por Pilatos    | 27,11-14 | 15,2-5  | 23,2-5   | 18,29-38 |
| Jesus lava os pés dos discípulos |          |         |          | 13,1-20  |
| Jesus ou Barrabás?               | 27,15-23 | 15,6-14 | 23,17-23 | 18,39-40 |

|                               |          |          |          |          |
|-------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Jesus perante Herodes         |          |          | 23,6-12  |          |
| Jesus perante o sinédrio      | 26,57-68 | 14,53-65 | 22,54-71 | 18,13-24 |
| Jesus prediz a sua traição    | 26,21-25 | 14,18-21 | 22,21-23 | 13,21-30 |
| Jesus preso, traído por Judas | 26,47-56 | 14,43-52 | 22,47-53 | 18,2-12  |

|                            |         |          |          |
|----------------------------|---------|----------|----------|
| Jesus ressuscitado aparece |         |          |          |
| às mulheres                | 28,9-10 | 24,10-11 | 20,14-18 |

|                  |          |          |        |  |
|------------------|----------|----------|--------|--|
| Judas trai Jesus | 26,14-16 | 14,10-11 | 22,3-6 |  |
|------------------|----------|----------|--------|--|

|                                |          |          |          |  |
|--------------------------------|----------|----------|----------|--|
| Julgamento final               | 25,31-46 |          |          |  |
| Ladrões crucificados com Jesus | 27,44    | 15,32    | 23,39-43 |  |
| Lamento de Jesus por Jerusalém |          |          | 19,41-44 |  |
| Maior dos discípulos           | 20,24-28 | 10,41-45 | 22,24-30 |  |

|                       |          |          |          |
|-----------------------|----------|----------|----------|
| Maior dos mandamentos | 22,34-40 | 12,38-34 | 10,25-28 |
|-----------------------|----------|----------|----------|



|                    |          |         |
|--------------------|----------|---------|
| Mandamento do amor | 13,31-35 | 15,9-17 |
|--------------------|----------|---------|

|               |          |
|---------------|----------|
| Maria e Marta | 10,38-42 |
|---------------|----------|

|                       |          |          |          |          |
|-----------------------|----------|----------|----------|----------|
| Morte de Jesus        | 27,45-54 | 15,33-39 | 23,44-48 | 19,28-30 |
| Morte de João Batista | 14,3-12  | 6,17-29  |          |          |

|                 |         |           |  |
|-----------------|---------|-----------|--|
| Morte de Judas  | 27,3-10 |           |  |
| Mulher adúltera |         | 7,53-8,11 |  |

|                         |          |         |         |         |
|-------------------------|----------|---------|---------|---------|
| Mulheres no sepulcro    | 28,1-8   | 16,1-8  | 24,1-12 | 20,1-13 |
| Multiplificação de pães |          |         |         |         |
| e de peixes para 5 mil  | 14,31-21 | 6,32-44 | 9,10-17 | 6,1-15  |
| Multiplificação de pães |          |         |         |         |
| e de peixes para 4 mil  | 15,32-39 | 8,1-10  |         |         |

|                              |          |          |         |
|------------------------------|----------|----------|---------|
| Nascimento de Jesus          | 1,18-25  | 2,1-7    |         |
| Oração “sacerdotal” de Jesus |          |          | 17,1-26 |
| Pai-Nosso                    | 6,7-15   | 11,1-4   |         |
| Pão da vida                  |          |          | 6,26-59 |
| Parábola da dracma perdida   |          | 15,8-10  |         |
| Parábola da ovelha perdida   | 18,12-14 | 15,1-7   |         |
| Parábola das dez minas       |          | 19,11-27 |         |
| Parábola das dez virgens     | 25,1-13  |          |         |
| Parábola do administrador    |          |          |         |

|                              |          |          |  |
|------------------------------|----------|----------|--|
| desonesto                    |          | 16,1-9   |  |
| Parábola do banquete nupcial | 22,1-14  | 14,15-24 |  |
| Parábola do fermento         | 13,33    | 13,20-21 |  |
| Parábola do homem rico       |          |          |  |
| e de Lázaro                  |          | 16,19-31 |  |
| Parábola do juiz injusto     |          | 18,1-8   |  |
| Parábola do rico insensato   |          | 12,16-21 |  |
| Parábola dos cinco talentos  | 25,14-30 |          |  |
| Parábola dos trabalhadores   |          |          |  |

|          |         |  |  |
|----------|---------|--|--|
| da vinha | 20,1-16 |  |  |
|----------|---------|--|--|



|                     |  |  |          |
|---------------------|--|--|----------|
| Paracleto prometido |  |  | 14,15-26 |
|                     |  |  | 15,26-27 |
|                     |  |  | 16,5-15  |

|              |  |  |  |          |
|--------------|--|--|--|----------|
| Paz de Jesus |  |  |  | 14,27-31 |
|--------------|--|--|--|----------|

|                      |          |          |          |          |
|----------------------|----------|----------|----------|----------|
| Pedro renega Jesus   | 26,69-75 | 14,66-72 | 22,56-62 | 18,25-27 |
| Perseguições futuras | 24,9-14  | 13,9-13  | 21,12-19 | 16,1-4   |

|                             |          |          |          |         |
|-----------------------------|----------|----------|----------|---------|
| Porta estreita              | 7,13-14  |          | 13,22-30 |         |
| Possessos de Gádara/ Gerasa | 8,28-34  | 5,1-20   | 8,26-39  |         |
| Preparação da Ceia Pascal   | 26,17-20 | 14,12-17 | 22,7-14  |         |
| Ressurreição de Lázaro      |          |          |          | 11,1-44 |
| Ressurreição dos mortos     | 22,23-33 | 12,18-27 | 20,27-40 |         |

|     |      |         |          |  |
|-----|------|---------|----------|--|
| Sal | 5,13 | 9,49-50 | 14,34-35 |  |
|-----|------|---------|----------|--|

|                           |  |  |  |  |
|---------------------------|--|--|--|--|
| Sepulcro de Jesus vigiado |  |  |  |  |
|---------------------------|--|--|--|--|

|             |          |  |  |
|-------------|----------|--|--|
| por guardas | 27,62-66 |  |  |
|-------------|----------|--|--|

|                    |          |          |          |          |
|--------------------|----------|----------|----------|----------|
| Sepultura de Jesus | 27,57-61 | 15,42-47 | 23,50-56 | 19,38-42 |
|--------------------|----------|----------|----------|----------|



|                          |      |       |  |
|--------------------------|------|-------|--|
| Servir Deus e o dinheiro | 6,24 | 16,13 |  |
|--------------------------|------|-------|--|

|                   |        |          |
|-------------------|--------|----------|
| Sinais dos tempos | 16,2-3 | 12,54-56 |
|-------------------|--------|----------|

|                |          |         |          |  |
|----------------|----------|---------|----------|--|
| Sinal de Jonas | 12,38-42 | 8,11-12 | 11,29-32 |  |
|----------------|----------|---------|----------|--|

|                               |          |          |          |          |
|-------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Tempestade acalmada por Jesus | 8,23-27  | 4,35-41  | 8,22-25  |          |
| Templo futuramente destruído  | 24,1-12  | 13,1-2   | 21,5-6   |          |
| Tentação no deserto           | 4,1-11   | 1,12-13  | 4,1-13   |          |
| Tesouro no céu                | 6,19-21  |          | 12,33-34 |          |
| Testemunhas da crucificação   | 27,55-56 | 15,40-41 | 23,49    | 19,24-27 |
| Traição de Judas              | 26,14-16 | 14,10-11 | 22,3-6   |          |
| Transfiguração de Jesus       | 17,1-9   | 9,2-10   | 9,28-36  |          |
| Tributo a César               | 22,15-22 | 12,13-17 | 20,20-26 |          |

|                               |          |          |          |         |
|-------------------------------|----------|----------|----------|---------|
| Tributo do templo             | 17,24-27 |          |          |         |
| Última Ceia                   | 26,26-29 | 14,22-25 | 22,15-20 |         |
| Unção de Jesus em Betânia     | 26,6-13  | 14,3-9   | 7,36-50  | 12,1-8  |
| Vendilhões do templo expulsos | 21,12-13 | 11,15-17 | 19,45-46 | 2,13-17 |

|                      |          |          |          |          |
|----------------------|----------|----------|----------|----------|
| Verdade libertadora  |          |          |          | 8,30-36  |
| Via Sacra (a caminho |          |          |          |          |
| do Calvário)         | 27,31-32 | 15,20-21 | 23,26-32 | 19,16-17 |

|                |          |         |  |
|----------------|----------|---------|--|
| Vinda de Elias | 17,10-13 | 9,11-13 |  |
|----------------|----------|---------|--|

|                              |          |          |          |  |
|------------------------------|----------|----------|----------|--|
| Vinda do Filho da Humanidade | 24,29-31 | 13,24-27 | 21,25-28 |  |
|------------------------------|----------|----------|----------|--|



|                        |          |
|------------------------|----------|
| Vinda do reino de Deus | 17,20-21 |
|------------------------|----------|

|                  |  |  |  |        |
|------------------|--|--|--|--------|
| Vinha verdadeira |  |  |  | 15,1-8 |
|------------------|--|--|--|--------|

|                        |          |         |         |  |
|------------------------|----------|---------|---------|--|
| Vinhateiros assassinos | 21,33-46 | 12,1-12 | 20,9-19 |  |
|------------------------|----------|---------|---------|--|

|                            |      |      |      |  |
|----------------------------|------|------|------|--|
| Vinho novo em odres velhos | 9,17 | 2,22 | 5,37 |  |
|----------------------------|------|------|------|--|

|                          |          |         |  |
|--------------------------|----------|---------|--|
| Visita de Maria a Isabel |          | 1,39-56 |  |
| Viúva e a moeda          | 12,41-44 | 21,1-4  |  |

|        |  |         |  |
|--------|--|---------|--|
| Zaqueu |  | 19,1-10 |  |
|--------|--|---------|--|

# Bibliografia

## Edições da Bíblia em grego:

*Septuaginta. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes.* Edidit Alfred Rahlfs. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1935. 2 v.

*Novum Testamentum graece.* Post Eberhard Nestle et Erwin Nestle communiter ediderunt Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, Allen Wikgren. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

## Tradução da Bíblia:

*Bíblia Sagrada.* Versão dos textos originais. 4. ed. Coordenação de José Augusto Ramos e de Herculano Alves. Fátima: Centro Bíblico dos Capuchinhos, 2002.

## Comentários e Estudos:

BARRETT, C. K. *The Gospel According to St. John: An Introduction with Commentary and Notes on the Greek Text.* 2. ed. Londres: Westminster John Knox, 1978.

BARTON, J.; MUDDIMAN, J. *The Oxford Bible Commentary.* Oxford: Oxford University Press, 2001.

BEUTLER, J. “Literarische Gattungen im Johannesevangelium. Ein Forschungsbericht 1919-1980”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlim, II.25.3, pp. 2506-68, 1985.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A. *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch.* 11. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1961.

BROWN, R. E. *The Gospel According to John.* Nova York: Anchor Bible, 1966; 1970. 2 v.

BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes.* 21. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986.

BURKETT, D. *The Son of Man Debate: A History and Evaluation.* Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ECKHARDT, K. A. *Der Tod des Johannes.* Berlim: De Gruyter, 1961.

ENSLIN, M. S. “Luke and Matthew, Compilers or Authors?”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlim, II. 25.3, pp. 2357-88, 1985.

FILSON, F. V. “Who was the Beloved Disciple?”, *Journal of Biblical Literature*, Nova York, v. 68, pp. 83-8, 1949.

FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text.* Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2002.

GARDNER-SMITH, P. *St John and the Synoptic Gospels.* Reimpr. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

HENGEL, M. *The Johannine Question.* Londres; Filadélfia: SCM, 1989.

- \_\_\_\_\_. *Die vier Evangelien und das eine Evangelium von Jesus Christus: Studien zu ihrer Sammlung und Entstehung*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.
- HORROCKS, G. *Greek: A History of the Language and its Speakers*. Londres; Nova York: Addison Wesley Publishing, 1997.
- KÄSEMANN, E. *Jesu letzter Wille nach Johannes 17*. 4. ed. Tübingen: Mohr, 1980.
- KOKKINOS, N. "Crucifixion in A.D. 36: The Keystone for Dating the Birth of Jesus". In: VARDAMAN, E. J.; YAMAUCHI, E. M. *Chronos, Kairos, Christos: Nativity and Chronological Studies Presented to Jack Finegan*. Warsaw, IN: Eisenbrauns, pp. 133-63, 1989.
- \_\_\_\_\_. "The Relative Chronology of the Nativity in Tertullian". In: VARDAMAN, E. J., *Chronos, Kairos, Christos II: Chronological, Nativity and Religious Studies in Memory of Ray Summers*. Macon, GA: Eisenbrauns, pp. 119-32, 1998.
- \_\_\_\_\_. *The Herodian Dynasty: Origins, Role in Society and Eclipse*. Londres: Spink & Son, 2010.
- KYSAR, R. "The Fourth Gospel. A Report on Recent Research", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlim, II. 25.3, pp. 2389-480, 1985.
- LAGRANGE, M.-J. *Évangile selon Saint Jean*. Paris: Librairie Lecoffre, 1948.
- LANE FOX, R. *The Unauthorized Version: Truth and Fiction in the Bible*. Londres: Viking, 1991.
- LOURENÇO, F. *O livro aberto: Leituras da Bíblia*. Lisboa: Cotovia, 2015.
- MARSHALL, I. H. *The Gospel of Luke: A Commentary on the Greek Text*. Exeter: Eerdmans, 1978.
- NEVES, J. CARREIRA DAS. *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *Evangelhos sinópticos*. 2. ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004b.
- NOLLAND, J. *The Gospel of Matthew: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2005.
- NORDEN, E. *Die antike Kunstprosa*. Darmstadt (reprodução da 3. ed. da obra, publicada em Leipzig, 1915): Wissenschaftl, 1958.
- PAUL, A. "Matthieu 1 comme écriture apocalyptique. Le récit véritable de la 'crucifixion' de l'ἔρως", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlim, II. 25.3, pp. 1952-68, 1985.
- POKORNY, P. "Das Markus-Evangelium. Literarische und theologische Einleitung mit Forschungsbericht", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlim, II.25.3, pp. 1969-2035, 1985.
- RAU, G. "Das Markus-Evangelium. Komposition und Intention der ersten Darstellung christlicher Mission", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlim, II. 25.3, pp. 2036-257, 1985.
- RENAN, E. *Les Évangiles et la seconde génération chrétienne*. Paris: Calmann Lévy, 1877.
- RESE, M. "Das Lukas-Evangelium. Ein Forschungsbericht", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlim, II.25.3, pp. 2258-328, 1985.
- ROBINSON, J. A. T. *The Priority of John*. Londres: SCM, 1985.
- ROLOFF, J. *Die Offenbarung des Johannes*. Zúrique (Zürcher Bibelkommentare): TVZ Theologischer Verlag, 1987.
- SCHÜRER, E. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*. v. 1. Rev. por F. Millar; G. Vermes. Londres: T. and T. Clark, 1973.
- STANTON, G. "The Origin and Purpose of Matthew's Gospel: Matthean Scholarship from 1945 to 1980", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlim, II.25.3, pp. 1889-951, 1985.



- STRELAN, R. *Luke the Priest: The Authority of the Author of the Third Gospel*. Aldershot: Routledge, 2008.
- THYEN, H. *Das Johannesevangelium*, 2. ed. revista. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015.
- VASTO, L. del. *Commentaire de l'Évangile*. Nova ed. revista e aumentada. Paris: Desclée De Brouwer, 2015.
- WHITELEY, D. E. H. "Was John written by a Sadducee?", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlin, II.25.3, pp. 2481-505, 1985.

Copyright © 2016 by Frederico Lourenço

Publicado mediante acordo com a agência literária Bookoffice ([bookoffice.booktailors.com](http://bookoffice.booktailors.com))

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Imagem de capa*

Luiz Fernando Machado, papel marmorizado

*Projeto gráfico*

Francisco José Viegas

*Adaptação para o português do Brasil*

Adriane Piscitelli

*Revisão*

Isabel Cury

Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-438-0935-9

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/ciadasletras](https://twitter.com/ciadasletras)



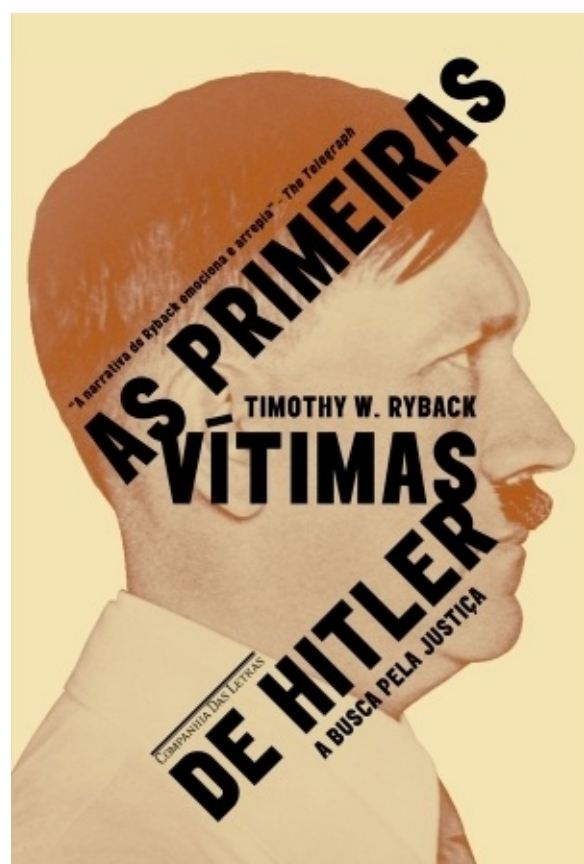
# Companhia na Flip 2014

Vários autores 9788543801209

64 páginas [Compre agora e leia](#)

A 12ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty acontece entre os dias 30 de julho e 3 de agosto. Só na programação principal, são 7 autores da Companhia das Letras entre os mais de 40 participantes brasileiros e estrangeiros – é tanto para ler em tão pouco tempo! Para ajudar no aquecimento para o festival, preparamos este e-book com textos dos nossos autores que estarão por lá. Nele, você encontrará trechos dos seguintes livros: Ligue os pontos - Gregorio Duvivier Como ficar podre de rico na Ásia emergente - Mohsin Hamid Nu, de botas - Antonio Prata Mil rosas roubadas - Silviano Santiago O demônio do meio-dia - Andrew Solomon Fim - Fernanda Torres Arrecife - Juan Villoro Boa leitura!

[Compre agora e leia](#)



# As primeiras vítimas de Hitler

Ryback, Timothy W.

9788543809472

336 páginas [Compre agora e leia](#)

A impressionante história de um dos primeiros opositores de Hitler.

Combinando uma extensa pesquisa historiográfica a uma narrativa em ritmo de thriller, Timothy W. Ryback conta em *As primeiras vítimas de Hitler* a impressionante história de Josef Hartinger, um jovem promotor alemão que lutou para esclarecer a controversa morte de quatro jovens judeus inocentes no campo de concentração de Dachau, a poucos quilômetros de Munique, em abril de 1933. O caso, que teria sido uma reação dos guardas a uma suposta fuga, já indicava os primeiros sinais do projeto brutal de extermínio que marcaria o regime de Adolf Hitler e que encontraria em Hartinger um dos primeiros opositores a arriscar a própria vida e



nos primeiros episódios da carreira a própria história  
a carreira em busca de justiça.

[Compre agora e leia](#)

Dorrit Harazim



  
COMPANHIA DAS LETRAS

# O instante certo

Harazim, Dorrit 9788543806242

384 páginas [Compre agora e leia](#)

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.

Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país.

Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, essas e aquelas breves

histórias intrigantes, acaso e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

[Compre agora e leia](#)



**DONNA LEON**

  
COMPANHIA DAS LETRAS



**NADA COMO TER  
AMIGOS INFLUENTES**

# Nada como ter amigos influentes

Leon, Donna 9788543809540

272 páginas [Compre agora e leia](#)

O nono romance da premiada série do commissario Guido Brunetti revela as entranhas de uma Veneza que poucos conhecem.

Quando o commissario Guido Brunetti recebe a visita de um jovem burocrata designado para investigar uma irregularidade na construção de seu apartamento, realizada anos atrás, sua primeira reação é pensar em quem ele conhece no departamento do governo local a fim de contornar a situação. Quando, porém, o funcionário é encontrado morto, fica claro que há algo a mais em jogo do que apenas o destino do apartamento de Guido.

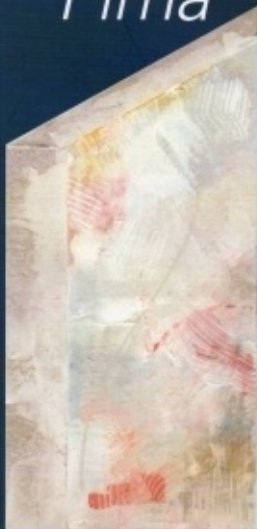
As investigações de Brunetti o levam a aspectos pouco familiares da vida veneziana, envolvendo o abuso do consumo de drogas e a sociedade

abuso do consumo de drogas e a agiotagem, enquanto a morte de dois jovens viciados e a prisão de um homem suspeito de traficar drogas revelam, mais uma vez, o quanto é importante contar, nesta cidade, com a ajuda de amigos influentes.

[Compre agora e leia](#)

AMÓS OZ

*Fima*





# Fima

Oz, Amós 9788543808147

320 páginas [Compre agora e leia](#)

Fima vive em Jerusalém, mas acha que deveria estar em outro lugar. Ao longo de sua vida, teve diversos amores, foi um jovem poeta promissor, meditou acerca do sentido do universo, polemizou sobre os descaminhos de Israel, elaborou uma fantasia detalhada sobre a criação de um novo movimento político e sentiu a ânsia constante de abrir um novo capítulo em sua vida. E ei-lo agora, aos 54 anos, em seu apartamento imundo, numa manhã cinzenta e úmida, travando uma batalha humilhante para soltar a ponta de sua camisa presa no zíper da calça.

Com graça, agudeza e conhecimento profundo da alma humana, Amós Oz traça o retrato de um homem e de uma geração que teve sonhos nobres e generosos, mas é incapaz de fazer alguma coisa.

[Compre agora e leia](#)